

LIONEL SHRIVER

autora de *Precisamos falar sobre o Kevin*

O mundo pós-aniversário



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

LIONEL SHRIVER

O mundo pós-aniversário

TRADUÇÃO DE VERA RIBEIRO



Sinopse

O mundo pós-aniversário aborda o relacionamento aparentemente sólido de um casal de americanos radicado em Londres. Ele é um disciplinado pesquisador de um instituto de estudos estratégicos; ela, uma acomodada ilustradora de livros que depara com uma vontade incontrolável de beijar outro homem: um velho amigo do casal, impetuoso jogador de sinuca que figura no topo do ranking do esporte, um dos mais populares entre os britânicos.

Capítulo a capítulo, Lionel Shriver nos oferece dois desdobramentos do futuro dessa mulher sob a influência de dois homens radicalmente diferentes, e assim escreve duas histórias. A partir daquele único beijo, retrata alternativas para união e rompimento, e explora as consequências e as motivações mais íntimas de uma escolha.

Determinar qual seria o melhor caminho não é óbvio nem fácil, mas a análise dos dois destinos em que a autora enreda os personagens e os leitores é memorável. Escrito com a sutileza e a sagacidade que são as marcas registradas da obra de Lionel Shriver, O mundo pós-aniversário é um apelo para aquele "talvez" que intriga e provoca.

Para J.
✎

Ninguém é perfeito.

FATO CONHECIDO

1



O QUE COMEÇARA COMO UMA COINCIDÊNCIA tinha se cristalizado numa tradição: no dia 6 de julho, eles jantavam com Ramsey Acton em seu aniversário.

Cinco anos antes, Irina havia colaborado com Jude Hartford, então mulher de Ramsey, num livro infantil. Jude tinha tomado a iniciativa desse convívio social.

Abjurando os despreocupados artifícios do gênero precisamos-mesmo-nos-encontrar-um-dia-desses, comuns em Londres, e que podem prosseguir indefinidamente sem nos atravancar a agenda com uma data e um lugar reais, Jude parecera decidida a marcar um encontro a quatro, para que sua ilustradora pudesse conhecer seu marido, Ramsey. Ou melhor: “Meu marido, Ramsey Acton”, diria ela. A locução se destacava. Irina tinha presumido que Jude se orgulhava, à cansativa maneira feminista, de não haver adotado o sobrenome do marido.

Mas, enfim, é sempre difícil impressionar os ignorantes. Ao negociar com Lawrence a perspectiva do jantar, nos idos de 1992, Irina não possuía conhecimento suficiente para mencionar: “Imagine só, a Jude é casada com o *Ramsey Acton*.” Fugindo à regra, podia ser que Lawrence tivesse corrido para buscar sua agenda da *Economist*, em vez de resmungar que, se ela precisava bater papo por razões profissionais, será que ao menos podia marcar um jantar mais cedo, para que ele pudesse voltar a tempo de assistir ao *NYPD Blue*? Sem perceber que lhe haviam legado duas palavras mágicas, capazes de vencer a total hostilidade geral de Lawrence aos compromissos

sociais, ela dissera, em vez disso: “A Jude quer que eu conheça o marido dela, Raymond, ou coisa assim.”

Apesar de a data proposta por Irina ter coincido com o aniversário de “Raymond, ou coisa assim”, Jude insistira em que quanto mais, melhor. Tempos depois, ao voltar à condição de celibatário, Ramsey deixaria escapar detalhes suficientes sobre seu casamento para que Irina fizesse a reconstituição: passados uns dois anos, ele e a mulher não conseguiam manter uma conversa por mais de cinco minutos. Por isso, Jude tinha acolhido sem pestanejar a chance de evitar um jantar silencioso e melancólico, apenas a dois.

O que Irina achava intrigante. Ramsey sempre lhe parecera uma companhia bastante agradável, e o estranho desconforto que o homem costumava gerar nela própria diminuiria, com certeza, se fosse ela sua mulher. Talvez Jude adorasse arrastá-lo para saídas com o intuito de impressionar os colegas, mas ela própria não se impressionava o bastante com o marido. No *tête-à-tête*, ele a deixava morta de tédio.

Além disso, a desgastante alegria de Jude tinha um toque esquisito de histeria, e seria simplesmente incapaz de decolar — daria um mergulho inevitável no desespero que lhe era subjacente — sem o tal *quorum* de quatro. Se a gente inclinasse apenas meio ouvido para seu discurso alvoroçado, ficava difícil dizer se ela estava rindo ou chorando. E isso apesar de ela rir muito, inclusive durante quase toda a extensão de suas frases, tornando a voz mais aguda à medida que se impelia para uma hilaridade em crescente aceleração, quando nada do que dizia era engraçado. Era um riso compulsivo, mais nascido dos nervos que do humor, um recurso de mascaramento e, portanto, meio desonesto. Mas seu impulso de enfrentar com coragem e tolerância o que devia ser uma profunda infelicidade inspirava simpatia. Sua alegria excitada impelia Irina, inversamente, a falar com sobriedade, a manter a voz grave e serena, nem que fosse para demonstrar que era aceitável ser séria. Por isso,

se às vezes ela se exasperava com o jeito de Jude, ao menos gostava de si mesma na presença dessa mulher.

Irina não estava familiarizada com o nome do marido de Jude, não conscientemente. Mesmo assim, naquele primeiro aniversário, quando Jude entrara saltitante no Savoy Grill, com Ramsey deslizando a seu lado — já era tão tarde, num casamento que na verdade não passara de um grande erro bem-intencionado, que seu jeito de segurar a mão do marido só podia ser para inglês ver —, com um sobressalto Irina deparou com os olhos cinza-azulados daquele homem alto, experimentando um leve contato de fios eletrizados que mais tarde ela interpretaria como um reconhecimento visual e depois — muito depois — como outro tipo de reconhecimento.



LAWRENCE TRAINER não era um homem pretensioso. Podia ter aceitado uma bolsa de pesquisa num renomado centro de estudos estratégicos de Londres, mas fora criado em Las Vegas e continuava impenitentemente americano. Mantinha as sílabas tônicas dos Estados Unidos, não as britânicas, chamando “controvérsia” de “con troversy”, não “con tro versy”, e nunca elidia o som do K, à semelhança dos ingleses, num termo como “horário”, ou “*schedule*”. Por isso, não se apressara a comprar um suéter branco de tranças e barras de tricô, nem a se filiar à liga local de críquete. Mas seu pai era instrutor de golfe e ele herdara um interesse pelos esportes. Era uma pessoa culturalmente curiosa, a despeito de uma veia misantrópica que resistia a jantar com estranhos, se em vez disso ele pudesse assistir a reprises de seriados policiais norte-americanos no *Channel 4*.

Assim, logo no início da expatriação do casal em Londres, Lawrence tinha desenvolvido um fascínio pela sinuca. Ante a suposição de Irina de que esse passatempo britânico fosse uma variação misteriosa do bilhar, Lawrence se esforçara por informá-la

de que ele era *muito* mais difícil e *muito* mais elegante do que o velho e batido Bola Oito. Com suas dimensões de 1,80m por 3,60m, a mesa de sinuca fazia as mesas norte-americanas de bilhar parecerem brinquedos de criança. Era um jogo não só de destreza, mas de complexa premeditação, que exigia de seus mais rematados mestres pensarem em até doze tacadas de antemão, além de desenvolverem uma sofisticação espacial e geométrica que qualquer matemático prezaria.

Irina não tinha desestimulado o entusiasmo de Lawrence pelos campeonatos de sinuca da BBC porque o ambiente do jogo era repousante. O clique-clique vítreo das bolas e o tamborilar civilizado dos aplausos bem-educados eram muito mais calmantes do que os tiros e sirenes dos seriados policiais. Os comentaristas falavam pouco acima do sussurro, com suaves sotaques regionais. Seu vocabulário era sugestivo, embora não francamente obsceno: *entrar no meio das bolas, giro profundo, beijo duplo, vermelha solta*; a preta ficava *disponível*. Embora fosse, por costume, um esporte proletário, a sinuca era conduzida com um espírito de decoro e refinamento mais associados à aristocracia. Os jogadores usavam colete e gravata-borboleta. Nunca diziam palavrões; as manifestações de mau gênio eram não apenas censuradas, como podiam custar uma redução dos pontos marcados. Ao contrário das plateias de arruaceiros do futebol, ou até do tênis — antes reduto de esnobes, porém, ultimamente, tão de baixo nível quanto as corridas de demolição, as *demolicars* —, o público da sinuca ficava em absoluto silêncio durante as partidas. Os fãs tinham bexigas resistentes, porque até sair pé ante pé para ir ao banheiro suscitava a censura pública do árbitro, uma presença austera e de poucas palavras, que usava luvas curtas e imaculadamente brancas.

Além disso, numa ilha cujo litoral era fustigado pelo refluxo da maré cultural dos Estados Unidos, a sinuca ainda era profundamente britânica. Os horários tardios da televisão do Reino

Unido podiam estar repletos de reprises de *Seinfeld*, seus cinemas, dominados por *L.A. Confidential*, e seu linguajar local, contaminado, fazendo com que *parceiro* e *camarada* dessem lugar a *cara*, mas a BBC ainda se dispunha a dedicar até doze horas de um dia de transmissão a um esporte que a maioria dos norte-americanos não seria capaz de distinguir do jogo da pulga.

No cômputo geral, portanto, a sinuca constituía um pano de fundo agradável, enquanto Irina esboçava o *storyboard* de um novo livro infantil, ou costurava a bainha da cortina da sala. Depois de adquirir uma confusa capacidade de apreciar o jogo, sob a tutela paciente de Lawrence, vez por outra ela erguia os olhos para acompanhar uma partida. Mais de um ano antes de Jude mencionar o marido, o olhar de Irina fora atraído por certa figura na tela.

Se pensasse no assunto — mas não pensou —, ela teria sabido que nunca o vira ganhar um título. Mas o rosto do homem parecia surgir nas últimas rodadas de quase todos os torneios transmitidos pela televisão. Ele era mais velho do que a maioria dos jogadores, que tendia a estar na casa dos vinte anos; algumas rugas severas no rosto longo e facetado só podiam situá-lo além dos quarenta. Mesmo para um esporte com tamanha ênfase na etiqueta, o porte dele era de uma sobriedade ímpar; o homem tinha boa postura. Visto que, em certa medida, a retidão dos jogadores de sinuca era só aparência (Lawrence lhe garantia que, fora da mesa, aqueles cavalheiros não apreciavam o chá Earl Grey com sanduíches de pepino), muitos deles criavam pança e, ali pelos trinta anos, tinham um aspecto vivido e acabado. Num jogo de grande habilidade, era comum seus braços ficarem flácidos e as coxas, amolecidas e sem forma. Mas esse sujeito era esguio, de ombros retos e quadris estreitos. Sempre usava uma clássica camisa branca engomada, gravata-borboleta preta e um colete pérola peculiar — um traço característico, talvez, primorosamente pespontado de fios

de seda branca cuja filigrana fazia lembrar algumas hachuras trabalhosas das ilustrações da própria Irina.

Quando eles foram apresentados no Savoy Grill, Irina não reconheceu Ramsey da televisão. Ele estava fora do contexto. Brillante em matéria de nomes, rostos, datas e estatísticas, Lawrence desfez prontamente a incômoda sensação intrigada de Irina, que não sabia por que o marido de Jude lhe parecia familiar. (“Por que você não me *contou?*”, exclamou ele. Era raro o dia em que Lawrence Trainer se mostrava obsequioso.) Imediatamente o nome *Ramsey Acton* fez com que se abrisse um arquivo inteiro sobre um homem que parecia ser um ícone do jogo, embora fosse uma espécie de remanescente da geração anterior.

Tomado de empréstimo do *swash* usado no basquete norte-americano, o apelido de Ramsey no circuito, “Swish”, que remetia a zunido, homenageava sua propensão a matar as bolas com tacadas tão limpas que elas nem se encostavam às bordas da caçapa. Seu estilo de jogo era conhecido pela velocidade e fluidez; ele era um jogador impetuoso. Profissional fazia vinte e cinco anos, era famoso, se é que se pode ser famoso por uma coisa dessas, por *não* ter vencido o Campeonato Mundial — apesar de ter participado de cinco finais. (Em 1997, já eram trinta anos e seis finais — e nada de campeonato.) Num piscar de olhos, Lawrence aproximou mais a cadeira da de Ramsey e engatou uma conversa animada, que não admitia intromissões.

Irina havia dominado o básico: certo, o sujeito alternava entre encaçapar a vermelha e matar uma bola de outra cor. As vermelhas encaçapadas ficavam no buraco; as de outras cores voltavam para suas marcas. Retiradas as vermelhas, as outras iam para a caçapa numa ordem predeterminada. Não era muito difícil.

Mas, se ela sempre ficava meio em dúvida, sem saber se a marrom ou a verde devia ir primeiro, era improvável que prendesse a atenção de um profissional numa especulação cativante sobre o

assunto. Lawrence, ao contrário, havia dominado as normas mais obscuras do esporte. Assim, quando ele foi aumentando a eloquência a respeito de uma famosa “bola preta recolocada”, Swish lhe conferiu um apelido de sua própria lavra: “Homem-anoraque”. Com o significado literal de agasalho, de parca deselegante, a expressão tinha para os britânicos o sentido figurado de baratinado ou obsessivo, *anoraque* era a designação abreviada daquelas pessoas que ficavam observando e anotando as chegadas e partidas de trens ou aviões, ou de qualquer outra pessoa que decorasse os nomes dos dez maiores jogadores internacionais de dardos, em vez de tratar da própria vida. Mas o pejorativo gentil foi claramente cunhado com afeto. Para satisfação de Lawrence, Homem-anoraque pegou.

Irina sentiu-se excluída. Lawrence tinha mesmo uma tendência a assumir o controle das situações. Irina poderia descrever-se como retraída ou calada, nos momentos mais sombrios, tímida. Como quer que fosse, não gostava de brigar para ser ouvida.

Quando ela e a amiga se entreolharam nessa noite, Jude revirou os olhos para o alto, num gesto um tiquinho mais rabugento do que *Oh!, esses garotos se portando como garotos*. Jude havia conhecido o marido em seus tempos de jornalista, quando fora designada para fazer uma matéria promocional para a revista *Hello!*, nos anos oitenta, e Ramsey era uma estrela menor em ascensão; na entrevista, os dois tinham enchido a cara e se entenderam bem. Para Jude, no entanto, o que provavelmente havia começado como um parco interesse pela sinuca parecia ter resvalado para nenhum interesse pela sinuca e, mais tarde, para um franco antagonismo ao jogo. Com toda a onda que fizera sobre como Irina *tinha* que conhecer *Ramsey Acton*, para depois demonstrar tanta irritação, devia ser rotineiro Jude arrastar o marido para sair e plantá-lo ao lado de admiradores exaltados como Lawrence, a fim de compensar seu investimento anterior, ou compensar lá o que fosse, enfim.

Lawrence negligenciou por completo a mulher que chamava de “esposa” na frente dos outros, mas com quem nunca se dera o trabalho de se casar; Ramsey foi mais educado. Voltando-se para Irina, com firmeza, descartou qualquer outro papo sobre sinuca nessa noite. Elogiou as ilustrações que ela fizera no novo livro infantil de Jude, enaltecendo-as: “Aqueles desenhos estavam o fino, querida.

Fiquei muito impressionado.” (Especialmente por ele falar baixo, levava certo tempo para a pessoa se acostumar com seu sotaque carregado do sul de Londres.

Ramsey desculpou-se pelo fato de a musse de peixe estar terrível, insistiu em que Irina aceitasse mais vinho, porque, em seu aniversário, ela não precisava ser comportar, e reclamou de não gostar nem um pouco de festas, nunca. Os esses soavam como efes, e a omissão quase completa das consoantes deixava silêncios minúsculos, como uma gravação digital falha.) Ramsey olhava para Irina, e apenas para Irina, de um jeito que em muito, muito tempo, ninguém tinha olhado, e que a deixava francamente nervosa e até desconcertada; ela baixava os olhos constantemente para o prato. A coisa foi um pouquinho exagerada para um primeiro encontro — não afrontosa de uma maneira em que se pudesse propriamente denunciá-lo, mas afrontosa, de qualquer forma. E Ramsey era péssimo no bate-papo informal; toda vez que Irina trazia à baila a convenção democrática ou John Major, ele parava completamente de falar.

Discretamente, Ramsey pagou a conta. O vinho, e olhe que tinha sido muito, fora caro. Mas os profissionais da sinuca recebiam uma grana preta, de modo que Irina havia decidido não se acanhar.

Naquele primeiro aniversário, o dos quarenta e dois anos, tal como Irina o recordava, Ramsey parecera perfeitamente agradável e tudo mais, porém ela tivera uma sensação de alívio ao terminar a noitada.



IRINA COLABOROU COM JUDE num segundo livro infantil — o caráter francamente manipulador do primeiro, nos moldes de *Adoro arrumar meu quarto!*, fora tão atraente para os pais quanto repulsivo para as crianças, e tinha assegurado uma boa vendagem. Assim, o quarteto não tardou a se estabelecer, e os encontros se repetiram — com frequência, para os círculos londrinos — umas duas vezes por ano. Lawrence, quebrando a monotonia, sempre se mostrava receptivo a essas reuniões e, desde o começo, exibiu uma postura de posse em relação a Ramsey, de cuja amizade gostava de se gabar com seus colegas britânicos. Irina tornou-se ligeiramente mais instruída no esporte, mas nunca poderia competir com os conhecimentos enciclopédicos de Lawrence, de modo que não tentava. Havia um entendimento tácito de que Jude era amiga de Irina, e Ramsey, de Lawrence, embora Irina se perguntasse se não estava levando a pior nessa barganha. Jude era meio irritante.

O jantar que deu início ao segundo ano do turbulento quarteto caiu novamente num aniversário de Ramsey. Para os ocidentais laicos, é difícil encontrar rituais. Dois aniversários seguidos bastaram para estabelecer uma prática-padrão.

Constrangida com o fato de Ramsey sempre pagar a conta em seu próprio aniversário, Irina insistiu, no quarto mês de julho, o de 1995, em ser a anfitriã da comemoração. Disposta a fazer experiências, preparou suas próprias bandejas de *sushi* e *sashimi*, as quais notou que agradaram Ramsey. Ao contrário daquelas preciosas porções servidas nos restaurantes, com três garfadas de atum e uma folha de grama de plástico serrilhada, as amplas bandejas de *temaki* e *norimaki* na mesa de jantar no Borough nem deixaram espaço para os pratos. Irina havia imaginado que um homem como Ramsey estaria habituado a que o festejassem, e ficara com medo de que sua incursão hesitante na culinária japonesa não pudesse competir com as refeições chiques a que ele estaria

acostumado. Em vez disso, o homem ficou tão comovido com seus esforços que mal conseguiu falar durante a noite inteira. Foi como se nunca lhe houvessem oferecido um jantar. Seu embaraço foi tanto que Irina ficou embaraçada por tê-lo embaraçado, o que exacerbou o penoso constrangimento que tinha passado a caracterizar os poucos contatos diretos entre os dois, e a levou a se sentir grata pelo entusiasmo ruidoso dos outros dois convivas.

Ah, e depois viera o último aniversário, o de 1996. Ela e Jude haviam tido uma briga enorme e deixado de se falar. Jude e Ramsey haviam tido uma briga maior ainda e já não estavam casados. Embora sete anos fossem pouco para um casamento, ainda assim tratava-se de um número atordoante de noites num mesmo cômodo para aqueles dois, e com certeza eles só tinham conseguido ficar juntos por tanto tempo porque Ramsey passava boa parte do ano viajando. Se dependesse de Irina, àquela altura, ela teria deixado morrer a amizade intermitente com Ramsey Acton. Não tinha nada em comum com aquele homem, que a fazia sentir-se pouco à vontade.

Mas Lawrence estava decidido a resgatar essa pequena celebridade da massa deprimente de pessoas — às vezes, uma massa assustadoramente populosa, quando se chega aos quarenta —, com que um dia se fez amizade, mas com a qual, comumente sem nenhuma razão defensável, perdeu-se o contato. Ramsey podia ter descido no *ranking* mundial, mas era um dos “gigantes do jogo”. Além disso, declarara Lawrence, “o sujeito tem classe”.

Um pouco sem jeito, Irina insistira em que Lawrence telefonasse para Ramsey e lhe fizesse um convite não muito entusiástico para jantar na casa deles; não seria de bom-tom ligar para uma pessoa e lhe pedir para convidá-los para jantar fora em seu próprio aniversário. Mas sua expectativa era que Ramsey recusasse essa refeição caseira, se não a ideia toda. Um encontro a três em qualquer lugar pareceria assimétrico.

Nada feito. Lawrence voltara do telefone anunciando que Ramsey havia acolhido sem pestanejar a oportunidade de jantar na casa deles, e acrescentara: — Ele parece solitário.

— Ele não está esperando outra mesa de *sushi*, está? — perguntara Irina, receosa. — Detesto parecer mesquinha, depois de ele ter pagado tantas contas. E foi divertido no ano passado. Mas foi uma trabalhadeira e tanto, e eu detesto me repetir.

Irina era uma cozinheira orgulhosa e apaixonada, que nunca comprava alface tenra pré-lavada em sacos plásticos.

— Não, ele implorou para você não ter muito trabalho. E pense em mim — acrescentara Lawrence, que era o encarregado da louça. — No ano passado, a cozinha parecia Hiroshima.

E assim, na cabeça de Irina, o jantar tinha sido bastante comum: um corte de carne de veado sem maiores pretensões, preparado em cubinhos num molho de vinho tinto, com cogumelos *shiitake* e bagas de zimbro, o que constituía uma velha *pièce de résistance*. Mas Ramsey fora tão efusivo quanto antes. Só que, dessa vez, Irina se perguntara se tinha sido mesmo o cardápio que havia cativado o convidado. Talvez para acrescentar um toque de novidade a uma refeição que já tinha preparado várias vezes, ela havia desencavado um vestido sem mangas que não usava fazia anos. Era quase certo que o vestido tivesse ido parar no fundo do armário porque — como Irina voltara a descobrir — as alças eram um pouco compridas e ficavam caindo dos ombros. O macio algodão azul-claro, mesclado com látex, ficava bem esticado nos quadris; a saia era bastante curta para que ela tivesse que puxá-la na altura das coxas toda vez que se sentava. Irina não fazia ideia do que lhe dera na cabeça para desfilarmajestosamente com uma roupa tão provocante diante de um homem recém-saído do divórcio. De qualquer jeito, não tinha sido para a carne de veado que Ramsey passara a noite toda olhando, isso era certo.

Por sorte, Lawrence não parecera notar. O que havia notado é que Ramsey não queria ir embora. Mesmo com os ícones da sinuca, o apetite social de Lawrence era finito e, às duas horas da manhã, Ramsey já tinha ultrapassado as medidas. Lawrence havia tirado vigorosamente a mesa e lavado a louça fazendo muito barulho no fim do corredor. Enquanto vinham da cozinha as batidas das panelas como sinal de censura, Irina ficara empacada com Ramsey e em pânico por falta de assunto. Tudo bem que Ramsey estava abusando da hospitalidade, mas ela gostaria que seu parceiro não fizesse aquilo com a louça! Toda vez que os dois engrenavam uma conversa na sala, Lawrence interrompia o fluxo, entrando célere para limpar a mesa ou raspar a cera derretida dos candelabros, sem nunca cruzar os olhos com os de Ramsey. Alheio à grosseria do anfitrião, o convidado havia tornado a encher as taças de vinho. E só tirara o time de campo, mesmo assim com visível relutância, depois das três da manhã.

Com isso, durante o ano inteiro o trio não voltara a se reunir, como se Irina e Lawrence precisassem de todo esse tempo para se recuperar. Mas Lawrence não havia guardado rancor, concordando com Irina em que, às vezes, o traquejo social de Ramsey era tão precário quanto seu modo de jogar era elegante. Além disso, Lawrence tinha sido bem recompensado pela noite de sono perdida com ingressos gratuitos para os torneios de toda a temporada seguinte.



JULHO CHEGOU outra vez. Mas nesse ano foi diferente.

Dias antes, Lawrence telefonou de Sarajevo para lembrá-la de que o aniversário de Ramsey estava chegando.

— Ah! — fez Irina. — É mesmo. Eu tinha esquecido.

Repreendeu-se. Não tinha esquecido, e era bobagem fingir que sim. O menor desvio da verdade com Lawrence a fazia sentir-se isolada e pesarosa, distante e até amedrontada. Ela preferia ser

apanhada numa mentira a se safar e, com isso, conviver com a ideia pavorosa de que mentir era possível.

— Você vai entrar em contato com ele?

Irina vinha remoendo o assunto desde que soubera que Lawrence estaria numa conferência sobre a “construção nacional” na Bósnia, e só voltaria na noite de 7 de julho.

— Não sei — respondeu. — É você o grande amigo de Ramsey.

— Ah, eu acho que ele gosta de você — retrucou Lawrence. Mas seu tom transmitiu moderação, ou mesmo reserva, como em “acho que ele até gosta de você”.

— Mas ele é tão esquisito! Não faço ideia sobre o que conversaríamos.

— Que tal o fato de eles cogitarem abandonar a regra da gravata-borboleta?

Ora, Irina, você deve telefonar, sim, nem que seja para dar uma desculpa. Há quantos anos vimos...

— Cinco — interrompeu ela, mal-humorada. Já tinha feito as contas.

— Se você deixar para lá, ele vai ficar magoado. Antes da viagem, deixei um recado rápido na caixa postal do celular dele, pedindo desculpas por estar em Sarajevo este ano. Mas deixei escapar que você ficaria em Londres. Se você quer tanto assim se livrar dessa, posso ligar para ele daqui e dizer que você mudou de ideia no último minuto e veio comigo. Sabe como é, feliz aniversário, mas que pena, estamos ambos fora.

— Não, não faça isso. Detesto mentir por bobagens — Irina reclamou. Ficou incomodada com a implicação de que não teria problema em mentir por razões substanciais, mas uma nova ressalva lhe pareceu complicada. — Eu ligo para ele.

Não ligou. O que fez foi telefonar para Betsy Philpot, que havia editado os livros infantis em parceria de Jude e Irina na

Random House e que, por isso, tinha certo conhecimento de Ramsey. Depois de uns dois anos sem trabalhar juntas, Betsy e Irina tinham passado de colegas a confidentes.

— Diga-me que você e o Leo estarão disponíveis no dia 6.

— Não estamos disponíveis no dia 6 — retrucou Betsy, cuja conversa nunca incluía frescuras.

— Droga.

— E isso é importante por quê?

— Ah, é que é o aniversário do Ramsey, e temos tido o costume de nos reunir. Só que agora a Jude já era e o Lawrence está em Sarajevo. E sobre eu.

— E daí?

— Sei que parece sem importância, e pode ser que esteja tudo na minha cabeça, mas andei pensando se o Ramsey não... se ele não tem uma quedinha por mim.

Irina nunca dissera isso em voz alta.

— Ele não me parece nenhum lobo. Eu diria que isso não é nada com que você não possa lidar. Mas, se não quiser ir, não vá.

Para Betsy, outra norte-americana, tudo era sempre simples. Na verdade, sua abordagem fria de círculos cuja quadratura os outros tinham dificuldade em determinar, na base da régua e compasso, exibia uma curiosa crueldade. Na ocasião da briga entre Jude e Irina, ela havia recomendado, com uma encolhidinha selvagem dos ombros: “Pelo que pude perceber, você nunca foi muito chegada a ela, de qualquer maneira. Deixe para lá.”

Irina não se orgulhava do modo como vinha “lidando” com esse dilema, o que significava que simplesmente não lidava com ele. Todos os dias, na contagem regressiva para o 6 de julho, prometia a si mesma de manhã que ligaria para Ramsey à tarde, e à tarde, que telefonaria à noite. Mas a etiqueta se aplicava até aos notívagos e, quando passava das onze da noite, ela consultava o relógio, abanando a cabeça, e resolvia telefonar logo cedo no dia seguinte.

Mas era provável que ele acordasse tarde, pensava ao se levantar, e o ciclo recomeçava.

O dia 6 cairia no sábado, e quando a sexta-feira chegou, ela enfrentou o fato de que um único dia de antecedência era um risco tão óbvio de ele estar ocupado que telefonar na última hora pareceria mais grosseiro do que esquecer inteiramente a ocasião. Bem, agora ela não teria que enfrentar Ramsey Acton sozinha. A onda de alívio foi seguida por uma gotinha de pesar.

O telefone tocou na sexta-feira, perto da meia-noite. Àquela hora, Irina estava tão certa de que seria Lawrence que atendeu: — *Zdravstvuy, milyi!*

Silêncio. Nenhuma resposta.

— *Zdravstvuy, lyubov moya!*

Não era Lawrence.

— ... Desculpe — disse uma voz com sotaque britânico meio aéreo e indistinto, depois da pausa embaraçosa. — Eu estava tentando ligar para Irina McGovern.

— Não, *eu* é que peço desculpas — disse ela. — É Irina. É que eu pensei que fosse Lawrence.

— ... Vocês conversam em... isso era russo?

— Bem, o russo do Lawrence é pavoroso, mas ele fala um pouquinho... nunca conseguiria se virar em Moscou, mas nós usamos a língua em casa, sabe, como nossa língua particular... Como expressões de afeto — continuou, dirigindo-se ao vazio. — Ou de brincadeira.

— ... Isso é uma graça — disse ele, ainda sem se identificar. E agora seria embaraçoso demais para ela perguntar quem era.

— É claro, Lawrence e eu nos conhecemos porque dei aulas de russo a ele em Nova York — improvisou Irina, tentando ganhar tempo. — Ele estava fazendo a tese de doutorado em Columbia, sobre a não proliferação de armas nucleares. Na época, isso significava que era preciso ter um pouco de russo no currículo. Hoje

em dia, é mais com o coreano... Mas Lawrence não tinha o menor talento para línguas. Foi o pior aluno que tive.

Blábláblá. Quem *era* essa pessoa? Mas Irina tinha uma teoria.

Um risinho baixo.

— Isso também é uma graça... não sei por quê.

— E *então*? — atacou Irina, decidida a identificar o autor da ligação. — Como vai *você*?

— ... Isso depende, não é? De você estar livre amanhã à noite.

— E por que não estaria? — arriscou ela. — É seu aniversário.

Outro risinho.

— Você não tinha certeza de que era eu, tinha? Até agora há pouco.

— Ora, e por que teria? Acho que não... é estranho, mas acho que, depois de todos esses anos, nunca falei com você por telefone.

— ... Não — concordou ele, intrigado. — Parece que não.

— Sempre marquei nossos encontros sociais por meio da Jude, não é? Ou, depois de vocês se separarem, do Lawrence.

Silêncio. O ritmo da fala telefônica de Ramsey era sincopado, a tal ponto que, quando Irina resolveu insistir, os dois falaram ao mesmo tempo. Ambos pararam.

Depois, ela perguntou: — O que você disse?

E ele retrucou ao mesmo tempo: — Como?

Francamente, se um simples telefonema era excruciante assim, como é que eles conseguiriam jantar?

— Não estou acostumada com sua voz por telefone — disse Irina. — Você parece estar ligando do polo Norte. E usando uma daquelas invenções de criança, feitas de copinhos de papel e corda de pipa. Às vezes, você fica terrivelmente calado.

— ... Sua voz é maravilhosa — retrucou ele. — Muito grave. Especialmente quando você fala russo. Por que não diz alguma coisa? — O som foi de *alg'm'coi*.

— Em russo. O que você quiser. O significado não tem importância.

Era óbvio que ela poderia soltar uma frase qualquer, tinha crescido bilíngue.

Mas a forma do pedido deixou-a sem jeito, fazendo lembrar aquelas linhas de telessexo que cobravam uma libra esterlina por minuto — o que Lawrence chamava de *disque-punheta*.

— *Kogda mi vami razgovarivayem, mne kazhetsya shto ya golaya* — disse Irina, juntando os peitos com o braço livre. Era uma sorte ninguém mais estudar russo.

— O que quer dizer isso?

— Você disse que não tinha importância.

— Mas me diga, assim mesmo.

— Eu perguntei o que você tinha em mente para amanhã à noite.

— Hmm. Desconfio que você está dando risada.

Ma s, e quanto à noite seguinte? Ela deveria convidá-lo à sua casa, já que Ramsey gostava da sua comida? A perspectiva de ficar a sós com Ramsey Acton no apartamento deixou-a histérica.

— Você gostaria — propôs, angustiada — que eu lhe fizesse um jantar?

— É muita gentileza sua, gatinha — respondeu ele. O curioso tratamento afetivo, que Irina só havia escutado uma vez, ao colaborar com um autor de Newcastle, no Norte, soou um pouco mais caloroso pela estranheza. — Mas estou com vontade de levá-la para jantar.

Irina ficou tão aliviada que desabou na poltrona. Ao fazê-lo, puxou o fio e o telefone caiu no chão com estardalhaço.

— Que barulheira é essa?

— Derrubei o telefone.

Ele riu, dessa vez um riso mais cheio, sonoro, e o som, pela primeira vez nesse telefonema hesitante, a acalmou.

- Isso quer dizer sim ou não?
- Quer dizer que sou desastrada.
- Nunca a vi sendo desastrada.
- Então, é porque não me viu muitas vezes.
- Nunca a vi o suficiente.

Dessa vez, o silêncio foi de Irina.

- Já faz um ano inteiro — continuou Ramsey.
- Acho que Lawrence não poderá ir conosco.

Ramsey sabia disso, mas ela sentiu necessidade de insistir em introduzir o nome de Lawrence na conversa.

- Você prefere adiar, para que ele possa ir também?

Ramsey lhe dera uma saída; ela devia aproveitá-la sem pestanejar.

- Não me parece muito apropriado.
- Era o que eu esperava que você achasse. Telefone às oito.



NA MAIORIA DOS CASOS, as outras pessoas aceitavam os casais do jeito que os conheciam: ou eles o eram, ou, a certa altura, não eram. No que tinha de mais tórrido, a vida amorosa de cada um era uma simples titilação para os outros, e a natureza de negócio fechado dos casais estabelecidos, como Irina e Lawrence, era uma grande chatice, sem dúvida. A devastação romântica ocasionava, quando muito, uma pequena solidariedade do espectador, ou o prazer de rir da desgraça alheia. O delírio romântico era pior ainda. Recém-apaixonado, o sujeito esperava despertar inveja ou admiração, mas era muito mais provável que atraísse um tamborilar impaciente dos dedos para acabar logo com aquilo. É claro que as pessoas tinham opiniões sobre se os parceiros combinavam um com o outro, ou provavelmente brigavam; quase sempre, os amigos — os amigos do casal, bem entendido — gostavam mais de um que do outro. Mas essas eram opiniões baratas. Não custava nada mantê-las nem mudá-las.

Alguns amigos viam Irina-e-Lawrence como um dado factual, como a existência da França. Outros confiavam no casal como um parâmetro, a prova de que era possível ser feliz; esse papel era um fardo. Irina tinha alguns conhecidos que pouco ligavam para Lawrence e o achavam paternalista ou rude; viam-no como um ônus da amizade, o custo necessário para manter a relação. Mas, de um modo ou de outro, ela não se importava.

Como o amor não chegara cedo nem com facilidade em sua vida, Irina aceitava o fato de que qualquer pequena contribuição que pudesse fazer para as questões humanas nada teria a ver com realizações sem precedentes na arte do cortejar. Ninguém jamais descreveria a união pacífica e afável de uma ilustradora de livros infantis com um pesquisador de um centro de estudos estratégicos como um relacionamento capaz de inspirar o lançamento de navios ou de dividir nações. Nenhum Shakespeare moderno desperdiçaria sua eloquência com a felicidade corriqueira — se é que isso existe — que permeava um modesto apartamento do Borough nos anos 1990.

Ainda assim, ela considerava um milagre seu relacionamento com Lawrence.

Ele era um homem dedicado, divertido e inteligente, além de amá-la. Irina não estava interessada em saber se as feministas afirmariam que ela não precisava de homem; ela precisava, sim, mais que de qualquer outra coisa no mundo. Quando Lawrence estava fora, o apartamento parecia produzir eco. Ela já não conseguia entender por que estava ali, tanto no sentido geral de estar viva quanto no sentido específico de se achar numa praça georgiana logo ao sul da London Bridge. Muitas eram as noites solitárias em que poderia trabalhar até tarde em seu estúdio, mas essa oportunidade era desperdiçada. Irina andava de um cômodo para outro. Servia uma taça de vinho e a largava para lá. Borrifava um produto corrosivo no corredor de louça de aço inoxidável, para tirar a camada de cal. (A água das torneiras de Londres era tão

mineralizada — tida como reciclada por mais corpos humanos do que qualquer líquido do planeta, e que deixava uma crosta fantasmática branca atrás de cada gota evaporada — que poderia ficar perfeitamente ereta em cima da bancada da cozinha, como os penhascos de Dover, sem precisar de copo.) Mas, de repente, a energia necessária para remover o líquido espesso lhe escapava. Ela ia dormir e acordava com um mau cheiro na cozinha, vindo dos produtos químicos que tinham ficado fermentando.

Vergonhoso ou não, ter um homem que a amava e cujo amor ela retribuía era a coisa mais importante da sua vida. Não que ela não tivesse afeições secundárias sólidas e duradouras, porque Irina era muito mais sociável do que Lawrence e fizera muito esforço para construir todo um novo conjunto de amizades ao se mudar para Londres, em 1990. Mas havia fomes que os amigos nunca seriam capazes de saciar, e quando se fazia a menor tentativa de levá-los a alimentar esse apetite específico, eles fugiam como o diabo foge da cruz. Além disso, não era que ela não desse a mínima para sua “arte”, embora um casal de pais teatralmente absortos neles mesmos a houvesse impelido a inserir essa palavra entre aspas mal-humoradas. As ilustrações, quando funcionavam bem, eram uma alegria. Mas a alegria era maior quando Lawrence chegava por trás de mansinho, na hora em que ela estava desenhando, e murmurava impaciente em seu ouvido que seria uma boa ideia comer.

A monogamia viera sem esforço. Em nove anos, Irina sentira-se atraída por um dos colegas de Lawrence no Instituto Blue Sky durante exatamente meia hora — ao término da qual o homem se levantara para buscar outra rodada de bebidas e ela havia notado que o traseiro dele tinha um formato de pera. E pronto, estava encerrado, como uma daquelas irritações de garganta que não chegam a derrubar a pessoa de gripe.

O período de confinamento solitário durante a estada de Lawrence em Sarajevo tinha passado de forma menos dolorosa do

que a maioria das vezes, mas é próprio da ausência de dor que a gente não repare nela. Embora fosse comum Irina preparar refeições trabalhosas para Lawrence sem reclamar, ainda era uma alegria escapar da preparação de jantares completos com legumes e cereais.

Sozinha, Irina dera para pular toda essa bobagem e trabalhar direto sem parar para jantar. Por volta das dez da noite, faminta e agradavelmente cansada, andava devorando uma fatia grossa e gelatinosa de bolo de chocolate e *cappuccino* Tesco, cuja própria compra tinha sido atípica; no oitavo dia depois da partida de Lawrence para a Bósnia, ela já estava na terceira caixa. Depois, tocava aquelas músicas piegas que Lawrence detestava — Shawn Colvin, Alanis Morissette, Tori Amos, todas essas jovens cantoras que andavam na moda ultimamente e usavam um excesso de *vibratos* na exaltação da tristeza, ou, então, declaravam com insolência que não precisavam de homens, e a gente sabia que estavam mentindo.

Sem se incomodar com o olhar reprovador de Lawrence — cuja mãe tinha sido alcoólatra —, Irina vinha se servindo de um drinquezinho noturno antes de se deitar. Lawrence jamais aprovaria um conhaque mais de uma vez por mês. Mas talvez apreciasse o fato de as emanções da bebida se transformarem em reflexões estonteantes sobre a sorte que Irina tivera por conhecê-lo, ou sobre quanto ansiava por sua volta.

No cômputo geral, portanto, a semana tinha sido tranquila. Irina se permitira as pequenas transigências dos não vigiados, inclusive a incineração gradual e contemplativa de um maço secreto de cigarros. Mas havia progredido bastante nos desenhos, e uma mulher com suas dimensões esguias podia se permitir um pouquinho de bolo. Dali a dois dias estaria de volta às trutas com brócolis e se certificaria de arejar a sala, para livrá-la da mácula incriminadora da nicotina.

Assim, ao acordar no sábado, Irina chocou-se ao descobrir que seu autocontrole presunçoso tinha se rachado como casca de ovo. Era ridiculamente tarde, já passava das onze, quando o normal era ela se levantar às oito. Ainda grogue, ela recapitulou o fato de que, após o telefonema inquietante de Ramsey, não tinha posto o fone no gancho, como deveria ter feito, nem passado o fio dental. Houvera um segundo conhaque, recordou-se. Na cozinha, o bolo de chocolate e o *cappuccino* foram dizimados. Isso mesmo, ela havia parado inquieta diante da bancada, fatiando pedacinhos cada vez menores, até não sobrar mais nada. E, ai, meu Deus, tinha aumentado tanto o volume de *Little Earthquakes* que um vizinho do andar de baixo aparecera na porta, de roupão, para reclamar. Seria um inferno se Lawrence soubesse disso, já que, ainda no mês anterior, ele havia esmurrado a porta desse mesmo andar para fazer os vizinhos “darem um tempo na *salsa*”, e “não estava se referindo ao tipo de molho que se coloca nos *tacos*”.

Tonta com a ressaca, Irina ligou a cafeteira grande para preparar um café expresso. Munida de uma segunda xícara, não conseguiu fazer nada no estúdio senão contemplar o desenho parcialmente acabado. Não foi possível trabalhar.

Claramente, seu limitado tanque de reserva à ausência de Lawrence durava exatos oito dias, não dez. De repente, um dia e uma noite e mais um dia inteiro de solidão só fizeram trazer a ameaça de um frenesi alcoolizado de cigarros acendidos um no outro, garrafas inteiras de conhaque e intermináveis colherinhas de uma cobertura de bolo pronta e vagabunda, cujo ingrediente principal era a gordura.

Ao sair para o Borough Market, onde sempre fazia compras aos sábados, ela bateu a porta, resoluta. Irina estava começando a vacilar, e Irina precisava ser contida.

Na movimentada feira coberta, perto da London Bridge, a multidão, como sempre, era exasperante, com seus sotaques norte-

americanos. Embora fosse irracional irritar-se com a companhia de compatriotas, um dos traços que os americanos pareciam compartilhar era a antipatia comum por toparem uns com os outros em países estrangeiros. Talvez isso tivesse algo a ver com aquele espelho em que eles viam refletida uma imagem geralmente espalhafatosa, agressiva e obesa. Irina não tinha grande problema por ser americana (todo mundo tem que vir de algum lugar, e a gente não pode mesmo escolher), mas, como russa de segunda geração pelo lado materno, sempre havia presumido que sua nacionalidade tinha uma cláusula opcional de exclusão. Talvez ela houvesse se encolhido um pouco ao ouvir o conhecido grito estrídulo que veio da Monmouth Coffees (“La-a-a-arry, eles não têm o Guatemala descafeina-a-a-do!”), por gostar da sensação de que a Inglaterra era outro lugar — uma sensação cada vez mais difícil de manter, numa cidade colonizada pela Pizza Hut e por cafeterias Starbucks. Ao entreouvir outra ianque perguntar onde ficava a rua *Southwark*, com um R engrolado, foi difícil não se sentir osmoticamente maculada pela ignorância.

Por outro lado, longe da influência de Lawrence, às vezes Irina se comprazia com o que chamava, falando com seus botões, de *bondade mental*. Esse exercício nada tinha a ver com sua maneira de agir; como mulher que havia crescido sendo muito maltratada pelos colegas de escola, ela desenvolvera um horror crônico a destratar qualquer pessoa. E também não tinha a ver com o que ela dizia. Tinha a ver com o que se passava em sua cabeça. Havia méritos em ser *mentalmente* boazinha — em ouvir uma conterrânea americana pronunciar *Southwark* da maneira errada e optar deliberadamente por pensar: *Por que os ingleses não nos dão uma folga? Os americanos nunca esperariam que um londrino soubesse que Houston se pronuncia Hiuston no Texas e Hauston em Manhattan*. Isso, com certeza, era melhor do que resmungar *sotto voce* “mulherzinha idiota”. É claro, podia se experimentar empatia ou fazer críticas desbragadas dentro

da privacidade dos próprios pensamentos, sem melhorar o dia de quem quer que fosse nem ferir os sentimentos de ninguém. Mesmo assim, Irina tinha a convicção de que o que se passava em sua cabeça era importante e, em silêncio, via os estranhos à luz mais delicada possível, como uma forma de disciplina. Que mais não fosse, a generosidade interna a fazia sentir-se melhor.

Bondade mental não era um conceito que ela houvesse compartilhado com Lawrence, que era mais propenso a se entregar a coisas como a dilaceração mental. Ele era terrivelmente duro com as pessoas, sobretudo com as que considerava de inteligência inferior. Sua palavra favorita era *imbecil*. Essa dureza podia ser contagiosa; Irina tinha que se resguardar. Mas deveria realmente exercitar a *bondade mental*, antes de mais nada, com o próprio Lawrence.

Para começar, ele gostava de levar uma vida simples, restrita a poucos amigos íntimos e sobretudo a Irina, ponto final — Irina, que se beneficiara extravagantemente de ser admitida nesse minúsculo panteão dos benquistos. O desdém era uma forma de controle populacional. Já que não se podia convidar para o chá toda a gama de pessoas conhecidas, desde o verdureiro até o bombeiro hidráulico, era preciso haver um filtro. Mas a questão era que o filtro de Lawrence era feito de uma trama realmente muito fina.

Por outro lado, ele era um exemplo autêntico do que um dia tinha sido um produto-padrão nos Estados Unidos, mas que, nos últimos tempos, vinha se transformando numa espécie norte-americana em extinção: o homem que se fez por si. Lawrence agarrava-se ferozmente a sua condescendência por ter as unhas tão precariamente cravadas nas alturas cerebrais de um arrogante centro de pesquisas britânico. Sua criação fora tudo, menos intelectual. Nem o pai nem a mãe haviam passado do ensino médio, e crescer em Las Vegas não tinha sido exatamente uma preparação propícia para obter um doutorado em relações internacionais numa universidade da Ivy League. A infância passada em cassinos de

segunda deixara nele o pavor de voltar a ser sugado por um mundo de extensos debates sobre a qualidade dos ovos Benedict no Bellagio. Portanto, tudo bem, Lawrence era cáustico, e às vezes tinha que ser incentivado a dar uma colher de chá às outras pessoas, a enfatizar suas melhores qualidades e perdoar suas falhas. Mas cabia a Irina ver a tendência dele a crucificar as pessoas como também sendo uma dessas falhas, e digna de seu perdão.

Ela comprou couve italiana *cavalo nero*, linguiça de porco defumada e um punhado mal-intencionado de pimenta-malagueta de barraqueiros galanteadores, que não sabiam seu nome, mas tinham passado a reconhecer seu rosto. Bem consciente de que percorrer as etapas plácidas das compras era chapar um verniz de normalidade sobre uma base alarmantemente instável, Irina também comprou uma braçada de ruibarbo, para se manter ocupada com algo proveitoso ao chegar em casa.

De volta ao apartamento, tratou de construir industriosamente duas tortas de creme de ruibarbo, uma para o freezer e outra para a volta de Lawrence.

Quintuplicou a quantidade de noz-moscada da receita. Mulher reservada e de inclinações moderadas, a julgar pela aparência, Irina expressava uma insidiosa atração pelos extremos, fazendo-o por meio de coisas decorativas como o uso de temperos, e alguns convivas à sua mesa desconfiavam que o talento dela na cozinha se devia, em grande parte, a um domínio da tabuada de multiplicação que ficava acima da média. Felizmente, as coberturas trabalhosas em forma de treliça promoveram a concentração de uma mente que se fragmentava como as tiras finas de massa tostada. As mãos de Irina não estavam exatamente trêmulas, mas se moviam a arrancos espasmódicos, como se estivessem sob uma lâmpada estroboscópica. (Aquele conhaque, será mesmo que não tinha havido um terceiro?) Já não era sem tempo que Lawrence ia voltar. Vez por outra, Irina ficava tensa com isso, mas talvez precisasse da disciplina

severa e da mania de organização. Sem Lawrence, era óbvio que, da noite para o dia, ela se transformaria numa bruxa, fumando um cigarro atrás do outro, devorando bolos e tomando porres de conhaque.

As tortas saíram lindas, com o ovo e o açúcar borbulhando em chapéus dourados e quebradiços por entre as aberturas da treliça, e com o aroma pungente e ácido do ruibarbo elevando-se em ondas pelo apartamento; mas seu preparo só a manteve ocupada até umas cinco horas da tarde. E mais, enquanto as tortas estavam no forno, Irina fez algo que raramente se dispusera a fazer nos anos anteriores, desde Lawrence, pelo menos, e tornou a fazê-lo enquanto as tortas esfriavam.



SEIS HORAS. Irina não era dada a se alvoroçar com a aparência; quase todas as suas roupas eram peças pouco convencionais de segunda mão, compradas em distribuidoras da Oxfam, porque, durante o período de residência do casal, Londres havia atingido oficialmente o topo da lista como a cidade mais cara do mundo. Comumente, gastar quinze minutos para se vestir era bastante tempo.

Duas horas, então, eram uma coisa ridícula.

Mas, nessa tarde, conceder-se meras duas horas ultrapassou todos os limites.

A cama ganhou uma pilha de blusas descartadas. Enquanto se debatia para entrar e sair de vestidos, Irina lembrou-se de um projeto encantador de uns anos antes, intitulado *Não tenho nada para vestir!*, sobre uma garotinha que passava feito um furacão por todas as roupas do armário, certa manhã, e atirava longe peça após peça da cômoda. Alguns versos do livro lhe voltaram à lembrança: “Não gosto das casas dos botões, não gosto dessa gola! Se o vestido de bolinhas eu usar, vou ganir, guinchar e berrar!” O arco narrativo tinha sido previsível (que grande surpresa! — a menina finalmente

escolhia usar a primeira coisa que tinha vestido), mas as roupas voando pelos ares tinham tido uma energia futurista, e as oportunidades ilustrativas tinham sido esplêndidas.

No entanto, contrariando as convenções femininas, Irina fez poses e mais poses críticas diante do espelho de corpo inteiro do quarto, para conseguir a aparência mais mal-ajambrada possível. Embora, no começo desse tumulto, ela tivesse brincado com a hipótese de usar o vestido azul-claro de alcinhas que no ano anterior ameaçara manter Ramsey na sala até o café da manhã, descartou imediatamente essa ideia. Estava maluca? Em vez disso, vasculhou os confins mais profundos do armário, em busca das saias mais compridas, das peças com pior caimento e das cores menos favoráveis que pudesse achar. Infelizmente, não tinha muitas roupas feias — uma carência que até então ela nunca tivera motivo para lamentar.

Esse exercício de perversidade era perda de tempo. Ramsey, com certeza, escolheria um restaurante sofisticado em que suas poucas roupas mais chamativas não pareceriam deslocadas. Lawrence sempre usava o traje mais esculhambado com que conseguisse se safar, e nas poucas ocasiões em que ela se atrevia a vestir uma coisa chique, ficava perturbado: “É só um coquetel da Blue Sky. Não precisa se embonecar *tanto*.”

A campainha do interfone tocou, pondo fim a essa dança das cadeiras da indumentária. Como uma aluna de jardim de infância que se atirasse na primeira cadeira vazia, Irina apanhou-se com a roupa que tinha no corpo: uma saia reta azul-marinho, que realmente chegava quase aos joelhos, mas que, com aquela mescla ubíqua de látex, tinha um caimento lamentavelmente justo nos quadris.

Pelo menos, a blusa branca de manga curta não expunha ombros nus; melhor ainda, as múltiplas lavagens haviam feito um furinho no decote, conferindo à peça um ar satisfatoriamente

surrado. Na verdade, o conjunto era de uma insipidez gloriosa. Azul-e-branco tinha a conotação assexuada dos uniformes de marinheiro ou das cores dos times de futebol do colégio, e Irina prendeu o cabelo preto num rabo de cavalo feito às pressas, sem usar o pente. No entanto, ao calçar os únicos sapatos que combinavam, ficou exasperada ao notar que as sandálias brancas altas — gastas, com pelo menos dez anos de uso — lhe enrijeciam as panturrilhas e enfatizavam seus tornozelos finos. *Idiota*, concluiu.

Eu devia ter posto uma calça comprida.

Decidida a *não* convidá-lo a subir para um drinque, ela pegou o interfone, gritou: “Estou descendo!”, e saiu tumultuadamente porta afora.

Em frente à entrada, Ramsey estava encostado em seu Jaguar XKE verde opalescente, fumando um cigarro. É claro que Irina não incentivaria ninguém a fumar, mas o hábito caía bem nele. Ao telefone, os silêncios dele deixavam buracos, mas, em pessoa, ele sabia preencher os buracos com expirações reflexivas. Encostado, mas perfeitamente ereto, o próprio Ramsey lembrava um taco de sinuca apoiado no carro; seus membros reiteravam o mesmo afilamento atenuado. Sem dizer nada — qual era o *problema* desse sujeito? —, ele a observou enquanto Irina descia a escadinha, inalando a imagem com a última tragada.

Jogando o cigarro semifumado na sarjeta e ainda sem dizer palavra, colocou-se ao lado dela e a introduziu no banco do carona. Sua mão pairou junto às costas de Irina, sem propriamente tocar-lhe a cintura, como um pai ou mãe que mantivesse o braço preparado para escorar uma criança pequena, de andar ainda hesitante, que quisesse atravessar a sala sem ajuda.

Aninhada no assento de encosto recurvado, também sem ter sequer dito *olá*, Irina foi tomada por uma sensação que havia experimentado pela primeira vez no ensino médio, depois que sua mãe — de má vontade — havia consentido em que ela usasse

aparelho nos dentes e aqueles ferros odiados tinham finalmente saído de sua boca. Irina levava muito tempo para assimilar a ideia de que, de repente, os rapazes pareciam achá-la um avião, e, na verdade, a ficha dessa ascensão de status de mais de vinte e cinco anos antes ainda não havia propriamente caído.

Mesmo assim, houvera algumas noites como esta, nas quais ela fora conduzida ao carro de um rapaz. A sensação não era propriamente a de ser atraente, mas a de *não ter que agradar*. Era empolgante: acomodar-se na companhia de outra pessoa, mas estando livre da obrigação, minuto a minuto, de redimir a própria existência — porque há um acordo em que, socialmente, ficamos todos na berlinda, sorrindo, fazendo piadinhas nervosas e cruzando as pernas, enquanto uma grande armadilha espreita nos bastidores por trás da cortina. Com as mãos calmamente cruzadas no colo enquanto o Jaguar se afastava do meio-fio, e olhando serenamente para a frente quando ele reduziu até parar no sinal luminoso, Irina se deu conta de que, naquele exato momento, a simples realidade de sua presença era sua própria redenção. Apesar de ela ter se angustiado pensando em como manter uma conversa com Ramsey Acton, ele já exsudava o ronronar dos extremamente satisfeitos, dando todas as indicações de que ficaria contente da mesma forma pelo resto da noite se ela continuasse a não dizer nada.

— *Sushi?* — perguntou ele, no terceiro cruzamento.

— Sim.

Era maravilhoso: Irina não precisava concordar graciosamente com qualquer plano que ele tivesse feito, nem manifestar-se em tom efusivo sobre como um restaurante japonês seria perfeito. Um *sim* bastava.

Enquanto o Jaguar ronronava pela Blackfriars Bridge, Irina abriu a janela. O ar tinha aquela temperatura da água da banheira em que o calor começa a se dissipar, mas que ainda é bastante morna para uma imersão demorada. A noite de meados de verão estava

clara. Um suave brilho avermelhado cintilava nas janelas dos prédios altos, causando a impressão de que a cidade inteira estava em chamas. Os vitrais flamejavam em St. Paul's, como se, afinal, os nazistas tivessem conseguido bombardear a catedral. Camadas de luz solar incendiária coruscavam pelo Tâmis, como uma mancha de óleo em que algum cretino tivesse jogado um fósforo. Enquanto isso, o Jaguar transmitia ao assento recurvado a sensação de cada pedacinho de cascalho como se fosse o grão de ervilha da história da princesa.

— Hoje em dia, todo mundo quer andar em carros altos — disse Irina, finalmente. — Aqueles utilitários esportivos. Quando eu era menina, toda a garotada esperta queria se aninhar o mais perto possível do chão.

— Sou um homem da antiga em todos os sentidos — disse Ramsey —, se você acreditar no que diz a crítica a meu respeito.

— Se eles se referem a seu gosto em matéria de carros, sou totalmente a favor.

Geralmente, Irina não dava a mínima para carros. Mas gostava desse — do fato de ser um clássico de 1965, mas não restaurado, com o estofamento de couro bastante gasto; de ser *valioso*, em vez de meramente caro. O estilo de Ramsey era agressivo na direção, cheio de aceleradas e reduzidas repentinas. Em oposição à articulação delicada de seu corpo, com o refinamento do rosto, a deferência ou até timidez social e a conspícua fluidez de movimentos, todos os quais depunham a favor de uma sutil afeminação coletiva, Ramsey dirigia como homem. Embora, em circunstâncias normais, o jeito brusco de ele costurar por entre as pistas e quase raspar nos para-lamas adjacentes a deixasse tensa, as manobras eram precisas, uma mescla de ousadia e cálculo que reproduzia à perfeição a autoridade com que ele manobrava o taco numa mesa de sinuca. Irina sentiu confiança nele. Além disso, se, em tese, ela acreditava que as mulheres modernas deviam ser

independentes, impetuosas e tudo mais, a verdade era que a passividade antiquada podia ser suntuosa. A renúncia total à responsabilidade apresentava os mesmos atrativos do sono, e o êxtase da rendição ajudava a explicar por que, uma vez por ano, durante quinze minutos, ela se apaixonava por seu dentista. Se o deleite vigoroso de ser custeada e transportada de um lado para outro vinha sendo pouco observado nos últimos tempos, e estava potencialmente a caminho da extinção, mostrava-se ainda mais inebriante por ser retrógrado.

— E, então, o que você fez hoje? — indagou Ramsey.

— Fiz tortas — respondeu Irina, em tom festivo. — Elas são terapêuticas.

— Por que você precisa de terapia?

— Quando Lawrence viaja... tendo a ficar meio fora de prumo. Talvez você não imagine, mas eu tenho um outro lado e... ele tem que ser controlado.

— E o que acontece se não for?

O silêncio foi uma excelente implicação de que era melhor para ambos não descobrir.

— E você, o que fez hoje?

— Treinei umas partidas, mas principalmente me angustiei a tarde toda para saber onde levá-la para jantar.

Vinda da maioria dos homens, essa seria uma conversa mole que soaria bajuladora, mas havia em Ramsey uma ingenuidade engraçada, e era provável que ele estivesse dizendo a verdade.

— Está satisfeito com sua decisão?

— Nunca fico satisfeito.

Enquanto ele jogava a chave para o manobrista, Irina esperou que Ramsey abrisse a porta. O estilo abelha rainha não era do seu feitio, mas, às vezes, agir de forma atípica era como fugir da prisão.

Os japoneses poriam o acento de *Omen* na segunda sílaba, mas, ainda assim, o nome do restaurante exsudava isso mesmo, um

presságio. O Omen era pequeno e tinha um ar exclusivo, e a mesa deles era mais exclusiva ainda, isolada nos fundos, no alto de uma escadinha. Se Irina tivera horror de ficar confinada com Ramsey no aconchego mortificante de seu apartamento, a privilegiada localização da mesa do Omen não era menos claustrofóbica. Quando Ramsey estendeu a mão para fechar a cortina, ela pediu por favor que a mantivesse aberta, “para arejar”. Com uma expressão de perplexidade, ele a atendeu. Os dois mal tinham lido as entradas no menu quando um rapaz subiu saltitante os degraus que levavam à mesa, segurando um cardápio.

— Oi, Ramsey! — sussurrou, como todos se sentem obrigados a fazer nos restaurantes japoneses. — Pode me dar um autógrafo? Isso mesmo, logo aí em cima — disse. Tinha posto o cardápio ao lado dos pauzinhos de Ramsey.

— Sem problema, parceiro — ele respondeu. Tirou do bolso do paletó uma fina esferográfica de ouro; tudo que lhe pertencia parecia reiterar o feitio ereto e elegante de seu corpo, e a própria assinatura era longa e afilada, como seus dedos.

— Genial! Foi uma pena aquele espirro no Embassy — condoeu-se o fã.

Dado o tremor involuntário de Ramsey, o “espirro” devia ter sido uma tacada nos dentes. A gente sempre pode contar com os estranhos para acertarem desastradamente no nervo exposto. — Você teria ganhado a partida, e o jogo também!

— Todo mundo enfrenta um espirro — disse Ramsey, encolhendo fatalisticamente os ombros ao se referir aos minúsculos grãos de giz capazes de tirar a tacadeira de sua trajetória. Que profissão estranha era essa, na qual um indivíduo podia ser derrubado por um grão!

— Saúde, parceiro! — exclamou o fã, acenando com o cardápio do qual o Omen agora teria que abrir mão, e balançou a

cabeça com ar petulante em direção a Irina. — Vocês da sinuca pegam todos os aviões! Que é que sobra para nós?

— Era por isso que você queria fechar a cortina — comentou Irina depois que o rapaz se afastou. Não era a primeira vez que abordavam Ramsey para lhe pedir um autógrafo, em ocasiões em que eles haviam saído juntos, e em geral Irina achava divertida essa adulação. Só que, dessa vez, sentia-se possessiva em relação à companhia dele, numa noite que até pouco antes parecera abrir um abismo diante dela, mas agora já parecia curta.

— Agora é tarde, lá se foi o segredo. Mas a Jude, sabe, tinha um ódio feroz dos caçadores de autógrafos.

— Pela interrupção?

— Aquela perua não odiava só os fãs de sinuca, odiava a própria *ideia* de fãs de sinuca — respondeu ele, enxugando as mãos numa toalha quente. — Para Jude, os jogadores de sinuca eram como colegiais equilibrando uma pilha de dez moedinhas na hora do almoço. É um jogo legítimo para eles e não faz mal nenhum, mas ninguém lhes pede autógrafos.

A garçonete chegou para anotar o pedido; sentindo-se extravagante, Irina fez acréscimos *à la carte* à luxuosa bandeja de *sashimi*, que incluía ouriços-do-mar e camarão doce.

— Se a Jude achava a sinuca vulgar — disse, retomando a conversa —, por que se casou com você?

— Eu tinha dinheiro e influência, e ela ainda podia desdenhar da minha ocupação. O melhor de dois mundos, não é?

— Ela não achava bacana você aparecer na televisão, pelo menos no começo?

— Sim, não tenha dúvida. Mas é engraçado como aquilo que nos atrai numa pessoa é o mesmo que passamos a desprezar nela.

Irina balançou uma fatia translúcida de pepino.

— Se a relação da Jude com as minhas ilustrações pode servir de parâmetro, você tem razão. Sabe o que ela me disse?

Ramsey bateu com um pauzinho na mesa: — Aposto que ela não foi nada diplomática. Mas você já se perguntou se uma ou duas observações dela não acertaram na mosca?

— Como eu poderia achar que o que ela disse “acertou na mosca” e depois continuar trabalhando?

— Ela achava que sua composição era brilhante e que sua habilidade artística era o fino. Mas havia alguma coisa naqueles primeiros livros, uma impetuosidade... isso passou a faltar.

— Bem, a gente não *introduz* “impetuosidade”, pura e simplesmente! “Ah, vou acrescentar um pouquinho de impetuosidade!”

Ramsey deu um sorriso forçado.

— Não torça o nariz. Eu só estava tentando ajudar. E acabei metendo os pés pelas mãos, ainda por cima. Não conheço seu ramo. Mas eu achava mesmo que você tinha muito talento.

— No pretérito?

— O que a Jude andou falando... é meio difícil pôr aquilo em palavras.

— A Jude não teve nenhuma dificuldade em pôr tudo em palavras — contrapôs Irina, ressentida. — Alguns adjetivos, como *chocho* e *sem vida*, são muito evocativos. E ela também pôs em prática essa reprovação desdenhosa, e encarregou outro ilustrador de cuidar do seu roteiro moralista. Tive que jogar fora um ano de trabalho.

— Lamento, querida. E você acertou em cheio: isso de que estávamos falando não é uma coisa que se possa acrescentar feito uma pitada de sal. Não é uma coisa que esteja por aí, corre dentro da gente. Como na sinuca.

— Bem, acho que fazer ilustrações já não é tão divertido para mim como costumava ser. Mas que outra coisa é?

As expectativas degenerativas de Irina pareceram entristecê-lo.

— Você é moça demais para falar desse jeito.

— Tenho mais de quarenta anos e posso falar o que quiser.
— Está certo; então, você é bonita demais para falar desse jeito.

Lawrence costumava descrevê-la como *bonitinha*, e embora Ramsey estivesse sendo meio inconveniente, o adjetivo mais sério foi reconfortante. Sem graça, Irina pelejou com as tirinhas gordurosas de enguia.

— Se sou, não era. Fui uma garota magrela. Ossuda, joelhuda.

— Quanta conversa mole! Nunca conheci uma garota que não se orgulhasse de ser magra.

— Mas eu também era desajeitada. Desengonçada, sem graça. Você acha que isso também é me gabar?

— É difícil de acreditar. Sua mãe não era bailarina?

Irina sempre ficava admirada quando alguém se lembrava de detalhes biográficos mencionados anos antes.

— Bem, ela parou de dançar depois que eu nasci. Coisa que nunca me deixou esquecer. Enfim, eu despertava aversão nela. Não tinha flexibilidade. Não conseguia abrir *spaccatto* nem pôr os calcanhares atrás da cabeça. Mal conseguia tocar nos dedos dos pés. E vivia derrubando coisas.

Irina falava com as mãos; com um sorriso, Ramsey afastou o chá verde do alcance dela.

— Ah, era pior do que isso — ela prosseguiu. — Acho que há uma porção de garotas que não são a Anna Pavlova. Mas eu era dentuça.

Ramsey inclinou a cabeça: — A mim essa me parece uma bela dentadura.

— Acho que minha mãe não teria feito nenhum esforço para consertá-la, mas, por sorte, meu pai pagou o aparelho. É verdade, meus dentes da frente não eram só meio tortos. Saíam da boca e se

apoiavam no meu lábio inferior — disse Irina, fazendo uma demonstração, e Ramsey riu.

— Bom, você me ajudou a explicar uma coisa. Você não tem... consciência de si mesma. Você *é* bonita, e espero que não se incomode por eu dizer isso. Mas parece não saber.

Acanhada, Irina pegou o copinho de saquê, só para descobrir que estava vazio; fingiu tomar um gole.

— Minha mãe é muito mais bonita do que eu.

— Mesmo admitindo que um dia isso tenha sido verdade — objetou ele, fazendo sinal para pedir outra rodada de saquê —, você deve estar querendo dizer que ela *foi*.

— Não, ela *é*. Aos sessenta e três anos. Comparada a minha mãe, eu sou um canhão. Ela ainda passa horas se exercitando na barra. E tudo com três talos de aipo e uma folha de alface. Desculpe, meia folha.

— Ela parece ser um perfeito pé no saco.

— E *é*: *um perfeito pé no saco*.

Chegaram as bandejas de *sashimi*, e o *chef* era um artista tão esmerado — o atum picante estava enrolado em folhas de ouro comestíveis — que comer sua criação parecia um ato de vandalismo.

— Por mim — disse Ramsey, examinando a bandeja com a mesma expressão respeitosa de olhe-mas-não-toque com que tinha fitado Irina junto ao carro —, quando vejo essas garotas saradas andando na calçada, a primeira coisa que me vem à cabeça não é “Puxa, bem que eu gostaria disso aí!”, mas “Raios a partam, ela deve passar o dia inteiro na academia”. Não vejo beleza, só vaidade.

— É uma bela desculpa para fugir dos abdominais: ah, não quero parecer “vaidosa”.

— Não há a menor chance, gatinha.

Irina franziu o cenho: — Sabe, alguma coisa mudou quando tirei aquele ferro dos dentes. Muita coisa mudou. Foi meio assustador.

— Como assim?

— Todo mundo me tratou como se eu fosse uma pessoa completamente diferente. Não só os rapazes, mas as moças. Você provavelmente foi bonito a vida inteira, de modo que não faz ideia.

— Eu sou?

— Não banque o modesto. É como eu fingindo me envergonhar de ter sido magra — ela respondeu. Com medo de estimular algo que não deveria incentivar, acrescentou: — Só estou querendo dizer que você tem feições bem proporcionadas.

— Genial — comentou ele, em tom seco. — Estou emocionado.

— Tenho a convicção de que as pessoas de aparência decente...

— Gosto mais de *bonitas*.

— ... Está certo, *bonitas*, então. Elas não fazem ideia de que o modo como são tratadas... do quanto isso tem a ver com a aparência. Sou capaz até de apostar que as pessoas atraentes têm uma opinião elevada da humanidade. Como todos são sempre gentis com elas, elas acham que todo mundo é bonzinho. Mas nem todo mundo é bonzinho. E as pessoas são de uma superficialidade incrível.

É deprimente, para quem já esteve do outro lado. A gente é tratada como chiclete na sola do sapato, ou pior, como coisa nenhuma. É como se não fôssemos só desagradáveis aos olhos, mas invisíveis. Os feios, os gordos, até as pessoas que simplesmente não são nada de especial, sabe? Eles têm que se esforçar mais para agradar. Têm que fazer alguma coisa para ser bem-sucedidas, ao passo que, quando a pessoa é bonita de ver, não tem que fazer nada além de ficar lá parada, e todos ficam completamente encantados.

Irina não estava acostumada a falar tanto. Logo no começo desse discurso Lawrence a teria interrompido, para que ela dissesse aonde queria chegar, e basta.

Ao não fazer nada para silenciá-la, Ramsey havia induzido aquela sensaçãozinha de queda de quando se espera encontrar resistência e não a encontra, como ao pisar inesperadamente fora do meio-fio.

— Ser dentuça no começo do secundário — concluiu ela, hesitante — deve ser a preparação ideal para o envelhecimento. Para as pessoas bonitas, envelhecer é um choque terrível. Algo assim como: “O que está acontecendo? Por que ninguém mais sorri para mim quando me olha?” Mas para mim não será um choque. Vai ser: Ah!, é aquilo. Aquilo de novo. Os dentes.

— Besteira. Você continuará a ser deslumbrante aos setenta e cinco anos.

— Vá sonhando, companheiro — retrucou ela, com um sorriso. — Mas *você*, você tem aquela cara reveladora do garoto por quem todas as meninas desmaiavam no segundo grau. No curso secundário preparatório — corrigiu-se, usando a denominação britânica para o curso de ensino médio que precede os estudos universitários.

— Detesto desapontá-la, minha flor, mas não frequentei nenhum secundário preparatório. Foi o secundário profissionalizante, a escola técnica. Levei pau no exame de admissão.

— Eu sei — disse Irina. Desde então, os britânicos tinham se convertido ao sistema “inclusivo” na maior parte do Reino Unido, mas, na época de Ramsey, trêmulas crianças de onze anos eram submetidas a uma extenuante separação entre o joio e o trigo, cujo resultado determinava se iriam para as escolas preparatórias dos que se destinavam à universidade, ou para escolas secundárias de nível inferior, que visavam a incentivar o ingresso em atividades e ofícios subalternos. — Deve ter sido doloroso.

— Não me incomodei, sabe? Eu queria ser jogador de sinuca. Nossa, eu matava mais aulas do que ia à escola.

— Mesmo assim, eu posso imaginar. Você era o tipo de garoto por quem todas as feiosas como eu tinham uma paixão sem esperança, lá na última fila, enquanto você saía com a única menina da turma que tinha seios desde os dez anos.

A imagem lhe ocorreu imediatamente. Talvez fosse o efeito Peter Pan de passar o dia inteiro jogando sinuca, mas Ramsey ainda parecia um adolescente.

Até o cabelo, ficando menos grisalho do que branco, reluzia à luz das velas num louro de surfista.

— Talvez eu tenha tido minhas opções — admitiu ele —, mas só como uma percepção tardia. Na época, as garotas me deixavam morto de medo. Eu tinha treze anos, sabe? Uma menina chamada Estelle, que era um ou dois anos mais velha, me levou ao quarto dela e tirou a blusa. Fiquei olhando para os cartazes dos Beatles que havia no quarto, ou para qualquer outro lugar, menos para os peitos dela, resmunguei alguma coisa sobre um treino de sinuca e me mandei com minha bicicleta. Não tinha a mínima ideia do que devia fazer.

— Você a largou lá, parada no quarto, sem blusa? Aposto que ela adorou.

— Se bem me lembro, nunca mais falou comigo.

— Mas você acabou descobrindo. O que fazer.

— Pensando bem, não tenho muita certeza.

— Eu poderia indicar-lhe uns manuais sobre passarinhos e abelhinhas, mas devo avisar que a maioria deles tem um público-alvo de cinco a oito anos.

— Para ser franco, as lembranças mais eróticas da minha vida não têm nada a ver com transar — refletiu Ramsey. — Tive uma namorada no secundário, nisso você tem razão. E a menina tinha seios, sim, mas eram pequenos. Pequenos e perfeitos. Éramos inseparáveis, e aposto que o resto da escola presumia que estávamos transando até não poder mais. Não estávamos. Denise era miúda e tinha o cabelo preto, como você. Calada. Passava todas as noites que

podia no Rackers, o clube local de sinuca em Clapham, me vendo dar surras em caras com o dobro da minha idade, para arrumar uma nota de cinco libras por partida. Eu dava a grana para ela segurar, e o meu casaco também, e ela conhecia o sinal para “a concorrência tá ficando ouriçada, é melhor dar no pé ligeirinho”. Gostava de passar giz no meu taco.

— Parece metafórico.

— Bem, há certo mérito em alguém passar giz no taco da gente, ponto final, e não no sentido obsceno. Quando eu terminava a última partida, levava Denise para casa. Ela carregava o estojo com meu taco. Eu segurava a mão dela. Sempre andávamos por Clapham Common e parávamos no meio do caminho, no mesmo banco do parque. A gente passava horas se agarrando lá. Parece inocente; acho que era. Aqueles beijos, eles eram mesmo intermináveis, e cada um diferente do outro... Eu não ficava explodindo de ansiedade para fazer nada além daquilo.

Não me sentia tapeado. Mas foi melhor ninguém me avisar que, aos dezesseis anos, eu estava vivendo o auge da minha vida erótica. Ainda tenho sonhos com a Denise e com aquele banco no Common.

Irina sentiu o frêmito de uma emoção que teve medo de denominar. Nos primeiros tempos com Lawrence, eles também tinham passado horas no surrado sofá marrom do apartamento da rua 104 Oeste, fazendo respiração boca a boca.

Mas essas lembranças tinham se tornado preciosas demais. Num ponto indeterminado do segundo ano de sua vida em comum ela notara que os dois já não se beijavam — beijar de verdade, do jeito a que Ramsey se referia, embora ainda trocassem um beijinho ao se despedirem. Provavelmente, não seria justo atribuir toda a culpa a Lawrence, mas Irina não conseguia resistir à impressão de que fora *ele* quem havia parado de beijá-la. O casal tinha uma vida

sexual intensa, e parecia absurdo concentrar-se nos déficits da fachada decorativa sensorial.

Ultimamente, porém, quando via os atores se beijando nos filmes, Irina sentia uma mescla confusa de alienação — que obscuro costume antropológico era aquele de pressionar os lábios um do outro? — e inveja.

— O beijo... — arriscou-se a dizer, em tom nostálgico. — Ele é mais emocional do que a transa, não é? Especialmente hoje em dia, talvez signifique mais.

— Não quero diminuir a importância da transa, mas beijar pode ser mais divertido.

Num intervalo subsequente da conversa, Irina atacou seu prato de *sashimi*, agora agradavelmente vandalizado. Os nacos cremosos de peixe pendiam indolentes dos *hashis*, com uma textura carnosa indefinivelmente obscena. O sabor era puro e bem nítido, um alívio depois de nove dias de bolo de chocolate com *cappuccino*, cuja cobertura grudenta de café deixava resíduos de uma laminha.

— E, então, há quanto tempo vocês são casados? — perguntou Ramsey, com ar formal.

— Bem, tecnicamente — admitiu ela, mordiscando um marisco gigante —, não somos.

Ramsey bateu com os *hashis* no prato.

— Mas o cara chama você de *esposa*!

— Eu sei. Ele diz que tem quarenta e três anos e está velho demais para ter uma “namorada”.

— Então, basta casar com você, não é? Parece desleixo.

— Lawrence detesta pompa. De qualquer modo, hoje em dia a única segurança verdadeira são as boas intenções. Não se pode *casar* do mesmo jeito que antigamente, não depois do advento do divórcio instantâneo. Por isso, não tem importância. Sei como ele se sente.

— É, ele a adora — disse Ramsey. — Essa é uma das coisas de que gosto ao visitar vocês. Você e Lawrence são como... Gibraltar.

— E você? Vai tentar de novo?

— Acho que já dei a coisa por encerrada.

— Todo mundo diz isso depois do divórcio, e é sempre uma bobagem.

— Certo. Mas é sujeira sua tentar me tirar essa fantasia consoladora.

Com sua fidelidade a Lawrence firmemente restabelecida, Irina pôde dar-se o luxo de ser bisbilhoteira: — Devo entender que isso significa que você não está saindo com ninguém?

— Não que se possa notar.

Não havia motivo para ela ficar satisfeita.

— Mas vocês, jogadores de sinuca, não são constantemente paquerados pelas fãs? Como a *Estelle*, arrastando-os para os quartos e tirando a blusa?

— Não chega a ser tanto quanto no futebol; a sinuca é um esporte preponderantemente masculino. Mas também não é muito diferente da escola. Eu tenho... — e Ramsey fez uma pausa decorosa — ... umas opções.

— A Jude o deixou com raiva?

— A Jude me deixou *acabado*. Nada nunca era suficiente.

Compramos uma casa na Espanha; devia ter sido na Toscana. Quer dizer, tudo bem para ela, ela é uma mulher com grandes expectativas na vida, e isso é fabuloso. De verdade, é do cacete. Mas quando a gente esculhamba essas expectativas, quer dizer, quando basta o sujeito entrar na sala para a mulher querer se matar de decepção, bem, a coisa fica meio desgastante. Não posso dizer que eu tenha me recuperado por completo.

“A Jude tem *ideias* das coisas — especulou Ramsey. — Quando a vida real não saía conforme o esperado, ela ficava

tentando forçar a realidade a se encaixar na ideia, em vez de fazer o contrário. Entende o que eu quero dizer? A sinuca treina a gente a não fazer isso. Depois de cada tacada, é outra partida, totalmente diferente. A gente lida com as bolas do jeito que elas estão, não como estavam no minuto anterior, quando se tinha todo o número de pontos planejado. A Jude tinha uma *ideia* do que seria escrever livros infantis, uma ideia que não incluía rejeições nem uma vendagem de merda, nem ter que contemporizar com ilustradores como você. Sabe, ela se imaginava fazendo a ronda de bibliotecas e lendo em voz alta para garotos embasbacados de seis anos, todos de olhos arregalados e queixo caído. Porra, ela devia jogar sinuca, se era esse o tipo de público que queria. Aliás, desconfio que ela partiu de uma imagem completamente irreal do que era viver com um jogador de sinuca. A rotina solitária de eu passar a maior parte do ano em turnê foi um choque. E, assim, ela me atormentava para voltar para Londres entre os torneios e, enquanto isso, concebia essa ideia de mim, como uma foto retocada, e quando eu fazia o que ela pedia e o Ramsey Real dava as caras, ela ficava toda aborrecida.

“Acho que o resumo da história — concluiu ele, pedindo uma quarta rodada de saquê — é que tem que ser perfeito, caso contrário, não estou interessado.

Como você e o Lawrence.”



DURANTE ANOS Irina havia imaginado que só a presença de Jude e Lawrence havia permitido que ela passasse mais que dez minutos à mesa com Ramsey Acton. Aparentemente, porém, desde 1992, aqueles dois não tinham facilitado a relutante relação de Irina com ele. Haviam atrapalhado.

Assim, quando os dois chegaram ao prato compartilhado de sorvete de chá verde, a comemoração havia assumido o caráter de um feriado escolar. Lawrence ficaria estarecido. Se estivesse presente, ele teria afagado seu único copo de cerveja Kirin durante

todo o *teriyaki* de frango (detestava peixe cru), fechado a cara diante do segundo saquê de Irina e, no terceiro, manifestado publicamente seu repúdio, dizendo que ela já havia bebido o bastante; o quarto ele não só desestimularia, como vetaria francamente. Ficaria enojado por ela aceitar um Gauloise sem filtro ao término da refeição, abanaria a fumaça para afastá-la do rosto e, mais tarde, evitaria o hálito dela no radiotáxi para casa — “Você está cheirando a cinzeiro!” —, como se, caso Irina houvesse renunciado ao cigarro, algum dia ele pensasse em beijá-la no banco traseiro de um táxi. Era quase uma hora da manhã, e muito antes disso ele teria afastado a cadeira e espichado o corpo com um cansaço teatral, porque estava na hora de ir embora. Lawrence não era obcecado com micróbios, mas Irina tinha a sensação curiosa de que ele não teria gostado do fato de ela e Ramsey dividirem a mesma taça de sorvete. De uma coisa tinha certeza: se Ramsey propusesse aos dois, como fez a ela, enquanto ela apagava pesarosamente o Gauloise, que eles voltassem à sua casa na Victoria Park Road para fumar um baseado, Lawrence teria descartado a ideia como uma coisa ridícula. Ele podia ter dado seus *tapinhas* em tempos idos, mas agora Lawrence era um homem adulto, Lawrence já não fazia uso de nenhum tipo de droga, e isso significava, por conseguinte, que Irina também não usava drogas.

Mas, por outro lado, Lawrence não estava lá, estava? Esse era o feriado.

Então, e se ela dissesse sim, e depois lhe confessasse, na volta de Sarajevo, que dera uma passada na casa de Ramsey para fumar um baseado? Ele a repreenderia por ter tido um comportamento “juvenil”. Lembraria que ela sempre se fechava quando ficava doidona, e recordaria aquela última vez em que os dois tinham usado maconha, em 1989, na rua 104, e Irina havia passado três horas em silêncio, olhando fixo feito uma idiota para o papel de parede estampado.

Curiosamente, a única coisa que Lawrence não observaria era que ela era (ou assim diziam) uma mulher bonita; que, embora fosse casada em todos os sentidos, menos legalmente, fazia um ano e meio que Ramsey estava divorciado, e fizera questão de deixar claro que estava disponível; e que, portanto, ir à casa dele àquela hora, ainda por cima para fumar maconha, poderia ser perigosamente mal interpretado. Por que essa era a única coisa que Lawrence jamais diria?

Porque era a mais importante. E Lawrence tinha medo do mais importante.

Tendia a falar febrilmente de tudo, sempre contornando o principal, como quem o enrolasse em barbante. Presumivelmente, se ele falasse em círculos em torno da coisa principal por tempo suficiente, ela ficaria ali caída, derrotada, arfando de lado, como um capão laçado.

No entanto, aceitar o convite disparatado de Ramsey implicaria, enfaticamente, guardar segredo de Lawrence sobre o fim da noite. Embora Irina sempre tivesse considerado os segredos entre parceiros um verdadeiro veneno, alimentava uma teoria concorrente sobre os *segredinhos*. Talvez ela tivesse fumado um ou dois cigarros, escondido, menos por gostar da excitação da nicotina em si do que por se comprazer com o segredo. E se perguntava se a pessoa não precisava guardar umas coisinhas para si, mesmo na mais íntima das relações — especialmente na mais íntima, que, de outro modo, traria a ameaça de subsumir o indivíduo a um gêmeo siamês (que *não usava drogas*) que desafiaria a separação cirúrgica. Um ou outro cigarro na ausência dele lhe confirmava que, quando Lawrence saía porta afora, ela não desaparecia simplesmente, mas conservava dentro de si uma capacidade oculta de *indocilidade* que valorizava em si mesma desde a adolescência, quando, vez por outra, jogava para o alto sua imagem de primeira aluna e matava aula com os elementos mais repulsivos que conseguia encontrar.

— Claro, por que não?

Ao transpor a escada do cantinho reservado deles sobre os saltos altos, cada degrau exigiu de Irina uma concentração tão aguda que pôr um pé à frente do outro foi como recitar um pequeno poema. Mais uma vez, aquela mão pairou junto a suas costas, sem tocá-las.



DO LADO DE FORA, ela achou que deveria haver uma palavra para aquilo: uma temperatura do ar perfeita, nem quente nem fria. Um grau a menos e ela talvez sentisse um leve receio por não ter levado uma jaqueta. Um grau a mais e talvez uma película de suor brilhasse junto à linha do cabelo. Mas, naquela medida exata, Irina não precisava de agasalho nem de brisa. Se houvesse uma palavra para essa temperatura, teria que haver um corolário para o êxtase particular de saudá-la — a despreocupação, a ausência de necessidade, a suspensão da urgência, como se o tempo pudesse ou devesse parar. Em geral, a temperatura era uma batalha; somente nesse fulcro exato ela era um efetivo deleite.

Os dois andaram pela calçada a uma distância alguns milímetros mais perto do que seria propriamente de bom-tom. Erro: talvez nada nessa noite tivesse tido coisa alguma a ver com um erro, mas, quanto a essa curta caminhada por Charing Cross, Irina teria certeza, ao rememorar-la, de que ela é que tinha andado um pouquinho perto demais de Ramsey.

No entanto, quando o manobrista chegou com o Jaguar, Irina estava nervosa.

O fluxo descontraído da conversa no Omen tornara-se um gotejo inconstante, e o embaraço anterior dos dois, um com o outro, se restabelecera com vigor. Era uma maluquice. Ela havia bebido demais (quatro saquês dos *grandes*). Nem conseguia se lembrar de como era ficar chapada, o que reprimia a vontade de fazê-lo. Ela deixara os cremes de ruibarbo esfriando na bancada e precisava pôr

as tortas na geladeira. Estava cansada — ou deveria estar. Lawrence talvez telefonasse; sem ninguém para atender às duas horas da manhã, imaginaria que havia acontecido alguma coisa terrível. Mas escusar-se na última hora pareceria covardia e encerraria o aniversário de Ramsey com um toque de rejeição. Bem, ela poderia dizer a Lawrence, caso ele ligasse, que os dois tinham deparado com um daqueles engarrafamentos ridículos encontrados em Londres nos horários mais improváveis. Às vezes, quando se cometia um erro, era preciso ir em frente.

O clima no carro foi lúgubre. Em vez de estar indo se divertir, era como se Irina fosse uma daquelas rígidas garotas britânicas de antigamente, sendo arrastada para o exame de admissão que poderia determinar se ela acabaria conduzindo cirurgias cardíacas com *bypass* ou esfregando banheiros públicos.

A maioria dos colegas de Ramsey fora criada em enclaves sórdidos, como o leste de Belfast ou as zonas mais violentas de Glasgow. Quando os jogadores de sinuca vindos de áreas de risco começavam a vencer, a primeira coisa que faziam era mudar-se de lá. Mas Ramsey tinha crescido em Clapham, na época um local bem simples, embora prático, porém agora uma região metida a besta e cheia de si, repleta de casas geminadas apertadas e pequenas, mas surpreendentemente caras, que mereceriam o rótulo de “gracinhas”. Talvez para manter seu credo urbano proletário, a primeira coisa que Ramsey fizera, depois de conquistar alguns títulos, fora mudar-se para o coração do proletariado: o East End londrino, com seu dialeto peculiar — o *cockney*.

É claro que dificilmente se poderia chamar aquilo de sofrimento. Ele possuía uma casa vitoriana na Victoria Park Road, a fronteira meridional de Hackney.

Irina estivera na casa um punhado de vezes, quando trabalhava em parceria com Jude, e era lá que as duas haviam chegado às agressões verbais que tinham encerrado a amizade.

Numa espécie de exacerbação sanguinolenta, Jude havia atacado muito mais do que as ilustrações de Irina, passando-lhe uma descompostura por ser um “capacho” de Lawrence e desdenhando de sua invejável satisfação doméstica como “sonambulismo”. Tudo porque Irina se atrevera a sugerir que a última narrativa de Jude, *Bocão*, era meio óbvia (a propósito dessa história — que falava de um cachorro que latia o tempo todo e que ninguém suportava, até que, certa vez, quando estava latindo, aspirou uma bola jogada por alguém e não pudera mais latir, e então a família inteira tinha passado a adorá-lo —, Irina havia comentado que “até as crianças vão perceber que você só está tentando fazê-las calarem a boca”), para não mencionar o fato de ser ilógica (“Mas, Jude”, dissera ela, hesitante, “quem aspira uma bola não para de falar, não é? Morre asfixiado.”). Jude a havia acusado de ser “passivo-agressiva”, termo fartamente mal utilizado, nos últimos tempos, com o significado de “agressivo”, e citara a literalidade dela a respeito da bola como típica do universo maçante e tacanho que Irina tinha passado a habitar. Quando o Jaguar enveredou pela entrada de automóveis, essa lembrança foi incômoda.

Irina não bancou a princesa, e abriu sua porta do carro. No entanto, acompanhar Ramsey pelos degraus ensombrecidos da escada da entrada ainda assumiu o presságio sinistro de um conto de fadas, como se ela estivesse entrando em Oz ou no castelo de Gormenghast, onde as leis eram diferentes, nada era o que parecia e as paredes das bibliotecas se abriam e revelavam calabouços secretos. Ela se sentiu ouvindo a narrativa dos dois minutos anteriores na cadência valsada e enfática com que as pessoas leem compulsivamente para as crianças: *Irina subiu os grandes degraus do solar sinistro do homem alto. A porta gigantesca abriu-se com um rangido e depois se fechou atrás dela, com um bum e um clique.*

Tarde demais, a garotinha se lembrou de que a mãe a alertara a nunca, nunca entrar no carro de um estranho! Certo, a mãe de Irina nunca

a havia alertado a não entrar na casa de um estranho, especialmente sem ser protegida por seu valente amigo Lawrence. Mas isso era porque sua mãe nunca havia imaginado que a filha fosse uma imbecil.

O interior ainda era decorado com tapetes orientais e antiguidades sombrias, porém algumas peças de aparência mais valiosa de que Irina se lembrava tinham sumido. Para as mulheres, os casamentos desfeitos frequentemente resultavam numa acumulação do butim; para os homens, esses projetos fracassados de otimismo implausível tendiam mais a se manifestar na escassez material. Era difícil resistir à impressão metafórica de que as mulheres ficavam com o próprio passado, enquanto ele era simplesmente roubado dos homens. Ali, um retângulo mais escuro no tapete indicava o lugar em que um dia ficara o sofá de couro, e quatro depressões fundas evidenciavam a partida de um aparador pesado de mármore cor-de-rosa, que um dia Irina havia admirado. Quadrados fantasmagoricamente brancos, nas paredes de tom creme, pairavam como o suprassumo do expressionismo abstrato, ao passo que as obras de arte originais que um dia haviam adornado o térreo tinham sido bem mais conservadoras. Mas Ramsey poderia arcar com a reposição do que quer que Jude houvesse surrupiado. Ou era apegado a sua autoimagem de asceta, ou fazia questão de preservar o ressentimento visualmente vivo na memória.

Ele serviu duas doses generosas de conhaque. Como Jude se escafedera com o sofá e as poltronas, não havia onde sentar. E disse Ramsey: — Vamos descer.

Ah! O calabouço.

Irina o seguiu até o subsolo. Ramsey acendeu a lâmpada acima da mesa de sinuca, o que imbuíu a vastidão de feltro verde e sua reluzente moldura de mogno de um aspecto sagrado, banhando o resto do cômodo cavernoso com uma luminosidade discreta e reverente de uma catedral. Divãs de couro escuro circundavam sua sala particular como bancos de igreja, e Irina tomou pequenos goles

de sua taça de conhaque com a gravidade de quem bebesse do cálice da comunhão. Aquele era o coração da casa, sem dúvida o lugar em que Ramsey passava a maior parte do tempo. A taqueira captava a luz da lâmpada. Um armário exibia dezenas de troféus; enfileirados, seis pratos de cristal sustentados de pé, conferidos pela segunda colocação no Campeonato Mundial, davam a impressão de sorrir na prateleira mais alta, como dentes arreganhados. As paredes eram adornadas por pôsteres envidraçados de torneios e jogos de exibição, de Bangcoc a Berlim — uma decoração que Jude fizera a gentileza de deixar que seu ex conservasse. O provável era que raras vezes ela houvesse se aventurado ali, e a opção de Ramsey de se recolher ao subsolo devia ter facilitado a duração do casamento por sete anos inteiros. Irina sentiu-se admitida numa espécie de santuário. A iluminação dourada e circunscrita, a suntuosidade transcendental do estofamento de couro quando seu corpo afundou nele, o majestoso tapete fofo e vermelho sob suas sandálias, tudo isso intensificou a sensação de ela ter penetrado num reino mágico e secreto por um armário ou um espelho.

Ramsey pegou uma caixa de madeira de aspecto medieval. Embora a própria Irina tivesse reduzido a distância entre os dois em Charing Cross por aqueles escandalosos milímetros, ele foi sentar-se no lado oposto do sofá, bem encostado no braço. Com ar reverente, pegou um maço de folhas de papel Swan, uma lâmina de um só gume e uma caixinha redonda de estanho, emborcando-a na mesa e derramando seu conteúdo denso e escuro. Depois de cortar um Gauloise com a lâmina, pôs o fumo sobre um papel de cigarro. Acendeu o fino isqueiro de prata, passou o haxixe sobre a chama, pegou uma pitada da resina amaciada e salpicou uniformemente seus grãos sobre o baseado. Os grãos pretos que caíam da ponta de seus dedos lembravam as poções tenebrosas que mergulharam a Bela Adormecida em seu sono prolongado, ou derrubaram Branca de Neve no chão frio.

O baseado que ele entregou a Irina, esticando o braço, já que ela estava muito longe, era primorosamente fino e uniforme, afilando-se numa ponta delicada. Ela aceitou duas tragadas, mas abanou a cabeça com esforço quando lhe foi oferecida a terceira. Ramsey deu de ombros e ele mesmo acabou com o resto.

Fosse qual fosse a quantidade, ela teve pavor de ouvir de Ramsey as longas divagações associativas que a maconha é capaz de induzir, e ainda pior os acessos de riso que a droga só parece provocar nos filmes, seus temores eram infundados. Ramsey levantou-se do sofá e passou a ignorá-la. Abriu o estojo, montou o taco e preparou o conjunto de bolas. Deu a saída delicadamente pela esquerda. Quando encaçapou uma vermelha livre com uma tacada de efeito, a branca chocou-se como um canhão com o arranjo piramidal, espalhando as vermelhas em posições que levariam a tacadas fáceis.

Como o baseado, essa exibição foi coisa de garoto. Ele a convidara a sua casa e, portanto, tinha certa obrigação de bancar o anfitrião. Arrastá-la para essa exibição no subsolo era o tipo de jogada infantil feita para impressionar, que, aos quarenta e sete anos, o sujeito realmente já deveria ter superado.

De qualquer forma, Irina só o vira jogar pela televisão e, em três dimensões, a mesa de 1,80m x 3,60m era muito maior do que parecia na tela. De perto, a precisão das tacadas de Ramsey, a certeza com que elas eram escolhidas e a exatidão extraterrena com que cada bola matada o preparava para a seguinte não pareciam humanas. Conforme ele se deslocava de uma tacada para outra, sua camisa de seda preta oscilava na brisa que vinha das janelas abertas para o poço de iluminação. As bolas pareciam rolar suavemente, por vontade própria, para as caçapas designadas, passando umas pelas outras por um fio, mas sem nunca se tocarem, a menos que Ramsey planejasse capitalizar no contato. Rolando pelo pano, as bolas luminosas eram hipnóticas; as cores pareciam pulsar. A brisa

levantou os pelos finos dos braços nus de Irina, novamente o ar não era quente nem frio. A resina de maconha parecia suave, e Irina se indagou por que se deixara ficar tão cheia de nós pelas costas ante a perspectiva dos efeitos de um narcótico tão comum.

Ramsey havia rearrumado as bolas para outra partida e Irina tomara um golinho de abstinência do conhaque quando... aconteceu alguma coisa. A droga, ela constatou, não era fraca. Para apenas dois tapinhas, estava muito longe de ser fraca. A neutralidade do ar se desfez e, sob a blusa branca, os seios dela começaram a esquentar, como os aquecedores dos assentos dos carros de luxo.

Irina raramente pensava em seus seios. Lawrence havia admitido alegremente que “não era chegado a tetos” e, já que seu marido *de facto* nunca os cumulava de atenção — sem mencionar que nem sequer os tocava de um modo digno —, a própria Irina não via razão para lhes dar grande valor. Mas, nesse momento, eles pareceram rebelar-se contra esse descaso, porque uma foto infravermelha do corpo de Irina os retrataria com o vermelho ardente que, no fim da tarde, tinha flamejado nas janelas da Catedral de St. Paul. Horrorizada, ela estava quase convencida de que os seios tinham começado a brilhar, e cruzou os braços sobre o peito, tal como fizera na noite anterior, ao se arriscar a dizer por telefone a Ramsey, em russo, “Quando nós conversamos, eu me sinto nua”.

Essa sensação de estar envolta em fios elétricos, que algum mexeriqueiro havia ligado na temperatura máxima, começou a se espalhar. O abdômen latejou, fazendo ondas de um calor alarmante subirem para o diafragma e descerem para as coxas. Irina afligiu-se. Aquilo não era sensação que uma mulher decente devesse ter que suportar quando acompanhada. Mesmo admitindo ser provável que seu tronco inteiro não estivesse piscando em vermelho vivo, como um semáforo no cruzamento da linha do trem com uma rodovia, ela teve certeza de que sua transformação de ilustradora pudicamente

vestida em tocha humana, ainda que de forma insidiosa, começaria a transparecer.

Devagar e com apreensão, Irina virou a cabeça para a mesa de sinuca, já que, em seu estado inconveniente, parecia mais seguro não mexer um fio de cabelo.

Mas Ramsey nem notou. Tinha o rosto impregnado de uma concentração tão serena que ela se perguntou se lhe teria prestado um desserviço; aquilo não caía bem, é claro, parecia certo exibicionismo, mas, com certeza, era exatamente o que ele fazia quando se drogava — descia e se exercitava na sinuca —, e era exatamente o que teria feito se Irina não tivesse aceitado o convite para ir a sua casa. Até aquele momento, Ramsey ainda não lhe dera uma só olhadela furtiva, depois de uma tacada brilhante, para ver se ela estava prestando atenção. Afinal, seu manejo impecável do taco tinha sido cumulado de toda sorte de elogios desde que contava uns oito anos, e não era para seu jogo de sinuca que ele ansiava por admiração. Engraçado como Irina tinha levado até esse instante exato para notar — não notar naquele sentido clínico com que antes o detalhara para si mesma, feito uma testemunha descrevendo detalhes específicos à polícia, como a cor do cabelo e a altura, mas notar, notar mesmo — que Ramsey Acton era um homem impressionante.

Um homem realmente impressionante.

Na verdade, era devastadoramente, vertiginosamente atraente.

Não devia ter sido visível em termos objetivos, embora os olhos de Irina talvez tivessem ficado arregalados, um pouco inchados, escurecidos no centro. Só que, por mais imperceptíveis que tivessem sido suas manifestações externas, a alteração que ela sentiu por dentro foi tudo, menos sutil.

Se Ramsey não a beijasse, ela morreria.

— Quer experimentar uma tacada, para ter ideia de como é?
— propôs Ramsey, em tom agradável, mantendo a mesa entre os dois. Era a primeira coisa que dizia em meia hora.

Quando garota, Irina costumava evitar as patotas de meninos grosseiros que zanzavam pelos corredores da escola, por ser líquido e certo que eles fariam comentários cruéis à sua passagem, chamando-a de cara de jumento. Vivera seu quinhão de pavor das provas até chegar à universidade, e era comum ter um branco na hora de dar respostas que sabia. Tendera a se agitar quando os namorados dirigiam acima do limite de velocidade. Em circunstâncias comuns, seria capaz de lembrar, embora não nesse exato momento, do medo que sentira de que Lawrence não voltasse a telefonar, depois de eles dormirem juntos pela primeira vez. Na vida profissional, estava mais do que familiarizada com a tendência a adiar o momento de abrir um envelope de uma editora, que poderia conter um pedido seco de que ela fizesse o favor de retirar sem demora os frutos de seis meses de trabalho em seus escritórios apinhados. Em Londres, ela havia encarado sua quota de pavores de bombas do IRA no metrô, ainda que, depois de tantos blefes, a probabilidade de voar instantaneamente pelos ares sempre lhe houvesse parecido remota.

A ideia é que, como acontece com a maioria das pessoas, o medo não era estranho a Irina. Ela sabia a que os outros se referiam quando usavam essa palavra. Mas, até as 2h35m do dia 6 — não, agora já era dia 7 — de julho de 1997 talvez nunca tivesse sido tomada por um pavor tão abjeto, em estado bruto.

Convocada, Irina obedeceu. Sua vontade fora desarticulada, pelo menos aquela vontade trivial, a vizinha mandona que a fazia pôr a roupa suja no cesto ou trabalhar uma hora a mais no estúdio, quando já não estava disposta. Era possível que existisse outro tipo de vontade, uma instância que não ficasse acima ou ao lado dela, mas que fosse ela. Se era assim, essa volição mais potente havia

assumido o controle. Era de uma natureza tão eclipsante que Irina não pôde mais tomar decisões, propriamente falando. Ela não *decidiu* juntar-se a Ramsey perto da mesa; simplesmente se levantou.

Quando transpôs a distância que a separava dele, sua sensação de poder cair a qualquer momento não lhe pareceu causada pelos saltos altos, pelo baseado nem pelo conhaque. A precariedade do equilíbrio estava em sua cabeça, como um distúrbio do ouvido interno. Dizem que os pilotos de avião podem ficar tão desorientados que já não sabem o que é para cima e o que é para baixo.

Especialmente antes do advento dos instrumentos de navegação, muitos pilotos, em meio à neblina, haviam embicado o nariz da aeronave e se estatelado no chão.

Mesmo na atualidade, com seus altímetros confiáveis, um amador ainda era capaz de ficar tão convencido de sua orientação interna que desafiava a leitura do painel e entrava voando na casa de alguém. Se não se podia confiar numa intuição tão primária quanto saber qual era a direção ascendente, com certeza a bússola moral era igualmente passível de uma disfunção fatal.

Quando Irina se aproximou de Ramsey — cujo contorno agora era emoldurado por uma borda fina e branca, como se fosse recortada de uma revista —, tudo o que havia acontecido a noite inteira se ajustou. Ele se aproveitara de propósito do fato de Lawrence estar viajando. Deslumbrara Irina com um belo jantar e introduzira de mansinho histórias sexuais sugestivas, vindas da adolescência. Ele a *havia embriagado*, o que, ao longo dos séculos, tem sido uma construção gramatical adorada pelas mulheres que relutam em assumir a responsabilidade por aquilo que bebem. Do mesmo modo, ele a *deixara doidona*.

Usara de sedução para levá-la a sua casa, onde tinha feito uma exibição de mestria na mesa de sinuca, para deixá-la cega diante de seu status de celebridade.

E, agora, essa história do “Quer experimentar uma tacada?” levava a palma.

Ramsey, ingênuo? Irina é que era ingênua, uma cabeça de vento boboca e frívola que estava caindo nos braços de seu sedutor como uma maçã cai de uma árvore.

A revelação da astúcia de Ramsey veio tarde demais. Irina não conseguia tirar os olhos da boca do homem e daquelas íris azul-acinzentadas de lobo, o que Betsy lhe havia garantido que ele não era. Sacrificialmente parada a seu lado, ela se ofereceu para o abate.

Ramsey entregou-lhe um taco tirado da taqueira e disse: — Armei uma jogada, aquela vermelha na caçapa do centro.

Irina pensou com seus botões: *Você armou alguma coisa, demolidor, quanto a isso não há dúvida.*

Ramsey ajeitou-lhe o taco na mão direita. Inclinando-se sobre a mesa, demonstrou a posição certa para mirar a bola. Irina seguiu as instruções. Quando ele murmurou que era preciso “bater para *atravessar* a branca” e não “recuar depois do contato”, Irina aspirou seu hálito, que recendia a conhaque e fumo tostado. Quando ele estendeu a mão por trás de suas costas para ajustar o ângulo do taco, os dedos de ambos se tocaram.

No entanto, desafiando sua própria instrução de não “recuar depois do contato”, ele afastou a mão num reflexo. Ao insistir em que ela descesse mais a mão em direção à sola do taco, Ramsey se absteve da opção pedagógica de deslocar a mão dela com a sua. Virando o rosto para o dele, Irina espantou-se ao deparar com uma expressão de inocência idiótica.

E finalmente *sacou*. O “Furacão” Alex Higgins? O “Foguete” Ronnie O’Sullivan? Jimmy White, o “Ventania”? Sem dúvida, muitos jogadores de sinuca eram velhacos. Bebiam, fumavam, galinhavam; nunca hesitavam em “transar com a mina de outro cara”. E, justiça seja feita, Ramsey dava suas tragadas, era chegado à erva e a garrafa não lhe era estranha. Mas, num aspecto, ele e seus infames

concorrentes decididamente se separavam: *Ramsey Acton era um bom homem*. Podia ser que achasse Irina atraente; ela não poderia culpá-lo por isso.

Mas ela havia descrito seu relacionamento como sólido, satisfatório e permanente. E Ramsey era amigo de Lawrence.

Se alguém ia beijar alguém nessa noite, ela que precisaria tomar a iniciativa.

Mesmo deixando de lado a relevante questão de Lawrence, era uma perspectiva perturbadora. Talvez Ramsey nunca tivesse pensado nela daquele jeito. No mínimo, Irina corria o risco de passar pela mortificação que Estelle havia sentido ao tirar a blusa e ver Ramsey Acton, adolescente, fugir aflito para sua bicicleta.

Mesmo assim, poderia ser uma decisão insignificante. Bêbados e confusos, era comum os farristas fazerem coisas, altas horas da noite, pelas quais se desculpavam de manhã com um risinho minimizador. Mas a minimização desses momentos era para outras pessoas. Porque Irina soube com perfeita certeza que se achava, naquele instante, na encruzilhada que mais teria repercussões em sua vida.

— Eu quase ia me esquecendo — disse, com um sorriso trêmulo. — Feliz aniversário.

2



AO BARULHO DA CHAVE na fechadura Irina sentiu a pulsação nos dentes.

— Irina Galina!

Não era propriamente um apelido. Reconhecendo a assonância rimada da língua russa, a mãe de Irina escolhera Galina como seu segundo nome, e Lawrence adorava a cadência espalhafatosa e cômica dessa dupla ambígua. Nessa noite, porém, o tratamento carinhoso ressoou no corredor como uma cantilena irritante, como se Irina fosse um Muppet adorável da *Vila Sésamo*, e não uma mulher adulta.

Largando a bagagem, Lawrence enfiou a cabeça na entrada da sala. No mesmo instante, Irina sentiu-se desolada. Pensou consigo mesma: *Nunca olhei para esse rosto, até hoje, sem sentir absolutamente nada.*

Na primeira vez que pusera os olhos em Lawrence — depois de vê-la colocando um anúncio como monitora de russo num quadro de avisos da Universidade de Columbia, ele havia marcado uma primeira aula —, Irina tinha aberto a porta de seu apartamento na rua 104 Oeste lançando-lhe uma segunda olhadela imperceptível. Não teria a pretensão de falar em amor à primeira vista, mas havia, sim, registrado uma familiaridade, como se os dois já se conhecessem.

Embora o corpo bem-proporcionado de Lawrence estivesse embrulhado em flanela e brim desbotado, o rosto era cativante: feições bem definidas, faces encovadas pelo excesso de trabalho,

testa sólida e olhos profundos: grandes, castanhos e súplices como os de um sabujo.

Já naquela ocasião, Lawrence gostava de se considerar uma unidade autônoma, como uma cúpula geodésica cuja umidade recircula infinitamente e rega suas próprias plantas. Irina não tardara a reconhecer que ele era um rapaz de iniciativa, que se projetara do equivalente monetário da ralé dos acampamentos de trailers para a Ivy League, a nata das universidades. Mas o que lhe havia despertado simpatia naquela primeira tarde tinha sido a percepção imediata de que ele estava faminto — de que, em termos afetivos, era como um daqueles meninos selvagens criados por macacos, subsistindo na floresta à base de raízes e frutos silvestres. Essa primeira impressão nunca a havia abandonado — a do apelo e da necessidade bruta, de uma corrente oculta de desespero da qual o próprio Lawrence não tinha consciência. Até o jeito petulante com que ele havia se encostado ao batente da porta, sorrindo, acabara por se relevar simplesmente desolador, já que sua inacreditável incompetência em russo não justificava a menor empáfia. Com o correr dos anos, a solidariedade de Irina só fizera aprofundar-se.

Mas nesse momento, amargamente, num só movimento da porta de entrada, acabou-se a compaixão. Na medida em que o rosto de Lawrence lhe era conhecido, sua familiaridade era tão aniquiladora — como se Irina o fosse conhecendo gradativamente, ao longo de mais de nove anos, e de repente, pronto!, ele se houvesse tornado completamente conhecido. Irina se diplomara.

Já não havia surpresas — ou havia apenas essa última, a de já não haver surpresa alguma. Para se torturar, ela continuou olhando e olhando para o rosto de Lawrence, como quem girasse a chave na ignição várias vezes, até se resignar ao fato de que a bateria havia arriado. Nariz forte e impenitente: nada. Cabelo num desalinho de garoto: nada. Olhos castanhos e súplices...

Ela não conseguiu fitá-lo nos olhos.

— Oi, quais são as novas? — disse Lawrence, dando-lhe um beijo rotineiro, com os lábios secos. — Não me diga que você só está sentada aí, sem nem ao menos ler.

Só sentada ali era exatamente o que ela estivera fazendo. Com a cabeça transformada da noite para o dia num *home theater*, Irina não sentira necessidade de pegar em livros. Na verdade, a perspectiva de ler até mesmo uma coisa com a exigência de uma caixa de cereal era risível.

— Eu só estava pensando — respondeu ela, em tom débil. — E esperando você voltar.

— Bom, já são quase onze horas, não é? — fez ele, voltando ao corredor para arrastar a bagagem para o quarto. — Está quase na hora do *Late Review*!

A voz de Lawrence extinguiu-se rapidamente e deixou o ar parado, como se a própria acústica da casa já não propagasse o som. Irina se esforçou para corrigir a postura, mas continuou afundada nas almofadas da poltrona. Ouviu ruídos no quarto. Naturalmente, no instante em que chegava, Lawrence tinha de desfazer as malas. Sempre essa obsessão tirânica com a ordem.

Quando ele voltou para a sala, arrastando os pés, Irina não conseguiu pensar em nada para dizer, e não estava acostumada a ter de “pensar” em alguma coisa para dizer a Lawrence.

— Está bem — grunhiu. Como que contaminada pela sintaxe sincopada de Ramsey, a dela estava fora de compasso, e sua resposta à proposta de Lawrence veio com minutos de atraso.

— Está bem o quê?

— Está bem, vamos assistir ao *Late Review*.

Havia espaço demais em torno das palavras dos dois. Irina visualizou esse discurso esgarçado como um desencontro entre tipos e tamanhos de letras, como um bilhete de pedido de resgate de um sequestrador, feito com letras tortas de diversas manchetes. O fato de ela e Lawrence terem um dia conduzido uma conversa adequada

pareceu-lhe inacreditável. Ela se perguntou sobre o que costumavam conversar.

— Temos mais vinte minutos — disse Lawrence, esparramando-se no sofá defronte. — E, então, como vão as coisas? Alguma novidade?

— Ah, não houve grande coisa desde a última vez que nos falamos — respondeu ela. Pronto, a primeira mentira. Irina teve a sensação aflitiva de que não seria a última.

— Você não jantou com o Ramsey? Não me diga que pulou fora.

— Ah, certo — disse ela, engrolando as palavras. Não era boa nisso. Já estava metendo os pés pelas mãos. É claro que teria de contar alguma coisa sobre a noite anterior. Mas o simples som do nome de Ramsey lhe dava palpitação. — É, nós jantamos.

— E como foi? Você estava com medo de vocês não terem nada para dizer um ao outro.

— Nós demos um jeito. Eu acho.

Lawrence começava a parecer irritado.

— Bem, e de que vocês falaram?

— Ah, você sabe. De Jude. De sinuca.

— Ele vai participar do Grand Prix este ano? Andei pensando em ir.

— Não faço ideia.

— Não sei se ele terá caído tanto no ranking a ponto de ter que jogar as eliminatórias.

— Estou por fora.

— Bem, vocês não podem ter conversado muito sobre sinuca.

— Não, não muito — concordou ela. Era como se tivesse que içar cada palavra da boca com uma empilhadeira.

— Pelo menos você soube de alguma boa fofoca?

Irina inclinou a cabeça.

— E desde quando você se interessa por “fofocas”? Quer dizer, sobre o que se passa no coração de alguém, em vez da cabeça.

— Eu me refiro a coisas do tipo: é verdade que Ronnie O’Sullivan se internou numa clínica de reabilitação? O que há *de errado* com você?

— Desculpe — disse Irina, e foi sincera. Não se transformara num ogro da noite para o dia, e fitou o companheiro com ar tristonho. Mas era indecente que ele não tivesse notado a diferença no instante em que cruzou a porta, e lhe passou pela cabeça, num lampejo de nervosismo, que talvez ele tivesse. Já que Lawrence evitava *o mais importante* como se fosse a peste, o fato de não ter tecido comentários sobre a reação sem graça da mulher à sua volta era, no mínimo, um sinal de alerta. Não havia nenhuma sutileza: até ali, essa conversa fazia lembrar uma visita a um presídio. Eles pareciam separados por um painel de vidro grosso e falavam com hesitação, como se usassem interfones. Afinal, Irina havia transgredido uma espécie de lei, e mal tinha começado a cumprir o primeiro dia do que poderia revelar-se uma sentença longuíssima. Acrescentou, desanimada: — Fiz uma torta para você.

— Lanchei no avião... Mas por que não? Um pedacinho.

— Quer uma cerveja para acompanhar?

— Já tomei uma Heineken... Que diabo, vamos comemorar.

— Comemorar o quê?

— O fato de eu estar de volta — disse ele, com ar magoado.

— Ou será que você não notou?

— Desculpe — ela repetiu. — Sim, é claro. A torta é para isso. Para lhe dar as boas-vindas.

Na cozinha, ela apoiou as palmas das mãos na bancada, baixou a cabeça e respirou fundo. Era um alívio fugir da companhia de Lawrence, nem que fosse por um pouquinho; mas da própria realidade do alívio não havia como fugir, e isso a desconcertou.

Com gestos pesados, Irina tirou a torta da geladeira. Gelando há menos de duas horas, ela não estava inteiramente firme. Com sorte, o ovo do recheio teria cozinhado o suficiente para que o fato de a torta ter passado um dia inteiro na bancada não fosse fatal. Bem, pessoalmente, ela não conseguiria comer mais do que uma provinha. (Não conseguira comer nada desde aquela última colherada de sorvete de chá verde. Embora tivesse havido um outro conhaque, ali pelo meio-dia...) A fatia que serviu em seu prato era tão fina que tombou. Para Lawrence, cortou um pedaço muito maior do que sabia que ele queria — Lawrence vivia vigiando o peso. A fatia em forma de cunha ficou chapada no prato, gorda e burra. O recheio escorreu. Ramsey não precisava que admirassem seu jogo de sinuca, e Lawrence não precisava de torta.

Irina tirou uma cerveja *ale* da geladeira e pensou no freezer. Normalmente, ela acompanharia Lawrence tomando uma taça de vinho, mas a Stolichnaya congelada a chamou. Como havia escovado os dentes, ele não precisaria saber que a mulher já tinha abatido duas goladas generosas de vodca pura, para se preparar para seu retorno. Beber com o estômago vazio não era do seu feitio, mas, aparentemente, praticar atos inusitados podia resvalar da libertação temporária para uma alienação permanente do eu anterior do sujeito, num piscar de olhos. Irina pegou a garrafa congelada, bebeu um gole furtivo e serviu em seu copo uma dose não muito refinada. Afinal, eles estavam “comemorando”.

Lawrence era educado demais para objetar ao fato de ela lhe ter servido uma fatia muito maior do que ele pedira, e exclamou: — “*Krasny!*”

— Isso é “vermelho”, seu *doorak* — retrucou Irina, na melhor imitação de implicância afetuosa que conseguiu montar. — “Linda” é *krasivy*. Praça Vermelha, *krasnaya ploshchad*, da?

Comumente, o péssimo ouvido de Lawrence para o russo a fazia rir, mas a voz dela soou com tal aspereza que o fez levantar os

olhos.

— *Izvini, pozhaluysta* — desculpou-se ele, corretamente. — *Konyeshno, krasivoy*.

Como em *krasivoy pirog* — acrescentou, deixando-a admirada por saber a palavra correspondente a “torta” —, ou *moya krasivaya zhená*.

Pelo amor de Deus! Até em russo ele a chamava de “esposa”. O termo nunca lhe parecera irônico, mas foi o que pareceu nesse momento.

E era típico, não é, que Lawrence só conseguisse chamá-la de linda em russo.

Em inglês, ela era *bonitinha*, um adjetivo seguro e minimizador que tanto poderia aplicar-se a um hamster quanto a uma “esposa”. Não era justo ela se irritar com um elogio perfeitamente carinhoso, mas o recurso à troca de línguas, quando se chegava perto de qualquer assunto afetivo, trouxe-lhe uma lembrança dolorosa de seu pai. Instrutor de dicção em diálogos de filmes, quase todos de segunda, o pai de Irina tinha sido perito em sotaques; seu trabalho consistia, por exemplo, em instruir o homem que fez a voz de Boris Badenov, em *As Aventuras de Alceu e Dentinho*, a espessar as consoantes com uma perversidade soviética. Ele sabia passar rapidamente do “aloz flito” dos chineses para a fala arrastada dos irlandeses, e Irina supunha que aquilo tudo era muito divertido. Só que o pai nunca lhe dissera que a amava, nem se orgulhara de alguma coisa que ela tivesse feito, a não ser engrolando os erres como Sean Connery ou resvalando para um ceceio sueco — *como goçto to meu filhinya, jaaaa!* Irina adorava todas as vozes que ele usava ao lhe contar histórias quando pequena, mas, à medida que fora crescendo, o encanto se desfizera. Ora, ele tinha nascido em Ohio, mas até sua pronúncia do centro-oeste mais parecia ser outro sotaque.

Além disso, podia ser que Lawrence usasse o russo como um recurso para manter a meia distância sentimentos que talvez soassem embaraçosos em inglês, mas acontece que esse também era o jargão particular dos dois e, nesse exato momento, foi demais. Íntimo demais. Machucou.

— Obrigada — disse ela em inglês, com firmeza, e pôs fim à fala *russki*.

Com mais uma frase, Lawrence tentou continuar.

— “*Tih u-sta-la?*”

A pergunta em tom menor foi de uma ternura arrasadora, e Irina baixou a cabeça. Ainda não tinha tocado na torta.

— É, estou um pouco cansada. Não dormi bem — disse. Torceu para que isso não contasse como sua segunda mentira. Podia-se argumentar que “não dormir nada” fazia parte da subcategoria “não dormir bem”.

— Há alguma coisa perturbando você?

Ele havia notado. Estava jogando verde.

— Bom, talvez tenha sido o *sushi*. Basta um pedaço de atum meio duvidoso.

Meu apetite vai embora. Não sei se vou conseguir comer isto.

— Você está mesmo um pouco pálida.

— É, eu me sinto pálida — disse ela. Sem querer parecer atenta demais à hora, deu uma olhada sub-reptícia no relógio de Lawrence. Droga. Ainda faltavam cinco minutos para a *Late Review*.

— E, então, como foi a conferência? — indagou. Era uma vergonha quão pouco se importava.

Lawrence deu de ombros.

— Foi basicamente um piquenique à custa do governo. A não ser pelo fato de eu ter conhecido Sarajevo, foi uma completa perda de tempo. Um monte de detalhistas obstinados da ONU e fracassados das ONGs. Sabe, é preciso uma força para manutenção

da ordem. Bom, que seja. Pelo menos, minha verba não teve que cobrir a despesa.

— Deus o livre de voltar tendo aprendido alguma coisa que você já não soubesse, ou conhecido alguém de quem realmente gostasse.

A frase lhe escapou da boca antes que ela conseguisse detê-la. Irina tentou adoçar a alfinetada com um sorriso, mas, pela expressão no rosto de Lawrence, era como se o houvesse esbofeteado.

— “*Milyi*” — disse, atrapalhada; “querido” soava mais caloroso em russo. — Só estou brincando com você. Não fique tão sério.

Era preciso parar com isso, com essa crítica compulsiva. O que tinha acontecido com a *bondade mental*? Pensando bem, o que tinha acontecido com a simples bondade? Lawrence tinha passado dez dias fora e tudo que ela dissera desde sua chegada tinha sido francamente desagradável ou ofensivamente exaustivo. Outro homem, fosse quem fosse, teria reagido a esse insulto. Mas Lawrence não gostava de encrencas e pegou o controle remoto.

Irina pensou nesta última palavra. O fato de Lawrence pegar o controle *remoto* com tanta frequência pareceu-lhe oportuno.

Mais críticas.

Quando apareceu o canal BBC2, Irina ficou tão grata por essa distração que teria sido capaz de beijar o televisor. Comumente, diante da tevê, ela pregava botões ou descascava vagens, mas, nessa hora, concentrou-se na tela com o que torceu para ser um ar de arrebatada fascinação.

Estava arrebatada, e estava fascinada, sim, mas não pela *Late Review*. É que Irina estava vendo coisas. Na verdade, era como estar possuída, ou esquizofrênica. As imagens se atracavam nas sombras. Atrás da tevê, um homem e uma mulher se agarravam com tanta força que era impossível dizer qual braço ou perna era de quem.

Tinham as bocas abertas e grudadas. Quando ela olhou para a esquerda, o mesmo homem amassava a amante na parede, levantando os braços da mulher e agrilhoando seus pulsos no reboco, enquanto afundava o rosto em seu pescoço. Quando Irina desviava os olhos alguns centímetros para a direita, lá estavam eles de novo, bagunçando as cortinas, com a figura mais alta imprensando a mulher tão furiosamente contra a esquadria da janela que a bacia e o cóccix dela deviam doer. (Ainda doíam, mas só um pouquinho. A sensação dolorida no cóccix de Irina vinha da lateral da mesa de sinuca. O atrito poderia ter sido pior, se eles não tivessem desabado juntos no chão.) Essas figuras que tinham invadido sua sala de estar, Irina não as tinha convidado, nem lhes pedira para fazer tamanha exibição encostadas nas paredes.

(E no tapete. Ela olhou para baixo, e lá estava o mesmo casal imoderado. Ele estava por cima. Leve o bastante para que a mulher ainda conseguisse respirar, mas suficientemente pesado para prendê-la. Ela não conseguiria fugir, nem se quisesse. E não queria.) Em defesa dos dois, cabia dizer que essas visitas estavam *apenas* se beijando, mas, se um qualificativo como *apenas* se aplicava àquele tipo de beijo, bem se poderia dizer que Jeffrey Dahmer havia *apenas* assassinado e devorado suas vítimas como um canibal, ou que Hitler tinha *apenas* tentado dominar o mundo.

As alucinações eram aflitivas. Irina estava tentando assistir à televisão com seu parceiro, comer uma fatia de torta comemorativa e tomar uma bebidinha tranquilamente antes de dormir — embora sua vodca parecesse ter-se evaporado, e ela não conseguisse lembrar-se de tê-la bebido —, e lá estava *essa gente* em sua casa, que não conseguia conter as próprias mãos e que a induzia a apertar e amassar uns contra os outros os músculos da parte interna das coxas.

— Pode ser que você não se interesse muito pelo tema — disse Lawrence —, mas, mesmo assim, vale a pena ver isso.

Irina se obrigou a tirar os olhos de suas visitas descaradas.

— O que vale a pena ver?

— “*Boogie Nights — Prazer sem Limites!*”

Arriscando um palpite, ela disse: — Bom, não me liguei muito em *Flashdance*, mas *Os Embalos de Sábado à Noite* eu não achei ruim.

Lawrence fez uma expressão incrédula.

— Como é que você pode ter assistido a um debate de quinze minutos sobre esse filme e ainda achar que ele tem alguma coisa a ver com *Os Embalos de Sábado à Noite*?

Irina se encolheu.

— Ah! Então, do que é que se trata?

— Da indústria pornô!

— Eu estava meio distraída.

— *Meio?*

— Eu lhe disse que estava cansada.

— A falta de sono pode embotar um pouco, mas não leva o Q.I. da maioria das pessoas a despencar para menos de cinquenta.

— O simples fato de meu pensamento ter divagado não faz de mim uma idiota. Não gosto quando você faz isso. E você faz isso o tempo todo. Vive me dizendo que sou burra.

— Ao contrário. Vivo tentando fazê-la confiar nas suas opiniões e impô-las mais em público. Eu lhe digo constantemente que você é inteligente, e muito perspicaz na sua visão de mundo, mesmo não tendo doutorado em relações internacionais. Isso lhe soa familiar?

Irina baixou a cabeça. Soava, sim. Lawrence podia ficar tentado a chamá-la de idiota, mas usava essa palavra indiscriminadamente a respeito de qualquer pessoa, mais cedo ou mais tarde, de modo que não fazia sentido ouvi-la como uma coisa pessoal. E era verdade, ele havia insistido muitas vezes em que ela

manifestasse mais suas opiniões à mesa do jantar nas casas de seus colegas.

— É, em geral você me apoia muito — Irina admitiu.

— Por que você continua querendo puxar briga?

Vindo de Lawrence, era uma pergunta corajosa.

— Não sei — disse ela, sinceramente intrigada. De verdade, não entendia por que, tendo uma motivação forte para não criar caso, continuava a ser tão provocadora, ou, numa noite em que queria desesperadamente não instigar um exame rigoroso, comportava-se de uma forma caprichosa e irritadiça, que com certeza levaria ao máximo de escrutínio. Será que *queria* que ele soubesse? Talvez o estivesse obrigando a entrar num jogo de salão do tipo “Ele ou Ela”: *Sou uma pessoa famosa e meu nome começa por um A maiúsculo vermelho.*

Você já morreu?

(Esta noite? Mortinha até os ossos.) Você é mulher?

(Mulher demais, como se vê.) Onde você *esteve* ontem à noite, até a maldita das cinco horas da manhã?

(Só valem perguntas com respostas “sim” e “não”. Essa pergunta é traiçoeira.)

E é você que vem falar de traição?!?

Ou, quem sabe, Lawrence devesse brincar de forca no verso de seu programa da conferência, e, como nunca adivinharia, nem em um milhão de anos, que Irina havia escolhido V-A-D-I-A I-N-F-I-E-L, acabaria se enforcando, letra por letra.

Os dois terminaram de assistir à *Late Review*. Como se houvesse desistido de encontrar em Irina a capacidade de absorver os mais elementares aspectos factuais do romance e da peça do West End que o painel começou a avaliar, Lawrence não pediu a opinião dela durante o resto do programa. Desligou a televisão, e quando a tela ficou preta, Irina pensou: *Volte!* Comumente irritada com o tagarelar incessante do aparelho, nessa noite ela seria capaz de

assistir a *horas* de televisão. Em vez de se preparar para dormir, Lawrence afundou de novo no sofá; horrivelmente, aquela batida das palmas das mãos nos joelhos significava que ele queria conversar. Irina tentou preencher o silêncio abissal com sorrisinhos animadores, embora lhe fosse obscuro o que de fato estava incitando. A troco de nada, ela disse: — Fico contente por você estar em casa.

Era uma afirmação que, apesar de constituir incontestavelmente a Mentira nº

3, não foi feita como um disfarce enganoso. Ao contrário, ela queria que fosse verdade, e tinha uma certa esperança de que, se falasse em voz alta, enfaticamente, de sua felicidade por ele estar em casa, pudesse fazer isso acontecer.

— E então? — disse Lawrence, por fim. — Quais são as outras novidades?

Irina o fitou com ar inexpressivo. Será que ele desconfiava de alguma coisa?

— Não muito mais do que eu tenha contado por telefone. Trabalho — respondeu, rígida. — Fiz alguns trabalhos.

— Posso vê-los?

— Depois... quando eu tiver terminado.

Não queria mostrar o novo trabalho a Lawrence. Queria mostrá-lo a Ramsey.

Desistindo, Lawrence levantou-se, virando o rosto, e deu para perceber que estava magoado.

Os dois puseram o ferrolho na porta, fecharam e trancaram as janelas, cerraram as cortinas, tomaram suas vitaminas, escovaram os dentes e usaram o fio dental. Processo rotineiro, repetido todos os dias, que nessa noite assumiu uma monotonia de matar. Embora houvesse passado uma noite em claro e estivesse tão exausta que chegava a sentir tonteira, Irina apavorou-se com a ideia de ir para a cama.

Metodicamente, ambos tiraram a roupa e a penduraram em cabides. Irina não se lembrava da última vez que ela e Lawrence haviam arrancado a roupa um do outro e a jogado no chão, num frenesi de entrar em contato com a pele nua. Não havia por que fazê-lo, quando se dividia uma cama durante anos, e seria de uma insensatez absurda ela se incomodar com isso. Todo mundo entendia: isso era o que se fazia “no começo”, e ela e Lawrence estavam no meio. Ou, então, ela passara séculos achando que estavam no meio, embora não se pudesse ler a própria vida como um livro, medindo os capítulos restantes com o polegar. Nada impedia que se virasse uma página comum, numa noite comum, e de repente se descobrisse que não se estava no meio, mas no fim.

Irina ajeitou no cabide a blusa branca amarfanhada, com mais cuidado do que aquele trapo merecia; agora, o rasguinho ao longo da gola estava mais comprido.

A saia azul-marinho ficara esticada; ao menos Irina tivera a presença de espírito de se olhar no espelho ao chegar em casa e de dar uma virada no botão, para centralizá-lo nas costas. Pela primeira vez no dia ela havia penteado o cabelo, que tinha ondulado em tamanho desalinho que ela parecia ter sido eletrocutada.

Mas não tivera a presença de espírito de tomar um banho. Voltara para o apartamento com pouquíssimo tempo. Mesmo assim, sair do Jaguar tinha sido um inferno. Galgando de modo deprimente a íngreme curva de aprendizagem, que parece acompanhar os desvios sórdidos, ela se recusara a dar um beijo de despedida em Ramsey em frente ao prédio; um vizinho poderia ver. O pouco tempo que lhe restara para se preparar para a chegada de Lawrence ela havia desperdiçado com a vodca e ficando imóvel na sala, em estado de paralisia, com as mãos afastadas para os lados, como se temesse tocar um corpo que, de repente, tinha desenvolvido uma perversa vontade própria. Agora, porém, ela corria o risco de ter

deixado um odor incriminador na pele, nem que fosse pelo excesso peculiar de sua própria transpiração.

O mau cheiro realmente revelador provinha dessas ideias em sua cabeça. Elas fediam.

Irina ficou nua, mas Lawrence nem a olhou de relance. Isso também era normal. As pessoas se acostumavam uma com a outra, e o corpo nu perdia a surpresa. Mesmo assim, entristeceu-a a experiência de não ser vista, exatamente como acontecia quando os garotos frios da sétima série olhavam através dela, antes do aparelho nos dentes. Por outro lado, talvez ela fizesse o mesmo com Lawrence, talvez o apagasse com um *ah, é isso*. Na privacidade do alheamento dele, Irina se demorou a olhar, nem que fosse por uma vez, a realmente olhar e ver o corpo despido do parceiro.

Ele estava sarado. Graças ao regime militar de passar a hora do almoço numa academia perto do escritório, seus ombros eram arredondados pelos músculos e as coxas, sólidas. O pênis, mesmo em repouso, tinha um tamanho mais do que respeitável. Certo, havia uns pneuzinhos delicados na cintura, mas Irina não podia atormentá-lo por um quilinho a mais, composto inteiramente pelas tortas que ela própria fazia. Além disso, perdoava de bom grado os pequenos defeitos dele — os pés chatos, o cabelo meio ralo nas têmporas —, porque os dois tinham feito uma espécie de contrato, que ela seria capaz de recitar como o Pai-nosso: *Perdoe os meus defeitos como sempre perdoei as suas falhas*. Afinal, seus seios estavam começando a cair; agora ela acordava com umas bolsinhas embaixo dos olhos; o hieróglifo de uma variz solitária, na batata da perna esquerda, era um aviso enigmático da indizível decrepitude que viria, e era possível que ela logo precisasse tirar proveito do perdão do parceiro às bateladas. Era uma pena Lawrence encurvar-se defensivamente, já que, se apenas esticasse o corpo, faria uma bela figura de homem para os seus quarenta e três anos. A maioria das mulheres da idade de Irina era obrigada a relevar muito mais do que

pequenas gordurinhas ou pés chatos, e se deitava toda noite com barrigas bojudas, ombros peludos, papadas e carecas. Irina tinha sorte. Tinha muita, muita sorte.

Então, por que não se sentia sortuda?

— Quer ler? — propôs.

Depois de dez dias, ele deveria ter dito que não. Depois de dez dias, devia ter-lhe passado a mão pela cintura e colado a boca no pescoço dela.

— É claro — respondeu Lawrence, chutando o edredom para os pés. — Por uns minutos.

Irina não entendia como ele podia saltar direto de uma arenga sistemática sobre a “construção nacional” para *O fim do sistema previdenciário*. Em seu lugar, ficaria desesperada por um antídoto, uma releitura suntuosa de *Anna Karenina*, ou um suspense barato. Mas, por outro lado, como o pão de cada dia profissional de Lawrence era tão seco que mais parecia uma torrada queimada, Irina não tinha mesmo uma compreensão real do desejo de passar a vida debatendo a “construção nacional”, para começo de conversa. Houvera um tempo em que ele não tinha sido avesso a James Ellroy, Carl Hiaasen ou P. J. O’Rourke. Desde que se tornara membro da Blue Sky, era consumido pela ânsia de fazer cada minuto contar. Mas para quê?

Irina acomodou-se no travesseiro ao lado, com as *Memórias de uma gueixa*.

Podia apreciá-lo sem pressa, porque não havia chance de Lawrence querer ler esse romance depois. O livro versava sobre a submissão, a fraqueza e a servidão.

Não se referia à superação do desfavorecimento social, do jeito como o Sr. Centro de Estudos Estratégicos havia derrotado sua criação vulgar em Las Vegas (como diria Lawrence, ele era “uma fênix nascida no lixo”). Concernia a conviver com a falta de

privilégio e até a capitalizar nela. O livro concernia demais às mulheres, Irina percebeu.

Os dois não se tocaram. Acomodando-se, Lawrence apoiou a perna direita na perna esquerda da mulher; ela reposicionou a perna para recobrir a distância.

Virou algumas páginas, mas o casal da sala reapareceu, apalpando-se por entre as letras. A título preventivo, Lawrence apagou o abajur, no exato momento em que Irina finalmente conseguira digerir uma frase inteira. Podia ter perguntado.

Havia uma fórmula. Lawrence lhe garantira que todos os casais sempre praticavam o sexo mais ou menos do mesmo jeito, ainda que dessem uma arriscada na criatividade “no começo”. Ela não fazia ideia de como ele tinha chegado a essa conclusão. Ali estava um homem que, deixado por conta de seus recursos sociais, seria capaz de falar por horas a fio sobre superficialidades seguras, como a eleição do Novo Partido Trabalhista, de modo que era terrivelmente difícil imaginá-lo perguntado aos colegas, entre um drinque e outro: “Você sempre usa a mesma posição quando transa com sua mulher?” Apesar disso, era provável que ele tivesse razão. A pessoa fazia uma seleção daquilo que funcionava, e era trabalhoso demais ficar inventando novas contorções numa coisa que, francamente, admitia variações limitadas. Além disso, depois que se entrava numa sequência estável e em geral bem-sucedida — Irina não viu necessidade de chamá-la de “rotina” —, se, de repente, o sujeito comesse a cavucar lá por baixo com a boca, digamos, depois de ter passado anos sem que isso fizesse parte do programa, ora, seria esquisito, não é? Tipo assim: o que é isso, por que você está fazendo isso? Não só esquisito, mas alarmante. E a última coisa que Irina queria ser, justamente nessa noite, era alarmante.

Além disso, ela não objetava a transar sempre do mesmo jeito; o problema não era a mesmice. (Antes da noite anterior, não tinha havido problema algum, não é? Pelo menos, nenhum que

parecesse premente. Quaisquer que fossem as modestas insatisfações de Irina, sua correção sempre poderia ser adiada para a noite seguinte — indefinidamente adiada, pensando bem. Enfim, por que não levantar as mãos para o céu? Por acaso ela não tinha gozado — quantas mulheres podiam dizer isso? —, não tinha gozado *todas as vezes* que fizera amor com Lawrence?) O problema — se é que havia algum, bem entendido — era saber “qual era”.

Como sempre, Irina deitou-se sobre o lado direito. Como sempre, Lawrence fez o mesmo, e se encaixou atrás dela, passando o braço esquerdo por sua cintura e aninhando os joelhos na curva das pernas dela. Juntos, eles formavam dois zês, aquele símbolo do sono nas revistas em quadrinhos. E nas noites em que davam um sinal um ao outro — um bocejo leonino, um resmungo sobre ter tido um dia supercansativo —, dormir era justamente o que eles faziam. Mas Lawrence *havia* passado dez dias fora, e ensaiou deslizar a mão pelas nádegas de Irina.

— Você está bem? — sussurrou ele. — Você disse alguma coisa sobre um peixe ruim.

A menos que se dispusesse a contar tudo, e numa situação tão confusa que ainda não sabia direito o que havia para contar, ela não poderia mostrar-se fria diante das investidas do parceiro. Isso daria a dica de que havia algo errado, não é? Ela precisava agir de modo normal.

— Estou ótima — respondeu (Mentira nº 4, e essa foi das grandes).

Desejando sinceramente dar-lhe a tranquilidade que ele merecia, pegou a mão esquerda de Lawrence, que vagava incerta por seu quadril — parecia perdida — e lhe ajeitou o braço entre os seios.

O braço pareceu-lhe uma tábua pesada. Talvez a proximidade do parceiro nem sempre tivesse despertado uma lascívia voraz, mas encostar as costas na curva aconchegante do peito dele sempre dera a Irina um conforto carnal profundo e uma

sensação de segurança. Nesse momento, fez com que ela se sentisse aprisionada. Quando a pelve dele se encostou suavemente em seu cóccix (justamente no ponto atritado na mesa de sinuca), a ereção de Lawrence causou-lhe a sensação incômoda de um dedo a cutucá-la.

Aquilo era terrível! *Que é que ela havia feito?* Se algum dia Lawrence tivesse deitado a seu lado e achado que os membros do corpo dela eram meros pedaços de madeira, se tivesse encarado a pressão de sua carne apenas como uma “armadilha”, e sua batidinha cortês na porta sexual como uma chatice incômoda, ela teria murchado por dentro, até virar uma passa preta, seca e crispada.

Com a destreza da experiência e a cooperação entorpecida de Irina, Lawrence a penetrou por trás. Era um bom ângulo, os dois tinham concordado. Mas Lawrence bem que poderia ter tido um ângulo da relação sexual em mais de um sentido, uma outra perspectiva. Antes de se instalar esse protocolo, eles haviam experimentado o sortimento habitual de posições. Mas ocorreu a Irina nesse momento — que coisa horrível ter sido precisamente a noite anterior, justamente ela, para levá-la a essa observação — que, dentre as diversas opções disponíveis, nada os havia obrigado a escolher essa postura específica e a ficar com ela. Além disso, a escolha da configuração de um de costas para o outro como a única em que eles fariam amor, numa estimativa do futuro, por uns cinquenta e tantos anos, tinha sido obra de Lawrence, e não fora uma escolha acidental, não fora arbitrária — não fora só o modo como os dois tinham acabado fazendo amor, querendo ou não, do mesmo jeito que Irina acabara usando a saia azul-marinho e a blusa branca esfarrapada no jantar da véspera, por ter estado experimentando essa roupa na hora que a campainha tocou. Fazia quase *nove anos* que eles vinham transando assim, e ela nunca deveria ter permitido essa posição por mais de uma ou duas vezes, e agora era tarde demais para fazer objeção, e isso era trágico.

Irina havia capitulado passivamente à fraqueza de Lawrence, à verdadeira fraqueza dele, e não ao tipo de fraqueza que ele temia: a dos músculos peitorais atrofiados ou a de desistir de uma discussão sobre a pacificação do IRA.

Tinha sido essa a opção do covarde que havia em Lawrence: que eles nunca se beijassem. Que nunca olhassem um para o outro. Que ele visse apenas o perfil embotado da cabeça da mulher, e que ela sempre olhasse para a parede. Que Irina nunca tivesse permissão para deparar com aqueles olhos castanhos suplicantes e vê-los receber o que imploravam. Embora, nos tempos da rua 104

Oeste, eles houvessem acendido velas na mesa de cabeceira, agora, de quebra, estava sempre escuro — como se ficar de cara para a parede branca não fosse impessoal o bastante. O irônico era que Lawrence a amava. Mas a amava demais.

Amava-a tanto que isso chegava a dar medo, e ele tinha tão pouca disposição de fitá-la nos olhos quando os dois transavam quanto de olhar de frente para o sol.

Como de costume, passados alguns minutos, Lawrence buscou em silêncio as partes inferiores de Irina, desenhando círculos e pondo o dedo no comando central. Suas manipulações sóbrias nunca eram propriamente exatas, é claro — nunca acertavam exatamente na mosca. Mas, para ser imparcial, havia algo de imperscrutável naquela contorção recessiva de carne, nem que fosse pelo fato de o clitóris ser construído numa escala exasperantemente miniaturizada. Fazer uma mulher gozar com a ponta do dedo exigia do homem a mesma habilidade especial daqueles ambulantes espantosos do centro de Las Vegas que eram capazes de escrever o nome da pessoa num grão de arroz.

É que um milímetro para a esquerda ou para a direita equivalia, em termos geográficos, à distância entre o Zimbábue e o polo Norte. Não era de admirar que muitos amantes da juventude de Irina, imaginando-se próximos da torrente abundante das

Cataratas de Vitória, houvessem remado, sem culpa alguma, para o Ártico gelado de sua indiferença glacial. Para piorar as coisas (e, mais uma vez, a distinção tinha a espessura de um fio de cabelo), aquele apendicezinho desgraçado era capaz de induzir não apenas ao êxtase, mas a uma dor atroz — uma *dor* que era um corta-tesão absoluto, do tipo que faz voltar à estaca zero —, e como é que alguém podia transpor com confiança um nodo tão perigoso, se não tinha um igual? Em certos momentos, Irina dava graças pela sorte de não ser homem e não ter que se confrontar com esse órgão atordoante e trêmulo, cujo pedacinho importante não chegava a medir meio centímetro, quando havia uma probabilidade de que a própria mulher não soubesse dizer como ele funcionava.

Seria irracional, portanto, reclamar da decepção de um tantinho para cá ou para lá, e, dado que o projeto todo era fundamentalmente impossível, Lawrence era de uma competência surpreendente nisso.

Nessa noite, porém, Irina não conseguiu entrar no embalo. Um excesso de atenção estava concentrado na tentativa de não chorar. E a verdade era que lutava contra seu próprio prazer. Para quebrar a monotonia, o desencontro não tinha a ver com o fato de o dedo médio dele estar um tiquinho baixo demais.

Aquilo era errado; dava a sensação de estar errado, errado inclusive num sentido moral. Mas, se ela não gozasse, Lawrence saberia que não tinha gozado e, o que era mais pertinente, saberia que, enquanto ele estivera em Sarajevo, alguma coisa havia acontecido.

Ainda mais errado foi o que ela fez para chegar aonde tinha que ir; foi diabólico.

Irina já se entregara a seu quinhão de fantasias. Já imaginara “um” homem fazendo isto ou aquilo, ou até, embora nunca o houvesse admitido para mais ninguém, “uma” mulher; afinal, só existiam dois sexos e, para continuar a se divertir, a pessoa tinha que

usar todas as combinações a seu dispor. Mas essas figuras descartáveis eram sempre sem rosto, como manequins com a cabeça cortada. Irina nunca havia imaginado um determinado homem, um homem real, um homem com endereço e telefone para o qual pudesse ligar, com uma preferência por saquê quente em vez de frio, de rosto comprido e camisa de seda preta. Um homem alto e esguio, de lábios finos e olhos graves, e uma boca de profundidade tão infinita, com um conjunto tão inesgotável de recessos, que beijá-lo era como fazer turismo pelas catacumbas de Notre Dame. Na noite anterior, fora não apenas como se ela tivesse enfiado a língua nessa boca, mas como se seu corpo inteiro tivesse entrado goela abaixo. Aquela boca era um mundo, um mundo inteiro e insuspeito, e beijar aquele homem provocara a mesma sensação de descoberta de quando se coloca uma gota transparente de simples água da torneira sob um microscópio, e se divisa cardumes inteiros de fantásticas criaturas fibrilosas, ou de quando se aponta um telescópio para uma nesga de céu, negra como piche a olho nu, e eis que ela está coalhada de estrelas.

Ela só o *havia beijado*. Então, por que a modéstia de sua transgressão era um consolo tão desprezível? A saia tinha saído do lugar, mas Irina continuara vestida. A blusa havia rasgado um tantinho mais, porém em momento algum ela o deixara levantá-la. *Deixar?* Ele nem havia tentado. Para ser justa com Ramsey, ele só tinha tentado parar. O que ela também deveria ter feito, devia ter tentado parar, mas nem tentara, não é?, ou não muito, porque não tinha parado, tinha?, e quando a pessoa tenta com empenho, ela consegue, não é? Consegue. Era verdade que Irina não tinha soltado a camiseta dele das calças nem acariciado sua barriga lisa até os músculos do peito. Mas sentira vontade de fazê-lo, e agora não havia como impedir sua mente, sua mente ordinária e sem princípios, de compensar o tempo perdido. Ela não tinha aberto o cinto grosso de couro que ele usava, com a fivela pesada de peltre. Não tinha

desabotoado o botão da cintura nem descido o zíper, dente por dente, até seu nadir. Ramsey dissera “não podemos fazer isso”, desafiando o fato de que obviamente podiam, tanto que estavam fazendo. Em certos momentos, para ser mais exata, viera um “não deveríamos fazer isso”, ponto em que o acordo dos dois tinha se mantido vergonhosamente teórico. Mais tarde, em tom queixoso, houvera uma censura desamparada aos deuses, por terem feito o pobre homem se enamorar daquilo a que decididamente não podia resistir, mas com certeza deveria: “Mas *eu gosto* do Lawrence!” No entanto, apesar de firmemente afastado pelo cinto, pela fivela, pelo botão e pelo zíper, aquele bastão cativo que se encaixara certinho na base do quadril de Irina dera todas as indicações de que, se o espírito relutava, havia uma outra coisa que estava muito, muito disposta.

Apesar disso, ela não tinha transado com ele, tinha? Não transara com ele porque seria errado. Mas sentira vontade. Sentira vontade de transar. Sentira mais vontade de transar com ele do que com qualquer outro homem em sua vida.

Sentira vontade de transar com ele, e também não fora de “fazer amor”, sentira vontade de trepar com ele. E a única coisa que pôde fazer para não gritar isso bem alto foi cravar os dentes num pedaço da fronha. Estava morta de vontade de trepar com ele. Podia ver a trepada acontecendo. Quase podia senti-lo nesse momento. *Podia* senti-lo. Isso não era só uma das coisas que ela queria, era a única coisa que queria, trepar com ele. Era a única coisa que queria na droga do mundo inteiro, e que sempre quereria, não só uma vez, mas uma atrás da outra, trepar com ele. E sabia que faria qualquer coisa, abriria mão de tudo, seria capaz de se humilhar para trepar com ele, e se algum dia ele a rejeitasse, ela chegava a se ver implorando de joelhos, *implorando*, por favor...

— Uau! — exclamou Lawrence.

Irina estava coberta de suor, e levou um minuto para que sua respiração voltasse ao normal, e para que o cogumelo nuclear por

trás de seus olhos se dissipasse. Como homem atencioso, Lawrence costumava ser do estilo primeiro as damas, porém o entusiasmo de Irina o havia inflamado; ele também tinha acabado, em algum momento, e ela nem notara.

— Acho que você estava mesmo com saudade de mim — Lawrence comentou, dando-lhe um último apertão.

— Hmmm — fez ela.

O sono permaneceu distante, mesmo quando ele começou a roncar de leve.

Irina estava desconsolada. Lawrence não sabia e jamais deveria saber. Nem da noite anterior nem dessa noite. Mas ela continuou a se considerar responsável, e não só por sua perfídia na Victoria Park Road, mas pela infidelidade mais considerável de alguns minutos antes, em sua cabeça. Essa era toda a teoria da *bondade mental*, não era? Aquilo que, em qualquer Juízo Final digno desse nome, não confrontaria simplesmente a pessoa com aqueles a quem havia insultado ou com o que havia roubado, mas com todo o videoteipe rebobinado de sua cabecinha ordinária, do nascimento até o apagar das luzes. Antes dessa noite, Irina nunca se imaginara transando com outro homem — não com um homem real, um homem que eles conhecessem. Agora, não só tinha beijado outro homem, enquanto seu parceiro credulamente fiel estava fora, como havia transado com ele nessa noite. Besteira agarrar-se a uma literalidade barata. Ela havia chifrado Lawrence em sua própria cama.

Nada jamais voltaria a ser como antes. Como era patético que, no Omen, ela tivesse se preocupado com a ideia de “vandalizar” uma bandeja de luxo de *sashimi* com uma porção extra de olhete, mas tivesse ficado friamente alheia em destroçar nove anos de dedicação mútua numa única noite inconsequente. Com um só beijo, Irina jogara por terra a maior conquista de sua vida, espatifando-a em mil pedaços, como os incontáveis vasos e jarras de

cristal que havia derrubado de maneira estabanada quando menina. Aos quarenta e dois anos, ainda era desastrada, mas o era, pior do que isso, de forma brutal, propositada. Mas talvez houvesse justiça, afinal. Enquanto o parceiro dormia fielmente a seu lado, ela contemplou a sombra suave do rosto dele no travesseiro e se sentiu fria como uma pedra. Agindo como um macaco numa loja de porcelana durante o fim de semana inteiro, ela havia não só rompido o pacto entre os dois, mas partido seu próprio coração.

Uma mulher adulta deveria ser capaz de se conter. A maturidade tinha a ver com pensar bem nas coisas. Agora que ela dera um salto no escuro, estava tudo destruído. Ela *dera um beijo de despedida em sua vida*. No entanto, mesmo enquanto se açoitava por ser uma megera terrível, vazia e egoísta, indigna do amor duradouro de um homem inteligente e leal como Lawrence, Irina voltou a ser afligida por visões do cinto preto e da camisa de seda.

Durante quarenta e dois anos ela vivera com as consequências de tudo que já tinha feito. Aceitara o castigo por ter escondido as sapatilhas de balé da irmã, por pirraça, na véspera de um recital. Quando a Universidade de Columbia havia acrescentado acidentalmente um zero a mais a seu cheque de pagamento pelas aulas dadas a estudantes da graduação, e ela gastara o dinheiro, tinha devolvido até o último centavo quando eles constataram o erro, tomando um empréstimo do cartão de crédito, a juros de vinte por cento. Havia confrontado e superado os resultados desagradáveis de cada confiança traída, de cada observação ferina soltada sem pensar, de cada ilustração malfeita que fora irremediavelmente publicada, para o mundo inteiro ver. Com certeza, era bem pouco, só por esta vez, pedir para retroceder o relógio, não anos nem nada, não meses ou sequer semanas, mas apenas um dia. Eles tornariam a se inclinar juntos sobre a mesa de sinuca, a centímetros de distância, quando Ramsey lhe demonstrava

como preparar o taco. Mergulhando aos poucos num sono inquieto, Irina encarou a tentação, sorriu bravamente e se afastou.



NA OPINIÃO DE IRINA, essa era a mais subestimada das sinfonias: o tilintar das chaves, a raspada enérgica, o clique do trinco desengatando, o “abre-te Sésamo”.

O roçar macio do tapete na madeira. Absorta na leitura, ela havia baixado o volume de Shawn Colvin para ficar com os ouvidos mais atentos. Enroscada em sua poltrona, impaciente, mais de uma vez se animara com um alarme falso, ao ouvir vizinhos passarem pelo apartamento, pisando forte, e continuarem a subir.

Por fim, não houve como confundir a afirmação destemida de domínio, de acesso, de pertença na fechadura. Esses eram os não decantados momentos culminantes da vida doméstica: esses pulos pavlovianos do coração, numa noite comum, quando a pessoa amada entrava pela porta.

— Irina Galina!

Ainda no corredor, ele não viu o abrir-se rápido de seu sorriso, embora viessem outros. Só Lawrence era capaz de redimir um segundo nome que, de outra forma, seria um epíteto zombeteiro. Galina Ulanova tinha sido a primeira bailarina do Bolshoi na década de 1940, e os *pliés* curtos de Irina (antes de a mãe desistir dela por completo) tinham ficado conspicuamente aquém dos movimentos de sua xará. Ela sempre havia detestado esse nome, até Lawrence convertê-lo numa piada, primeiro, e depois, nem que fosse por ela o associar à voz do parceiro, em alegria.

— Lawrence Lawrensovitch! — exclamou Irina, completando um ritual de resposta que nunca ficava batido. Quanto ao patronímico sarcástico, o nome do pai dela também era Lawrence.

— Oi — disse ele, beijando-a de leve e fazendo um sinal com a cabeça para o estéreo. — A trilha sonora chorosa de sempre.

— Isso mesmo. Não faço outra coisa senão soluçar quando você está fora.

— O que está lendo?

— *Memórias de uma gueixa* — respondeu ela, com ar implicante. — Você o detestaria.

— Ah, é provável — retrucou Lawrence, com ar distraído, voltando para o corredor. — Que é que eu não detesto?

— Volte aqui!

— Eu só ia desfazer as malas.

— Que se danem as malas! — disse Irina. Enquanto Lawrence mantinha um vocabulário norte-americano de um modo militante, Irina, por uma questão de orgulho, apropriava-se caprichosamente do linguajar britânico, até mesmo, depois de sete anos em Londres, por uma questão de direito. — Você passou dez dias fora. Volte aqui e me beije direito!

Embora Lawrence tivesse obedecido, largado as malas e dado meia-volta para a sala, sua expressão, quando ela lhe pôs os braços em volta do pescoço, foi de perplexidade. Ele tentou um beijo de boca fechada, mas Irina não estava disposta a nada disso e lhe separou os lábios com a língua. Era tão raro eles se beijarem de verdade nos últimos anos que as línguas ficaram batendo uma na outra, tal como, aos dez anos, Irina esbarrava nos parceiros de balé em seus *pas de deux*.

Destreinado, ele recuou prematuramente, puxando um filete de cuspe entre os lábios — um romance nada cinematográfico. E olhou para ela, intrigado: — O que deu em você?

Irina preferiu não dizer. Não planejava dizê-lo, e não o disse.

— Você me chama de sua “mulher”. Bom, é isso que os maridos fazem quando chegam em casa. Eles beijam suas mulheres. Às vezes, até gostam.

— São quase onze horas — retrucou ele, voltando ao corredor para buscar a bagagem. — Achei que você queria assistir à *Late Review!*

Ele não era moleza.

Quando Lawrence se esparramou no sofá, depois de desfeitas as malas, Irina levou um momento estudando seu rosto. O sentimento que esse rosto induzia era de gratidão, nem que fosse por ela ter-se contido. Na noite anterior, Irina havia escapado por um triz, por tão pouco quanto jamais havia escapado, e lhe passou pela cabeça uma sombra fugaz daquela outra vida em que só poderia olhar para Lawrence com culpa e vergonha, e num desespero frenético de encobrir seus atos. A pureza contrastante seria ainda mais reanimadora se ela tivesse a intenção de lhe contar tudo, mas fazia tanto tempo que os dois vinham ignorando alguma coisa — era difícil identificar o quê — que deixar escapar que ela quase havia beijado Ramsey Acton na noite anterior, e depois mudado de ideia, seria perigoso, por mais que ela relatasse aquele momento com ironia. Relatá-lo com ironia implicaria uma distorção grosseira, de qualquer modo, e, a menos que Irina relatasse a crise como o Getsêmani que tinha sido, não faria sentido. Sendo totalmente verdadeira, ela o deixaria ansioso e criaria uma eterna desconfiança de Ramsey. Fora na amizade entre Lawrence e Ramsey, assim como na entre ela e Lawrence, que Irina tinha pensado, ao desejar feliz aniversário ao jogador de sinuca e pedir licença às pressas, em pânico, correndo para o banheiro.

Curiosamente, ao contemplar Lawrence, ela sentiu menos o reconhecimento de quando os dois se encontravam do que o mistério da eterna *não* familiaridade dele. Havia em Lawrence um ar constrangido que a fala bombástica disfarçava, e, na verdade, Irina nunca tinha certeza do que de fato se passava na cabeça dele.

Por mais marcantes que fossem os planos daquele rosto enérgico, eles eram como cenários teatrais que impediam a visão das

engrenagens por trás do palco. Irina chegou a pensar, hesitante: *Ele parece meio melancólico.*

Não havia dúvida de que Lawrence tinha um rosto bonito, ou, mais do que bonito, *fascinante*. Do tipo em que a pessoa podia mergulhar como em águas escuras e se perder. Ela se sentia privilegiada por poder estudá-lo e acompanhar as nuvens inexplicáveis que lhe cruzavam as feições, e depois se dissipavam com a mutabilidade do clima insular. Era estranho como, quanto mais se conhecia alguém, mais se percebia o *pouco* que se conhecia, o pouco que já se tinha conhecido — como se a intimidade progressiva não implicasse um tornar-se cada vez mais perceptivo e sim mais perfeitamente ignorante. Qualquer que fosse o grau em que Irina andara montando um retrato vívido da natureza de Lawrence Trainer, o refinamento dessa imagem só tinha a ver com a desconstrução. Mal ela desenhava tal ou qual qualidade, apagava-a, por ser ridiculamente inexata ou caricatural, em sua simplicidade ou exagero. Lawrence era de uma dedicação abnegada à parceira; em contrapartida, retinha alguma coisa, de um jeito decididamente egoísta. Ele era seguro de si; sei, e como é que ela podia engolir essa confiança superficial, quando era óbvio que o homem era dolorosamente inseguro? Ao mesmo tempo, Lawrence *era* gentil e *era* dedicado, e parte dessa segurança chegava a seu âmago. Se a imagem mental que Irina fazia dele fosse uma ilustração em sua prancheta de desenho, pareceria, depois de nove anos, um borrão confuso de traços apagados. Talvez, quando chegasse aos oitenta e cinco anos, ela se aproximasse do limite de não fazer absolutamente *a menor ideia* de quem era Lawrence, depois de ter organizado uma lista de “traços de caráter”, como se, juntos, os traços pudessem corresponder a um homem. Talvez atingir esse estado de bloqueio fosse uma conquista. Talvez conviver bem com uma pessoa fosse compreender não o quanto ela se parecia com a gente, mas o quanto não era a gente — e, assim, admitir, como tão raramente fazemos

uns com os outros, que o sujeito esparramado do outro lado, no sofá, estava de fato presente.

— O que você está olhando?

— Para você.

— Você já me viu antes.

— Às vezes me esqueço de como você é.

— Passei dez dias fora, não dez anos — disse Lawrence, dando uma espiada no relógio. Ainda não eram onze horas.

— Você não me perguntou como foi ontem, com o Ramsey.

— Ah, é. Esqueci.

Ela intuiu que Lawrence não havia esquecido.

— Foi muito mais agradável do que eu esperava.

— Vocês conversaram sobre sinuca? Pelo menos eu lhe ensinei o bastante para você não ficar em apuros.

— Não, quase não falamos de sinuca.

— Que desperdício! Quem mais você conhece que seja jogador profissional de sinuca? Podia pelo menos tê-lo feito abrir o jogo, dar o serviço de verdade, sobre Ronnie O'Sullivan.

— O Ramsey não é só jogador de sinuca. É uma pessoa — retrucou Irina.

Habilmente, escolheu *pessoa* em vez de *homem*. — Ele parece ficar mais à vontade com uma pessoa só.

Lawrence deu de ombros.

— Quem não fica?

— Uma porção de gente — disse ela. Percebeu que Lawrence estava enciumado. Mas teve vontade de rir. Lawrence estava com ciúme de *Ramsey*.

Sentia-se dono dele, e a noite de sua mulher com seu amigo jogador de sinuca era para ter sido desagradável. Irina recebera a missão de conservar por procuração a amizade entre Lawrence e Ramsey, mas deveria ter aprendido sua lição nesse processo: a de que ela e Ramsey eram como azeite e água, e de que ela era incapaz

de manter a conversa radiante sobre sinuca que só o Homem-anoraque sabia proporcionar. Ramsey também era para ter aprendido sua lição: a de que, embora Irina pudesse ser agradável de ver, as pernas bem torneadas não entendiam nada da fama de Stephen Hendry pelo domínio das caçapas laterais e, no final das contas, seu parceiro era muito mais divertido. Infelizmente, essas lições não tinham corrido como seu arquiteto as planejara.

É claro que a noite fora bastante incômoda, deixando-a nervosa e até abalada, mas também intrigada. O que *tinha sido* aquilo, o que havia acontecido?

De onde saíra aquela ânsia imprevidente de grudar a boca no homem errado?

Depois de Ramsey levá-la para casa — num trajeto percorrido em pétreo silêncio —, ela se trancara no apartamento, fechando o trinco de cima, prendendo a corrente e se encostando de costas na porta, com as mãos espalmadas nela, como se houvesse alguma coisa tentando entrar. Ainda com a respiração meio arfante, ela garantira a si mesma que a alta voltagem daquele salão de sinuca subterrâneo já devia estar se dissipando em eletricidade estática. Ao escovar os dentes antes de se deitar, tinha pensado no alívio de acordar prudentemente sozinha em sua cama quase conjugal na manhã seguinte, sem ter feito nada indecoroso, nada que ela precisasse esconder de Lawrence ou que ficasse tentada a divulgar numa precipitação confessional, depois da qual ele nunca mais confiaria inteiramente nela. Com certeza, depois que ela ficasse sóbria e descansada, seu impulso escandaloso, ao se inclinar sobre aquela sofisticada mesa profissional de sinuca, se reduziria a uma idiotice ébria e dopada, a mera travessura, a um enamoramento delirante que — Deus existia — ela tivera o bom senso, na última hora, de reprimir. À plena luz do dia, ela pensaria com clareza naquela noite estranha como uma prova de que devia ficar longe das drogas e beber com moderação, de que estava com saudade de

Lawrence e precisando transar. No café da manhã, como dissera a si mesma enquanto enxaguava a boca, ela sacudiria a cabeça com ar irônico e diria *quá-quá-quá*.

Nessa manhã, porém, ao tomar seu *cappuccino*, Irina havia considerado com assombro e respeito seu quase deslize. Este não tinha diminuído. Ao contrário, o que antes parecera um mero flerte divertido por parte de Ramsey, um flerte que poderia revelar-se embaraçoso ou inconveniente para Irina, só fizera aumentar ao ser abordado. A noite anterior tinha sido como tatear na neblina, esperando topar com um muro baixo de pedra, e, em vez disso, dar com o nariz numa pirâmide egípcia. Fosse o que fosse aquilo com que ela havia deparado por acaso, e inocentemente, na Victoria Park Road, e por maior que tivesse sido a sensatez com que dera meia-volta e marchara às cegas na direção oposta, foi algo enorme.

Em suma, toda uma outra vida se descortinara diante de seus olhos, e o fato de ter declinado de aproveitá-la não fizera com que conseguisse erradicar essa imagem.

Uma outra lembrança a tinha perseguido o dia inteiro. No fim da carona para casa, Ramsey tinha parado no acostamento em frente ao prédio. Deveria ter mantido o motor ligado, para indicar que, às três horas da manhã, não esperava ser convidado “para um café” (um convite noturno perigoso para qualquer mulher na Inglaterra, já que, para dar essa cantada britânica em código, não se precisava de leite nem açúcar). Em vez disso, ele havia desligado o motor e permanecido sentado pelo que parecera um tempo terrivelmente longo — embora não o fosse —, com as mãos descansando inertes no colo. Eram mãos primorosas, de dedos longos e sinuosos e metacarpos finos, mais apropriadas a um músico do que a um desportista. Mas tinham ficado sobre as coxas dele com uma inércia cadavérica, com o delicado pó do giz azul do taco entranhado nas cutículas, conferindo-lhes uma tonalidade vampiresca. Ramsey ficara olhando fixo pelo para-brisa, com o rosto

igualmente em repouso, quase vazio; era como se contemplasse uma lista de compras a fazer num supermercado Tesco 24 horas, a caminho de casa. Irina também não tinha feito nenhum movimento para sair do carro.

Mas não era essa a lembrança que havia persistido. Passado um instante, os dois tinham recobrado a animação e Ramsey descera do carro. Irina continuara sentada, ao perceber que ele preferiria dar a volta. Era um cavalheiro. Ele havia aberto a porta com a gravidade de um motorista que ajudasse pessoas enlutadas a descer de um carro funerário. Como sempre, sua mão tinha pairado junto às costas dela, na hora de Irina dar meio passo à frente. No entanto, ao procurar as chaves e se dirigir à porta, ela se voltara e o vira ainda parado na rua, como se dar o passo seguinte em direção ao meio-fio equivalesse a cruzar uma linha demarcada na areia. Como Ramsey se mantivera a três metros de distância, sem dar sinal de chegar mais perto, isso tinha resolvido qualquer questão embaraçosa a respeito de um beijinho de despedida no rosto.

Os dois blocos georgianos gêmeos em que Lawrence e Irina moravam eram prédios tombados e até para mudar a cor externa dos caixilhos das janelas, passando-a de preto para branco, a administradora tivera que pedir permissão ao Patrimônio Histórico Nacional. (Que dissera não.) O prédio era tão pristinamente preservado que costumava ser usado por produtoras como a Merchant-Ivory como pano de fundo para filmes históricos. Assim, enquanto os postes de iluminação normais de Londres, feitos de alumínio, brilhavam num rude tom laranja, o poste à esquerda de Ramsey era uma reprodução em ferro de um lampião a gás do século XIX. A lâmpada tinha o formato de uma chama e seu brilho era antigo. Emoldurado por essa luz teatral, dourado de um lado e com a outra metade na sombra, fora como se o próprio Ramsey encenasse um drama de época; sua verticalidade inflexível parecia uma postura de uma era passada. Alta, magra e de roupa escura, sua

figura evidenciava uma solenidade circunspecta que Irina havia associado não à revista *Snooker Scene*, mas a Thomas Hardy.

— Boa-noite — dissera ela. — Obrigada pelo jantar. Eu me diverti muito.

— Sim — ele tinha respondido. Pela falta de uso e pelo excesso de cigarros, sua voz soara seca. — Eu também. Obrigado por me fazer companhia. Boa-noite. — E continuara parado. — Eu diria “chegue bem em casa”, mas parece que você vai conseguir. — E surgira a centelha de um sorriso.

Irina deveria ter retribuído o sorriso e entrado. Mas não o tinha feito. Ficara olhando para ele. Imóvel junto ao meio-fio, Ramsey também a fitara. Ao contrário da pausa no carro, que na verdade só tinha durado um instante, essa suspensão havia persistido por uns bons quinze segundos — o que, quando já se disse “boa-noite”, tem o ar e o jeito de mais ou menos um ano e meio. Alguma coisa não dita se passara entre os dois e, se dependesse da vontade de Irina, permaneceria não dita. Ela se virara para a porta com a disposição resoluta de quem fecha a tampa de um pote de algo saboroso que não faz muito bem, como creme de limão em conserva, depois de provar meia colherada tentadora, e aperta a tampa com força, guarda o pote numa prateleira alta e fecha o armário.

Sem pensar, Irina deixou escapar para Lawrence: — Tenho uma confissão a fazer.

A expressão instantânea de cautela no rosto dele anunciou que Lawrence gostava que tudo corresse *bem, obrigado*, não estava interessado em “confissões” e talvez até quisesse, se necessário, que lhe mentissem. Ele podia parecer muito trabalhador, mas, em certos aspectos, era um homem preguiçoso.

— Quando terminamos o jantar... — prosseguiu Irina, na falta de qualquer incentivo. — Ah, e você teria detestado isso...

— Será que nós temos *alguma coisa* em comum?

Ela riu.

— Eu gosto de *Memórias de uma gueixa* e de *sushi*. Você, não. Enfim, ainda era cedo quando trouxeram a conta...

Não tinha sido nem de longe cedo. Ao diabo se Irina dava importância àquela compulsão de reexaminar detalhes colaterais irrelevantes, que nem tinham importância quando se estava remendando o *principal*.

— ... e, assim, o Ramsey perguntou se eu gostaria de ficar doidona e, sei lá, eu disse que sim, é claro.

— Você detesta ficar doidona!

— Eu calei a boca, como de hábito. Não gostaria de fazer isso com frequência. Mas não me incomodo, se for de vez em quando.

— Onde?

— Onde o quê?

— Onde você ficou doidona?

— Bem, não foi na rua, no Soho. Obviamente, voltamos para a Victoria Park Road. Eu já tinha ido lá muitas vezes, com a Jude.

— Eles se divorciaram.

— Por acaso eu sei disso.

— Então, você não voltou lá com a Jude.

— Ah, deixe para lá! Foram só dois tapinhas, depois ele jogou um milhão de partidas para se exercitar e me ignorou por completo, e aí me trouxe em casa. Só pensei que você acharia divertido. Na verdade, tinha certeza de que você diria que eu fui “infantil”.

— Você foi infantil.

— Obrigada. Isso foi muito gentil.

Ela gostaria de ter lhe contado outra coisa, é claro, mas, como na bandeja de luxo de *sashimi*, não havia substituições.

— Droga, não quero perder o começo — disse Lawrence, pegando o controle remoto.

— Ainda temos cinco minutos. Ah, e quase me esqueci! — exclamou Irina, levantando da poltrona num salto. — Fiz uma torta

para você! Quer uma fatia?

Creme de ruibarbo. Ficou fabulosa!

— Não sei — respondeu Lawrence, perscrutando-a com o mesmo intenso exame a que ela o havia submetido não muito antes.

— Fiz um lanche no avião...

— Aposto que você passou todas as horas de folga na academia do hotel. E nós estamos comemorando.

— Comemorando o quê?

— Você estar *de volta*, seu bobo!

Lawrence inclinou a cabeça.

— Que há com você hoje? Você está tão... efusiva. Tem certeza de que já passou o efeito da maconha?

— Que há de errado em ficar contente por você ter voltado?

— Há alegrias e alegrias. Está tarde. Você não costuma ter toda essa *energia*.

Não sei direito se consigo acompanhá-la.

— *Tih ustal?* — indagou ela, no tom menor de ternura que costumavam usar.

— É, estou exausto — disse Lawrence. Espremeu os olhos e indagou: — Você andou bebendo?

— Não, nem uma gota! — declarou Irina, magoada. — Mas, por falar em gotas, quer uma cerveja para acompanhar a torta?

— Seja o que for que você tomou, acho melhor eu também tomar um pouco.

Inspecionada em busca de sinais de embriaguez e enojada de si mesma por ter se encharcado na véspera, Irina serviu-se na cozinha de uma moderada meia taça de vinho branco. Pegou a torta, que depois de passar um dia inteiro esfriando estava bonita e firme, e cortou fatias de desenho perfeito, que poderiam ter-se juntado ao enganador conjunto de fotografias acima dos balcões das lanchonetes da Woolworth. Ela não deveria comer nada; estranhamente, passara a tarde inteira beliscando. Mas os inúmeros

pedaços de *cheddar* não tinham conseguido saciar um apetite voraz, de modo que, nessa noite, serviu-se de uma fatia grossa, cujo recheio a enrubescia num tom rosa carnudo e labial. Coroou-a com uma concha de sorvete de baunilha. Tomou o cuidado de cortar a fatia de Lawrence com mais modéstia, colocando apenas uma colherada de sorvete. Nenhum gesto seria realmente generoso se o fizesse sentir-se gordo.

— *Krasny!* — exclamou Lawrence, quando ela lhe entregou a torta e a cerveja.

— Isso é “vermelho”, seu *doorak* — disse Irina, em tom carinhoso. Ela sempre achava adorável a incompetência de Lawrence em russo. Talvez por ele ser tão brilhante em outras coisas e porque um calcanhar de aquiles era humanizador. Além disso, o péssimo ouvido dele para o russo era um nivelador útil. Se não fosse isso, talvez um Ph.D. a fizesse sentir-se burra, mas ele sempre se curvava humildemente ao domínio que Irina tinha da língua.

— “Linda” é *krasivy*. Praça Vermelha, *krasnaya ploshchad*, da?

— *Konyeshno, krasivy!* — disse Lawrence. Ele *sabia* que ela ficava encantada com seus erros, e esse era tão primário que, provavelmente, o cometera de propósito. — Como em *krasivy pirog* — e Irina fez um aceno apreciativo quando ele se lembrou da palavra correspondente a “torta” — ou em *moya krasivaya zhena*.

Lawrence podia não ter se casado oficialmente com ela, mas, sempre que usava a palavra *esposa* — que tinha um som mais meigo em russo —, Irina se refestelava com o prazer de ser reivindicada. Compreendia a superstição dele quanto à instituição do matrimônio. Às vezes, quando o sujeito se esforça demais para conseguir alguma coisa, acaba por esmagá-la. Mesmo assim, havia cenas em *ER* em que um homem exclamava, olhando para uma maca: “Essa é minha *esposa!*”, e os olhos de Irina ficavam rasos d’água. Essa palavra a atingia no fundo da alma. “Essa é minha *companheira!*” nunca a faria chorar.

Aninhada em sua poltrona, Irina espetou a primeira garfada de torta com a sensação de que tudo corria bem no mundo — ou em seu mundo, o único que importava nesse momento. O recheio cremoso tinha um equilíbrio perfeito entre o azedo e o doce, e fazia um contraponto satisfatório com a textura da crosta crocante em xadrez. A *Late Review* tinha acabado de exibir os créditos de abertura.

Nessa noite haveria Germaine Greer, uma mulher desenvolta que já tinha sido um arraso, mas que envelhecera honestamente e ainda exibia uma beleza clássica.

Ela era um animal raro — uma feminista com senso de humor, que fincava pé em suas convicções mas não era uma chata. Além disso, essa escritora de mais de cinquenta anos irradiava uma beleza compensatória de sabedoria e calor humano particulares. Germaine dava esperanças a Irina sobre seu próprio futuro e, de modo geral, insuflava o orgulho que ela sentia de seu gênero. A brisa que entrava pelas janelas abertas estava na temperatura ideal, e Irina pôde tirar momentaneamente da cabeça a última vez em que havia refletido sobre esse fulcro exato do nem quente nem frio demais. Ela não era uma vadia infiel.

Lawrence estava em casa e os dois eram felizes.

No entanto, sem saber ao certo quando nem por que, Irina havia guardado a ideia de que a felicidade, quase por definição, era um estado de que não se tinha consciência na hora. Habitar a própria satisfação era estar totalmente presente, sem um satélite orbital que fizesse leituras clínicas da situação do planeta.

Convencionalmente, tem-se consciência da felicidade no exato momento em que ela começa a escapar. Quando não é erroneamente usada para convencer a pessoa de alguma coisa — quando não é mentira —, a palavra “feliz” é uma classificação aplicada considerando o passado. É uma avaliação abrangente, um

rótulo que só se cola numa era de maneira decisiva depois que ela acaba.

Irina não queria ser mórbida nem diminuir seu prazer com a volta de Lawrence, com o comentário arguto de Germaine Greer sobre *Boogie Nights — Prazer sem Limites* e com o esplêndido creme de ruibarbo. Na verdade, ponderou que para haver uma parte tão grande do mundo agitada por guerras e animosidades devia haver um déficit internacional de homens irresistíveis, programas da BBC2 e tortas. No entanto, havia uma erva daninha nesse jardim, caso contrário, nenhuma de suas autocongratulações se faria sentir. Ela só fora alertada para sua felicidade por ter roçado de perto num futuro alternativo em que essa felicidade seria aniquilada.

De qualquer jeito, a encruzilhada da noite anterior tinha sido uma das mais *interessantes* a que ela havia chegado em muito tempo, e a única pessoa com quem realmente queria falar disso era Lawrence — a única com quem não podia fazê-lo. Essa proibição singular não parecia justa. Por outro lado, provavelmente era.

O temperamento do estilo não-crie-encencas era uma das coisas que ela e Lawrence, talvez de forma trágica, tinham em comum. Irina também não gostava de confissões — quer dizer, das de outras pessoas — e também queria que tudo corresse bem. Poder introduzir o assunto com a gravidade que ele merecia, dizendo “Quase beijei Ramsey ontem à noite; não beijei, mas tive muita vontade, e acho que deveríamos conversar sobre por que tive essa vontade”, sem que a casa viesse abaixo, exigiria dela um tipo de trabalho, nos nove anos anteriores, que ambos tinham evitado. Irina não havia preparado a cama dessa franqueza a ponto de poder deitar-se nela. Ou teria que se deitar nela, no outro sentido da expressão. O fato de eles não poderem se aninhar nesse momento, desligar a televisão e examinar com precisão o que tinha acontecido na noite anterior era uma perda lamentável. No mesmo instante,

pareceu haver uma ligação furtiva entre o fato de eles não poderem falar desse assunto e o fato de a coisa ter acontecido.

— Parece que vale a pena ver esse filme — comentou Lawrence —, embora você talvez não se interesse muito pelo tema.

— Por quê? Você me acha pudica?

— Não, mas pornografia não é a sua.

— *Prazer sem Limites* não me parece ser pornografia. Não se trata de *menção versus uso*.

Como falácia lógica, *menção versus uso* implicava fazer exatamente aquilo que se fingia evitar — por exemplo, afirmando “Eu *poderia* dizer que isso não é da sua conta” quando o que de fato se diz é “Isso não é da sua conta!”. Tal como aplicada a uma panóplia de “documentários” britânicos sobre a prostituição e os filmes pornográficos, todos pretensamente francos e puramente acadêmicos, a *menção versus uso* proporcionava uma fachada respeitável para o convite-padrão sensacionalista do cinema erótico, usando um estalido reprovador da língua em vez do risinho de mofa.

— Entra em cartaz na semana que vem. Vamos assistir... — disse Irina. E completou, num tom alegre, desligando a televisão: — E, então, fale-me da sua conferência.

Lawrence deu de ombros: — Foi basicamente um piquenique à custa do governo. Exceto pelo fato de eu ter conhecido Sarajevo, foi uma completa perda de tempo...

— É, você diz isso sobre todas as conferências. Mas sobre o que vocês falaram?

Ele fez uma expressão agradavelmente surpresa.

— Grande parte dessa história de “construção nacional” tem a ver com uma força para manutenção da ordem. Com saber se a gente inclui os babacas, ou ex-babacas, se é que isso existe, e corre o risco de lhes dar poder e armas, ou se a gente os exclui e corre o risco de eles continuarem a ter poder e armas, e ainda por cima criarem

encrenças. E, sabe, ver se é possível impor a democracia de fora para dentro, ou se ela só vinga quando é orgânica, de tal modo que, independentemente do tipo de Constituição que se enfie pela goela deles abaixo, no instante em que a gente vira as costas, todo mundo volta a ser o que era. Na Bósnia, é claro, existe a grande questão de saber, agora que a OTAN entrou na história, como fazer para nós sairmos. Quando se constroem instituições inteiramente calcadas no poder de uma força internacional, é meio como pôr a mesa e ver se dá para puxar a toalha debaixo sem quebrar nenhum prato.

Era frequente Irina se distrair quando Lawrence falava de relações internacionais — uma das coisas que ele dizia que “todos os casais faziam”, visto que era tentador sucumbir à impressão arriscada de que, não importava sobre o que o parceiro tagarelasse, o outro já sabia. Dessa vez, porém, ela havia prestado atenção, e fora recompensada. Ah, ela não dava muita bola para a Bósnia, um lodaçal que nunca tinha compreendido. Mas Lawrence era bom em matéria de ir direto ao ponto; no trabalho, a especialidade dele era justamente *o principal*.

— Foi uma boa imagem — comentou Irina.

— Obrigado — disse ele, com ar tímido. Ela devia elogiá-lo mais vezes.

Nada significava mais para Lawrence do que a menor gentileza dela, e isso não lhe custava nada.

— A *Bethany* estava lá?

Lawrence fez uma expressão de quem precisava vasculhar mentalmente a multidão, embora houvesse dito ao telefone que o público tinha sido pequeno.

— Hmm... estava.

— O que ela estava vestindo?

— Como é que eu vou me lembrar disso?

— Porque o meu palpite é que não era muita coisa.

— Suponho que ela estivesse *meio piranha*, nas suas palavras, como de hábito.

— Um dia eu faço você admitir que a acha atraente.

— Naaão — disse Lawrence, descartando a ideia. — Não vai acontecer. Ela é um pouco vulgar. Não faz meu tipo.

Também membro do instituto, Bethany Anders era uma vadiazinha bem-feita e dotada de cérebro. Miúda e quase sempre vestida de preto da cabeça aos pés, usava microssaias e botas de couro, meias estampadas e voluptuosos decotes drapeados; tinha um pendor para as blusas sem manga, que exibiam seus ombros bem torneados, mesmo no auge do inverno. Lawrence tinha razão ao dizer que seu rosto era um pouco vulgar; ela usava maquiagem em excesso e tinha lábios grossos que faziam muxoxos. Mas, embora essa variedade de felina circulasse pelas vielas da maioria das cidades grandes, elas não eram encontradas a três por dois no ramo dos institutos de estudos estratégicos, cujas frequentadoras tendiam a usar blusas estampadinhas feiasas, com jeito de camisas. E por isso, nos salões da Churchill House, Bethany se destacava. Em vez de bancar a fria e distante, mostrava-se ultra-amistosa com Irina, toda vez que as duas se cruzavam — muito mais irritante do que se fosse indiferente.

Era graças a *Bethany*, cujo nome Irina costumava pronunciar com um grifo contundente, que Lawrence vinha assumindo no instituto uma pasta de assuntos que ninguém mais queria. Antes um bastião do planejamento estratégico na Guerra Fria, a Blue Sky, depois da queda da Cortina de Ferro, ficara sobrecarregada de especialistas em assuntos russos. (Com a queda da União Soviética, Irina também havia experimentado uma baixa súbita de status.

Abruptamente incluída na diáspora de mais um monte de esterco inofensivo e economicamente arrasado, ela sentia falta de se sentir perigosa.) Querendo distinguir-se, Lawrence vinha queimando as pestanas em livros sobre a Indonésia, o País Basco, o

Nepal, a Colômbia, o Saara Ocidental, a região curda da Turquia e a Argélia. Depois de escrever longamente sobre a Irlanda do Norte (cujos políticos pálidos deviam ter pedido clamorosamente para ser entrevistados por uma raposa de saltos altos e finos), *Bethany* vinha ensinando os detalhes a Lawrence, já que, para todas as outras pessoas da Churchill House, numa época de grandioso otimismo clintoniano, o assunto favorito dela era enfadonho, moralmente óbvio e incrivelmente batido. Se Lawrence queria pesquisar um terrorismo barato e velho, que fizesse bom proveito.

Irina tinha lá suas dúvidas sobre a conveniência de Lawrence se encarregar de notícias velhas, e parte de sua resistência dizia respeito à tutela de *Bethany*. Mas, pelo menos, a “Dra. Rameira”, como Irina a havia apelidado (ou, na gíria norte-americana, “Dra. Vadia”), estimulava um ciúme eletivo que beirava a diversão. O estável Lawrence Trainer tinha tão pouca probabilidade de sair da linha quanto de sair porta afora num pijama de bolinhas, e Irina estava completamente segura.

— Acho que ela gosta de você — Irina implicou com ele.

— Conversa. Ela seria capaz de flertar com uma trava de porta.

Lawrence era presunçoso em termos intelectuais, mas humilde no plano sexual — era daí que vinha sua má postura crônica. Irina nunca conseguira enfiar-lhe na cabeça que *queria* que ele fosse atraente para outras mulheres, que achava essa perspectiva excitante. Se ele também sentia uma agitaçãozinha de vez em quando, era só uma questão de tesão, porque, com certeza, ela não era a única que...

— Vamos deitar — propôs ela, recolhendo os pratos de torta.

Lawrence apanhou as taças e tomou um último gole de vinho que sobrara na de Irina, num símbolo de renovada resignação.

— Mas eu ainda não vi seu novo trabalho!

— Ah, isso mesmo, e eu estava querendo mostrá-lo a você.

Para Irina, a maior satisfação de terminar um desenho era revelá-lo a Lawrence, e assim, depois de eles largarem os pratos, ela o conduziu a seu estúdio.

— Você está lembrado do projeto, não está? *Rubro de raiva*? É um garotinho que vive num mundo onde tudo é azul. Então conhece um viajante de outra terra, em que tudo e todos são vermelhos, e isso o deixa enlouquecido.

Naturalmente, no fim os dois ficam inteiramente encantados e aprendem a criar o roxo. É mais uma história previsível, mas é o paraíso dos ilustradores. Hoje de tarde eu entrei nos vermelhos.

— Nossa, esses azuis estão incríveis! Eles me lembram Picasso.

— Bem, eu não iria tão longe — disse Irina, sem jeito. — Mais foi um desafio conseguir todos esses matizes diferentes com lápis de cor. Hoje em dia, está na moda usar os mesmos materiais que as crianças: hidrocor, crayon... como se elas também pudessem desenhar isso.

— Acho que *não* — fez Lawrence. Ele admitia com entusiasmo não ter talento artístico, e sua admiração era autêntica.

— *Voilà!* — disse Irina, passando para o último desenho. — Vermelho.

— Uau!

Alguma coisa *tinha* acontecido naquela tarde. Talvez graças às emoções refreadas, por ela ter passado semanas fazendo desenhos azuis, a chegada do viajante escarlate havia liberado alguma coisa. Cercada de azul-anil, com um halo fino de cor-de-rosa luminoso, a figura alta e esguia era chocante. Quase assustadora.

— Você é genial — disse Lawrence, emocionado. — Gostaria que pudesse trabalhar com escritores que estivessem à sua altura.

— Bem, já carreguei o fardo de textos piores. Eu até que gostaria da ideia, se achasse que tinha mesmo a ver com a cor. Quando criança, eu ansiava por ver uma cor diferente, um tom

realmente novo, e não mais uma reelaboração das cores primárias. Infelizmente, tenho a incômoda sensação de que essa história foi financiada por causa das implicações *multiculturais*.

— Do tipo vamos todos trepar uns com os outros e gerar bebês roxos?

— Qualquer coisa assim.

— Este último — disse Lawrence, estudando o fruto de uma tarde incomumente febril; Irina se sentira possuída. — Ele dá uma sensação completamente diferente dos azuis. Tem até um traçado diferente, e o estilo é mais... — interrompeu-se. Estava longe de ser um crítico de arte. — mais amalucado. Será que isso cria algum problema? Não encaixa?

— Pode ser. Mas tenho que redesenhar os primeiros, em vez de jogar esse fora.

— Você é uma profissional e tanto, sabia? — disse Lawrence, despenteando-lhe o cabelo. — Eu nunca poderia fazer o que você faz.

— Bem, eu seria um fiasco em matéria de *construção nacional*, de modo que estamos empatados.

A mãe dela ficaria satisfeita: a sequência prefixada do recolhimento do casal ao quarto foi coreografada com a precisão de um balé. Mas o último passo de sua valsa para o sono pareceu meio bambo a Irina. Faltava um pouco de chá-chá-chá.

Remoendo a questão, ela arrumou o quarto. Sentira-se tão exausta ao chegar em casa na véspera que tinha atirado as roupas na cadeira. Elas estavam amarfanhadas e lhe despertaram um pouco de aversão. Com uma cheirada, Irina constatou que a saia azul-marinho fedia a fumaça dos cigarros Gauloise, e jogou-a no cesto de roupa suja. Quanto à blusa, aquele rasgadinho na gola não tinha conserto, e ela a jogou no lixo. Ficou aliviada ao tirar essas peças de sua frente, assim como seu banho matinal tinha sido prolongado pela ânsia de lavar algo mais do que a sujeira e fazê-lo escoar pelo ralo.

Os dois se despiram. Certo, olhar para o corpo nu um do outro já não inspirava uma lascívia selvagem, mas a descontração recíproca com a nudez tinha sua própria voluptuosidade. E foi por isso que pareceu especialmente estranho a Irina quando Lawrence se deitou e o coração dela bateu descompassado. Por que a proposta que ela vinha se preparando para fazer lhe parecia tão radical?

— Quer ler? — sugeriu Lawrence.

— N-não — respondeu Irina, a seu lado. — Acho que não.

— Está bem — fez ele, estendendo a mão para o abajur.

— Não... não apague a luz ainda.

— Está bem — concordou Lawrence, exibindo a mesma expressão perturbada de quando havia deparado com a insistência anterior em que a “beijasse direito”.

— Andei pensando... enquanto você estava fora... sei lá, só andei pensando em fazermos um pouquinho diferente.

— Fazermos...?

Irina já se sentia tola e desejou não ter dito nada.

— Você sabe... o sexo.

— O que há de errado com o modo como costumamos transar?

— Nada! Absolutamente nada. Eu adoro.

— Então, por que mudar? Não é gostoso?

— É ótimo! Ah, deixe para lá. Esqueça. Esqueça que eu disse alguma coisa.

— Bem, o que você queria fazer?

— Eu só estava pensando se, quem sabe, digamos, a gente pudesse experimentar... ficar de frente um para o outro, para variar.

A verdadeira intenção era poder fitá-lo bem nos olhos, mas agora Irina estava tão constrangida que desviava o olhar, e eles ainda nem estavam transando.

— Você quer dizer o quê: no estilo papai e mamãe? — indagou Lawrence, incrédulo.

— Se é assim que você quer chamar. Acho que sim.

A voz comumente rouca de Irina se tornara esganiçada.

— Mas você disse, faz séculos, que o estilo papai e mamãe era péssimo para as mulheres, que não funcionava, e que você achava que essa era uma das razões por que muitas mulheres paravam completamente de transar. Não há atrito no lugar certo, você disse. Lembra-se?

— Ele não, bem... não, ele não funciona sem uma ajudinha.

— É mais fácil eu lhe dar... uma *ajudinha*... você sabe, por trás.

— É verdade. Ora, vamos só... está tudo bem. Vamos só... do jeito que temos feito está ótimo.

— Mas há alguma coisa incomodando você? Sobre o nosso jeito de transar?

Era óbvio que alguma coisa a estava *incomodando*, como o fato de fazer pelo menos oito anos que não via o rosto de Lawrence quando os dois faziam amor, mas Irina não conseguiu dizê-lo em voz alta. Percebeu que o estava inquietando, e isso era a última coisa que pretendia. Queria fazê-lo sentir-se bem-vindo, acolhido e amado, e não subitamente preocupado com a ideia de que, durante todo aquele tempo, ela estivera insatisfeita com a vida sexual dos dois, mas ficara de bico calado. A coisa toda foi mal encaminhada e o tiro saindo loucamente pela culatra.

— Absolutamente nada — respondeu Irina, baixinho, beijando-o na testa e deitando sobre seu lado direito, para aninhar as costas no peito dele. — Eu estava com saudade, e você me dá uma sensação maravilhosa.

— ... Tudo bem se eu apagar a luz?

Aquela sensaçãozinha de desmoronamento no peito.

— É claro. Tudo bem. Apague a luz.

Nas mais sólidas relações, nem sempre é possível organizar em conjunto as epifanias. Dificilmente se poderia culpar Lawrence

por não ter sentido um desejo ardente de agarrar Bethany Anders na mesmíssima noite em que Irina se fixara na boca finamente articulada de Ramsey Acton, para que os dois pudessem fugir em pânico ao mesmo tempo e se atirar de cabeça nos braços um do outro.

Provavelmente, essa não era a melhor noite para criar caso na vida sexual, e qualquer aprimoramento do método comprovado que eles usavam poderia esperar por outra ocasião. Depois, aquilo era gostoso. Era, sim. Olhando para a parede. No escuro.

Uma coisa que recomendava O Manual era que, sem ter o rosto observado, a cabeça de Irina podia vagar mais prontamente por seus corredores mais vergonhosos. Ela não era impedida, na privacidade de sua mente, de pensar em obscenidades. No entanto, quando Lawrence estendeu a mão para roçar de leve os dedos entre suas pernas, a cabeça dela se manteve estática e se recusou a gerar uma imagenzinha moleca que fosse. Não pôde ir a parte alguma. Na verdade, Irina se visualizou num quarto pequeno e fechado, imóvel. Havia uma porta.

Uma porta que ela poderia abrir, se quisesse. Mas não era boa ideia. Cruzar essa porta era proibido. Batida em sua cara, a porta fez lembrar uma expressão que vinha ganhando tanta aceitação nos Estados Unidos que começava a se tornar uma praga: *Não entre nessa*. Com o correr do tempo, desamparadamente imobilizada no mesmo lugar desolado — tudo num opaco branco clínico, as paredes, o linóleo, como uma austera sala de espera coital em que nenhuma recepcionista jamais chamasse seu nome —, Irina começou a perceber que só atravessando aquele portal proibido ela conseguiria gozar.

Os serviços dedicados de Lawrence tinham-se prolongado por tanto tempo que Irina ficou sem graça. Tinha razoável certeza de que ele não se importava por lhe dar uma mãozinha, mas a coisa estava demorando demais, e ela detestava a ideia de que o processo

se tornasse maçante, caso em que ele poderia até perder a ereção. Sua inquietação com a possibilidade de que sua excitação se estivesse transformando num fardo para Lawrence não intensificou em nada o tesão.

Aquilo não estava funcionando. Era muito esquisito. Irina nunca tivera nenhum problema real com o parceiro, mas, por outro lado, também nunca tinha dito a si mesma que não podia pensar numa coisa em que quisesse pensar. O problema era aquela porta, a porta fechada, e, visto que ela se recusava a desafiar sua própria proibição e abri-la, não conseguiu conceber nenhum jeito de levar aquela prestimosa estimulação a uma conclusão graciosa, excetuado o fingimento.

Irina não exagerou. Não chegou a reprisar a cena do jantar de *Harry e Sally, Feitos um para o Outro*. Na verdade, com um gemido trêmulo e baixo, tentou deixar implícito que esse era um daqueles gozos mais silenciosos — e como era! Ela temeu ter minimizado a tal ponto a encenação que esta tivesse passado inteiramente despercebida a Lawrence, até que ele se mexeu mais algumas vezes e pulsou; devia ter sido tapeado, porque ele sempre a esperava.

Ter-se saído bem na encenação foi desanimador. Depois de tantos anos, Lawrence deveria saber a diferença. Agora, a fraude sexual tinha se somado à lista de outras mentirinhas, como dizer que ela se esquecera do aniversário de Ramsey, ou fingir que ainda era cedo quando trouxeram a conta no Omen. E ela havia estragado um histórico perfeito. Nunca mais poderia dizer a si mesma que tinha gozado todas as vezes que transara com Lawrence. Agora, sabia como se sentia um jogador de fliperama quando, em meio a uma sequência de vitórias sem precedentes, a bola caía abruptamente na máquina, *plim*.

A trapaça tinha sido insignificante. Se de fato ela havia passado uma nota falsa na cama, o valor fora baixo — no máximo, uma nota de cinco. Não havia dúvida de que algumas mulheres

passavam anos fingindo o clímax com seus parceiros; um orgasmo falso em nove anos não podia ter tanta importância.

Então, por que ela se sentia tão triste? Devia estar radiante. Lawrence estava em casa. Além disso, ela fora testada na noite anterior, e sua fidelidade não tinha falhado. Mas, ao mergulhar no sono, inquieta, Irina não soube com absoluta certeza se havia passado na prova ou se fora reprovada.

3



ABRINDO MÃO DOS MINUTINHOS adicionais, Irina foi a primeira a pular da cama na manhã seguinte. O estardalhaço dos motores e buzinas no trânsito engarrafado da rua Trinity a estava levando à loucura. O alívio de ficar sozinha, ao comprar o *Daily Telegraph* na rua, tinha sido breve demais. Enquanto ela moía o café e esperava a chaleira do leite apitar, a monotonia da rotina matinal dos dois foi exasperante. Por um momento, Irina não soube ao certo se devia reencher a chaleira com água mineral ou dar um tiro na cabeça. Pelo menos, enquanto tomava essas providências, não precisava olhar para Lawrence nem conversar com ele. Debruçada sobre o *Telegraph* à mesa da sala de jantar, ela tornou a ficar com os olhos vidrados; a excitação sexual a havia transformado numa analfabeta, da noite para o dia. Uma analfabeta que nunca comia, não conseguia trabalhar e dormia pouco; então, *o que é* que uma pessoa fazia quando ficava apaixonada?

Trepava. E essa era a única coisa que ela não podia fazer, recusava-se a fazer.

Até para uma idiota volúvel havia limites.

Lawrence, sempre o madrugador em ponto de bala, continuava a remanchar.

Aquela torrada estava levando uma eternidade. O café ia esfriando. Pelo amor de Deus, se ele queria ler *O fim do sistema previdenciário*, poderia concentrar-se melhor no escritório. Eram quase nove horas! Ao virar as páginas do jornal, Irina teve dificuldade de não batê-las com força. Quando o ponteiro dos

minutos de seu relógio passou do doze, o peito dela explodiu com uma fúria ridícula, ferina e flagrantemente injustificável. Afinal, Lawrence tinha o direito de se demorar alguns minutos com sua “mulher”, antes de marchar para um escritório onde batalhava por horas a fio, não é? Se algum dia ele se sentasse à mesa enfurecido com a mera presença de Irina, louco de desespero para tirá-la de seu próprio apartamento, ela morreria. Simplesmente morreria.

Mesmo assim, não conseguiu se conter.

— Depois de passar dez dias fora, imagino que você tenha uma pilha de trabalho acumulada na Blue Sky — disse. Talvez a opinião pudesse ter soado seminormal, não fosse o tremor de raiva em sua voz.

— Um pouco — ele admitiu. Desde a hora em que se levantara da cama, Irina vinha se convencendo de que Lawrence não a conhecia minimamente. Uma súbita vigilância sugeriu outra coisa.

— Estou pensando se quero comer outra torrada — considerou ele.

— Bem, então queira ou não queira! — Irina explodiu. — Coma ou não coma uma torrada, mas pare de enrolar e decida! É só uma *torrada*, pelo amor de Deus!

Abestalhado, ele recolheu os pratos: — Bom, então acho que não vou comer.

Irina se encolheu diante da expressão de mágoa de Lawrence, como quem se abaixasse para se esquivar de um bumerangue. Aparentemente, a crueldade desferida contra uma pessoa amada — que tinha sido amada até dois dias antes, ou que, pelo menos, não a merecia — tendia a revidar e atingir o sujeito como uma paulada na cabeça.

Lawrence *finalmente* pegou a maleta. Quando ele parou na soleira da porta, Irina encheu-se de remorso. Agora que ele ia mesmo sair, reteve-o à porta com uma conversa fiada inventada,

tentando ser calorosa, dar a impressão crível de uma companheira que passaria o dia inteiro sozinha e relutava em se despedir.

— Desculpe-me por ter sido ríspida com você. Estou ficando atrasada com as ilustrações do *Rubro de raiva* e ansiosa por começar a trabalhar.

— Não estou detendo você.

— Não, é claro que não. Sei lá, talvez eu esteja com tensão pré-menstrual.

— Não, não está — retrucou Lawrence. Ele sabia fazer contas.

— Peripré-menstrual, então. Seja como for, desculpe-me. Aquilo foi totalmente injustificado.

— É, foi.

— Não se prenda a isso, *por favor!* — exclamou Irina, apertando-lhe o braço.

— Sinto muito, muito, muito.

A fisionomia abalada de Lawrence desfez-se num sorriso. Ele a beijou na testa e disse que ligaria mais tarde. Estava tudo desculpado. Remendar a explosão tinha sido fácil demais. Irina não soube dizer se Lawrence tinha aceitado seu pedido de desculpas por confiar nela ou por temê-la.



NO COMEÇO, ELA FICOU longe do telefone, regozijando-se com a oportunidade de pensar com clareza, ou, se não com clareza, ao menos sozinha. Além disso, sempre havia a possibilidade de que Lawrence voltasse, por ter esquecido alguma coisa, e ela não queria ter que explicar com quem estava falando. Às nove e meia, sua escolha da hora foi infeliz, mas Irina não podia se incomodar com escrúpulos a respeito dos horários de notívago de Ramsey, quando sua vida inteira estava desmoronando, e a culpa era dele.

— Alô?

Irina deplorava as pessoas que atendiam o telefone sem se identificar.

— Oi — disse, timidamente.

O silêncio do outro lado pareceu interminável. Ah, meu Deus, talvez o que fora para ela uma viagem exótica num tapete mágico tivesse sido, para Ramsey, uma agarrção sem maiores consequências no carpete. Talvez ele fosse mesmo o mulherengo que as revistas diziam que era, e ela devesse desligar antes de fazer um papel de boba ainda maior do que já fizera.

Houve um suspiro de ímpeto oceânico: — Fico muito aliviado por escutar sua voz.

— Fiquei com medo de acordar você.

— Isso implicaria eu ter conseguido dormir.

— Mas você não tinha pregado o olho na noite anterior! Deve estar tendo alucinações.

— Desde que a deixei ir embora, sim. Andei preocupado, de verdade.

— *Eu* comecei a temer que... que não tivesse significado nada para você.

— Significa alguma coisa — disse ele, em tom pesado. — Significa uma titica.

— ... Não me parece uma *titica*.

— Isso é errado — Ramsey retrucou. O que devia ter se destinado a ser enfático soou como desamparo.

— É estranho. Não faz muito tempo, eu seria capaz de imaginar seu rosto com muita facilidade. Agora, não consigo me lembrar como você é.

— Eu me lembro do seu rosto. Mas há dois deles. Um Antes e um Depois.

No Depois, você parece outra pessoa. Mais bonita. Mais tridimensional. Mais complicada.

— É assim que eu tenho me sentido. Irreconhecível para mim mesma. Isto não é muito bom. Eu gostava de me olhar no espelho e ter uma ideia de quem me olhava do outro lado.

Apesar de sua honradez sexual nominal, eles já tinham desenvolvido os silêncios longos e densos dos amantes — aquelas pausas características cujo ar pesado e morto tem que carregar tudo que nada tem a ver com as palavras. Os amantes não se comunicam dentro das frases, mas entre elas. A paixão espreita nos interstícios. Está mais para o emboço do que para os tijolos.

— Você contou a ele?

— Prometi a você que não contaria.

— Eu sei, mas contou a ele, assim mesmo?

— Eu cumpro minha palavra.

A cada segundo desse telefonema Irina descumpria sua palavra. Como era confuso que sua promessa apressada a Ramsey já tivesse mais peso do que uma década de juras implícitas a Lawrence!

— Eu não posso... — fez Ramsey, mas parou, como um aluno que consultasse a cola. — Por causa da sinuca e tudo mais, talvez você tenha entendido mal. Mas não gosto de nada feito de qualquer maneira. Comigo é tudo ou nada.

— Então, e se fosse tudo?

— Você tem o Lawrence — disse ele, com voz pétrea. — Você é feliz, tem sua vida.

— Achei que tinha.

— Você tem que parar. Não sabia o que estava fazendo. Você tem coisas demais a perder — retrucou ele. As falas eram maçantes e vazias.

— Não posso parar. Alguma coisa se apossou de mim. Você viu *Ligações Perigosas*? John Malkovich fica repetindo para Glenn Close que “está além do meu controle”. Ele entra quase como um sonâmbulo num relacionamento catastrófico com Michelle Pfeiffer, feito um zumbi ou um viciado em drogas. *Está além do meu controle.*

Isso não é apenas uma desculpa. É só a verdade. Eu me sinto possuída.

Não consigo parar de pensar em você. Sempre fui uma pessoa prática, mas estou tendo visões. Gostaria de estar exagerando, ou sendo melodramática, mas não estou.

— Não vi o filme. Ele acaba bem?

— Não.

— Mas, com certeza, deve haver uma razão para você ter lembrado do filme.

Que acontece com a garota?

— Ela morre — admitiu Irina.

— E o cara?

— Morre — ela admitiu.

— Legal. Na vida real, querida, é mais complicado que isso, não é? Acho que é pior.

— No filme — disse Irina, lutando —, há uma certa... redenção letal.

— Fora do cinema, pode esquecer os violinos. Isso mata, sim, mas a gente continua lá, plantado. Fora da tela, o problema não é você não sobreviver, mas sobreviver. Todo mundo sobrevive. É isso que torna tudo uma desgraça do cacete.

Ramsey tinha uma veia filosófica.

A de Irina era obstinada.

— *Está além do meu controle.*

— Então, compete a mim — disse ele, com uma gentileza assustadora. — Tenho que acabar com isso por você.

Irina ficou contente por não ter tomado o café da manhã, porque, de repente, sentiu náusea.

— Não preciso que ninguém cuide dos meus interesses. O Lawrence vem fazendo isso há anos, e agora, olhe só. Não preciso que cuidem de mim.

— Ah, precisa, sim — sussurrou ele. — Todo mundo precisa.

— Você não pode me fazer parar. Nem tem esse direito.

— A responsabilidade é minha — retrucou ele, captando o tom robótico de Malkovich no filme que nem tinha visto. — Agora estou percebendo. Só eu posso acabar com isso.

As lágrimas de Irina foram envergonhadas e quentes. Aquilo era um roubo. O que ela havia descoberto naquele salão subterrâneo de sinuca lhe pertencia.

— Você disse... ontem... — E a referência temporal de Ramsey destoou. A despedida dos dois parecia ter ocorrido meses antes. — ... que eu despertei uma coisa em você. Talvez possa pegar o que encontrou em mim e levá-lo para o Lawrence. De presente.

— O que eu encontrei em você — retrucou Irina —, foi você. Você é o presente. Em todos os sentidos. Meu “despertar”, com nós três juntos na cama, talvez fique meio apertado.

— Ninguém falou nada sobre cama.

— Ninguém precisava.

— Não estamos fazendo isso.

— Não — concordou ela. — Pelo menos por enquanto, não o faremos.

— *Eu me recuso a ser o seu regra-três.*

— Também não quero uma aventura.

— Então, o que você quer?

Nesse instante, foi como se Irina fosse sequestrada num carro, com os olhos vendados, e largada num bairro de Londres que não reconhecesse. Como encontrar o caminho de casa? Era uma área interessante, pelo jeito, portanto, será que ela *queria* ir para casa? Tinha sido sequestrada. Agora, a síndrome de Estocolmo havia se instalado, e ela gostava de seu captor.

— Quero vê-lo o mais depressa possível.

Outro suspiro retumbante.

— Isso é inteligente?

— Não tem nada a ver com inteligência.

— Também estou doido para ver você — gemeu Ramsey.
— Eu poderia pegar o metrô. É Mile End, não é?
— Uma moça fina como você não tem nada que fazer no metrô. Eu passo aí.
— Você não pode vir aqui. Ontem. Também não devia ter vindo. Você é reconhecível demais, por causa da televisão.
— Está vendo como é? Um filme de terror! Já parece um caso, sem a parte boa.
— Qual é a alternativa?
— Você sabe qual é a alternativa.
— Isso não é opção. Tenho que ver você.
Era todo um lado novo dela, esse voluntarismo. Isso dava tonteira.
— Fica bem longe do metrô.
— Sou uma criatura robusta.
— Você é uma flor rara e delicada, a ser preservada dos olhares sórdidos e cobiçosos do submundo do East End — disse Ramsey, o que só era brincadeira em parte. — E o Lawrence?
— Está trabalhando. Ele liga para cá durante o dia, mas posso dizer que fui fazer compras.
— Mas não terá nada para mostrar.
— Uma caminhada, uma ida infrutífera à biblioteca, que tal? Posso pegar meus recados pelo controle remoto, na sua casa, e ligar para ele.
— Você não é muito boa nisso.
— Vou aceitar esse comentário como um elogio.
— Quase todos os sistemas telefônicos dos escritórios têm identificador de chamadas. O seu... — ele claramente ia dizendo *marido* — ... o Homem-anoraque tem boa memória para números. Como o do meu telefone. Preciso arranjar um celular para você.
— É uma bela oferta, mas Lawrence e eu já decidimos que eles são muito caros. Talvez ele o encontrasse. Eu teria uma

dificuldade terrível para explicar por que tenho um. Nossa, há mil maneiras de sermos descobertos, não é?

— É. Mesmo quando não há nada para descobrir.

— E o seu aniversário? Você chamaria aquilo de nada? Se eu fosse sua mulher?

— Você é minha — disse ele, baixinho. — Essa noite. Você dormiu com ele, não foi?

— É óbvio que *dormi* com ele. Dividimos a mesma cama.

— Não foi isso que eu quis dizer, e você sabe. Ele estava viajando. O sujeito viaja e, quando volta para casa, transa com a esposa. — E Ramsey usou a palavra.

— Então, está bem. Sim. Se eu não dormisse, ele saberia que havia alguma coisa.

— Não gosto disso. Não tenho o direito de dizê-lo, mas não gosto.

— Também não gostei — admitiu Irina. — Só consegui... chegar a algum lugar pensando em você. Mas foi uma sujeira imaginar outro homem.

— É melhor você estar nos braços dele pensando em mim do que o inverso, eu acho.

— Estar nos seus braços e pensar em você me atrai mais.

— Então, quando é que você pode trazer essa sua bunda lasciva para Mile End?

Provavelmente, era um padrão típico: passa-se a maior parte do telefonema falando que não se deve fazer isso e o finzinho discutindo os detalhes de como fazê-lo. Era bom sentir-se especial.



NO METRÔ, HAVIA GENTE a encarando. Homens e mulheres. Não eram a saia curta de brim nem a camisetinha amarela que os faziam virar a cabeça. Havia um jeito diferente em Irina. Talvez os outros passageiros não conseguissem identificá-lo em si, mas assim mesmo o reconheciam. As pessoas viviam tendo filhos,

viviam formando casais, mas aquele jeito devia ser raro. *O sexo era raro*. Ninguém seria capaz de dizer, pelos cartazes no alto daquele vagão — os seios nus que promoviam férias insulares, os sorrisos convidativos das pastas de dentes. Mas os anúncios tinham a intenção de atormentar os passageiros com o que eles estavam perdendo.

Essa não era uma viagem que Irina McGovern jamais tivesse esperado fazer.

Por mais firme que fosse sua resolução de manter fechado o zíper da saia, ela não se enganava. Estava pegando o trem para trair.

Sem nenhuma explicação pelo alto-falante, o trem diminuiu a marcha e parou.

Passar quinze minutos sentados sob quatrocentos metros de pedra era tão corriqueiro na Linha Norte, a pior da cidade, que nenhum dos passageiros se deu o trabalho de levantar os olhos de seus exemplares do *Daily Mail*. Em relação às excentricidades dos “serviços” do metrô, fazia muito que os passageiros assíduos haviam passado pelos estágios convencionais de consternação, desespero e sofrimento prolongado, e atingido uma imperturbável tranquilidade zen. A alternativa era interpretar as expressões de aceitação sem questionamento, por parte dos passageiros, como sofisticadas ou bovinas.

Mas o trem deu tempo para que Irina pensasse, literalmente. Primeiro tinha sido Ramsey, com sua insistência, e agora, esse vagão. *Você tem que parar*.

Sem ser chamada, uma lembrança de anos antes veio torturá-la, quando ela e Lawrence dividiam sua tradicional tigela de pipoca antes do jantar. Tendo se mudado recentemente para o apartamento do Borough, eles ainda não haviam adquirido o hábito de pegar punhados às cegas, em silêncio, diante do noticiário do Canal 4.

— É óbvio que não há garantias — meditara ela, procurando os grãos mais fofos. — Sobre nós. Inúmeros casais parecem ótimos, e

de repente, pimba, acabou-se. Mas, e se acontecesse alguma coisa conosco? Acho que eu perderia a confiança no projeto todo. Não é que venhamos necessariamente a conseguir.

Mas, se não acertarmos, é possível que ninguém consiga. Ou que eu não consiga; dá na mesma.

— É — concordara Lawrence, pegando os grãos mal cozidos que ela avisara que poderiam danificar suas pontes dentárias. — Sei que o pessoal diz isso, e aí, passados uns dois anos, fica entusiasmado para tentar de novo; mas, da minha parte? Para mim é isto aqui. Se desse errado conosco? Eu desistiria.

Tinha sido um sentimento mutuamente ardoroso. Para Irina, Lawrence sempre fora a prova suprema. Era inteligente, bonito e divertido; os dois combinavam. Tinham vencido os obstáculos principais — aquele primeiro ano tumultuado, o fracasso profissional de Lawrence antes de ele se firmar na Blue Sky, os vários projetos de ilustração de Irina que nunca eram vendidos e até a mudança conjunta para um país estrangeiro. As coisas deveriam estar ficando mais fáceis, não é? Com quase dez anos, deveria ser uma questão de ir levando.

Eles haviam elaborado as esquisitices, aplainado as fontes sérias de atrito, e sua relação deveria deslizar como um daqueles charmosos trens japoneses que rodavam sobre colchões de ar. Em vez disso, sem aviso prévio, eles haviam estancado com um tranco entre duas estações, olhando por janelas negras como piche. Da noite para o dia, seu relacionamento passara das ferrovias orientais de alta tecnologia para a Linha Norte.

Por que ninguém a avisara? Não se podia ir levando. Na verdade, seu próprio sentimento de segurança a colocara em perigo. Ao entrar naquele Jaguar, com um espírito de inocência despreocupada, ela não havia olhado para trás, e eram os desavisados que sofriam os assaltos. E era exatamente assim que Irina se sentia.

Assaltada. Espancada. Podia muito bem ter pegado aquele rolo de pastel na tarde de sábado e dado uma cacetada na cabeça.

Sem cerimônia, o trem estremeceu, avançou aos sacolejos e ganhou velocidade. A folga de Irina, o interlúdio gentilmente patrocinado pelo metrô para que ela refletisse melhor, chegou formalmente ao fim. Aqueles outros passageiros tinham lugares para ir, e não podiam esperar indefinidamente que uma mulher solitária e bem conservada de quarenta e poucos anos se controlasse.

Se Lawrence era mesmo o caso a ser tomado como precedente, e se, por conseguinte, chegar ao fim com ele era “perder a confiança em todo o projeto”, Irina não estava disparando por esse túnel em direção ao romance, mas ao ceticismo.



ERA REALMENTE UMA LÁSTIMA, pensou ela enquanto se apressava a sair, apreensiva, da estação Mile End do metrô na Grove Road, que a pessoa não pudesse apaixonar-se conforme sua vontade, porque o próprio esforço mantinha o sentimento afastado. E também não dava, se o vazio desconcertante da véspera na chegada de Lawrence podia servir como uma pista, para a pessoa se manter desse jeito por vontade própria. Muito menos era possível a pessoa dizer a si mesma para *não* se apaixonar, porque, até aquele momento, a parca resistência que ela erguera contra correr para Hackney nessa manhã só havia tornado a compulsão mais intensa. Por isso, o indivíduo era perpetuamente tiranizado por um sentimento que ia e vinha a seu bel-prazer, feito um gato passando por sua portinhola. Como seria mais agradável se o amor fosse uma coisa que a gente pudesse preparar com base numa receita confiável, ou escolher, por mais perverso que fosse isso, jogar ralo abaixo! Mas era inútil. A despeito da expressão popular, o amor não era algo que se fizesse. E também não se podia jogá-lo fora quando ele se manifestava, por ser inconveniente, ou até por ser perverso e destruir a vida da pessoa e, de passagem, a de outra também.

Mais até do que pelo beijo na mesa de sinuca — e, na verdade, as dezoito horas anteriores tinham constituído um longo beijo —, nesse dia Irina era atormentada pela lembrança daquele momento fatal em que Lawrence tinha entrado pela porta e ela não sentira nada. Essa desilusão tornava-se mais esmagadora a cada hora que passava. Irina não estava desiludida com Lawrence; não era como se, enfim, a venda lhe tivesse caído dos olhos e ela pudesse subitamente enxergá-lo como o homenzinho banal que ele sempre parecera para os outros. Ao contrário, com o giro da chave na porta de casa, todos os ossos românticos do corpo dela se haviam quebrado. Sua fidelidade e constância na relação com Lawrence formavam, desde longa data, a base da afeição que ela nutria por seu próprio caráter. Essa relação é que havia sido dilacerada. A transgressão do fim de semana violara os termos fundamentais do contrato que Irina mantinha consigo mesma e a fizera desiludir-se de si. Ela se sentia menor por isso, e mais frágil. Sentia-se comum e, talvez pela primeira vez, acreditou no mito antes absurdo de que, como todo mundo, ela também ia envelhecer e morrer.

Mesmo assim, à medida que foi avançando, surgiu um encantamento. O Victoria Park tinha um toque de conto de fadas, com seu café gracioso e antiquado em forma de pavilhão, com o telhado pontudo, seu divertido chafariz que borrifava água no meio do lago e os pássaros de pescoço comprido alçando voo. Crianças na margem davam tapinhas na água. A cada passo pelo parque, a fragilidade que fizera Irina cambalear pela Grove Road foi desaparecendo. Ela se sentiu jovem e ágil, a heroína de um livro de histórias inteiramente novo, cuja aventura estava apenas começando.

Além disso, à medida que se aproximou da esquina em que entraria na Victoria Park Road, algo de alarmante aconteceu com a paisagem.

Em 1919, no alto de Copps Hill, em Boston, um tanque de armazenagem de vinte e oito metros de largura, usado na produção

de rum, havia estourado e despejado quase dez milhões de litros de melado, que tinham inundado a região.

A onda de melado subira a quatro metros e meio de altura e atingira uma velocidade próxima de sessenta quilômetros por hora, afogando vinte e um bostonianos em sua esteira.

Exatamente do mesmo modo, uma onda de doçura envolvente se quebrou sobre o Victoria Park, onde os lótus reluziam com um brilho tão açucarado que por pouco Irina não se debruçou sobre eles para lambê-los. O lago escuro agitava-se deliciosamente, como um pote de melado de boca larga. O próprio ar se caramelizara, e respirar era como chupar balas. Sem sombra de dúvida, o recipiente que estava estourando e revestindo toda a vizinhança de xarope era aquela casa.

Ao subir os lúgubres degraus vitorianos de pedra, Irina sentiu uma pontada de apreensão. Desde sua apatia desalmada da véspera, na chegada de Lawrence, as afeições dela tinham se tornado oficialmente indignas de confiança. Afinal, agora ela era uma megera que gritava com assalariados esforçados por quererem uma torrada — uma harpia volúvel, que num momento se afeioava e no seguinte ficava fria. Ramsey parecera muito atraente no domingo, mas já era segunda-feira.

Não havia nenhuma certeza de que o rosto com que ela iria deparar para lá da soleira da porta viesse a fomentar nada senão outra indiferença bárbara.

Pelo menos nesse dia, porém, aparentemente não foi o que se deu. Aquele rosto: ele era *lindo*.

Deslizando os dedos longos e secos sobre a pele nua embaixo da camiseta curta de Irina, Ramsey os deixou escorregar até a parte posterior de sua cintura, sobre a qual, não fazia muito tempo, eles haviam pairado de forma tentadora, sem tocá-la. Irina soltou um gemidinho. O homem a arrebatou porta adentro.



FOI POR POUCO que Irina chegou em casa antes de Lawrence. A luz da secretária eletrônica estava piscando. Passando o pente pelo cabelo emaranhado, ela apertou a tecla *play*. “Por favor, desligue e refaça a ligação. Por favor, desligue e refaça a ligação” — agradável, mas insistente, a voz britânica feminina pronunciava o “refaça a ligação” de um jeito que rimava com “aflição”. Por alguma peculiaridade do sistema telefônico da Blue Sky, essa era a gravação que consumia todo o limite de trinta segundos do aparelho, sempre que Lawrence telefonava e não deixava recado. Ele parecia ter aceitado o conselho da mulher.

Enquanto o “Por favor, desligue e refaça a ligação” zumbia monotonamente, num cantarolar enlouquecido e ininterrupto, Irina contou: ele tinha telefonado cinco vezes.

Atrás dela, houve um barulho na fechadura, que a deixou com o coração na boca.

— Irina?

Fazia apenas um dia, mas Lawrence já tinha abandonado o acréscimo melodioso do segundo nome.

— Oi! — fez ele, largando a maleta no corredor. — Onde você esteve a tarde inteira?

— Ah! — atrapalhou-se ela —, saí para fazer umas coisas.

Errado. As pessoas que vivem juntas durante anos nunca “saem para fazer umas coisas”. Ela poderia ter dito que fora à Tesco, por haver pouco iogurte grego em casa, ou à loja de ferragens da Elephant & Castle, porque a lâmpada do abajur da mesa do estúdio havia queimado — era *isso* que a gente dizia ao homem com quem vivia. Pelo fato de Irina saber tudo sobre a natureza exigentemente particular dos relatórios domésticos, sua incapacidade de obedecer à forma deles equivalia a andar com um cartaz pendurado no pescoço, anunciando em letras garrafais: OLHE PARA O MEU CORAÇÃO TRAIÇOEIRO. Por outro lado, talvez ela invejasse muitos talentos — o de sua irmã para o balé, o de Lawrence para a

política —, mas talento para a dissimulação? Não *queria* ficar perita nisso.

— Pensei que você estivesse empolgada para aprontar uns trabalhos ainda hoje.

— Não sei. Não estava fluindo, sabe como é?

— Já que, de repente, você está tão cheia de segredos sobre os seus desenhos, não, eu não sei.

Hesitante, Irina o acompanhou à cozinha, onde ele passou creme de amendoim num biscoito. Seus gestos estavam inseguros. Aqueles cinco telefonemas sem resposta tinham ficado atravessados na garganta.

— Alguma novidade na Blue Sky?

— É quase certo que o cessar-fogo do IRA se restabeleça logo — disse Lawrence, num tom de quem cortasse o assunto. — Mas não é nada que lhe interesse... Para que você está usando essa roupa?

Irina cruzou os braços sobre a barriga à mostra, estilo que de repente lhe pareceu jovem demais.

— Me deu vontade. Comecei a me cansar de usar refugio o tempo todo.

— Os americanos dizem *porcaria* — rosnou ele.

— Sou meio russa.

— Não me venha bancar a autoridade. Você tem sotaque americano, passaporte americano e pai nascido em *Ohio*. Além disso, uma russa diria *khlam*, ou *moosr*. Não *refugo, da?*

Quando Lawrence já não estava tentando agradar, seu russo tinha uma melhora drástica.

— Que... — lá vinha outra expressão britânica, *que nariz torcido é esse?*, e ela só o deixaria mais irritado. — Por que você está de mau humor?

— Você me soltou os cachorros hoje de manhã porque estava toda aflita para começar a trabalhar. Liguei por volta das dez, o telefone estava ocupado, e às dez e meia você já estava zanzando por

aí. Ao que eu saiba, passou o dia inteiro na rua. Chegou a fazer alguma coisa? Duvido.

— Estou meio bloqueada.

— Você nunca foi dada à... *ao refugio* dessas frescuras artísticas. Uma profissional de verdade senta e faz o trabalho, *dando vontade* ou não. Pelo menos, é o que você costumava dizer.

— Bem. As pessoas mudam.

— É o que parece — disse Lawrence, examinando o rosto dela. — Você está de *batom*?

Irina quase nunca usava maquiagem, e passou a língua nos lábios.

— Não, é claro que não. Estava fazendo calor, você sabe. A pele está meio rachada, só isso.

Quando Lawrence saiu da cozinha, para ligar o noticiário do Canal 4, Irina correu ao banheiro para dar uma olhada no rosto. Seus lábios exibiam um vermelho-cereja machucado; o queixo estava rosa-esfolado. Ramsey precisava fazer a barba. Talvez ela estivesse com sorte. Lawrence não tinha reparado em seu queixo nem detectado o vinho branco em seu hálito. Eles haviam entornado duas garrafas de *sauvignon blanc*, enquanto Ramsey insistia em passar um vídeo cheio de chuviscos de uma famosa partida de sinuca de 1985 na tevê de tela plana do porão — o que não conseguira competir com o esporte no sofá. Apesar de Irina só ter conseguido dar uma mordida no salmão defumado e no caviar beluga, talvez o cheiro do peixe ainda persistisse, e ela havia filado mais de um Gauloise de Ramsey. Para não correr riscos, escovou os dentes. Não era seu costume escová-los às sete horas da noite, mas ela sempre poderia dizer que tinha arrotado por acidez estomacal, ou qualquer coisa assim. O desanimador era que, mesmo não querendo ficar perita nesse tipo de coisa, a pessoa ficava, de qualquer jeito.

Não era típico de Lawrence não sentir o cheiro do vinho. Ele tinha um nariz de perdigueiro. Isso significava que talvez também

tivesse notado o queixo e o leve aroma de peixe defumado. Na sala, a concentração dele em Jon Snow era exagerada.

— Eu trago a pipoca num minuto! — disse Irina da porta, em tom festivo. — E que tal uma massa no jantar? — perguntou. Tinha esquecido de degelar o frango.

— Tanto faz.

Uma outra reportagem sobre a doença da vaca louca não podia ser tão cativante assim. Fazia meses que o governo britânico vinha matando aqueles pobres animais às dezenas de milhares.

— Posso fazer daquela com pimentão seco e anchovas, que você adora!

— Sim, claro — disse Lawrence, olhando-a com um sorriso agradecido. — Seria ótimo. Faça bem picante. Para arrasar.

O macarrão era muito mais do que Irina precisava ter oferecido. Ele já estava aceitando migalhas.



OS LENÇÓIS ERAM SEDUTORES, mas sem Lawrence na cama ficar enroscada neles perdera a graça. O sonho que escapava à consciência tinha sido inquietante — alguma coisa sobre os Beatles no quarto dela, zombando de seus seios pequenos.

Às vezes, Lawrence a deixava continuar dormindo, mas sempre que Irina acordava e descobria que ele já fora trabalhar sentia-se tristonha e traída. Assim, levantou-se da cama. Apesar de eles não conversarem muito de manhã, fazer o café lado a lado, sem ter que falar, tinha seu próprio prazer, e era bom começar o dia como uma dupla.

Depois de uma saída às pressas para comprar o *Telegraph*, ela voltou bocejando para a cozinha, vestida com calças de pintor e uma blusinha abotoada solta e macia, e entrou na mecânica precisa da rotina matinal. Havia quem achasse entediante as repetições infinitas da vida doméstica. Para Irina, seus ritmos eram musicais; o grito do moedor era a fanfarra inaugural do dia. Ela acolhia de bom

grado um refrão que quase podia acompanhar cantarolando: o gorgolejar e engasgar do reservatório de água da máquina de café expresso, o rugir e estrangular do bico de vapor quando ela batia o leite até deixá-lo espumante. Se a duplicação das mesmas porções toda manhã conferia ao preparo do café uma monotonia inevitável, nem por isso Irina optaria por uma quantidade menor de leite, só por ser diferente fazer um café malfeito. Não havia nada de cansativo em ter determinado que, como Lawrence gostava da torrada mais escura, a posição ideal para regular a torradeira era a meio caminho entre o 3 e o 4. As propriedades da repetição, considerava Irina, eram complexas. Até certo ponto, a repetição era um amplificador que elevava o hábito à condição de ritual. Levada longe demais, podia tornar-se desgastante e reduzir o ritual ao insignificante e rotineiro. De modo similar, o quebrar das ondas, dependendo da maré, podia depositar areia na praia ou causar sua erosão.

Embora Irina não fosse avessa à variedade — ora o café vinha da Etiópia, ora do Uruguai —, em linhas gerais, a importância da variedade era superestimada. Ela preferia a variação dentro da mesmice. Se a pessoa ansiasse vorazmente por mudanças constantes, em pouco tempo ficaria sem ter o que beber no café da manhã. Ela dava certo valor às pessoas ávidas de sensações, que estavam decididas, como um antigo namorado costumava dizer, a “espremer a laranja” e arrancar de cada dia uma experiência nova. Mas por esse caminho se chegava ao esgotamento. Na verdade, existia apenas um número limitado de experiências — o que em si era uma descoberta deprimente — e, com certeza, o melhor era reproduzir as agradáveis com a máxima frequência possível.

Além disso, refletiu ela, batendo o leite com a colherada de leite maltado em pó Horlicks (para quebrar a acidez) que era sua marca registrada, a impressão de repetição “infinita” — de tomar café com torradas vez após *outra* e *mais outra* e *mais outra*, de forma

entorpecente, pela vida afora — era uma ilusão. Enfadar-se com a rotina é um luxo, e um luxo infalivelmente breve. Concede-se a cada indivíduo um número determinado de manhãs, e é recomendável que ele saboreie cada despertar que não seja prejudicado pela artrite nem pelo mal de Alzheimer.

Há um limite para o número de xícaras de café que se pode beber. Só é possível ler um número limitado de jornais, nem uma edição a mais. A gente exulta numa comunhão silenciosa com a alma gêmea, à mesa do jantar, por um número específico e quantificável de vezes — quem tiver essa inclinação pode contá-las — até o dia em que, pimba, por uma ou outra calamidade, pelo menos um dos dois deixa de estar presente. (Não fazia muito tempo, Irina tivera medo de um desentendimento que abalasse sua confiança no “projeto todo”, mas, ultimamente, essa angústia fora obscurecida pelo medo mais intenso de que Lawrence morresse. Assim, o sentimento crescente de segurança numa área gerava um sentimento acelerado de ameaça em outra, uma ameaça em que “o projeto todo” corria riscos num sentido mais absoluto.) Sempre que Irina lia em reportagens aquelas listas do número de refeições que a pessoa média totalizava ao longo da vida, de quantos anos passava dormindo, do número de vezes que ia ao banheiro, nunca ficava deslumbrada com todos aqueles dígitos, mas humilhada com sua insignificância e sua finitude. Segundo a média atuarial, esse era um de apenas setenta e oito verões que ela teria probabilidade de experimentar, e quarenta e dois já tinham ido embora. Era chocante.

— Fiquei fora toda a semana passada — disse Lawrence, entre uma mordida e outra na torrada. — O trabalho está realmente acumulado mesmo. Preciso dar uma apressada no ritmo.

— Não engula a comida! — ela o repreendeu. — E se você tomar o café depressa demais, vai queimar a garganta. Por que não relaxa um pouco, não lê umas páginas de *O fim do sistema previdenciário*?

— Eu me concentro melhor no escritório.

— Não quer outra torrada? É aquele pão divino do Mercado Borough, e ele não dura. Coma enquanto está fresco.

— Não — disse Lawrence, limpando as migalhas da boca. — Tenho que ir andando.

— Você viu esse artigo sobre a doença da vaca louca? — perguntou Irina, tentando descaradamente retê-lo em casa por mais alguns minutos, tal como um dia havia se enroscado no tornozelo do pai, quando ele tinha que ensinar diálogos de filme em mais uma gravação de seis semanas na Califórnia e tentava sair porta afora. — Agora que a carne moída baixou para quarenta e nove *pence* por libra as vendas começam a disparar. Você já *leu* como é essa doença de Creutzfeldt-Jacob? Mas ninguém se incomoda em arriscar uma morte sofrida e lenta, enquanto o cérebro vai virando esponja, se puder economizar uma ou duas libras esterlinas no jantar. Isso não faz o menor sentido! Por uma libra e trinta e nove, ninguém quer tocar na carne, porque ela pode matar, mas por 49 centavos não tem problema?

— Ótimo negócio! Que tal uns hambúrgueres logo mais?

— Nem pensar. Vamos comer frango.

Irina o acompanhou até a porta e conseguiu atrasar sua saída com mais um pouco de conversa fiada, até lhe dizer um relutante *do svidanya*.

Arrumou a cozinha e tirou o frango do freezer para degelar, lutando contra a desolação costumeira. Até a ausência normal de Lawrence nos dias úteis gerava um pouquinho de tristeza.

Depois de se acomodar no estúdio, ela teve dificuldade para se concentrar na ilustração seguinte de *Rubro de raiva*. O impulso de dar um telefonema era insistente. Uma simples ligação de cortesia, é claro. Era de bom-tom, quando alguém nos oferecia um jantar suntuoso, agradecer sua generosidade, não é? Ela poderia abreviar a conversa.

O número em seu caderno de telefones ainda estava no nome de Jude. A mão de Irina passou vários segundos descansando sobre o fone, enquanto o coração batia. Um *telefonema de cortesia*. Ela tirou o fone do gancho. Colocou-o de volta.

Tornou a pegá-lo.

— Alô?

Desligou prontamente. Ele parecia sonolento. Era cedo demais. E já lhe havia agradecido na noite de sábado, na porta. Que bobagem, acordá-lo à toa. E muito mais tolo era ela estar tremendo. Pelo menos, Ramsey não teria como saber quem havia ligado e desligado com tanta grosseria. Presumiria que tinha sido uma daquelas ofertas telefônicas geradas por computador, ou um engano.

No entanto, ao voltar para a prancheta de desenho, ocorreu a Irina, com o estômago embrulhando, que ele saberia. Saberia com absoluta certeza quem tinha telefonado, ouvido sua voz, sido tomada por um terror opaco e batido com o fone no gancho, como se ele mordesse. Em muitos aspectos, os dois eram quase estranhos, de modo que era desconcertante perceber que ele a conhecia tão bem.

A ilustração não ficou melhor do que antes. O que a havia iluminado ao desenhar a chegada do Viajante Escarlate, fosse lá o que fosse, estava fugindo do seu alcance. O esforço inspirado da véspera tinha sido o melhor do conjunto, até esse momento. Mas, não importava quantas vezes tentasse, ela não conseguia resgatar o estilo que Lawrence havia descrito como inusitadamente “amalucado”.

Se não pudesse introduzir o mesmo caráter frenético e energizado nas ilustrações que acompanhariam aquela, teria que jogar fora a “amalucada”. Ela não combinava com o resto. Destacava-se. A introdução inicial da cor vermelha tinha parecido alarmante, escandalosa, eletrizante. Mas em todos os esforços abortados desse dia, o vermelho parecera comum. Mesclado com os azuis, lado a lado, ele produzia o roxo, sim, mas o roxo também

parecia comum. Apesar de estar agora duplamente expandida, a paleta ainda dava uma sensação de aperto, e Irina ansiou por um Viajante Amarelo que a libertasse no espectro de cores. Anotou para a autora a ideia de que, para as crianças chegarem a uma compreensão mais plena da natureza das cores, faria sentido haver um Viajante Amarelo ali pelo final. Talvez ela pudesse deixar implícito, sub-repticiamente, que esse acréscimo faria sucesso entre os chineses.

Lawrence telefonou no início da tarde. Era comum ele ligar sem nenhuma razão especial, e quanto mais espúria era sua desculpa, mais ela ficava encantada.

— Ei, tentei ligar por volta das dez, mas estava ocupado. Falou com alguém interessante?

— Ah, você deve ter tentado falar comigo justamente na hora errada. Peguei o telefone para ligar para a Betsy, mas achei que era melhor não me distrair, e repus o fone no gancho.

Que mentirinha estranha! Ela poderia muito bem ter sido franca: havia telefonado para Ramsey, para agradecer pelo jantar, obviamente o acordara e, sem jeito, tinha simplesmente desligado, o que Lawrence consideraria tratar-se de sua costumeira falta de desenvoltura social. No entanto, nesse momento, Irina resistiu a suscitar o assunto Ramsey na conversa. Ramsey tinha se tornado...

particular. O que havia acontecido entre os dois no aniversário dele pertencia a Irina, e ela gostava de possuir uma coisa da qual Lawrence não fazia parte.

— E aí, como está indo?

— Péssima. Continuo rasgando tudo.

— Dê um tempo a si mesma! O desenho que você fez ontem estava sensacional. Talvez você deva tirar a tarde de folga, para variar. Dê uma volta, vá até a biblioteca. Dê um pulo naquela loja da Roman Road onde você achou todos aqueles temperos indianos baratos. E, já que vai passear, talvez você possa fumar um baseado

com o Ramsey e dar umas risadas com o vídeo que ele tem do jogo de Steve Davis com Dennis Taylor no campeonato de 1985.

Irina devia ter ficado de bico calado sobre aquele tapa.

— Muito engraçado.

— Bem, não estou brincando sobre o jogo. Um dia você deve assistir ao vídeo. É o jogo mais famoso da sinuca. Nunca lhe contei essa história?

Ah, provavelmente sim, mas, se contara, Irina não tinha ouvido. Não era comum que entre tantos casais as pessoas se tornassem surdas uma para a outra?

Já que ele obviamente gostaria de contar de novo a famosa disputa — mais uma vez —, Irina o encorajou.

— Foi no Campeonato Mundial, no Crucible. Dennis Taylor, aquele sujeito da Irlanda do Norte com cara de aloprado, com óculos de aro de tartaruga meio idiota, sabe qual é? Bom, ele tinha passado treze anos no circuito sem vencer um único campeonato. Por isso, era considerado um azarão ridículo contra Steve Davis. Que, como você sabe, era uma dádiva de Deus para a sinuca em 85. O campeão que imperava, tido como imbatível. A final estava fadada a ser uma lavada.

— E foi assim que começou, aliás — prosseguiu Lawrence. — Taylor perdeu por oito a zero na primeira sessão. Mas melhorou na segunda e quase igualou o placar, com nove a sete; e na terceira, também terminou só dois pontos atrás, com treze a onze. Mesmo assim, todos os comentaristas falavam de como era genial o panacão não entregar os pontos sem lutar. Como se isso fosse bonitinho, ou coisa parecida.

— Mas, na última sessão — ele concluiu —, Taylor empatou, dezessete a dezessete. Então, seria do primeiro que chegasse a dezoito, certo? Ou seja, o campeonato acaba se reduzindo não só à última partida, mas à *última bola*. A preta, é claro. Veio uma sequência incrível, na qual o Taylor errou uma tacada dupla, aí

Davis também meteu os pés pelas mãos, depois Taylor deu uma tacada longa e errou por um triz, achou que estava tudo perdido e voltou para a cadeira, arrasado, como se tivesse acabado de perder seu bicho de estimação. Mas estava difícil, e Davis também perdeu sua oportunidade, e deixou uma preta bem fácil.

Quando Taylor a matou e ganhou o título, o Crucible veio abaixo.

— Então, é uma história de Davi e Golias. *A pequena locomotiva.*

— Pois é. E a transmissão daquela última partida bateu um recorde na BBC.

Dezoito milhões de espectadores. A maior audiência que uma transmissão esportiva britânica já tinha alcançado. O Ramsey diz que aquilo é que eram bons tempos. Os jogadores de sinuca pareciam astros de cinema nos anos oitenta.

Levavam a vida do Riley, e também pintavam e bordavam, sem que acontecesse nada. Um bando de pilantras. O Ramsey diz que a nova safra de jogadores é chata demais e que foi por isso que a audiência caiu.

O Ramsey diz. Embora houvesse emprestado generosamente o homem por uma noite, Lawrence o queria *de volta*. Como Dennis Taylor, Irina não estava disposta a abrir mão de um troféu valioso sem uma boa briga.

— Ao contrário, *o Ramsey diz* que a nova safra de jogadores ficou *boa* demais, e que foi *por isso* que a audiência diminuiu.

— A ideia é a mesma — retrucou Lawrence. — *O Ramsey diz* que bom demais é chato demais.

Ambos entenderam que queriam dizer *bom* na sinuca e não bom como em virtuoso. Mesmo assim, quando terminaram o telefonema, foi ele quem desligou primeiro.



A IDEIA TODA DA FESTA de Ação de Graças nos Estados Unidos é muito louvável.

Mas não funciona. É quase impossível agradecer sinceramente as bênçãos recebidas, na última quinta-feira de novembro, simplesmente por se esperar que a pessoa o faça. É líquido e certo que essa ocasião será desperdiçada com a preocupação de saber se o peito do peru está ressecando, enquanto aqueles últimos pedacinhos na parte interna das coxas continuam a sangrar.

Mas a gratidão pode aparecer sem ser planejada. Quando Lawrence gritou “Irina Galina” à porta, naquela noite, e ela retribuiu do estúdio com “Lawrence Lawrensovitch!”, Irina sentiu-se grata. Quando ele lhe falou de seu dia, enquanto comia bolachas com creme de amendoim — seus contatos haviam feito circular um boato de que o cessar-fogo do IRA logo seria restabelecido —, podia ser que ela nunca tivesse entendido muito bem aquele estardalhaço no Ulster, nem sabido se os paramilitares de lá andavam mandando pau nas bombas contra a Grã-Bretanha nos últimos tempos, nem compreendido por que eles haviam de fazer uma coisa dessas, para começo de conversa, mas, ainda assim, sentira-se grata — grata por Lawrence ter um trabalho que o fascinava, quer a fascinasse ou não. Por ele se importar em lhe participar o que tinha feito de dia e respeitar sua opinião. Pelo fato de que, se Irina lhe pedisse, ele lhe explicaria pacientemente os detalhes complexos da Irlanda do Norte, com a minúcia que ela quisesse. Por ele não se ofender com o fato de, só essa noite, ela dar uma escapada da exegese.

Quando os dois se acomodaram diante do noticiário do Canal 4, Irina sentiu-se grata por não ser pecuarista e não ter que ver seu rebanho virar fumaça. Embora, verdade seja dita, estivesse ficando cansada da história da doença da vaca louca, em geral os noticiários ingleses eram superiores a seus equivalentes norte-

americanos — mais sérios, com mais profundidade —, e por isso ela também se sentia grata.

Ao preparar a tradicional pipoca de antes do jantar, Irina agradeceu por outra rotina de variação perfeitamente equilibrada dentro da mesmice. Ela havia descoberto a proporção exata de óleo e grãos que maximizava o pipocamento e minimizava a gordura; depois de experimentar uma multiplicidade de marcas de milho, sempre comprava o Dunn's River, o que tinha menos probabilidade de vir ressecado. Uma prateleira de sua estante de condimentos era dedicada a um número tão grande de temperos típicos — da Louisiana, *cajun*, e *creole* e *fajita mix*, do México —, que Irina podia servir uma tigela com um tempero diferente todos os dias do mês. Nessa noite, escolheu pimentado-reino, queijo parmesão e alho em pó, uma combinação favorita, e quando os dois dizimaram a porção, ela ficou feliz por um aperitivo que a pessoa podia devorar sem ficar empanturrada.

Pegando as sobrinhas de queijo no fundo da tigela com a ponta do dedo umedecido, Irina considerou que ambos estavam em perfeitas condições de saúde e que, às vezes, o bem-estar físico podia transformar-se, passando de intervalo entre doenças a um prazer consciente. Já entrando na meia-idade, os dois continuavam a formar um belo casal; Irina sobrevivera a um surto de bolo de chocolate e *cappuccino* e, mesmo assim, não estava gorda. Nenhuma pessoa que lhe fosse próxima tinha morrido em data recente. Lawrence, que resmungava sobre quando acabaria aquele segmento prolongado sobre a doença da vaca louca, estava conspicuamente vivo. O jantar — o frango passara a tarde inteira marinando num incrível molho de pimenta indonésio — seria um arraso.

Não havia nada errado. Acima de tudo, o ar entre eles estava límpido. Irina podia ter silenciado sobre um ou dois momentos puramente íntimos com Ramsey Acton no fim de semana, mas, nessa tarde, permitira a si mesma esconder o jogo dessas cartas sem maior

significação. Se a tentação inquietante de sábado à noite havia causado um tremor nesse apartamento, a terra voltara a se acalmar. Por certo não era ingênuo acreditar que nem ela nem Lawrence estavam escondendo grandes segredos um do outro. Lawrence não vinha desbaratando em sigilo as economias do casal em corridas de cavalos — quando dizia que ia à academia na hora do almoço, era para lá que ele ia — nem andava fazendo de conta que ia ao escritório todos os dias, quando, na verdade, fora posto no olho da rua meses antes. Podia ser que Irina fumasse um ou outro cigarro escondido, mas não vivia se enchendo de anfetaminas enquanto Lawrence trabalhava na Blue Sky. Não tinha desenvolvido um hábito matinal furtivo de tomar xerez nem uma dependência oculta de Valium. Lawrence não tinha outra família inteira em Roma, a qual visitasse enquanto fingia comparecer a uma conferência em Sarajevo. Portanto, embora fosse possível que um entregador de pizza apertasse o botão errado, não era provável que, nessa noite, a campainha do apartamento fosse tocada por um adolescente emburrado de quem Lawrence não tivesse admitido ser pai, anos antes, e que agora quisesse dinheiro. Irina não ficou matutando, ao longo do noticiário, sobre como dar a Lawrence a notícia de que sua mãe egoísta já não podia arcar com o sustento de sua casa em Brighton Beach e, por causa disso, ia mudar-se para o quarto de hóspedes deles na semana seguinte. Lawrence não ficou matutando, ao longo do noticiário, sobre como dar a Irina a notícia de que, depois de todos esses anos, havia chegado à conclusão de que era gay. E, na noite de sábado, Irina não tinha beijado outro homem, enquanto Lawrence estava fora.

Há anos em que o dia de ação de graças chega em letras minúsculas, em julho.

4



EM MAIS UMA TARDE INCÔMODA de agosto, Irina folheou as ilustrações de *Rubro de raiva* até a chegada inflamada do Viajante Escarlata, segurou os cantos das folhas e as arrancou do bloco de desenho. Sem se permitir reconsiderar, rasgou todas ao meio no mesmo instante, amassou os desenhos azuis sem inspiração e os jogou no lixo. Só os novos tinham vida. Só as novas ilustrações eram toleráveis para ela: as que eram visitadas por uma figura alta e apavorante de outro mundo, cujos matizes crus e excêntricos aturdiriam qualquer mendigo visual criado no espectro estreito e confinante do azul-marinho para o cerúleo. Como é que ela havia aguentado desenhar aquelas nove primeiras imagens corriqueiras sem o vermelho? Mesmo assim, tornaria a desenhar as azuis. Redesenhadas, elas pulsariam de carência, anseio e privação, com toda a melancolia e sofrimento que davam ao “*blues*” suas conotações afetivas e musicais.

Embora ela dissesse a si mesma que estava apenas sendo profissional, esse descarte impaciente foi perturbador. O que mais, antes tão valorizado, e em que ela tivesse esbanjado um cuidado meticuloso, poderia Irina rasgar de repente e jogar no lixo, por ser “corriqueiro” e “sem inspiração”?

Nesse ínterim, enquanto ela se tornava mais hábil em inventar desculpas para o motivo de não estar em casa quando Lawrence telefonava, ele parou de solicitá-las. No fim do mês, quando de novo ela mal conseguiu chegar antes dele ao apartamento, nenhum “Por favor, desligue e refaça a ligação” a

esperava na secretária eletrônica. Se ela não estava em casa, Lawrence não queria saber, e talvez também não quisesse saber por quê.

A companhia dele lhe parecia insuportável.

Sempre meio exagerada, a dependência que os dois tinham da televisão tornou-se excessiva. Noite após noite eles se acomodavam num estupor em seus lugares pré-designados, ambos felizes por aquele objeto miraculoso — que facilitava a passagem de horas a fio numa mesma sala sem dizer palavra e, ao mesmo tempo, configurava esse comportamento antissocial e catatônico como perfeitamente normal. Nervoso ante a perspectiva de deparar com um buraco tão negro na programação que eles fossem obrigados a desligar o aparelho — digamos, uma confluência mortífera de *Os Vídeos Policiais mais Loucos do Mundo*, *O*

Mundo da Jardinagem e *Restaurando a Casa* —, Lawrence passou a voltar do trabalho todos os dias com um filme em vídeo.

Irina não conseguia acompanhar as guinadas mais elementares nas tramas dos filmes que ele alugava. As visões que haviam começado naquela primeira noite fantasmagórica de domingo só tinham feito multiplicar-se, proporcionando uma dramaticidade muito mais paralisante do que qualquer coisa que Lawrence desencavasse na Blockbuster. E, decididamente, era de visões que se tratava, em contraste com fantasias. Irina não parecia inventá-las como um fabulista, mas ficar sujeita a elas, como Alex em *Laranja Mecânica*, com os braços atados e as pálpebras abertas e pinçadas. Irina duvidava que conseguisse detê-las, se tentasse. Mas, por outro lado... não tentava.

Há uma batida na porta. É tarde da noite. Eles não esperavam visitas. Irina perde as forças. Sente-se oprimida pelo conhecimento antecipado de quem está ali e do que o visitante exigirá dela. Desabada na poltrona, demora a se levantar. Acompanha Lawrence pelo corredor. No patamar encontra-se Ramsey Acton, ereto como um poste e totalmente

imóvel. Na vida real, ele nunca andaria com seu bem mais precioso fora do estojo, mas, nessa peça solene de paixão, está segurando seu taco, com o cabo fincado no linóleo como um mastro. Vestido de preto, parece saído do Velho Testamento, um dos profetas. Seus olhos azul-acinzentados são torturantes. Não pousam sobre Lawrence, mas fitam Irina diretamente, por cima do ombro dele. A recusa de Ramsey em reconhecer a presença do parceiro dela não parece grosseira. Por implicação — seja qual for o motivo de seu estranho aparecimento à porta do casal, numa cidade em que as pessoas não costumam visitar umas às outras sem antes se anunciar, muito menos naquele horário —, aquilo não tem nada a ver com Lawrence. Os olhos de Ramsey e Irina se encontram. São inflexíveis. Ninguém diz uma palavra. Ramsey não precisa.

Isso é uma convocação. Se Irina não a atender, ele não voltará.

O ar da noite londrina está mais fresco, é fim de verão. Irina apanha o casaco no cabide do corredor. Acompanhando o olhar de Ramsey, Lawrence se vira e a vê pegando o agasalho.

Parece perplexo. Faz mais de um ano que não via Ramsey Acton. Não compreende por que o homem havia de aparecer assim, sem aviso prévio. Mas é tarde demais para explicações. Irina lamenta. Para ela, estranhamente, isso também não tem nada a ver com Lawrence. Ela pega a bolsa no cabide. É a única coisa que leva. É tudo que jamais levará. É muito provável que nunca mais volte a esse apartamento adorável.

Ela roça em Lawrence ao passar por ele e se coloca ao lado de Ramsey, cuja mão seca e fresca envolve-a pela cintura. Por fim, Ramsey encara Lawrence. Esse único olhar transmite tudo. Durante todas as semanas anteriores, Irina estivera petrificada ante a perspectiva de fazer Lawrence sentar-se, numa noite qualquer, e lhe revelar de chofre o que ele mais temia ouvir. Essa cena banal já não seria necessária. Lawrence sabe. Fica zozzo por saber demais, depressa demais. Não há como impedir sua tonteira. Ele terá todo o tempo do mundo para recobrar o senso de orientação — para entender dolorosamente, aos bocadinhos, por que Irina fora ríspida com ele, por uma questão insignificante como uma torrada.

Ramsey joga o taco para cima, e o apanha no ar, equilibrando-o, alegremente. De cajado bíblico o taco transformou-se num utensílio mais jocoso, como a bengala de um sapateado executado por Fred Astaire. Graciosamente, Ramsey afasta Irina da porta.

E eles descem a escada.

A outra visão recorrente era mais estranha, porque nunca ia a parte alguma.

Ficava apenas imóvel.

Ramsey e Lawrence estão sentados à mesa de jantar no Borough. É a mesma mesa em que eles consolidaram a decisão do casal, no ano anterior — a decisão de Lawrence, na verdade —, de que, embora o quarteto formado com Jude e seu marido já não existisse, Ramsey não seria alijado da amizade dos dois. Que coisa pungente: fora apenas graças à insistência de Lawrence que Ramsey tinha sido resgatado do ostracismo social. Irina o teria deixado desaparecer por completo de suas relações. Como se soubesse, e como se viesse fugindo da tentação, açoitando com firmeza o objeto de seu desejo inconsciente para uma jangadinha e deixando-a descer correnteza abaixo. Como se Lawrence também soubesse, e tivesse corrido para resgatar a jangada de Ramsey das águas revoltas, de presente para Irina — como se Lawrence servisse de café para sua própria ex-mulher.

Mulher . Esta palavra é o centro da miragem, como um buquê sobre a mesa.

Lawrence e Ramsey sentam-se defronte um do outro, como dois pugilistas. Na fantasia da batida na porta, Lawrence parecia irrelevante. Nesta, é Irina que não se integra.

Fica de pé, exilada no corredor. A questão é exclusivamente entre os dois homens.

Embora a ambientação da cena seja civilizada — a mesa de jantar é uma antiguidade vitoriana, as cortinas feitas à mão são discretas e estão fechadas —, a sensação é de Velho Oeste, de Sem Lei, Sem Alma. Poderia muito bem haver uma luva na mesa e um par de pistolas.

A expressão de Lawrence é tolerante. Não importa do que se trate, ele ouvirá Ramsey. A expressão de Ramsey é simples, franca.

Ramsey diz a Lawrence: — Estou apaixonado por sua mulher.

Esta única frase, é ela a visão. Não formula perguntas nem fornece soluções.

Meramente expõe uma situação. A cena para nesse ponto, porque não há para onde possa ir. Se o confronto prosseguisse — Lawrence poderia dizer “Ora, que azar”, e Ramsey responderia prontamente “Azar de quem?” —, persistiria o impasse perfeito.

No entanto, a própria pequena Irina “se integra”. Irina, e somente Irina, detém o poder de levar esse encontro para além do confronto, de fazer a trama avançar.

Esse segundo cenário, em especial, era tão banal que deveria embaraçá-la.

Mas ela não ficava embaraçada. Aquilo era interessante demais. *Estou apaixonado por sua mulher.* Irina não era mulher de Lawrence. Mas a palavra surgia em sua imaginação porque era verdade. Ditasse a lei o que ditasse, Irina era mulher de Lawrence.



NOS DIAS EM QUE ERA capaz de se concentrar em mais do que na sua própria aflição, Irina havia compreendido a que se referiam, abundantemente, os dramas e filmes de suspense do tipo com que Lawrence alimentava seu voraz videocassete. *Grosso modo*, os filmes colocavam os protagonistas em dilemas morais, ou testavam sua coragem com provações a ferro e fogo. Mas poucos membros da plateia chegam a enfrentar os dilemas cinematográficos na vida real.

A maioria das pessoas não tem que descobrir como denunciar conspirações do governo sem se deixar matar. A maioria das pessoas não tem o compromisso de levar um tiro do assassino para proteger o presidente. A Segunda Guerra Mundial já acabou, e

a mãe-padrão do Ocidente provavelmente não tem que escolher entre a vida de dois filhos num campo de concentração.

Por outro lado, há um campo em que, mais cedo ou mais tarde, praticamente todo mundo recebe um papel de protagonista — como herói, heroína ou vilão. O desempenho nessa arena é um teste tão feroz de caráter quanto sentir-se tentado a vender segredos nucleares a Pequim. Ao contrário das implicações leves dos dilemas cotidianos, enfrentados pelo cidadão médio em outras áreas da vida — como saber se é preciso declarar ao imposto de renda a receita recebida em espécie —, os riscos corridos nesse campo não poderiam ser mais altos. Porque o provável é que, em algum momento do percurso, você fique com o coração de outra pessoa nas mãos. Sua maneira de lidar com esse órgão frágil, que pulsa ou se convulsiona conforme seus caprichos, dará sua medida exata.

Irina gostava de pensar em si mesma como uma pessoa decente. Mas, nessa que era a mais reveladora das esferas, ela se tornara indecorosa da noite para o dia. Embora talvez preferisse encarar sua infidelidade como “atípica”, nunca chega a ser convincente dizer que não se é o tipo de pessoa que faz exatamente o que se está fazendo. Portanto, suas tardes furtivas com Ramsey Acton eram necessariamente *típicas*. Aliás, à parte a irrupção de doenças degenerativas do cérebro como as variantes da doença de Creutzfeldt-Jacob, talvez não exista esse negócio de ter comportamentos “atípicos”. Quando o que você faz não se coaduna com quem você pensa que é, com certeza deve haver algo errado (e provavelmente otimista) a respeito de quem você pensa ser. Como Irina não tinha consumido uma quantidade suficiente de carne inglesa para culpar a doença da vaca louca, ela não era, por conseguinte, “uma pessoa decente”, e sim uma vadia fingida e traiçoeira cujos afetos eram superficiais, cuja palavra, implícita ou não, não valia nada, e que estava firmemente decidida a degradar os melhores componentes de sua vida e dela mesma.

No entanto, toda vez que seus olhos deparavam com o rosto de Ramsey — que tinha um jeito encantador de mudar de idade, dependendo da incidência da luz, e que, no decorrer de cinco minutos, podia saltar da inconsequência adolescente para a gravidade da meia-idade, e depois para a resignação fatalista do velho, a tal ponto que muitas vezes ela tinha a impressão de estar na presença de um homem inteiro, do berço à sepultura —, Irina se sentia *bem*, e não era só aquele sentir-se bem indulgente e mesquinho de quando se come chocolate.

Quando Ramsey a tocava — e nem precisava envolver seus seios nus na concha das mãos, ou deslizar os dedos por baixo de sua saia; bastava que lhe segurasse a mão, ou apoiasse a testa na têmpora dela —, Irina vivenciava o sentimento de revelação de que os físicos deviam desfrutar quando acreditavam ter finalmente estruturado aquela esquiva teoria de tudo, localizada no prion ou no quark que liga toda a matéria. No momento, era impossível conceber esse sentimento como mau. Nos braços de Ramsey, a atração que ela sentia por esse admirável jogador de sinuca (logo isso!) não só parecia “boa” e a fazia “sentir-se bem”, como parecia ser uma atração *pelo Bem* — por um absoluto que fazia com que toda a vida valesse a pena e cuja rejeição seria moralmente repreensível e desumana. Só ao voltar para o apartamento do Borough e deparar com um homem que não lhe dera nada senão generosidade, e que não merecia ser recompensado por sua dedicação com frieza e perfídia, é que Irina se sentia suja.



NA MANHÃ DE 31 de agosto, Irina deu outra corridinha entorpecida à banca de jornais para comprar o *Sunday Telegraph*. No caminho, deu uma bronca em si mesma por imputar um tumulto interno a pessoas estranhas, pois os outros pedestres tinham um ar universalmente abalado. Ela se permitiu uma certa irritação por ter que zigzaguear entre tantos molengões, que circulavam pelas

calçadas num estupor narcotizado. E o mais bizarro era que, no jornaleiro, os fregueses murmuravam entre si, como se todas as regras da vida urbana tivessem sido suspensas nesse dia.

As manchetes alarmantes eram inconclusivas e as fotos ocupavam a maior parte das primeiras páginas.

De cenho franzido, Irina voltou depressa para seu prédio, onde encontrou a moça do apartamento do térreo sentada num degrau baixo, com a cabeça entre as mãos. Nunca soubera o nome dela, mas também não era lá tão dedicada assim à gélida etiqueta da vida urbana, nem ficara tão insensível em seu recente egocentrismo que pudesse seguir seu caminho alegremente, contornando uma moradora do mesmo edifício que se debulhava em lágrimas.

Irina pôs a mão de leve no ombro da moça: — Você está bem? Precisa de ajuda? O que foi?

Mais uma vez, com o protocolo londrino tão drasticamente revisado que era como se Westminster tivesse promulgado um decreto, a moça não deu uma mera fungada, dizendo que estava tudo bem, obrigada, mas começou a falar pelos cotovelos:

— O meu namorado não entende! Está furioso comigo! Diz que eu não chorei assim nem quando a mãe dele morreu. Mas é que eu não consigo *acreditar!*

Estou arrasada! É muito *triste!*

Timidamente, Irina desdobrou o jornal que tinha na mão e que havia dobrado menos pela facilidade de segurá-lo do que por respeito.

— Desculpe, eu acabei de acordar, e os jornais só...

Desamparada, dessa vez a moça só conseguiu balançar a cabeça.

— Am-ambos. Todos os dois.

Essa guinada do destino não ficava propriamente no mesmo plano do colapso da União Soviética, mas, na Grã-Bretanha, chegava perto.

— Isso é absolutamente incrível — comentou. Fechando a porta, ela abraçou a manchete junto ao peito. — Diana!

— Que foi que essa vaca fez agora? — indagou Lawrence. Irina sabia que ele desandaria numa de suas imitações cruéis. — *Oh! — fez ele em falsete, baixando a cabeça e pestanejando —, eu adoraria ajudar os desvalidos, mas acabei de comer cinco potes de bolinhas de marshmallow e tenho que vomitar! Enquanto eu enfio a mão inteira na garganta, será que você pode dizer àquelas pessoas gentis que não era celulite nas minhas coxas? É só que eu havia sentado numa colcha de chenile! Depois, será que posso contar aquela história de quando o Charles disse “Seja lá o que for o amor”? Porque, com tantos vestidos que eu uso uma vez só, é importante fazer os plebeus continuarem a sentir pena de mim!*

— Já acabou?

— Estou só começando!

— É que ela está morta — anunciou Irina.

— Nem vem!

— Ela e o Dodi Fayed estavam sendo perseguidos por fotógrafos e bateram num túnel em Paris — continuou Irina, dando a notícia com rancor triunfal. Não era sempre que conseguia deixar Lawrence sem fala (tudo que ele conseguiu dizer foi “Uau! Que estranho.”), e vê-lo embaraçado foi uma satisfação. — Portanto, da próxima vez que você começar a dizer alguma coisa perversa sobre uma pessoa a quem praticamente não conhece, talvez queira parar para pensar que, um dia desses, pode descobrir que ela morreu, e pense em como você se sentiria.

No luto nacional das semanas seguintes, Irina tomou como uma coisa pessoal a morte impactante da “princesa do povo”. Em termos narrativos, a história de Diana tinha cambaleado entre um gênero e outro. Tal como o romance antes encantado de Irina com Lawrence Trainer, um conto de fadas havia degenerado em novela barata e se precipitara na tragédia.



— VOCÊ DISSE QUE TINHA uma coisa sobre a qual precisava falar comigo, e é melhor que não seja outra choradeira infantil sobre a princesa Di — e a taça de *merlot* bateu na mesa, junto ao *zinfandel* de Irina. — Para você me arrastar até esta lonjura do East End, não espero nada menos do que um escândalo.

Para algumas pessoas, guardar segredos é revigorante, mas, para Irina, eles eram material inflamável; em setembro, ela estava prestes a explodir. Na falta de um terapeuta, a segunda melhor opção era Betsy Philpot, que não tinha papas na língua. As duas haviam combinado encontrar-se no Best of India, pouco mais do que uma birosca distante na Roman Road. Betsy e Leo moravam em Ealing, bem para o oeste, e ela havia resistido a atravessar toda a cidade de Londres, quando havia cinco restaurantes indianos em seu próprio bairro. Mas Irina insistira em que o Best of India servia pratos típicos por um preço razoável; não tinha licença para vender bebidas alcoólicas, mas não cobrava imposto pelas garrafas levadas pelos fregueses. Como executivo da Universal — recém-adquirida pela Seagram's —, Leo havia acabado de aceitar uma redução salarial para permanecer na empresa. Contente por economizar umas libras no vinho, Betsy havia cedido.

Além disso, como a maioria das pessoas que são uma companhia excelente, Betsy era fofoqueira, e teria ido ao encontro de Irina na Sibéria, se ela tivesse “uma coisa para falar”.

Com a prestimosidade convencional dos garçons indianos (um disfarce precário do desdém), o asiático abriu a garrafa do *zinfandel* californiano e depois, com um floreio, entregara seus *paparis*, aquelas deliciosas folhas de massa fina e seca, acompanhados pela bandeja de condimentos. Irina tomou nota mentalmente da decisão de evitar o molho de cebola crua.

— Bem, desembuche — disse Betsy. — A vida é curta, e a noite é mais curta ainda.

Irina hesitou. Obviamente, era perigoso abrir o jogo com qualquer um que também tivesse amizade com Lawrence. Mas divulgar a história para o mundo também equivalia a abrir mão da propriedade exclusiva. Quando a gente deixa outras pessoas se meterem na nossa vida, permite que elas emitam opiniões desdenhosas; é o mesmo que entregar aos convidados aquela adorada miniatura original de Monet para eles usarem como descanso do café. E, no instante em que ela abrisse a boca, suas transgressões passariam a ser de conhecimento geral.

Qualquer recuo futuro deixaria um rastro de sujeira.

— Você não vai aprovar — disse Irina.

— Eu sou o juiz e o júri?

— Às vezes você é moralista.

Embora fizesse anos que Betsy não era editora de Irina, ainda restava um vestígio de hierarquia. Betsy nunca teria o menor medo da opinião de Irina a seu respeito.

— Desculpe, eu não me dei conta de que isto seria uma crítica ao meu caráter.

— E não é — disse Irina, bebendo um gole de vinho. — Sinto muito, eu não devia começar por me defender de todas as coisas maldosas que você vai dizer, quando ainda nem as disse.

— Meu palpite é que você é que vem dizendo coisas maldosas sobre si mesma.

— Tem razão, coisas vis — ela concordou, bebendo outro gole. — Enfim, alguns meses atrás, em julho, aconteceu... uma coisa comigo.

— Sabe quando você vai à academia e tem que fazer os abdominais, e sai para buscar água e tornar a amarrar o tênis? O adiamento nunca torna a coisa mais fácil.

Quebrando um *papari*, Irina não conseguiu encarar Betsy.

— Conheci uma pessoa. Ou melhor, fazia anos que nos conhecíamos, mas eu só o *conheci-conheci* nessa noite — disse. Não

importava como a contasse, a história soava vulgar. — Parece que me apaixonei por ele.

— Pensei que você já *estivesse* apaixonada — retrucou Betsy, com ar severo.

O simpático casamento dela tinha a dinâmica de uma parceria empresarial e, em mais de uma ocasião, Betsy havia expressado uma inveja melancólica da união de Irina, visivelmente mais calorosa.

— Eu também achava — disse Irina, desolada. — E agora, assim, de estalo, não sinto nada por Lawrence, ou nada além de pena. E me sinto um monstro.

— Desde quando você *fuma*? — questionou Betsy. As amigas inglesas de Irina teriam filado um cigarro, mas Betsy era uma conterrânea ianque, e daria na mesma se tivesse posto na mesa um papelote de pó branco, uma seringa usada e uma colher, em vez de pegar o maço de Gauloise.

— É só de vez em quando — respondeu Irina. Tentou afastar a fumaça do rosto de Betsy, mas o sistema de circulação a soprou de volta. — Não conte a Lawrence. Ele teria um ataque.

— Aposto que ele sabe.

— Eu faço toda aquela história de disfarçar o hálito com hortelã, mas é, é provável.

— Ah, ele *decididamente* sabe dos cigarros. Mas você tem problemas maiores.

Eu quis dizer que aposto que ele sabe que você está tendo um caso.

Irina levantou os olhos bruscamente.

— Não estou.

Betsy a examinou com ar cético.

— Isso é uma paixão platônica? Vocês vão a museus e atingem êxtases olhando para um quadro?

— Eu nunca soube ao certo o que significa “platônico”, exatamente. Nós, hmm... está certo, é físico. Mas nós não, hmm, concluímos o negócio. Achei que isso era importante.

Ela não tinha a menor certeza de que isso fosse importante. A continência tem seu erotismo próprio, e fazia semanas que a agonia de se abster da finalização sexual havia adquirido uma doçura que beirava o êxtase. Se isso era fidelidade, que diabo era traição?

— A questão da trepada anda tão ruim assim com o Lawrence? Entrou em declínio?

— *Ruim?* Nunca foi ruim com Lawrence. É provável, ou pelo menos era, até recentemente, nós transarmos três ou quatro vezes por semana. Mas é uma coisa estranhamente impessoal.

— *Três ou quatro vezes por semana*, e você está reclamando? Leo e eu transamos mais ou menos com a mesma frequência com que viramos o colchão.

— Nunca sei o que se passa na cabeça dele.

— Por que não pergunta?

— Tenho muito medo de que ele pergunte o que se passa na minha.

— E que é...?

O garçom chegou e Irina enrubesceu. Com certeza, o asiático presumiu que aquelas piranhas ocidentais promíscuas conduziam rotineiramente justo esse tipo de conversinha sórdida, enquanto comiam *paparis*.

— Eu penso numa outra pessoa — resmungou ela, depois que o garçom anotou os pedidos e se afastou. — Começou como um último recurso, mas agora é um mau hábito arraigado. Se eu não evocar mentalmente determinada outra pessoa, não consigo... concluir os trabalhos.

— Essa *outra pessoa*. O que ela faz na vida?

— Se eu lhe disser, você saberá quem é.

— Você está planejando passar por um *korma* de carneiro, um *vindaloo* de frango e um acompanhamento de espinafre e grão-de-bico sem me dizer o nome do cara?

Irina mexeu o *chutney* de coentro com uma lasquinha de *papari*.

— Você vai achar que eu estou biruta.

— Você está projetando de novo. *Você* é que se acha maluca.

— Não é tanta loucura assim. À primeira vista, também não há razão para uma ilustradora de livros infantis ter muita coisa em comum com um pesquisador de um centro de estudos estratégicos.

— Mas, por quê? Esse sujeito é um jardineiro proletário, ou coisa parecida?

— Ele *gostaria* de ser proletário. Mas tem muito dinheiro.

— Olhe, não estou aqui para ficar brincando de jogo da verdade.

Irina balançou a cabeça.

— Se um dia nós abrirmos o jogo, Jude, com certeza, vai achar que estávamos tendo um caso pelas costas dela quando os dois ainda eram casados. E não estávamos.

— O *Ramsey Acton*? — indagou Betsy, incrédula. — Uma coisa eu reconheço: ele é bem-apanhado.

— Antes eu nem tinha notado que ele era bonito, ou só notara num plano abstrato.

— Este país inteiro nota que o seu namorado é bonito desde a década de 1970.

Chegou a comida, e Irina se serviu de uma porção minúscula de cada iguaria, e todas ficaram boiando em desagradáveis poças de azeite vermelho em seu prato.

— Sabe, você emagreceu — comentou Betsy. A observação veio com um toque de ressentimento. Betsy, como dizem, tinha *ossos grandes*, embora fosse bonita e Irina nunca tivesse descoberto um

jeito de lhe dizer isso. — Por enquanto, está tudo bem, você está um avião, para ser franca. Mas não exagere.

Se emagrecer mais, vai parecer um cão sem dono.

— Não estou de dieta. É que não consigo comer.

— Você está na dieta do *amoor*. Equivale a perder cinco quilos. Mas não se preocupe, você recupera tudo no final.

— Quem disse que vai haver um final?

— Irina, seja realista. Você não vai fugir com o Ramsey Acton. A Jude cometeu esse erro; aprenda com ela. Tire-o da cabeça. Aliás, se é que está me dizendo a verdade, talvez deva resolver logo essa história e transar com o sacana.

Pare de transformar isso num bicho de sete cabeças e descubra, mais uma vez, que trepar é trepar. Nessa matéria, a maioria dos homens é substituível. E, depois, acerte as coisas com o Lawrence. Quanto a lhe contar tudo e fazer um grande drama, ou enfiar isso embaixo do tapete, como faria uma adulta, a escolha é sua. Mas o *Ramsey* não é uma perspectiva a longo prazo.

— Por quê?

— Para começar? Pense no que você disse sobre o dinheiro. Certo, o Ramsey ganhou muito. Mas, de acordo com a Jude, vem tudo muito fácil. E você conhece o corolário. Ela mal pôde acreditar em como era pouco o que havia para surrupiar quando eles se divorciaram.

— Ela ficou com uma casa na Espanha!

— De *milhões*? Não sei quanto você entende de sinuca, mas essa rapaziada se enche de grana a rodo quando está por cima. E por que não sobra mais? Não estou falando só de finanças, mas de temperamento. Você anda todo esse longo trajeto até a Roman Road para poder trazer sua própria garrafa de vinho. Você é econômica. O Ramsey? Ele não é econômico.

— Talvez me fizesse bem aprender a esbanjar um pouquinho. Já me fez bem.

— Algum dia você conversou com a Jude sobre como era viver com um jogador de sinuca?

— Um pouco — respondeu Irina, na defensiva. — Ela reclamava muito. Mas era propensa a isso. Como diz o Ramsey, ela sofre de insatisfação crônica. Eles não eram compatíveis.

— E vocês são? Se pegar a estrada com um deles, você fica presa em quartos de hotel, brincando com a máquina de fazer chá. Mas eles não querem que você viaje, não de verdade. Também gostam de jogar pesado longe da mesa. E, se fica em casa, você passa a temporada inteira viúva, sentada lá a se perguntar quanto ele está bebendo, o que o está chateando e quem está se encostando nele no bar.

— Isso é um clichê.

— Eles sempre vêm de algum lugar.

— O Ramsey é diferente.

— Famosas últimas palavras.

Irina emburrou-se diante do espinafre e virou outra golada desafiadora de vinho. Quando o garçom abriu em silêncio a segunda garrafa, ela intuiu sua desaprovação.

Betsy não tinha terminado.

— Se você está pensando seriamente num futuro com esse sujeito, será que podemos falar sem rodeios? O Ramsey está com que, uns cinquenta anos?

— Ele só tem quarenta e sete.

— Grande diferença. Quarenta e sete, na sinuca, é como noventa e cinco para todas as outras pessoas.

— O Ramsey diz que, quando começou, muitos jogadores de sinuca só chegavam ao auge na casa dos quarenta.

— Os tempos mudaram. Todos os superastros estão na casa dos vinte. O Ramsey está em declínio. E você pode contar com o fato de que continuará em declínio. Pode ser a vista, ou a firmeza da mão, ou simplesmente por ele estar começando a se queimar apesar

de si mesmo, mas ele nunca voltará a ser quem foi. Nunca chegou a vencer o Campeonato Mundial, e não tem a menor chance de ganhá-lo agora. A questão é que você está pegando o sujeito na rabeira. E essa não é a parte divertida. Logo, logo, ele será obrigado a se aposentar, a não ser que se disponha a dar vexame em público. A sinuca é a vida dele, pelo que eu sei. A aposentadoria não será bonita. Do jeito que a imagino, o conhaque e os longos cochilos vespertinos têm um papel de destaque.

— Quase sempre eles passam para o golfe.

— Ah, que *ótimo* — disse Betsy, colocando no prato outra colherada do carneiro desprezado e olhando para Irina com ar inquisitivo, ao vê-la servir outra taça de vinho. — Escute, você deve estar passando por um mau pedaço. Mas, antes de fazer alguma coisa precipitada, procure ser prática. A Jude diz que ele é neurótico.

— Quem é ela para falar...

— Só quero que você entre nisso de olhos abertos. Ela diz que ele é hipocondríaco. Que é supersticioso e cheio de melindres, especialmente com qualquer coisa que tenha a ver com seu jogo de sinuca. Espere por sinuca, sinuca e mais sinuca. É melhor você gostar disso.

— Eu *gosto* — retrucou Irina. — Cada vez mais.

— “Cada vez mais” significa que antes não dava a mínima para essa merda.

Mas tenho a sensação de que não é o fascínio pela sinuca que está impulsionando essa história.

— Está bem. Não é — admitiu Irina. Nunca havia tentado colocar isso em palavras, e teve um pressentimento desolador de que qualquer tentativa de fazê-lo se revelaria humilhante. Mesmo assim, faria uma tentativa. — Toda vez que ele me toca, é como se eu fosse morrer. Eu poderia morrer ali mesmo, naquele momento, e deixaria o planeta em estado de graça. E tudo se encaixa. Não importa como nos sentemos, um ao lado do outro, é sempre confortável. O cheiro

da pele dele me deixa tonta. Verdade, respirar na base do pescoço dele é como cheirar cola. Levemente doce e almiscarado, ao mesmo tempo. Como uma daquelas reduções em molhos complexos que a gente come nos restaurantes de primeira classe, que conseguem, de algum modo, ser ao mesmo um tempo intensos e delicados, e a gente nunca consegue descobrir direito de que é feito. E beijá-lo... eu devia ficar constrangida por dizer isso, mas, às vezes, me dá vontade de chorar.

— Minha querida — disse Betsy, claramente sem se comover; cara, que perda de tempo tinha sido esse discurso! — O nome disso é “tesão”.

— Essa palavra é depreciativa. A coisa de que estou falando não é depreciável. É tudo.

— *Não é tudo*, embora lhe pareça assim, quando você está embriagada. A fumaça acaba se dissipando, e você se descobre com aquele cara no andar de baixo, metendo bolinhas vermelhas em caçapas o dia inteiro, e se pergunta como foi parar ali.

— Você acha que isso não dura.

— É claro que não dura! — zombou Betsy. — Você não passou por uma coisa parecida com o Lawrence?

— Mais ou menos. Talvez. Não tão extremada. Não sei. É difícil lembrar.

— Já não *convém* lembrar. Vocês dois não tiveram um tesão danado por uns meses? Se não fosse assim, não teriam ido morar juntos.

— É, acho que sim. Mas isso parece diferente.

— Parece “diferente” porque, neste momento, você está metida nisso até o pescoço. E, nesse ínterim, há uns cones de trânsito na sua cabeça que a impedem de se aproximar de como era com o Lawrence nos velhos tempos. Aposto dinheiro que não era nada diferente.

— Você acha que todo o mundo funciona da mesma maneira. A pessoa fica toda atordoada e gamada “no começo”, e depois, inevitavelmente, o fogo se extingue e ficam umas brasinhas lamentáveis. De modo que, quando eu menos esperar, estarei tendo relações mecânicas e impessoais com o Ramsey, três vezes por semana, em vez do Lawrence.

— Se tiver sorte.

— Eu me recuso a aceitar isso.

— Então, vai descobrir da maneira mais difícil, docinho — contrapôs Betsy.

Seu olhar se aguçou ao flagrar Irina dando uma espiada furtiva no relógio. — Eu ficarei do seu lado, faça você o que fizer, porque você é minha amiga. E juro que não vou repetir isto. Mas eu me sentiria omissa se não o dissesse pelo menos uma vez. O Lawrence pode não ser uma dádiva divina para as mulheres. Mas... não ria, isto não é uma banalidade: ele é um “bom provedor”. É *sólido*, e tenho bastante certeza de que a ama para valer, seja ou não capaz de demonstrá-lo o tempo todo. Ele é o tipo de homem que você gostaria de ter por perto numa inundação ou num terremoto, ou se um bandido invadissem sua casa. E, para completar, é um filho da mãe mordaz e irreverente, e eu gosto dele. Não estou dizendo que uma mulher não deva fazer o que tem de fazer. O simples fato de que vai cortar o coração dele, se o deixar, não significa que não deva seguir seu instinto... literalmente, a julgar pelo que você disse. Mas acho que você sentiria falta dele.

— E, no outro caso, eu não sentiria falta de Ramsey?

— Não duvido que cortar isso pela raiz, neste momento, provavelmente lhe desse a sensação de estar arrancando um braço. Mas ele voltaria a crescer. Você está com o Lawrence há quanto tempo: uns dez anos?

— Quase — respondeu Irina, distraída.

— Isso é como uma conta bancária que vai acumulando juros com regularidade. Você é econômica. Não queime sua grana. Pode ser que você torre suas economias numa geringonça chique e brilhante. Depois, quando ela enguiçar, vai ficar empacada com esse peso de papel glorificado na sua cama, e estará quebrada.

Isso não era gentil, mas Irina já não estava prestando atenção, e pediu a conta. É o que acontece quando as pessoas dão conselhos que a gente não está interessada em aceitar: a voz delas vai ficando fraca e entrecortada, como um rádio tocando em outro cômodo.

Betsy cruzou os braços: — O Ramsey não mora a poucos quarteirões daqui?

— É, por acaso, mora — disse Irina, procurando a carteira na bolsa.

— Próxima pergunta — disse Betsy, com um olhar gélido: — Você vai ou não vai andar de volta comigo até a estação Mile End do metrô?

— Talvez eu... pegue um táxi.

— Ótimo. Podemos *dividir* o táxi.

— O Borough não fica no seu caminho.

— Não me incomode em dar uma volta.

— Ah, pare com isso! Está certo, se você tem que saber, eu vou lá. Quase nunca nos encontramos à noite. E também não vou demorar.

— Você queria mesmo se encontrar comigo? Ou será que só estou servindo de fachada?

— Sim, eu queria *mesmo* me encontrar com você. Não dá para perceber? Dois coelhos, uma cajadada, só isso.

— Quer dizer que você me arrastou até essa lonjura do East End...

— Sinto muito por isso. Este lugar me traz associações carinhosas. Nós... bem, a gerência não é ligada em sinuca, de modo que eles não sabem quem é o Ramsey. E gosto mesmo da comida.

— Engraçado. Você não comeu nada.
— Eu lhe disse que meu apetite está uma droga.
— Se o Lawrence me perguntar a que hora acabamos aqui, eu terei que dizer.

— Ele não vai perguntar.

Era verdade, no entanto havia algo de triste nisso.

Irina tentou pagar o jantar da amiga, mas Betsy nem quis ouvir falar do assunto, como quem se recusasse a ser comprada. As duas dividiram a conta. Ao saírem andando pela Roman Road, não disseram nada.

Na Grove, onde Betsy viraria à esquerda e Irina à direita, Betsy a olhou de frente: — Não gosto de ser *usada*, Irina.

— Desculpe — ela respondeu, prendendo o choro. — Não vai acontecer de novo. Juro.

— Você tem que falar com Lawrence.

— Eu sei. Mas, ultimamente, não conseguimos conversar muito sobre nada.

— Eu me pergunto *por que será?*

— Ele é um purista em matéria de lealdade. Se algum dia eu admitir que me senti atraída por outro homem, vai bater com a porta na minha cara. E eu destruiria a amizade entre ele e Ramsey. Acho que não posso dizer nada, sem ter certeza do que quero fazer.

— Lawrence é um bom homem, Irina. Homens assim são peças raras. *Pense duas vezes.*



— VOCÊ ESTÁ ARFANDO!

— Eu vim correndo. Não temos muito tempo.

— Entre aqui, gatinha, você vai morrer de pneumonia. Olhe para suas mãos!

Os dois cruzaram a soleira com os quadris engatados feito dois vagões de trem. Fechando a porta com as costas, Ramsey massageou os dedos de Irina.

Era uma enfermidade boba e comum: doença de Raynaud, que provocava espasmos nos vasos capilares das extremidades do corpo, até em temperaturas moderadamente frias. Agora que setembro tinha chegado, o problema retornara.

Na época em que a doença fora diagnosticada, Lawrence havia sugerido que, ao trabalhar no estúdio durante o dia, ela usasse luvas sem as pontas dos dedos.

Não era um mau conselho. Mas quando Irina explicara o problema a Ramsey no Best of India, na semana anterior, ele havia estendido instintivamente as mãos por cima da mesa e massageado a carne fria como um cadáver, até sua temperatura se igualar ao toque de uma mulher viva.

Era uma pequena diferença, ou assim parecia. Lawrence tinha oferecido uma solução técnica, e Ramsey, uma solução tátil. Mas, para Irina, o contraste fora como a noite e o dia. Ah, ela raramente se queixava. Grande coisa, ficar com as mãos frias; havia destinos piores. Lawrence havia até comprado as tais luvas sem as pontas dos dedos, que ajudavam um pouco. Mas, em certas noites de inverno, as mãos dela ficavam tão duras que Irina não conseguia girar a chave da fechadura da porta da frente, e tinha que bater com o pé. No entanto, nem uma única vez Lawrence lhe massagara os dedos até aquecê-los. Era um homem atencioso, que vivia lhe chamando a atenção para as editoras promissoras, e nunca faltavam presentinhos para Irina, às vezes sem nenhum motivo especial.

Mas ela desejava mais do que conselhos profissionais e quinquilharias atenciosas.

Queria uma mão para segurar.

— Conhaque?

— Ah, eu não devia — disse ela, aceitando uma dose. —

Fiquei nervosa no jantar e acabei com uma garrafa de vinho como se fosse água mineral.

Como de praxe, ele a conduziu ao subsolo, onde os dois se aninharam num sofá de couro, com a luz acesa sobre a mesa de sinuca. O tecido verde do tampo brilhava diante deles como um gramado viçoso no verão; era como se estivessem fazendo um piquenique no campo.

— Estou me sentindo péssima — disse Irina. — Falei de nós com a Betsy e...

— Você não devia ter contado a ela.

— Eu tinha que contar a alguém.

— *Não devia ter contado a ela.*

— A Betsy sabe guardar segredos!

— Ninguém guarda segredos de outro cara como guarda os próprios, e a maioria das pessoas não sabe guardar nenhum. Nem mesmo você, gatinha, se o dia de hoje pode servir de exemplo — Ramsey retrucou. Ele pareceu amargo.

— Não posso falar com o Lawrence. Você não é propriamente objetivo. Se eu não confiasse em alguém, ficaria maluca.

— Mas o que há entre nós dois é particular. Você está transformado o que temos em sujeira. Numa coisa sobre a qual as secretárias fofocam na hora do cafezinho. Isso enlameia tudo.

— Está enlameado, de qualquer jeito.

— A culpa não é minha.

— É minha?

— É — retrucou Ramsey, para surpresa dela. — Você tem que decidir. Eu poderia levar adiante essa embrulhada, contrariando meu bom senso. Se não fosse por uma coisa. Irina, meu amor, *você está transformando meu jogo de sinuca numa esculhambação.*

Irina teve vontade de retrucar *Ah, é? E daí?*, mas viu que não convinha.

— O que eu tenho a ver com seu jogo de sinuca?

— Você acabou com minha concentração. Vou preparar uma tacada para não deixar nada para o adversário e a única coisa que me passa pela cabeça é a que horas você vai ligar. Em vez de rolar a tacadeira juntinho da tabela, com a marrom bloqueando o grupo, a branca acaba bem no meio da mesa, numa vermelha fácil para a caçapa lateral.

— Ah, que tragédia seu treino para o jogo estar prejudicado, quando eu estou pagando com fingimento e traição ao homem mais amável da minha vida!

Ramsey tirou friamente o braço dos ombros de Irina.

— O homem mais amável?

— Ora, um dos mais amáveis, então — disse ela, alvoroçada.
— Isso não é uma competição.

— Conversa. É claro que é uma competição. A ingenuidade não lhe cai bem, amoreco.

— Detesto quando você me chama assim — comentou Irina. Do jeito que Ramsey pronunciava esse anacronismo (na Inglaterra de hoje, ninguém mais dizia *amoreco*, a não ser em remontagens de *My Fair Lady* no West End), o termo soava como tudo, menos um tratamento carinhoso. Ela preferia imensamente *gatinha*. O termo nortista podia ser igualmente excêntrico, mas era mais meigo e, o que era muito agradável, Irina nunca o ouvira dirigir-se a ninguém como *gatinha*, a não ser ela. — Eu tenho pouquíssimo tempo. Não deveríamos desperdiçá-lo brigando!

Ramsey havia recuado para o outro canto do sofá.

— Eu lhe disse desde o começo. Não sou chegado a nada que seja vulgar.

Faz uns três meses que andamos agindo desse jeito sorrateiro, e assim já são três meses mais do que eu pretendo bancar o hipócrita pelas costas de um amigo e comer a mulher dele.

— Mas nós não...

— Dava na mesma se tivéssemos. Já enfiei a mão na sua xoxota até o cotovelo — fez ele. (Na Inglaterra, embora a palavra fosse a mesma, *fanny* não era bumbum, não era uma parte da anatomia em que se dessem tapinhas afetuosa em público.) — Diga isso ao Homem-anoraque e pergunte se faz mesmo alguma diferença não ter sido o meu pau. Aposto que ele não apertaria minha mão por eu ser tão respeitador, mas me daria um murro na cara. E olhe que seria merecido. Estou agindo mal pra cacete, estou sim, e você também.

Irina baixou a cabeça: — Não precisa se esforçar tanto para fazer eu me sentir mal. Já ando péssima, caso você queira saber.

— Mas eu *não quero* que você se sinta uma merda, quero? *Eu não quero* me sentir um merda. Não quero pensar em você sair daqui hoje e se deitar com a bunda de fora com outro cara. Não quero e não tenho, e *não vou*.

Irina havia começado a chorar, mas Ramsey bancou o durão, como se as lágrimas dela fossem uma jogada.

— Se eu fosse uma garota — disse —, eu me acharia uma grande panaca.

Deixando um cara mais ou menos casado se engraçar comigo durante o dia. Mas eu sou homem, de modo que, em vez disso, sou o fodão. Vou metendo a mão nas suas calcinhas, e não me custa mais do que um ou outro *chardonnay*. É assim que pensa o homem da rua, mas não é desse jeito que eu penso, querida. Acho que *eu é* que sou o grande panaca. Você se infiltra aqui e se esfrega nas minhas calças feito um gato coçando as costas num poste, e aí vem com “Puxa, vida, olhe só que horas são!”. E escapole de novo porta afora, e me deixa com o poste. Não faço objeções morais à masturbação, mas ela fica bem longe de uma diversão adequada.

— Você não devia falar assim de nós — choramingou Irina.
— Ou de mim. É horrível.

— Nós temos tornado isso horrível! Pombas, mulher! — E Ramsey deu um soco na palma da outra mão. — *Eu quero trepar com você!*

Embora deploravelmente enroscada na outra ponta do sofá, Irina sentiu uma pontada, como se ele a segurasse por uma corda e pudesse puxar o equipamento entre suas pernas como um brinquedo de rodinhas. Por isso, seu orgulho ante a declaração de Ramsey foi seguido pelo ressentimento. Era formidável ter concebido uma paixão devoradora contra o plácido pano de fundo de sua relação reservada com Lawrence. Mas não havia saída; ela não podia ficar mordiscando uma obsessão sexual quando bem lhe aprouvesse. A ânsia era constante, e com Ramsey agora afastado um metro, até a mais breve privação era insuportável.

— Também quero trepar com você — murmurou, desolada.

— Você me trata feito um garoto de programa! Já durou o bastante. Você me vulgariza e nos vulgariza. Você se vulgariza. Se você está certa e Lawrence ainda não sacou, pode voltar correndo para seu lar feliz e ficar por lá. Ou, então, pode levar sua bunda para minha cama e ficar aqui. Você não pode ter tanto ele quanto eu. Porque eu estou um caco. Estou meio maluco. Hoje, enquanto esperava você aparecer, não consegui pôr as cores certas nas marcas, e eu sabia pôr as cores nas marcas, trepado num caixote de frutas, quando tinha sete anos.

— Três meses talvez pareçam uma eternidade para você, mas o que está em jogo para mim são quase dez anos com o Lawrence. Tenho que estar segura de mim. Esse caminho não tem volta.

— Nunca existe volta alguma! Na sinuca, você aprende do jeito mais difícil que toda tacada é para sempre. Não tenho tempo pra esses bundões que arrancam os cabelos, dizendo: *Ah, se eu não tivesse dado uma puxada tão forte na azul!*

Bom, você não deu. Ou o cara encaçapa a azul, ou não encaçapa. Ou você mata a próxima vermelha, ou não mata. E vive

com isso. Você faz a melhor escolha que pode no momento, e depois arca com as consequências. No momento, é sua vez. Você está no meio das bolas. Tem que decidir se vai matar a rosa ou a preta, e ponto final.

— O Lawrence é a rosa? Porque acho que ele não apreciaria essa cor.

Ramsey não pareceu achar engraçado.

— Desculpe — continuou Irina, com um sorriso nervoso —, é que *Cães de Aluguel* é um dos filmes favoritos de Lawrence, e há uma cena em que o Steve Buscemi fica choramingando sobre por que ele tem que ser o “Mr. Pink”... Ah, deixe para lá.

— Estou inscrito no Grande Prêmio, no mês que vem — disse Ramsey, em tom sereno. — Tenho que me preparar para o torneio, e preciso me concentrar. No melhor de todos os mundos possíveis, eu pediria para você ir comigo para Bournemouth. Mas é óbvio que não há a menor chance.

— Ah, mas eu adoraria...

— Posso não ter sido campeão mundial — ele prosseguiu —, mas estive em seis finais do campeonato e recebi da rainha o título de Membro da Ordem do Império Britânico. Isso pode não significar muito para uma Fossa Séptica — ponderou (ele ensinara a Irina que *Septic Tank* era a gíria *cockney* que rimava com *ianque*, ou *Yank*) —, mas significa alguma coisa para mim. Eu me recuso a ser tratado como uma bugiganga por uma garota que está toda aconchegada noutro cara, mas precisa de um pouquinho de curtição. E não entro em jogo de cartas marcadas. Nunca jogaria uma única partida de sinuca se soubesse de saída que o troféu estava prometido para outro sujeito.

O monólogo tivera todas as características de um discurso ensaiado. Mas Irina estava começando a compreender Ramsey, e não achou que fosse isso. Ele era um artista, e seu jogo era a alma da espontaneidade. Essa exibição tomara o rumo de um improviso por

causa de sua explosão imprudente sobre trair “o homem mais amável de sua vida” — embora sua imprudência mais grave talvez tivesse consistido em impugnar a importância suprema da *sinuca*. Num ímpeto, Ramsey tinha pegado esse rumo e seguido em frente. Sua voz soava comedida, mas a discussão em si estava fora de controle. Irina já intuía aonde aquilo ia levar e sentiu seu rosto empalidecer. Foi por pouco que não saltou para o outro lado do sofá, para tapar a boca de Ramsey.

— Não quero ver você de novo antes do Grande Prêmio — disse ele. — E isso também significa nada de bilhetinhos amorosos, nem choradeiras por telefone. Quando eu voltar para Londres, só quero vê-la na minha porta se você tiver dito ao Lawrence que está apaixonada por mim, e que vocês terminaram.

Se Ramsey estava sendo melodramático e tinha exagerado um pouco na bebida, cabia dizer que seu ultimato, no estilo ou-ele-ou-eu, infelizmente fazia perfeito sentido. Mas ele não pôde resistir a levar sua proposta sensata um passinho adiante, o passo que a tornou precipitada, inconsequente e escandalosamente prematura: — E não é só isso, *amoreco*. Quando você deixar o Lawrence, se deixar o Lawrence, não vai se aninhar lá em cima como minha piranha doméstica pessoal.

Você vai se casar comigo . Sacou? *Vai casar comigo* , e rapidinho. Aos quarenta e sete anos, não estou aqui para noivados longos.

Em matéria de propostas, essa estava menos para um pedido feito de joelhos do que para uma agressão. A fala dele fora cruel, com a intenção clara de tornar ainda mais abrupto o que já era uma escolha terrível. Não haveria “separação provisória” de Lawrence, nada de provar a mercadoria de Ramsey como um daqueles quadrinhos de queijo Cheshire do Mercado Borough, sem nenhuma obrigação de comprar. Por outro lado, nenhum homem jamais pedira Irina em casamento, em nenhum tom de voz. A

exigência furiosa de Ramsey, atirada nela feito um trapo molhado a um metro de distância, deixou-a com a nuca arrepiada.

— Ramsey... eu não me casei nem com o Lawrence, depois de quase dez anos.

— *Encerrei minha exposição.*



AO VOLTAR PARA O apartamento, Irina pouco se empenhou em disfarçar que andara chorando. Como passava da meia-noite, numa cidade de pretensões cosmopolitas, mas de transporte provinciano, o metrô estava fechado.

Ostentando a frieza de seu absolutismo recém-descoberto, Ramsey não tinha telefonado para chamar um táxi, mas a abandonara na escadinha da entrada para que Irina voltasse para casa como bem entendesse. O *aperto de mão* à porta tinha sido o cúmulo, instigando tamanha torrente de soluços na fuga da casa dele que, quando Irina finalmente fez sinal para um táxi na Grove Road, o motorista teve que lhe pedir para repetir o endereço três vezes.

Ramsey não foi o único que estava disposto a exibir sua indiferença. Sem tecer comentários sobre os olhos vermelhos e inchados de Irina, Lawrence disse em tom seco, na sala: — Está tarde.

— Perdi o metrô. Levei uma eternidade para achar um táxi.

— Você, acenar para pegar um táxi? Desde quando você não consulta o relógio de cinco em cinco minutos, para ter certeza de poder pegar o último trem?

— Perdi a noção da hora. É noite de sexta-feira, e todos os radiotáxis estavam ocupados, por isso tive que esperar.

Já que estava mentindo, ela podia muito bem ir até o fim, e disfarçar o fato de ter feito sinal para um daqueles táxis negros caríssimos na rua.

— Por que você não ligou para me avisar que ia chegar tão tarde? Eu podia estar preocupado.

Mas não sou preocupado. Falou como quem se dispusesse a pagar com prazer a um marginal para dar uma cacetada na cabeça de Irina no caminho para casa.

— Achar um telefone público que funcionasse me atrasaria ainda mais — disse ela. Falou com a voz cansada, e não estava empenhada nessa conversa.

— Se você ligou para um radiotáxi — retrucou Lawrence —, é porque já tinha encontrado um telefone funcionando. Isso, presumindo que a *Betsy* não estivesse com o celular.

Seu jeito de pronunciar *Betsy* lançou uma dúvida sobre se Irina realmente estivera com ela. Aparentemente, um dos sacrifícios de mentir, por mais seletivamente que fosse, era abrir mão da capacidade de dizer a verdade.

— Está bem, eu apenas não pensei nisso, quando tive chance. Não tenho consideração com os outros — disse ela. Depois acrescentou, com ar pouco convincente: — Mas talvez esteja na hora de entregarmos os pontos e comprarmos celulares.

— É, seria ótimo. Eu poderia ligar para você, ou você poderia me telefonar, e eu não teria a menor ideia de onde você estava, e você não precisaria me dizer.

Irina deixou passar o comentário sarcástico, como quem permitisse estoicamente que uma cusparada lhe escorresse pelo rosto.

— Se você faz questão de saber a verdadeira razão de eu estar chegando tão tarde, tivemos uma briga. A *Betsy* e eu. Levou um tempo para ajeitar as coisas.

A quantidade de esforço exigida para fabricar essa desculpa transliterada foi estupenda, e Irina ficou pensando em por que se dera a esse trabalho. Eram quase duas horas da manhã e, para uma saída de uma mulher comum, uma noite incrivelmente longa.

— Sobre o quê?

Irina repensou na conversa com Betsy, em busca de um fragmento que pudesse atirar para Lawrence feito um osso, mas encontrou pouca coisa para resgatar.

— Não vou chateá-lo com isso, foi uma idiotice. Mas você precisa saber que a Betsy é uma grande fã sua. Ela o acha maravilhoso.

— Que bom que alguém acha — fez Lawrence, e se preparou para dormir.



DURANTE OS DEZ DIAS de contagem regressiva para o Grande Prêmio em Bournemouth foi como se Irina rabiscasse xis tortos nas paredes de pedra de seu *gulag*, registrando a marcha inexorável do tempo para sua execução.

De fato, fantasias de morte lhe passaram diariamente pela cabeça, feito centelhas. Ela não estava maluca a ponto de contemplar a ideia de enfiar a cabeça no forno, mas, toda vez que atravessava a rua principal de Borough, vinha-lhe a imagem de um caminhão correndo desgovernado em direção a ela, avançando o sinal. Irina lamentou o fato de o IRA, como Lawrence tinha previsto, ter restabelecido o cessar-fogo, o que tornou ainda mais absurda a hipótese de uma explosão espontânea na estação local do metrô, no exato momento em que ela saísse do elevador. Ao passar por baixo dos andaimes dos numerosos edifícios de luxo que vinham brotando pelo bairro, ela não chegou exatamente a *desejar* que um bloco de concreto despencasse lá do alto, mas, ainda assim, pôde *vê-lo* guinar uns dois andares em direção a seu crânio. Essas fugas mórbidas eram uma bobagem, porém, como as visões de Ramsey à porta ou dos casais se agarrando no tapete, as fantasias com acidentes fatais vinham sem ser chamadas.

Também não convidados eram os devaneios persistentes em que Irina via Lawrence folheando a agenda dela, com ar abatido, para informar a seus amigos seu falecimento prematuro. Hesitante,

Betsy perguntaria: “Alguém contou ao Ramsey?”, e Lawrence não entenderia por que justamente o Ramsey havia de estar no topo da lista, sobretudo quando tinha sido um sufoco fazer a pobre Irina jantar fora com o sujeito no dia do seu aniversário. Com ou sem papas na língua, Betsy seria discreta, embora talvez se oferecesse para dar pessoalmente a notícia lúgubre a Ramsey. No funeral, Lawrence ficaria pasmo, sem saber por que Ramsey, dentre todos os acompanhantes do enterro, parecia o mais transtornado.

Por fim, alguma coisa faria vir o estalo — aquele aniversário; a distância exasperante de Irina quando ele voltara de Sarajevo; o estranho mau humor dela desde então e as ausências inexplicáveis durante o dia... No começo, ele ficaria com raiva, mas, já não havendo uma Irina por quem lutar, a fúria cederia lugar rapidamente à tristeza. Por fim, quem sabe, o fato de eles terem amado a mesma mulher uniria os dois homens e consolidaria sua amizade. (Um disparate, mas um disparate encantador, mesmo assim.) Sabe, não é que ela quisesse propriamente estar morta. Mas é que a única situação em que suportaria que Lawrence fosse informado de sua paixão por outro homem seria uma situação em que ela não fosse testemunha — ou melhor, não pudesse ser testemunha — das consequências.

Lawrence podia ter feito visitas zelosas a Las Vegas a cada três ou quatro anos, mas seus pais achavam incompreensíveis e pretensiosos os centros de estudos estratégicos, e ele considerava o ensino de golfe despropositado e enfadonho; a desconexão era total. Seu irmão era viciado em metanfetamina, vivia achacando o pai para arranjar dinheiro; a irmã, sem nenhuma ambição, trabalhava no WalMart em Phoenix. Irina não fazia parte da família de Lawrence; *era* sua família. Dadas as conversas sobre livros e política que preenchiam os raros momentos em que ele tinha vida social, Irina também era sua única verdadeira amiga. A responsabilidade resultante disso nunca havia pesado. Agora, era esmagadora.

Mesmo assim, não se passou um dia sem que ela fitasse o telefone quando Lawrence estava no trabalho, ou sem que apalpassem uma moeda de vinte pence ao passar por um telefone público. Era uma sensação parecida com a do fumante que está tentando largar o vício ao contemplar aquele maço que escondeu para as emergências na gavetinha da lente de aumento, acima do Oxford English Dictionary, e que pensa: *Ora, um só, só um cigarrinho não faria a menor diferença a longo prazo, faria?* Ramsey podia ter proferido ultimatos precipitados, depois de exagerar no conhaque, mas, se um dia a voz trêmula de Irina brotasse de seu telefone, ele com certeza daria um profundo suspiro de alívio e em poucos minutos ela correria para seus braços em Hackney.

Ah, provavelmente! A determinação de Ramsey devia ser tão fácil de abrandar quanto as fibras de um bife de cernelha, mergulhado numa garrafa inteira de vinho Barolo. Mas uma solução temporária não era a resposta. Irina tinha uma decisão a tomar. Como Betsy havia observado, amarrar o tênis de novo não tornaria o exercício menos estafante.

À primeira vista, os solitários passeios vespertinos de Irina durante esse período — que tinham a insidiosa tendência, depois de atravessado o rio, de enveredar para o East End — davam toda a impressão de uma autocomiseração piegas. Muito pelo contrário.

Ela lamentava por Betsy, agora oprimida por um segredo que não queria e que fatalmente a faria sentir-se uma traidora, em qualquer reunião futura em que Lawrence estivesse presente.

Lamentava por Ramsey, que meramente levava uma amiga para comer um *sushi*, com toda a inocência, e não podia ter previsto que, com dois tapas num baseado, sua tímida e recatada companheira de jantar se transfiguraria numa predadora sexual voraz; que atribuía um mérito desolador ao “código” masculino de tirar as mãos da *mulher do amigo* e desprezava qualquer um que o violasse, a começar por si mesmo; que era obrigado, nesse exato

momento, a concentrar toda a sua energia naquele prêmio de sessenta mil libras esterlinas em Bournemouth, quando sua cabeça rodava de angústia ao pensar que o único objeto do seu desejo, nesse mesmo instante, voltava a se dedicar a uma relação segura e cômoda com seu rival; e que, nesse ínterim, andava desamparado. A passividade de sua situação romântica fazia eco, com excessiva familiaridade, à última partida de seis finais de campeonato durante as quais ele só pudera bebericar, sem graça, uns goles de água mineral Highland Spring, enquanto o troféu que mais cobiçava no mundo lhe escapava por entre os dedos.

Acima de tudo, é claro, Irina lamentava por Lawrence. Mais de uma vez, quando ele não sabia estar sendo observado, ela captara em seu rosto uma expressão parecida com a de um garotinho abandonado pela mãe no Disney World. Era impregnada de saudade, perplexidade e desolação. Ele estava sendo castigado, e não tinha ideia do motivo. Agora, tudo que sua parceira havia adorado nele a levava à loucura. Ela já não lhe dirigia nem duas palavras em russo, e fazia meses que não utilizava a meiga invocação “Lawrence Lawrensovitch”. Toda vez que ele lhe falava do trabalho, como da sorte de ter conseguido que sua proposta fosse aceita pela *Foreign Policy*, ela fazia um ar entediado e já nem fingia escutar. Quando ele levava para casa uma fotocópia do artigo publicado, Irina a tinha largado mofando na mesa de jantar, sem lê-la, até Lawrence guardá-la de novo em sua pasta, sem jeito. O simples fato de ele entrar num cômodo parecia ser o bastante para deixá-la irritadiça e claustrofóbica.

Todas as vezes que ele propusera que os dois fossem ver *Prazer sem Limites*, no fim de semana, ou, quem sabe, fizessem juntos, para variar, um daqueles longos passeios de domingo à tarde, ou que fossem comprar legumes no Borough Market, ela havia descartado os convites com um dar de ombros, ou o desanimara com a falsa consideração de que ele devia ter trabalho demais para fazer.

Enquanto, não fazia muito tempo, Irina havia preparado refeições deliciosas para agradá-lo, agora, quando muito, ela inventava um ou outro prato mais elaborado, mas era perceptível que só se sentia movida a ir para a cozinha para fugir da companhia dele. Lawrence não fazia nada direito e, ultimamente, parecia nem haver sentido em tentar. Era provável que ela se explicaria, quando estivesse pronta. Já que todos os indicadores apontavam para o fato de que a explicação seria terrível, ele tinha um interesse pessoal em adiar essa conjuntura o máximo possível.

Entre os protagonistas desse drama — Irina não tinha ilusões quanto ao fato disso ser tudo, menos comum, embora todas as experiências cataclísmicas da vida, o nascimento, a morte, o amor e a traição, fossem tecnicamente “comuns”

—, só havia um pelo qual ela não tinha a menor simpatia. Se as afeições dela fossem constantes, Ramsey se concentraria sem dificuldade no Grande Prêmio que se aproximava. Betsy só teria que suportar o fardo tolerável das ideias ácidas de Irina sobre Jude Hartford. E Lawrence estaria feliz como um caranguejo na lama.



DUAS NOITES ANTES DO início do torneio em Bournemouth, Lawrence fez uma aposta radical no silêncio e desligou a televisão.

— Escute, eu sei que você não se interessa muito por sinuca — disse. Com um joelho para cada lado e os dois braços estendidos sobre o encosto do sofá, a postura dele era de confronto. — Mas achei que talvez estivesse interessada em *Ramsey*.

Uma onda de frio cortante varreu o rosto de Irina, deixando uma sensação de formigamento junto à raiz do cabelo; era como se ela tivesse mergulhado num oceano Ártico cheio de alfinetes. Não estava pronta para isso. Queria ter preparado alguma coisa, uma lista de razões ou um discurso. Até uma revelação cuidadosamente

arquitetada já teria sido bastante ruim. A descoberta era mil vezes pior.

— A sinuca é legal — fez ela, quase desmaiando.

— O que eu quero dizer é que a história dele é interessante *mesmo*, não é?

Primeiro, o sujeito é um menino-prodígio, depois, desaparece de vista, porque os prodígios crescem e porque, segundo a lenda, ele deu uma caída feia na sarjeta.

Mas aí ele se recompõe e, dessa vez, mais por dedicação do que por puro talento natural, quase chega ao topo. Mas não totalmente. Transforma-se no supremo sempre-concorrente do esporte. Seis finais de campeonato, sem nunca vencer nenhuma. E, assim, você tem esse sujeito que está ficando mais velho, já passou do auge, nunca chegou propriamente a pôr as mãos no prêmio máximo e começa a declinar. Mas isso é tudo o que ele sabe fazer, jogar sinuca. O que faz um cara desses, quando não tem nada por que esperar, a não ser a derrocada? Onde é que vai encontrar uma nova razão para viver?

O suor que brotava dos seios de Irina fedia. Historicamente, podia ser que Lawrence tivesse evitado *o principal*, mas esse jogo sádico de gato e rato não fazia o gênero dele.

— Em alguma outra coisa, eu acho — respondeu Irina.

— Tipo outro esporte? Partir para um jogo inteiramente novo?

— Pelo que eu sei — disse Irina, admirada por ainda conseguir falar —, é comum os jogadores que se aposentam da sinuca passarem para o golfe.

— Mas o golfe não tem nada daquela elegância. Nada da estratégia, do planejamento... do pensar em meia dúzia de tacadas à frente, arquitetar o panorama geral. O xadrez faria mais sentido, se ele tivesse cabeça para isso. O que não tem.

— O Ramsey não é burro.

— Ele largou a escola aos dezesseis anos. Ah, ele é capaz de passar horas falando dos méritos de um jogo calcado na porcentagem, em contraste com um jogo de ataque. Mas não converse com ele sobre o fato de o Novo Trabalhismo ter açambarcado o programa dos conservadores. Eu tentei, uma vez; foi doloroso.

E isso no país dele.

— Existem tipos diferentes de inteligência — disse Irina, em tom manso. Só queria que Lawrence acabasse logo com aquilo, e parasse de tentar bancar o esperto.

— Posso entender por que os jogadores de sinuca gravitam para o golfe — prosseguiu Lawrence, ainda absorto em sua pretensão recatada. — Não é um combate direto. Você enfrenta o adversário superando-o lado a lado, alternadamente. Quando se está no campo de golfe, ou junto à mesa, o rival fica de mãos atadas. É uma coisa refinada: não é gladiatória, como o futebol, ou até o tênis. Na verdade, esportes como a sinuca e o golfe são para maricas.

— Os homens de verdade se enfrentam saindo no braço?

— É. Isso mesmo. Mas não se poderia chamar o Ramsey de machão.

— Você está dizendo que ele é covarde?

— Os desportistas procuram esportes adaptados a sua natureza. Ele é fraco, por isso evitou um teste de força física. E é avesso ao conflito frontal, pelo menos com outro homem. Na sinuca, o adversário é uma abstração. A disposição das bolas poderia muito bem ser gerada por computador. Em última análise, todo jogador de sinuca joga contra ele mesmo, contra o melhor de si. E, agora, o Ramsey está jogando contra ele mesmo e perdendo.

— Em algumas lutas — arriscou Irina —, o Ramsey sustenta muito bem o lado dele.

— E, então, será que todo esse drama atrai sua imaginação?

— Sim, o Ramsey atrai minha imaginação — disse Irina em tom pesado, olhando para as mãos.

— Ótimo. Porque o Grande Prêmio é na próxima semana. O Ramsey está inscrito, e Bournemouth fica só a uma corrida de trem daqui. Está a fim de pegar um hotelzinho, dar um passeio?

— Você quer dizer — perguntou Irina, erguendo os olhos, incrédula — que você quer *ir*?

— Você não parece muito entusiasmada — disse Lawrence. Num instante, sua postura de ataque murchou e ele deixou os braços caírem no colo. — É só que — prosseguiu, meio tristonho — faz tempo que não fazemos nada. Juntos. Já estive em campeonatos, mas você, não. E quando a gente conhece um dos jogadores, tem uma perspectiva, uma... razão para se importar...

Discretamente, Irina secou a testa com a manga.

— Um torneio de sinuca é uma coisa muito britânica — acrescentou Lawrence. — Sabe, poderia ser culturalmente enervante — disse. Sua correção, “quero dizer, edificante”, foi constrangida. Lawrence já se resignara a ser péssimo em russo. Mas o inglês era outra história.

— Eu ficaria contente assistindo ao campeonato com você — disse ela, com cuidado, tentando respirar fundo, para diminuir o ritmo da pulsação. — Mas você não vive dizendo que, na verdade, acompanha melhor as partidas pela televisão?

— Bem, a gente perde o clima. E aposto que o Ramsey nos levaria para jantar fora.

Muito bem, ele não sabia. Mas, em algum nível instintivo, Lawrence era suficientemente sagaz para usar Ramsey como isca. A visão dos três tentando enfrentar um jantar inteiro... bem, Irina torceu para que o pavor não transparecesse em seu rosto.

Lawrence acrescentou: — E, além disso, o Ramsey disse que está otimista quanto ao Grande Prêmio.

— Você falou com ele? — perguntou Irina, em tom brusco.

— É claro que sim. Ingressos de graça.

— E como vai ele? — indagou. Com sorte, sua ânsia não seria pronunciada.

— Eu sei lá. O pobre infeliz pode não ter muita desenvoltura social, mas esse telefonema foi o cúmulo. Por todo o papo que consegui arrancar dele, eu poderia ser a Receita Federal. Talvez ele não se sinta à vontade ao telefone.

— Não, aposto que ele não se sentiu à vontade.

Os diálogos carregados de duplo sentido eram muito divertidos no teatro, mas na vida real eram pavorosos.

— E, então, o que me diz?

— Se você quer que façamos alguma coisa juntos, não preferiria que estivéssemos só nós dois?

— *Só nós dois* não parece vir sendo muito bom para você, ultimamente. Achei que talvez uma terceira pessoa... um pouco de animação...

— Não preciso desse tipo de animação — disse Irina, com toda a sinceridade.

— Então, deixe para lá — disse ele, taciturno. — Foi só uma ideia.

— Bem, como você disse, não sou tão fã de sinuca quanto você — retrucou ela, em tom suave. — Parece uma trabalhadeira danada irmos até Bournemouth.

Mas, mesmo assim, poderíamos assistir ao campeonato juntos. As primeiras rodadas vão ao ar tarde, não é? Depois das onze e meia? Quem sabe podíamos comer uma coisinha fora, primeiro. Como num encontro amoroso, que tal?

Lawrence animou-se.

— Certo. Você gostaria disso?

A expressão de esperança conflitada em seu rosto era de dilacerar a alma. Nos últimos tempos, as pequenas gentilezas de Irina, às quais Lawrence agora tendia a atribuir uma importância

exagerada, pareciam francamente maldosas, por incentivarem um otimismo que seria mais decente ela destruir. Por isso, Irina era mesquinha quando se mostrava gentil com ele, e mesquinha quando era má. Já que não fazia diferença, era de se presumir que estivesse livre para tratá-lo como bem entendesse. Então, “poder” era isso. Algo altamente superestimado.

— Sim, eu gostaria — ela respondeu, baixinho.

Mas pensou com seus botões: *Ah, como eu gostaria de gostar disso!* Por um momento, pôde sentir a presença obsedante daquela outra vida em que a perspectiva de jantar fora com Lawrence e se aninhar em frente à televisão, para assistir a uma partida de sinuca, se apresentaria como simplesmente gloriosa.



AO SUGERIR A IDEIA de “comer uma coisinha fora”, Irina tinha pensado num lugar como o Tas, um restaurante turco barato, a dez minutos a pé na Borough High Street. Mas Lawrence quis uma noite pomposa e fez reserva no Club Gascon, cujos preços, em épocas anteriores, haviam restringido a amostragem dessa *haute cuisine* basca pelo casal a ocasiões especiais.

Irina não escolheu sua roupa mais atraente (reservava os trajes que eram realmente um arraso para as idas ao East End), mas se fez apresentável. O que era exatamente o que podia dizer sobre Lawrence.

— Você vai vestir *isso*? O Club Gascon é superchique!

Ele usava o mesmo uniforme, jeans frouxos e camisa xadrez de flanela, de quando os dois haviam se conhecido. Irina já devia ter se acostumado com esse desleixo crônico, mas agora estava cheia de caprichos. Ramsey tinha percepção para se vestir de maneira impecável.

Lawrence deu de ombros.

— Se eu vou gastar essa grana toda, quero me sentir relaxado.

Irina revirou os olhos.

— Você está me fazendo parecer uma paspalha! Estou eu aqui, de saia e sapato alto, e entro com um homem vestido como quem tivesse saído da boca do cachorro.

— Pô, será que dá pra rifar essa merda de fala britânica, hein?
— resmungou ele, se arrastando de volta para o quarto. — Por uma noite?

Saiu de lá com uma calça azul-marinho e uma camisa social azul-turquesa.

Anos de convívio com uma pintora não tinham aprimorado seu senso das cores.

— Esses tons de azul não combinam — Irina resmungou.

— Tons de azul não podem deixar de combinar — retrucou Lawrence, ressentido.

— Fiz a maior parte de um livro em azul e lhe garanto que podem.

Lawrence partiu em marcha acelerada em direção à Blackfriars Bridge, de sobrolho carregado e com o tronco recurvado como quem lutasse com um vento forte. Suas passadas eram curtas, mas o ritmo era vigoroso, e Irina teve dificuldade para acompanhá-lo de salto alto pelas pedras do calçamento.

Sentado na penumbra do restaurante, com seus arranjos nodosos de flores exóticas, Lawrence reclamou que a mesa deles estava imprensada pelas de outros fregueses.

— Não é muito romântico.

Irina engoliu a consideração de que um próspero romance poderia desabrochar facilmente num balcão de lanchonete, diante de um prato de picadinho de carne bovina enlatada. Ao inspecionar o longo cardápio, a escolha dela foi dificultada pela apatia. Quando Lawrence sugeriu que eles optassem pela refeição com cinco pratos e preço fixo, com vinhos para combinar — uma extravagância de sessenta libras por cabeça, que com certeza os deixaria atordoados

diante do Grande Prêmio ao voltarem para casa —, Irina disse “É claro”, só para se poupar o esforço de escolher *à la carte*. Dar uma boa enchida na cara antes do encontro esportivo também era sedutor. Se não estivesse desesperada para pôr os olhos em Ramsey Acton, mesmo pela televisão, ela ficaria contente em beber até cair.

Feitos os pedidos, Lawrence tirou do caminho seu coquetel de champanhe com Armagnac e se debruçou sobre a mesa.

— E, então — disse, olhando fixo —, como é que *você* anda?

Irina recuou como quem se visse diante de um revólver carregado.

— Tudo bem — tergiversou. — As primeiras ilustrações de *A menina habilidosa* estão saindo legais.

Lawrence a encarou por um instante. Irina manteve uma expressão impassível. Ele se recostou na cadeira. Deu um suspiro.

— Espero que você não se incomode — disse —, mas, outro dia, quando você saiu com a Betsy, dei uma espiada nos seus desenhos. São um bocado escandalosos. Escandalosos no bom sentido, quero dizer. Mesmo assim... não acha que aquelas ilustrações são meio *adultas*?

— Como assim?

— Bem... sensuais.

— As crianças têm sentidos.

— A protagonista é uma aleijada numa cadeira de rodas mágica, certo? Não é uma vampe.

— O fato de ser deficiente físico não significa que a pessoa não pode ser bela.

— Eu achava que os personagens de livros infantis deviam estar mais para o *bonitinhos*.

— E a “*Bela Adormecida*”? Nos clássicos, as protagonistas tinham seios e eram acordadas com beijos. Apaixonavam-se por lindos príncipes e queriam se casar. Só hoje em dia é que o sexo foi expurgado dos livros infantis, e os protagonistas vivem absortos em

aprender que as criancinhas da Somália são iguaizinhas a eles, ou em guardar os brinquedos.

— Mas as suas ilustrações são para “hoje em dia”.

— Lamento que você ache meu trabalho pouco profissional.

— Não foi isso que eu disse. É só que o que vi me pareceu meio picante.

— Não mostrei nenhuma parte terrível do corpo.

— Nem precisava. É alguma coisa no traçado, na sensação. A expressão do rosto da aleijada. Não sei de que outra maneira dizer isso... ela é lasciva.

— Tenho certeza de que a Puffin me dirá se achar minhas ilustrações inaceitavelmente lúbricas.

O vinho branco que acompanhou o *foie gras* era de colheita tardia, daquela cor entristecida e agridoce de fim de tarde, quando o penetrante calor dourado que se derrama na paisagem fica ainda mais doído por não durar. O fígado de ganso malpassado repousava sobre um silvado de palitos decorativos, como um dos relógios derretidos de Dali. Ao erguer sua taça, Lawrence não conseguiu pensar em nada para brindar, de modo que as *flûtes* tilintaram sem saudar nada em especial.

— Sabe, essa crise financeira asiática está galopante, e o *baht* está em queda livre — disse ele. — Ando meio preocupado com nossos investimentos, mas há um aspecto positivo. Nos próximos meses, tirar férias na Tailândia poderia ser fantasticamente barato.

— E por que quereríamos ir à Tailândia?

— Por que não? Nunca estivemos lá. Dizem que as praias são incríveis.

— Você detesta praia. E desde quando quer ir a algum lugar que não faça uma dobradinha com a pesquisa? Não há terroristas na Tailândia, há?

— Agora que você mencionou o assunto, eu tinha pensado em fazer uma viagem à Argélia — disse ele, e aguardou. Nenhuma

reação. — Por você, tudo bem, se eu for à Argélia?

A ida de Lawrence a qualquer lugar significaria poder encontrar-se com Ramsey com impunidade, inclusive à noite.

— E não devia ser assim?

— Bem, no momento, a Argélia é apenas um dos países mais perigosos do mundo. Naquele ataque muçulmano a Sidi Rais, em agosto, trezentos aldeões foram massacrados com machetes.

— Ah, é? — fez Irina. Seus olhos se anuviaram. — Essa eu deixei escapar.

— Como pôde *deixar escapar*?

— Não é tarefa minha acompanhar esse tipo de coisa, é sua.

— O restante do mundo é da conta de todos! Você *costumava* se interessar.

— A Argélia não ficará mais segura se eu me mantiver pessoalmente a par do quanto ela é perigosa.

— Enfim, eu não estava falando sério sobre Argel. Mas falei sério sobre Bangcoc.

Em matéria de objeção, *Acho que não devemos fazer nenhum plano, porque talvez eu o abandone dentro de alguns dias*, esse era um ponto a que Irina ainda não havia chegado.

— Pode ser — respondeu ela, em tom vago. O desapontamento de Lawrence foi evidente.

Visto que sua pauta para a conversa da noite havia inspirado tão pouco interesse, ele recaiu em seu tema-padrão: o terrorismo. Era um fascínio que Irina não conseguia entender. Lawrence tivera pouca ou nenhuma experiência pessoal de ser vitimado por terroristas. Não perdera a mãe em Lockerbie. A origem de seus ancestrais não ficava em Belfast. Numa ou noutra ocasião, ele e Irina tinham sido evacuados do metrô por causa de uma ameaça, mas nada jamais explodira em sua vizinhança. Os interesses profissionais de Lawrence exibiam uma curiosa arbitrariedade: não vinham de parte alguma, não tinham raízes orgânicas. Talvez o fato de ele ter se

feito sozinho, rejeitando a cafonice e o anti-intelectualismo de Las Vegas, houvesse conferido a sua encarnação adulta uma afetação inevitável.

Por outro lado, talvez o fato de ele ter vivido os últimos meses com uma mulher que andava de cabeça virada, sabe Deus por quê; cujo comportamento tinha sofrido uma transformação profunda, e não para melhor, sem nenhuma transgressão da parte de Lawrence que ele pudesse identificar; cujas idas e vindas eram tão francamente suspeitas que incentivavam suas piores fantasias a correr soltas; e, o que era mais importante, em cuja fidelidade ou mesmo gentileza ele já não podia confiar, bem, talvez isso se parecesse um pouco com ser vítima do terrorismo.

— Essa decisão de convidar o Sinn Fein para conversações, sem ter passado sequer um mês desde o restabelecimento do cessar-fogo pelo IRA — disse Lawrence, atacando os escalopes como se eles lhe tivessem feito uma afronta pessoal —, é apressada, a meu ver. Esses sujeitos não são punidos por Canary Wharf nem por Birmingham: são recompensados. Ah, sim, claro, vamos recebê-los de volta no rebanho, não faz mal vocês terem rompido o último cessar-fogo sem aviso prévio e terem causado milhões de libras esterlinas de prejuízos comerciais! Isso é uma indignidade, é ansiedade demais. O Blair está lambendo o rabo do Sinn Fein, e a coisa anda feia.

— Você não acha que haja lugar para o perdão? Para traçar uma linha e dizer: deixemos o passado para lá e vamos partir daqui para um novo começo?

— Quem já agiu com má-fé uma vez tende a agir com má-fé novamente. Não nos prestamos nenhum favor ao agir com credulidade.

— Por esse raciocínio, não se negocia com terroristas, ponto final.

— Provavelmente, não deveríamos. Provavelmente, teremos que negociar.

Mas, no mínimo, faz sentido que haja um longo período probatório. Quando não se pode confiar na palavra de alguém, é preciso obrigá-lo a provar quem é através do que ele faz.



O CASAL CAMBALEOU pelos três últimos pratos como quem se arrastasse nas voltas finais de uma corrida desgastante. A refeição foi um desperdício. Lawrence fez um esforço enorme e quis muito conduzir uma noitada animada e alegre, que confirmasse que Irina havia simplesmente passado por uma fase difícil de instabilidade, que agora estava definitivamente encerrada. Irina também se esforçou, empenhou-se de verdade, sorrindo nos momentos de silêncio, admirando todos os pratos e quebrando a cabeça à procura de assuntos, embora todos parecessem armadilhas; até sua especulação sobre o casamento de Betsy, como uma “parceria comercial”, pareceu carregada de alusões. Por algum motivo, a incapacidade dos dois de combinar o teatro do jantar com seu teatro pessoal revelou toda a história do restaurante como uma fraude. O preço dessa refeição poderia manter uma criança viva no leste da África por um ano, e eles teriam extraído o mesmo teor nutritivo de um Big Mac.

Suas contas bancárias separadas permitiram que Lawrence pagasse a conta.

— Muito obrigada pelo jantar — disse Irina, em tom formal.
— Foi adorável.

— É, foi excelente! — exclamou Lawrence. — Precisamos fazer isso mais vezes.

E assim eles conspiraram: tinham passado *momentos adoráveis*. Com certeza, com o empenho de tantas boas intenções de ambas as partes, e com o investimento de tão altos recursos

financeiros para esse fim, era inconcebível que a ocasião fosse um fiasco.

Voltaram às pressas para casa, para a mais perversa das diversões pós-prandiais.



LAWRENCE LIGOU A TELEVISÃO no exato momento em que o locutor apresentava os jogadores. Os leais seguidores do culto de Ramsey gritaram *Ram-see! Ram-see!*, quando ele entrou.

— Sabe, esse negócio que o Ramsey faz de nós-tentamos-com-mais-empenho, como no comercial da Avis — disse Lawrence, desabando no sofá —, fico pensando se isso não o tornou mais popular. Aposto que a plateia não ficaria tão fissurada se ele tivesse vencido aqueles seis campeonatos.

Fixada naquele rosto, Irina emitiu apenas um grunhido. A câmera deu uma panorâmica de nove homens de camisetas pretas, cada uma exibindo na frente uma letra de V-A-I R-A-M-S-E-Y.

— Caramba! — exclamou Lawrence, ao ser apresentado o adversário de Ramsey. — Que azar! O Stephen Hendry logo na primeira rodada!

O número um do mundo foi recebido com uma salva morna de palmas bem-educadas.

— É um esforço e tanto, não é? — prosseguiu Lawrence. — O Hendry é universalmente considerado o melhor e mais completo jogador da história da sinuca. Mas escute só essa plateia: eles não estão nem aí! Quanto melhor o Hendry joga, mais os fãs não conseguem suportá-lo. Talvez seja uma coisa do proletariado, esse amor pela falha fatal. A maioria dos fãs da sinuca se compõe de uns caras barrigudos e beberrões que batem na mulher e que compram bilhetes toda semana, mas nunca acertam a loteria. Aposto que não conseguem se identificar com alguém como o Hendry, que raramente erra uma tacada. Já o Ramsey dá um perfeito cartaz de

propaganda do oprimido, com aquela incapacidade trágica de se firmar, *eu podia ter disputado o campeonato*.

Reprimindo a impaciência com essa tagarelice incessante, Irina retrucou: — Não sei de nada disso. O problema do Hendry é que ele não é *sexy*.

Lawrence deu-lhe uma olhada: — E você acha o Ramsey *sexy*?

Irina deu de ombros, com os olhos na tela.

— Não sei. É a fama que ele tem — disse, esforçando-se para entrar num território seguro. — Pelo menos, não é um desmancha-prazeres. O Hendry não é chato só por ser perfeito. Ele é uma *pessoa chata*.

De fato, segundo Ramsey, a excelência enfadonha era apenas parte do problema de Hendry. Longe da mesa, ele não era um Grande Personagem.

Homem de família, chegando aos trinta anos, Hendry havia introduzido pessoalmente uma era bem-comportada e obediente da sinuca, nos anos noventa, que incluía dormir cedo e comer direitinho todos os legumes, e por isso podia ser acusado de ter reduzido a popularidade do jogo à metade, sozinho, da noite para o dia. Tinha estatura mediana, e o cabelo castanho e liso era curto. A expressão de seu rosto bolachudo continuava estranhamente impassível, mesmo depois das raras tacadas que ele errava. A pele era esburacada, a postura era de lordose, e as nádegas, protuberantes. Nas entrevistas, ele tinha boas maneiras e sempre reconhecia o mérito dos adversários por sua habilidade. Hendry era um jogador sem atrativos, e a única coisa que acrescentava ao jogo era o jogo em si.

Acontece que tinha vencido o mesmo número de finais do Campeonato Mundial que Ramsey perdera. Tinha feito mais do dobro de “séculos”, ou saídas de mais de cem pontos, de qualquer jogador na história do esporte, e colecionava títulos como uma

flanela vai acumulando fiapos. E quem dava a mínima para isso? Não essa plateia, da qual nenhum membro se incomodara em arranjar camisetas com uma serigrafia especial que soletrasse V-A-I S-T-E-P-H-E-N.

Irina, é claro, não estava interessada em Stephen Hendry, exceto na medida em que ele constituía uma barreira para sua visão do rosto de Ramsey, e se irritava toda vez que a câmera deslizava para o rosto inexpressivo do jogador. Ela só tinha olhos para o personagem alto e de ar severo, com o colete cor de pérola que era sua marca registrada. Quando deu a saída na primeira partida, ele a construiu com tacadas rápidas e bem executadas, que provocaram um elogio de Clive Everton: “Ele não é de perder tempo, esse Ramsey Acton!” Foi como se Irina ouvisse vozes. Everton parecia estar lhe dando um aviso pessoal de que o Sr. Acton não esperaria mais do que essa semana pelo veredito dela.

Inclinada para a frente na poltrona, Irina sentiu sua ansiedade aumentar a cada bola encaçada. Quando Ramsey matou uma vermelha com uma tacada longa espetacular, e a branca a seguiu angustiosamente para dentro da caçapa, num “suicídio”, ou falta, ela gemeu tão alto que Lawrence a olhou, perplexo.

“Ora, *isso* é que é infelicidade”, lamentou o comentarista.

— Já reparou como toda tacada que é uma merda é sempre uma *infelicidade* ou um *azar*? — perguntou Lawrence. — Os comentaristas são muito decorosos.

Infelicidade é um eufemismo para *uma burrice incrível*.

Era uma observação sensata e até interessante, exceto por ter sido feita por Lawrence. Irina comprimiu os lábios. Por que ele não conseguia fechar a matraca e assistir ao jogo?

O segundo comentarista, Dennis Taylor, entoou: “Não se pode cometer esse tipo de erro, porque isso é dar chance para o outro homem. Não quando esse outro homem é Stephen Hendry.”

Tudo na sinuca era uma questão de aproveitar oportunidades que talvez nunca mais voltassem, e dar a isso uma aplicação romântica. Assim, Hendry começou a demonstrar que um campeão de verdade só precisa de uma chance. A saída de Ramsey, com cinquenta e sete pontos, tinha sido respeitável, mas, restando ainda setenta e cinco pontos na mesa, a partida estava ao alcance de qualquer um. Infelizmente, a penúltima bola matada por Ramsey impelira a tacadeira para o conjunto das bolas e as vermelhas tinham se espalhado como cerejas, prontas para serem colhidas.

À medida que Hendry tratou de limpar a mesa, com o zelo de um daqueles personagens-modelo dos livros infantis que arrumam tudo depois do jantar, Lawrence foi fazendo a narração: — A gente subestima o valor desses modelos de perfeição quando eles estão no auge. Ah, sim, é Stephen Hendry, o Sr. Perfeito, vencendo mais uma partida.

E acho que estou torcendo pelo Ramsey, porque ele é nosso amigo. Mas, cara, ele não chega aos pés de Hendry. Nunca houve um jogador igual a esse, e talvez nunca mais haja. Só quando essas pessoas perfeitas começam a falhar é que todo mundo começa a apreciá-las, considerando o passado. Tipo assim: puxa, acho que eles realmente eram fantásticos, bons tempos aqueles! É como a história de que a gente nunca sabe como uma coisa era boa até perdê-la.

Cale a boca, pensou Irina, incontrolável, quando Hendry, seguindo a etiqueta da sinuca, deixou a última bola preta na mesa. *Só cale a boca.*

Ao começar a segunda partida, Irina examinou o comportamento de Ramsey, em busca de indícios de seu estado de espírito. Jogando com uma ferocidade incomum, ele exalava uma fúria contida, como um daqueles sujeitos de aparência superficialmente normal, mas que no fundo são nervosos, sujeitos em quem a gente esbarra no metrô e, antes que se consiga dizer *desculpe*, sacam um canivete automático. Ramsey exibia a mesma

expressão dura do momento em que lhe dera o ultimato, dizendo que ela teria até o fim desse torneio para tomar sua decisão.

Irina se perguntou se ele pensaria que ela estava assistindo ao jogo.

De acordo com esse traço represado e explosivo, Ramsey deu uma tacada diagonal arriscada e ridícula, e disparou a branca com tal velocidade em direção ao canto oposto que ela não só encaçapou a última vermelha com um estalo sonoro, como ricocheteou para lá e para cá pela mesa, tirando várias outras bolas do lugar e batendo em três tabelas separadas.

Everton exclamou “Essa não dá para segurar!”, enquanto Taylor contribuiu com “Essa foi um abuso!”. No entanto, era um tipo de jogada irrefletida e não calculada que os comentaristas tarimbados reprovavam severamente. Everton resmungou: “Esse homem dá umas tacadas que eu considero um escândalo.” No entanto, quando acrescentou “Mas não se pode criticá-las, quando as bolas entram”, o que quis dizer era que se podia criticar, sim — que, para um purista da sinuca, os fins convenientes nunca justificavam os meios atabalhoados.

“Será que ele deu sorte?”, perguntou-se Taylor, quando a branca parou.

Lawrence tinha razão, é claro, em dizer que os comentaristas de sinuca brandiam termos relacionados com *sorte* ou *azar* de um jeito moralista, que indicava que esse esporte, quando adequadamente jogado — a despeito de um ou outro cisco de giz —, não deveria ter absolutamente nada a ver com a sorte. *Ter sorte* era safar-se de alguma coisa pela qual, a rigor, se deveria ser punido.

Nesse caso, a irrefletida manifestação de agressividade de Ramsey *foi* punida.

Com sua posição na tacada seguinte vergonhosamente entregue ao acaso, que pena, o caminho para a única cor disponível

ficou compactamente bloqueado por uma bola vermelha perdida. Em termos epônimos, ele havia se *sinucado*.

Mas, enquanto Irina fitava com saudade o belo homem preso do outro lado da tela, como um dos visitantes de Nárnia de C. S. Lewis, banido para o outro lado do guarda-roupa, e enquanto Lawrence resmungava no sofá sobre como aquela tacada tinha sido antiprofissional — francamente, para que é que a gente precisava de comentaristas, quando tinha o Lawrence para dar palpites sem parar na galeria? —, o conceito de *sinuca* assumiu um significado maior. O termo se referia a uma configuração em que um obstáculo que o sujeito não queria atingir — não podia atingir, pelas regras do jogo — ficava entre ele e seu objeto. Por conseguinte, Irina também havia se *sinucado*. Ramsey escapou de seus apuros com uma extravagante tacada em curva. Mas ela não podia imaginar nenhum equivalente metafórico desse “massé”, nenhum curso de ação que a repusesse em contato com Ramsey sem bater de ponta-cabeça naquele espectador inocentemente irritante que se encontrava no sofá.

— Bom, ele saiu dessa com brio — disse Lawrence —, mas não está numa vermelha...

— Quer, *por favor*? — exclamou Irina, por fim.

— Por favor *o quê*?

— Só... só falar baixo, para eu poder acompanhar isso!

— Em geral, você fica aí sentada costurando, ou coisa assim — disse Lawrence. — Desde quando ficou tão interessada numa partida de sinuca?

— É *snooker*! — exclamou ela. — Não *snucker*! Faz sete anos que você vive aqui, o jogo é britânico, e se você pretende ser fã de *sinuuuuuca*, devia pelo menos aprender a PRONUNCIAR a palavra!

Certo, os britânicos rimavam o jogo com palavras com “u”, enquanto os americanos, que empregavam o termo primordialmente no sentido metafórico que Irina acabara de reconhecer tão recentemente, rimavam-no com o som de “â”. Uma distinção

insignificante. O que não fora insignificante tinha sido o tom da voz dela, e, numa noite que o casal tinha resolvido passar junto, da maneira mais calorosa possível, Irina estava *bem encrocada*.

A expressão de Lawrence oscilou entre ofendida, zangada e perplexa. Irina baixou a cabeça, envergonhada. Podia ser que, um minuto antes, tivesse dado uma importância passional a saber se Ramsey venceria a segunda partida, mas agora o comentário suave e educado que saiu da televisão só fez sublinhar a incivilidade contrastante de sua explosão. Lentamente, Irina fez as honras da casa e desligou a televisão.

Uma fala inicial de deslumbrante originalidade talvez produzisse uma dramaturgia mais sofisticada. Mas, nos momentos decisivos cruciais — quando a meta louvável da réplica luminosa fica num distante segundo lugar em relação à clareza —, a pessoa tende a confiar nos códigos estabelecidos de sua própria cultura. Assim, Irina recaiu no oportuno prelúdio norte-americano do cataclismo: — *Nós precisamos conversar*.

Em seus ataques dilacerantes aos colegas, em seu desprezo contundente pela profusão de *idiotas* à sua volta, Lawrence exsudava perpetuamente uma violência mal contida. Embora nunca tivesse batido em Irina, ela também nunca lhe dera razão para isso. Por conseguinte, ao contemplar a cena que agora se desdobraria inexoravelmente na sala, Irina vislumbrou de passagem a ideia de que ele bem poderia ser levado a lhe desferir um forte murro no queixo. No entanto, por mais que ela tivesse se desesperado por achar que o parceiro era uma figura conhecida — por maior que tivesse sido a frequência com que, desde julho, havia suposto que a vida conjugal dos dois ficara insípida, somente porque uma relação, entre outras coisas, é um projeto de pesquisa, e porque, agora que ela havia chegado ao fim de seu doutorado particular em Lawrence James Trainer, não restava mais nada para descobrir —, Irina estava enganada. Encolhido no sofá, ele choramingou numa vozinha

infantil o que ela nunca tinha ouvido: — Eu tinha o que mais queria no mundo, mais do que qualquer outra coisa, e estraguei tudo.

Todas as imagens que Irina evocara, de levar uns tabefes na cabeça ou ser atirada na parede, revelaram-se produto da fantasia — não algo que ela temesse, mas algo por que ansiava. Pois o que Lawrence fez, em vez de espancá-la, foi muito mais brutal.

Ele chorou.



DURANTE AS BUCÓLICAS TARDES de agosto Irina trabalhou diligentemente em seu estúdio. Quando Lawrence telefonava, a pretexto disto ou daquilo, ela sempre se emocionava, mas havia pouco a dizer. O trabalho ia bem. *Bem* não era bom o bastante. Apesar de tê-la posto de lado, com relutância, por sua dessemelhança das companheiras, Irina mantinha aquela ilustração do Viajante Escarlate presa acima da prancheta, como lembrete de uma qualidade esquiva que lhe estava escapando das mãos. Havia nessa imagem uma chama, uma vividez e uma ebulição que nenhum dos trabalhos dela exibira desde então. As ilustrações que ela vinha desenhando ultimamente eram bem-feitas, às vezes encantadoras. Mas não lhe tiravam o fôlego. O Viajante Escarlate fora uma aparição breve, e não tinha voltado mais.

Uma tarde, quando o desenho em sua mesa a entediou intensamente, ela deu uma fugida ao quarto para tirar do corpo certa inquietação. Raras vezes lhe era necessário desafogar-se sozinha abaixo da cintura, dada a regularidade dos orgasmos passáveis proporcionada pela vida com Lawrence. Mas, nesse momento, Irina sentia-se tensa e Lawrence não estava em casa. Mesmo que estivesse, ela nem se lembrava da última vez em que os dois tinham transado à tarde — uma abstinência que talvez constituísse o momento definitivo em que terminava o namoro.

Há sempre um intervalo peculiar, entre a decência equilibrada da labuta cotidiana e a demência da desinibição privada,

no qual a pessoa resolve, quando ainda está com o juízo perfeito, dar uma endoidada. Do mesmo jeito, na juventude, Irina havia confrontado muitas pílulas enganosamente pequenas ou tirinhas de papel manchado, e decidido, num estado de extremo autocontrole, abdicar desse controle — suscitar estados irracionais como a paranoia ou a euforia injustificada e entortar linhas retas. Mas abdicar da própria sanidade não é, estritamente falando, uma coisa sensata para se fazer, de modo que, no momento em que resolveu se masturbar, ela havia entrado numa região subterrânea a um passo da razão, em direção à loucura.

Irina não ficava inteiramente à vontade com essa atividade. Embora liberar a sós um pouquinho de tensão dificilmente se equiparasse a fazê-lo com outro homem, sua impressão era que Lawrence não gostaria disso. Traí-lo consigo mesma parecia, em certo aspecto que ela não conseguia pôr em palavras, o supremo adultério.

Irina nunca se perguntara se Lawrence se gratificava nos mesmos moldes; torcia muito para que sim. Sabia pouquíssimo sobre o que se passava na cabeça dele quando os dois faziam amor (pouquíssimo, uma ova!, não sabia nada). Pelo bem dele e do casal, melhor seria que Lawrence mantivesse uma caverna pornográfica secreta na cabeça, com prateleiras de vídeos lascivos que pudesse alugar de graça.

Além disso, aos vinte anos, a imagem de um homem se masturbando tinha sido o maior estimulante para Irina. Por quê? Se as sensações dela podiam servir de guia, o sexo com outra pessoa nunca era propriamente perfeito — nunca exatamente *perfeito*. Irina havia adorado a ideia de que ele fosse exatamente perfeito — a ideia de um homem cego por seu próprio prazer. E o autoerotismo era o santuário mais íntimo, a verdadeira definição do privado. Um sem-número de seus amantes do passado havia topado todas as variações-padrão e mais algumas, porém a única coisa que nunca se

ofereciam para fazer — com uma exceção memorável — era se masturbarem na frente dela. No entanto, essa era a descoberta inicial da qual provinha todo o sexo; era a fonte. A maioria dos meninos devia ter-se masturbado centenas de vezes antes de deparar com uma garota de carne e osso, e a punheta adolescente era um famoso alucinógeno.

Comparada a ela, a manipulação desajeitada que caracterizava uma profusão de episódios de perda da virgindade devia ser uma decepção quase universal. Mesmo ao longo da idade adulta, era certo que muitos homens continuavam a experimentar um gozo muito maior tocando punheta em cima do vaso sanitário, com parceiras de mentira, do que deitando com mulheres reais, com celulite e uma compulsão irritante a inserir “na verdade” no começo de todas as frases.

Engraçado isso. Visto que se podia dizer o mesmo das mulheres, era curioso entender por que alguém ainda se dava o trabalho de transar.

Nessa tarde, porém, deitada em cima da colcha, com o jeans arriado, Irina fez gestos preparatórios letárgicos. Permaneceu lúcida. Até ali, aquilo estava exatamente tão chato quanto preencher os monótonos tijolos marrons da casa de sua protagonista aleijada.

Ela se dedicou com mais vigor, porém conseguiu pouco mais do que deixar os pequenos lábios doloridos. Não conseguiu desvencilhar-se de um embaraço contrafeito, da imagem de seu corpo na cama, com as mãos enfiadas entre as pernas, o jeans amarfanhado e o tênis roçando no chenile branco. Irina sentiu-se tola. Havia qualquer coisa de reles numa mulher fazendo isso — vergonhosamente insignificante, espasmódica. Ela invejava nos homens a imponência de sua exibição. Eles podiam observar uma parte de seu corpo, antes pequena, murcha e caída, ficar toda dura, grande e elevada. Viam sua própria excitação, vermelha, agressiva, quase arrebatando. Podiam segurá-la nas mãos, apossar-se dela,

espremer a realidade tridimensional de seu desejo. Umás fungadelas arfantes e umas farfalhadas em cima da roupa de cama não se comparavam com isso. Ao gozarem, os homens tinham alguma coisa para exhibir.

Não era justo.

Irina precisava pensar em alguma coisa, bolar umas imagens ilícitas para gozar, porque, de outro modo, seria mais proveitoso empregar essa energia para esfregar a louça do banheiro. No entanto, invocar qualquer visão que contivesse um homem deixou-a impassível. De algum modo, transar com Lawrence noite após noite, vê-lo nu todos os dias a caminho do chuveiro, havia transformado um apêndice antes tão exótico em algo infinitamente acessível e, portanto, banal, como um braço ou um dedo do pé. Sempre havia em sua cabeça aquela porta que ela se recusara a abrir até esse dia, mas fazia tantas semanas que ela fora firmemente trancada que o emboço parecia ter-se infiltrado nas frestas, e agora não havia nada disponível senão uma parede branca. Irina se perguntou, displicentemente, o que teria havido atrás da porta.

Dando-se permissão para ser muito, muito sacana — e esse exercício seria inútil se ela não pudesse ser sacana —, Irina evocou o que tinha sido, nos últimos anos com Lawrence, uma velha reserva para as emergências: uma xoxotinha básica, na qual ela grudava mentalmente a boca. No entanto, mesmo no auge da embriaguez, um canto de sua cabeça ficava eternamente incomodado com essa fantasia — não só incomodado, mas confuso. Irina não tinha nada contra essas pessoas, é claro, mas não se considerava lésbica e nunca havia gostado de mulher, muito menos se apaixonado por uma. Ademais, essa propensão recente não fazia sentido histórico. Nos tempos da juventude, sua fixação exclusiva no pênis tinha beirado a ninfomania. Quando ela imaginava um encontro secreto com uma verdadeira chupadora de xoxota, via-se de pé, inteiramente vestida, olhando para uma estranha feito uma estaca de cerca e mantendo

uma conversa nervosa sobre a decoração do quarto do hotel. Por obrigação, talvez ela tentasse um beijo de boca fechada — que seria repulsivamente macio e excessivamente molhado, e teria o efeito erótico de beijar quiabo cozido demais. Pegando suas coisas depressa, ela pediria uma profusão de desculpas a essa moça bastante gentil, por ter cometido um erro terrível.

Além disso, a genitália fantasiada sempre pairava no espaço; não tinha um corpo maior ligado a ela, tampouco um rosto. Apesar de Irina estar finalmente começando a entrar num estado que poderia passar por excitação, seu devaneio foi interrompido por uma revelação indesejada, que lhe entrou na cabeça como um daqueles avisos cheios de estalido da Linha Norte do metrô: ela estava simplesmente imaginando a si mesma. Sem querer, por ser infinitamente disponível no sentido físico, mas inacessível em todos os outros, Lawrence havia transformado todo o sexo masculino numa grande chatice. Como, afinal, Irina McGovern era uma hétero incurável, seu universo sexual fora posteriormente reduzido a Irina McGovern, e ponto.

Não foi o bastante. Sua vagina passou por uma vibração, estremeceu e relaxou. Aquilo não era orgasmo. Era uma pausa, uma parada surda — tão sem-cerimônia quanto o tranco e a imobilidade repentina de um trem imobilizado sob o Tâmis. Bastante intrigada, Irina correu os olhos pelo quarto agradável e os baixou para o jeans amarfanhado nos joelhos. Puxou-os para cima, fechando a fivela do cinto com um pragmático é-isso-aí. Ela não havia gozado. Mesmo assim, a diversão da tarde estava encerrada.

Estranho ver como isso era perturbador. Em sua longa e desenvolta vida privada, Irina nunca tinha deixado de encerrar uma ocasião dessa natureza com resultados satisfatórios, e tinha lembrança de ter se masturbado pela primeira vez aos quatro anos. Que coisa esquisita ficar incompetente nisso! Mas, quer o devaneio lésbico fosse uma objetivação visual dela mesma, quer ela fosse de

verdade uma desvairada sapata, mas reprimida comedora de xoxota, essa fantasia estava tão batida quanto o brim flanelado e pálido do jeans de segunda mão.

Desgastara-se por completo.

Perturbada demais para voltar ao trabalho, Irina ofereceu-se uma caminhada e se aventurou pela London Bridge, para tomar o rumo do centro da cidade.

Ritualisticamente, foi estalando a língua ante a proliferação de belos condomínios de luxo que vinha destruindo a austera atmosfera dickensiana do Borough, e contornou com cuidado os andaimes com pilhas de blocos de concreto mal equilibrados. Só escapou do para-choque de um caminhão que avançou o sinal da Trinity Street por ter corrido a toda para o meio-fio, e resmungou sobre o execrável padrão de direção dos motoristas da cidade. Os londrinos não respeitavam os pedestres e, a julgar pelos riscos de dar um passeio por dois quarteirões no próprio bairro, o sujeito podia muito bem estar praticando paraquedismo.

Logo desceu sobre Irina um estado de espírito mais reflexivo. Os anúncios dos pontos de ônibus lhe pareceram incoerentes — os apelos lascivos, as mulheres de seios grandes promovendo produtos. Quase todas as propagandas tinham algo a ver com sexo, e Irina jurava que não entendia por quê. O velho tira-e-bota lhe parecia muito conhecido e surrado. Que é que tinha de tão especial? Os casais se apalpando lhe pareciam inexplicavelmente ocupados, e Irina se perguntou por que não iam ao Museu Imperial da Guerra, ou se sentavam na biblioteca para ler livros sobre a arquitetura georgiana.

A libido de Lawrence era vigorosa para sua idade, e Irina tinha sorte. Mas a dura verdade era que, nas noites em que ele dava a entender, pelas espreguiçadas e bocejos codificados pelo casal, que preferiria dormir direto, era comum ela se sentir aliviada. Esse alívio a fazia sentir-se parecida com a mãe (que se dedicava a ter uma

aparência deslumbrante, mas parecia encarar o sexo em si como um aborrecimento confuso; ela preferia os benefícios — o poder, a atenção e a inveja das outras mulheres, inclusive das próprias filhas). A crescente propensão de Irina a cair fora dessa baboseira toda reproduzia a sexualidade oprimida das gerações anteriores, cujas mulheres supostamente consideravam o coito um “dever da esposa”, o oneroso preço pelo sustento financeiro. Imagine, Irina havia arriscado receber toda sorte de castigos ao sair pela janela do quarto em Brighton Beach, aos dezoito anos, em busca das atenções duvidosas de garotos cheios de espinhas. Agora que podia trepar até cair, se chegasse dez centímetros para a esquerda em qualquer noite comum, preferia dispensar a oferta.

Talvez envelhecer fosse isso. A pessoa se cansava do sexo, até do sexo de boa qualidade, como se cansaria de um bom espaguete à carbonara, se o comesse três vezes por semana. Ou talvez existisse uma coisa chamada *preguiça sexual*, da qual ela se tornara vítima. Na maioria das áreas, Irina era trabalhadora; nunca comprava cenouras pré-cortadas. Mas o gozo também era um esforço.

Perdida em sua contemplação, ela ergueu os olhos, surpresa: ora, estava quase chegando ao East End.



NA MANHÃ DE 31 DE agosto, depois de passar vinte minutos na escada consolando uma vizinha inconsolável, com pouco resultado, Irina voltou ao apartamento, segurando o *Sunday Telegraph*.

— Você nem vai acreditar! Diana!

— Que foi que essa vaca fez agora? — indagou Lawrence.

Irina reconheceu a cabeça baixa e o primeiro pestanejar maldoso, e abanou as mãos freneticamente.

— Não comece! Hoje não! Você vai se arrepender!

— *Eu adoraria ajudar os desvalidos...*

— Pare! Já chega! Ela *morreu*.

Ao ler em voz alta o primeiro parágrafo, Irina lamentou por Lawrence.

Aquele não estava fadado a ser o tipo de reportagem dirigido a ele. Não havia nada para sentir senão tristeza. A princesa Diana podia não ter sido muito brilhante, mas não merecia morrer. À parte, alguma lição questionável sobre como os *paparazzi* talvez não devessem ser tão fervorosos em sua perseguição às celebridades, o que em si não era um sentimento lawrenciano, não surgia nenhuma moral substancial em que Lawrence pudesse cravar os dentes. Só lhe restava ficar de lado e se solidarizar brandamente com todas as outras pessoas.

Podiam chamá-la de perversa, mas, para Irina, sentir uma franca tristeza por ter acontecido uma coisa ruim era algo que surgia naturalmente.



ERA DIFÍCIL PENSAR em alguém a quem Irina pudesse confidenciar, comodamente, que: “Estou meio tensa porque um dia desses me masturbei e não consegui gozar.” A única candidata era Betsy Philpot, cuja franqueza beirava a grosseria.

Betsy e Leo tinham dois filhos e, ao contrário de certa *freelancer* meio vadia, os dois trabalhavam de nove às cinco. Assim, Irina insistiu em fazer o percurso até Ealing. Betsy ensaiou um protesto apático, depois escolheu um restaurantezinho indiano a dois quarteirões de casa.

O trajeto foi o pesadelo de praxe, e Irina chegou com quarenta minutos de atraso. Quando começou a falar dos sofrimentos na linha Piccadilly, Betsy a interrompeu.

— A vida é curta e a noite é mais curta ainda. Você ainda não dominou a etiqueta londrina? *Ninguém* quer ouvir histórias do metrô. Você está aqui. Por si só, dada a situação do metrô, isso já é uma prova da existência de Deus. Beba alguma coisa.

Frequentemente inclinada a tomar só *um pouquinho* mais de vinho quando estava longe do olhar reprovador de Lawrence, Irina serviu uma taça notavelmente moderada da garrafa de vinho tinto. Enquanto comia *paparis*, perguntou pelos novos projetos editoriais de Betsy, pela probabilidade de Leo manter o emprego e pelo progresso dos dois meninos na escola, enquanto dizimava a cesta inteira.

— Puxa, vida — comentou, enchendo de molho picante de cebola crua o último *papari* —, talvez devamos pedir outra cesta. Você não comeu quase nenhum.

— É que só eu falei.

— Tudo bem — disse Irina. — Francamente, às vezes eu hesito em me encontrar com os amigos porque não consigo imaginar do que eu falaria.

“Finalmente encontrei o amarelo perfeito para o patinho de borracha da banheira” não me parece uma tirada luminosa.

— Há sempre as atualidades.

— Se eu quiser falar das reportagens dos jornais, posso ficar em casa.

— Você e o Lawrence não conversam sobre mais nada?

Irina franziu o cenho.

— Na verdade, não. Ah, e a televisão. O Lawrence é capaz de discorrer longamente sobre os méritos de *Homicide* em relação a *Law and Order*.

— Vocês nunca falam do que estão sentindo?

— O que é sentir?

Betsy inclinou a cabeça.

— Você é um robô?

— O Lawrence se interessa pelo mundo fora dele. O que está acontecendo, o que pode acontecer e como impedi-lo.

— E quanto a você? Por que é que você se interessa?

— Bem. A mesma coisa, eu acho. Tento me manter informada.

— Quer dizer que você quer mesmo conversar sobre o IRA e saber se o cessar-fogo vai vingar.

— Poderíamos nos sair pior. O que mais existe?

Irina podia jurar que não entendeu por que esse sentimento soou tão niilista, e ficou contente por ser interrompida pelo garçom que veio anotar seu pedido. E realmente pediu mais *paparis*, além de arroz basmati, pães chapati, samosas, um *vindaloo* de frango e um prato de legumes para acompanhar.

— O exército que nós vamos alimentar, eu presumo, está acampado lá fora, não é? — perguntou Betsy, que havia pedido um *korma* de carneiro, ponto final.

— Estou faminta. Não sei por que, mas faz semanas que ando desvairada de fome.

— Você está mesmo parecendo... saudável.

Era a velha palavra em código de sua mãe.

— Você quer dizer *gorda*!

— Não, o corpo mais cheinho lhe cai bem! — recuou Betsy.

— Às vezes, você parece um cão sem dono.

Betsy tinha razão: Irina não queria desperdiçar o tempo das duas falando do cessar-fogo do IRA. Entre um samosa e outro, arriscou: — Enfim, meses atrás, em julho, aconteceu... uma coisa comigo.

— Você *realmente* achou o amarelo perfeito para o pato de borracha.

— Quase beijei uma pessoa.

— *Quase?* Meu bem, você está mesmo precisando de alguma coisa de que falar.

— Não beijei, mas fiquei terrivelmente tentada. Tenho a sensação de ter escapado do desastre por um triz.

Betsy soltou uma gargalhada.

— Irina, você é uma moralista tão certinha! Aposto que é uma daquelas pessoas que descobrem um erro a seu favor no extrato bancário e ligam imediatamente para o banco.

— Não zombe de mim. Nunca me senti intensamente atraída por outro homem desde que Lawrence e eu nos juntamos.

— Isso é espantoso.

— A fidelidade começa na cabeça.

— Quer dizer que você pecou em pensamento?

— Jimmy Carter sacou alguma coisa.

— Por que você não foi em frente? Talvez lhe fizesse bem. Já andei dando uns beijos e apertões, num ou noutro lançamento de livro, por conta de um excesso de vinho grátis. Depois, você fica sóbria, passa uns dias sem poder encarar o sujeito nos corredores e supera a coisa com uma risada. Isso mantém o sangue circulando.

— Ah, não se faça de tão durona, Betsy. Isso não convence. Esse momento realmente me perturbou. Eu não achava que fosse possível.

— Como é que anda a questão da trepada com o Lawrence? Entrou em declínio?

— Não, está ótima! Embora rotineira, é óbvio.

— Por que “é óbvio”?

— Bem, todos os casais transam mais ou menos do mesmo jeito, todas as vezes.

— Como é que você sabe?

Irina se impediu de dizer: *Foi o Lawrence quem disse.*

— É de conhecimento geral.

— Com o Leo e comigo, nada do que se faz uma vez a cada seis meses se qualifica como “rotineiro”.

— Mas você acha mesmo que é importante fazer isso com muita frequência?

— Acho — disse Betsy, em tom brusco. — Provavelmente, é.

— Não tenho tanta certeza. Na verdade, ultimamente, o resto do mundo não faz muito sentido para mim. Na televisão, nos comerciais, nos filmes, anda todo mundo enfiando as mãos nas calças uns dos outros. Parece muito maçante. Será que é terrível dizer isso? O sexo me entedia.

— Opa! Tem certeza de que estamos falando de sexo de verdade?

— Sexo de verdade ao longo de muitos anos, sim. Na maioria das vezes, francamente, é trabalho demais. Eu preferiria ir dormir. Mas é sempre assim que tem de acabar. No começo, a gente sente um tesão danado, depois o fogo vai se extinguindo, e o que decide se o casal se mantém ou se separa não é o tempero no quarto, mas se os dois gostam de *vindaloo* de frango. Aliás, um dia desses li no jornal um estudo que media aquelas substâncias químicas que circulam no sangue quando a pessoa se apaixona, sabe? Ao que parece, ninguém consegue mantê-las por mais de um ano e meio, mais ou menos.

Betsy espremeu os olhos.

— E eu que pensava que a cética era eu.

— Não sou cética, sou pragmática. Sei que você anda frustrada com o Leo, em termos físicos. Mas vocês têm dois meninos maravilhosos e são capazes de conversar. De que mais precisam?

— Sempre achei que você e o Lawrence tivessem mais do que isso — disse Betsy, num tom derrotado.

— Nós temos muita coisa a nosso favor! E a coisa do sexo é ótima. Só que, bem, há uma pequena decepção... — disse Irina, equilibrando uma pimenta verde inteira num pedacinho de frango.

— Ele não me beija. Há anos.

Betsy parou de comer.

— Está aí a única coisa alarmante no que você disse.

— Não devia ser tão importante assim.

Ah! A pimenta era forte, e os olhos de Irina se encheram de lágrimas.

— O que significa que é.
— Não, significa que não deveria ser, e talvez simplesmente não seja.

— Alguma coisa a impede de beijá-lo?
— Não. Às vezes eu tento. Mas agora traz uma sensação estranha. Radical.

— Beijar é radical. É por isso que é importante.

Irina deu um sorriso vitorioso.

— Há poucos minutos você disse que beijar colegas em lançamentos de livros era uma coisa que você “superava rindo”. Minutos atrás, era para eu ter beijado esse outro homem por impulso, nem que fosse para melhorar minha circulação. E agora o beijo é *radical*?

— Eu nunca disse que sou coerente. Mas você também não é. Pelo que disse, por não ter beijado esse sujeito misterioso, você escapou por um triz do fim do mundo, mas, quando se trata de Lawrence, beijar “não é importante”. Não podem ser as duas coisas, queridinha. E, já que estamos no assunto, será que podemos voltar à parte divertida? Quem é esse cara que você queria beijar?

— Você vai achar que eu sou maluca.

— Eu já acho você maluca, por ter se repreendido tanto por uma coisa que nem chegou a fazer.

— Você tem que me prometer de todo jeito que não contará a Jude.

— Espere aí... O *Ramsey Acton*? — inquiriu Betsy. Apesar da incredulidade, ela emendou: — Não vejo nada de maluquice. Ele é bonito como o diabo.

— Não faço ideia do que deu em mim. Eu nunca tinha olhado para ele desse jeito.

— Eu nunca olhei para ele de nenhum outro jeito. Para mim, a sinuca é entediante. Mas não há nada de soporífero naquela boca. Você tem certeza de que tomou a decisão correta?

— Nunca me senti tão aliviada quanto na manhã seguinte. Gosto de ter a vida limpa. Odeio subterfúgios. Não tenho nada para esconder do Lawrence, e pretendo manter as coisas assim.

— Nadinha de nada? Isso é difícil de acreditar. E, se for verdade, é deprimente.

— Está bem, não contei a ele sobre esse desejo que eu tive. Foi só um daqueles momentos divertidos, tipo o-que-poderia-ter-sido.

Betsy ficou ruminando o carneiro como se fosse uma ideia.

— Você e o Lawrence já pensaram em ter filhos?

— Temos sentimentos dúbios. Nunca pareceu chegar a hora certa.

— Nunca é a hora certa. É uma coisa que a gente simplesmente faz.

— Então, você acha que preciso agitar as coisas, de algum modo? Receio ter-lhe dado uma imagem de nós que é insípida e sem vida. Não é isso; só estou cansada do sexo. Afinal, trepar é trepar, e nessa matéria a maioria dos homens é substituível. Eles se diferem em outras áreas... se sabem alguma coisa sobre o Saara Ocidental, ou se são capazes de salvar a gente de um incêndio.

— Você se lembra de como era com o Lawrence, no começo?

— É claro. Era fantástico. Ficávamos tão excitados por estar na mesma cama que dormir parecia um desperdício insuportável. Mas já passamos por isso e, depois de algum tempo, a gente tem outra coisa. Algo mais profundo e mais pleno, mas sem aquele caráter incisivo. É musical: no começo, tudo são agudos, e a parte final da relação passa para os graves.

— Continua podendo ser grave, ou baixa... no sentido mais obscuro. Ou você acha que isso é impossível? Que ninguém o “sustenta”? Que isso não dura.

— Acho praticamente impossível. É o que todo mundo diz, não é?

— Você dá ouvidos a todo mundo?

Irina riu.

— Nunca pensei que você fosse tão romântica.

— Não sou. Na verdade, ouvindo você, tenho a sensação esquisita de que, numa outra conversa, *eu* é que diria essas coisas. Parece mais desanimador na voz de outra pessoa. Parece terrível.

Irina mordiscou uma última ponta de chapati.

— Mas eu amo o Lawrence. Acontece que é um grande amor global e caloroso, em vez do tipo agudo do “mal posso esperar para abrir sua braguilha”.

Não vejo o que há de tão desolador nisso.

— Vocês já pensaram em se casar? Isso poderia lhes fazer bem.

— Nós poderíamos. Mas não sei que diferença isso faria.

— Eu nunca soube que você era tão melancólica.

— Não sou melancólica! Sou perfeitamente feliz!

— Sua felicidade perfeita tem uma estranha semelhança com o desespero de outras pessoas. Esse... seu momento com o Ramsey. Você acha que ele notou? Ele sabe ser bem tapado.

— Tive uma impressão forte de que ele sentiu a mesma coisa. Mas depois vai se convencer de que foi tudo na cabeça dele. Não nos falamos desde então. Aliás, tenho medo disso.

— Portanto, tem medo de você mesma.

— Há alguma coisa nele... Naquela noite, eu senti agitar-se uma coisa que estava hibernando há muito tempo.

— Essa é a coisa mais saudável que você disse a noite inteira.

— Tenho que ficar longe dele.

— Talvez. Mas o que está hibernando aí pode estar se preparando para acordar.

Grata pelo fato de Irina ter feito todo aquele percurso, Betsy pagou a conta e as duas se despediram do lado de fora.

— Você tem que conversar com o Lawrence — aconselhou Betsy.

— Sobre o quê? A Argélia?

— Nenhum homem ficaria vibrando por saber que sua mulher considera o sexo uma chatice e preferiria tirar uma soneca. Se não for por isso, você tem que fazer o filho da mãe beijá-la.

— Você sabe como é humilhante ter que pedir a um homem para lhe dar um beijo? Quando ele atende, é como se estivesse sendo bonzinho.

— Conheço o Lawrence, e sei que ele não gosta de correr riscos. Ele faz muitas bravatas intelectuais, mas, em termos afetivos, vive numa fortaleza. Você não deve deixar que ele se safe com isso. Faça-o baixar a ponte levadiça de vez em quando.



QUANDO ELA FINALMENTE chegou em casa, Lawrence gritou da sala: — Está tarde!

Irina havia esperado uma hora na estação de South Ealing, até o sistema se dignar a anunciar que não haveria mais trens para Piccadilly nessa noite.

— Perdi o metrô. Levei uma eternidade para achar um táxi.

— *Você*, pegar um táxi?

O tom dele não era de repreensão, mas de gratidão. Eram quase duas horas da manhã, uma noite incrivelmente longa para a saída de uma mulher, e ele deve ter ficado preocupado com assaltos, estupros e acidentes de trem.

— Por que você não ligou para me avisar que ia chegar tão tarde? Eu estava preocupado.

— Desculpe, eu devia mesmo ter ligado. Mas achar um telefone público que funcionasse me atrasaria ainda mais. Talvez esteja na hora de entregarmos os pontos e comprarmos celulares.

— Aqui os celulares custam uma fortuna. E não suporto gente gritando com amigos invisíveis pela rua. Já não se consegue

saber a diferença entre os altos executivos e os sem-teto. Mas você não achou um telefone para ligar para um radiotáxi?

— Eu não queria confessar — disse Irina, sem jeito. — Eu não tinha o telefone de nenhum, por isso peguei um táxi preto na rua. E me recuso a lhe dizer quanto custou.

— Que se dane isso — retrucou Lawrence. — Eu ganho uma boa grana. Fico feliz só por você estar bem.

Irina desabou ao lado dele no sofá, e Lawrence deu-lhe uma olhadela inquisitiva. Ele sempre se espichava no sofá; ela sempre assumia a poltrona.

Beijou-o com a boca fechada, mas na boca.

— Acho você maravilhoso.

— Que foi que provocou isso?

— É só que é uma coisa que eu não lhe digo com frequência suficiente.

Quando Irina se arriscou a passar o braço em volta dos ombros dele, o corpo de Lawrence enrijeceu e ele fez um ar de quem se sentia imprensado. Depois de esperar um ou dois segundos, desvencilhou-se polidamente e foi se preparar para dormir.



O PRAGMATISMO DESMANCHA-PRAZERES de Irina, naquela noite de sexta-feira, perturbara não apenas Betsy, mas ela mesma. O fato de ela considerar um milagre seu relacionamento com Lawrence não combinava com essa aparência de expectativas reduzidas. Irina nunca havia engolido a ideia de que era preciso “trabalhar” uma relação, como se fosse um emprego, mas cabia reconhecer o valor de se dar atenção um ao outro.

Infelizmente diante da página virada de Irina, era Lawrence quem ainda não havia se recuperado daquele susto recente por falar de modo tão afetado. Embora ele acedesse, em princípio, às fervorosas declarações da parceira de que os dois deviam passar mais tempo juntos, sua cooperação afável nunca parecia estender-se

a uma tarde específica. Irina lhe perguntara três vezes se queria assistir a *Prazer Sem Limites*, mas ele precisava terminar um artigo. Ela o convidara a acompanhá-la numa ida ao Borough Market, mas ele “detestava fazer compras” e preferia adiantar o trabalho no escritório. Ao lhe perguntar se nesse domingo ele gostaria de acompanhá-la numa de suas longas caminhadas pelo Hyde Park e pelo Regent’s Park, Irina havia usado uma construção negativa, “Você não gostaria de ir a tal lugar, gostaria?”, num tom desanimado. Não, para falar a verdade, ele não gostaria.

As investidas físicas não tinham mais sucesso. Quando Irina se chegava para junto dele de manhã, Lawrence se remexia e resmungava, dizendo estar com calor. As tentativas de aproximação que ela fazia ao sentar-se no sofá dele continuavam a dar a impressão de invasões territoriais, e Irina acabava se retirando para sua poltrona. Quando ela segurava a mão de Lawrence na rua, ele tinha que coçar o nariz. Seu único pedido de fazer amor cara a cara fora tão inútil que ela havia relutado em tentar de novo, como também relutara em pedir, mais uma vez, para ser beijada. Não se deveria ter que pedir, e parecia torturante demais pedir com palavras para não ter que pedir.

Lamentavelmente, Irina estava tratando os sintomas, não a doença. Havia uma razão para Lawrence ficar desconcertado por ela se esparramar sobre seu peito, desabar em seu sofá pessoal, segurar sua mão, olhá-lo nos olhos durante a relação sexual e — acima de tudo, estranhamente — abrir a boca para a dele.

Embora fosse possível invocar uma variedade de rótulos psicológicos abstrusos para a doença subjacente, o mais sucinto deles era *Lawrence*. Nenhuma moléstia de nome tão complicado e denso poderia admitir facilmente uma cura.

Assim, Irina resolveu tratar um sintoma que se transformara numa doença em si: a *televisão*. Lawrence ligava o noticiário ao chegar em casa, mantinha toda sorte de porcarias tagarelando ao

fundo durante o jantar e, em seguida, desabava em frente ao aparelho até a hora de eles se deitarem. Ficar de mãos dadas era uma coisa; dessa vez, ela estava disposta a uma briga.

Quando anunciou que gostaria de experimentar não ligar a televisão à noite, Lawrence ficou consternado. E o que ela propunha que fizessem, em vez disso?, perguntou. Ouvir música... ler... propôs Irina, em caráter provisório. Lawrence observou que passava *o dia inteiro* lendo ou escrevendo textos, muito obrigado, e precisava de uma folga. Além disso, ele não tocava nenhum instrumento, não tinha uma oficina de marcenaria nem construía navios dentro de garrafas. O que ela sugeria: que ele aprendesse a tricotar? Foi um daqueles momentos existenciais engraçados em que simplesmente parecia haver um número desoladoramente pequeno de coisas para fazer no mundo, ponto final. Irina sentiu-se perdida.

— Nós poderíamos... conversar.

— Nós conversamos. Mas conversar é mais do que palavras — objetou Lawrence. — Antes da eletricidade, o sujeito se levantava com o sol, passava o dia inteiro enlameando-se pelos campos e, quando arrumava alguma coisa para comer, já estava escuro, quer dizer, completamente escuro. Não havia mais nada a fazer senão dormir. Agora, até gente como eu, que trabalha pra caramba por horas a fio, dispõe de mais tempo de lazer, mais luz, e não sabe o que fazer com ele. É para isso que serve a televisão. Ela ocupa esse período de pausa.

— A televisão é feita de palavras — replicou Irina, em tom manso.

— A televisão não requer *esforço*, essa é a questão. Quando chego em casa, estou exausto.

— Mas parece vulgar. Aquela barulheira o tempo todo. Não ficamos realmente juntos.

Lawrence cedeu — ou fingiu ceder, embora, considerando o passado, tivesse sido uma experiência de cartas marcadas. Durante

três noites seguidas ele se colocou à disposição da parceira, o que é uma forma gentil de dizer que pôs todos os seus 73 quilos no colo dela. A única diversão em que Irina pôde pensar foi o mexe-mexe, o qual Lawrence, com muito tato, absteve-se de observar que representava ainda *mais palavras*, e o qual, depois de ter posto o Q numa palavra de três letras em duas partidas seguidas, ele parecia destinado a vencer por uma margem humilhante. Derrotada em todos os aspectos, na terceira noite a própria Irina ligou a televisão.

Por isso, foi ainda mais extraordinário quando, passadas duas noites, Lawrence a desligou.

— Escute — começou, acomodando-se numa posição de confronto no sofá —, eu sei que você não se interessa muito por sinuca. Aliás, também nunca pareceu muito interessada em Ramsey.

— A sinuca é legal — disse ela, dando de ombros, curiosa.

— Sabe, o Grande Prêmio começa na semana que vem em Bournemouth, e pensei em assistir a uma ou duas rodadas.

— Se você está pedindo permissão para assistir à televisão, eu já desisti.

— Não, eu me refiro a ir ao campeonato.

— Sozinho?

— Não exatamente. O Ramsey estaria lá. Pensei em combinarmos uma saída de rapazes à noite... como você e a Betsy.

— Por que você não quer ir comigo?

— Não é nada pessoal! Apenas um pouquinho de tempo masculino me faria bem.

— Qual é a desse interesse todo em bancar o amiguinho do Ramsey? Vocês não têm tanto assim em comum. Ele abandonou a escola aos dezesseis anos.

— O Ramsey não é burro.

— Talvez não, mas não se poderia chamá-lo de intelectual. Duvido que ele entenda muito de política britânica, muito menos dos Tigres Tâmeis da Indonésia.

— Posso falar dos Tigres Tâmeis na Blue Sky até cansar.

— Com a *Bethany*, presumo — fez Irina, baixo demais para ser ouvida, e quando Lawrence lhe pediu para repetir, disse-lhe que deixasse para lá.

— Com o Ramsey eu falo de sinuca — disse Lawrence.

— É isso que ele quer? Ele não conversou sobre sinuca comigo.

— Olhe, eu só passaria uma noite fora, e você tem me espinafado para eu fazer alguma coisa além de assistir à televisão. Agora que proponho alguma coisa, levo uma bronca.

Irina resmungou, olhando para as mãos, geladas de novo.

— Tenho procurado coisas para fazermos juntos e você está sempre ocupado.

Quase nunca viaja para se divertir. E, agora que vai viajar, quer ir sozinho. Por que está tentando se afastar de mim?

Abrandando a voz, Lawrence se ajoelhou junto à poltrona dela.

— Ei, não faz sentido você e eu irmos a um torneio de sinuca. Você se chatearia. Além disso, o Ramsey estaria lá. Se quer fazer alguma coisa comigo, você não preferiria que fôssemos só nós dois?

— *Só nós dois* não parece vir sendo muito bom para você, ultimamente — retrucou Irina, emburrada.

— Ora, bolas. Parece uma trabalhadeira danada irmos até Bournemouth para ver um jogo que não faz o seu gênero. Mas, mesmo assim, poderíamos assistir ao campeonato juntos. As primeiras rodadas vão ao ar tarde, às onze e meia da noite. Talvez possamos comer uma coisinha fora, primeiro. Como num encontro, que tal?

Irina animou-se um pouco.

— Está bem. Você gostaria disso?

— É claro. E depois, se o Ramsey passar para a segunda rodada, talvez eu vá até Bournemouth por uma noite. Ele me

pareceu otimista.

— Você falou com ele? — perguntou Irina, em tom brusco.

— É claro que sim. Ingressos de graça.

— E como vai o Ramsey? — indagou ela. Com sorte, a ansiedade em sua voz não seria evidenciada.

— Ele admitiu se sentir sozinho. O que, considerando a vida social à disposição de um dos dezesseis maiores jogadores de sinuca, já é estranho em si.

Mas depois ele entrou numa falação sobre a sorte que eu tinha por ter arrumado uma “garota classuda” como você. Foi meio esquisito.

— Esquisito por quê?

— Os homens não costumam dizer essas coisas uns para os outros.

— Bem, talvez deversem.



PARA “COMER UMA COISINHA FORA” Irina tivera a esperança de uma noite pomposa no Club Gascon, mas Lawrence preferiu baratear o custo no Tas, logo adiante na rua, de onde eles poderiam voltar mais facilmente para casa, a tempo da primeira rodada de Ramsey. Ela se compensou embonecando-se toda.

— Você vai usar *isso*? — perguntou Lawrence. — O Tas é bem mixuruca!

— Por que você se constrange toda vez que eu fico bonita?

Irina não pretendia que aquela fosse uma pergunta retórica, mas Lawrence achava que introspecção era coisa de idiota, e ela não recebeu resposta.

Estabelecimento agradável, com mesas de madeira clara, o Tas tinha uma iluminação quase ofuscante e o serviço rápido demais; era um daqueles restaurantes em que o sujeito podia entrar e se descobrir de novo na calçada quarenta e cinco minutos depois, perguntando a si mesmo o que teria acontecido.

— Não é muito romântico — comentou Irina, em tom desanimado, quando eles foram acomodados perto da cozinha.

— Você não é chegada a sentimentalismos, de qualquer jeito. A comida é decente e eu estou com fome.

— E, então — indagou Irina, com uma intensidade que não combinava com o vinho tinto barato —, como é que *você* anda?

Lawrence não ergueu os olhos.

— Tudo bem — respondeu, distraído. — O fato de terem convidado o Sinn Fein para conversações, sem eles terem sequer pedido desculpas, é má notícia em termos políticos. Mas tenho certeza que vou conseguir tirar da minha indignação uns textos para a página dos editoriais, de modo que é bom para mim.

Irina havia perguntado como estava ele, não seu trabalho, mas para Lawrence essas indagações eram sinônimas.

— Acho que para você é bom quando o mundo inteiro vai pelos ares.

— Isso mesmo! — concordou Lawrence, animado. — O mundo vai mesmo para o diabo, de qualquer maneira. Alguém pode muito bem levar vantagem com isso.

— Não sei para que você está estudando o cardápio. Sempre pede a mesma coisa.

— Folhas de parreira recheadas de carneiro!

Lawrence tinha uma confiança cega nos méritos da repetição, e talvez nunca houvesse refletido sobre seus efeitos insidiosamente desgastantes. Pouco a pouco, o atrativo daquelas folhas de parreira diminuiria. Mas ele não vivia num mundo de sutilezas nem matizes, e, com certeza, vivenciaria o enjoo desse pedido numa noite só, de repente. Não mantinha um registro das desintegrações gradativas. Para Lawrence, uma sobra na geladeira estava boa ou estragada, ao passo que Irina era capaz de detectar a perda progressiva do sabor e o primeiro vago odor de deterioração, sem ter que deparar com uma floresta de mofo para jogar a comida fora. Em relação aos alimentos,

essa visão em preto e branco tinha repercussões desprezíveis, mas, em relação a Irina, o daltonismo dele era potencialmente perigoso. Lawrence não era *vigilante*.

Enquanto mergulhava um quadrado esponjoso de pão de gergelim no *tahine*, Irina parou para considerar a rispidez de sua explosão repentina dessa noite. Era verdade que o Tas não era romântico, mas, quando se buscava produzir deliberadamente um clima de romance, o mais provável era ele escapar. Se não fosse por isso, a qualidade da espontaneidade não podia ser planejada.

Entrementes, Lawrence comentou: — Espero que você não se incomode, mas dei uma olhada nos desenhos que você está fazendo para a Puffin. Eles parecem muito... profissionais.

Irina deu um suspiro.

— São meramente competentes. Até o Ramsey sugeriu que talvez a Jude tivesse certa razão ao chamar meu trabalho mais recente de “chocho”.

— Chocho uma ova. É lindo.

— Não é lindo, é bonito. Eu faço ilustrações, mas, desculpe a pretensão, não arte.

— Por que você tem que ser tão dura consigo mesma? Eu acho ótimo tudo o que você faz!

Os dois não estavam se comunicando. Lawrence jogava o espírito humano no mesmo saco mítico dos elfos e das fadas.

Durante a salada, Irina mencionou: — Sabe, essa crise financeira asiática pode ser ruim para os nossos investimentos, mas talvez tenha um lado positivo. O bath está em queda livre.

Nos próximos meses, tirar férias na Tailândia poderia ser inacreditavelmente barato.

— E por que queríamos ir à Tailândia?

— Por que não? Nunca estivemos lá. Dizem que as praias são incríveis.

— Detesto praia. E se eu for para o exterior, prefiro um lugar em que possa fazer uma dobradinha com a pesquisa. Francamente, andei pensando em fazer uma viagem à Argélia.

— Você *não vai* à Argélia! — exclamou Irina.

— Por quê? — perguntou ele, com inocência fingida.

— É apenas um dos países mais perigosos do mundo, neste momento.

— Segundo quem?

— Segundo *você*. Li aquele seu artigo na *Foreign Policy*.

— Ah, foi? — perguntou Lawrence, com ar acanhado.

— Você o deixou do lado de fora.

— Tirei-o da pasta, só isso.

— Pensei que você quisesse que eu o lesse.

— Está certo — sorriu ele. — Pode ser.

— Portanto, pode esquecer a Argélia. Prefiro algemá-lo na cabeceira da cama.

— Parece divertido.

Ah, se ao menos ele estivesse falando sério! Irina arriscou: — Quanto à Tailândia... Achei que poderia ser um bom lugar para uma lua de mel.

— De quem? — indagou ele, a sério.

Irina simplesmente o fitou.

— Ah! — fez Lawrence.

— É só isso? *Ah?*

— Acho que “lua de mel” implicaria primeiro num casamento.

— Isso costuma ser um pré-requisito.

A coisa não ia bem.

Lawrence encolheu os ombros, expressando a mesma escala de emoção que Irina teria provocado, se tivesse conseguido seduzi-lo a escolher um prato novo no cardápio. Não só a mesma escala, mas os mesmos afetos: ceticismo, cautela e pavor.

- Acho que sim — disse ele. — Se você quiser.
- Se *eu* quiser. Será que *nós* não teríamos de querer?
- A ideia foi sua.
- Faz mais de nove anos que vivemos juntos. Você não poderia chamar essa ideia de bizarra.
- Eu não disse que é bizarra. Não ligo especialmente, de um jeito ou de outro.
- *Não liga.*
- Você está repetindo muito o que eu digo.
- Talvez eu deseje que você diga algo diferente.
- Olhe, você sabe que eu não suporto cerimônias.
- Nem praias. Nem outras pessoas.
- Estamos falando em vestido branco e recepção? Porque eu já fui a uma porção de casamentos, e para mim chega. Os amigos se ressentem das passagens de avião e da conta do hotel; o *casal feliz* reclama do serviço de bufê. Cada um acha que está fazendo um grande favor ao outro. O alvoroço acaba quando menos se espera, e tudo o que sobra para qualquer um é a ressaca. As cerimônias de casamento são uma extorsão, e só quem lucra com elas são os floristas e os caras que servem no bar.
- Você já terminou? Porque eu não falei nada sobre recepção. Um cartório e um brinde particular com champanhe Korbel estão ótimos para mim.
- Poderíamos pelo menos bancar uma Veuve Clicquot — disse Lawrence, que tinha lá seus padrões. — Mas o que deu em você? É claro que podemos fazer isso, mas também podemos deixar pra lá, certo? Por que não continuar do jeito que estamos?
- Por que não pedir folhas de parreira recheadas de carneiro mais uma noite?

Lawrence pareceu atônito. Irina não teve disposição para explicar, já que não deveria ter que fazê-lo. Por que casar? Porque seria divertido. Porque eram justamente as pessoas que diziam “não

suportar cerimônias” que precisavam delas, e que, sem a intromissão precipitada dessa ocasião, iriam, metaforicamente, pedir folhas de parreira recheadas de carneiro por toda a eternidade. Porque — como é que ela poderia dizer isso, se cabia a Lawrence dizê-lo? — ele queria passar o resto da vida com a encantadora, a ímpar Irina McGovern.

— Deixe pra lá — disse ela, cansada.

— O que você quis dizer com as folhas de parreira? Elas estão ótimas, como de praxe. Quer uma?

— Já as comi antes, *bolshoye spasibo* — retrucou Irina. Um instinto lhe ditou que usasse a construção formal do *muito obrigada*.



CHEGARAM EM CASA com tempo de sobra para assistir aos replays do Grande Prêmio às onze e meia, e Irina foi fazer pipoca. Tinha ficado calada, embora Lawrence não parecesse notar.

Não tendo posto os olhos em Ramsey desde aquela obsedante noite do aniversário, ela estava curiosa para ver como reagiria ao rosto dele. Quando o homem entrou na arena, Irina precisou lembrar a si mesma que o conhecia.

Ramsey parecia mais velho do que ela se recordava, quase abatido. Naquela noite de julho, seu rosto estivera animado por uma malícia adolescente, especialmente ao falar de Denise, sua fiel namorada dos dezesseis anos, que ele levava a pé para casa ao sair do clube de sinuca em Clapham, e com quem trocava beijos no Common. Uma vez, ele havia mencionado que o nome de seu taco era Denise, coisa que agora deixava um resíduo peculiar de ciúme, embora fosse apenas um vestígio.

Sem dúvida, foi um alívio sentir que seu arroubo de paixão proibida não voltou. Irina devia ficar agradecida por sentir pouco mais que um desejo de boa sorte para o desempenho dele. O fato de Ramsey Acton ser um homem atraente fora devolvido em segurança ao campo do abstrato. Ao mesmo tempo, Irina viu-se atormentada

por uma enigmática sensação de perda. Em geral, lamenta-se o fato de um desejo não ter sido realizado. No entanto, talvez o bem mais precioso fosse o desejo em si, não sua realização. Esse tipo de raciocínio era subversivamente antiamericano; a economia ocidental prosperava com a satisfação insistente e sucessiva dos anseios. Apesar disso, talvez todo o desordenado ciclo do querer e conseguir fosse teimosamente irracional. O desejo era sua própria recompensa, além de ser um luxo mais raro do que se poderia supor. Às vezes, podia-se comprar o que se queria, mas nunca se poderia comprar o querer. Embora talvez fosse possível sufocar um desejo, virar-lhe as costas, o processo não parecia funcionar no sentido inverso, isto é, o sujeito não podia fazer-se ansiar por algo, quando claramente não ansiava por ele. Era o desejar que Irina queria. Ela queria querer, ansiava por ansiar.

Com uma expressão curiosamente pesada, Ramsey deu sua tacada inicial com a letargia desanimada do operário mal remunerado que põe sacos de areia num quebra-mar. Ninguém diria que aquele era o esporte que ele desejara avidamente jogar como profissional desde os sete anos de idade. Além disso, ali estava um jogador renomado por sua audácia, mas que se arrastou por diversas participações fazendo jogadas de segurança, evitando as tacadas longuíssimas pelas quais era famoso. Embora os comentaristas elogiassem convencionalmente a prudência, havia nas vozes em *off* uma pitada de decepção.

“Essa tacada foi bastante prudente, Clive”, observou Dennis Taylor. “Mas o Ramsey Acton dos anos oitenta nunca teria conseguido resistir àquela vermelha lá longe, na boca da caçapa do canto.”

— Que há de errado com o Ramsey? — indagou Irina. — Ele parece tão fleumático, tão... apático. Você acha que ele está deprimido?

Lawrence resmungou.

— ... O que é “plantar”?
— Atingir outra bola para acertar a bola visada — respondeu Lawrence, concisamente.

— ... Como eles decidem quem dá a saída?
— Acho que jogam uma moeda.
— Vencer a saída é considerado uma vantagem na sinuca?
— Irina, será que você pode, *por favor*, falar baixo, para eu poder acompanhar o jogo?
— Bem, como é que eu vou me interessar pela sinuca se não a entendo?

— A melhor maneira de aprender sobre sinuca é PRESTAR ATENÇÃO À PARTIDA!

O tom abrasivo de Lawrence arrancou-a de uma complacência maior. Até então, ela não havia entendido exatamente o que acontecera nessa noite.

Marchou até a televisão e a desligou.

— Ei, desculpe-me por ter levantado a voz, mas por que isso significa que temos de parar de assistir ao jogo, hein? Não seja criança.

— Tenho certeza de que você gostaria de esquecer e, por mais que isso seja incrível, eu também quase esqueci, mas hoje, no jantar, *eu o pedi em casamento*.

Lawrence cruzou os braços.

— E daí?

— Você se esqueceu de dizer sim ou não.

Era claro que ele diria qualquer coisa que fizesse a televisão ser ligada novamente.

— O.K.

— O.K.?

— É. O.K.

Irina desabou na poltrona e disse: — Então, aí está minha resposta. O.K. é igual a *não*.

— Acho que você não é muito boa em matemática. Não sei em que cálculo *O.K.* é igual a *não*.

— Eu lhe devo um pedido de desculpas. Você é um homem muito tradicional, e eu nunca deveria ter-me encarregado de fazer o pedido. Deveria ter esperado você ficar pronto para se ajoelhar no chão, com rosas e um anel... embora, provavelmente, isso envolvesse um noivado num asilo, quando você estivesse velho demais para se levantar da posição de joelhos sem a ajuda de uma enfermeira parruda.

— Não estou entendendo — disse ele. — Eu disse sim. Por que você está tão irritada?

— Não estou irritada — retrucou Irina. Surpreendentemente, não estava. — Mas você não disse sim, disse *O.K.* E nenhuma mulher com amor-próprio vai se casar com um homem que diga *O.K.* Se a perspectiva de se casar comigo não se apresenta como a coisa que você quer mais do que tudo no mundo, pode esquecer.

— Mas está legal para mim!

— *Legal*. Viu? A verdade é que você não suportaria tirar uma tarde inteira de sábado só para se casar, quando poderia estar adiantando o trabalho na Blue Sky. Enfim, é tarde demais.

Lawrence podia lamentar perder o Grande Prêmio, mas não queria magoá-la.

Assim, gastou alguns minutos para explicar suas reservas a respeito do casamento dos pais, sua relutância em modificar qualquer coisa, justamente pelo fato de já ser tão feliz com Irina, e sua “disposição” de se casar, se isso significasse alguma coisa para ela — perdendo inteiramente de vista, como sempre, que a ideia era que também significasse alguma coisa para ele.

Entrementes, Irina conservou a ideia de que, a essa altura, era *tarde demais* para um casamento. Talvez tivesse havido uma época para brindar o fato de eles terem se conhecido, e, quem sabe, convidar os amigos para essa ocasião, custasse o que custasse. Mas,

se essa época tinha chegado, já passara. Como aquelas embaraçosas renovações dos votos na meia-idade, agora o gesto só seria interpretado, por eles mesmos e pelos outros, como um esforço desesperado para ressuscitar algo que, por conseguinte, estava implicitamente moribundo. O que não estava. Não estava morto nem agonizante. Estava simplesmente calado.

Estava... como estava. O relacionamento de Irina e Lawrence havia seguido o caminho que seguira, e de nada adiantava tentar transformá-lo à força em outra coisa. Era uma relação satisfeita e sólida de companheirismo. Irina podia confiar sua vida a ele; *havia* confiado sua vida a ele. Mas as promessas lacrimosas diante do altar e aquele desejo voraz de engolir inteiro um homem em quem ela havia esbarrado por puro acaso, em julho, não faziam parte do pacote.

Ela deixou Lawrence continuar balbuciando todas as suas explicações e desculpas até acabar, mas ficou firme na decisão de retirar inteiramente a proposta, até que ele acabou de fato pedindo-a em casamento, comicamente, de joelhos, e foi Irina quem disse um não intransigente. Por fim, ela o devolveu a seu sofá e insistiu em fazer outra porção de pipoca, já que a da tigela pela metade tinha ficado fria. Aninhando-se em sua poltrona de praxe, quando a debacle pareceu oficialmente encerrada, ela não sentiu nem mesmo a tentação de chorar.

Talvez devesse ter sentido.

5



QUANDO CHEGOU À esquina do que tinha sido, até dois minutos antes, a rua em que ela morava, Irina havia compreendido que sua partida precipitada não fora bem planejada. A jaqueta era leve demais para o frio cortante de outubro; o tecido não era impermeável, e estava chovendo. Sua capa continuava pendurada no cabide do corredor, guardadinha com um homem que um dia a tivera na mais alta estima, e que agora tinha todas as razões para desprezá-la. Se desprezava ou não, os dois teriam um tempo angustiante para descobrir, a menos que ela desse meia-volta nesse momento, arrasada de remorso, para implorar o perdão dele e jurar que seu flerte com aquele objeto romântico improvável — não, a palavra de Lawrence tinha sido “risível” — que era Ramsey Acton não tinha sido nada além de um acesso de loucura da meia-idade.

Ah, talvez ela estivesse fora de si, pensou Irina com tristeza, parada na esquina, apesar de o sinal estar verde. Mas mesmo a loucura era a loucura *dela*, e impunha sua própria fidelidade imbecil.

A verdade nua e crua — o sinal tornou a ficar vermelho — era que ela não fazia ideia de aonde ir. Pelo rumo das bolas naquelas duas primeiras partidas, Hendry sem dúvida tinha derrotado Ramsey, que, por conseguinte, teria ido para casa, se não na noite anterior, nessa manhã. Mas ela não fazia ideia do tempo que levava a viagem de Bournemouth até o East End. Além disso, o pobre homem nem imaginava que sua pretensa amante estava matutando sobre seu paradeiro, encharcada e desolada, em pé na esquina de uma rua de Borough.

Ignominiosamente vencido na primeira rodada, Ramsey podia até ter partido para um *pub* barato nas imediações do local para afogar as mágoas. Ela resolveu acordá-lo por telefone, ainda que com um toque de pessimismo, porque Ramsey raramente se dava o trabalho de manter o celular ligado.

Quando Irina avistou a cabine telefônica do outro lado da Borough High, o sinal tornara a ficar vermelho. Com o risco de se transformar numa coluna de sal, ela lançou um olhar saudosos para trás, por cima do ombro. Em frente ao prédio deles, seus olhos encontraram ninguém menos do que o próprio Lawrence.

— Aonde você vai? — gritou ele. — Ao menos sabe onde ele está?

— Não se preocupe! Isso é problema meu! — gritou ela, em tom choroso.

Mas depois de tanto tempo considerando que os problemas dela também eram seus, Lawrence não podia *parar de se preocupar* de uma hora para outra. Do mesmo modo, já que era o meio da tarde e Lawrence ainda não tinha comido, Irina teve que se segurar, dadas as circunstâncias — afinal, ela o estava deixando —, para não repreendê-lo na esquina: *Lawrence Lawrensovitch, vá comer um sanduíche!* O sentimento arraigado da responsabilidade pelo bem-estar puro e simples um do outro parecia sobreviver, perfeitamente intacto, à traição flagrante.

Como se fosse para demonstrá-lo, Lawrence acrescentou: — Você está ficando encharcada! Não está vestida para isso! Vai se esfriar!

E não está nem com a escova de dentes!

— Eu dou um jeito! — asseverou ela, sabendo muito bem que Lawrence não lhe atribuía os meios necessários para lidar com o mundo externo sem a ajuda dele. Não era apenas que ele fosse condescendente; queria ser necessário.

Pequeno, mas efetivamente infinito, o simples quarteirão da cidade que os separava gerou a aparência intransponível de uma barreira de segurança num aeroporto, e fez lembrar muitas despedidas mais alegres, nas quais Lawrence a levava ao aeroporto de Heathrow para visitar seus familiares e amigos em Nova York. Ele sempre ficava parado do outro lado do detector de metal, sorrindo e acenando de forma encorajadora, até ela pegar a bagagem de mão e se virar com um último aceno, antes de se dirigir ao portão de embarque. Quem é que tinha dito, não fazia muito tempo, que “todo mundo quer ser cuidado”? Fossem quais fossem suas deficiências, Lawrence sempre havia cuidado dela — em excesso, mas isso dificilmente poderia qualificar-se como uma falha. Ora, era extraordinário, para um homem tão prático, que ele a escoltasse rotineiramente até o Heathrow, enfrentando uma hora e meia de metrô, e que, depois de deixá-la descansando em segurança, aos cuidados da British Airways, encarasse sozinho a hora e meia da volta! Aquelas viagens solitárias para casa só podiam ter sido enfadonhas e pesarosas. E como é que ela lhe agradecera? *Temos que conversar.*

Pela segunda vez em menos de um dia Lawrence estava chorando. Era uma frequência tão anômala que era estranho Irina ser capaz de percebê-la embaixo de um temporal. Mas, comumente, o rosto de Lawrence exibia o claro-escuro irregular de uma xilogravura, com os globos oculares escuros, as maçãs do rosto iluminadas e as linhas nítidas e severas que iam das narinas até os cantos da boca zombeteira. Agora, a gravura se derreteria e as linhas marcantes tinham ficado embotadas e suaves, como se a tinta preta escorresse na chuva. Seus lábios, normalmente firmes e comprimidos, estavam separados e hesitantes. Ao acenar um adeus pela última vez, ele só conseguiu levantar a mão até a cintura, como se, a despeito das idas cotidianas à academia, não tivesse forças para

elevá-la à altura do peito. Os dedos se agitaram, trêmulos e fracos, e Irina teve vontade de morrer.

Ramsey. Era Ramsey que tinha dito que todo mundo quer ser cuidado.

Irina não conseguia lembrar-se de como era Ramsey. Também não se lembrava de por que estava se aventurando por esse tempo infeliz, com uma roupa inadequada, quando tinha uma casa gostosa e aconchegante a poucos passos dali, onde estava um sujeito agradável e afetuoso. Em pouco tempo, seu não-propriadamente-romance pareceu-lhe um livro que ela mal começara a ler e que tinha a liberdade de deixar de lado. Irina não se entendia. Só que, como leitora, não era propensa a descartar livros iniciados. Ela era uma pessoa rigorosa. Ter mantido aqueles encontros traiçoeiros por mais de três meses, e revelado tão angustiantemente seus desejos errantes a Lawrence, apenas para fugir do perigo e dizer “Ora, deixe para lá, vamos almoçar”, violava sua convicção de que é preciso terminar qualquer tarefa que se comece. Enfim, pensou ela. *Está além do meu controle.*

Irina deu um adeusinho desolado para trás. Apertando a jaqueta encharcada, atravessou a rua correndo, desesperada para sair do campo de visão de Lawrence, como uma gentileza.

A cabine telefônica protegeu-a momentaneamente do mau tempo, mas o alívio durou pouco. Ela só conseguiu a caixa postal de Ramsey, e o recado que deixou beirou a incoerência — alguma coisa como “Querido, está feito, agora eu sou toda sua, mas não faço ideia de onde você está...” —, e, não tendo ela mesma um celular, não podia deixar um número para que ele a chamasse de volta. Além disso, sentiu medo de que o “agora eu sou toda sua” soasse como um fardo. Ainda nessa manhã, Lawrence havia levantado a questão da confiabilidade de Ramsey. Uma coisa era ter um caso em surdina com *a garota de outro cara*, mas outra, muito diferente, era aceitar a responsabilidade pela mulher com armas e bagagens, sem uma

rivalidade revigorante para manter o sujeito interessado. O ceticismo de Lawrence era contagioso — especialmente depois de ela ter ligado para o número da residência de Ramsey em Hackney. Ninguém atendera, e não havia secretária eletrônica.

Irina sempre poderia ligar para Betsy em busca de refúgio, mas o propósito daquela partida precipitada não era ela se atirar numa cama de hóspedes em Ealing. Tentando ser desenvolta, ela entrou na banca de jornais para comprar o *Evening Standard*, no qual uma pequena matéria na seção de esportes relatava a “reviravolta” Acton-Hendry em Bournemouth. Ora vejam, Ramsey havia derrotado Hendry, afinal, numa disputa acirrada que tinha durado quatro horas.

Ela devia ter estado lá, batendo palmas febris quando ele venceu e brindando sua proeza num bar, aconchegada em seus braços. Fingindo não ver a piada sarcástica do artigo — “Embora se discuta se Ramsey Acton está preparando um retorno, faz dez anos que o Swish está ‘voltando’, de modo que seria razoável esperar que já tivesse chegado” —, Irina agarrou-se ao fato de que a segunda rodada de Ramsey, contra Ronnie O’Sullivan, estava marcada para essa noite, às sete e meia. Mesmo num país apaixonado por esportes, o jornalista paquistanês deve ter ficado desconcertado ao ver uma freguesa comover-se até as lágrimas com os resultados da sinuca. Irina o havia encontrado.

Ela comprou um guarda-chuva frágil e conseguiu quebrar apenas três das oito varetas na batalha contra o vento, na caminhada de quinze minutos até a Estação Waterloo. Com sua parcimônia arraigada, nem lhe ocorreu pegar um táxi.

Esforçando-se para decodificar um linguajar *cockney* acelerado, que se tornava ainda mais incompreensível em função do puro mau humor, ela depreendeu do que disse o bilheteiro que o trem seguinte para Bournemouth sairia dali a uma hora. Perplexa com seus pedidos para que o homem irritadiço se repetisse, até essa

compra a deixou desanimada; era justamente o tipo de logística de que Lawrence sempre se encarregava. Irina se recolheu a um banco duro, de onde os altos arcos de ferro da estação ferroviária lhe deram a impressão de ter sido engolida por uma baleia, e soprou as mãos geladas. Santo Deus, ela se esquecera de levar um par de luvas, o que, para uma mulher com a doença de Raynaud, em outubro, era muito mais temerário do que deixar o apartamento sem a escova de dentes.

Já agora separada do respaldo de um homem e ainda não confiada à guarda de outro — no momento, oficialmente sem teto —, Irina foi tomada por uma sensação profundamente feminina e, nessa época e lugar, deplorável. Sentiu-se *desprotegida*. A renda independente e a conta bancária separada não fizeram a menor moossa nessa impressão de vulnerabilidade mortificante. Sentir-se abandonada era uma tolice; ela própria é que havia deixado Lawrence. Sentir uma irritação crescente com Ramsey por ele estar com o celular desligado era irracional; ele não tinha nenhuma razão para esperar um telefonema dela. Nos tempos da juventude, ela teria achado estimulante ficar entregue a seus próprios recursos numa cidade europeia. Mais velha, sabia melhor das aflições que podiam cair do céu abruptamente, como o mau tempo, e, a despeito de toda a comoção feminista, a mulher ficava mais segura — simplesmente mais segura — quando fazia um pacto de sobrevivência com um macho da espécie. A sensação que ela experimentou naquele banco foi animalesca — a de ter cometido uma estupidez biológica.

Seria sensato ligar repetidamente para Ramsey até ele atender. Mas ela estava com pouco dinheiro trocado; ligar para um celular de um telefone público no Reino Unido custava quase uma libra esterlina por minuto. Além disso, agora ela queria fazer-lhe uma surpresa. É claro que por baixo desse impulso de “surpreender” havia um temor — o de que a surpresa não fosse agradável para Ramsey. De que ele só a quisesse enquanto ela continuasse

inatingível. De que seu discurso sobre o casamento tivesse sido insincero, por ele achar que aquilo era o que toda garota gostaria de ouvir. De que, na verdade, ele fosse um oportunista safado e imprestável (termo de Lawrence). E de que, portanto, Irina tivesse acabado de cometer o pior erro de sua vida.

No trem, onde ela sacrificou o pequeno socorro proporcionado pela jaqueta molhada, para empilhá-la no assento ao lado e desestimular qualquer companhia, Irina viu sua sensação de fragilidade dar lugar a uma de segurança tão suntuosa que ficaria feliz se nunca mais chegasse a lugar nenhum. Estava acarinhada por todos os lados por uma caixa retangular aconchegante, cujo chacoalhar a acalentava como um berço montado numa embaladeira. Embora, no *mundo pré-aniversário*, algumas vezes ela houvesse esbanjado sua solidão, inventando receitas que levassem alho-porro, sua cabeça, nesse momento, estava saturada com muito mais do que a decisão do que fazer para o jantar.

Para seu assombro, depois do *Nós temos que conversar* não houvera uma enxurrada de recriminações. Em vez de censurar sua infidelidade, Lawrence havia assumido toda a culpa pelas deficiências do relacionamento — cabisbaixo, com os ombros arriados e os joelhos comprimidos, enquanto lágrimas lentas e gordas caíam em seus pulsos curvados. Seu suave desmoronamento interior fizera lembrar aquelas demolições habilidosas de grandes prédios condenados, nos quais os explosivos são dispostos de tal maneira que os tijolos desabam para dentro; afora o fato de acumularem uma camada deplorável de poeira, as estruturas circundantes permanecem intactas. Como a maior parte da autodestrutividade do tipo pessoal suga tudo e todos da vizinhança para dentro dos escombros, o espetáculo no sofá tinha sido não apenas terrível de testemunhar, mas também maravilhoso: uma implosão absolutamente completa, mas que deixava ileso o observador.

Ora, no começo, ele havia relutado tanto em recriminá-la por ter saído da linha que Irina ficara constrangida, porque nunca fora sua intenção safar-se sem o menor castigo. Mas Lawrence havia insistido em que a alienação progressiva do casal fora toda culpa dele. O homem a amava mais do que a própria vida, mas, como é que Irina poderia apreciar a escala de seus sentimentos, com a expressão superficial que ele lhes dava? Ele devia tê-la pedido em casamento muito antes, e isso também era sua culpa. Sabia que era fechado demais, rígido demais — obcecado com a ordem e o controle, com o fazer as mesmas coisas do mesmo jeito, dia após dia — e tinha deixado os dois caírem na rotina. Eles deviam ter feito mais viagens juntos, pulado no Eurostar e ido a Paris. Ele não deveria ter-se imposto tanto à gentileza dela na cozinha, e deveria tê-la levado com mais frequência para jantar fora.

— Mas eu adorava fazer o jantar para você — objetara Irina.
— O problema não era esse.

De uma forma horrível, ela já se vira falando do relacionamento dos dois no passado.

— Então, o que é?
— Você parou de me beijar.

Irina surpreendera a si mesma. Passara meses compilando listas mentais cruéis das deficiências do parceiro: ele era ríspido com outras pessoas, assistia demais à televisão e se estendia exageradamente nos frios aspectos externos da vida, como a política, em detrimento da vida interior. Assustara-se ao descobrir que, o tempo todo, somente uma deficiência tivera importância. Uma coisa aparentemente tão insignificante, e também tão remediável. Se Lawrence se debruçasse sobre seus lábios, será que ela conseguiria esquecer Ramsey e ficaria tudo bem? Só que havia o fato nu e cru de que ela já não queria beijar Lawrence.

Queria beijar Ramsey.

Lawrence não havia descartado a queixa única de Irina como insignificante.

Seus pais, explicara, nunca tinham sido dados a demonstrações físicas de afeto, nem com os filhos nem entre si. Quando instigado, ele tentara lembrar-se de beijá-la com mais frequência, e não sabia ao certo por que nunca havia persistido, já que gostava de beijá-la. Mas ficava acanhado. As emoções fortes o constrangiam, e talvez o assustassem um pouco. Levavam-no a se sentir fraco.

Não pareciam ser coisa de homem.

— A paixão — dissera Irina — é a coisa mais viril do planeta.

Esse era exatamente o tipo de conversa que os dois deveriam ter tido, e poderiam ter tido, e que talvez a houvessem impedido de, em julho, eliminar aqueles poucos centímetros junto à mesa de sinuca de Ramsey. Agora que eles haviam finalmente aprendido a conversar um com o outro, era tarde demais.

Preparada para uma investida de raiva e vilificação, Irina fora cumulada, ao contrário, de generosidade e remorso. Às duas horas da manhã, tinha parecido perfeitamente natural eles se deitarem juntos. Embora não houvesse se cogitado de sexo, tinham dormido nus nos braços um do outro, sem que Lawrence se queixasse em momento algum de estar com calor.

E, assim, ela havia acordado satisfeita. Tinha se preparado para o pior, e o pior — inesperadamente tocante e adorável, a seu modo — estava encerrado.

Não tão depressa.

Na noite anterior, em momento algum Lawrence havia perguntado pela identidade do rival, embora Irina se dispusesse a revelá-la. Talvez ele não estivesse pronto e precisasse beber o veneno em goles pequenos. De manhã, porém, erguera-se do travesseiro num movimento único de recuo que, de algum modo, fizera lembrar

a metáfora frequentemente citada sobre os Estados Unidos depois de Pearl Harbor: *Receio que tenhamos despertado um gigante adormecido.*

— Está certo — havia rosnado. — *Quem é ele?*

Irina tinha puxado os lençóis para os seios. O nome tinha um peso enorme em sua cabeça, mas, quando ela coaxara as sílabas em voz alta, havia soado pífió.

— *Ramsey Acton?* — exclamara Lawrence, empregando o mesmo tom de incredulidade estarecida de Betsy no Best of India. Duas vezes não chegavam a constituir um padrão, mas a simetria tinha sido assustadora. — *Você perdeu o juízo?*

Nessa manhã, não haveria arrependimentos por ele não a ter levado a Paris.

Na noite anterior, falando a verdade, Irina tinha jurado que ela e O Outro nunca haviam mantido relações sexuais. No entanto, apesar da masculinidade-padrão de Lawrence, essa retidão formal não fizera a menor diferença para ele. A castidade legalística de Irina só servira para fazê-la sentir-se melhor, mas não havia protegido Lawrence em nada. Assim, enfiando o jeans com um safanão, ele tinha rosnado:

— Nossa, você devia ter deixado ele comê-la umas vezes e tirado isso da cabeça. Achei que talvez você tivesse encontrado uma alternativa *digna de crédito*, não um *amante*. Essa paixão disparatada não vai durar nem cinco minutos! Ele não é feio, e tem certo charme superficial, escorregadio. Mas, Irina! Você *não tem absolutamente nada em comum* com esse sujeito!

— Eu não diria isso — respondera ela, baixinho, vestindo a roupa.

— Nesse caso, digo eu! Você não tem o menor interesse pela sinuca! Será que só quer agarrar uma celebridade? Porque, se é isso, poderia ter escolhido melhor.

Ele já era! Você viu como ele jogou ontem. Ele era tido como ousado, agora é só incosequente. Batendo com a tacadeira pela

mesa como se fosse uma corrida de demolição de carros...

— Ele não foi o mesmo. Sabia que eu estava tentando decidir o que fazer, e acho que essa situação o deixou nervoso.

— Que *lisonjeiro!* — comentara Lawrence. — Mas, mesmo que ele não perca a prática, por quanto tempo você vai suportar assistir a uma partida atrás da outra?

Você sabe que ele vai esperar que você fique toda fissurada e acompanhe cada bola que ele matar. Pode esquecer sua vida como ilustradora. Você será a torcedora dele! É isso que quer?

— Acho que eu esperaria acompanhar o progresso dele...

— *Progresso?* — esbravejara Lawrence. — Experimente “declínio”! Você faz alguma ideia do buraco em que está se metendo? Aquele homem é *presunçoso*. Já foi uma estrela, e vai esperar que você o trate como se ainda fosse. Não só você se tornará uma banda de música portátil, como terá de entrar em conluio com a autoilusão dele! Ele é um narcisista desenfreado, e você pode esperar por uma vida de cansativas *histórias de sinuca* sobre o passado.

— Eu escuto você falar da Argélia. Qual é a diferença?

— Nada menos do que enorme, é essa a diferença. Você é uma mulher inteligente! Está acostumada a conviver com pessoas que se importam com o mundo e leem jornais. Acha que o *Swish* comprou um jornal que não fosse um tabloide, nos últimos *cinco anos*? Provavelmente, ele pensa que “EEB”* é um título honorífico concedido pela rainha! Antes de abandonar a escola por completo, ele faltava à maioria das aulas. Não pergunte a mim, pergunte a ele, porque ele se orgulha disso! De escapulir para o clube de sinuca de Clapham, em vez de aprender a soletrar C-Ã-O. A verdade é que nem sei direito se ele sabe *ler*. Aposto que, se você lhe aplicasse um daqueles testes para saber se a pessoa é mentalmente capaz, como quem é o presidente dos Estados Unidos e se o sujeito sabe contar de trás para a frente a partir de cem, aquele cara seria facilmente

reprovado, e sem o benefício da doença de Alzheimer! Irina, o cara é *uma porra de um idiota!*

— Ele pode não ter feito doutorado em Columbia, mas tem uma inteligência natural — objetara ela. Parecera-lhe uma obrigação fazer uma pálida defesa do homem a quem amava; mais tarde, ela poderia dizer a si mesma que tinha tentado.

— A cabeça dele está cheia de bolinhas vermelhas, Irina. E é só.

— Pensei que você gostasse dele — murmurara ela.

— Gostava. Sim. No pretérito. Se eu voltar a ver aquele cretino um dia, ele está ferrado. Ele é mais alto que eu, mas é magrela e fraco — dissera Lawrence, formando um círculo do diâmetro de uma moeda de vinte e cinco centavos para afirmar: — Os pulsos dele são dessa finura. Eu o derrubaria em três segundos.

— Não duvido — retrucara Irina, cansada, preparando o café como se fosse um robô.

— Eu *gosto* do nosso jornalista paquistanês. Isso não quer dizer que eu queira passar noite após noite ouvindo o cara me falar das revistas incríveis que vendeu.

Um pouquinho de Ramsey já é muito. Umás duas vezes por ano têm sido mais do que o suficiente. Uma semana inteira de “Você não vai acreditar no ângulo que eu consegui na azul” vai deixá-la completamente entediada.

O bico de vapor que produzia a espuma de leite havia entupido, e aquele obstáculo forjado por uma massa de ruídos só fizera Lawrence elevar mais a voz: — Você entende alguma coisa do que é a vida dos jogadores de sinuca? Do tempo que eles passam viajando? Do número de mulheres que eles traçam? De quanta coca eles cheiram? De quanto fumam? De quanto jogam? De quanto *bebem?*

— O Ramsey é bastante moderado, no contexto geral — comentara ela, entorpecida.

— Você conhece alguma coisa do “contexto”? Jimmy White desaparece para a mulher por semanas a fio, tomando porres na Irlanda. Alex Higgins é tão esbanjador que ficou reduzido a processar fabricantes de cigarros por causa do câncer que tem na garganta. Longe de ser o milionário que deveria ser, o Higgins pede dinheiro aos poucos amigos que lhe restaram e achaca amadores em salões de sinuca clandestinos... e, mesmo assim, *perde*, na metade das vezes, e agora não tem nem endereço fixo!

Aquilo havia continuado por *horas*. Lawrence tinha a clara intenção de esgotar Irina, de convencê-la da loucura de suas afeições, usando o que eram, na verdade, pontos de discussão bem concebidos. Mas essa não era uma batalha que se pudesse vencer com argumentos. Daria na mesma se ele batesse incessantemente com uma bola de borracha numa quadra de *squash*, na expectativa de derrubar a parede. No fim, Lawrence tinha despencado novamente no sofá, esgotado por ter se jogado em uma maratona. A parede continuara de pé.



QUANDO IRINA EMERGIU do casulo de seu vagão em Bornemouth, já estava escuro, perto das seis e meia. Sem disposição de se atrever a seguir a pé, com um mapa minguido de informações ferroviárias, ela fez sinal para um táxi.

Quando indicou seu destino, o motorista tagarela lhe perguntou se ia ao Grande Prêmio.

— É claro — foi a resposta. Como os apaixonados de toda parte que não conseguem parar de repetir o nome dos amados, ela acrescentou: — O Ramsey Acton vai jogar com o Ronnie O’Sullivan esta noite.

— O Swish já teve dias melhores, não é? — disse o taxista. — Mas ele é da velha-guarda, e é mesmo de admirar que o garoto ainda esteja na mesa. E anda melhorando de forma, ultimamente. Perdi o jogo, porque estava de serviço, mas dizem que o confronto com o

Hendry ontem à noite foi genial. O Ramsey matou aquelas bolas que nem um chicote, isso mesmo. Foi de deixar os ouvidos zumbindo.

— Acho que também perdi a maior parte do jogo — disse Irina, tristonha. — O que é uma pena, porque o Ramsey é... meu amigo.

— Verdade? Esses caras da sinuca têm um bocado de amigas, aposto.

— Na verdade, o Ramsey não é tão sociável assim.

O motorista comprimiu num grunhido político sua ideia de “É claro que você conhece o Ramsey Acton, e a rainha vai aparecer na minha casa em pessoa para tomar um chá”.

— Agora, o Foguete, aquele guri é feito do mesmo estofado que o seu Ramsey Acton. Dizem que herdou o mesmo toque. E também é um jogador impulsivo.

Mas, do jeito que o garoto se porta, com certeza não herdou a classe. Se há uma coisa que se pode dizer do Swish, é que ele é um cavalheiro, e ninguém nunca o viu questionar uma decisão. Mas, no fim de semana, a senhora devia ter ouvido o O’Sullivan falando do estado do feltro. Armou um bafafá com o árbitro para decidir se o seu dedão do pé tinha perdido o contato com o chão numa vermelha comprida. Aposto que o cara vai levar uma bela multa da Associação por causa do banzé... não que ele não possa pagar. Todo mundo dá um desconto ao garoto, é claro, porque o pai dele está na prisão, e tudo mais. É dureza. Mas não se arranja um passe livre pra sempre com essa desculpa. O país inteiro está esperando aquele garoto crescer.

— Ramsey diz que o O’Sullivan tem um talento inato sem precedentes, mas, se não se controlar mais como pessoa, nunca o explorará plenamente.

Irina estava praticando. Aparentemente, esse tipo de papo seria o pão com manteiga das conversas de sua nova vida. Além disso, ela precisava acostumar-se com as excentricidades do fato de

seu amado ser tema das discussões de entendidos entre vários milhões de pessoas.

— Acho que eu o ouvi dizer a mesma coisa — comentou o motorista. — Na televisão.

Ela guardou seus conhecimentos privilegiados para si durante o resto do curto trajeto.



IRINA ENTROU NA gigantesca estrutura de tijolos vermelhos com uma fisgada de decepção. Na televisão, os jogos de sinuca pareciam muito íntimos — mesas iluminadas no escuro, bolas pulsando com o calor e a vibração de um Edward Hopper. Embora a sinuca houvesse se firmado como um esporte nacional de grandes apostas na década de oitenta, o jogo fora gerado numa multiplicidade de salões locais enfumaçados, em cidades dilapidadas como Glasgow, Belfast e Liverpool. Esses refúgios mambembes eram ímãs não apenas para garotos matando aula, mas também para maridos driblando as mulheres, com os dedos manchados pelos cigarros enrolados à mão, as veias saltadas por causa das refeições líquidas e a pele pastosa, de tantas batatas fritas com *curry* para viagem, quando os salões finalmente os jogavam na rua, às duas horas da manhã. A sugestão perversa de desvio do esporte dera origem ao aforismo de que um bom jogo de sinuca é “sinal de uma juventude desperdiçada”. Para Irina, a sinuca era antiquada: excêntrica, fechada e mal iluminada. Era a Grã-Bretanha trivial, da cerveja choca à temperatura ambiente, das banquetas de bar de veludo puído, das tortas gordurosas de carne de porco e dos sotaques carregados, indecifráveis.

Mas o cavernoso Centro Internacional de Bournemouth fazia o gênero da nova e esperta campanha de propaganda de Tony Blair sobre a “Cool Britannia”, que promovia o Reino Unido não como um império indolente em declínio, mas como um modelo de eficiência administrativa e progresso. A “Cool Britannia”

promoveu as enotecas impessoais da ilha, com sua decoração repleta de cromados, o próspero setor da tecnologia da informação e na profusão de restaurantes pretensamente chiques, onde se servia perca chilena com capim-limão. O Centro Internacional de Bournemouth era reluzente e novo em folha.

Sob os ofuscantes refletores do teto, o piso do saguão era de mármore moído polido, e as janelas de três metros expunham a vastidão negra da baía de Bournemouth. Num chocante contraste com o caráter aconchegante e cheio de histórias da sinuca, esse lugar não tinha memória nem alma.

Irina correu para o balcão de reservas apenas para descobrir que os ingressos para o jogo da noite estavam esgotados.

— Há algum modo de o senhor entrar em contato com Ramsey Acton no camarim? — perguntou. — Tenho certeza de que ele arranjará um lugar para mim, se quisesse.

— Não duvido, senhora — respondeu o homem. Sua gentileza seca transformava as boas maneiras numa piada; é comum os ingleses usarem a formalidade como arma. — Ocorre que os jogadores entrarão em questão de minutos. A senhora não gostaria de perturbar seu homem no momento em que ele está se concentrando.

Seu homem era apenas uma expressão, e Irina teve que se segurar para não insistir, dizendo *O senhor não entende, ele é realmente o "meu homem"*. Esforçou-se para manter a voz inalterada.

— Creio que o senhor descobrirá que se entrar em contato com o Sr. Acton, ele ficará muito, muito grato por ter sido avisado sobre a minha presença. Ele não está me esperando, mas ficaria muito satisfeito em saber que consegui vir ao jogo, afinal. O nome é Irina. Irina McGovern.

Com o rosto imóvel, o bilheteiro nem anotou o nome.

— Tenho certeza de que o *Sr. Acton* sente-se grato por jogar diante de uma casa cheia, e lamenta que um sem-número de

espectadores, além da senhora, tenha que voltar da porta.

Infelizmente, a voz dela tornou-se estridente: — O *Sr. Acton* ficará aborrecidíssimo ao saber que o senhor se recusou a avisá-lo da minha chegada, e se o senhor pelo menos não me vender um ingresso, e o senhor *sabe* que tem alguns de reserva, receio que possa ter SÉRIOS PROBLEMAS.

— É mesmo? — fez ele, sem se alterar. — Fico comovido com sua preocupação. Mas creio que vou me arriscar, madame. Próximo?

Ameaçar o homem tinha sido um erro. Exilada do balcão, Irina começou a chorar. Se não era seu hábito chorar em público, também era raro ela criar o hábito de abandonar homens absolutamente maravilhosos e se atirar em jogadores de sinuca. Transformar-se num espetáculo era o menor de seus problemas.

— Desculpe... — disse uma voz. O tipo corpulento, de cabelo barbaramente curto, parecia um leão de chácara, mas o toque na manga de Irina foi gentil. — Não pude deixar de ouvir, na fila. Acontece que o meu colega não se sentiu bem hoje e tenho um ingresso que vai para o lixo. Quer ficar com ele? Nunca suportei ver uma moça chorar.

Irina enxugou os olhos e aceitou o ingresso oferecido.

— Ah, muito obrigada! O senhor não faz ideia de como isso é importante! O senhor salvou minha vida. Posso lhe pagar o ingresso?

— Não, não vou aceitar seu dinheiro. Só fico contente por ele não ser desperdiçado.

— Ah, não será desperdiçado. Não sou uma pessoa qualquer, independentemente do que tenha pensado aquele bilheteiro — disse Irina. Sem conseguir conter-se, soltou: — O Ramsey, o senhor sabe... eu estou apaixonada por ele!

Seu benfeitor deu-lhe um sorriso tristonho: — Não seria a primeira, meu bem.

Irina repreendeu-se: é claro que o homem a confundiria com mais uma fã apaixonada. Mas, enfim, de acordo com Lawrence, era exatamente nisso que ela havia se transformado.



IRINA SEGUIU AS PLACAS até o Salão Purbeck, em cuja entrada os corretores de apostas haviam rabiscado as probabilidades referentes a esse jogo num quadro branco, com uma caneta hidrocor. Ramsey Acton pagaria cinco para um. (Que coisa horrível, o sujeito ver a desconfiança das outras pessoas em relação a ele enunciada em termos numéricos tão brutais.) Radiante, Irina foi encaminhada para a segunda fila, embora bem ao lado do rapaz truculento que lhe dera seu ingresso. Deveria ter-lhe ocorrido, antes de se fazer de boba, que é claro que, se ele tinha dois ingressos, ela passaria horas sentada ao lado do homem. Assim, tentou dar-lhe o sorriso cordial de uma pessoa comum.

Espalhafatoso como em um programa de disputa de prêmios na televisão, um animador anunciou que o Foguete “não precisava de apresentações”, e tratou de apresentá-lo. Irina estava familiarizada com as estatísticas. O’Sullivan tinha quebrado justamente os recordes — saída mais veloz com pontuação máxima, encaçapamento mais rápido de todas as bolas, vencedor mais jovem de um torneio profissional — estabelecidos por Ramsey.

Ronnie saiu de trás da cortina, levantando o taco bem alto para seus fãs barulhentos. Aos vinte e poucos anos, tinha uma beleza rude, mas não era gracioso. Pálido, com o cabelo preto meio comprido, que provavelmente era lavado todos os dias, mas, por alguma razão, conseguia parecer ensebado, ele tinha uma aparência meio apalermada, com o rosto mal acabado, as sobrancelhas baixas e todos os traços um pouquinho grosseiros.

A essa altura, Irina estava bastante familiarizada com o Foguete. Sua origem era pitoresca: os pais haviam dirigido uma *sex shop* até seu pai ir para a cadeia por ter nocauteado um freguês negro

de um *pub* e sua mãe ser presa por sonegação fiscal. Embora a pornografia e a sonegação tivessem dado um bom dinheiro, o sotaque dele era impecavelmente proletário; nas entrevistas depois dos jogos, ele fazia afirmações como “*Eu não devia ter caído nessa*”, frase que soava como “*Eu não devia tê caído essa*”. (Um dos luxos de que os desfavorecidos eram privados no Reino Unido eram as consoantes.) Quanto ao estilo de jogo de Ronnie, ele era rápido, agressivo e — quando o rapaz estava em boa forma, o que nem sempre era o caso — incrivelmente perfeito.

Lawrence o detestava. A tendência de Ronnie a cair no choro quando perdia um jogo, a aparecer diante das câmeras num estado melancólico de abatimento e a jurar que nunca mais jogaria sinuca em toda a vida, dentro do espírito de quem recolhe as bolas de gude e vai para casa, era, aos olhos de Lawrence, a conduta de um perfeito bebê. E, como suprassumo do imperdoável para Lawrence, Ronnie era uma besta incapaz de se expressar, um *idiot savant* — “com ênfase no *idiot*”.

A preocupação paternal de Ramsey de que o rapaz nunca viesse a explorar seu potencial, a menos que escorasse seu narcisismo tudo-ou-nada (ou Ronnie ficava inchado de adulação, como uma planta suculenta, ou murcho e magoado como uma petúnia esmigalhada), era mais complexa. Famoso por sua elegância, Ramsey era avesso a admitir afetos rancorosos como o ressentimento, a inveja ou o azedume. Mas eles seriam oportunos. Aquele motorista de táxi havia reiterado o consenso: em termos de técnica, se não de temperamento, Ronnie O’Sullivan era a reencarnação de Ramsey Acton. Tal como muitos pais são ambivalentes quanto ao sucesso de um filho, Ramsey ficava encabulado ao reconhecer seu próprio eu mais jovem, correndo em volta da mesa e disparando as bolas coloridas nas caçapas como morteiros em trincheiras inimigas. Ninguém gosta de ser substituído.

O mestre de cerimônias apresentou Ramsey Acton, o “Swish”; ser sempre descrito como mero “finalista” em seis Campeonatos Mundiais devia doer.

Quando a cortina se abriu, subiram vivas dos membros mais velhos da plateia.

Comparada ao ribombo dos fãs de O’Sullivan, a duração dos aplausos foi perceptivelmente menor.

Mesmo assim, o coração de Irina derreteu. De uma beleza rude, podia ser, mas Ronnie O’Sullivan não chegava nem aos pés de Ramsey Acton. Em termos equinos, Ronnie era um animal de tração, enquanto Ramsey era um cavalo de corrida — com suas pernas compridas, esguias como as de um puro-sangue, a vibração tensa e impetuosa que emanava de sua figura era a de um vencedor nervoso, contido na rédea curta. Havia um refinamento clássico em seu rosto alongado, e uma graça elegante e vertical em seu porte, nos quais a presença vulgar e arrogante de O’Sullivan não conseguiria tocar nem mesmo com o varejão de uma balsa.

As palmas furiosas de Irina não atraíram a atenção de Ramsey. Ela não tinha certeza se devia ou não procurar despertá-la, porque temia distraí-lo da tarefa que ele tinha pela frente. A única coisa que nunca a faria benquista por ele seria prejudicar minimamente suas chances de vencer uma partida de sinuca.

Diminuíram as luzes, a multidão calou-se e o jogo começou. Ronnie deu a saída, deslocando marginalmente da tabela uma única vermelha passível de ser encaçapada. Ramsey entrou às pressas no jogo. A precipitação e a bravura são primas-irmãs, e a vermelha entrou. Ramsey construiu uma esplêndida saída de cinquenta e seis pontos, mas não ampla o bastante para fechar a partida.

Infelizmente, ao voltar para a mesa, Ronnie a devorou como um obeso numa boca-livre. Depois de fechar a partida em setenta e cinco, o Foguete matou a última preta, ricocheteando a tacadeira por três tabelas, só para se exhibir.

Indelicado, mas típico.

Esse era o primeiro torneio de sinuca ao vivo para Irina e, no começo, ela sentiu falta do sussurro dos comentários feitos na BBC por veteranos cortesões.

Havia certa crueza na disputa não adornada por mexericos históricos, sem tacadas antecipadas por “Th, essa é traiçoeira, Clive!”. O som do jogo também era muito diferente, com todo aquele silencioso oh-oh e o espaço vazio. Aos poucos, porém, iniciada a segunda partida, ela começou a apreciar a pureza do exercício, sem as murmurantes vozes em *off* dizendo-nos o que pensar — por que uma dada tacada é problemática, ou se um jogador tem uma boa posição para acertar a bola rosa. Na falta do falatório, a reverberação das bolas passava segundos ecoando no salão, e as vermelhas chacoalhavam nas bocas das caçapas antes de despencar no fundo, com a ressonância excitante de um rufar de tambor. Os competidores, deslizando em volta da mesa em completo silêncio, conferiam ao jogo um clima que era menos de esporte do que de rito, como o progresso místico e insondável da missa católica, nos tempos em que ela ainda era rezada em latim. Acompanhar o jogo era uma tarefa mais exigente, sem Clive Everton para dar todas as dicas.

Era preciso prestar mais atenção.

Irina estava mesmo com dificuldade de prestar atenção. O rosto de Lawrence na chuva, naquela manhã, interpunha-se constantemente — aquele cambalear devastador, o meneio fraco de seu aceno de adeus.

No palco, diante de centenas de espectadores, Ramsey não parecia pertencer-lhe senão no sentido mais fracionado. O público a deixava orgulhosa dele, por ser tal astro, e ressentida daqueles estranhos que o transformavam naquilo tudo, já que, aparentemente, ele era um brinquedo que Irina teria de compartilhar. Ela podia reivindicar uma fatia tão parcimoniosa do homem que a própria aparência atraente dele tornou-se uma tortura.

O que ela estava fazendo ali? Depois de vagar sozinha para o litoral sul da Inglaterra, sentia-se como uma garota impetuosa fugindo da escola primária — uma garota que, sem ter o que comer nem onde dormir, percebe rapidamente que todo aquele projeto é uma teimosia, mas insiste em seguir pela rua, carregando um coelhinho de pelúcia e um punhado de biscoitos recheados de chocolate, até a polícia colocá-la numa radiopatrulha. Talvez ter fugido nessa tarde tivesse sido um ato de pura obstinação, mais nada.

De acordo com o monitor no alto, enquanto ela se distraía, Ramsey havia perdido mais três partidas consecutivas. Irina obrigou-se a concentrar a atenção na quinta. O padrão se repetiu: Ramsey construiu uma vantagem substancial, mas não definitiva. Quando o Foguete se intrometeu, Ramsey passou o resto da partida bebericando água mineral Highland Spring.

Irina podia não estar no clima para esportes, mas aos poucos achou o espetáculo mais absorvente. Os estilos dos dois jogadores se espelhavam a tal ponto que a partida parecia ser a expressão suprema do axioma de Lawrence de que, na sinuca, em última análise, o sujeito “joga contra si mesmo”. É que, se havia uma coisa que Ronnie O’Sullivan tinha estudado em sua vida (o que era questionável), tinha sido o jogo de sinuca de Ramsey Acton. Na verdade, a partida assumiu um sabor edipiano — o filho disposto a matar o homem que lhe dera a vida.

Mas nas disputas edipianas pode-se confiar em que o contendor mais jovem leve vantagem. A sinuca era visivelmente mais nova para O’Sullivan; ele se sentia mais atraído por suas vicissitudes, mas alegre por dominá-la. Em contraste, Ramsey parecia vagamente cansado de configurações que, embora nenhuma constelação das bolas da sinuca, estritamente falando, jamais se repita, *grosso modo* ele já vira antes — e antes, e antes. Sua satisfação serena e decorosa, quando uma bola entrava, parecia sutilmente

obscurecida pelo conhecimento antecipado de que haveria novas tacadas por vir — mais partidas, mais campeonatos, mais temporadas —, e a próxima esfera maliciosa não estava predestinada a ser tão gentil. A sabedoria e a visão em perspectiva são os consolos compensatórios dos velhos, e tinham pouca serventia nesse momento.

Assim, Ramsey jogou depressa; O’Sullivan jogou mais depressa. Ramsey matou bolas incrivelmente distantes; O’Sullivan encaçapou outras ainda mais distantes. Ramsey foi matando as cores com a velocidade do Poderoso Casey segurando o bastão de beisebol; O’Sullivan elevou a aposta tecnológica e as lançou no ostracismo com a força de um acelerador de partículas.

Irina havia desistido de aplaudir com um volume e ritmo extravagantes para atrair a atenção de Ramsey; os olhares preocupados de seu colega de banco a tinham deixado constrangida. A iluminação do palco criava um halo em torno da mesa e deixava a plateia na penumbra; ele não podia vê-la. Ela batalhou para encontrar um Plano B. Presumivelmente, o acesso a Ramsey Acton seria tão difícil depois do jogo quanto antes, no saguão. De que modo ela lhe transmitiria a mensagem de que a sua mulher amada estava ao alcance de suas mãos? Irina não fazia ideia do hotel em que Ramsey estava hospedado, e era improvável que aquele bilheteiro gélido lhe fornecesse um endereço.

No intervalo, com o desanimador escore de seis a dois, os jogadores se retiraram para seus camarins e Irina se atreveu a gritar “Ramsey!”. Mas ele estava acostumado demais a ouvir seu nome chamado pela plateia e desapareceu sem olhar para trás.

O fato de seu colega de assento estar agora convencido de que dera seu ingresso extra a uma lunática não ajudou muito. Quando os dois se levantaram, para esticar as pernas, Irina comentou, com a sem-gracice dos bem-ajustados: — O’Sullivan está mesmo pegando fogo hoje.

— Dizem que o Ronnie tem o maior talento inato já registrado nesse jogo — disse o homem, e fugiu prontamente.

Irina deixou-se cair na cadeira outra vez, revirando os olhos. Já ouvira esse clichê batido sobre O'Sullivan umas duas dúzias de vezes. Seria isso que o futuro lhe reservava? Enfrentar clichês da sinuca e anódinas afirmações do óbvio, noite após noite?

Pelo menos, as afirmações de Ramsey tinham mais nuances. Ou seja, embora o bolachudo Número 1, Stephen Hendry, e o desleixado pinta-brava Ronnie O'Sullivan talvez parecessem competir pelo título de Melhor Jogador de Sinuca Que Já Nasceu, Ramsey tinha observado que os dois jovens reivindicavam coroas nitidamente diferentes. Enquanto Hendry tinha domínio, O'Sullivan tinha inspiração; enquanto Hendry encarava o jogo como um trabalho, O'Sullivan fazia dele uma arte. Como um bom colegial, Hendry parecia compreender a natureza da geometria; como um evangélico fascinado, O'Sullivan parecia compreender a natureza do universo. Hendry era todo conhecimento, O'Sullivan, todo instinto, e por mais que isso seja inexplicável, a intuição é sempre mais cativante do que a inteligência. (Deu-se um clique: não era de admirar que Lawrence não suportasse O'Sullivan.) Mas quando Ramsey e sua reencarnação voltaram para o palco, Irina registrou um corolário sinistro: a inteligência é confiável, enquanto a inspiração, sem aviso prévio, pode faltar.

Dessa vez, Irina não bateu nenhuma palma. Não teve vontade. Descansou as mãos no colo, com a resignação conferindo certa serenidade a sua postura. Toda essa missão em Bournemouth estava se transformando num fiasco, e render-se ao desastre sem rodeios era relaxante. Depois da angústia de abandonar Lawrence e da corrida gelada para Waterloo, sem luvas nem escova de dentes, embaixo de um temporal e sob um guarda-chuva de brinquedo, provavelmente ela teria que achar um quarto de hotel na região e se enroscar sozinha num colchão frio.

Ramsey era uma perfeita negação em matéria de ouvir seus recados telefônicos.

Talvez tenha sido o fato de ela ser a única pessoa na plateia que *não estava* aplaudindo. Talvez o sexto sentido de Ramsey houvesse finalmente entrado em ação. Ou talvez ele houvesse enfim aproveitado o intervalo para ouvir seus malditos recados. Qualquer que fosse a razão, ele se virou e olhou de frente para a segunda fileira, avistando Irina McGovern como se encaixasse uma bola numa caçapa.

Ramsey sorriu.

Agora, nos campeonatos, ele raramente sorria. Com certeza, não era dado a sorrir quando estava perdendo por seis a dois e levando uma surra completa de seu próprio duplo. Mas quando se dignava fazê-lo, ele transformava não apenas seu rosto, mas tudo à sua volta, de modo que a mesa de sinuca, ao lado dele, pareceu iluminada não pelas luzes do alto, mas pelo brilho refratário de seus dentes grandes e alvos. Não foi um mero sorriso caloroso de bondade, ou de gentileza, como seria de se esperar, dada sua reputação, mas teve um toque do absurdo, do maníaco, do alarmante. Não foi um sorriso inteiramente agradável.

Foi anárquico — e agora, atrevidamente festivo, em função da indiferença.

Depois de avistar certa pessoa na plateia, Ramsey Acton *não estava nem aí* para saber se recuperaria suas perdas nessa partida, pois parecia que, mais cedo, tinha vencido uma disputa muito mais considerável.

A expressão retribuída por Irina foi meiga, embora talvez tenha parecido, por sua própria delicadeza, meio convencida. Ela se recostou na cadeira, que de repente lhe pareceu mais confortável, e cruzou as pernas. Seu colega de assento, que vinha agitando seu programa em desespero, para não ter que falar com ela, deu uma

olhadela com uma outra consideração para o que antes tinha sido *essazinha*.

A postura de Ramsey no tablado relaxou feito um ovo cru espalhando-se num prato. A vibração aguda que fora nervosamente emitida por sua figura durante toda a primeira parte reduziu-se a uma pulsação regular. Desafiando sua famosa agilidade, seus movimentos tornaram-se oníricos, quase apáticos. Ronnie deu a saída, mas, dessa vez, quando uma vermelha comprida, embora concebivelmente encaçapável, emergiu do grupo, Ramsey a ignorou com frieza. Em vez de matá-la, fez uma jogada de segurança e encaixou a branca tão juntinho da amarela que deixou Ronnie numa sinuca de bico, a partir de qualquer bola vermelha na mesa.

Foi assim. Ronnie adorava jogar depressa, de modo que Ramsey reduziu o ritmo a um rastejo. Ronnie adorava encaçapar, de modo que Ramsey paralisou a mesa com tacadas de segurança. Uma vez destruído o ritmo de O'Sullivan, Ramsey começou a jogar iscas para o arrivista arrogante, deixando disponíveis algumas bolas tentadoras, mas francamente ridículas, às quais sabia que o garoto não conseguiria resistir. Ronnie tentou fazer todas essas tacadas improváveis, e errou. O manejo magistral não só das bolas, mas também do oponente, por parte de Ramsey, pôs em dúvida se a própria Irina teria sido manipulada com a mesma astúcia. Se assim fosse, ela só poderia admirá-lo. Pouco depois, ele já estava contornando a mesa da mesma forma desenvolta e lânguida com que percorria o corpo de Irina.

Na verdade, ao avistá-la na plateia, Ramsey parecia ter descoberto a mulher no sentido estratégico. Afinal, quando o indivíduo joga com uma reedição mais jovem e mais vigorosa de seu próprio jogo, não há de derrotá-la com a fatigada versão de quarenta e sete anos. Ramsey jamais venceria O'Sullivan com a força e a agressão, mas sim com a astúcia — com dissimulação e esperteza felinas. Com o tipo de sinuca que O'Sullivan desprezava. Com o tipo

de sinuca que *Ramsey* desprezava: lenta, maçante e sonsa. Como Ramsey conhecia seu próprio jogo, sabia o que estava errado com ele. Sabia que os jogadores impetuosos levavam uma rasteira quando tinham que ficar levantando da cadeira para dar uma única tacada e tornar a sentar. Ramsey sabia que o único aspecto do jogo que ele próprio havia deixado de praticar, quando jovem prodígio, tinham sido as jogadas de segurança, as quais enfiara odiosamente por sua própria goela abaixo na meia-idade.

Depois de perder quatro partidas consecutivas desse jeito sem graça, nivelando o score, Ronnie se desarticulou. Deu tacadas cada vez mais ridículas e as perdeu com extravagância ainda maior, enquanto Ramsey só fez mostrar-se ainda mais reservado. No fim da sessão, foi Ronnie quem jogou o que Lawrence considerava uma “sinuca de corrida de demolição de carros”, disparando bolas para todo canto, menos para as caçapas. A sinuca viril foi ridicularizada, enquanto a sinuca de menina, com a pontuação de nove a sete, levou a melhor.

Quando as luzes se acenderam, o parceiro de banco de Irina virou-se para ela, com um aceno deferente da cabeça: — Quer dizer que você é amiga de Ramsey Acton?

Irina remexeu na jaqueta molhada: — Pensei ter mencionado isso no saguão.

— Mencionou. E o conhece há muito tempo, é?

— Algum — respondeu ela, em tom vago. A súbita solicitude do rapaz era repulsiva. Não sendo de suspirar intensamente por celebridades em benefício próprio, Irina tinha uma ânsia incomensuravelmente pequena por elas por associação. Não tinha a menor intenção de oferecer retalhos de fuxicos íntimos sobre Ramsey Acton, do jeito que algumas pessoas anunciavam cartas de escritores famosos no eBay. Assim, quando seu companheiro de assento lhe perguntou se era verdade que, por terem se oposto à ideia de Ramsey se tornar jogador profissional de sinuca desde a

infância dele, seus pais tinham se recusado a comparecer a um único torneio que fosse, Irina não respondeu que “Sim, e, mesmo aos quarenta e sete anos, isso ainda o magoa”, mas disse não fazer ideia.

O público se dispersou. Alguns faxineiros recolheram programas e papéis de balas, lançando-lhe olhares curiosos. Ramsey devia estar concedendo sua entrevista à BBC. A poltrona 2F era, como diziam no ramo detetivesco, seu “LVPU” — o local em que ela fora vista pela última vez. Às vezes, quando duas pessoas estão tentando se encontrar, a melhor coisa que uma delas pode fazer é ficar parada. Irina fizera um longo percurso nesse dia, em todos os sentidos, e a perspectiva de vagar pelo centro de conferências e se desencontrar lamentavelmente de um certo jogador de sinuca, e de acabar num Novotel cujo serviço de copa nos quartos teria sido encerrado às dez da noite, era insuportável.

A espera lhe deu tempo para se inquietar com sua aparência. Não querendo submeter Lawrence a vê-la se arrumar para transar com outro homem, de manhã Irina tinha pegado a calça jeans preta, o suéter de lã aveludada e o tênis preto — todos os quais havia usado na tarde da véspera. Ela os havia usado, a rigor, por três dias seguidos, de modo que a roupa estava surrada. A calça lhe caía bem, mas o corte estava fora de moda; o suéter era enorme. Pior, a peça escura e lúgubre ficara encharcada no temporal de Londres e só tinha secado o bastante para lhe dar coceira. A evaporação a deixara resfriada, e Irina não conseguia parar de tremer. Sua forma de cruzar as mãos pegajosas parecia chocantemente carola.

Arrumar-se em público era censurado, mas sua ânsia de pentear o cabelo tornou-se obsessiva.

Ela também precisava *lavar a cabeça*, não apenas no sentido literal, mas no sentido coloquial de esfriá-la. Precisava controlar-se. Estava à espera de Ramsey, mas tudo em que conseguia pensar era Lawrence. Pensou se ele teria comido alguma coisa. Se teria feito pipoca, embora não soubesse a proporção certa entre o azeite e os

grãos nem a regulagem ideal da chama do fogão. Pensou se ele teria trocado de roupa, depois de ficar parado na chuva à tarde. Pensou em como seria sair de um ninho de amor e voltar para um apartamento de solteiro. Era provável que ninguém pensasse em expressões idiotas como *ninho de amor* e *apartamento de solteiro*. Irina lutou contra o impulso de encontrar um telefone público e ligar para casa — como era possível que a Trinity Street não continuasse a parecer sua casa? —, para perguntar se ele estava bem, ou para lhe dar permissão oficial, pelo menos nessa noite, para uma segunda dose de bebida forte. Teve vontade de dizer abruptamente ao telefone que o amava, o que, nas circunstâncias, seria um absurdo, ou até um insulto.

Passaram-se quinze minutos. Talvez os lanterninhas a tivessem mandado embora, não fosse o caráter aflito dessa remanescente da segunda fila — seu jeito esquisito de apertar as mãos, aquela postura encolhida dos sem-teto —, que a fazia parecer, se não perigosa, pelo menos *difícil*.

Sem cerimônia, lá estava ele. No palco. Com o colete pérola de costume, embora tivesse tirado a gravata-borboleta. Quando ele pendurou a jaqueta de couro preta no ombro, as abotoaduras de ouro branco captaram as luzes do salão.

Ao levantar os olhos, Irina se deu conta de que, para estar sentada sozinha num auditório deserto de um centro de conferências em Bournemouth, era absolutamente crucial que, nesse momento, estivesse inundada de amor. Se não se sentisse louca de paixão por aquele homem, não teria nada para fazer naquele cenário incongruente, longe de outro homem cujo coração estava se partindo ao meio nessa noite. Assim, ao encontrar os olhos de Ramsey, ela verificou e tornou a verificar sua reação, como quem apalpassse os bolsos do casaco para cima e para baixo, num pânico crescente, para achar a carteira.

Apalpar, apalpar, apalpar. Nada de carteira. Ele parecia um senhor perfeitamente agradável, beirando os cinquenta, e que vinha a ser um completo estranho.

Com a mesma languidez irritante com que havia derrotado Ronnie O'Sullivan, Ramsey dirigiu-se a um dos corredores e veio andando pela fila até se sentar ao lado de Irina. Apoiou as pernas compridas no banco da frente e jogou a cabeça para trás. Estendeu a mão e segurou a dela, dividindo entre os dois o braço das poltronas. Sua mão estava seca, por causa do giz do taco. Ele fechou os olhos.

— Caramba, sua mão está gelada! — comentou.

— Esqueci as luvas.

Irina apoiou as pernas em paralelo às dele e olhou fixo para o teto.

Ramsey continuou reclinado, imóvel, segurando a mão dela, mas sem apertá-la nem brincar com seus dedos. Se não o conhecesse melhor, Irina acharia que ele estava rezando.

— Você está linda — disse Ramsey.

— Como é que você sabe? Seus olhos estão fechados.

— Eu sei.

— Estou horrorosa. Desculpe.

O nó em seu estômago afrouxou-se um pouquinho. Ela havia se preparado para um ataque frontal, com a língua chegando à garganta. Ficar passivamente de mãos dadas era perfeito.

— Não estou em muito boa forma — disse ela.

— Deu para perceber. De cara.

— Estive pensando se eu deveria tentar pegar o último trem para Londres, na verdade.

Ramsey sempre a fazia dizer o que estava pensando. Era curioso como isso lhe parecia tão novo.

— E por que não foi?

— Você já tinha me visto. Não pude.

— Ainda pode. Eu lhe dou uma carona até a estação, se você quiser.

— Não sei se tomei a decisão certa — disse ela. Levaria algum tempo para compreender que talvez nunca soubesse.

— Está me parecendo que não tomou nenhuma.

— Ah, tomei, sim. Estou aqui, não é?

Ramsey abriu os olhos e virou a cabeça para ela, devagar, mas mantendo-a apoiada no encosto da cadeira, como se soubesse que Irina só poderia ser apresentada ao homem por quem estava apaixonada em pequeníssimas doses homeopáticas.

— Contar a ele... foi ruim?

— De certo modo, não o bastante. O que tornou as coisas piores.

— Ele ficou zangado?

— No começo, não. Só depois, mas tinha esse direito.

— O que ele disse quando você deu a dica de que era eu?

— Acho que você está fora da lista de cartões de Natal dele — esquivou-se Irina.

— Sentirei falta dele, um pouco — disse Ramsey, pensativo.

— *Do Homem-anoraque.*

— Nunca me senti assim. Não faço o gênero da mulher que gosta de apanhar, mas quis muito que ele me batesse. Com força. Teria sido mais fácil.

— Parece que ele a surrou de outras maneiras.

— Ele me bateu com o fato de que me adora, e esse não é o tipo de violência pela qual se possa censurar alguém. Ele é um homem maravilhoso. Acho que eu tinha esquecido. Seria muito mais fácil se ele não fosse maravilhoso.

— Também sou um homem maravilhoso — lembrou-lhe Ramsey.

— Eu sei. Isso é infernal, francamente. E não é justo. Há tão poucos de vocês por aí. E eu sofrendo por excesso de opções. Parece

ganancioso. As outras mulheres teriam toda razão para se ressentir, por eu pegar mais do que aquilo a que tenho direito.

Irina ensaiou apoiar a têmpora sobre a curva do ombro dele. A camisa branca estava úmida; devia ter feito calor sob os refletores do palco. Como quem acalmasse um animal arisco, Ramsey passou o braço em volta dela e lhe acomodou cuidadosamente a cabeça na curva de seu pescoço. Depois, fez uma pausa, deixando-a acostumar-se com esse contato, tal como se deixa um cavalo indomado acostumar-se com o peso de um cobertor, antes de lhe colocar a sela.

— Isso vai parecer estupidez — disse Irina, com a boca junto do colarinho engomado e aberto —, mas eu amo o Lawrence.

Precisava dizer isso a alguém, mesmo à pior pessoa possível.

— Eu sei — disse ele, e Irina o admirou mais do que seria capaz de expressar, por ele ter assimilado isso sem recuo, como quem levasse um tiro pelo presidente.

— Gostei de vê-lo jogar. Fiquei contente por você ter vencido.

— Eu não me abalo, de um jeito ou de outro.

— Mas você só *não se abala* quando vence.

Ele riu.

— Você tem boa sensibilidade para esse troço.

— Foi esperto o jeito como você confundiu a cabeça do O'Sullivan — ela elogiou.

— Ele é muito fácil de sacar — disse Ramsey, tornando a fechar os olhos.

— Por ser igual a você?

— Igual ao que eu fui.

— Devem ter ferido o seu orgulho. Todas aquelas tacadas defensivas.

— Passei pelo Ronnie quando ele estava saindo da entrevista coletiva. Ele me olhou com ódio. Disse que eu joguei como uma velha.

Um ar de normalidade permeava a conversa, como se os dois tivessem passado anos trocando ideias depois de partidas de sinuca. Não é que parecesse comum. Apenas simples.



A LIMUSINE BRANCA QUE PAROU junto à entrada do palco fez Irina lembrar-se da infância — da época em que as economias familiares exibiam a mesma característica de tudo ou nada do ego de O’Sullivan. As aulas de balé dadas por sua mãe rendiam apenas o essencial; as grandes infusões de dinheiro vinham dos trabalhos esporádicos de seu pai, treinando os diálogos dos atores. Quando uma daquelas baleias brancas reluzentes parava diante de seu edifício antigo, no Upper West Side, para levar seu pai ao aeroporto às cinco horas da manhã, Irina, quando pequena, ficava assombrada, e frustrada por ser cedo demais para que seus amigos vissem. Mais velha, ela compartilhava o desespero da mãe pelo fato de o estúdio não mandar seu pai pegar um táxi e emitir um cheque pela diferença, ajudando-os a pagar o aluguel do mês seguinte. Uma limusine não fazia nada que um carro comum não pudesse fazer e, ainda por cima, tinha dificuldade para dobrar as esquinas; se um dos privilégios primordiais de ser rico era meramente a aparência, os verdadeiros benefícios da riqueza eram escassos. Irina não pôde deixar de se impressionar com o alvoroço feito em torno de Ramsey, mas não queria impressionar-se.

Como se fosse para demonstrar não só os limites do dinheiro, mas o sacrifício que impunha, a limusine percorreu os oitocentos metros até o Royal Bath Hotel pela avenida litorânea, enquanto Irina contemplava a praia com um olho comprido, vendo a areia branca e pura luzir ao luar, mesmo através dos vidros escuros das janelas. Teria sido muito mais delicioso andar de mãos dadas junto à baía. Mas Ramsey precisava ser protegido da multidão frenética, e era esperado que exibisse uma conduta chique.

Desanimada, até esse momento, com o espalhafatoso aparato contemporâneo da ocupação de Ramsey, Irina ficou aliviada ao chegar ao Royal Bath: era um hotel velho. Para não mencionar que era imenso, branco e luminoso como a praia, remetendo a uma era passada de roupas de banho até os joelhos e parasóis. Era uma daquelas instituições palacianas em que sempre parecia estar na hora do chá. Embora a noite, por mais fluida que fosse sua natureza, não incentivasse uma grande quantidade de chá.

Os empregados do hotel desmancharam-se em gentilezas para cumprimentar Ramsey por sua vitória sobre O'Sullivan. Mas as ofertas para carregar seu estojo com o taco foram inúteis; a proibição de que alguém pusesse as mãos nele incluía a própria Irina. *Denise* estava fadada a ser a outra nesse relacionamento.

Ramsey conduziu Irina a uma grande suíte no último andar, com vista para a baía. Ao espiar a paisagem, ela alisou as borlas sedosas dos puxadores da cortina marrom pesada. Na sala da suíte, o hotel colocara um buquê gênero ave-do-paraíso na mesinha de mogno, com um cartão de parabéns. Quando Irina pediu licença para ir ao toalete, lavou as mãos sob torneiras folheadas a ouro e as enxugou numa das toalhas brancas felpudas, oferecidas em profusão. A cortina igualmente felpuda do chuveiro era bordada com uma reprodução a cores do imponente Royal Bath, tal como visto da praia. Talvez a opulência do hotel destoasse do espírito vulgar do esporte de Ramsey, mas, fossem quais fossem os buracos de onde haviam saído, os jogadores de sinuca bem-sucedidos dessa época tinham um alto padrão de vida. Quando Irina voltou, o modo como Ramsey jogou o colete na colcha de brocado e pegou do minibar duas garrafinhas de champanhe, listadas num cartão anexo ao preço unitário de quinze libras esterlinas, foi decididamente *blasé*.

Ramsey parou junto à cama, com a camisa meio desabotoada expondo um triângulo do peito. Embora seja tradicional as mulheres se extasiarem com peitorais bem desenvolvidos, era a própria

sutileza dos volumes discretos que Irina achava fascinantes, e foi o que lhe deu vontade de tocá-los. O tronco alvo e sem pelos de Ramsey era o de um rapaz da equipe de natação do curso médio.

Quando Irina chutou longe os tênis e se deitou no colchão *king-size*, Ramsey lançou-lhe um olhar severo, vertendo o champanhe em copos de água com toda a cerimônia de uma Diet Coke.

— Você veio para cá sem nada? Nem mesmo uma muda de roupa?

— O que eu tinha em mente — disse ela, com ar tímido — tinha mais a ver com tirá-la.

— O seu recado — prosseguiu ele. — Saquei que você deixou o Lawrence. Não que deu uma desculpa para passar um fim de semana na sacanagem. Será que entendi mal?

— Não — fez Irina, franzindo o cenho. Por que, justamente nessa situação, ele estava querendo criar caso?

— Então, por que não fez uma mala? E já que, a menos que eu esteja me iludindo, presumo que o tenha deixado para sempre, por que não fez uma mala bem grande, aliás?

Irina baixou os olhos.

— O Lawrence estava em casa. Eu não podia obrigá-lo a me ver encher uma mala... com roupas que ele tinha lavado e dobrado. Seria cruel demais.

— Mas era o que estava acontecendo, não era? Você o estava deixando. Se você não leva uma calcinha limpa, dá a ele a impressão errada. Do tipo: não se incomode, parceiro, eu volto já. Fazendo-o ver você jogar os vestidos na mala, ele entende o recado. Desse jeito, o pobre coitado pode dizer a si mesmo que você vai voltar a qualquer momento, porque precisa do xampu.

— Posso comprar mais xampu — retrucou Irina, desconfiada, abraçando os joelhos.

— Você se preocupa com a ideia de ser perversa com o Homem-anoraque. E que tal ser perversa comigo?

A essa altura o sobrolho carregado de Irina estava fixo, e se ela continuasse com a testa franzida daquele jeito por muito mais tempo, ficaria com dor de cabeça.

— Acabei de deixar outro homem por você. Justamente hoje à tarde. Não sei ao certo em que é que isso constitui um ato de crueldade, exceto com o Lawrence.

Ramsey não estava disposto a desistir.

— Se você larga um cara, faz a cena direito. Pega suas coisas. Para na porta e dá adeus com uma *mala*.

Irina sentiu crescer uma emoção tão rara nos últimos tempos que quase não a reconheceu. Mas, se não estava enganada, aquilo era raiva.

— Eu tive um dia difícil, Ramsey. E isso para empregar seu famoso eufemismo britânico.

— Aquela partida com O’Sullivan também não foi moleza.

Irina empertigou as costas.

— Você jogou *uma partida*. Eu deixei *um homem*. Um homem que não foi outra coisa senão bom para mim durante quase dez anos. Não tenho certeza de que eu poria o repúdio dele na mesma categoria de uma diversão.

Havia uma aspereza em sua voz que ela não estava acostumada a ouvir. Era interessante.

— Fico encantado por você ter a minha profissão em tão alta conta.

— Eu não disse nada sobre ter a sua profissão em alta ou baixa conta.

— Entendi o recado.

— Você não está entendendo nada.

Ramsey estava a uns bons três metros de distância, já tendo tomado seu champanhe. Irina sentava-se encolhida na cama. Aquilo

também era um jogo, mas não de um tipo que ela já houvesse jogado.

— Por que você está fazendo isso? — perguntou.

— Fazendo o quê?

— Você sabe.

— Você devia ter feito uma mala.

— Fazendo isso.

A expressão dele parecia a de um cachorro com uma corda na boca. Se a gente puxa a outra ponta, ele puxa com mais força.

— Quero saber por que você não fez a mala. Parece um capricho. Sem seriedade. Como se você não estivesse realmente aqui. Como se estivesse planejando voltar.

Bem, não teria mesmo havido o menor propósito na viagem de cento e sessenta quilômetros desde Waterloo se eles não conseguissem completar os últimos três metros. Irina sentiu o corpo amolecer. Arrastou os pés para fora da cama, como se fossem a mala sobrecarregada que ela cometera o crime de não fazer. Calçou os tênis molhados, que tinham encolhido na chuva e lhe apertavam os pés. Eram desagradáveis.

— Isso foi um erro — disse, olhando para os sapatos, com dificuldade de amarrar os cadarços em meio às lágrimas grossas, exasperantes. — Pode ser que ainda haja um trem de volta para Londres.

Enxugando os olhos com impaciência, encaminhou-se para a sala. Ramsey deu um passo hesitante para lhe barrar o caminho.

— Deixe-me ir embora — disse Irina, cansada.

Por um instante, ele relutou na fronteira. Irina viu a indecisão em seu rosto, como se sua mente preparasse mais uma afirmação beligerante de que ela *devia ter feito uma mala* e, em seguida, quase por um capricho, mudasse de ideia. Com uma agilidade que desmentia a caracterização de fracote feita por Lawrence, Ramsey segurou Irina por baixo dos braços e a levantou acima da cabeça.

Baixando-a devagar, deslizou o corpo dela contra o seu, até deixá-la com a boca a um milímetro de seus lábios.

— Estamos tendo uma briga? — indagou ela, aspirando o champanhe e o tabaco no hálito de Ramsey.

Ele considerou a questão.

— Não.

— Então, de que você chamaria isso?

— Não vejo por que tenhamos que chamá-lo de alguma coisa.

— Que tal “desperdício”?

Pouco antes de beijá-lo, Irina teve a presença de espírito de marcar os cinco minutos anteriores para referência futura.



QUANDO ELA SE MEXEU na manhã seguinte, ou no que supôs ser a manhã, foi difícil lembrar de ter tido relações sexuais na noite anterior. Não que tivesse sido em meio à embriaguez — ela nem sequer tinha terminado sua garrafinha de champanhe antes de os dois afundarem na cama. A questão era que alguma coisa em transar com Ramsey era misteriosamente impossível de reter.

Quando se virou para consultar o relógio, Irina descobriu que eram duas horas da tarde. Acordando, conscientizou-se da exaustão de seu corpo. Ah!, o começo da noite anterior entrou em foco. Depois que o suor secara, Ramsey havia admitido que, após uma reviravolta tão chamativa, seria esperado que ele aparecesse no bar do hotel, onde estava hospedada a maioria dos outros participantes do Grande Prêmio. Para piorar as coisas na cabeça de Irina, o bar tinha licença para funcionar até tarde, e eles deviam ter passado umas duas horas batendo papo com os colegas de Ramsey lá embaixo. Irina não havia comido nada o dia inteiro, e ninguém falara em comer. Após uma noite aos cuidados de Ramsey, ela já estava, como protestaria Lawrence, na dieta de Alex Higgins.

Em grupo, Ramsey tinha passado o tempo todo com o braço em volta dela, e Irina se havia deleitado com essa reivindicação pública. No entanto, o bate-papo rápido dos jogadores e seus empresários, o clamor de sotaques galeses, escoceses e irlandeses e as múltiplas alusões a notórias tacadas de sorte, tudo aquilo lhe deixara a sensação de enfrentar dificuldades insuperáveis, e ela pouco havia falado. Ficar grudada a Ramsey, sem contribuir muito em termos de conversa, fizera-a sentir-se ornamental, e com o jeans úmido e um suéter grande demais, um ornamento que não era grande coisa, ainda por cima. A certa altura, recorrendo ao estilo de sobrevivência social de Lawrence, ela tentara entabular uma conversa com Ken Doherty sobre a política da Irlanda do Norte, já que ele vinha de lá. Mas Doherty pedira licença, ansioso por outra rodada, assim que conseguira esvaziar seu copo.

O próprio Ramsey tinha sido uma surpresa. Ele se mostrara tão tímido, nas saídas a quatro com sua mulher escritora e com Lawrence, o pesquisador cê-dê-efe, que Irina havia presumido que ele era discreto em termos sociais. No entanto, misturando-se a sua turma, ele se mostrara falastrão, divertido e à vontade, conduzindo o grupo todo na entoação de uma música jocosa e interminável, chamada “Maluco por sinuca”. Fora animador descobrir que Ramsey tinha entre os colegas a fama de ser a graça da festa. Mas, se a noite anterior podia servir de guia, havia um limite para a quantidade de festas que Irina conseguiria aguentar.

Dali a quatro horas teria escurecido, e o dia já era um fiasco. Assim, Irina enroscou-se no peito de alabastro de Ramsey e o beijou no nariz para acordá-lo.

Afinal, quando não se conseguia lembrar muito bem como era uma coisa, a maneira mais simples de refrescar a memória era fazê-la de novo.

* *EEB, a encefalopatia espongiforme bovina, é a síndrome da vaca louca. (N. da T.)*

NO MOMENTO EM QUE LAWRENCE devia estar chegando à esquina, Irina se deu conta de que sua saída às pressas naquele temporal não fora bem planejada.

Talvez se agarrando um pouco a ela, depois do confronto da noite anterior sobre o casamento, ele havia se demorado no café da manhã, e depois pegara um paletó leve, ao sair correndo porta afora. Pegando a capa dele, Irina desceu correndo, contente por Lawrence ter perdido o sinal verde e ainda estar esperando para atravessar a Borough High Street.

— Ei, Homem-anoraque! Você está ficando encharcado! — gritou ela da escadinha da entrada, balançando a capa de chuva. — Não está vestido para isso!

Vai se resfriar!

O sinal tinha aberto e ele estava atrasado.

— Eu dou um jeito! — gritou.

Na outra mão, Irina sacudiu o elemento decisivo, um sanduíche de presunto com queijo fechado num saco plástico hermético, que gotejava na chuva.

— Mas você esqueceu seu almoço!

Após uma hesitação mútua, eles correram um para o outro, percorrendo o quarteirão que os separava numa reprise cômica dos apaixonados que disparam por uma campina em câmera lenta — só que Irina não estava saltitando descalça por entre trevos, mas correndo de meias por uma calçada granulosa e molhada de Londres.

— Você perdeu o *juízo*? — exclamou Lawrence. — Não está de sapatos!

— Tenho uma casa quentinha para onde voltar — disse ela, tirando o casaco de Lawrence, que era um *anoraque*, na verdade,

ajudando-o a enfiar a capa de chuva e lhe entregando o guarda-chuva mais resistente do casal. — Eu posso trocar as meias — acrescentou. Depois de enfiar o saquinho com o sanduíche no amplo bolso da capa, Irina tornou a pegar o guarda-chuva, abriu-o e o colocou na mão livre de Lawrence. Secou as gotas de chuva de suas sobrancelhas, alisou-lhe o cabelo embaraçado, afastando-o da testa, e sorriu.

— Obrigado — disse ele, segurando o guarda-chuva para proteger os dois.

Com ar de quem acabara de se lembrar de alguma coisa, inclinou-se e beijou-a.

Foi um beijo pequeno, de boca fechada e casto, mas terno.

Era uma daquelas muitas sequências intersticiais que não eram boas de contar: *O Lawrence saiu para trabalhar com uma jaqueta que não era impermeável e eu corri atrás dele na chuva, levando sua capa e seu almoço*. Não era de admirar que Irina iniciasse jantares com amigas como Betsy sem saber que histórias contar. Mas esses momentos eram a essência da vida, e eram a essência de uma vida boa.

Irina voltou tiritando para o apartamento. Pisando de leve no corredor, para buscar meias secas, enquanto deixava pegadas molhadas no carpete, ponderou que a história mais geral do casal formado por eles provavelmente também não seria *boa de contar*. O único componente não convencional de sua vida a dois era o período de expatriação, mas, com a quantidade de norte-americanos em Londres, *Vários anos no Reino Unido* jamais daria um livro de memórias de sucesso. Eles também não esperavam a ocorrência de nada em particular. Presumivelmente, Lawrence continuaria a se firmar no ramo dos centros de estudos estratégicos — a ganhar mais dinheiro, talvez a se juntar ao revezamento das equipes de comentaristas dos noticiários de televisão. Presumivelmente, Irina continuaria a granjear uma aclamação discreta; quem sabe, talvez

ganhasse um prêmio. Com o tempo, era provável que eles se mudassem de volta para os Estados Unidos, mas Irina não estava com pressa. Os dois ainda não haviam propriamente decidido a questão dos filhos, mas, qualquer que fosse sua resolução do assunto, não fariam história. Por fim, envelheceriam e teriam problemas de saúde. Sob certos aspectos, sua vida conjugal equivalia a uma enorme folha de parreira recheada de carneiro. Senão, vejamos: o resultado da discussão da véspera sobre o casamento fora que eles continuariam a fazer o que vinham fazendo. *Que choque.*

Irina arrumou a louça do café com torradas e pegou a correspondência, separando as ofertas de supermercados das contas. A chuva batia nas vidraças, mas o prédio era antigo e sólido, e eles nunca tinham tido problemas com infiltrações. Presenteando-se com uma aumentadinha do termostato, ela pôs uma fita cassete com noturnos de Chopin no estéreo e se acomodou em sua cadeira à mesa do jantar para fazer cheques. Seu suéter preto de lã aveludada estava meio sujo e era grande demais, porém era grosso e macio. Irina sentiu-se *protegida*.

Aconchegar-se no apartamento pelo resto do dia, enquanto chovia a cântaros, trouxe-lhe à lembrança uma ocasião em que ela, aos quatorze anos, havia acampado no Talbot Park com sua melhor amiga. Depois do salsichão assado, o céu tinha enegrecido; com o vento forte, ela e Sarah mal tinham conseguido montar e fixar a barraca. Uma vez fechado o zíper da entrada, enquanto desabava a chuva torrencial, as duas tinham desdobrado os sacos de dormir e sorrido.

Apenas uma fina interface de náilon as separava do sofrimento, e seu próprio caráter provisório havia intensificado a gratidão consciente de Irina pelo abrigo.

As duas tinham jogado *gin rummy* à luz da lanterna, enquanto a chuva açoitava sua frágil cúpula, cujas costuras no alto mal começavam a brilhar. Mesmo assim, as costuras haviam

resistido gloriosamente e o som da chuva tamborilando ressoava sobre a casa improvisada, repleta de livros, um rádio transistor e uma garrafa térmica com minestrone. Aquele pernoite no Talbot Park tinha sido uma espécie de marco. Naquela noite, ela vivenciara uma alegria explosiva, pelo simples fato de estar aquecida e seca.

Para a maioria dos norte-americanos, a sensação de segurança era um cenário-padrão sem maior significado, o mínimo que se poderia esperar, ou o pior. Muitas vezes, a “segurança” era citada com desaprovação como a razão de algumas mulheres conservarem casamentos ruins, o que implicava, visto que *segurança* significava dinheiro, um arranjo que era pouco menos do que uma forma de prostituição. Além disso, as pessoas que optavam pela *segurança* supostamente trocavam a aventura e a espontaneidade por uma subsistência espiritual chocha e morta. Mas para Irina e Lawrence conseguir um simulacro de segurança tinha sido um trabalho árduo. Provavelmente, um porto seguro era difícil de conquistar para a maioria das pessoas, cujos refúgios eram muito mais frágeis do que pareciam — não muito diferentes daquela barraca no Talbot Park, e passíveis de serem arrasados com igual presteza por um sopro das circunstâncias: o fechamento de uma fábrica, uma queda nos mercados, uma inundação durante o único mês em que, estranhamente, a casa não estivera no seguro. Era sensato, portanto, que a *segurança* fosse um bem mais precioso do que sugeriria sua reputação maçante — e que fosse um desperdício valorizá-la apenas considerando o passado.

Lawrence não só obtivera seu doutorado em relações internacionais numa universidade da Ivy League, depois de crescer no deserto em mais de um sentido, como não havia conseguido um emprego logo ao sair da faculdade. Nos três primeiros anos de vida em comum, ele havia despachado uma abundância de pedidos de emprego para universidades, revistas e institutos de pesquisa, enquanto trabalhava em livrarias em meio expediente. Aqui e ali,

conseguia que fossem aceitos um artigo ou uma análise a ser publicada junto à página dos editoriais jornalísticos, mas, em sua maior parte, tinham sido três anos completos de rejeição. Lawrence passava os fins de semana olhando com raiva para as partidas de golfe televisionadas. Durante todo aquele tempo, os dois não tinham tido a menor razão para prever que um dia a salvação finalmente pousaria em sua caixa de correio, sob a forma de um impecável envelope timbrado, com selos da rainha Elizabeth. Nesse ínterim, qualquer despesa inesperada, até uma torradeira com defeito, provocava uma crise.

Por parte de Irina, o caminho para as ilustrações não tinha sido direto nem tranquilo. Atormentada por ser dentuça, ela fora uma menina reclusa, que muitas vezes desenhava sozinha no quarto, ao voltar da escola. Mantivera um diário pictórico desde os dez anos de idade, com legendas impressas (“Irina tem que passar pé ante pé pelo estúdio idiota, se não vai se meter numa encrenca danada”; “As alunas de balé de mamãe são mesmo metidas a besta”), mas os pais narcisistas e dramáticos haviam-na tornado alérgica às artes. Por isso, ela não fizera faculdade no Instituto Pratt nem na Cooper Union, e sim no Hunter College, capitalizando (com certa preguiça) em sua origem e se formando em russo. Ganhara seu primeiro pão de cada dia traduzindo áridos textos russos sobre sismologia, e havia tropeçado na ilustração por acaso.

Aos vinte e tantos anos, ela vivia com um divorciado taciturno e volátil, chamado Casper — um romancista frustrado (se é que havia algum outro tipo) do Upper West Side que tinha a guarda conjunta de uma filha de sete anos.

Inspirando-se nos livros que retirava da biblioteca para a filha pequena, Casper havia imaginado, como uma legião de romancistas ingênuos antes dele, que, comparado à literatura de ficção, o mercado infantil seria fácil de penetrar. Como Irina tinha

continuado a desenhar a esmo nas noites em que escrevia em seu diário, ele havia proposto uma colaboração entre os dois.

Convencido de que nunca era cedo demais para apresentar as crianças à “vida real”, Casper tinha escrito uma história sobre um garotinho chamado Spacer (um anagrama não muito oportuno do nome do autor), que, mais do que qualquer outra coisa no mundo, queria vencer a corrida de sacos na escola, no Dia dos Esportes. O menino se exercitava diariamente no quintal de casa (para Irina, desenhar todos aqueles sacos diferentes — não só os sacos de batatas tradicionais, mas também os de lã grossa, as capas de sacos de dormir e aquelas adoráveis sacolas branco-e-laranja da Zabar’s — tinha sido uma grande diversão).

Mas, chegado o grande dia, Spacer não tinha vencido a corrida. Nem sequer se classificara.

Mesmo assim, Casper se recusara a concluir sua história com qualquer moral testada e comprovada, do tipo o importante não é ganhar ou perder. Fizera questão de que a história não sugerisse que Spacer simplesmente precisava tentar com mais afinco, ou que poderia vencer no ano seguinte. Ao contrário, a narrativa sublinhava que Spacer se esforçara ao máximo, mas que o seu máximo não tinha sido suficiente. Casper se recusara a permitir que seu protagonista, de algum modo, viesse a ser uma pessoa melhor, por ter aprendido a perder sem ressentimento, ou a dar uma chance ao pobre garoto, ao menos reduzindo a importância das corridas de saco em geral. A ideia de Casper de que era preciso ensinar às crianças, sem nenhum rodeio, que às vezes não se conseguia o que se queria, *ponto final*, era, digamos, sofisticada, supusera Irina, mas meio brutal.

Embora ela também tivesse conseguido evitar títulos como *O perdedor* e *A locomotiva sem sucesso*, a escolha final de Casper, *Corrida frustrada*, não fora mais convidativa.

O texto tinha sido asperamente rejeitado. Para espanto de Irina, porém, um editor da Farrar, Straus and Giroux manifestara

interesse pela ilustradora. Apesar de esse venha-cá seletivo ter representado não apenas o fim da parceria, mas também o do relacionamento, rabiscar sozinha com lápis de cor dava de dez a zero em traduzir artigos sobre a tectônica de placas.

Mas não tinha sido fácil, e ainda não era. Durante longos períodos Irina tivera que ilustrar sem ter certeza da publicação, e nunca deu à luz vários desses projetos. Mesmo agora, depois do lançamento de seis livros ilustrados, o trabalho dela não era largamente conhecido. Só graças ao incentivo paciente de Lawrence é que ela não havia desistido.

A questão era que não tinha sido nada divertido equilibrar-se nos limites do ostracismo profissional. Mais recentemente, não havia nada de maçante em poder pagar a conta telefônica. *Não* poder pagá-la tinha sido bem mais maçante.

Mas era no campo romântico que Irina ficava particularmente perplexa, ao pensar em por que alguém haveria de exaltar o perigo recorrente. Que havia de monótono em achar que, em uma noite comum, seu parceiro voltaria para casa?

Seu mais profundo sentimento de segurança provinha da solidez de sua ligação com Lawrence, que ela concebia visualmente como uma daquelas cordas de sisal que prendiam os transatlânticos — desgastadas pela ação da natureza até adquirirem um matiz de cinza, mas com quinze centímetros de espessura e enroladas múltiplas vezes num cunho de metal de quarenta e cinco quilos.

Lawrence nunca a deixaria. Lawrence jamais a trairia. Irina nunca bisbilhotava a correspondência dele nem vasculhava seus bolsos, não porque fosse crédula ou temesse ser apanhada, mas por saber, com certeza, que não haveria nada para achar. Por sua vez, ela jamais deixaria Lawrence, nem o trairia, a despeito daquela roçada bizarra na tentação, em julho. Salvo por um acidente de automóvel extemporâneo, a ideia de que eles envelheceriam juntos não era uma simples aspiração: era um fato. Ela apostaria tudo nisso. Ora, isso era

segurança de verdade, independentemente de Lawrence perder o emprego ou de seus próprios projetos como ilustradora minguaem. Raios a partam se ela compreendesse por que alguém haveria de preferir levantar-se de manhã e confrontar o caos: “Tudo bem! *Quem é?* ” Não conseguia ver o valor de entretenimento de um dos dois sair porta afora, sem qualquer promessa de voltar.

Assim, ponderou Irina, enquanto cuidava da conta de luz, será que a divergência deles na véspera, a propósito do casamento, se qualificaria como uma “briga”? O engraçado era que ela esperava que sim. Era curiosa essa sede de conflito que sentia de vez em quando, já que as rixas ocasionais pareciam conferir à vida dos dois a fibra e a gordurinha da carne vermelha de primeira. No entanto, Irina contava nos dedos as ocasiões em que ela e Lawrence tinham tido entreveros de verdade, e ainda sobravam dedos.

Houvera aquele arranca-rabo memorável por causa da mesa de centro de mármore verde italiano, que ela havia encontrado entre as ofertas da loja da Oxfam, em Streatham, e a cuja colocação Lawrence resistira com uma ferocidade desproporcional, convencido pela descrição de Irina de que a peça seria cafona.

Ela havia comprado a mesa a despeito das objeções do parceiro, embora o entregador só tivesse concordado em deixá-la encostada na parede do vestíbulo, no térreo. Lawrence, em sinal de protesto, se recusara a ajudar, e Irina havia arrastado o tampo de mármore pesado escada acima, até o apartamento no primeiro andar. Em silêncio, colocara-a diante do amado sofá de Lawrence, de tonalidade semelhante.

— Hum — dissera ele, sem jeito. — Ela de certo modo compõe a sala inteira, não é?

Do mesmo jeito, ao oferecerem a Lawrence a bolsa de pesquisas em Londres, Irina ficara feliz por ele, é claro, mas tinha se irritado por não ter tido nenhuma participação no assunto, apesar de seu apego por Nova York. Em pouco tempo, no entanto, apaixonara-

se por Londres, adorara morar no exterior e admitira, entusiasmada, que ele tivera razão em aceitar o cargo.

Seus poucos choques, portanto, tinham girado em torno de questões de dominação: quem mandava em quê. As resoluções envolviam uma divisão do território. Na verdade, a maioria dos casais parecia cindir o mundo como potências coloniais rivais, dividindo os espólios da vitória. Assim como a Alemanha ficara com a Tanzânia e a Bélgica com o Congo, Irina mandava na parte estética, Lawrence, na intelectual. Ela falava com autoridade sobre a fila aterradora para a entrega do Prêmio Turner na Tate Gallery nesse ano, ele fazia discursos abalizados sobre a política incoerente de imigração do Novo Partido Trabalhista.

Certo, a paz perpétua que bocejava diante deles era potencialmente imbecilizante. Mas, com os pais a se agredir com frequência, a infância de Irina fora tudo, menos de uma serenidade opressiva. Podia ser que a louça atirada houvesse proporcionado uma emoção transitória, mas, agora, Irina e a irmã herdariam apenas algumas peças descasadas da porcelana azul-cobalto que sua avó materna, contrariando todas as probabilidades, conseguira tirar da União Soviética num caixote, ao fugir dos exércitos de Hitler, e carregar até um enclave russo em Paris. Será que a mãe delas se dera o trabalho de despachar o caixote, ao emigrar para os Estados Unidos, apenas para garantir que ela e o marido atirassem pratos da melhor qualidade um no outro? Imagine, aquele aparelho de porcelana tinha sobrevivido ao choque de civilizações, mas não a uma porcaria de casamento.

Quanto ao motivo das brigas dos pais de Irina, tinha sido o dinheiro, é claro; seu pai se recusara a vender seguros, numa época de baixa nas aulas de dicção, para que Raisa pudesse comprar outro vestido evasê de trezentos dólares na Saks.

Houvera brigas envolvendo ciúme, embora Raisa ficasse furiosa com o fato de, ao mencionar o belo pai viúvo de uma aluna

de balé, em telefonemas caros para a Califórnia, seu marido não se mostrar suficientemente enciumado. Eles não gostavam muito um do outro. Já que até as pequenas disputas tendiam a deixar transparecer essa incômoda verdade, Irina resistia a romancear o “relacionamento tempestuoso” por suas nauseantes injeções de excitação.

Ela e Lawrence estavam contentes juntos. Se isso era um problema, era um problema com o qual ela podia conviver.



LAWRENCE TELEFONOU CEDO nessa tarde.

— Oi, Irina Galina! Tenho uma surpresa!

— Você acaba de gastar dez mil libras num anel de noivado.

— Como assim, você está querendo fazer minha surpresa de verdade parecer mixuruca?

— Não, estou tentando transformar um motivo de discórdia numa piada. E, se você fizesse uma coisa dessas, eu lhe soltaria os cachorros, *milyi*.

— Bom, eu chequei os resultados da sinuca de ontem à noite. Acontece que Ramsey venceu o Hendry por uma partida. Depois de um começo lento, parece que foi um grande jogo.

— Do qual eu o privei. Tudo por causa da questão trivial de devermos nos casar ou não — disse Irina, mas em tom bem-humorado.

— Você pode me compensar por isso — retrucou Lawrence.

— Ramsey vai jogar com o Bebezão hoje, na segunda rodada. Se pegarmos o trem das 4h32 que sai de Waterloo, é a conta certa de chegarmos lá.

Era para ser um pequeno e belo gesto de inclusão, uma compensação pela reação chocha que ele tivera à proposta de casamento de Irina. Curiosamente, ela sentiu um nó na boca do estômago, atrapalhando seu café da manhã.

— Você quer dizer... irmos a Bournemouth?

— É! Você ficou danada quando eu quis ir sozinho, lembra? Ficar magoada por ele não ter querido levá-la era bem diferente de querer ir.

— Sim, eu me lembro — respondeu ela, desanimada. — Mas o tempo...

— *Dane-se* o tempo! Tentei falar com o Ramsey no celular, mas está desligado, de modo que não arranjei convites para nós. Mas liguei para reservar ingressos e dei sorte; só restavam alguns. Consegui um hotel lá perto, assim teremos uma grande noitada.

— Então, quer dizer que... vamos jantar fora?

— Bem, é óbvio que depois devemos ver se o Ramsey está disponível. Ele ficaria ofendido se fôssemos até lá e não tentássemos encontrá-lo.

— Não necessariamente — disse Irina, num tom que Lawrence não compreenderia.

— Separe umas coisas e me encontre no guichê de informações de Waterloo às 4h15.

Lawrence sabia ser meio mandão.

Depois de seu devaneio de autofelicitações naquela manhã, Irina não queria invocar maus pensamentos, do tipo *Lawrence sabia ser meio mandão*. Embora ainda dispusesse de umas duas horas antes de ter que sair, a mudança repentina de planos deixou-a num tumulto de tal ordem que continuar a desenhar ficou fora de cogitação. Ela não vira Ramsey Acton desde aquele inquietante jantar de aniversário em julho, e não queria vê-lo.

Lawrence não se importaria se ela aparecesse em Waterloo usando a mesma roupa amarrotada que estava vestindo, mas, de repente, o jeans lhe pareceu mixuruca, e o suéter grandalhão, amorfo e pouco envaidecedor. Depois de experimentar diversas roupas diante do espelho, ela se perguntou se aparecer no jogo de Ramsey com uma saia excessivamente curta de brim preto, cuja roda se abria com um jeito atrevido em suas coxas, e sandálias altas no estilo anos

quarenta, que, combinadas com essa saia, faziam suas pernas com as meias de náilon pretas parecerem ter um quilômetro de comprimento, seria falta de consideração com um homem que admitira sentir-se “solitário”. Mas, ei, não era culpa dela se o sujeito não conseguia arranjar uma garota. Conferindo o efeito no espelho antes de disparar porta afora, ela pensou: *Santo Deus, estou parecendo a Bethany !*

Irina correu para a estação com o segundo guarda-chuva mais resistente do casal. No guichê de informações, para quebrar a monotonia, Lawrence não a chateou por ter-se arrumado toda, mas deu um assobio fininho por entre os dentes; parecia gostar quando ela se assemelhava à *Bethany*. Como já havia comprado as passagens de trem, ele imitou o sotaque *cockney* do bilheteiro enquanto os dois localizavam a plataforma, ao dizer que “Não há trens de volta para Londres depois das dez e quarenta e três, parceiro”. Ele tinha bom ouvido.

Quando os dois se acomodaram no vagão, que partiu devagar, Irina ficou à vontade para se reclinar no banco e pensar na Inglaterra. Pela janela, as casinhas espremidas, com jardins do tamanho de uma banheira, deram lugar a ovelhas.

— O Ramsey deve ter ficado muito puto com uma parte do noticiário — disse Lawrence. — O cara bateu o número um do jogo, e a cobertura fez gozação. Essa reputação de “também concorrente” que ele tem, afinal de contas, não é como se ele fosse um fracasso. Para passar trinta anos jogando, o cara tem que vencer uma porrada de jogos, mesmo sem nunca levar o campeonato.

— Continuo preocupada com o futuro dele — disse Irina. — Ele não pode continuar jogando para sempre, e o que é que vai fazer depois?

— Desde que as mãos dele continuem firmes e que a visão se conserve, não há nada que o obrigue a se aposentar. Além disso, ele sempre pode ser comentarista da BBC, ou fazer propaganda.

— Não consigo vê-lo como comentarista. Ele se expressa muito mal em público. Propaganda de produtos? Ah, que beleza! Quando imagino a vida dele no futuro, ela me parece deprimente. Acho que *ter sido* alguma coisa é meio pavoroso.

— Ter sido é melhor do que nunca ter sido.

— Sei que você tem uma queda pela sinuca — arriscou Irina.

— Mesmo assim, acho difícil entender sua amizade com o Ramsey. Você não parece ter muita coisa em comum com ele. Está acostumado a conviver com gente que lê jornais.

— Você não entende de *camaradagem masculina*. E o Ramsey conta histórias geniais de sinuca.

— Essas histórias nunca ficam cansativas?

— Como o quê, o “Furacão” Alex Higgins jogando seu televisor pela janela?

Você deve estar brincando!



NA ESTAÇÃO DE BOURNEMOUTH Lawrence fez sinal para um táxi. Embora fosse agradável ser cuidada — não ter que aborrecer sua *linda cabecinha* com ingressos, reservas e táxis —, a passividade era irritante. E, quando o táxi partiu, Lawrence também ficou conversando com o motorista sobre o Grande Prêmio, enquanto Irina se mantinha calada.

— O Swish já teve dias melhores, não é? — disse o taxista. — Mas ele é da velha-guarda, e é mesmo incrível que o velhote continue na mesa...

— O Ramsey não é o único com capacidade de permanência, mas ele tem classe — proclamou Lawrence. — O O’Sullivan é um chorão que não sabe perder. Para não falar que é um idiota.

Irina se arrepiou. Lawrence não sabia se o taxista era fã de O’Sullivan.

— Viu como ele miou feito um gato na primeira rodada, hein? — retrucou o motorista; Lawrence tivera sorte. — Não parou

de choramingar: sobre o pano, os pontos, as tacadas. Fez o árbitro limpar a tacadeira duas vezes, isso mesmo. Nada nunca parece bom o bastante para o Foguete.

— O cara é uma prima-dona, e é mimado. Às vezes, há quem tenha talento demais. Ele nunca teve que se esforçar. Quando as partidas não lhe são dadas de bandeja, ele desata a chorar.

— Americano? — indagou o motorista.

— Las Vegas — disse Lawrence. Ele reivindicava com entusiasmo a cidade natal que detestava, se isso ajudasse a tornar sua biografia mais pitoresca, e carregava nos erres, recusando-se a pedir desculpas por seu sotaque. Como os norte-americanos na Grã-Bretanha tendiam a se sentir intimidados por suas vogais crassas e suas consoantes violentas, a pronúncia não adulterada de Lawrence com certeza exibia uma vigorosa autoconfiança. Mas nessa noite, por alguma razão, seus guinchos agressivos deram nos nervos de Irina.

— Vocês, ianques, não costumam acompanhar muito a sinuca, estou certo?

Irina se esforçou para entrar na conversa: — Não, nos Estados Unidos...

— Em geral, não — cortou Lawrence. — Mas eu adoro sinuca. Ela faz o bilhar parecer uma coisa que se joga numa caixa de areia. E nós passamos a conhecer o Ramsey um pouquinho, ao longo dos anos... amigo de um amigo, sabe como é? Isso me ajuda a ter uma ideia do jogo.

— Não diga. E o que acha dele, parceiro?

— Grande sujeito. Modesto. Incrivelmente generoso.

— Mas ele tem um jeitinho meio agressivo... — começou Irina.

— Ele tem senso de honra — prosseguiu Lawrence. — É um homem com agá maiúsculo.

— É, pelo que eu sei, ele também não se sai mal com as mulheres — disse o taxista, com ar malicioso. — Já não é o galã de

antigamente, com aquele cabelo grisalho nas têmporas e tudo mais. Mas tome cuidado com sua garota perto dele.

Ele é mais esperto do que dá a entender.

— Não estou sabendo disso. Ele foi casado por muitos anos. Com uma chata insuportável, posso acrescentar.

Quando o motorista os deixou no Centro Internacional de Bournemouth, Lawrence deu-lhe uma gorjeta colossal de trinta por cento — uma benevolência que Irina sabia muito bem que não vinha da solidariedade pela moçada que batalhava no setor de serviços, mas da gratidão pelo fato de o motorista ter-se dignado bater papo com seu passageiro inferior. Lawrence podia dar a impressão de ser insolente e arrogante, mas Irina sabia que nos momentos ocasionais de pedir desculpas por estar vivo a criação afetivamente emaciada de seu parceiro transparecia como uma fratura exposta.

Tal como o próprio Lawrence, o centro de conferências se esforçava demais.

Os materiais usados no volumoso prédio de tijolos era ostentador, e Irina se perguntou se os arquitetos que o haviam projetado tinham alguma ideia de que seu projeto era um fiasco, além de feio. As altas janelas coloridas com vista para a baía, que faziam o longo píer de pedestres, que se estendia água adentro, branco como um fantasma parecer não apenas sedutor, mas permanentemente inatingível, também lembravam Lawrence, de algum modo. Ele parecia espiar sua experiência pessoal como Alice no País das Maravilhas, depois de morder o lado errado do cogumelo e ficar alta demais para passar pela porta, lançando olhares compridos para o jardim minúsculo. Em saídas como esta, eles tentavam se divertir, e cada minuto decididamente doía, de tantas boas intenções recíprocas.

Porém, de modo misterioso, a alegria descontraída e plena escapava a Lawrence, e Irina ansiava por oferecê-la de presente a ele — dar-lhe nada menos do que sua própria vida.

Um tipo corpulento de cabelo muito curto, atrás deles na fila para comprar ingressos, parecia impaciente. Gélido, a princípio — *senhor isto, senhor aquilo* —, o bilheteiro se derreteria com o papo de Lawrence sobre a partida prestes a começar e, nesse momento, estava admitindo que, embora a aposta pagasse pouco, tivera que apostar seu dinheiro em O’Sullivan.

— O Ronnie é o futuro, parceiro!

— Escute — disse Lawrence —, será que há algum jeito de você transmitir um recado ao Ramsey Acton?

— Isto aqui lhe parece uma agência do correio?

— Moço, o senhor se importa se eu passar na frente? — finalmente interrompeu o homem atrás deles. — Só estou querendo devolver um ingresso, antes que ele vire uma abóbora.

— Tudo bem, não há problema nenhum! — disse Lawrence ao bilheteiro, numa objeção frenética. — Foi só uma pergunta. Muito obrigado — acrescentou, agradecendo por ingressos pelos quais já tinha pago e dizendo ao sujeito musculoso da fila: — Desculpe aí, parceiro, eu realmente lhe peço desculpas por tê-lo feito esperar!

Ele podia ter insistido *um pouquinho* mais em mandar um recado para Ramsey e, com certeza, toda aquela subserviência era desnecessária.

Essa crítica compulsiva estava fugindo do controle, e Irina tinha que acabar com ela.

O Salão Purbeck era espaçoso, e quando eles conseguiram encontrar suas poltronas Irina não conseguiu descobrir de onde vinha aquela sensação explosiva de claustrofobia. Lawrence fizera a gentileza de lhe comprar um programa, por um preço absurdamente alto, mas ela o folheou sem ler nada, só para não ter que olhar para o rosto dele. Não conseguia reprimir a sensação de constrangimento, como se estivesse amarrada, e quando Lawrence estendeu a mão para afastar uma mecha de cabelo dos seus olhos, Irina lutou contra um impulso ridículo de lhe dar um tapa na mão. Foi só quando

Ramsey entrou no palco, porém, que ela se deu conta de que essa ida a Bournemouth não tinha sido uma simples viagem com mau tempo, nem uma viagem para assistir a um esporte sobre o qual seu interesse era t pido, quando ela preferiria ficar em casa trabalhando. Era uma cat stroe.

Uma cat stroe, como na defini o de colisão: dois objetos tentando ocupar o mesmo lugar no espaço. Assim que Ramsey se materializou, uma sensa o de erro permeou o salão: o sentimento de uma ocorrência que não deveria ser fisicamente possível, como um encontro de linhas paralelas ou o comparecimento de uma pessoa a seu próprio funeral. De repente, a situa o pareceu desconjuntada, fora de esquadro, como aquele período incerto que precede a náusea completa, no qual a gente ainda não admite que vai vomitar.

Apesar de ter sofrido aquela dorzinha de ver Ramsey na televisão, na véspera, sem experimentar nenhuma palpa o de desejo, a rea o de Irina   imagem televisionada do homem tinha sido um alívio, no cômputo geral. Agora, porém, que ele fora solto da jaula da tela, a vontade de estender as mãos e descans -las nos dois lados daqueles quadris estreitos foi esmagadora. Enquanto Ramsey avaliava a disposi o das bolas, depois de O'Sullivan dar a saída, o olhar mental de Irina encaixou espontaneamente seus próprios quadris na concavidade daquela pelve ligeiramente mais larga. Passando por cima de si mesma, sua cabeça deslizou compulsivamente duas mãos por aquelas costas firmes e delicadamente musculosas, enfiando-as por baixo da camisa, com os nós dos dedos roçando o tecido branco e engomado. Irina sentiu-se enlouquecida. Não era para isso acontecer. Aquela atra o de julho tinha sido ruim, traiçoeira e idiota, além de um simples resultado do excesso de bebida; mas agora ela estava sóbria como uma pedra. Julho era para ter sido *um evento  nico*. Irina não poderia sentir-se mais arrasada se um médico lhe informasse com ar tristonho, depois

de ela ter passado galhardamente pela marca crucial dos cinco anos, que um câncer letal tinha voltado.

Era impossível que Lawrence não percebesse. Mas ele não pareceu distrair-se do jogo pelo fato de sua parceira, naquele exato momento, estar tendo uma espécie de ataque sexual em público, com um rubor que subia — visivelmente, Irina tinha certeza — de sua clavícula até a raiz dos cabelos. Ela pensou em se dizer subitamente indisposta e insistir em que eles fossem direto para o hotel, só que, agora que pusera os olhos em Ramsey em carne e osso — e pensou justamente nessa expressão, *em carne e osso* —, era tarde demais.

Irina passara por uma pequena amostragem de drogas ilícitas na juventude, mas tinha feito suas escolhas com cuidado — meia dúzia de comprimidos de ácido lisérgico e mesalina, um pouquinho de *ecstasy* e maconha, um ou outro estimulante. Ficara longe da heroína, do *crack* e dos cristais de metanfetamina.

Viesse ela ou não a se mostrar susceptível a essas substâncias mais sabidamente viciadoras, sua teoria era que, para todo o mundo, havia um barato que o sujeito não conseguiria rejeitar, e pelo qual seria capaz de vender a própria alma — e a de qualquer outra pessoa. E não havia como saber que quantidade produziria um anseio permanente, até ela ser tomada. E, uma vez tomada até mesmo essa única provinha investigativa, a pessoa teria que tomar mais. Por isso, a única proteção do sujeito contra ele mesmo, nesse caso, era nunca experimentar. Se lhe apresentassem uma palma da mão cheia de comprimidos que garantidamente induziriam sua versão pessoal da suprema bem-aventurança, ela os atiraria ao vento.

No entanto, ali estava Ramsey Acton, erguido no palco como uma pílula ereta inventada em algum laboratório de fundo de quintal como a única substância no mundo a que Irina Galina McGovern não conseguia resistir. Ela já recebera um bom aviso em julho: dera uma fungada nuns grãos estonteantes de um frasco

quebrado, o bastante para saber que aquela era a droga que ela passara a vida inteira evitando.

Qualquer que fosse seu estado de confusão, Irina não precisava do monitor lá em cima para acompanhar o escore. Podia ler prontamente o rumo da partida na linguagem corporal de Ramsey.

Ele estava ganhando. Seus gestos eram um modelo de economia: não se movia um único músculo que não estivesse a serviço da tacada. Nos intervalos, ele ficava primorosamente imóvel, descartando até os goles de água *pro forma*. Na noite anterior, na televisão, parecera inerte: visivelmente não dava a mínima. O que ele parecia ter recuperado nesse ínterim não era propriamente sua habilidade nas tacadas em si, mas a própria quantidade que dava origem a elas, para começo de conversa. Ramsey passara a se importar. Um feito nada insignificante, pensando bem: importar-se de maneira impetuosa com um punhado de bolinhas e com saber se, ao atravessarem uma superfície retangular, elas quicariam umas nas outras de modo a acabarem em caçapas.

Lawrence aplaudia freneticamente ao final de cada partida, na óbvia esperança de chamar a atenção do amigo para o fato de que havia um certo casal na plateia. O impulso de Irina era o inverso, e ela afundou na poltrona da segunda fila, rezando para que as luzes do tablado não emitissem um brilho ambiental suficiente para lhes iluminar o rosto.

No intervalo, o fato de Ramsey ter desaparecido de vista foi um alívio, porque o simples sentar-se na presença dele era um exercício aeróbico. Apesar do frio no auditório, o couro cabeludo de Irina estava úmido. E embora Lawrence tivesse gritado “Ramsey!” quando os jogadores se retiraram, seu amigo havia sumido sem olhar para trás.

— Que jogo fantástico! — proclamou Lawrence. — Aposto que, neste momento, O’Sullivan voltou rastejando para o camarim,

para chorar.

Irina lançou-lhe um olhar de estranheza. Não sabia ao certo se Lawrence estava falando uma língua estrangeira — entendia cada palavra emitida por sua boca, mas não conseguia compreendê-las em conjunto. Com o coração aos pulos, a pele úmida e a cabeça pululando com tanta pornografia sugestiva que daria para ela alugar vídeos, Irina não fazia a menor ideia de por que o Sr. Trainer parecia estar falando justamente de um jogo de sinuca.

— ... Você está com um ar chateado — disse Lawrence, sem admitir seu desapontamento.

— Não estou chateada — retrucou ela, com toda a sinceridade.

— Então, por enquanto, está contente por ter vindo?

Irina cruzou as pernas, que eram seu ponto forte. Lawrence raramente as admirava.

— É muito interessante — respondeu, e era verdade. Mas, por outro lado, chuva ácida também era interessante, e Srebrenitza.

Ao se elevarem vivas quando os jogadores retornaram ao palco, Lawrence retomou seus aplausos febris. Irina bateu com uma das mãos na outra, de forma inaudível, a bem da formalidade. Apesar do tom chocho e úmido de seu aplauso, ou talvez por causa dele — como se Ramsey tivesse uma sensibilidade canina para o som mais abafado da plateia —, antes que as luzes se atenuassem, ele se virou para a segunda fila e, no relance em dois tempos de uma combinação mortal, avistou, primeiro, Irina McGovern, depois, o Homem-anoraque, na poltrona ao lado.

E sorriu.

Mas não foi o sorriso de descontração, expansividade e antecipação da vitória que se poderia esperar de um desportista na posição vantajosa de estar vencendo por seis a dois. Ligeiro e assimétrico, teve um toque de cansaço, uma mescla de prazer e dor, de autodepreciação e sarcasmo. De um jeito desconcertante, para um

jogador que levava uma vantagem tão expressiva, foi uma pequena colisão, um *desastre* de sorriso, amassado, meio torto. Um sorriso de derrota.

Como que decidido a coordenar seu jogo com sua expressão facial, do jeito que algumas mulheres escolhem os acessórios da roupa com a bolsa combinando com o chapéu, Ramsey começou a perder. Foi uma visão terrível, como ver um apostador jogando compulsivamente no preto e desperdiçando sua pilha prodigiosa de fichas, até não sobrar nada para apostar além de sua própria casa.

Depois de Ramsey perder oito partidas *sucessivas*, Irina ficou com a impressão estarecida de que ele não só estava perdendo de propósito, como o fazia para se exibir. O sacrifício ritualístico de sua vantagem pareceu constituir o avesso do consumo ostensivo, tal como alguns milionários tentam nos impressionar não com o que têm, mas com o que se dispõem a jogar fora.

Irina não sabia ao certo se devia sentir-se lisonjeada. A seu modo, Ramsey lhe dera o Grande Prêmio — mas um homem *normal* tentaria impressionar uma mulher *vencendo*, não é? Apesar de toda a sua aparência de comedimento cavalheiresco, havia algo de desenfreadamente autodestrutivo em Ramsey Acton, algo totalmente infantil; e, conquistado ou perdido, o que ela havia de fazer com o Grande Prêmio?

Depois que o resto da plateia se foi, no estado de ânimo desconexo de quem deixa um evento esportivo que tivera um começo genial, mas terminara uma porcaria, Ramsey entrou calmamente no palco, com a gravata-borboleta desamarrada, pendurada no pescoço, e o colete cor de pérola desabotoado, segurando sobre um ombro uma jaqueta preta curta cujo couro parecia bastante grosso para selar um cavalo. Depois de uma apresentação tão vergonhosa, ele deveria estar arrastando os pés e andando com os ombros curvados. Em vez disso, pavoneou-se em direção aos assentos deles, exibindo uma expressão imperturbável

que a maioria das pessoas só consegue de óculos escuros. A própria ferocidade da irritação de Irina deixou-a com mais raiva ainda. O ex-marido de uma amiga com quem tivera uma briga não deveria despertar nada nela, senão as mais brandas emoções de qualquer tipo.

— E aí, Ramsey? — exclamou Lawrence, levantando-se. — O que aconteceu?

Ramsey exsudava uma animação ridícula, movendo-se com a leveza comemorativa do homem que acabou de emagrecer muito.

— Estou nesse negócio há séculos — disse, espremendo os olhos. — Às vezes, simplesmente perco o interesse. Não dá para prever. E não dá para evitar.

— Quando você perde o interesse pela sinuca, será que se interessa por *alguma outra coisa*? — perguntou Irina.

— E por que mais eu me interessaria, *amoreco*? — retrucou ele, olhando-a nos olhos.

— Escute — disse Lawrence, correndo os olhos entre Ramsey e Irina, com um ar alerta de quem espicha os ouvidos e fareja o vento que raras vezes se vê fora dos programas sobre animais selvagens. — Talvez seja melhor nós nos registrarmos no hotel. Segundo a internet, ele não fica longe daqui. Você está disponível para comer alguma coisa?

— Se eu tivesse vencido, seria presumível que aparecesse no bar do Royal Bath. Mas a derrota deixa meus colegas nervosos... eles têm medo que ela pegue feito piolho, de modo que estou livre. Podemos pegar a limusine e dar uma passada pelo seu hotel, depois saímos para nos divertir — respondeu Ramsey.

Seus olhos cinza-azulados cintilaram. — Com certeza, estou completamente desatualizado em matéria de Afeganistão.

Se era uma piada, era à custa de Lawrence. Antes de sair andando atrás dos dois, Irina murmurou, do lado de Ramsey: —

Desde quando você chegou sequer a ouvir falar em *Afeganistão*?
Aposto cem paus que não conseguiria localizá-lo num mapa.

— Sou cheio de surpresas — disse ele.

— Você é cheio eu sei do quê.

Foi assim, e era melhor parar de ser assim. Irina calou-se.

Em frente à entrada dos camarins, Ramsey os introduziu em sua limusine, murmurando no ouvido de Irina: — Bonita roupa.

Ela entrou sem graça na frente de Lawrence, para inseri-lo entre seu corpo e o do jogador de sinuca, arrastando-se depressa pelo estofamento de couro com a severidade de quem afastasse de seu próprio alcance uma taça de vinho.

Quando Lawrence deu o endereço ao motorista, Ramsey interveio.

— Ei, Homem-anoraque, o Novotel é um lixo! Por que não me deixa arranjar um quarto para vocês no Royal Bath?

— Não — fez Lawrence. — Dei uma olhada na página deles na internet, e não é para nosso bico.

— Por minha conta — ofereceu Ramsey.

Lawrence recusou com ar impassível a generosidade de Ramsey, e a limusine seguiu para o Novotel. Irina lutou contra a decepção. Eles nunca se hospedavam nos hotéis de primeira classe; as toalhas extras, os roupões felpudos e as torneiras folheadas a ouro talvez fossem divertidos. O desapontamento dela redobrou na chegada a um endereço que certamente não acolhia muitas celebridades da sinuca que encostassem a limusine em seu meio-fio. Um porteiro veio correndo perguntar ao motorista se ele se perdera.

Depois que Lawrence os registrou, os dois subiram a escada (carpete fino, de estampa *paisley* em dourado e azul-marinho) para dar uma espiada no quarto. E eis que era uma daquelas unidades superaquecidas, com copos de plástico, saquinhos de café instantâneo, barras simples de sabonete Ivory e janelas com molduras de alumínio marrom que não abriam. A decoração era em

tom rosa-arroxeadado. Lawrence apertou o controle remoto, percorreu os canais e franziu o cenho:

— Não tem tevê a cabo.

— Não tem flores! Nem champanhe! Nem cesta de frutas!

— Ei, você queria que eu aceitasse a oferta dele?

— Não, você teve razão. Com certeza, ele vai pagar o jantar, que já será bem caro.

— Às vezes esse sujeito esbanja dinheiro de um jeito que... não sei. Alguns de nós temos que trabalhar para ganhar a vida, certo? E ele não tem por que chamar isto aqui de lixo. É legal, não é?

— É ótimo — disse Irina. — Em síntese — sorriu —, é quente e seco.

— Quente demais — retrucou Lawrence, examinando as paredes. — E não estou vendo um termostato.

— Admito que é meio fuleiro, mas é só por uma noite.

— Escute, se você *quer* ficar no Royal Bath, eu posso pagar! É só dizer!

— Você quer dizer que *nós* poderíamos pagar. Mas não vamos gastar centenas de libras por causa de sabonete embalado.

No quadro geral das despesas, a frugalidade dos dois era uniforme. Dando uma última olhadela no quarto, cujo odorizador tinha um cheiro tão forte que dava vontade de fumar para disfarçá-lo, Irina se perguntou que tipo de extravagância eles não consideravam um desperdício. Era só por uma noite, mas, depois de uma sequência de noites exatamente iguais a essa, eles estariam mortos.

Fazendo sinal para que o motorista esperasse, Lawrence abriu a porta do carro, de modo que Irina não teve alternativa senão sentar-se ao lado de Ramsey.

No trajeto para o restaurante, encostou os cotovelos na cintura e juntou os joelhos bem apertado. Com o olhar fixo à frente, ela poderia ser confundida com uma prisioneira sendo

incongruente escutada numa limusine para o corredor da morte. Quando o veículo desajeitado transpunha uma curva, o braço esquerdo de Irina roçava na dura jaqueta de couro de Ramsey, o que lhe administrava breves choques, como uma antevisão da cadeira elétrica.

Ramsey desculpou-se pelo fato de, por ser tão tarde, eles ficarem “reduzidos ao Oscar’s”, o restaurante do próprio Royal Bath, que também não servia refeições depois das dez horas da noite, mas abriria uma exceção no caso dele. O hotel estava faturando alto com os jogadores de sinuca nessa semana e devia ser gentil. A réplica seca de Lawrence, “É claro”, teve um toque de *Santa Maria!*; talvez o que o irritava fosse Ramsey precisar ser especial. Isso e o fato de eles não terem como evitar que lhes fosse esfregado na cara o espetáculo do hotel majestoso que estavam perdendo. Quando o carro parou diante do imponente edifício branco — cinco andares entre dois torreões de contos de fadas, no centro de um jardim paisagístico e iluminado como a Disneylândia —, Irina se absteve de comentar seu esplendor.

Depois que um porteiro correu para receber o jogador de sinuca na limusine, Ramsey estendeu a mão para Irina, que se atrapalhou para não mostrar um pedaço tão grande de perna, por baixo da saia preta curta, que pudesse classificar-se como uma parte completamente diversa da anatomia. O porteiro deu-lhe uma espiada discreta e um rápido aceno de aprovação para Ramsey. Lawrence deu a volta pelo outro lado e agarrou abruptamente a mão dela, com um humor que não agradou particularmente a Irina.

— Foi falta de sorte, parceiro — disse um mensageiro a Ramsey quando ele entrou.

— Não tem nada a ver com sorte, filho — retrucou Ramsey.
— Raramente tem.

O restaurante a que eles haviam ficado “reduzidos” era chiquérrimo, e Ramsey teve razão a respeito de o *maître* estar

disposto a manter a cozinha aberta para uma clientela seleta. Quando ele pediu licença para ir trocar a camisa úmida, Lawrence avaliou os poucos fregueses que restavam, todos na sobremesa.

— Num piscar de olhos, seremos as únicas pessoas aqui — inquietou-se. — Devíamos ir a uma lanchonete com serviço na madrugada, ou coisa parecida.

— Aqui não é Nova York. Talvez não haja nenhuma lanchonete que funcione a noite toda em Bournemouth.

— Pelo menos, devemos pedir só uma entrada, sem nenhum extra, e pedir a nota de antemão.

— Você quer dizer *a conta*.

— Nota, conta, quem é que dá a mínima para essa merda? Você acha que os ingleses não sabem que a gente está falando de dinheiro?

— Psiu, calma. Você sabe muito bem que o Ramsey não vai pedir almôndegas e um copo d'água para viagem. Por que não relaxa e aproveita?

— Porque é uma grosseria! Esses garçons querem ir para casa!

— Talvez recebam hora extra. O *maitre*, com certeza, recebeu; Ramsey lhe passou uma nota novinha em folha. Nem consegui reconhecer o valor.

— O que é nojento. Comprar as pessoas desse jeito.

— Olhe só quem fala! Você é o maior distribuidor de gorjetas que eu conheço.

— Não dou gorjetas às pessoas para ficarem acordadas até as três horas da manhã por minha causa, na eventualidade de eu querer um segundo café expresso.

— Se ficarmos aqui até as três da manhã, aposto que não estaremos tomando *café*.

— Essa é outra coisa. Toda vez que saímos com o Ramsey, você é muito liberal com a bebida. Devia se controlar.

— Ainda não tomei nem um gole de vinho e já estou sendo criticada por beber demais?

— Decidir de antemão nunca fez mal a ninguém... A propósito, seu cabelo está meio desgrenhado.

— Obrigada pela injeção de confiança. Pensei que você tivesse gostado da minha aparência.

— Ora, é claro. Você está bastante bem.

— Bastante bem.

— Linda.

— Bastante bem ou linda? Qual das duas?

— Certo, está linda!

— Então, por que isso o deixa tão irritado?

— Não estou irritado, só estou com fome, e gostaria que o Ramsey parasse de empoar o nariz e trouxesse sua preciosa bunda de volta para cá, antes de termos que pedir o café da manhã, em vez do jantar.

— Pensei que você gostasse dele.

— Gosto bastante dele.

— *Bastante*, de novo. Pensei que gostasse muito.

— É, muito, e daí? O que há com você?

— O que há com você?

— Vocês estão brigando? — perguntou Ramsey, amavelmente, sentando-se à mesa com uma camisa branca recém-engomada.

— Não — respondeu Lawrence.

— Então, que nome você daria a isso? — indagou Irina.

— Por que temos que lhe dar um nome? — retrucou Lawrence.

— Que tal “parvalhice”? — disse Irina.

— Desde quando você diz *parvalhice*? — reclamou Lawrence.

— Qual é o problema de *parvalhice*?

— É pretensioso.

— E qual é a minha pretensão? — contrapôs Irina. — A de morar em Londres há sete anos? Além disso, desde quando você não gosta de qualquer sinônimo de *estupidez* que exista no mundo?

Ela tentara dar um tom afetuosos à implicância, mas a coisa não tinha saído direito.

— Desculpem, mas estou me sentindo meio por fora — interveio Ramsey. — Ei, vão em frente, se quiserem. Mas alguém poderia me dar uma dica sobre o motivo do arranca-rabo.

— O motivo do *arranca-rabo*, se é que posso usar essa expressão, é o de todas as melhores discussões: absolutamente nenhum — interpretou Irina para seu anfitrião. — É puro, como o expressionismo abstrato. Nada de vasos nem faisões mortos. O tema só faz atrapalhar.

— Não seja superficial — disse Lawrence. — Estávamos falando de uma coisa muito substantiva. Não me sinto à vontade prendendo todos esses empregados do restaurante depois da hora.

— Pretendo fazer com que valha a pena para eles — disse Ramsey, em tom sereno, examinando a carta de vinhos —, e para você também, parceiro.

O garçom anotou primeiro o pedido de Irina, que optou por vieiras na entrada e robalo com cogumelos morquela como prato principal. O rosto de Lawrence contorceu-se quando Ramsey repetiu o pedido, inclusive com o acompanhamento de espinafre. Embora sua abnegação não deixasse os empregados voltarem para casa nem um minuto antes, ele foi fiel a sua palavra, recusou a entrada e escolheu o prato mais barato e mais simples do cardápio, uma espécie de frango assado.

A cadeira de Irina fora colocada em frente a uma perna da mesa redonda e, para se acomodar melhor, ela a afastou para o lado. Deslocar a cadeira para perto de Ramsey foi um erro; ela deixou seu parceiro numa posição geográfica isolada.

A essa altura, porém, repor a cadeira do outro lado da perna da mesa pareceria estranho.

— Excelente escolha, senhor — elogiou o garçom, quando Ramsey selecionou o vinho, o qual, portanto, era exorbitante. Chegada a garrafa, Lawrence colocou a mão sobre sua taça e pediu uma cerveja. Pareceu meio grosseiro. Quando Irina e Ramsey arrulharam de prazer com o creme de açafrão das vieiras, Lawrence recusou-se a prová-lo, preferindo mordiscar antagonicamente um pãozinho de casca tão grossa que era como se estivesse mordendo a jaqueta de couro de Ramsey.

Como o Homem-anoraque não estava desempenhando seu papel costumeiro de fã bem-informado da sinuca, Irina não teve alternativa senão fazer as honras.

Afinal, como muitas pessoas com uma especialização restrita, talvez Ramsey gostasse de manifestar interesse por ocupações como a ilustração ou a política internacional, que estavam fora do seu âmbito, mas não quis fazer perguntas idiotas. Assim deixou a cargo de seus convidados fazer-lhe as perguntas idiotas.

Como os sons da mesa tinham se reduzido ao tilintar dos talheres e ao clique do isqueiro de Ramsey, qualquer indagação imbecil era melhor do que nenhuma.

— A sinuca é um jogo muito antigo? — perguntou Irina. — De onde veio?

— A sinuca é bem recente. Mas é uma variação do bilhar, que remonta ao século XVI. A China, a Itália, a Espanha e a Inglaterra dizem ter inventado o jogo.

— É bom ser disputado — comentou Irina. Essa noite sugeria justamente o contrário.

— A sinuca nasceu de uma versão do bilhar chamada "*black pool*".

— Como a cidade costeira? Foi por isso que o lugar recebeu esse nome? — perguntou Irina.

— Blackpool — ponderou Ramsey. — Pode ser. Nunca pensei nisso.

— Como você pode viver contando histórias sobre o “*black pool*” e nunca ter pensado nisso? — indagou Lawrence.

— É que eu sou um sujeito embotado — disse Ramsey, em tom afável, adivinhando que era exatamente isso que Lawrence queria dizer. — Quanto à origem, dizem que ela foi inventada por Neville Chamberlain.

— Pelo menos houve um campo em que o cara teve peito — disse Lawrence.

Todas aquelas aulas matadas em Clapham tinham cobrado seu preço. Ramsey ficou com uma expressão vazia, sem perceber a referência ao antigo primeiro-ministro.

— Chamberlain era um coronel do Exército britânico, lotado na Índia — disse ele. — A rapaziada por lá devia morrer de tédio. A sinuca conhecida como *black pool* já usava quinze bolas vermelhas e uma preta. Chamberlain acrescentou as outras cores e inventou novas regras. Na Índia, ainda existe um salão de sinuca no Clube Ooty, em Ootacamund, que é preservado como o berço do jogo. Eu sempre quis ir lá. Dizem que a mesa é o máximo da seriedade. Eles são muito exigentes quanto a quem pode jogar, mas aposto que deixariam Ramsey Acton dar umas tacadas.

— Seria essa sua ideia de peregrinação? — indagou Lawrence. — O *Clube Ooty*?

— Pode-se dizer que sim — respondeu Ramsey, sem se deixar afetar pelo tom de Lawrence. — Antigamente, as bolas eram de marfim. Tinham que ser entalhadas bem no meio da presa. Há quem diga que uns doze mil elefantes deram a vida pela glória da sinuca. Eu mesmo tenho um conjunto, que custou uma fábula, custou mesmo. Vocês deviam passar lá em casa um dia desses para dar uma olhada. Quase nunca jogo com essas bolas. Mas do marfim

se tira um clique, um som com que as bolas modernas não se comparam.

— Lawrence acharia isso fascinante — comentou Irina.

— Bom, acho que as bolas de marfim são mais o tipo de coisa que agradaria a um artista.

— Não sou bom em peregrinações — disse Lawrence. — Portanto, fique à vontade, Irina. Vá ver as obras de arte dele.

— Na verdade, é *Lawrence* que é o fã de sinuca — disse ela em tom firme.

— Você mesma parece bem interessada, querida.

— Só até certo ponto — retrucou Irina, umedecendo atentamente uma casquinha de pão no molho de açafrão.

Ramsey serviu o Châteauneuf-du-Pape para os dois. A mão pairou sobre a taça de Irina — o pulso fino, os dedos de pontas afiladas. Lawrence bebeu um mísero gole de cerveja. Ramsey acendeu outro cigarro. Lawrence abanou a fumaça, para afastá-la do rosto.

— E, agora, de que são feitas as bolas? — continuou Irina, em desespero, repondo nos ombros a mala pesada, quando ficou claro que ninguém mais ia ajudar.

— De plástico — fez Ramsey, soprando a fumaça. — Foi graças à sinuca que inventaram o plástico. Esse jogo mudou a face do mundo. Embora — acrescentou, batendo com uma unha no saleiro de acrílico — alguns digam que não para melhor.

Lawrence espremeu os olhos.

— O Neville Chamberlain inventou a sinuca e a sinuca inventou o plástico.

Você está inventando isso?

— Não sou tão brilhante assim, parceiro. É verdade. As bolas de marfim custavam um preço tão absurdo que o esporte ficou desesperado por um substituto, e ofereceu uma recompensa, sabe? E foi seu pessoal que resolveu, aliás, nos tempos em que vocês,

ianques, viviam inventando umas merdas. Uma fábrica chamada Phelan pôs uns anúncios, oferecendo dez paus em ouro por uma bola que não se tivesse que matar um elefante para arranjar... o que era bem inconveniente, você há de convir. Um sujeito chamado John Wesley Hyatt, um tipógrafo que morava em Albany, produziu por acaso a primeira versão.

Derramou um troço usado lá pelos tipógrafos, que endurecia que era uma beleza.

— Você quer dizer, assim como inventaram o telefone — disse Lawrence.

Como Alexander Graham Bell não tinha nada a ver com a sinuca, Ramsey tornou a fazer um ar de quem não havia entendido.

— O problema daquelas primeiras bolas de plástico, sabe qual era? É que, batendo umas nas outras com força suficiente, elas *explodiam*.

Irina riu. Lawrence, não.

— O que eu não daria para ter um conjunto *desses*! — comentou Ramsey, num tom afetuosos. — Dá um sentido inteiramente novo às *jogadas de segurança*.

— Lawrence! Até que enfim a sinuca e o terrorismo se cruzam — observou Irina.

— As bolas modernas — disse Lawrence, em tom gélido — são feitas de supercristalato.

— Meus parabéns! — exclamou Ramsey, erguendo a taça (não que parecesse precisar de pretexto), e a chegada dos pratos sugeriu uma mudança de rumo em mais de um sentido.

— Então, Homem-anoraque, como é que vai, você sabe, a política e tal e coisa?

Irina desejou que Ramsey tivesse habilidade suficiente para fazer com que a pergunta sobre os interesses de seu parceiro soasse melhor do que um dever de conversa. Mas, por outro lado,

desconfiava que Ramsey não fazia a menor ideia do que vinha a ser um “centro de pesquisas estratégicas”.

— Este ano, boa parte do meu trabalho diz respeito à Irlanda do Norte.

Como se Lawrence tivesse invocado um truque de hipnotizador para fazer seu sujeito experimental entrar em transe, os olhos de Ramsey embaçaram-se espontaneamente. Irina já tinha visto aquilo: no mundo inteiro, a encantação *Irlanda do Norte* tinha poderes mágicos. Com potencial para levar à falência os fabricantes de soporíferos, o assunto era capaz de fazer insones contumazes caírem num sono profundo e sem sonhos em menos de sessenta segundos.

— Agora que está com um cessar-fogo em suas mãos imundas — continuou Lawrence, desatento —, o Blair abandonou todas as outras condições que os unionistas haviam imposto para deixar o Sinn Fein participar das conversações, como a deposição das armas do IRA e uma declaração de que a guerra acabou.

As concessões antecipadas do Blair podem ser o prenúncio de outras concessões escandalosas num futuro acordo.

Ramsey ergueu os olhos do peixe com um toque de pânico. A pausa no monólogo de Lawrence parecia indicar um momento adequado para tecer um comentário. Não lhe ocorreu nenhum.

— Que tipo de concessões? — perguntou Irina, sentindo-se como a mãe de um jovem ator dando uma dica da plateia a seu protegido embatucado, quando o garoto só tinha uma fala.

— *Obviamente*, ceder a uma unificação da Irlanda — disse Lawrence, lançando-lhe um olhar do tipo “Você é burra ou o quê?”, que Irina conhecia bem demais. — Montar uma porcaria de federação qualquer, ou entregar o poder a Dublin e a conta a Londres. Mas há outras questões: os prisioneiros, a força policial da Irlanda do Norte...

Lawrence prosseguiu nessa linha por mais alguns minutos, até Ramsey parecer prestes a desabar. Sempre que falava de assuntos do trabalho, Lawrence usava palavras como *prescrição* e *encaminhamento*, além de expressões enigmáticas como *não faz parte do legado de Adão*. Ele se orgulhava de seu domínio das minudências, mas não parecia entender que para pessoas como Ramsey era preciso ligar os pontinhos para contar uma história — e explicar por que justamente um jogador de sinuca deveria se incomodar com isso.

— O Alex Higgins é de Belfast, não é? — interpôs Irina.

— É — respondeu Ramsey, com um olhar de gratidão. — E, tal como o Higgins, sempre tenho a impressão de que a cambada católica e a protestantada adoram o quebra-quebra... de que não querem que acabe, gostam daquilo — disse. Encorajado, ou um pouquinho mais desperto, arriscou outra ideia: — Mas a porcaria do império acabou, não é? Bem que podíamos deixar os sacanas terem sua liberdade.

— A Irlanda do Norte não tem nada a ver com o colonialismo! — explodiu Lawrence. — Tem a ver com a democracia! Os protestantes são a *maioria*, e a *maioria* quer permanecer no Reino Unido. Eles não *querem* essa porcaria de liberdade!

Ramsey fez um ar perplexo.

— Mas... aquelas bombas todas, e o... — Para qualquer um, era como ver um garotinho entrar no meio do trânsito. — Por que não dar a esses babacas do IRA o que eles querem e lavar nossas mãos dessa mixórdia?

Os olhos de Lawrence iluminaram-se como os faróis altos de um caminhão se aproximando.

— Essa é exatamente a reação com que eles ESTÃO CONTANDO! Por que vocês, ingleses, são todos um bando de OVELHAS? Este país enfrentou HITLER! Seu amigo Neville Chamberlain pode ter sido um baba-ovo covarde, mas Churchill

tinha colhões de aço! Londres foi quase arrasada pelos nazistas, mas aguentou firme, e agora, com meia dúzia de carros-bomba nos centros comerciais, o país inteiro está pronto para se render!

Ramsey remexeu no papel celofane de um novo maço de Gauloise e murmurou:

— Nunca entendi direito essa confusão.

— Na verdade, é muito simples — disse Irina, que não se dispunha a citar muitas *minúcias*, já que não se lembrava de nenhuma. — Os terroristas usam a decência de vocês como arma. Vocês não querem que as pessoas se machuquem e por isso fazem o que eles dizem. Qual será o desfecho dos distúrbios é um bom teste para saber se vale a pena ser babaca.

— É claro que vale a pena ser babaca — disse Ramsey, lançando-lhe outro olhar agradecido. — Pense em Alex Higgins! Ele quase não ganha nenhum torneio e seus dois campeonatos mundiais têm dez anos de intervalo. Ganha a burra do dinheiro, principalmente por ser o babaca mais execrável, grosseiro, destrutivo, ofensivo e completamente insuportável do planeta. Vocês sabiam que não há um único hotel na Grã-Bretanha que o deixe se hospedar por uma noite?

Ele foi banido, da Cornualha às Hébridas! Se eu destruísse aquele número de quartos de hotel, haveria umas cinco biografias sobre mim também.

— Pensando bem, não é um paralelo ruim... pelo que posso perceber — acrescentou Irina, com um aceno deferente em direção a Lawrence. — Lembra-se de todos aqueles engarrafamentos nas estradas na última primavera?

— Fiquei parado na M-4, a caminho do Aberto da Inglaterra, em Plymouth, durante quase a porcaria de um dia inteiro.

— Foram falsas ameaças do IRA, mas funcionaram. E você se lembra de como outra ameaça falsa do IRA adiou o Campeonato Nacional em abril? Bem, dar a essa gente o que ela quer é como se a

gerência entregasse duas garrafinhas de champanhe e um buquê de cumprimentos ao Alex Higgins, por ele ter destroçado o quarto do hotel.

Ao longo desse diálogo — cujas misteriosas segundas intenções o fizeram parecer um uso equivocado, ou até um abuso, de uma questão com que Lawrence se importava muito —, os ombros de Irina tinham se inclinado uns trinta graus em direção a Ramsey. Quando ela tentou recolocá-los à força numa orientação mais neutra, eles pareceram moldados em bronze nessa postura.

— A Irlanda do Norte não é uma chatice — insistiu Lawrence, como se a ferocidade de sua afirmação pudesse fazer disso uma verdade. — Os detalhes podem ser difíceis de acompanhar. Mas é o maior problema deste país, e outros calhordas do mundo inteiro estarão observando de perto para ver o resultado do acordo. Se o Sinn Fein sair com o buquê, uma porção de outras cidades vai se desarticular por completo. Eu fico arrasado por ver como os ingleses não dão a mínima.

Nesse ínterim, uma cantoria elevou-se do bar do hotel. Ramsey deu um sorrisinho tímido, particular. Lá no canto, seus companheiros se divertiam à larga, enquanto ele estava preso naquele restaurante idiota, numa conversa séria sobre a *Irlanda do Norte*. À medida que a turma do bar foi ficando mais barulhenta, Ramsey entrou no coro do refrão: — *Malucos por sinuca somos nós / Eu e ele, eles e nós...*

— O que é isso? — perguntou Irina, rindo.

— *Com um montão de bolas e um taco...*

A melodia era tão boba quanto a letra, mas a voz de Ramsey era límpida, e o homem era afinado.

— Isso é... incrível! — exclamou Irina, enxugando os olhos.

— “Malucos por sinuca” — explicou Ramsey, enquanto seus amigos começavam mais um verso horroroso. — De Chas e Dave, e a

turma do Salão de Jogo. Chegou ao sexto lugar nas paradas em 1986, se você consegue acreditar.

Foi concebida como propaganda dos campeonatos. É meio parecido com o que vocês dois estavam dizendo sobre o terrorismo. É pavoroso e não devia ter compensado, mas deu certo.

— E de onde vem o nome *sinuca*, afinal? — indagou Irina. Tinha desistido de puxar Lawrence para a conversa, depois de o anzol mostrar repetidamente que não havia um peixe vivo na ponta e sim uma bota velha.

— Era uma gíria para, sei lá, *imbecil*, nas Forças Armadas — respondeu Ramsey. — Um cara do Clube Ooty espinafrou outro jogador por ser um idiota completo, um *snooker*, quando ele errou uma tacada numa bola fácil. E aí o Chamberlain interveio, todo cheio de diplomacia: Ora, ora, rapazes, então não somos todos *snookers* neste jogo? Somos, sim. E depois disse: Por que não chamamos a coisa toda de *sinuca*? E pegou.

— O coloquialismo original, *snooker* — disse Lawrence —, significava *neófito*.

— *Neófito* — repetiu Ramsey, girando a palavra na boca como se fosse uma espinha de peixe. — Parece o nome de um novo produto químico. “Ei, caras, vocês ainda usam supercristalato, mas as minhas bolas são de *neófito*!”

Irina riu. Lawrence, não.



— VOCÊ PODIA TER PERGUNTADO *a mim* de onde veio o nome *sinuca* — disse Lawrence, marchando escada acima no Novotel.

— Eu só estava procurando conversar — argumentou Irina.

— E, com certeza, conversou um bocado.

— Alguém tinha que fazê-lo — disse ela, prendendo o salto do sapato no carpete.

— Você está bêbada — retrucou Lawrence com aspereza, ele que nunca tendia a empregar termos pitorescos para a embriaguez: alta, empilecada, biritada.

O *bêbada*, sem nenhum adorno, jamais correria o risco de soar adorável. — E não preciso de você para me servir de intérprete na política — acrescentou, enfiando o cartão magnético na tranca. — Acho que sou muito claro. É o meu trabalho, sabe? Meu russo pode ser uma porcaria, mas não preciso de tradutora em inglês.

— Eu só estava tentando ajudar. Às vezes você se esquece da pessoa com quem está conversando.

— Obrigado por ter meu profissionalismo em tão alta conta.

— Eu não disse nada sobre a avaliação que faço do seu profissionalismo, alta ou baixa. É só que você fica falando em *unionistas* isto, *unionistas* aquilo, quando talvez uma pessoa como o Ramsey não saiba distinguir um *unionista* de um buraco no chão.

— Bem, isso é lamentável — disse Lawrence, deixando a porta bater depois que os dois entraram. — É o país dele. E você tem que admitir que as opiniões dele sobre o assunto demonstram os instintos de um perfeito bundão.

— Ele não tem opinião nenhuma. É jogador de sinuca.

— *Disso* nunca teremos possibilidade de nos esquecer — observou Lawrence.

Desabando na cama, ligou a televisão, num reflexo. — Aquele jeito de ele cantar “Malucos por sinuca” foi incrivelmente constrangedor.

— Não havia mais ninguém no restaurante — ela observou, já cansada.

— *Tal como* eu tinha previsto — retrucou Lawrence. — Começar a cantar, ficar bêbado de cair, exceder os limites da hospitalidade, agir como se fosse o dono do restaurante: tudo muito vulgar.

— É assim que se espera que ajam as celebridades britânicas. Nós fomos muito tranquilos, considerando como são essas coisas.

A defesa que Irina fez de seu anfitrião foi tão pálida quanto pouco política, e ela perambulou até a janela e se pôs a remexer a esmo na borla de poliéster do puxador da cortina. O hotel não ficava nem perto da praia, e dava para um estacionamento do McDonald's cujas latas de lixo transbordavam. Triste consolo, nem peças inteiras de brocado de cetim conseguiriam melhorar a trama daquela noite. A pessoa podia se sentir sozinha em qualquer lugar, à beira das lágrimas em qualquer lugar, até num hotel luxuoso como o Royal Bath. Se Lawrence não tivesse sido informado na estação de que o último trem para Londres sairia às 22h43m, ela teria insistido em que os dois simplesmente voltassem para casa.

— Toda essa badalação comercial — comentou Irina. — Mas nós estamos em Dorset. É difícil lembrar que esta é a terra de Thomas Hardy. Urzais, melancolia e tragédia.

— Sei lá — disse Lawrence. — Com muitos outros jogos como o de hoje, *Ramsey, o obscuro*, talvez comece a ouvir o sinal de alarme.

O alarme que começava a diminuir pouco tinha a ver com o vinho. Irina tinha uma vaga sensação de culpa, mas, ao repensar em seu comportamento, não conseguiu localizar nenhuma ofensa. Fora atenciosa com seu anfitrião, o que era obrigatório. Mostrara-se atraente em público, mas não vulgar, o que só fazia refletir bem sobre seu parceiro. Fora uma companhia animada, rindo das piadas de Ramsey, e era perfeitamente apropriado manifestar prazer, quando se estava gastando tanto dinheiro para esse fim. Não houvera nenhuma sacanagem traiçoeira, nada de pés se esfregando nem dedos deslizando pelo colo errado. Ela fora uma boa menina. Não tinha nada de que se envergonhar.

Como quer que fosse, Irina sabia muito bem que era possível seguir a etiqueta ao pé da letra e, mesmo assim, violar um monte de

regras não escritas, de um jeito sorrateiro pelo qual o sujeito nunca seria apanhado. Em certo sentido, essa é a pior grosseria, do tipo de que a pessoa se safa, por ela não constar dos manuais.

Lawrence jamais conseguiria citar abertamente as transgressões dela sem parecer melindroso ou paranoico. Não teria como argumentar racionalmente ao brilho nos olhos de Irina nem à largueza de seu riso, desproporcional aos pequenos ditos espirituosos que o haviam provocado. Ele não tinha a coragem de suas percepções para acusá-la de — apesar de ter *parecido* extasiada enquanto ele falava, e de não o ter interrompido em momento algum — ter ficado visivelmente entediada com a conversa dele. Quanto à roupa preta atrevida, ele bem que gostaria de retirar o assobio da Estação de Waterloo, ou, pelo menos, de fazer o tipo de pergunta que Lawrence Trainer parecia constitucionalmente incapaz de fazer: *Foi mesmo para mim que você pôs essa saia curta?*

— Como estava a tal torta? — resmungou Lawrence, fechando a cara para a reprise tardia do jogo de Ramsey na BBC.

— Estava boa — respondeu Irina, olhando pela janela. Ramsey havia pedido uma torta de chocolate sem farinha de trigo, com molho de framboesa e creme de baunilha. Como no caso das duas garrafas de vinho, Lawrence resistira à tentação. E isso fizera com que Ramsey e Irina tirassem provinhas generosas do mesmo prato. Não havia nada de errado em dividir uma fatia de torta. Não havia.

Não havia, havia? — Você devia ter experimentado.

— Eu já *estava farto* — disse ele, enfático. — Você não costuma comer sobremesa.

— Não fui eu que pedi.

— Não — admitiu Lawrence, em tom brusco. — Acho que não. E é preciso um outro tipo de disciplina para resistir à tentação plantada à sua frente, quando não foi você quem pediu.

Depois de raspar tão de perto *o principal*, Lawrence recolheu-se à tevê.

— No replay, a segunda rodada é ainda pior. O Ramsey estava crucificando O'Sullivan antes do intervalo. Aí, pronto. Estancou. Às vezes eu não entendo essa gente.

— Entende, sim — ponderou Irina. — Quer dizer, eles *são* gente. Não são máquinas. Mas tentam ser. É por isso que os melhores do jogo, num nível contínuo, são homens como Stephen Hendry. Pessoas sem complicações e meio vazias. Há nelas uma ausência que é mecânica. A sinuca realmente boa, a sinuca perfeita, e talvez isso se aplique a qualquer esporte, tem a ver com o sujeito derrotar sua própria humanidade. De certo modo, fiquei comovida quando Ramsey implodiu. Quando eles são bons demais, chego a achar quase desagradável. É uma coisa sem sangue quente.

Lawrence olhou-a com ar curioso. Dedicar tanta consideração a um assunto que antes lhe interessara tão pouco parecia constituir mais uma traição infinitesimal, inefável.

Faltava ao quarto a panóplia de acessórios cênicos que a casa da gente proporciona — jornais para dobrar, cúpulas de abajur de que é preciso tirar o pó, moedores de pimenta com poucos grãos. Recorrendo à única pequena atividade em que conseguiu pensar, Irina foi buscar o pente na bolsa, aos pés de Lawrence.

— Você está com um hálito pavoroso — comentou ele.

Irina nem tinha chegado perto o bastante para que ele notasse.

— Só fumei um cigarro. Um só. Francamente, Lawrence — disse, soltando o prendedor de cabelo —, isso está parecendo uma coisa moralista. Como se tivéssemos voltado à época das melindrosas, quando as mulheres que fumavam eram vistas como ordinárias. Toda essa reprovação indignada já não parece ter nada a ver com o câncer de pulmão.

— Nenhum tipo de tabaco é seguro. E faz com que beijar você se pareça com limpar a grade da lareira.

E desde quando você me beija, afinal? Irina mordeu a língua, desembaraçando os nós diante do espelho. Lawrence tinha razão, seu cabelo estava despenteado, mas ele se esquecera de mencionar que as mechas desgarradas tinham se espalhado num desalinho improvisado que era muito atraente.

— Por falar em mau hálito — disse ele —, onde você pôs nossas escovas de dentes?

— *Bozhe moi!* — exclamou Irina. — Eu me esqueci.

— Eu lhe pedi para separar umas coisas! Não admira que eu tenha achado que havia alguma coisa faltando. Não acredito que você não fez uma mala!

— Bem, nós não precisávamos de praticamente nada...

— O que é mais uma razão para você se lembrar do pouco de que precisávamos!

— Eu estava com pressa.

— Eu lhe dei bastante tempo para se aprontar.

— Voltei ao trabalho — fez ela. A mentira deixou-lhe na boca uma nota dissonante, como uma corda de piano arrebatada. Ela não voltara ao trabalho.

Passara duas horas decidindo o que vestir.

— Eu bem que poderia usar uma camisa limpa — disse Lawrence, cheirando a manga e fazendo uma careta. — O Ramsey deve ter fumado quase um maço inteiro de cigarros, de modo que esta aqui está cheirando a cinzeiro. E agora você terá que pegar o trem de volta amanhã usando *isso*.

— E daí?

— Vai ficar com aquele jeito de quem passou a noite fora inesperadamente.

Como se tivesse conhecido alguém e passado a noite em claro, praticando sexo selvagem.

- Aí está uma possibilidade pequena — resmungou Irina.
- E isso quer dizer o quê?

Por pouco ela não respondeu *deixe pra lá*, mas se obrigou a dizer: — Que você não parece estar de muito bom humor.

- Não suporto não escovar os dentes.
- Vou lá embaixo ver se eles têm um kit de toalete para vender.

— É tarde demais — retrucou Lawrence, furioso. — Não há ninguém na recepção. Não consigo acreditar que você não tenha preparado uma sacola!

Levantou-se da cama. Por sua virada, primeiro para um lado, depois para o outro, Irina percebeu que o que estava incomodando Lawrence, talvez mais do que a perspectiva dos dentes ásperos pela manhã, era a quebra do ritual. Por fim, ele fez um movimento decidido em direção ao banheiro e Irina lhe barrou a passagem.

— Me deixe passar — disse ele, impaciente. — Preciso fazer xixi. — E pareceu grato por ter descoberto uma necessidade.

Barrando-lhe o caminho, Irina sentiu seu humor vacilar, inclinando-se primeiro para a irritação: ali estava ela, tendo feito o que Lawrence queria, ido a um jogo de sinuca e se esforçado para transformar a expedição num sucesso, e ele fora ranheta quase a noite toda, sem outro bom motivo senão sua preocupação de que meia dúzia de estranhos chegassem em casa antes da meia-noite, na volta de seu trabalho no restaurante. Irina não tinha feito nada de errado, e não merecia aquele tratamento ríspido, mal-humorado e raivoso, por causa de duas míseras escovas de dentes e uma camisa limpa.

Por baixo dessa sua irritação justificada, entretanto, espreitava uma exasperação menos defensável: pelo fato de Lawrence, apesar de não ser baixo, não ser muito alto. De Lawrence, mesmo estando em forma, não ter uma silhueta mais fina, porque não havia abdominais que conseguissem afinar uma certa grossura

de seu tronco, já que esse era o seu feitiço de corpo. De Lawrence, apesar de bem-sucedido em sua área, não ter uma ocupação exótica que mantivesse magicamente abertas as cozinhas dos restaurantes, em qualquer horário, e que o instalasse em hotéis chiques. De Lawrence, apesar de virtuoso, não exalar um perfume inebriante de fumo escuro e torrado, de vinho tinto caro e de algo mais em que Irina não conseguia pôr o dedo, e provavelmente não deveria. De Lawrence, apesar de bem-falante, ter um velho e batido sotaque norte-americano, igualzinho ao dela.

Do outro lado da balança estava a *bondade mental*. De certo modo, eram justamente as falhas de Lawrence que ela amava — ou era para relevar suas falhas que servia o amor dela. Irina jamais esqueceria a primeira vez em que havia notado que o cabelo de seu companheiro estava começando a rarear, nem a ternura penetrante que essa descoberta havia fomentado. Perversamente, ela o amava mais por ter menos cabelo, nem que fosse por ele precisar de um pouquinho mais de amor para compensar qualquer minúsculo acréscimo de beleza objetiva que tivesse perdido. Assim, nessa noite, foi justamente o fato de ele não ser alto — de ter sido, sim, meio chato no jantar, além de desconfiado e, por isso mesmo, menos agradável, para não falar em ríspido, preconceituoso e impaciente, com uma manchinha de mostarda na gola da capa, provavelmente do sanduíche de presunto do almoço —, o próprio fato de ele *não* fazer os empregados darem pulos, por ser uma grande celebridade, e de *não* falar com um sotaque cativante do sul de Londres, e de *não* exhibir dedos primorosamente afilados, mas uns cotos curtos e grossos feito a salsicha do café da manhã, foi tudo isso que a fez pender para uma disposição mais terna. Irina cingiu-lhe a cintura com os braços. O abraço com que Lawrence retribuiu foi feroz.

6



FANTASIA ERA FANTASIA . MAS durante meses de frustração e com tanta coisa em jogo Irina havia aceitado de antemão que, provavelmente, vir enfim a transar com Ramsey Acton seria um anticlímax. Ela se preparara para certo constrangimento, até para uma brochada tragicômica de última hora. Depois de erguê-la nos ombros no Royal Bath, o próprio Ramsey dissera em tom jocoso, antes de dar o mergulho: “Na sinuca, gatinha, isso é o que se chama de ‘caçapa de pressão’.” Além disso, correndo o risco de proferir uma tautologia, sexo era apenas sexo — havia um limite para o quanto podia ser bom, só durava um certo tempo e era importante até certo ponto. Depois dele, a pessoa continuava a se preocupar em saber se estava sem leite em casa ou corria para ver o noticiário.

A bem da verdade, transar sempre fora meio decepcionante — como inúmeras experiências da vida em geral a que se dá enorme importância, desde férias em ilhas (com direito a picadas de borrachudos) até jantares franceses de trezentos dólares (que raramente superam um belo prato de massa). A perda da virgindade, em particular, tinha ficado muito aquém da propaganda. Chris, o guitarrista desengonçado de uma banda de fundo de quintal, de extasiantes cabelos louros, tinha sido namorado de Irina durante toda a penúltima série do ensino médio; era solícito, paciente e, se bem que não fosse novato, não era nenhum devasso. Mas, ao chegar a grande tarde, seguro da ausência da mãe, que havia saído para fazer compras em Jersey, Chris tivera dificuldade com a penetração, e a camisinha era um nojo — lubrificação

gosmenta e borracha cor de pele de cobra descascada. Depois da penetração aos milímetros, com todo o romantismo de um carpinteiro cravando um tarugo num buraco apertado, com uma camada de graxa lubrificante de eixos, a defloração havia acabado em poucos minutos, deixando Irina dolorida. A experiência da penetração tinha sido bem mais ou menos; o pênis era maior, mas não tão diferente assim de um dedo ou um tampão. Ela havia esperado uma sensação mais momentosa, inimaginável.

Não só a coisa real tinha ficado bem dentro do âmbito do conhecido, como a imaginação de Irina fizera um estrago maior. Tendo se entretido prazerosamente na intimidade, ela havia presumido que chegar ao orgasmo seria coisa rotineira.

Ninguém lhe avisara que as mulheres tinham que reaprender a gozar — que, com frequência, para a mulher, gozar na transa era uma trabalhadeira, às vezes tão grande que o resultado não justificava o esforço. Mas como, para os homens, trepar se aproximava mais ou menos do que eles faziam com a porta do banheiro fechada, Chris tinha sofrido apenas a típica dificuldade adolescente de gozar meio depressa. Irina sentira-se tapeada. Terminado o exercício, não se reclinara com uma satisfação sonhadora, mas se encolhera nas almofadas com uma irritação taciturna e maldisfarçada. Passara anos esperando por aquilo e vejam só: como tantas outras coisas, o sexo era uma balela.

Certo, ela havia tomado gosto pelo passatempo, fazendo uma pesquisa sistemática das posições que proporcionavam ao menos um mínimo de fricção no lugar certo, e contribuía para essa ginástica com historinhas sórdidas na cabeça.

O único ponto positivo em toda essa trepação trabalhosa tinha sido que ela já não levava expectativas irrealistas para a mesa erótica. Quando muito, a relação sexual com Ramsey seria agradável. Irina não tinha presumido que viesse a gozar.

Afinal, nem mesmo o sexo testado e comprovado com Lawrence jamais perdera um certo toque de esforço, de ter que despender uma grande quantidade de energia e concentração por um lucro marginal.

Por isso, se ela valorizasse a ratificação de sua visão de mundo — se desse mais importância a estar com a razão do que a ser feliz —, teria ficado insatisfeita. Porque eis que a transa com Ramsey não conseguiu *reduzir-se* a suas expectativas. Deslumbrada e zozna entre os lençóis de linho do Royal Bath, como quem se recuperasse de uma colisão frontal, Irina teve a nítida impressão de nunca ter *trepado* antes, o que a deixou matutando sobre o que seria aquilo que andara fazendo durante tantos anos.

— Pensando bem — especulou, aninhada na curva do braço de Ramsey, no que talvez fosse o terceiro dia em Bournemouth (era difícil manter a noção do tempo, que se tornara gordo, molengo e preguiçoso como um gato superalimentado) —, antes do seu aniversário, eu nunca havia fantasiado com uma transa. Sempre me pareceu, como ideia, pelo menos, que isso era permissível demais. Mesmo ao transar, eu pensava sorratamente em alguma outra coisa.

Algo mais proibido.

— Como o quê? — perguntou Ramsey.

Estranho, ninguém lhe fizera esta pergunta até então. Meio apreensiva, ela arriscou:

— Sexo oral, às vezes.

— Você quer dizer chupar um peru — corrigiu Ramsey.

Irina riu.

— É, *chupar um peru*. Mas com uma peculiaridade. Gosto da ideia de ser forçada. Acho que não se espera que as mulheres admitam essas coisas, mas, sim, forçada... a beber o esperma. Em tese, pelo menos. Na minha cabeça. Não sei se gostaria disso na vida real.

— Bom, passei anos tendo fantasias de estupro — disse Ramsey, voluntariamente e em tom animado. — Tive uma com você na semana passada.

Violentei-a. Imprensada numa parede. Você relutou um bocado, no começo, mas no fim implorou por mais pica.

Encorajada, Irina foi mais longe: — Durante algum tempo achei excitante a ideia de dois homens juntos.

Ultimamente, com o Lawrence... eu não devia lhe dizer isso, é muito embaraçoso.

— Não há *nada* que você não deva me dizer. Nunca se esqueça disso.

— Está bem. Andei pensando em mulheres.

— Chupar uma xoxota? Qual é o problema? Eu mesmo penso em chupar xoxota.

— Você é homem. É esperado que pense nisso.

— Não existe nada *esperável* nesse terreno.

— Não quero que você pense que eu sou sapatão. É só que... minhas outras ideias acabaram.

— O baú tem um número limitado de brinquedos. Já pensei em fazer um boquete num cara.

— É mesmo?

— É mesmo. Não são muitos os caras que admitiriam essa ideia, mas aposto que ela não é incomum. E também não significa que eu queira fazer isso com algum punheteiro fedido na vida real.

— Obrigada. Isso faz eu me sentir melhor — disse Irina, descansando a cabeça no peito dele. — Engraçado, sabe, depois do seu aniversário? Quando nós não podíamos? Pela primeira vez eu fantasiei uma trepada. O tempo todo. Todo dia. Comecei a me achar meio maluca.

— E o que acha agora, que estamos transando de verdade? — indagou Ramsey, sonolento. Era o começo da tarde; ele jogaria sua

partida da terceira rodada à noite e, nesse momento, deveria estar treinando na mesa de exercícios.

— Não *penso* em nada — maravilhou-se Irina. — Com você eu não vou para outro lugar. Se fantasiasse alguma coisa ao transar com você, fantasiaria que estava transando com você. Sabe, pela primeira vez, trepar parece *um escândalo*.

Você vai meter *isso* lá *dentro*? E tem um toque de... primitivo. Por isso, não parece uma coisa que seja esperável fazer, mas algo que a gente *tem* de fazer.

Como se eu estivesse no cio. É como o estro.

Ramsey riu, deslizando um dedo seco e afilado pelo quadril de Irina.

— Você é um animal, sabia? Um perfeito bicho. Tem todo esse seu jeito de escoteira e coisa e tal. Faz todas aquelas tortas. Olhando para você, ninguém adivinharia. Exceto eu. Eu percebi, mesmo que você não conseguisse enxergar, gatinha. Manter uma fera como você no armário é um crime. Como aqueles babacas que prendem tigres na corrente no jardim dos fundos e os animais ficam sarnentos, magros e deprimidos.

— Você devia fazer uma denúncia à PETA.*

* *People for Ethical Treatment of Animals, organização para a proteção dos animais da Grã-Bretanha. (N. da T.)*

— Peter?

— Deixe para lá.



E NÃO ERA SÓ O SEXO propriamente dito; era tudo. Ao dormir, eles ainda não tinham ficado numa posição que não fosse tão suntuosamente confortável que Irina não tivesse delirado. Beijar era como nadar: uma braçada deslizante e sem cansaço numa piscina

coberta. A pele de Ramsey era sempre fresca, com uma textura de garoto, o que era uma palavra adequada, já que seu corpo parecia criogenicamente congelado na adolescência.

Esguio e sem pelos, exceto por um tufo macio de tojo castanho-claro nas axilas e no púbis, o corpo dele era impecável e sem manchas, como se Ramsey tivesse sido guardado para Irina, embrulhado em papel celofane para evitar nódoas, como prata polida. Como a sinuca promovia a vida em recintos fechados, a pele dele era de um creme uniforme da cabeça aos pés, sem marcas sombreadas das meias nos tornozelos nem listra sob o relógio de pulso. Ele tinha um daqueles raros corpos que pareciam completamente normais quando nus — saudáveis, corretos, inteiros —, ao passo que a maioria dos homens costuma ter uma aparência incoerente ao se despir, meio constrangida ou diferente deles mesmos.

Sem roupa, Ramsey andava pelo quarto de hotel como uma criatura em seu ambiente natural, precisando tão pouco se vestir quanto um cervo num bosque.

Aquele cheiro de açúcar queimado era irresistível e, às vezes, Irina se aninhava para uma lenta fungada na base de seu pescoço, como quem cheirasse um forno quente entreaberto.

Em termos objetivos, Ramsey Acton não era o homem mais bonito do universo. O cabelo estava ficando grisalho; o rosto podia transformar-se facilmente de uma idade em outra, mas uma de suas características era a apreensão. É verdade que ele era uma dessas pessoas irritantes que conseguem comer e beber o que bem entendem, sem jamais engordar um grama, e que conservam uma musculatura rija e flexível sem um único abdominal. Apesar disso, não exibia a masculinidade mais volumosa decantada nas revistas. Esse era o ponto. Ramsey não era insuportavelmente lindo para qualquer mulher; era insuportavelmente lindo para Irina. A curva suave de suas nádegas, cada uma das quais se encaixava

perfeitamente na concha da mão, os dedos delgados e o arco pronunciado dos pés, os quadris estreitos, tudo fora projetado para satisfazer a estética pessoal e quixotesca de Irina McGovern. Ramsey Acton tinha sido feito sob medida.

Mas um aspecto dessa armadilha pegajosa, feita de encomenda, era realmente pavoroso. Transar com Ramsey, beijar Ramsey, dormir com Ramsey, ver Ramsey andar nu da cama até o frigobar, deixar Ramsey carregá-la nos ombros pelo quarto, tal como a havia levantado naquela primeira noite, quando quase jogou tudo isso fora, como quem esquecesse por descuido uma mala cheia de dinheiro numa plataforma de trem... bem, isso era tudo que Irina queria fazer. Ela não tinha vontade de comer nem de ilustrar livros infantis. Não queria se encontrar com amigas em restaurantes indianos. Não queria assistir ao *Panorama* e ver a denúncia de como o governo de Sua Majestade tentara encobrir a verdade sobre a doença da vaca louca. Aliás, Irina presumia com seus botões, intrigada e até meio assustada, que era inteiramente possível que nunca mais quisesse fazer outra coisa senão entrar e sair da cama com Ramsey Acton, pelo resto da vida. Como sempre se considerara uma mulher de interesses amplos, preocupação com as questões mundiais, afeições profundas por alguns amigos e uma ambição instigante de fazer carreira, era meio sombrio descobrir que, aparentemente, tudo o que ela sempre quisera, de verdade, era ir para a cama com um certo jogador de sinuca.



— FAÇA UM FAVOR para mim — disse a Ramsey na limusine, nessa noite. — Não entre pela porta dos camarins.

Franzindo o cenho, ele concordou, embora entrar no centro de conferências pela porta principal lhe custasse dar autógrafos nuns vinte programas pelo caminho.

— Ponha o braço nas minhas costas — pediu Irina. Era uma instrução desnecessária; afora algumas idas apressadas ao banheiro,

eles vinham mantendo algum tipo de contato físico desde aquele primeiro abraço no Royal Bath, das simples mãos dadas até um entrelaçamento tão complexo de partes côncavas e convexas que juntos os dois formavam um daqueles quebra-cabeças de cubos nas mesinhas de centro que exasperavam os convidados dos jantares. Assim, abraçados um ao outro, num sincopado jazzístico de três passos de Irina para cada dois de Ramsey, eles passaram lentamente pela bilheteria, onde o olhar dela cruzou com o daquele funcionário metido a besta das reservas. Ele acenou com a cabeça, enfim com a deferência própria de quem comeu cocô, em vez daquele sorriso que era um insulto secreto.

— Obrigada — murmurou Irina, jogando a echarpe escorregadia de raíom cor de vinho por cima do ombro do elegante e gracioso vestido preto que Ramsey também lhe comprara naquela tarde. — Você me fez ganhar a noite.

— Até que enfim uma garota fácil de agradar — comentou Ramsey, conduzindo-a a sua poltrona num setor especial, destinado a familiares, empresários e convidados. A visão da mesa era ímpar. — Deseje-me boa sorte — disse ele, dando-lhe um beijo demorado e profundo à frente de todos. Outras pessoas do setor lançaram olhares furtivos e curiosos para a mulher de cabelo preto na primeira fila.

Irina estava apreensiva. Eles haviam demorado demais comprando seu novo guarda-roupa, o que não deixara nenhum tempo para Ramsey se aquecer na mesa de exercícios. Embora, se Ramsey perdesse nessa noite, ela viesse a tê-lo todo para si a partir de então, Irina não podia arcar com a responsabilidade por uma derrota.

O adversário de Ramsey era John Parrott, um simpático jogador de Liverpool que aos trinta e três anos, rechonchudo, com cara de lua cheia e uma aura de abastança, parecia ter entrado prematuramente na meia-idade. Com as sobrancelhas pretas e

grossas eternamente levantadas em direção ao couro cabeludo, com ar de assombro, ou mergulhadas em desespero em direção ao nariz, as expressões elásticas de seu rosto anunciavam a tal ponto cada nuance do jogo que ele era, na verdade, um comentarista para surdos. (O mestre de cerimônias apresentou Parrott por seu apelido pomposo de “O Artista”, mas a sinuca era repleta de cognomes fabricados; os assessores de imprensa enfiavam pela goela dos fãs nomes como “O Menino de Ouro”, para designar Stephen Hendry, ou “O Queridinho de Dublin”, para o bom-moço Ken Doherty, o que nem mesmo um cê-dê-efe empregaria, se lhe apontassem um revólver na cabeça.) Ramsey dizia que Parrott era um ótimo sujeito, com um senso de humor sarcástico e um traço cativante de autodepreciação.

Juntos, de fato, Ramsey e Parrott personificavam o lendário decoro do esporte. Depois de um punhado de tacadas iniciais irregulares, Ramsey não pareceu muito prejudicado por seu despreparo. Na verdade, Irina ficou contente ao notar uma nova efervescência em seu jeito de jogar. Torcendo por se mostrar uma influência positiva, ela sentiu alívio quando, no intervalo, Ramsey liderava com vantagem de um ponto.

Durante o intervalo, um homem na fila de trás tocou o braço de Irina. Com seus quarenta anos, tinha o rosto corado, franzido pelo sorriso exagerado que abriu prontamente, embora seus olhos não sorrissem junto. O cabelo, um pouquinho mais comprido do que ficaria bem em sua idade, deixava transparecer a vaidade, e a gravata era tão berrante que os olhos de Irina doeram.

— Alguém já lhe avisou, meu bem — perguntou ele, com um toque de cerveja no hálito —, que o nosso garoto Ramsey é casado?

A boca de Irina se abriu e, a despeito de si mesma, ela empalideceu um pouco.

Dando-lhe um tapinha no ombro, o sujeito soltou uma gargalhada sonora: — É só uma brincadeira, boneca! Ora, se o seu

rosto não viu uma cena agora há pouco! Eu estava falando da sinuca, mocinha. A sinuca é a primeira mulher dele, e não se engane, será a última — disse, estendendo a mão. — Jack Lance, da Match-Makers. Sou uma mistura de serviçal e mamãe do Ramsey.

Irina apertou a mão, cujos dedos tinham pelos escuros. Maldormida, demorou a perceber que esse era o empresário de Ramsey. A antipatia instintiva entrou em conflito com o desejo de causar uma boa impressão.

— Muito prazer. Irina McGovern.

— Americana! — acusou ele.

— É um defeito congênito — disse ela. — Não é delicado fazer troça.

— Não mesmo! — retrucou Jack, com uma gargalhada forçada, como se fosse espantado por ver uma ianque capaz de fazer uma piada. — Então, só está de visita. Vendo os pontos turísticos? A Catedral de Westminster? O Big Ben?

Comendo algodão-doce no pír?

— Não, eu moro em Londres. Onde você pode deduzir que visito o Big Ben mais ou menos com a frequência com que os nova-iorquinos pegam a balsa para a Estátua da Liberdade. Ou seja, nunca.

Por sorte, Jack foi direto ao ponto.

— Não vi o seu namorado na mesa de treinamento nos últimos três dias.

Agora percebo que uma moça atraente como você poderia ser uma distração e tanto. Mas não gostaríamos que o nosso amigo comum negligenciasse suas responsabilidades, não é?

Irina acenou com a cabeça em direção à mesa.

— Ele está ganhando, não está? O que mais você quer?

— Uma fatia das 350 mil libras — disse ele. O sorriso desapareceu.

— Eu não fazia ideia de que o prêmio fosse tão grande.

— Se você vai acompanhar este esporte com os profissionais, doçura, essa é a primeira estatística que deve dominar — recomendou Jack. — A saída mais rápida, as sequências de mais de cem pontos obtidas uma vez na vida... notícias da internet para fãs de sinuca.

— Vou me esforçar — disse Irina. Encerrando a conversa, tornou a se virar para a frente.

— Esforce-se primeiro com o Ramsey — retrucou Jack, dirigindo-se às suas costas.

— Desculpe-me, acho que ainda não nos conhecemos — disse a morena atraente à direita de Irina, como quem quisesse socorrê-la. — Você é a amiga do Ramsey, certo?

— Sim. Irina McGovern.

— Receio que estejamos apostando em cavalos diferentes! Meu nome é Karen Parrott. Mas o John tem uma excelente opinião do Ramsey. Diz que é espantoso ele nunca ter vencido o Mundial.

— É, eu gostaria que isso não tivesse tanta importância para o Ramsey.

— Ah, é só com isso que eles se importam — disse Karen. — O Crucible, o Crucible. Chega a soar quase religioso, não acha?

— É, *o Crucible* tem um certo jeito de igreja, não é?

Karen deu uma olhadela para trás. Jack Lance tinha saído do setor.

— Lamento pelo Jack — disse, baixinho. — Ele não é mau sujeito. Mas os empresários veem as mulheres como o inimigo, ou então buscam uma camaradagem com você e tentam alistá-la na equipe. De um jeito ou de outro, são muito possessivos.

— É verdade, ele não pareceu muito feliz por Ramsey ter encontrado uma *companheira*. Acho que pensa ter feito um investimento e considera que isso lhe dá o direito de controle. Como você disse, os jogadores parecem cavalos de corrida.

— Na verdade, é mais como se o empresário tivesse a posse parcial de uma foca amestrada.

Tornando a avistar Jack, Irina perguntou, em tom animado:
— Você vem a todas as partidas de John?

— Nossa, nem pense nisso! Mas esta semana achei que as crianças gostariam de uma viagem ao litoral, antes de ficar muito frio. Desculpe minha bisbilhotice, mas você é... amiga de Ramsey há muito tempo?

— Não, não muito. Engraçado, eu achava a sinuca meio chata. Mas agora estou começando a pegar o jeito da coisa. É uma espécie de cruzamento entre o balé e o xadrez.

— Inclua a Batalha de Waterloo e você chegará a alguma coisa.

— No começo, parecia um esporte muito discreto... calmante. Mas, às vezes, é de uma empolgação incrível.

— A-hã — disse Karen, com ar evasivo.

— E, então, com que frequência você *assiste* aos jogos de John num torneio?

— Ah, em alguns anos eu vou a Sheffield para o Mundial. E quando ele está na final de uma classificatória, talvez. Três vezes por ano? É mais ou menos isso.

— Só isso?

— Bem, não é propriamente que depois de assistir a um jogo você já tenha visto todos, mas... Você vai ver.

— Quer dizer que as esposas e namoradas não costumam acompanhá-los nas viagens?

— Às vezes — disse Karen, com cautela. — Por um tempinho... Na verdade, por bem pouco tempo. É difícil. Não há espaço para você. Coisa de homem, sabe como é. E bebida. E sinuca. *Montanhas* de sinuca. É só disso que eles falam. Pode ser que você... sinta alguma coisa diferente — acrescentou, com um otimismo gentil. — Mas, hum... a maioria das mulheres se cansa.

Quando as luzes diminuíram para a segunda rodada, uma ruguinha aprofundou-se entre os olhos de Irina. Ela não havia pensado bem nas coisas.

Imaginara vagamente acompanhar Ramsey em suas viagens a uma cornucópia de outros hotéis luxuosos; de modo igualmente vago, visualizara uma cômoda rotina doméstica na Victoria Park Road, mais ou menos um fac-símile de sua experiência com Lawrence, mas com uma vida sexual melhor. Além disso, tinha seus próprios compromissos, que já andava negligenciando. Ora, quanto tempo ele poderia passar na estrada por ano, afinal?



A REUNIÃO NO BAR do Royal Bath, depois da vitória apertada de Ramsey sobre John Parrott, foi bastante jovial. Todos os seus colegas ficaram curiosos a respeito de como Irina conhecera Ramsey. “Nós dois nos divorciamos da mesma mulher” foi uma abreviatura conveniente. Durante todo o tempo Ramsey certificou-se de que ela estivesse sempre com o copo cheio (todos foram ficando chumbados) e de que alguma parte de seu corpo sempre tocasse o dela (o menor contato fazia todo o corpo de Irina zumbir como uma torradeira), embora a força com que segurava *Denise*, na outra mão, fosse perceptivelmente maior. Quando John Parrott contou a história terrível de como o taco com que ele vencera o Campeonato Mundial de 1991 tinha sido roubado de seu carro em Heathrow, Ramsey retrucou: — É bem feito para você, seu panaca! Eu preferiria trancar um cachorro vivo na mala a deixar o taco num estacionamento.

— Isso mesmo! — concordou John Higgins. — É melhor deixar a mulher na mala.

E Karen rebateu, com leve reprovação: — Não dê ideias a ele!

Todos se divertiram muito com uma jogada de ataque de Ramsey naquela noite, depois da qual as bolas tinham se acomodado milagrosamente, deixando uma faixa livre para matar a rosa numa caçapa de canto, “como a abertura do mar Vermelho!”. É verdade

que depois de contada a história pela terceira vez Irina não conseguiu exibir mais do que um sorriso educado. Se era uma daquelas coisas do tipo “Você tinha que ter estado lá para ver”, bem, ela estivera, e não ajudava muito.

Portanto, a conversa foi animada, mas, toda vez que a diversão passava de opção para obrigação, as ideias de Irina se embotavam. Deslumbrada com o brilho superficial das tiradas de efeito e das histórias bobas, ela começou a ansiar por alguma substância, se não seriedade. Conversar com aquelas pessoas era como comer algodão-doce, até ela já não querer mais açúcar e sim um bife. A meio caminho de um *fascinante* debate de vinte minutos para determinar se uma corrente de ar no Salão Purbeck tinha deixado as tabelas laterais muito elásticas, Irina refletiu que a profissão de Ramsey tinha pouco ou nenhum *conteúdo moral*.

Ah, havia questões ocasionais de honra (chamar a atenção do árbitro para uma falta cometida pelo próprio sujeito) ou de humildade (aquela inclinação escusatória da cabeça quando se encaçapava uma bola por mero acaso). Mas, no geral, a sinuca tinha a ver com a excelência pela excelência. A beleza do jogo, assim como sua limitação, estava em ele não ter importância. Não salvava os tútsis de Ruanda nem protegia o gado querido de um fazendeiro da doença da vaca louca. Havia noites em que Irina tinha certeza de encontrar alívio num mundo fora do noticiário; em outras, temia estar fadada a achar o espetáculo frívolo e vazio.

Durante um breve intervalo ela chegou até a recorrer à princesa Di. Embora tivesse se entristecido no começo, de uma forma meio abstrata, assim como ficaria triste com a morte extemporânea de qualquer mulher jovem a quem não conhecesse, após várias semanas de um luto popular enjoativo Irina passara com relutância a compartilhar a visão de Lawrence de que aquele arrancar de cabelos, bater no peito e rasgar a roupa em âmbito nacional era um exercício de histeria de massa, e de que, em vez de

representar uma catarse afetiva salutar, demonstrava que os ingleses tinham perdido o controle — que, a rigor, não havia mais um povo inglês de verdade. No entanto, assim que se levantava esse tema sagrado no bar, o grupo em uníssono assumia uma expressão solene de consternação, levando Irina a reconsiderar a enunciação de adjetivos como *piegas* e *sentimentaloide*.

A menção ao fato de sua mãe ter nascido na União Soviética não levou a parte alguma; presumivelmente, portanto, os russos não jogavam muita sinuca. É que qualquer fiapo de conversa que se enroscasse além da alçada do circuito de sinuca morria lentamente no nascedouro. Embora aqueles sujeitos tivessem jogado em todo o planeta, de Hong Kong a Dubai, uma típica historinha internacional envolvia Alex Higgins jogando bêbado e sem camisa em Bombaim.

Parrott regalou o bar com uma história sobre o Zimbábue, na qual o remedeiro do lugar havia grampeado o pano na mesa; “Dava para ver os grampos saltando!”, comentou o grupo, explodindo numa onda de gargalhadas. A essa altura Irina percebeu que não valia a pena insistir em ouvir a opinião de Parrott sobre o projeto de Robert Mugabe de confiscar as terras dos fazendeiros brancos. Tal como os personagens de Anne Tyler, esses turistas acidentais viajavam numa cápsula hermética, toda feita de baeta verde.

Então, talvez não fosse muito surpreendente. Mas quando ela se esticou sobre a colcha de brocado da suíte uma omissão conspícua lhe veio à mente: ninguém, nem uma única vez, lhe perguntara o que ela fazia na vida.



TORNOU-SE OFICIAL: mais para o fim da semana, o fato de Ramsey Acton estar saindo com “uma ardente beldade russa” foi divulgado na *Snooker Scene*. A revistinha ordinária disse absolutamente tudo errado sobre “Irina McGavin”, mas Irina reverenciou seu exemplar como um souvenir.

Ramsey continuou a vencer tudo até a semifinal. Se antes faltara a seu jogo algum ingrediente final intangível, a chegada de Irina a sua vida devia ter acrescentado aquela última meia colherinha de pimenta-de-caiena que torna o prato perfeito. Quantas vezes a própria Irina havia batalhado com um molho, assim como Ramsey lutado por trinta anos com seu jogo de sinuca, apenas para topar, no último minuto, com aquela pitada saída de sua prateleira transbordante de condimentos que, de repente, transformava uma mistura dissonante de sabores quase corretos numa mescla triunfal! Aos quarenta e sete anos, Ramsey Acton parecia ter descoberto de um só golpe o amor e a mestria.

Quando o vencedor da outra semifinal revelou-se um sucesso anômalo, um jogador desconjuntado e inexperiente de nome Dominic Dale, que ocupava a 54ª posição no *ranking*, Ramsey encarou a final como uma mera formalidade.

Considerando-se que ele mesmo já fora um jogador jovem e não reconhecido, sujeito à condescendência despreocupada dos veteranos, devia ter pensado melhor. Mas uma das coisas que se perdem na sabedoria da idade é a sabedoria da juventude. A educação não é um processo regular de acumulação, mas uma disputa precária entre aprender e esquecer, como quem tenta freneticamente encher uma pia mais depressa do que a água escorre pelo ralo aberto — razão por que Dominic Dale e sua turma capitalizariam eternamente na subestimação praticada por seus “superiores”.

Depois da final, eles jantaram no Oscar's, reduzindo a comemoração planejada a um *tête-à-tête* tranquilo, para lamber as feridas. A essa altura haviam criado o ritual de um pedido duplo de vieiras com creme de açafrão, robalo com champignon e uma porção de espinafre.

— É lógico — disse Irina, durante a entrada — que, se vencer o Grande Prêmio significa alguma coisa, ficar em segundo lugar no

Grande Prêmio também significa algo.

Ramsey amassou vingativamente um molusco com o garfo.

— Significa que eu perdi.

Irina revirou os olhos.

— A impossibilidade de se satisfazer seja com o que for
aquém da vitória completa é a receita certa para uma vida infeliz.

Quando é que alguém consegue uma vitória completa?

— Quando vence o Mundial no Crucible — respondeu
Ramsey, de bate-pronto.

— Acho que deveríamos falar de outra coisa além da sinuca.

— E o que mais existe?

Irina examinou-lhe o rosto. Ele não estava brincando.

Durante a sucessão de vitórias, a conversa na hora do jantar havia percorrido a vida de ambos como se fosse um grande urzal, parando para examinar cada moitinha de arbustos e cada poça: a preocupação crescente de Ramsey com o fato de que, para sair do impasse com seus pais, primeiro alguém teria que morrer; as razões de Irina para fazer restrições às belas-artes; o jeito efusivo de sua irmã, como compensação exagerada pelo ressentimento (“Matar com bondade continua a ser assassinato”, comentara Irina); sua ambição de finalmente visitar a Rússia e o pesar curioso pelo fato de que, agora, ela nunca teria uma experiência da terrível União Soviética propriamente dita; os extremos cômicos a que haviam chegado algumas fãs — às vezes perseguindo-o de cidade em cidade durante temporadas inteiras — para levar Ramsey para a cama.

Embora houvesse um arvoredor sombrio que Irina tendia a evitar — sua angústia a respeito de como Lawrence estaria lidando com sua deserção —, essas perambulações retóricas, de modo geral, tinham sido estimulantes e extensas.

Agora que Dominic Dale, segundo diziam, tinha “jogado acima de sua capacidade” (o que era um conceito curioso, aos olhos

de Irina: a ideia de que algum dia uma pessoa pudesse jogar melhor do que era capaz), Ramsey havia caído num buraco.

— Poderíamos falar que, embora este seja um hotel muito agradável, estou ansiosa por voltar para casa.

Ramsey levantou os olhos, abruptamente.

— Para o Lawrence?

— Não, seu bobo. Para a Victoria Park Road. Lembra-se daquele estabelecimento singular? Chama-se a *sua casa*.

— E quando você acha que seria isso?

— Amanhã, suponho.

— O Campeonato da Benson and Hedges começa amanhã em Malvern.

— Irina deixou pender o garfo.

— Malvern. Onde diabos fica Malvern?

— Não se preocupe com onde fica Malvern. O Jack já tomou todas as providências.

— Quanto tempo dura isso? — perguntou ela, desanimada.

— Doze dias.

— Ah! — fez ela. O molho de açafrão não parecia tão saboroso nessa noite; talvez Irina estivesse ficando cansada dele. — E o que vem depois de...

Malvern?

— O Campeonato Liverpool Victoria do Reino Unido, em Preston, é claro.

— É claro — repetiu Irina, murcha. — E qual é o intervalo entre esse negócio de Malvern e o sei-lá-o-que de Liverpool?

— Hmm — pensou Ramsey, massacrando o último molusco. — Entre a final do B&H e a primeira rodada de Preston? Três ou quatro dias. Tenho que dar uma olhada na tabela. Perguntar ao Jack.

— Quando é que você *descansa*?

— Vamos ver — ele refletiu. — Há uma semana entre o Liverpool Victoria e o Aberto da Alemanha, em Bingen am Rhein. Uma boa quinzena no Natal. E não decidimos se vamos entrar ou não no Aberto da China este ano.

— Diga-me que o Aberto da China é disputado na Leicester Square.

— Em Xangai — retrucou ele, descontraído. — Se faltarmos a esse, haverá alguns dias para ficarmos de pernas para o ar no fim de fevereiro. Mas se formos a Xangai, seria uma tolice não entrar no Masters da Tailândia, em Bangcoc, que é logo depois.

— Talvez eu esteja deixando escapar alguma coisa, mas quando é mesmo todo esse período de descanso?

— Em maio. Depois do Mundial.

— Maio — repetiu Irina, com a voz pesada. — Estamos em outubro.

— Existe o circuito de exibição depois que terminar a temporada, mas isso fica a meu critério.

— Ramsey. Não posso ir com você a todos esses torneios. Tenho um trabalho a fazer.

Embora dissesse adorar suas ilustrações, Ramsey nunca parecia levar a ocupação dela a sério, como atividade e como produto. Mas, a despeito de si mesma, Irina lembrou-se com alívio de que tinha deixado o passaporte na bolsa, por descuido, desde a viagem anterior a Brighton Beach.

— Ei, mas você tem que ir! — exclamou Ramsey. — Não vou jogar merda nenhuma se você não estiver presente!

— Você joga *merda* há trinta anos sem a minha presença.

— Se você precisa mesmo, então, leve o seu trabalho. Temos uma porção de horas vagas.

As quais, até aquele momento, eles tinham passado transando, conversando, bebendo e... bem, transando. Não é de

admirar que Irina se mostrasse cética quanto à possibilidade de arranjar tempo para longas horas de desenho em quartos de hotel.

— Pode ser — disse ela, em tom hesitante. — Você sempre se empenha tanto assim?

— Você já devia saber. Nós dois andamos nos empenhando para valer lá em cima — respondeu Ramsey, segurando as mãos dela sobre a mesa. — Sabe, quando vim para Bournemouth eu não fazia a menor ideia se um dia voltaria a vê-la. Eu pensei bem, e considerando que o Lawrence era um cara decente e inteligente que nunca tinha levantado a mão para você, me perguntei: *Por que você pularia fora para ficar com um jogador de sinuca imprestável?* Por isso, eu disse ao Jack para me inscrever no calendário todo. Achei que precisaria desesperadamente de alguma coisa para tirar você da cabeça.

— Agora estou na programação dos jogos — continuou. — Mas não é necessariamente tão terrível. Faço esse circuito sozinho desde que tinha onze anos. Meus pais achavam que ser jogador de sinuca ficava pouco acima da delinquência juvenil, e tive que levantar dinheiro para entrar nos torneios juvenis tapeando uns babacas de meia-idade no salão Rackers, em Clapham. Levei umas boas surras quando eles não ficavam satisfeitos por perder uma nota de cinco, ainda por cima para um fedelho metido a besta. Tem sido uma vida solitária, não importa o que você leia nesses jornalecos de sinuca. Nunca tive ninguém. A Jude chegou a um ponto em que odiava a sinuca, odiava os jogadores de sinuca, para não falar de mim mesmo, e, com certeza, detestava sentar a bunda em qualquer torneio de sinuca. Não posso fazê-la vir comigo, e vou entender se você não vier.

Mas se existe alguma justiça nesta vida, eu devo finalmente ter uma garota que beba uma taça comigo depois de seis horas dando tacadas na mesa.

— Também tenho minha vida — disse Irina, com delicadeza.

— É claro que tem, gatinha — concordou ele, mas o tom casual desmentiu qualquer compreensão que tivesse disso. — Vamos cuidar de um torneio de cada vez. Mas, pelo menos, venha comigo a Malvern.

— Está bem — disse Irina, relutante. — Mas só a Malvern.



ARREBATADA DO ROYAL BATH em outra limusine quando estava meio de ressaca, Irina nunca chegou a saber onde ficava Malvern, à parte o fato de ser em algum ponto de Worcestershire, local do qual viu tão pouca coisa durante a programação de jogar a noite inteira e dormir o dia inteiro, que em sua cabeça ele não se tornou um condado, continuando a ser um molho para carne.

Embora não se lembrasse de ter concordado em acompanhá-lo ao Campeonato do Reino Unido em si, Irina descobriu-se em seguida em Preston, como que mandada para lá pela sala de teletransporte de *Jornada nas Estrelas*.

Todas as noites, uma vez jogadas as partidas, ela se apresentava para o plantão no Squares, o enorme bar pertinho do Guildhall; aparentemente, três ou quatro rodadas de bebida com a rapaziada faziam parte das tarefas do seu cargo. Ela gostava de pensar que vinha melhorando um pouquinho na conversa profissional sobre a sinuca, mas continuava a achá-la desgastante. Assim, no fim da primeira semana, retirou-se de uma dessas sessões com proporções iguais de autocongratulações e alívio.

Na volta para o quarto do hotel, porém, Ramsey começou, em tom ameaçador:

— Sabe, *amoreco*. Quando você falar com a oposição, tem que tomar cuidado com o que diz. Eles todos podem parecer muito simpáticos e bonzinhos, mas também são a concorrência. É melhor nunca se esquecer disso.

— Que foi que eu disse? — indagou Irina, em guarda, engolindo o *dessa vez*.

— Aquele papo sobre o Mundial.

— O fato de você ter perdido seis finais do Campeonato Mundial é uma realidade. Não é um segredo bem guardado e tenebroso, mas um detalhe que o Clive Everton comenta toda vez que você joga.

— Vindo de você, significa uma coisa diferente.

— Já que você estava bisbilhotando minha conversa, será que ouviu o que eu disse?

— Eu não estava *bisbilhotando*. Eu *entreouvi*.

— Eu disse que era comum interpretarem essas seis derrotas como uma falha crucial, como um querer demais ou não querer o bastante, como um desmoronamento sob a tensão final. Em suma, como uma falha de caráter. Eu disse, ao contrário, que você perdeu cada um daqueles jogos por razões diferentes, e que a impressão de existir um padrão era ilusória. Eu disse que, às vezes, não se acerta uma tacada simplesmente porque não se acerta uma tacada, ponto final. Não significa que você não tenha sido amado pela sua mãe, nem que se deteste, nem que esteja sofrendo de medo do sucesso. Como o que eu disse foi destilado das vezes em que o ouvi estender-se longamente sobre esse assunto, durante as nossas inúmeras garrafas de vinho, *achei* que você apreciaria meu esforço.

— Boa tentativa, amoreco, mas sofisticada demais para aquela turma. Tudo que eles ouvem é que a própria garota do Ramsey Acton acha que ele está acabado. É como se você me rebaixasse.

— Eu não estava rebaixando você!

Irina se perguntou o que acontecia quando as pessoas que viam um desrespeito em cada esquina eram insultadas para valer. Mesmo assim, a hipersensibilidade era uma tática engenhosa. Uma reação indignada diante do comentário mais inofensivo sugeria que

não haveria nada menos do que um apocalipse depois de uma esnobada de verdade, o que ajudava a garantir que, antes de criticá-lo sinceramente, ela pensaria duas vezes.

— A questão é que você se concentrou no que é negativo. No que eu não ganhei. No *único* campeonato que não ganhei, eu poderia acrescentar. Você precisa entender que metade desse jogo está em deixar o outro desorientado.

Quando aqueles caras chegam à mesa, não quero que pensem *Ei, é o Ramsey Acton, aquele veterano, vai ser moleza*. Quero que eles se borrem nas calças de medo.

Quero que se lembrem de que esse velhote venceu quase todos os torneios do ranking que o mundo conhece. Quando sou intimidante, isso me deixa em posição de vantagem. Se eles conversam com a minha garota e ela enche a boca de desculpas — como se houvesse alguma coisa para ser desculpada —, eu perco a vantagem. Sei que não foi sua intenção. Mas hoje você me causou um estrago danado.

— Eu estava tentando ser sociável — resmungou Irina. — Não conheço essas pessoas. Não entendo muito de sinuca. Estava tentando me sair bem. Em momento algum pretendi embarçá-lo.

— Eu não disse que você me embarçou. Disse que me causou um prejuízo.

Era clássico. Ele sempre insistia na superioridade um pouco mais do que parecia necessário ou gentil, e com isso, como diriam os ingleses, punha ovos demais no pudim, ou exagerava na dose. Sendo de hábito tudo, menos meigos, os norte-americanos descreveriam a situação, em termos mais brutais, como fazer gato e sapato do outro.

— Desculpe — disse Irina. — Mesmo sem eu saber ao certo do que estou me desculpando.

— Então, é um pedido de desculpas bem esfarrapado.

Ramsey continuou distante, a metros da cama. Já como marca registrada do relacionamento, ou não havia *nem um papel de*

cigarro entre os dois, ou eles ficavam a anos-luz de distância. Não havia meio-termo. Com Lawrence, não houvera nada além de meio-termo, e era difícil a adaptação a esse novo estilo centímetro-igual-a-quilômetro. Fazia Irina lembrar-se de uma brincadeira de confiança que fizera sucesso nos anos sessenta, na qual a pessoa estendia os dois braços e caía para trás feito um peso morto, expressando uma confiança cega em que o parceiro a seguraria. Com Ramsey, ou ele estava bem ali, não a deixando escorregar nem meio centímetro, ou virava as costas e ela se esborrachava no chão.

— O que eu devo dizer a essas pessoas? — perguntou ela, com ar desolado.

— Direi o que você quiser.

— Que estou voltando à forma. Que você nunca me viu jogar melhor.

— Isso parece coisa que seu amigo Jack diria numa coletiva de imprensa.

— Está certo. Então, diga a eles que eu tenho um pau muito, muito grande.

Irina ergueu os olhos. Ramsey sorria. O zíper estava aberto. Ele tinha mesmo o pau grande.

Um mergulho célere de um metro e oitenta e estava encerrado o confronto.

Ficar livre do desagrado dele era como finalmente ter permissão para sair e brincar, depois de ficar sentada num canto com orelhas de burro na cabeça. É que, tal como nas regras de etiqueta não escritas sobre o telefone, segundo as quais quem fazia a ligação tinha a prerrogativa implícita de terminá-la, só Ramsey podia pôr fim ao que Ramsey havia começado. Como Irina nunca começava nada, isso o deixava como o guardião exclusivo dos portões do jardim, do qual ela era cruelmente exilada e no qual era gentilmente readmitida, conforme os caprichos dele.



QUANDO ENFIM CHEGOU a prometida quinzena de descanso, mais ou menos na época do Natal, depois de Bingen am Rhein, Ramsey levou Irina para uma fugida de férias na Cornualha — embora, a essa altura, a coisa de que ela realmente precisava fugir era de mais férias.

Na primeira tarde no litoral rochoso e deserto do sudoeste Ramsey a conduziu para o carro alugado e não quis explicar por quê. Dirigiu até Penzance — a dos piratas — e a levou a um prédio municipal acanhado. Embora se recordasse de ter assinado alguma coisa preliminar durante uma discussão atordoante às três horas da manhã, em novembro, só ao ler a tabuleta foi que Irina se deu conta do que ele estava aprontando.

— Mas eu estou um lixo! — exclamou. Ramsey lhe disse que estava linda, como sempre. — Mas não comprei uma aliança para você!

Ele franziu o cenho, apalpou os bolsos e avistou um resto de alguma coisa na sarjeta. Colocou-a na mão de Irina: um aro de aço desbotado com duas garras cegas.

— Acho que é uma braçadeira de tubo de radiador — explicou.

— Ramsey, não posso me casar com você com uma peça de automóvel apanhada na rua!

— Gatinha, você pode se casar comigo com um arame plastificado de embalagem ou com um elástico arrebitado. Olhe só — demonstrou —, encaixa direitinho. Juro que nunca vou tirá-lo.

Lá dentro, a funcionária mostrou-se irritada, talvez por ter esperado encurtar o expediente e fazer umas compras de Natal; para visível aborrecimento de Ramsey, a mulher baixota, gorducha e de dentes cariados não pareceu reconhecer quem tinha entrado. Os dois preencheram alguns formulários. Em dez minutos tudo estava concluído. Ramsey havia comprado uma aliança; garantiu que não tinha sido nada cara, e provavelmente mentiu.

Apesar de Irina não ter sonhado com tule branco e um bolo de três andares, essa “cerimônia de casamento” tinha sido despojada até para os padrões mais modestos. Por outro lado, talvez a situação intermediária é que fosse uma desgraça — ter um bolo, mas não especialmente saboroso, correr para comprar um vestido, mas tirado de uma arara. Irina percebia o mérito de esbanjar vinte mil libras com quinhentos amigos íntimos ou atar os laços do matrimônio com uma braçadeira de radiador. Aliás, esta última abordagem tinha a vantagem de não se concentrar num único dia, mas no resto da vida. Ramsey não fazia questão de *se casar*, mas de *ser casado*, o que, em última análise, era um elogio maior.

Irina saiu de lá zozona. Ela e Ramsey tinham se casado. Fazia menos de dois meses que estavam juntos.

Depois de ir com o “marido” — levaria tempo para se habituar com esta palavra — ao Aberto Real de Gales, em Newport, ao Masters da B&H, em Wembley, e ao Aberto Real da Escócia, em Aberdeen, teria sido prudente ela resistir às imprecações de Ramsey para que continuasse a acompanhá-lo e se dedicar com afinco a seu próprio trabalho. Mas ele implorava de um jeito muito cativante. Irina se comovia com sua fervorosa gratidão por finalmente ter companhia, numa vida que ela agora reconhecia ter sido cansativa e solitária. Os colegas também eram rivais, e nunca se podia ser amigo do peito de um inimigo estrutural. A ligação entre os dois era tão completa, mas também tão frágil — ligava e desligava feito um interruptor —, que ela temia inserir quinzenas inteiras de separação e isolamento em seu idílio. E além disso... nunca tinha ido à China.

Por fora, Irina parecia uma dessas incorrigíveis patetas de revistas femininas que dão apoio a seus homens; na verdade, era movida pela voracidade insaciável e egoísta de uma viciada irrecuperável. Drogava-se com duas doses diárias de Ramsey Acton, e a perspectiva de encarar a abstinência por toda a duração de um torneio era árida demais para contemplar.

No entanto, como acontece com muitos viciados, ela constatou que uma nebulosidade vaga e desconexa começou a lhe anuviar a cabeça, especialmente nas raras tardes em que Ramsey se ausentava para aprimorar seu jogo. Sozinha, ela já não sabia o que fazer consigo mesma nem propriamente quem era. Por isso, apesar dos protestos de Ramsey, objetou a usar o sobrenome dele, não por zelo feminista, mas porque não podia dar-se a esse luxo; a denominação *Irina Acton* oficializaria o próprio desaparecimento em que ela já vinha ganhando prática demais. Ela folheava revistas em vez de ler livros, às vezes se servia de uma miniatura de vinho do frigobar muito mais cedo do que deveria, e aguardava a volta de Ramsey com uma impaciência tensa que era estranha numa artista autônoma, acostumada a trabalhar sozinha durante longas horas. Tornar-se cada vez mais desenvolta nas conversas sobre sinuca — e em manter seus comentários suficientemente anódinos para não levar uma descompostura no hotel, mais tarde — deveria ser gratificante, mas, a rigor, deixava-a inquieta. Sua nova habilidade era enxertada, postiça. Irina estava aprendendo a conversar longamente e com vivacidade sobre um assunto pelo qual pouco se interessava. Ou só se interessava pela sinuca por se importar com Ramsey, e a relação transitiva era fraca. Ele fora generoso ao incluí-la tão completamente em seu mundo, mas a *in* clusão podia transformar-se sorrateiramente em *o* clusão. Havia dias em que esse caloroso acolhimento no mundo da sinuca parecia um disfarce sob o qual ela era sistematicamente colonizada, consumida, cooptada. *Irina McGavin*, a famosa nova cômputo de Ramsey Acton, a lenda da sinuca, vinha fazendo sucesso a todo vapor. *Irina McGovern*, a ilustradora de sucesso tão discreto que nunca entrara numa coluna de fuxicos com a grafia correta do sobrenome, corria um risco mortal.



DEPOIS DE REGRESSAR COM LAWRENCE do Grande Prêmio em Bournemouth, Irina ficou obcecada com uma pergunta que passara séculos querendo fazer, mas que o fato de não ter sido feita por tanto tempo tornava mais difícil de formular. Na primeira quinzena da volta à casa, quando os dois se aninhavam na cama, ela não conseguia desfrutar de sua toca de penas de ganso, muito menos da relação sexual subsequente, porque passava o tempo todo se preparando para indagar o que queria saber, não conseguindo e se censurando por ser tão covarde, agora que estava na hora de dormir. A razão de Bournemouth ter ocasionado um recrudescimento tão inflamado de uma antiga curiosidade não era óbvia, nem a de essa linha de indagação parecer tão assustadora.

Por fim, o embaraço da timidez ultrapassou o embaraço da pergunta em si.

No começo da quarta noite, Irina jurou que, ao se apagarem as luzes, faria ao parceiro a tal *pergunta perfeitamente inofensiva*, e ensaiou essa promessa solene com tamanha intensidade, enquanto preparava o jantar, que queimou o alho da beringela. Não prestou atenção à terceira rodada do Grande Prêmio, na qual, como era previsível, Lawrence sintonizou a tevê depois de eles comerem. De qualquer modo, Ramsey não estava nela.

Fechaduras. Termostato. Fio dental. Como uma contagem regressiva.

Lawrence desabou na cama e pegou seu livro. Irina deitou-se a seu lado, exasperada consigo mesma por estar com a pulsação disparada, o que era ridículo.

— Lawrence — disse, em tom grave demais; tinha pretendido exibir um ar de reflexão displicente. — Andei me perguntando... no que você pensa quando fazemos amor?

Errado! Eles nunca diziam “fazer amor”, que Lawrence considerava piegas.

Ele virou a cabeça com um leve sobressalto, demorando mais do que o necessário para pôr o marcador no livro.

— Bem, obviamente, em transar com você, que é que lhe parece?

Irina ficou consternada. Nesse momento, compreendeu do que tivera medo.

De que ele mentisse. De que, depois de mentir, fincasse pé em sua história, e ela nunca mais pudesse tornar a lhe fazer a pergunta. Tarde demais, percebeu que só teria tido chance de obter uma resposta direta, uma resposta desprevenida, se tocasse no assunto estando ofegantemente, no auge da paixão (de frente para a parede, como era de praxe), e não durante o prosaico período de luz acesa na leitura das últimas páginas da noite.

Intuindo que sua única oportunidade lhe escoava rapidamente por entre os dedos, insistiu: — Você nunca tem fantasias sexuais?

— Eu não diria que *nunca* tive uma fantasia sexual, é claro que tive.

— E elas são sobre o quê?

Lawrence pareceu aborrecido.

— Sexo, é óbvio!

Se todo o assunto era tão *óbvio*, era espantoso que tantos livros, filmes e estudos sociológicos fossem desperdiçados em seu exame.

— Mas você nunca tem fantasias quando estamos transando? Só quando está sozinho?

— Eu não faço nada *sozinho*. Tenho você.

As mentiras se acumulavam. Irina não acreditava que ele praticasse uma perfeita abstinência na intimidade, assim como não acreditava que a única coisa que o excitava fosse o coito puro e simples, praticado como manda o figurino.

— Por que — acrescentou Lawrence —, você faz alguma coisa *sozinha*?

— E por que faria? — retrucou ela, num rompante de desafio.
— Como você disse, eu tenho você.

Impasse.

— Você nem... — tentou ela de novo. — Por exemplo, a felação. Que nós praticávamos, mas meio que largamos. A ideia disso... ela não o atrai, na sua imaginação?

— Ah, isso é típico de adolescente. Todos os garotos são fissurados nisso. É uma fase — afirmou Lawrence, que frequentemente se refugiava em generalizações, na esperança de que, voltada para o geral, a pessoa não enxergasse o particular.

— Você gostaria que ainda fizéssemos isso?

— Não realmente. É uma coisa que me deixa constrangido. Como se me prestassem um serviço. E me parece meio degradante. Para você. Não gosto disso.

Quanta honradez!

— Mas estou ficando com a impressão de que você, sim, tem fantasias — acrescentou. — Quando transamos. Já que presume que eu as tenho.

— Pode ser — fez Irina, encolhendo-se instintivamente entre seus travesseiros. Embora, tecnicamente, a conversa fosse sobre “intimidades”, a distância entre os corpos era maior que de hábito e os dois não se encostavam. — De vez em quando.

— E elas se referem a quê?

Estava aí a resposta final sobre a razão de ela ter temido abrir a caixa de Pandora pornográfica: o medo de que ele virasse a mesa. Mas como? Ele só admitiria evocar o tipo de relações decorosas descritas nos “guias matrimoniais” da década de cinquenta, e ela admitiria fazer fantasias sobre chupar uma xereca?

Ia regalá-lo com um catálogo censurado da perversão ao longo das eras, como pensar em um homem gozando na sua cara ou

metendo à força em sua boca e fazendo-a beber o esperma? Ora, *caia na real!*

— Bem, *obviamente*, a transar — respondeu Irina.

— E por que você fantasiaria com uma coisa que está fazendo?

— Não sei. Talvez nem se chame fantasiar, nesse caso.

— Então, por que me perguntou isso?

— Eu só estava curiosa — respondeu, com ar taciturno. — As pessoas são diferentes.

— Posso ter minhas excentricidades em matéria de como examino a Questão Irlandesa, mas, nessa área, acho que sou bem convencional.

Nessa área, com certeza, era mais convencional o sujeito se obcecar na intimidade com a ideia de forçar a mulher a beber o esperma do que se excitar exclusivamente pensando no coito-padrão. Irina virou-se de lado e Lawrence recomeçou a ler. Depois de alguns minutos, apagou a luz e se encaixou atrás dela, deslizando a mão hesitante sobre seu ombro.

— Você me deu a impressão de que estava a fim.

— Hmmm — resmungou ela. Se Lawrence era um perfeito estranho em certos aspectos, estava decidido a continuar desse jeito. Por natureza, as fantasias sexuais eram indignas, e para ele — tragicamente — era mais importante ser respeitado do que se dar a conhecer.

Embora Irina nunca pudesse provar diretamente que a afirmação dele sobre o que se passava em sua cabeça durante a relação sexual era um disfarce, Lawrence tinha, como muitos jogadores que blefam no pôquer, um traço revelador que era, nesse caso, uma certa agulha beligerante de barômetro cuja medida de pressão ficava cravada no zero. A pessoa de Lawrence podia simular que se aconchegava na amante, mas seu pênis estava a um milhão de quilômetros de distância, e não gostava que mentissem em seu

nome. Por maior que fosse a insistência com que Lawrence se esfregou nas nádegas de Irina, o pênis se recusou a cooperar com seu dono enganador.

— Devo estar cansado — disse ele, por fim.

— Tudo bem. Quem sabe amanhã — murmurou Irina, virando-se para lhe dar um beijo na testa. Percebeu que ele estava desanimado. Em todos os anos de convívio, nunca deixara de ter uma ereção quando a solicitava, o que era mais um motivo para Irina ter a razoável convicção de que ele tinha fantasias, sim, e das boas, já que sempre resolviam o assunto. A única exceção tinha sido a primeira noite em que eles dormiram juntos. Na manhã seguinte, usando apenas uma cueca samba-canção de elástico canelado na cintura, Lawrence se arrastara até a cozinha, onde Irina preparava o café, e baixara os olhos para os pés, abatido.

“Mas eu gosto *tanto* de você!”, tinha dito, em tom de queixume. Levantando-lhe o queixo, Irina sorria e respondera: “Acho que o problema é esse.” Embora a disfunção sexual não costumasse ser motivo de saudade, ela prezava essa recordação. Vinda do Sr. Confiança, a impotência tinha sido um elogio.

Aconchegando o braço dele entre seus seios, de um jeito tranquilizador, Irina não conseguiu dormir de imediato. Por que Lawrence não podia ser franco a respeito do que o excitava? E por que ela retribuía mentindo?

A resposta evidente era vergonha, mas de um tipo especial. Talvez o que tornava vergonhoso o “Penso em você gozando na minha cara” não fosse o caráter escandalizante, mas o aspecto cômico. Dito às claras, parecia uma tolice.

De mau gosto, nem sequer inventiva o bastante para ser publicada na coluna de cartas da *Hustler*.

E, o que era ainda mais crucial, talvez o impulso de mentir sobre o que deixava o sujeito com um tesão desvairado na intimidade (e Lawrence não era o único; amantes anteriores tinham

revelado aquilo de que “gostavam”, mas quase nunca falado francamente do que *pensavam*) derivasse de um desejo prudente de preservar o poder inexplicavelmente místico dessas historinhas sórdidas. A pessoa confiava nessas historinhas, por mais risíveis que parecessem quando ditas em voz alta, como se fossem as chaves do reino, e a ideia de desgastar essas chaves, expondo-as ao ácido da ridicularização, ameaçava banir o indivíduo de seu palácio dos prazeres. Refletidas num outro par de olhos como risíveis, feias, comuns e sujas, não num sentido excitante, mas num sentido degradante, talvez elas deixassem de abrir a fechadura. Mesmo preservadas em segurança na cabeça de Irina, suas fantasias desgastavam-se sistematicamente, e nos últimos tempos ela tivera uma dificuldade imensa para inventar alguma coisa nova. (No que é que pensava uma pessoa de uns oitenta e cinco anos, depois de ter esgotado todos os orifícios e secreções proporcionados pelo corpo? Até a depravação é finita.) Não era de admirar, portanto, que Lawrence escondesse o jogo de suas cartas eróticas, ou que, ante a própria ideia de mostrá-las, seu pênis se houvesse encolhido, horrorizado. Mesmo assim, ela se sentiu traída. Teria achado excitantes as fantasias dele. Ao menos, precisava de uma emprestada.



NA SEMANA SEGUINTE, Irina insistiu em comparecer a uma palestra que ele faria na Churchill House. O que o deixou visivelmente satisfeito.

Diante da pequena plateia, Lawrence estava muito atraente com o terno marrom que raras vezes usava, e ter um parceiro considerado um perito em questões mundiais era gratificante. Ele se mostrou muito desenvolto e sério. Em seu humilde assento perto dos fundos do salão, Irina decididamente se orgulhou dele.

Mas Lawrence não era um talento natural para se apresentar. A tribuna lhe batia na metade da altura do peito e o fazia parecer

baixo. Ele leu a íntegra de um texto preparado de antemão, sem os apartes mordazes que eram típicos de sua conversa. As frases eram longas e cheias de orações subordinadas, tornando difícil seguir o fio da meada. Embora ele fosse um retórico temerário à mesa do jantar, ali suas colocações eram acompanhadas por ressalvas ou salvaguardas.

Irina desejou que ele conseguisse integrar seu caráter cáustico e irreverente a sua persona pública — que ele se apercebesse de que as ideias eram divertidas. O fato de seu tema ser a mortífera *Irlanda do Norte* não ajudava. Em mais de uma ocasião, após uma sequência hipnótica de jargões como *órgãos transfronteiriços com poderes executivos* ou *medidas promotoras de confiança*, e de alusões com ar sério a uma coisa chamada *Comissão de Descomissionamento*, que parecia diretamente saída do Monty Python, Irina se apanhara em flagrante: nos cinco minutos anteriores, estivera tentando imaginar o desenho seguinte para *A menina habilidosa*, e não ouvira uma palavra do que ele tinha dito. Sabia que o IRA havia assassinado quase duas mil pessoas, e que a perspectiva de essa estratégia “calhorda” render dividendos políticos enfurecia Lawrence. Por que essa paixão não se traduzia na fala dele? De uma forma intangível, essa falha se coadunava com o fato de ele amar Irina com todo o seu ser, mas ser incapaz de traduzir essa paixão na cama.

Depois da palestra, os aplausos foram educados, as perguntas, poucas. Só quando um senhor indagou sobre a possibilidade de que um acordo de paz levasse à soltura indiscriminada de prisioneiros terroristas foi que o verdadeiro Lawrence mostrou ligeiramente a cara: — Aqueles bandidos asquerosos? — desdenhou. — Nem pensar! Até mesmo Tony Blair deixará que apodreçam no inferno.

Irina sorriu. Esse era o Lawrence a quem amava, e essa única resposta impregnou de verdadeira emoção o beijo que depois lhe

deu no rosto, murmurando:

— Você foi genial!

Seguiu-se uma recepção. Composta sobretudo de colegas de Lawrence na Blue Sky, a frequência também incluiu alguns jornalistas e representantes do Ministério das Relações Exteriores e da Embaixada da Irlanda. Irina já tinha trocado sorrisos em reuniões similares e sempre se sentia meio atrapalhada. Podia ser leitora de jornais, mas aquela gente tinha tamanha fluência nas minúcias políticas que qualquer contribuição que uma ilustradora de livros infantis pudesse dar parecia óbvia e burra. Podia ficar feliz em comentar que a campanha ordinária de propaganda de Tony Blair, a “Cool Britannia”, parecia inconveniente para os britânicos, mas, numa discussão sobre as propostas bizantinas que ele havia feito para uma “parceria público-privada” no sistema de metrô de Londres, sentia-se perdida. Quando entabulou uma conversa com um figurão do Ministério das Relações Exteriores sobre o projeto do Zimbábue de confiscar as fazendas dos brancos, Irina teve um branco na hora de citar o nome do presidente do país, no meio de uma frase, o que bastou para que o dignitário, depois de preencher a lacuna com “Robert Mugabe”, pedisse licença para comer um figo recheado.

Todos perguntaram respeitosamente em que ela trabalhava. Ela os viu batalhando com a tentativa de encontrar alguma coisa para dizer sobre livros infantis, e, naquele ambiente augusto, os títulos que havia publicado — *Jimmy Bolha no acampamento*, *O mundo de Buh* — soavam ridículos. Indagar sobre a carreira de uma mulher era obrigatório nessa época, mas, depois de passar por esse doloroso exercício quatro ou cinco vezes, Irina desejou que eles esquecessem essa obrigação.

Como último recurso, para salvar um integrante do centro de estudos estratégicos que se debatia em desespero (“Você usa tintas ou giz?”), Irina conseguiu introduzir na conversa a informação de

que sua mãe viera da União Soviética, ao que o rosto dele se iluminou de gratidão. Embora as respostas dela fossem decepcionantes — não, sua mãe não abandonara o país por motivações políticas, fora uma desabrigada da Segunda Guerra Mundial; não, ela nem sequer era judia —, as perguntas do homem tornaram-se confiantes e mais relaxadas. A menção à Rússia também facilitou a transição imediata para a revelação de profundas preocupações com a segurança do arsenal nuclear e das armas químicas dos antigos soviéticos, o que, aparentemente, era a ideia que essas pessoas faziam de diversão.

Santa mãe, era para eles estarem usufruindo do convívio social! Então, por que ninguém na sala (bem, com exceção dos caras da Embaixada da Irlanda) se atrevia a tomar mais de uma taça de vinho branco? Que tal umas piadas divertidas, um pouco de conversa humorística e sem sentido, para deixar mais leve o clima? Por que eles se sentiam obrigados a ser tão pesados e graves, como se o destino da humanidade corresse perigo se, em vez de se angustiarem com as violações da zona de exclusão de voos no espaço aéreo do Iraque, eles se dedicassem a especular se Niles e Daphne algum dia ficariam juntos no seriado *Frasier*? Depois de mais ou menos uma hora dessa dieta altamente proteica em termos intelectuais, que equivalia, no plano da conversa, a um filé de quase meio quilo, a única coisa que ainda apetecia a Irina era um doce.

Por mero acaso, ela tirou da manga uma solução mágica. Tal como a menção à *Irlanda do Norte* havia desencadeado em Ramsey uma narcolepsia instantânea, mencionar a *sinuca* a esses figurões fazia seu discurso pretensioso estancar de estalo.

— É mesmo? — disse um elegante dignitário, depois de Irina comentar que ela e Lawrence tinham ido ao Grande Prêmio na semana anterior. — Pessoalmente, não acompanho esse esporte. Quer me dar licença?

Quando o grupo se reduziu, seguiu-se um abençoado momento de descontração, quando alguém trouxe à baila o assunto Diana. Em uníssono, o grupo revirou os olhos, e um piadista, fazendo um trocadilho entre Di e o verbo homófono, batizou o acidente no túnel de Paris de “a morte que se recusava a morrer”. Rir trouxe um enorme alívio.

Infelizmente, a população da recepção se reduzira o bastante para que, em pouco tempo, fosse impossível não falar com *Bethany*. Até então, Irina conseguira posicionar-se na sala no lado oposto ao da sarada colega de Lawrence, sempre dando umas olhadelas furtivas em direção à mulher. Como de praxe, a harpiazinha espevitada usava uma saia perigosamente curta e sapatos meio apiranhados. Tinha o hábito provocante de projetar o quadril para o lado e nele apoiar o braço que segurava a taça de vinho. A mão que segurava a taça pendia tão lânguida que por pouco não a deixava cair, e a mulher se inclinava sobre a borda para bebericar golinhos de gato. Fazia frio demais, no fim de outubro, para se usar uma blusinha preta transparente e sem manga, sob a qual se revelava um sutiã de renda, mas, a julgar por aqueles braços, *Bethany* passava horas malhando na academia, toda semana, e devia precisar compensar esse tédio. Os ombros musculosos e os antebraços com veias à mostra traziam a Irina uma desagradável lembrança de sua mãe, que lhe havia legado uma aversão visceral a qualquer tipo de fanático por exercícios.

Lamentavelmente, *Bethany* foi a primeira a cruzar a sala, com isso lhe cabendo o mérito de bancar a amistosa, antes que Irina pudesse propriamente resignarse ao inevitável.

— *Irina, zdravstvoy!* — exclamou *Bethany*, que lhe deu um beijo em cada face e continuou, em russo: — Sempre guardo o melhor para o fim!

Uma das pálpebras de Irina começou a tremer. Fazendo seu próprio bilinguismo parecer insignificante, por comparação, essa

diabinha aparentemente frívola falava quatro ou cinco línguas. Bethany havia explicado seu hábito de conversar com Irina em russo como algo que lhe proporcionava um “exercício” bem-vindo, o que era absurdo. Ela era fluente e exibida. Além disso, seu jeito de se apropriar do russo era impertinente. Depois de afastada o suficiente de Brighton Beach, Irina tinha começado a encarar o russo não como a língua de duzentos milhões de eslavos, mas como o código secreto dela e de Lawrence, e agora, vejam só: *Bethany* o havia decifrado.

Passar para o inglês pareceria esnobismo.

— *Privyet, kak dela?* — disse Irina em tom neutro, conformada com o fato de que o resto do papo seria em russo.

— Lawrence não foi erudito? — entusiasmou-se Bethany. — Dois anos atrás ele confundiria a cidade de Paisley com uma padronagem de cortinas. Agora, em matéria de Irlanda do Norte, é perito nos menores detalhes. E não está um arraso? Raramente o vejo de gravata. Sempre digo a ele: você devia se arrumar mais. Ele esconde o que tem de melhor, esse seu marido.

Ante a palavra *moozh*, Irina se retraiu. Mas não estava disposta a dizer a *Bethany* que ela e Lawrence não eram casados. De algum modo, toda vez que não sabia o que dizer, ela tendia a soltar suas reflexões mais privadas, por não conseguir localizar as públicas em tempo hábil. Graças a esse reflexo exasperante era propensa a compartilhar seus pensamentos mais íntimos com perfeitos estranhos, com desajustados simplórios e com gente de quem não gostava.

— *Da* — concordou. — Mas eu gostaria que ele usasse mais o senso de humor nos discursos. E falasse um pouco mais de improvisado, em vez de ler um roteiro. Fica muito árido.

— Ah, para mim, o quebra-cabeça político é tudo, menos árido — discordou Bethany. — E o projeto do Lawrence para um acordo potencialmente aceitável pelos dois lados é muito sagaz.

— É claro, não pretendi dizer que não foi um discurso maravilhoso.

— *Konyeshno* — ronronou Bethany, com um sorriso. — Sabe, considerando sua origem, você deve estar empolgada com a ida do Lawrence à Rússia!

— Rússia?... S-sim, é claro que estou empolgada — gaguejou Irina.

— O Lawrence está vibrando — acrescentou Bethany, com um olhar atento para Irina. — Você também vai?

— Eu... não sei, nós... ainda não decidimos. Para que é mesmo a viagem?

— Você sabe, essa missão de investigação sobre a Tchetchênia. A verba chegou da Fundação Carnegie no verão. O Lawrence tem aprimorado o russo no escritório. Tentei ajudá-lo durante os almoços no Prêt-à-Manger, mas, como você sabe, ele é um caso perdido! É muito inteligente, mas, em matéria de línguas estrangeiras...

— É um *idiota* — completou Irina em inglês, com ar afetoso, passando o braço pela cintura de Lawrence, que se aproximara. Ela sempre lhe preparava um sanduíche, para que o companheiro pudesse beliscar alguma coisa diante do computador, depois da ginástica na academia. Desde quando Lawrence almoçava fora?



NA CAMINHADA PARA CASA, voltando da Blue Sky, Lawrence disse, em tom caloroso:

— Escute, obrigado por ter ido. Sei que a Irlanda do Norte não é seu assunto predileto.

— Eu não perderia sua palestra — disse Irina. — Mas, na recepção... bem, não conheço aquelas pessoas. Não entendo muito de política. Espero não tê-lo embaraçado.

— É claro que não! Estar com uma artista faz com que eu pareça mais interessante, não importa se você sabe ou não tagarelar sobre o *descomissionamento*.

E você é inteligente. Se isso não bastar para qualquer um daqueles engomadinhos, eles que se danem.

— Gostei do seu discurso.

— Bethany disse que você o achou sem humor.

— Eu não quis dizer...

— Não, tudo bem. Ele teve bem pouco humor — disse Lawrence, animado.

Discordar de um ego robusto assim era relaxante, como jantar com copos que não quebram ao ser derrubados e pratos que podem cair no chão.

— Reconheço que a Irlanda do Norte não é assunto para comédias, mas você poderia fazer uma ou outra gozação. Você é engraçado. Deveria usar isso. Foi só o que eu quis dizer. Não pretendi criticá-lo.

— Não me importo se você me criticar — retrucou Lawrence.
— Você tem razão. Eu deveria relaxar um pouco. Houve mais alguma coisa?

E, assim, Irina mencionou que ele poderia abreviar as frases, pegar menos pesado no jargão e procurar não amarrar a cara o tempo todo. Sem se ofender, Lawrence pareceu fazer anotações mentais.

— A propósito — disse ele —, entreouvi parte da sua conversa, sobre as parcerias público-privadas e o Iraque, sabe? Achei que você se saiu muito bem.

— Obrigada. Mas fico sem ter o que dizer sobre esses assuntos em exatos dois minutos. Eles não têm ideia do que perguntar sobre o trabalho de ilustração.

De que mais posso falar com essa gente?

— Um recurso-padrão? É só dizer a eles que eu tenho um pau muito, muito grande.

Irina riu.

— É *disso* que eu estava falando. Use isso nos seus discursos.

— Meu pau?

— Metaforicamente, sim.

Quando chegaram à Borough High Street a confiança de Lawrence no sucesso de sua palestra fora recuperada. Mas se o envaidecimento era seu estado natural, por baixo dele havia humildade. As expectativas de Lawrence a seu próprio respeito tinham uma escala razoável. Ele não havia tropeçado ao falar.

Suas ideias eram sensatas. O *quorum* tinha sido respeitável. Isso era o bastante.

Ele não esbravejaria contra os céus por não ter, exatamente nesse dia, modificado o rumo da história, atraído primeiros-ministros e presidentes e feito a casa vir abaixo com uma ovação de pé. Com certeza, como segredo do contentamento, ele apreciava o sucesso modesto.

Ao subirem para o apartamento, Irina esteve prestes a perguntar “Que história é essa de você ir à Rússia?”, mas, num impulso, não o fez. Por uma questão de disciplina, não mencionou o assunto durante o resto da noite, só para ver se ele mesmo o traria à baila. A verba tinha sido aprovada no *verão*? E quando seria essa viagem? Lawrence lhe perguntaria se ela queria ir? Apesar de nunca ter estado lá, a Rússia era um país a respeito do qual ela se sentia naturalmente possessiva.

Terminada a noite, depois, a semana, depois, novembro inteiro, sem que Lawrence desse um pio sobre uma futura visita à pátria ancestral de Irina, a disciplina deu lugar a um experimento científico. No Natal, quando, para quebrar a monotonia, os dois se esquivaram de uma visita a Brighton Beach, a proposta original que ela fizera de uma lua de mel na Tailândia reduziu-se a uma fuga

até a Cornualha. É verdade que o velhíssimo carro alugado perdeu uma braçadeira do radiador e deixou Lawrence mal-humorado, mas nada num pequeno defeito automotivo deveria impedi-lo de usar uma das longas caminhadas deles pela costa para tocar no assunto de uma viagem iminente de pesquisa. Uma coisa era ser independente, mas a independência podia transmudar-se facilmente em exclusão, e Irina se sentiu excluída. Nos meses seguintes, a omissão de Lawrence transformou-se num tumor, com o qual ela topava como quem roçasse um caroço no seio durante o banho. Como fazem muitas mulheres, expondo-se ao perigo, disse a si mesma que aquilo não era nada, em vez de apalpar corajosamente a dimensão da protuberância, em busca de uma textura que indicasse uma aberração discreta, como um cisto, ou um tumor mais invasivamente maligno.

7



O ABERTO DA GRÃ-BRETANHA foi disputado em Plymouth durante os feriados da Páscoa. Tendendo cada vez mais a se esconder no quarto do hotel, Irina comumente assistia aos noticiários. Apesar de ela não ter conseguido provocar nem mesmo um “Ei, isso é uma boa guinada, não é?” nos jogadores de sinuca no bar, todos os canais estavam repletos de notícias sobre uma ocasião de magnitude “histórica”: tarde da noite, na Sexta-feira da Paixão, os políticos de Belfast haviam chegado a um acordo que poria fim, oficialmente, aos distúrbios na Irlanda do Norte, que tinham envenenado o país por trinta anos.

A assinatura do Acordo da Sexta-feira Santa não foi um evento salutar na vida de Irina. Mas certamente foi salutar para Lawrence Trainer, o que os manda-chuvas da mídia na BBC e na CNN não estavam dispostos a deixá-la esquecer.

Como especialista reconhecido e acessível às estações de tevê de Londres, Lawrence estava *em toda parte*. Durante dias foi impossível Irina ligar a televisão sem deparar com seu ex, que a fitava com uma expressão que ela interpretou como censura. Lawrence era ambicioso. Lawrence era bem-visto. Lawrence estava fazendo seu trabalho. Lawrence não bebia demais e não fumava demais — não fumava nada —, e Lawrence não saía trotando de acordo com a programação de outra pessoa, com isso se rebaixando de jogador a fã.

Ele estava bonito, e o terno marrom que usava nas entrevistas destacava a ternura de seus olhos castanhos. Sua fala era tão segura

que Irina se viu forçada a se perguntar se o ex estava melhor sem sua companhia do que ela teria esperado — o que era bom, é claro, muito bom, ótimo; então, por que o fato de Lawrence estar em ótima forma a deixava com um sentimento de desamparo? Fazendo citações *ipsis litteris*, ele parecia ter decorado o documento inteiro e ter uma opinião a dar sobre qualquer de seus aspectos. Aquele velho sarcasmo da mesa de jantar vinha à tona toda vez que o entrevistador levantava a questão da libertação indiscriminada de prisioneiros paramilitares permitida pelo acordo, um “passe livre para sair da cadeia” que deixava Lawrence profundamente enojado.

“Isso significa que um bando de assassinos condenados”, disse ele a Jeremy Paxman, no canal BBC2, “acabará cumprindo uma sentença mais curta do que a prevista para as multas pendentes de estacionamento em local proibido. Mas, seja tudo *em nome da paz*, não é mesmo? A justiça é descartável.”

Lawrence fazia sucesso na mídia, como a única Cassandra num coro de Polianas. Na ânsia de deixar toda aquela confusão para trás, a maioria dos comentaristas cumulava o acordo de elogios e não examinava o texto em letra miúda. Somente Lawrence assinalou que a supermaioria exigida para a aprovação de leis politicamente significativas na Assembleia era a receita certa para um impasse, e que os principais pontos que haviam paralisado as negociações — a reforma da força policial e o desarmamento paramilitar — não tinham sido resolvidos, mas adiados para um momento de crise, de crise aguda mesmo. Sua voz solitária de advertência era abafada pelo bom humor inebriante de todos os outros círculos, mas isso só a fazia parecer mais corajosa, por desafiar frontalmente os ventos predominantes. Tivesse ele ou não razão, Irina orgulhou-se do ex-parceiro.

Mas havia nela um sexto sentido que lhe dizia que realmente seria melhor — *tudo em nome da paz, não é mesmo?* — que essas aparições do predecessor passassem inteiramente despercebidas

para Ramsey. Essas premonições vinham surgindo muito nos últimos tempos, levando-a a se esquivar de qualquer conversa em que o nome de Lawrence pudesse pipocar. Mas, visto que pensava no ex com frequência — como não pensaria? — e que a maioria das histórias dela na década anterior o envolvia de algum modo, isso significava erradicar de seu discurso muitas das próprias confidências que poderiam aproximá-la do marido. Talvez o excesso de cautela fosse perigoso.

Como Ramsey estava tão pouco interessado no Acordo da Sexta-feira Santa quanto nos padrões migratórios das renas, tinha sido bastante fácil privá-lo desses noticiários, embora, numas duas noites, Irina mal tivesse acabado de desligar a televisão quando ele enfiou a chave na porta. Uma noite, quando achava que ele estava na mesa de treino enquanto Lawrence fazia preleções na ITV, Irina tomou-se de uma ternura tão comovente que, mesmo sabendo que era tolice, além de um excesso melodramático semelhante aos de sua mãe, encostou o rosto na tela.

O momento foi dos mais inoportunos. O controle remoto estava em cima da cama quando Ramsey entrou. Irina deu um pulo para longe da tevê, em vão procurando o botão de ligar e desligar que nunca tinha usado, e segurou uma meia.

— A tela estava empoeirada — disse, limpando-a às pressas. Conseguiu pôr as mãos no controle remoto, mas era tarde demais.

— Esse é o Homem-anoraque.

— Ora, não é que você tem razão? — disse ela, em tom descontraído.

— Não venha me dizer que você ouviu a voz do homem com quem vivia, viu o carão dele na televisão, em tamanho natural, e não reconheceu o sujeitinho.

— Bem, agora que estou prestando atenção, é claro que o *reconheço...*

— Você sabia que ele ia aparecer na tevê, não é? Foi por isso que me empurrou para o treino. O nome disso é *televisão com hora marcada*.

— Mas, Ramsey... faz uma semana que o Lawrence está em todos os canais de televisão!

Errado.

— Não diga. E você tem sido uma telespectadora fiel. É engraçado não ter mencionado que o viu, e tudo mais. Nem uma vez.

— Por que mencionaria? Ele tem falado do Acordo da Sexta-feira Santa, que faz você dormir.

— Porque eu não sou *intellectual*. Não me importo com as *questões mundiais*. Só me importo com a *sinuca*.

É *isso mesmo*, não exibiria o auge da diplomacia.

— Você não pode invejá-lo por ter um lugar ao sol por alguns dias. Os especialistas em *Irlanda do Norte* não têm muitos. E pense nisso: ele deve ter tido que ver seu rosto aparecer na televisão o tempo todo.

— Ele não tem que ver *você* me vendo na televisão, tem?

— Não — concordou Irina. — Ele tem que me ver, pelo menos na imaginação, trepando com você até cair, todas as noites. Quem foi que levou a melhor?

Isso foi só o começo, é claro, e como muitos de seus longos arranca-rabos anteriores, esse se estendeu até a madrugada. Dessa vez, porém, o que depois ficou na cabeça de Irina não foi outra autoadmoestação para ela se portar na vida com Ramsey como se Lawrence Trainer nunca tivesse existido, mas a imagem obsedante daqueles olhos castanhos e profundos, atormentando-a com censuras na tela da tevê. O que ela estava fazendo em Plymouth? Desde quando sua solução para o excesso de tempo era aumentar o consumo de *cigarros*? Aliás, desde quando ela dispunha de tempo de sobra? Não houvera época em que Irina tinha horror a ficar ociosa?

A editora Puffin fizera a gentileza de lhe conceder seis meses a mais para entregar *A menina habilidosa*, por “razões pessoais”, mas será que ela não devia ter guardado esse pedido de indulgência para uma emergência ou uma doença? Já havia programado seu trabalho seguinte? Não costumava certificar-se de ter sempre um novo projeto encaminhado? E não sentia falta daquelas tardes febris em que ficava tão absorta numa ilustração que se esquecia de comer? Não havia nada de errado em se divertir de vez em quando, mas será que aquele estado de absorção, em certa época — mais do que beber, transar e conversar sobre praticamente nada com jogadores de sinuca —, não tinha sido exatamente sua definição de divertimento? De algum modo, Lawrence passara de ex a *alter ego*, a anjo da guarda de Irina, à voz de seu eu cê-dê-efe.

A transformação do ex não estava unicamente na cabeça dela. Talvez fosse indecente Irina tirar proveito de sua carta branca de acesso ao laptop de Ramsey (que ele usava basicamente para responder à correspondência dos fãs em seu *site* na internet) e empregá-lo para esse fim, mas ela havia estabelecido um contato experimental com o ex-companheiro por e-mail. Tomava o cuidado de só cuidar dessa correspondência quando tinha certeza de que Ramsey não chegaria; supersticiosamente, trocava a senha de sua conta no Yahoo! toda semana. Seus bilhetes eram discretos, sem deixar claras as alusões às frequentes “diferenças de opinião” que surgiam em sua nova vida. Ela escondia de Lawrence o quanto suas noites em média tinham se tornado devassas, assim como o número de torneios — ou seja, todos — em que havia acompanhado Ramsey nessa temporada.

É claro que regalar Lawrence com os bons momentos seria cruel — as ruidosas comemorações com cantoria nos bares, a letargia amniótica de acordar nos braços de Ramsey. Mas a coisa de que ela mais o protegia o magoaria muito mais. Desafiando a sombria previsão de Lawrence de que a vida com Ramsey só prometia

reprises cansativas das mesmas velhas histórias de sinuca, o que seguramente mantinha o casal acordado até as quatro da manhã, com muito mais frequência do que o sexo, era a *conversa*. Ramsey sabia escutar; Lawrence só fizera esperar que ela terminasse. Tamanho era o ímpeto de Ramsey para dissecar *o principal* que talvez ele devesse ter aprendido o valor ocasional do não dito.

Em comparação, as conversas com Lawrence sempre tinham exibido uma estranha tendência a ser truncadas. Ao avaliar um conhecido, ele chapava um rótulo apressado no objeto de sua especulação — “Ele é um idiota” —, como quem colasse uma etiqueta de endereço num pacote no correio. *Chuifff*, lá se ia o sujeito cano abaixo, e não havia mais nada a dizer. Com Ramsey, as conversas só decolavam — e podiam passar horas no ar — no exato momento em que, com Lawrence, a nave destinada à Terra dava umas tossidas e parava. No que concernia às outras pessoas, Ramsey sentia tanto fascínio pelas sutilezas quanto Lawrence pelas minúcias do Acordo da Sexta-feira Santa. Desde que Irina direcionasse delicadamente o marido para longe da sinuca, como quem o guiasse a contornar uma tampa de bueiro aberta, ele exibia uma intuição de notável perspicácia, digamos, sobre o pai dela, o qual, observou Ramsey, claramente se escondera atrás dos sotaques estrangeiros por ter perdido o contato com o som da própria voz. Ou, então, uma vez Irina recordou que, quando tinha doze anos, sua mãe se ajoelhara solicitamente no consultório do dentista, murmurando com ternura que jamais admitiria aquele aparelho incômodo nos dentes da filha por meras razões estéticas, e que só o fazia porque o dentista tinha afirmado que ele era “uma necessidade médica”. “Que cretina!”, exclamara Ramsey. “Sua mãe a impediria de consertar os dentes, se fosse *apenas* para você ficar bonita?”

Engraçado, até aquele momento, Irina nunca havia considerado estarrecedor esse fragmento da sua história.

E, embora fosse verdade que a Irlanda do Norte fazia Ramsey mergulhar na apatia, ele era capaz, em relação a muitas outras questões da época, de empregar com proveito sua mesma intuição natural sobre o que fazia as pessoas serem como eram, apesar de ter dificuldade de situar os fatos com exatidão. Lawrence não fazia outra coisa senão relembrar fatos com precisão. Concentrava-se no *que*, e Ramsey, no *quem*. Para Ramsey, a política tinha a ver com determinadas pessoas malucas fazendo o que não prestava. Ele dizia que Milosevic tinha cara de “bebê que acabou de sujar a fralda, e que fica todo contente por outros terem que limpar a sujeira”. Quando dois garotos assassinaram diversos colegas de escola com as espingardas do avô, no Arkansas, Irina ficou perplexa; Ramsey disse: “Bem, no seu país, eles não vão impressionar as namoradas tirando notas altas em inglês, vão?” O pedido de desculpas de Clinton pela escravidão, numa viagem à África, provocou uma bufadela: “De que adianta pedir desculpas por uma coisa que não se fez? Sujeitinho hipócrita, está estourando de orgulho! Quando a pessoa se arrepende de verdade, fica com vergonha de si mesma.” E uma passada casual pelos noticiários da televisão podia dar ensejo a comentários surpreendentemente sagazes: “Parece uma história da Marvel Comics, não é? Dá para acreditar que o seu presidente e o primeiro-ministro falam em ‘armas de destruição em massa’ com o rosto impassível?”

Por outro lado, a última, *ultimíssima* coisa que Irina diria a Lawrence era que até as discussões sobre atualidades com Ramsey eram mais engraçadas e mais reflexivas do que as aulas sucintas de Lawrence durante a lavagem da louça, de modo que seus e-mails tendiam a ser curtos. Os do ex-companheiro eram ainda menores. Às vezes, Lawrence se entregava a diatribes selvagens a propósito de Ramsey. (Embora, por uma questão de lealdade conjugal, provavelmente Irina devesse lhe dizer que guardasse para si as opiniões desagradáveis sobre seu marido, por algum motivo, nunca

conseguira propriamente revelar a Lawrence que ela e Ramsey estavam casados.) Mas o tema dominante e permanente do ex era que Irina devia voltar ao trabalho, custasse o que custasse. Como se a instigasse com pistas sobre uma palavra que ela trazia na ponta da língua — *começa por “eu”* —, Lawrence sabia lembrar-lhe quem ela era.



JUSTO NA OCASIÃO EM QUE Irina se preparava para tomar a firme decisão de voltar a se dedicar a sua própria atividade, o torneio seguinte no calendário tinha que ser o Campeonato Mundial — o único em que era extremamente razoável que Ramsey contasse com sua presença. Assim, ela concordou em ir, mas, pela primeira vez, ressentiu-se desse gesto, como se tivesse ido longe demais.

Jogadores e comentaristas falavam em murmúrios tão contidos sobre “o Crucible” de Sheffield que Irina imaginara a sede do campeonato como um lugar antigo e luxuoso, com a fachada majestosa enfeitada por ramos de oliveira esculpidos em pedra, gárgulas nos cantos e um teatro decorado por camarotes forrados de veludo e lustres reluzentes. Que decepção! A realidade era um enorme mostrengo de concreto que não obedecia a mais do que a ignóbil concepção arquitetônica da década de sessenta. O linóleo era granuloso, os carpetes, baixos, e o clima geral do interior, o de uma escola pública decadente.

Por isso, até o prédio a deixou de mau humor.

Ora, a essa altura ela já vira sinuca até cansar. Havia aprendido a maioria das regras arrevesadas, sabia como um escore perfeitamente empatado se resolvia com uma “bola preta retornada”. Além disso, ao assistir aos jogos do próprio Ramsey, tinha um investimento implícito nos resultados. A vitória ou a derrota determinavam se nessa noite, mais tarde, Ramsey faria uma farra, jogando-a para o alto e gingando pela suíte ao som de Charlie

Parker, ou se jantaria no quarto, emburrado, e arranjaria uma briga. Mesmo assim, uma temporada completa e ininterrupta de sinuca envolvia *milhares* de partidas. Por mais que Irina já reconhecesse que nenhuma delas jamais se repetia à perfeição, os jogos, depois de sete meses de uma overdose de sinuca, tinham começado a lhe parecer bastante semelhantes. Afundada na poltrona durante as primeiras rodadas do Mundial, ela teve de admitir que estava entediada. E não apenas um pouquinho.

Era um tédio implacável, um tédio de arrancar os cabelos, um tédio que lhe dava vontade de matar.

Nesse ano, Ramsey tornou a vencer tudo até a final, para exasperação de Irina, porque, na intimidade de seu pensamento, agora ela brincava de forma impenitente com o desejo de que ele fosse eliminado logo, para que, por favor, os dois pudessem finalmente ir para casa. Como quer que fosse, quando, ao final do jogo, Ramsey estendeu a mão para felicitar John Higgins, e depois recebeu o sétimo troféu de segundo colocado em sua carreira — não um elegante vaso de prata, porém mais um desajeitado prato de cristal —, não houve *finesse* capaz de disfarçar uma devastação que qualquer esposa decente consideraria angustiante no rosto do marido.

Ali estava ela, casada com um homem de talento singular, tema de perfis em fanzines e entrevistas na BBC, um homem assediado por estranhos na rua. O mundo inteiro se extasiava com a sinuca praticada por Ramsey Acton, com a notável exceção de sua mulher. Nos últimos tempos, em vez de se sentir cativada pelas matadas longas, pelas engenhosas tacadas duplas e pelas deslumbrantes bolas de efeito, era certo Irina assistir às partidas de Ramsey com os olhos a meio mastro. O que mais distinguia o homem aos olhos dos outros se tornara a própria excelência que ela não apenas subestimava, como também já não conseguia ver.

Ao se retirar cheia de culpa do setor de convidados e familiares para consolá-lo, recordou-se de uma frase daquele jantar seminal de aniversário: *É engraçado como aquilo que nos atrai numa pessoa é o mesmo que passamos a desprezar nela*. Ramsey tivera razão. Nesse momento, ela estava meramente enfadada com a sinuca. Depois de acompanhá-lo em mais uma temporada inteira, passaria a detestar o jogo.



QUANDO A LIMUSINE ENFIM voltou para a Victoria Park Road, no começo de maio, Ramsey estava melancólico. Ele sempre se irritava com a segunda colocação, que reforçava o mito popular de que não tinha muita confiança em si mesmo, de que, toda vez que realmente enfrentava a hora agá, era levado a perder. A única coisa que ele dizia em voz alta tinha a ver com uma vaga queixa intestinal, embora fosse tímido demais para explicar se andava defecando demais ou de menos. Irina já começava a achar meio cansativa essa relação espantosamente complicada que ele mantinha com os intestinos, e todo esse acanhamento a respeito dos dados biológicos elementares entre cônjuges era ridículo.

Por mais que ela houvesse passado meses ansiando por voltar “para casa”, sentiu-se desolada ao entrar na lúgubre mansão de três andares de Ramsey.

Aparentemente, a casa de que ela realmente havia sentido saudade era o apartamento no Borough. Irina sentia falta de suas panelas vitorianas descasadas, das múltiplas fileiras de potes de condimentos, do liquidificador dos anos quarenta, encantadoramente retocado com esmalte verde e marrom-claro. Ter renunciado a suas posses heterogêneas dava-lhe a sensação de ser uma mulher que desertara por capricho de uma prole caseira. Mas ao chorar a perda dos objetos conhecidos de sua casa abandonada — as pilhas de enormes tigelas brancas para massas, o açucareiro Delft com a manteigueira para combinar — talvez ela os usasse como

veículos de um luto que ainda não conseguia permitir-se encarar sob sua forma animada. Isso porque, quando visualizava mentalmente seu antigo apartamento, ele ressoava com o chacoalhar ritualístico das chaves na fechadura, e “*Irina Galina!*” ecoava pelo corredor.

Fazia uma tarde fresca de primavera. Ao sugerir um passeio pelo Parque Victoria Irina torceu para não ficar óbvio demais que, depois de ter insistido tanto em sua ânsia de voltar para casa, ela ficara imediatamente desesperada para sair de lá. Os patos do lago tinham pedacinhos de gravetos e cascas de amendoim presos nos pés. Após meses de excesso de champanhe e horas e mais horas de partidas de sinuca em salões escuros e sem ar, Irina estava exausta e não conseguia pensar em muita coisa sobre o que falar, exceto no único assunto que devia guardar consigo. Ramsey era seu marido. Seria falta de consideração — para não dizer insensatez — confessar, justo no dia em que ele a havia carregado pela soleira da porta, que ela estava triste por causa de outro homem.

— Estou morrendo de vontade de jantar em casa hoje — disse, junto ao pavilhão em que ficava a lanchonete. — Você se incomoda?

— Parece uma trabalhadora — disse Ramsey. — Fazer compras, picar coisas e lavar louça?

— Tenho ansiado por uma noite de normalidade serena.

— Como com o *Lawrence*.

— Como com você, seu bobo. E você tem saído comigo todas as noites desde outubro. O mínimo que posso fazer para retribuir é lhe preparar um jantar.

Assim, eles foram ao Safeway, na Roman Street, provocando inúmeros cumprimentos dos transeuntes. Havia momentos em que a gentileza dos estranhos era comovente, mas, nesse dia, Irina desejou que eles deixassem Ramsey em paz. Junto às gôndolas de legumes, enquanto pensava numa beringela refogada com pedaços grandes de alho, Ramsey jogou um brócolis orgânico no carrinho. Irina não

tinha nada contra os brócolis, só que eles não faziam parte do cardápio.

— Sabe, há um prato que eu preparo com beringela... — começou a dizer, com muito tato.

— Eu não diria que gosto de beringela — retrucou Ramsey, pegando cenouras e abobrinhas.

— Para o jantar de hoje... você tem alguma coisa em mente? Ele deu de ombros.

— Quando fico em casa, como sempre a mesma coisa: legumes cozidos no vapor e arroz integral.

— Mas você é *jogador de sinuca*! — explodiu Irina, consternada. — Quando vocês não estão torrando dinheiro, espera-se que comam batatas fritas e torradas com feijão, e não essa comida macrobiótica boazinha! Está tudo errado!

— *Nós* — disse Ramsey, com firmeza — não temos de comer porcaria só para satisfazer os estereótipos de torcedores como você.

Irina olhou com exasperação para o pacote de pimentões que estava segurando.

— Eu ia fazer frango *kung pao* para você.

— O que é isso? — perguntou Ramsey, desconfiado.

— É picante.

— Você quer dizer apimentado? Não como nada apimentado. Nunca entendi por que misturar comida com tortura.

Era verdade, ele nunca comia pratos condimentados. Mesmo no Best of India sempre pedia o frango *tikka*, uma bastardice britânica gelatinosa que era mais ou menos tão picante quanto sopa de tomate.

— Mamãe diz que meu apetite antinatural por comidas picantes é rebeldia.

Diz que vem de quando eu era pequena e ela punha molho Tabasco no meu polegar para que eu não o chupasse. Eu chupava o

dedo assim mesmo, apesar de o Tabasco me fazer lacrimejar. Parece que tomei gosto pela coisa.

Ramsey levantou uma sobrancelha.

— Posso pensar numa outra coisa em que podemos pôr molho Tabasco.

— Hmmm. Talvez arda um pouco.

Infelizmente, não havia flerte capaz de solucionar um choque de paladares que causava em Irina uma decepção estranhamente aguda.

— Vá em frente e faça o seu frango *pow-pow*, se quiser — insistiu Ramsey. — Eu mesmo posso cozinhar os legumes e o arroz.

— Não vou fazer um jantar separado para mim — disse ela. Resignando-se a devolver os pimentões à gôndola, murmurou: — *Bozhe moi!* Mamãe teria tido mais sorte para me fazer parar de chupar o dedo se o cobrisse de legumes no vapor e arroz integral.

Quando pegou um litro de leite, Ramsey disse: — Não consumo laticínios.

Ela cruzou os braços.

— Eu o vi comer laticínios nos últimos sete meses. Moluscos com *creme de açafrão*? Você acha que eles usavam tofu batido no liquidificador, no Oscar's?

— Quando como fora, eu abro uma exceção.

— Mas você janta fora todas as noites.

— O que é mais um motivo para eu largar a lactose quando fico em casa. Se não fosse assim, não haveria nada para fazer do *creme de açafrão* uma exceção.

Irina franziu o sobrolho. Essas pequenas incompatibilidades deveriam ser desprezíveis diante do amor verdadeiro; no entanto, entrou em conflito com a impressão de que os melindres dietéticos de Ramsey eram catastróficos.

— Se não se importa que eu diga, você está se enganando, e está sendo hipócrita.

- Caramba! Isso é que é pegar pesado no Safeway.
- Tenho opiniões muito sólidas em matéria de alimentação.
- Nesse caso, pode compreender que eu também as tenha.
- Quase todas as pessoas as têm.

Ao menos eles concordavam em alguma coisa. Mas, para confirmar que, afora isso, o escore era um zero perfeito, Irina teve que perguntar: — Pelo menos você gosta de *pipoca*?

— Ela gruda no meu intestino. E tem gosto de poliestireno, não é?

— Se você acha... — retrucou ela, desanimada, levando de volta para a prateleira os quatro pacotes de milho Dunn's River que pusera no carrinho.

Voltaram para casa pela rua Roman com suas compras insípidas, ambos carregando peso demais numa das mãos, para poder continuar de mãos dadas com a outra.

— A propósito — comentou Irina —, desconfio que a história da minha mãe sobre o Tabasco é apócrifa.

— *Apóc...* o quê?

— Ah, deixe para lá.

Ramsey soltou a mão dela.

— Eu fico bastante ofendido quando você faz isso.

— Faço o quê? — E Irina parou, virando-se para ele. — O que foi que eu fiz?

Ramsey pôs suas sacolas na calçada.

— Toda vez que você usa uma palavra que eu não conheço, ou menciona uma notícia que me passou despercebida...

— Você quer dizer, como a morte da princesa Di?

Seus olhares se cruzaram e eles avaliaram um ao outro. Só depois de um segundo Ramsey concluiu que Irina estava brincando, porque a observação chegou muito perto de alguma outra coisa. Ele armou uma expressão de susto horrorizado: — Está querendo me dizer que ela *morreu*?

Irina deu-lhe um tapinha no ombro.

— Lamento ter que lhe dar esta notícia.

— Puxa, com essa meu apetite se danou de vez — disse Ramsey, em tom de troça, apanhando as compras e continuando a andar. — Vamos pular nossa refeição e, em vez disso, vou me debulhar em lágrimas.

— A esta altura, meu amigo, chorar não será suficiente — retrucou Irina, acompanhando os passos dele. — Só uma *sati* conseguiria causar alguma impressão.

— *Sauté?*

— É só uma brincadeira — disse ela, tentando segurar outra vez a mão do marido, mas ele a retirou.

— Você fez de novo — disse, em tom ríspido. — *Deixe pra lá.* Isso é paternalista. Sei que você gosta do meu pau, mas parece achar que minha cabeça é só um GPS para transportá-lo pra sua xoxota.

— Olhe, quando a gente explica uma piada, ela perde a graça.

— Você me acha um paio.

— O que é paio?

— Uma ianque deveria saber o que é paio.

— Quando um americano diz *paio*, em geral pretende comê-lo.

— Pronto, está vendo? Mesmo quando não é engraçado você quer que eu me explique.

— Está bem. *Sati*. Na Índia, é costume a viúva se atirar na pira funerária do marido para se imolar.

— É meio exagerado.

— É como o sujeito ser enterrado com suas posses... e a esposa é uma delas.

É uma grande questão feminista no subcontinente indiano.

— Está certo. Não foi tão difícil, foi? Porque, para mim, foi interessante. E o tal de pacote de sei lá o quê?

— Pacote de... apócrifo? — conferiu Irina, apertando a mão do marido. — É mais ou menos um *pacote de lorotas*. Significa mítico.

— Então, por que você não disse *mítico*?

— Porque, se eu mudasse uma palavra que preferia usar, por achar que você não a entenderia, *isso* seria paternalista. Mesmo assim, desculpe. Não acho que você seja um paio, um idiota. Você vive num mundo muito... — e se esforçou por encontrar uma palavra melhor do que *estreito* — rarefeito. Talvez eu tenha um vocabulário maior do que o seu, porque frequentei uma universidade e não matei aulas no curso médio para ficar em salões de sinuca. Mas também não ganho centenas de milhares de libras por ano por causa das minhas célebres jogadas de ataque. Quanto aos acontecimentos da atualidade, vivendo com Lawrence, eu não tinha saída senão ficar a par deles, porque passávamos praticamente todo o nosso tempo juntos falando de política. Isso não é para me gabar. Na verdade, é estarrecedor.



A COZINHA ENORME E ANTIQUADA de Ramsey conservava seu equipamento original vitoriano, porque ele havia comprado a casa antes do flagelo londrino das “reformas” — a misteriosa prática de facilitar a cobrança de um preço substancialmente maior por um imóvel pelo fato de alguém ter se dado o trabalho de destruí-lo. Os armários eram de carvalho sólido, e a velha pia dupla, de porcelana propriamente dita. Os ladrilhos eram de ardósia, as bancadas cinzentas e frias não eram de mármore moído com resina epóxi, mas de mármore verdadeiro, e o enorme fogão Aga era uma peça de museu. Mas os utensílios escassos reduziam-se a uma faca cega e uma colher de pau; Ramsey tinha uma panela pequena (arroz) e uma grande (legumes), e um daqueles cestos vagabundos para cozinhar no vapor, que viviam perdendo pedaços.

Enquanto se dedicava à tarefa chata de cortar buquês de brócolis, Irina fez outras investigações dos parâmetros de seu novo regime culinário. Sem manteiga.

Sem queijo. Sem farinha refinada nem cereais. Sem carne vermelha. Sem sal. Sem açúcar.

— Você diz que não consome açúcar, mas de que acha que é feito o *sauvignon blanc*? — perguntou, acenando com a cabeça para a taça que ele segurava, cheia até a borda e do tamanho de um pequeno aquário.

— É mais uma razão para eu não engolir ainda mais — disse Ramsey, empoleirado numa banquetta junto à mesa comprida de madeira.

— E o molho de soja?

— Molho de soja é o máximo.

— Mas o molho de soja é entupido de sódio, muito mais do que uma pitada de sal comum.

Ramsey deu de ombros.

— Eu gosto.

— E *eu gosto* de manteiga irlandesa, queijo parmesão e contrafilé!

— Vá em frente.

— Não vamos fazer refeições separadas. Não demora muito, estaremos dormindo em camas separadas.

— Por que você acha isso?

— Não sei explicar, só sei que existe uma relação. Temos que poder comer juntos. Mas de onde veio todo esse absurdo ascético? Você foi sequestrado por uma seita de desmancha-prazeres?

Enquanto ela picava os legumes Ramsey explicou que havia passado por uma crise nos anos oitenta. Tinha sido um prodígio quando adolescente, estabelecendo recordes por todo lado; ao se tornar profissional, tinha causado uma impressão marcante, abrindo caminho pelos torneios com a facilidade de um cortador de grama

elétrico. Mas, depois, Steve Davis e Alex Higgins haviam entrado no circuito e ele ficara “entre a cruz e a caldeirinha”.

— O Steve Davis era como se fosse o Stephen Hendry daquela época, certo?

— Isso mesmo, inerte feito água estagnada. Aquele tipo de sujeito metido a besta, que come todo o purezinho de ervilhas; jogava com uma lentidão terrível.

Nem sei lhe dizer o quanto a turma ficou aporrinhada naquela ocasião, quando Davis venceu mais uma droga de um Campeonato Mundial. E, por outro lado, havia o Higgins. O mau caráter, o pinta-brava. Rápido e execrável. Mais publicidade fora da mesa do que nela. Supervalorizado como produto, mas... um gênio, assim mesmo — admitiu Ramsey, a contragosto. — Usava toda sorte de porcarias de estampados *paisley* e chapéus idiotas. Você sabe que o Higgins arranjou uma *dispensa médica* para não usar gravata-borboleta? Veio com uma conversa de que tinha *uma doença de pele!*

— Ramsey, o sujeito está a um passo de virar um daqueles sem-teto que vivem em abrigos de saco de lixo e tomam banho em estações de ônibus. Por que ele ainda o deixa irritado?

— Porque eu *fiquei entre a cruz e a caldeirinha!* — (Era um mantra.) — Eu não nocauteava os adversários no salão de recepções nem usava roupas extravagantes para ofender os árbitros. E não podia competir com o Higgins em matéria de ser um sacana nojento, nem tentava. Mas também não podia competir com o Davis em matéria de tédio, de perfeito idiota. Se tanto, eu era um *carinha* maneiro.

— Estávamos falando de sal — disse Irina, com a mão dolorida por cortar as cenouras com a faca cega. — E, veja, que surpresa! De algum modo, acabamos falando de sinuca.

— Talvez eu esteja falando com rodeios porque essa não é minha fase favorita para lembrar. Saí do circuito. Bebia feito uma esponja, quase todo dia.

Vivia de salgadinhos, torrei a grana toda. Não tenho muita paciência com essa gente que acha que é preciso talento para cair na sarjeta. Mas uma coisa eu lhe digo, o seu Ramsey Acton não faz nada pela metade.

— E o que foi que o tirou disso? — perguntou Irina, cansada. Os homens sempre pareciam contar histórias de autodegradação com orgulho, e ela proferiu o clichê com um toque de azedume: — Você finalmente *chegou ao fundo do poço*?

— Não existe fundo do poço. As coisas sempre podem piorar. Não, o que é que faz qualquer homem dar a volta por cima, querida?

— Cereal integral?

— Uma garota, é claro. Ariana. Já lhe falei dela.

Quando ele mencionara a mulher pela primeira vez, em Xangai, Irina havia achado o nome irritante.

— Você se refere à que era burra e resignada?

— Ela me vira jogar no Pontins quando eu tinha dezessete anos, e nunca havia esquecido, certo? Então, por volta de 1985, Ariana me achou num *pub* em Manchester, dando um esporro no barman por causa do aviso dos últimos pedidos. Ela apareceu feito um anjo. Colocou-me numa dieta rigorosa de arroz integral e me levava de carro para o salão de sinuca local todos os dias. Foi um inferno, mas o meu jogo voltou. Embora eu ache que nunca mais foi o mesmo. A gente nunca confia numa coisa que perdeu, mesmo quando a encontra de novo.

É como uma mulher, pensando bem. Quando ela sai da linha e volta, a gente pode se beijar e fazer as pazes, mas nunca volta a ser tão carinhoso como antes.

Picar legumes unicamente com vistas a uma droga de cozimento a vapor era trabalhoso. Toda a alegria de cozinhar desaparecia, quando não era possível acrescentar coxas de galinha picadas, amendoim e uma montanha de pimentas perniciosas.

— Você parece ter toda uma história de mulheres que o seguem por aí para limpar o seu nariz. Às vezes tenho a impressão de que a sua queixa contra a Jude é que ela não foi uma baba-ovo completa.

— O que está aporrinhando você?

— Para começar — disse Irina, apoiando-se numa cenoura —, fico *aporrinhada* por estar fazendo o jantar mais vagabundo que já preparei na minha vida, basicamente para me curvar a uma superstição sua que remonta à década de oitenta. Você ignora completamente esses mandamentos nutritivos quando está viajando, ou seja, na maior parte do ano. Por que devo cozinhar como se estivesse num retiro zen-budista só para você renovar o contato com uma conversão na estrada para Damasco com uma zinha vegetariana baba-ovo?

— Damasco?

— *Deixe para lá.*

— Chame de *superstição*, para mim dá na mesma — retrucou ele, em tom frio.

— Quando termina a temporada, eu gosto de limpar o organismo. Purificá-lo.

Pode dar risada, se quiser. O Homem-anoraque daria.

Irina parou de picar legumes. O que restava de seu apetite rolou no chão como aquela última fatia de abobrinha. Essa noite estava deixando flagrantemente de encarnar a “normalidade” pela qual ela havia ansiado. Mas a normalidade, tal como a entendera um dia, parecia ser coisa do passado. Até esse momento, Irina e Ramsey tinham estado voando alto feito pipas — com a bebida, o sexo, ou simplesmente um com o outro —, ou se angustiando com o último insulto terrível que ela impusera ao pobre homem, sem sequer reparar. Ao abandonar Lawrence, ela repudiara inadvertidamente o curso estável e regular e, por ora, não sabia ao certo se trocar aquelas águas paradas da pipoca com tevê pelo tempestuoso arrebatador,

guinar e mergulhar dos últimos sete meses tinha sido uma trapaça criminosa ou a maior pechincha conseguida em sua vida de parcimônia. Como quer que fosse, depois que se estava deslizando a mil pelo declive íngreme de um vagalhão em mar aberto não adiantava muito pensar se teria sido mais sensato ou relaxante remar em círculos num laguinho de patos.

— Isto é decepcionante para mim! — exclamou Irina, ainda segurando a faca.

— Pode achar ridículo, se quiser, mas eu gosto de alimentar as pessoas!

— Você está me alimentando.

— Eu o estou alimentando com... argh, com coisa nenhuma!

— Mas é isso que eu quero. Então, por que você não dá pulos de alegria?

— Porque eu gosto de fazer coisas. Não é muito diferente da ilustração... que eu também *costumava fazer bastante nos velhos tempos*. Gosto de preparar pratos interessantes, empolgantes e bonitos. Isso aqui é o equivalente culinário a bonecos desenhados com pauzinhos e árvores em forma de pirulito!

— Então, na verdade não é para mim coisa nenhuma. Você cozinha para sua satisfação pessoal, não para *alimentar pessoas*. Quer que eu lhe diga como está gostoso e como você é brilhante.

— Ora, bolas! Você gosta de jogar bem para sua plateia, não é? — perguntou Irina. Estava claro que as analogias com seu próprio trabalho caíam em ouvidos moucos. — Bem, fazer arroz integral com legumes no vapor todas as noites é como matar as bolas coloridas nas caçapas, uma vez atrás da outra!

— Dane-se — disse Ramsey, levantando-se da banquetta e jogando no chão, com um único movimento, todos os legumes que Irina havia picado. — Vamos sair.

Irina baixou os olhos para o lixo formado pelas flores de brócolis e pelas cenouras e abobrinhas arduamente fatiadas.

Arrepiou-se com o desperdício.

Ainda assim, sentiu a pele formigar. Até ali, Ramsey havia começado todas as brigas, e tinha sido revigorante, para quebrar a monotonia, não mergulhar num medinho ofendido, mas ficar com raiva.

Ramsey levantou-lhe o queixo.

— O que está havendo, de verdade? Não podem ser só os brócolis.

Irina fechou os olhos e soltou um suspiro trêmulo.

— Lawrence adorava minha comida.

— O Homem-anoraque está logo ali, do outro lado do rio — disse Ramsey, puxando os quadris dela para os seus. — Posso deixá-la lá em vinte minutos.

Aposto que ele ficaria encantado por vê-la. Diga a ele que toda essa perda de tempo foi um erro. Se formos de carro, podemos levá-la de volta a tempo de preparar um belo jantarzinho. Com açúcar, sal e pilhas de pimenta bem ardida e vermelha.

Não era propriamente a primeira vez que Ramsey fazia essa oferta generosa, e se a tivesse feito do outro lado da cozinha, teria sido uma declaração de guerra.

Mas os braços que a envolviam faziam toda a diferença, e Irina pôs as duas mãos em volta do pescoço de Ramsey.

— Não seja *idiota*. Mas vamos sentar um segundo. Sirva uma taça daquele *sauvignon* para mim. Há uma coisa de que precisamos falar, e você tem razão, não são os brócolis.

Voltaram ao salão de sinuca, no subsolo, e se acomodaram no sofá. Irina filou um dos cigarros Gauloise de Ramsey, soprando a fumaça num jato alto, que comemorava o fato de ela não ter que suportar o olhar reprovador de Lawrence, e tirando da cabeça a ideia de que seu consumo diário, que no passado nunca fora além de um ou dois cigarros, tinha aumentado sorrateiramente para meio maço.

— Posso viver sem minhas roupas e meus utensílios domésticos — disse Irina, aninhada sob o braço de Ramsey. — Mas deixei um projeto inacabado.

Preciso buscar meus desenhos e meu material de pintura. Portanto, prepare-se para o fato de que terei de passar por lá e encontrar o Lawrence.

O braço sobre seus ombros endureceu.

— Encontrá-lo por quê? O cara trabalha, não é? Você ainda tem as chaves?

Podemos ir lá juntos e pegar todas as suas coisas quando ele não estiver em casa.

— Escute — disse Irina, erguendo o corpo e fingindo bater a cinza. — Não quero que o Lawrence chegue do trabalho, um dia, e descubra que todas as minhas coisas sumiram, sem ao menos um como vai. Seria brutal demais. Além disso... quero ter certeza de que ele está bem.

— Como é que o sujeito vai estar *bem* se a mulher o largou? Deixe ele se virar com isso!

— Espere aí. Você não tem a expectativa de que eu nunca mais volte a vê-lo, tem?

— É exatamente isso que eu espero! Agora você é casada, não é para ficar vadiando por aí.

— Uma coisa seria se ele me espancasse ou tivesse limpado minha conta bancária — retrucou Irina, tomando um bom gole do *sauvignon* —, mas ele foi a bondade e a generosidade em pessoa, e não posso retribuir isso virando-lhe friamente as costas!

— Estou ficando cheio de ouvir toda essa história de como o Homem-anoraque era *bom e generoso*. Se ele é tão *bom e generoso* assim, volte pra merda do cara!

Irina levantou-se.

— Sabe, *toda* vez que brigamos, ou seja, três vezes por semana, você põe as coisas em termos de ficarmos juntos ou não. De

que adiantou casar se foi só para lhe oferecer uma oportunidade constante de me ameaçar com o divórcio? Isso é desleal. Você parece um jogador de pôquer que aposta pilhas de fichas em todas as mãos, de modo que, para ver seu jogo, o outro jogador seja obrigado a arriscar tudo o que tem. O que, já que estamos aludindo ao pôquer, também significa que você está *blefando*!

— Blefando, uma ova! — gritou Ramsey, dando um pulo do sofá e sacudindo as chaves do carro diante do rosto de Irina. — Levo você agora mesmo para o doce e adorável Homem-anoraque!

— O que só serve para nós não falarmos de um problema específico! — retrucou Irina, aos gritos. — Quer dizer, eu tenho que buscar minhas coisas, e não vou entrar de fininho no apartamento, pelas costas do Lawrence. Ou então, sim, estou apaixonada por você, mas nunca lhe disse que jamais tornaria a ver o Lawrence, só para fazer você se sentir seguro. Não! Estamos sempre tendo que abordar a grande questão de darmos certo ou não, de modo que nunca chega a hora de lidarmos com os probleminhas que são os únicos em que temos a porcaria da esperança de pôr as mãos! Isso é infantil, Ramsey! Se não conseguirmos resolver os probleminhas, a grande questão passa a ser um *simulacro de problema*.

— *Simulacro*, o que é *simulacro*? Pode enfiar no rabo o seu *simulacro*!

Irina caiu na gargalhada. A discórdia doméstica parecia ser um esporte. Ela estivera desanimadoramente fora de forma no outono anterior, mas agora a musculatura começava a ficar rija. Talvez a maior esperança desse casamento não estivesse em consolidá-lo numa gelatina harmoniosa, mas em aprender a tratar o marido do mesmo jeito que ele a tratava.

Ramsey enlaçou-a pela cintura e a derrubou no sofá.

— Vamos arranjar alguma coisa entupida de pimenta para você. É isso que a deixa maravilhada. E mais todo o resto, já que estamos no embalo.

— No Best of India. Eu pulo o prato principal e como um pote atrás do outro de *pickles de lima-da-pérsia*.

Enquanto Irina se deitava no colo de Ramsey e recobrava o fôlego, ele deslizou o indicador por sua testa úmida.

— Qual é a dessa paixão por comida picante? Qual é a atração?

Com a cabeça jogada para trás, Irina pensou no assunto.

— É como encontrar o equilíbrio... entre o prazer e a dor. Como aqueles queijos tão embolorados que quase chegam a ter um gosto horroroso, mas nem tanto. E, com respeito à pimenta, também tem a ver com a sensação. Uma sensação bruta. No limite extremo.

— Sensação, é? — repetiu Ramsey, deslizando a mão sob a cintura do jeans de Irina. — Eu lhe mostro o que é sensação.

Não chegaram a ir ao Best of India nessa noite. Mas, com ou sem pickles de lima-da-pérsia, Irina ainda passaria algum tempo buscando o equilíbrio entre o prazer e a dor.



PARA RAMSEY, DESFAZER -SE em caráter permanente de um tema de discórdia era jogar fora uma coisa que ainda serve. Por isso, a questão de como Irina recuperaria seus instrumentos de trabalho ficou longe de ser resolvida e consumiu praticamente todas as noites das semanas seguintes. Esgotada pelas reiteraões de que *realmente* havia superado Lawrence, pelas múltiplas garantias de que *não estava* conspirando para arranjar um encontro romântico, e pelas trabalhosas desconstruções pós-modernas do que ela pretendia dizer, exatamente, ao falar em querer descobrir se o ex estava “bem” Irina negociou uma solução de compromisso: buscaria suas coisas no apartamento enquanto Lawrence estivesse trabalhando, mas sem Ramsey. Conseguiu convencê-lo de como seria pavoroso se, por algum acaso, por mais improvável que fosse, Lawrence escolhesse justamente essa tarde para chegar cedo em casa e encontrasse não apenas a ex-parceira, surrupiando suas posses em surdina, mas

também o canalha que a havia roubado. Se ela apelou para a covardia de Ramsey, também empregou uma habilidade que, não fosse por tê-lo conhecido, talvez houvesse continuado latente para sempre.

Mentiu.

Na verdade, secretamente mandara um e-mail para Lawrence, usando o computador de Ramsey. O diálogo tinha sido rápido. Lawrence concordara em faltar ao trabalho numa tarde e encontrá-la no apartamento.

A ironia de recorrer à dissimulação para se encontrar com Lawrence, tal como um dia fizera para se encontrar com Ramsey, não escapou a Irina. Mas não havia a menor chance de ela desaparecer furtivamente do Borough, fazendo Lawrence vivenciar a entrada em sua própria casa como um murro no queixo. Além disso, o que a impelia mais intensamente a arranjar um encontro com o ex era algo que ela relutava em explicar. Desde o regresso de Sheffield, rompendo a neblina da embriaguez sexual, uma visão num canto de seu pensamento tornara-se cada vez mais insistente.

Era tarde. Passava das oito, talvez nove da noite. Sem ninguém para se levantar rapidamente à sua chegada e correr à cozinha para fazer pipoca, ele não tinha motivação para reduzir o trabalho, para o qual se voltara furiosamente nos meses anteriores. Nessa noite, depois de se demorar no escritório, circulando a esmo por sites da internet, por fim ele percorreu lentamente a calçada ao longo do Tâmis, sob a garoa fria de uma primavera gelada. Usando calças pretas desbotadas da Dockers e uma camisa social de listras marrons e pretas de que Irina sempre gostara, enfiou as mãos nos bolsos da imitação de jaqueta de beisebol da década de cinquenta, que tinha ganhado de presente, no aniversário de quarenta anos. Talvez essa jaqueta devesse ter se tornado repugnante para ele. Ao contrário, todos os presentes de Irina, recentemente limitados, tinham se tornado mais

preciosos. Ele insistiria em usar essa jaqueta no trabalho até muito depois de ela se tornar quente demais para a estação.

As luzes do South Bank, do outro lado do rio, cintilavam com todas as peças de Shakespeare e Pinter para as quais um dia ele havia desejado arranjar tempo. Agora, não conseguia se imaginar com iniciativa para assistir a uma delas. Sozinho, nem pensar. A rampa da Blackfriars Bridge pareceu-lhe mais íngreme que de hábito. À esquerda, a Tower Bridge reluzia ao longe. Suas torres de contos de fadas costumavam parecer, se não bonitas, ao menos cômicas, mas agora eram apenas artificialmente formais. Se a caminhada também lhe pareceu mais longa do que antes, ele desejou que demorasse ainda mais.

Ao se aproximar do apartamento, examinou o pesado bairro pós-industrial, com seus remanescentes vitorianos de tijolos vermelhos. Buscou seu antigo sentimento de posse, satisfeita por ter se incorporado a um território dickensiano distante do lixo de Las Vegas. Em vez disso, tornou a se sentir estrangeiro, e se perguntou o que estava fazendo ali. A mudança para a Inglaterra tinha parecido uma aventura bem calibrada, a princípio. Os naturais do país falavam inglês, ao menos nominalmente. Um norte-americano podia captar as nuances e realmente vir a compreender o lugar. Mas, agora, a Inglaterra parecia outro lugar qualquer, um lugar de que ele não fazia parte. Perguntou a si mesmo se não estaria na hora de levantar acampamento e voltar para os Estados Unidos. Continuava a preferir a companhia dos norte-americanos, que não pareciam ter engolido um cabo de vassoura. E talvez o retorno para os Estados Unidos afastasse a sensação confusa de que ele sofria quase todas as noites: um desejo esmagador de voltar “para casa”, embora já estivesse nela.

Subiu lentamente para o primeiro andar, como diziam os britânicos, enquanto ele insistia em chamá-lo de segundo. A lâmpada da minuteria da escada havia queimado.

Sempre fora Irina quem chateava a empresa administradora para que os consertos fossem feitos com rapidez. Do lado de dentro, o apartamento também estava escuro. Ele se esquecera de abrir as cortinas de

manhã. Sem as luzes da rua brilhando pelas janelas, bateu à procura do interruptor. O apartamento não estava em estrito silêncio.

Passada a hora do rush, o trânsito na rua Trinity ainda era pesado. Mas o ronco dos motores e o guincho irritado das buzinas lá fora não proporcionaram um sentimento reconfortante de animação humana por perto. Meramente frisaram a existência de vários milhões de estranhos para os quais ele não dava a mínima.

Grande surpresa: ligou a televisão. Seu vozerio podia constituir um lembrete de um grande número de noites mais felizes desperdiçadas diante do aparelho, mas ele não, era o tipo de sujeito que fica pensando no que poderia ter sido. A BBC2 anunciou a transmissão, dali a pouco, do Campeonato Mundial de Sinuca, em Sheffield. A maioria dos homens em sua situação se apressaria a mudar de canal. Ele resolveu deixar a sintonia onde estava. Gostou da ironia. Talvez até gostasse de se torturar, embora as circunstâncias parecessem torturá-lo sem sua ajuda. Além disso, não achava que manter a sinuca como pano de fundo constituísse um ato de masoquismo. Estava encarando a realidade olho no olho. Talvez corresse o risco distante de sintonizar naquele sacana desgraçado. Mas ele era forte. Era capaz de encarar também o sacana desgraçado olho no olho. Sempre havia o perigo de enfiar um murro no meio da tela. A satisfação talvez valesse algumas centenas de libras. Ele gostou dessa imagem. Foi à cozinha buscar uma bolacha com creme de amendoim.

Estava decidido a fazer refeições adequadas, com legumes. Até o momento, porém, quando chegava a hora em que mordiscava um punhado dessas bolachas com creme de amendoim, não conseguia encontrar disposição para cozinhar brócolis no vapor. Parou diante da tábua de carne, recolhendo as migalhas. Seus olhos percorreram a cozinha.

As prateleiras junto ao fogão continuavam repletas de todos aqueles condimentos com os quais ele não tinha ideia do que fazer, embora um bom terço do conjunto, aparentemente, servisse para salpicar na pipoca. Os temperos ficariam velhos. Até lá, as longas fileiras de potes comporiam um papel de parede sofrível. É claro que todos os cômodos do apartamento

traziam a marca da mão de Irina. A única vez em que ele havia tentado participar da decoração tinha sido ao fincar pé contra aquela mesinha de mármore verde. Agora, no entanto, vejam só, ele a adorava. Era na cozinha, porém, que a presença dela era mais insistente. Condimentos misteriosos das Índias Ocidentais e da Tailândia, quando tudo que ele queria era mostarda. A barulheira invasiva da máquina para massas, do processador, do moedor de carne, quando uma faquinha afiada bastaria. Ele poderia enfurnar toda aquela tralha em caixotes. Mas se recusava a fazê-lo.

Perambulou novamente até a sala, levando uma cerveja, e ficou semirreclinado, como sempre, no sofá verde; ainda não havia sentado na poltrona dela. Era gostoso ali.

Irina fizera um bom trabalho, ao encontrar todos aqueles móveis excêntricos, que de algum modo combinavam, e por uma pechincha. Como era avarenta! Ainda seria?

(Aquele miserável era cheio da grana.) Se ao menos ele tivesse recebido um aviso, teria gastado mais dinheiro. Com ela. Ido a lugares.

Era o tipo de coisa em que as pessoas pensavam no leito de morte. Sabe, por que não usei todo o limite dos meus cartões de crédito? Bem, ele ainda não estava morto.

Apenas sofrido. Superaria isso. Ainda eram os primeiros tempos, e era fatal que fossem os piores. Era preciso pensar naquilo como qualquer outra forma de disciplina, como, enfrentar todas as outras coisas que o sujeito não quer fazer — revisar o artigo sobre o processo de paz de Ulster para aquele idiota do National Interest, fazer abdominais na academia. Enquanto ele ponderava, praticamente todas as suas tarefas diárias enquadraram-se na categoria de coisas que ele não queria fazer.

Deus, ela devia ter passado uma semana inteira fazendo aquelas cortinas, com forro e tudo. Nunca tinha feito cortinas, mas tinham saído como as de um profissional.

Irina era jeitosa.

Curiosamente, as lembranças dela eram mais consoladoras do que dolorosas. O que não fazia muito sentido. Ele sabia que devia estar com

raiva. Sabia que provavelmente estava. Sabia que ficaria melhor se a odiasse, não necessariamente muito, mas um pouquinho. Mas não queria odiá-la, e isso não vinha de uma forma natural, e era provável que não adiantasse mesmo. Ela era uma perfeita idiota, e isso era uma pena.

Mas idiota não era o mesmo que má. Talvez essa fosse uma distinção que ele deveria ter admitido algum tempo antes.

Não queria pensar assim — no que estava sentindo. Preferia pensar no que fazia e no que iria fazer. Mas Irina não percebia que não pensar no que se sentia não era igual a não sentir nada. Ele não gostava de ficar sem jeito, e tinha suposto que ela compreendia. Mas parecia que não. Ou talvez ela simplesmente não desse a mínima para o que ele sentia, embora lhe fosse difícil acreditar nisso. De qualquer modo, quanto a essa merda de sentir, agora só havia uma regra, que ele se impunha com disciplina militar: estava livre para pensar em qualquer outra coisa que quisesse. Mas era absolutamente proibido imaginar que ela pudesse voltar.

A sinuca não foi muito fascinante. Ele não soube dizer se foi o jogo em si — Graeme Dott, que parecia ter uns quatro anos de idade, e aquela fuinha do Peter Ebdon, que vivia dando socos no ar quando vencia, feito um idiota — ou se era seu estado de ânimo. (Se o Sacana Desgraçado estivesse no ar, talvez ele até achasse revigorante esse exercício de antipatia. Mesmo assim, ficou aliviado por não vê-lo.

Passara quase doze horas no escritório nesse dia, e estava cansado.) Diante desse esporte, talvez sempre viesse a se retrair um pouco, de agora em diante. Mas não via razão para renunciar por completo à sinuca. Na verdade, resistia a deixar que ela lhe fosse tirada, junto com todo o resto. Cara, quem poderia adivinhar que um passatempo tão inofensivo produziria consequências tão cataclísmicas? Por outro lado, se não tivesse sido aquele cretino narcisista e mentiroso, talvez fosse outro canalha. Pessoalmente, ele era confiável, inteligente, honrado — até Irina concordaria com isso —, mas talvez essa fosse apenas outra maneira de dizer que era o tipo de homem que, mais cedo ou mais tarde, as mulheres abandonavam.

No fim da noite, permitiu-se mais uma cerveja. Decidiu reduzir novamente o consumo noturno a apenas uma. Escovou os dentes. A escova dela estava bem ali, onde fora deixada. Ele tinha que se lembrar de diminuir o termostato e pôr a corrente na porta, porque essas eram tarefas de Irina. De modo geral, porém, o curso de suas noites não tinha realmente mudado muito desde a separação. É verdade que ele comia bolachas demais com creme de amendoim e comida indiana para viagem. Sentia falta da comida dela, mas não tanto quanto ela poderia esperar. A comida não lhe era tão importante, nem de longe tão importante quanto para Irina. A coisa de que ele mais sentia falta — por mais indecoroso que isso pudesse parecer — era de Irina fazer as compras.

E havia mais um ritual-padrão que ele tivera de abandonar. Tentara seguir o roteiro de praxe uma vez, mas acabara chorando. Portanto, não podia comer pipoca. A imagem de um homem adulto debulhando-se em lágrimas em cima de uma tigela de pipoca era humilhante demais para ser repetida. E ele tinha posto sal demais, de qualquer jeito. A parte de baixo havia queimado; o pipocar sob a tampa fora chocho e intermitente. Os grãos estourados de má vontade tinham ficado duros e haviam grudado em seus dentes. Ou na garganta, talvez.

Na cama, ele leu algumas páginas e pensou em se masturbar. [Esse era o ponto em que a imaginação de Irina empacava; ela nunca soubera o que se passava na cabeça de Lawrence quando ele tinha uma ereção, e continuava a não saber.] Decidiu que era trabalho demais. Teria que levantar e buscar uma toalhinha para deixar por perto, ou fazer uma sujeira.

Havia trabalhado bastante nesse dia, escrevera umas boas dez páginas do artigo para a Foreign Affairs . Malhara com afinco na academia e não tinha almoçado.

Devia estar satisfeito consigo mesmo. Mas a única coisa que lhe agradava era ter acabado mais um dia.

As regras de etiqueta sobre essas ocasiões eram obscuras, mas, por precaução, Irina bateu à porta. Tinha a chave, e essa deferência lhe pareceu falsa. No último minuto, enfiou às pressas a aliança de casada no bolso. Daria a notícia com delicadeza, no momento apropriado — e qual seria o momento apropriado?

Quando Lawrence abriu a porta, ela levou um pequeno susto: até então nunca o havia percebido como um homem solidamente instalado na meia-idade. Os últimos meses deviam ter cobrado um tributo. Ou talvez tivessem permitido que ela o visse com a idade que Lawrence realmente tinha.

— Oi — disseram os dois, timidamente. Lawrence deu-lhe um beijo hesitante no rosto.

— Café? Ou você prefere começar a fazer as malas?

— Vamos tomar um café primeiro — disse ela, mesmo não querendo nenhum. Seguiu-o até a cozinha. O apartamento estava arrumado e não houvera nenhuma mudança. Já que agora essa era a casa dele, Lawrence prepararia o café.

Irina ficou por perto enquanto ele moía os grãos.

A despeito do que ele pudesse estar dizendo, foi impossível prestar atenção.

O apartamento em si a distraía demais. Entrar naqueles cômodos era visitar não apenas o passado, mas um presente alternativo, e a simples realidade física dos dois exercia uma atração alarmante, tentando Irina com a facilidade com que ela poderia simplesmente pendurar a bolsa no suporte e nunca mais voltar para Hackney. Havia no apartamento um segredo que ela precisava decifrar.

Enquanto Lawrence conversava fiado, dizendo alguma coisa sobre uma arruela da torneira de água quente, o olhar de Irina saltitou da prateleira de condimentos para as anchovas espanholas e para o antigo rosto de Lawrence, como num avanço rápido do filme, enquanto ela avaliava o que sentia. Como fora essa vida?

Teria sido deficiente em algum aspecto, será que tudo fora uma farsa? Não... A vida no Borough era simplesmente diferente da vida no East End. Conhecida; mas qualquer lugar e qualquer pessoa com quem se ficasse passaria a sê-lo. Irina não se sentiu infeliz ali; eles deviam ter tido um convívio agradável. Era um pouquinho abafado, contido, mas o veredito de seu primeiro retorno foi que ela poderia ter partido ou ficado. E de que adiantava *isso*?

— Então? — indagou Lawrence, depois que os dois levaram o café para a sala nas xícaras habituais, embora não tivesse posto leite suficiente no dela. — Está tudo bem com você?

— Estou ótima.

— Você parece pálida. E magra demais.

— Tenho dormido pouco — foi a resposta. Embaraçada com o que isso parecia implicar, acrescentou: — Nas últimas semanas. Tivemos uns conflitos.

Leva horas para resolvê-los.

Em quinze minutos ela já estava divulgando confidências.

Lawrence tinha um senso de decoro mais rigoroso e não perguntou sobre o que eram os conflitos.

— Você e eu nunca brigamos muito — continuou ela, sem jeito. — Não sou muito boa nisso.

Os olhos de Lawrence se espremeram.

— Ele não bate em você, bate?

— Não, nunca!

— Se algum dia ele puser as mãos em você, arrebento os dedos dele.

Irina sorriu e disse: — *Desafio à corrupção*.

— Boa sacada. Pelo menos ele não a transformou numa completa idiota.

Ela deu um suspiro.

— Ah, vá em frente, divirta-se. Você conquistou esse direito.

— Não *conquistei* nada, isso foi jogado em cima de mim. E não é divertido.

— Eu me preocupo com você, Lawrence.

— E de que adianta?

— Nada. Mas seria assustador se eu não me inquietasse.

Você não se preocupa comigo?

— Os hábitos são difíceis de largar.

— Por falar em hábitos, antes que eu me esqueça — disse Irina, remexendo na bolsa. — Eu lhe trouxe um presente. — E lhe entregou um saco plástico. — É pequeno e bobo.

Lawrence pegou o pacotinho de uma mistura vermelho-escura e o fitou, sem compreender.

— Puxa, obrigado! — exclamou. Não fazia ideia do que era.

— É tempero para pipoca. Um dos seus favoritos. É difícil de achar. Eu sabia que o nosso tinha acabado — explicou; o *nosso* tinha sido um lapso, mas corrigi-lo só faria piorar as coisas —, por isso, quando vi o *chutney* de alho em pó no East End, comprei um pacote pra você.

Ao ver Lawrence segurando frouxamente o pacotinho no colo, ela se deu conta de que fora um gesto impensado. Em sua alegria por topar com aquele *masala* obscuro na loja indiana da Roman Street, tinha se lembrado de que a súbita alergia de Lawrence à pipoca só se havia materializado em sua imaginação.

Com certeza, havia ponderado, ele ainda comia pipoca com cerveja toda noite, porque um homem tão metódico encontraria alívio no ritual, na mesmice. Mas, nesse momento, suspeitou que sua intuição inicial de que o aperitivo se tornara um anátema para ele, da noite para o dia, provavelmente estivera certa. Ficou claro que o *chutney* de alho em pó o deprimiu. Quando Lawrence o pôs de lado no sofá, Irina chegou a se perguntar se, tão logo saísse, ele o jogaria no lixo, quem sabe levando-o imediatamente para uma das latas de lixo de rodinhas nos fundos do edifício, como costumava desfazer-se

prontamente das carcaças de galinha, por medo de que começassem a cheirar mal.

Irina desculpou-se: — É incrível eu não ter aparecido aqui com um saco de mantimentos e sua roupa lavada a seco.

— Você não é mais responsável por mim.

— É engraçado. Eu acho que sou. Depois que a gente assume certo tipo de responsabilidade, não sei direito se tem liberdade para descartá-la.

— É claro que tem — disse ele, com ar indiferente. — Escute, vou ficar bem. Quanto a nossa separação, ela não tem nada de extraordinário. Não é que eu a quisesse. Mas vou superar. Dizem que leva mais ou menos um ano.

— Você nunca foi de dar muita importância ao que *dizem*.

— É. É provável que seja besteira.

Apesar do arremedo de pragmatismo, Lawrence tinha dificuldade de olhá-la de frente. Fixou o olhar uns quarenta e cinco graus à esquerda do rosto de Irina, como se houvesse uma terceira pessoa sentada à mesa de jantar, e continuou: — A propósito, ofereceram-me a opção de ir à Rússia no mês passado. Um grande projeto na Tchetchênia, mas eu o dispensei.

— Fico surpresa. Por que você não foi?

— Não deixe isso lhe subir à cabeça, mas... a Rússia está muito misturada com você. Até a língua. Achei que ouviria *Privyet, milyi!* na rua, sabe, e confundiria isso com sua voz. Talvez, se tivéssemos conseguido ir juntos a Moscou... Mas isso é leite derramado, eu acho. Engraçado, pensei que estivesse realmente interessado no lugar. Quando a verba do projeto foi aprovada, no começo fiquei animado. Mas, sem esta... associação... Descobri que não estou nem aí para essa porcaria de Rússia. É meio esquisito.

— *Nu shto zhe tak* — lamentou Irina. Mas a língua soou dissonante, exatamente como o *chutney* de alho em pó, como se reivindicasse uma intimidade a que ela havia renunciado.

— Eu sabia que você voltaria — comentou Lawrence. — As suas ilustrações para *A menina habilidosa* têm que ser entregues até o fim da semana que vem, e você é profissional.

— Você se lembra do meu prazo?

— Eu me lembro de tudo que é importante para você, e a que você dá importância.

— Estou meio atrasada nesse projeto — admitiu Irina. — Consegui um adiamento do prazo.

— Nunca a vi entregar um projeto com atraso. Mas você não pode ter desenhado muito nos últimos meses. A não ser que o milionário tenha lhe comprado um novo jogo de material de pintura.

— Não, tem sido uma espécie de férias improvisadas.

— E deve ter sido uma festa e tanto. Seu corpo está magro, mas o rosto está empapuçado.

— Eu já lhe disse, preciso dormir mais.

— E está fumando.

— Só um pouquinho!

— Dá para sentir o cheiro — retrucou Lawrence, mas se interrompeu. Não era esse o caminho que queria que o encontro tomasse. — Sei que você me acha opressivo. Mas só quero que você se cuide direito. É só isso. Não estou tentando *controlá-la* nem nada.

— Eu não disse isso.

— Imagino que agora você saiba me ensinar uma ou duas coisinhas sobre a sinuca! — comentou Lawrence, com falso entusiasmo.

Irina sorriu com um canto da boca.

— Mais do que eu desejaria.

— Tome cuidado com o que deseja.

— Não desejei a sinuca. Ela fez parte do pacote.

— Sei lá o que você desejava, mas isso é problema meu.

— Não espero que você compreenda.

— Ótimo. Não compreendo — disse ele. Pareceu lutar com alguma coisa e vencer. — Você não pode negligenciar o seu trabalho, Irina. Vai se arrepender. A mim você pode abandonar, se quiser, mas conserve isso.

— Foi uma grande mudança. Ainda não cheguei a um ponto de equilíbrio.

— Você tem ido a todos os torneios dele?

— Até aqui — respondeu ela, cautelosa.

— Se não tomar cuidado, ele vai *devorá-la viva* — disse Lawrence, assumindo a voz da consciência de Irina. Era o papel que sempre assumira, donde não era de admirar que ela tivesse fugido. A consciência da gente nem sempre é uma companhia encantadora.

— Você deveria confiar em mim — disse ela, sem pensar, já que era uma réplica previsível.

— Eu confiava.

Irina baixou os olhos.

— Receio que eu nunca volte a ser a mesma. Ainda não me sinto *bem*. De modo estável. Confiável.

— Eu não teria gostado de que você ficasse comigo por virtude. Como se me fizesse um favor — retrucou ele, dando de ombros. — Você devia fazer o que queria.

— O que eu *queria* não era tão simples assim.

— É claro que era — disse ele. Seu rosto pendeu para o lado, como água num balde. Outras pessoas interpretariam essa expressão como sarcasmo, mas Irina viu que era um aperto de angústia que Lawrence estava tentando disfarçar.

— Você queria transar comigo, ou com algum outro sujeito.

— Naaão... Uma das coisas que eu queria era ser uma mulher capaz de manter sua palavra.

— Nunca nos casamos. Você não quebrou promessa alguma.

— Acho que quebrei. Sempre tive a esperança de ser uma mulher que ama o mesmo homem por muito tempo. Agora já não

posso ter isso. Mesmo que eu fique com o Ramsey até que a morte nos separe, terei deixado você. No começo, fiquei aborrecida por ter traído você; agora, fico aborrecida por ter traído a mim mesma.

Lawrence nunca se sentira à vontade com esse tipo de conversa, e continuava constrangido.

— Não se culpe por minha causa. Sou um *sobrevivente* — disse. O tom dele foi amargo, como quem dissesse “Veja a que clichês você me reduziu”. Na verdade, a cena toda pareceu embarçá-lo, como o tipo de melodrama na vida dos outros que despertava seu desdém, e ele se levantou: — Vamos pôr mãos à obra?

Irina empurrou o copo de café na mesinha de centro. O pouco que havia bebido deixara seu estômago embrulhado. Imaginar Lawrence jogando ralo abaixo a maior parte do café torrado guatemalteco que ela havia comprado, depois que se retirasse, foi insuportável.

— Acho que sim.

No estúdio, várias caixas de papelão desmontáveis estavam encostadas na prancheta, em cima da qual havia um rolo de fita adesiva, uma pistola para sua aplicação e uma caneta hidrocor preta, todos ainda na embalagem da Ryman.

Havia também uma pasta nova para os desenhos; Lawrence tinha comprado uma marca cara.

— Todo esse material de embalagem deve ter custado caro. Você devia me deixar reembolsá-lo...

— Não seja idiota.

Enquanto ele montava rapidamente uma caixa, sua postura profissional permitiu que Irina cuidasse da tarefa com um estoicismo similar. Se eles ficassem todos chorosos por causa de cada pincel, Lawrence deixou implícito, passariam uma semana ali.

— Lawrence, posso fazer isso sozinha.

— Será mais rápido se o fizermos juntos — retrucou ele, com ar sombrio. — Ande logo, comece!

Irina arregaçou as mangas e se concentrou em verificar qual seria o material sem o qual não poderia viver e qual tinha sido apenas um flerte passageiro e que seria improvável tornar a usar, como o jogo de pastéis oleosos Cray Pás. Voltado para prateleiras inteiras de lápis, bastões de carvão e tintas coloridas que teriam que ser levadas, Lawrence os embrulhou em rolos cuidadosos de páginas de edições antigas do *Daily Telegraph*. Era um homem diligente, mesmo ao se dedicar à destruição sistemática de seu próprio universo. No fim, ambos pareceram extrair um prazer perverso de se empenharem novamente juntos num projeto, e ficaram tristes depois que as caixas foram lacradas com fita e rotuladas, e as pastas amarradas.

— Não quer levar mais nada? — perguntou ele, apontando para as gravuras nas paredes.

Irina se encolheu, exclamando “Não!” A ideia de retirar um só componente da paisagem familiar do ex-parceiro era apavorante.

— E quanto a suas roupas?

— Não sei... não tenho onde colocá-las. Você conhece a arquitetura britânica, não há praticamente nenhum *closet*, e a Jude levou embora os armários dela. Comprei algumas coisas, e o Ramsey tem... muita roupa.

Nesse momento, a dança das cadeiras do romance moderno afigurou-se, no mínimo, uma mixórdia organizacional.

Aparentemente, o fenômeno que mais impulsionava a demanda de imóveis em Londres era o divórcio, que exigia duas residências onde, em certa época, uma só moradia era o bastante. Será que a monogamia não era mais eficiente? Quantas vezes na vida a pessoa queria realmente comprar um liquidificador?

— Ele é meio dândi — comentou Lawrence.

— Eu sei... você quer dizer veado.

— Bem que eu gostaria que fosse — retrucou ele, com um sorriso. Estavam brincando.

Irina foi até o quarto e correu as mãos por suas peças elegantes garimpadas em brechós, que eram medíocres, se comparadas às roupas que Ramsey lhe havia comprado e para cujas etiquetas de preço nunca olhara nem de relance. Na verdade, ela se sentira constrangida por aparecer nessa tarde com uma blusa que Lawrence nunca tinha visto. Como principal encarregado da lavagem de roupa do casal, ele conhecia intimamente cada meia soquete de Irina e demonstrava apego em relação a suas blusas mais esfarrapadas. Gastara cinco libras num preparado para tirar manchas de açafraão daquela blusa azul desbotada de gola rulê quando o suéter em si tinha custado uma libra e meia na Oxfam. Por ter esbanjado tanto cuidado com as roupas, Lawrence tornara-se mais dono delas do que Irina, que fechou o armário de mãos vazias.

— Mais uma coisa — disse Lawrence na sala, sem erguer os olhos da *Economist* da semana anterior. — Sua mãe. Ela ligou várias vezes. Inventei uma desculpa sobre termos estado enrolados demais para ir a Brighton Beach no último Natal, mas ela está nos esperando este ano. É óbvio que você não lhe contou que estamos separados. Acho que não é do seu interesse eu fazer as honras. Portanto, resolva isso.

— Ela gosta de você — afligiu-se Irina.

— E eu não a suporto, e daí? Não quero ter que atender a esses telefonemas de novo.

— Eu conto a ela — disse Irina, com a voz carregada de pavor.

— E, então, o Babaca vem buscá-la?

— Não. Eu devo pegar um táxi.

— Deve. Agora você recebe ordens?

— Sempre pareço receber ordens de *alguém*.

Lawrence telefonou para chamar um radiotáxi e conversou com o atendente da central telefônica sobre arranjar um carro com uma mala espaçosa. (O diálogo demorou mais do que o necessário, porque Lawrence se recusava a dizer *boot*, como os ingleses, e o atendente se recusava a compreender *trunk*, a mala dos norte-americanos.) Ele desceu com as caixas de papelão e não permitiu que Irina carregasse nenhuma. Esperou ao lado dela junto ao meio-fio, carregou o carro e tirou uma nota de vinte para cobrir a corrida.

Irina hesitou. Vinte libras eram demais, e Ramsey era rico. Mas objetar talvez implicasse que agora não precisava dele, ou que o gesto não a havia comovido.

Aceitou a nota. Os dois se olharam na calçada.

— Por enquanto, você acha que vai levar isso até o fim? — perguntou Lawrence. Alguma coisa havia mudado. Ele estava aprendendo a perguntar pelo *principal*.

As últimas três palavras foram difíceis de arrancar da boca.

— Acho que sim.

Imagine quão mais difícil seria contar-lhe que estava casada.

— Tome cuidado — disse Lawrence. Não mencionou com quem.

— Cuidadoso teria sido ficar com você — retrucou ela, em tom débil.

— Não beba demais!

— Não vou beber.

— Trate de fazer algum trabalho!

— Farei algum trabalho.

— E *pare de fumar!*

— “*Sempre usarei meu chapéu*” — cantou Irina, lembrando *Amahl e os Visitantes Noturnos*. O diálogo da ópera na separação entre mãe e filho (*Lave as orelhas! Sim, prometo. Não conte mentiras! Não, prometo. Sentirei muito sua falta...*) sempre a deixara com arrepios na nuca.

— Você devia levar esse CD — disse Lawrence. — Gosta de tocá-lo no Natal. Irina vasculhou o rosto do ex-companheiro.

— *Por que você é tão bom comigo?*

— Você foi boa para mim por quase dez anos — retrucou ele, em tom brusco. — Por que isso não teria nenhuma importância, pelo simples fato de não virem a ser onze?



UMA VEZ ASSINADO O ACORDO da Sexta-feira Santa, Lawrence passou a ser chamado quase todas as noites para esbravejar contra ele na televisão.

Naturalmente, enquanto aguardava seu retorno, Irina sintonizava qualquer programa em que ele fosse aparecer. Lawrence ficava bonito com seu terno marrom — inquietantemente bonito —, e sua lucidez acelerada diante das câmeras também a deixava tensa. Ninguém imaginaria que, poucos anos antes, essa celebridade surgida da noite para o dia fazia trabalho temporário em livrarias e, nos fins de semana, plantava-se com ar tristonho diante das partidas de golfe televisionadas. Embora ela não dissesse que tinha saudade daqueles tempos difíceis, havia em Lawrence, quando ficava abatido, derrotado ou triste, a oferta de algo que simplesmente não estava disponível quando ele se mostrava cheio de si. E cheio de si ele estava, com certeza. Será que ao fazer todos os esforços para “apoiá-lo” Irina havia criado um monstro? Quanto mais deslumbrantemente autossuficiente se tornava, menos Lawrence parecia necessitar dela. Portanto, ao lhe insuflar autoconfiança durante todos aqueles anos, talvez ela houvesse eliminado sua própria função de modo sistemático, como membro de uma forçatarefa interna especial, designada para enxugar a empresa, cuja derradeira incumbência é despedir a si mesmo.

Assim, provavelmente foi por esse medo de se tornar supérflua, e pelo nervosismo ante a perspectiva de ser rebaixada de

parceira do mesmo nível a serviçal que aquecia o jantar do Grande Homem no micro-ondas, à meia-noite, que Irina se descobriu assistindo às entrevistas dele com um olhar enciumado.

Lawrence tendia a se mostrar negativo a respeito do acordo por não ter esperado que ele viesse; justamente na semana anterior à Sexta-feira da Paixão, havia previsto que o impasse em torno dos *órgãos transnacionais com poderes executivos* manteria o litígio entre as partes durante anos. Ele odiava errar. Irina não conseguia compartilhar sua indignação com a libertação dos prisioneiros. As vítimas deles estavam mortas; o que mais se poderia ganhar mantendo os criminosos na cadeia? Lawrence desdenhava desse tipo de raciocínio, mas será que algumas sentenças encurtadas não eram um preço pequeno a pagar pelo término de toda aquela matança? Ela jamais diria uma coisa tão impiedosa em voz alta, mas quando seu parceiro citava *ipsis litteris* trechos inteiros do acordo, soava pedante, como o garoto que sabe todas as respostas e é desprezado pelos colegas de turma.

Então, após várias noites da mesma rotina, ela se permitiu o luxo de assistir a um canal em que Lawrence com certeza *não* apareceria — a BBC1, que nesse momento transmitia o Aberto da Inglaterra. Quis o acaso que Ramsey Acton estivesse jogando. Desde Bournemouth, Lawrence andava inexplicavelmente menos interessado na sinuca; assim, tendo visto pouquíssimos jogos durante meses, Irina havia acumulado certo apetite pelo esporte. Depois de tanta pontificação bombástica sobre a paz e os paramilitares, era glorioso ver um homem fazer seu trabalho de boca fechada. Como Lawrence ainda não havia mencionado a possibilidade de voltar a jantar com Ramsey, os torneios ocasionais televisionados ofereciam a Irina seu único acesso ao velho amigo.

Não havia dúvida: Ramsey era uma bela figura de homem. Talvez Irina nunca tivesse propriamente se arrependido de não o ter beijado naquele aniversário, mas ao acompanhá-lo nas tacadas

sucessivas com que ele chegou a 132 pontos renovou seu apreço pela tentação. Ramsey executou uma série de insólitas matadas longas, engenhosas tacadas duplas e incríveis jogadas em ângulo, com uma graça e um *savoir-faire* hipnóticos. Apesar desse desempenho impecável, uma sugestão sutil na postura dele — a de quem mais suporta do que impõe, com aquele tipo de coragem que se vê nos enterros — fez Irina lembrar-se de Lawrence nos tempos sombrios da rua 104 Oeste. Ramsey exsudava um ar de mágoa que a levou a ter vontade de estender o braço pela tela e pôr a mão em sua têmpora, para consolá-lo. Por isso, pareceu-lhe uma bobagem, mas como Lawrence ainda não tinha voltado, ela se permitiu encostar o rosto na tela fria.

E deu um salto quando Lawrence entrou pela porta.

— A tela estava empoeirada! — exclamou, esfregando o vidro com a manga.

— Esse é o Ramsey.

— Ora, não é que você tem razão? — fez Irina, em tom descontraído.

— Não venha me dizer que você viu na televisão um cara com quem temos jantado umas duas vezes por ano, desde 1992, e não o reconheceu.

— Bem, agora que estou prestando atenção, é claro que o reconheço...

— Então, pode parar de reconhecê-lo — rebateu Lawrence.

— O segmento do *Newsnight* foi gravado, e a esse eu gostaria muito de assistir.

Sem pedir licença, pegou o controle remoto e mudou para o canal BBC2.

Irina entregou os pontos. Ela costumava manter-se a par das atualidades, mas, nessa noite, francamente, a ideia de mais um noticiário deixou-a muda de tédio.

Por isso, não foi sarcástica ao comentar: — Mas eu não estou interessada nas *questões mundiais*. Só estou interessada na sinuca.



NO COMEÇO DE MAIO, Irina finalmente intimidou seu famoso parceiro sabichão até conseguir levá-lo para um pouco de exercício num sábado. As caminhadas feitas pelos dois na Cornualha, na época do Natal, tinham sido anuviadas pela aflição que ela sentia com o estranho silêncio de Lawrence a respeito de sua iminente viagem à Rússia. Agora que ele não dissera uma palavra sobre o assunto em mais de seis meses, Irina começava a relaxar a respeito dessa história. Ao passar com animosidade pelo Palácio de Buckingham (que, por incrível que pareça, ainda estava cheio de murchas homenagens florais a Diana, espalhadas por toda parte), ela ponderou que o trabalho na Rússia devia ter sido cancelado.

Infelizmente, foi preciso abreviar a parte da caminhada que era a favorita de Irina, o circuito pelo Hyde Park e pelo Kensington Gardens, porque Lawrence precisava encontrar um banheiro — ou, melhor dizendo, “tinha que dar uma cagada”, uma expressão vulgar que a deixava com arrepios. Aliás, ele era jubilantemente explícito sobre suas evacuações e, embora Irina gostasse tanto de intimidade quanto qualquer mulher, aqueles relatórios sobre a textura e a flutuação com certeza configuravam um *excesso de compartilhamento*.

Antes de percorrermos os dois últimos quarteirões para casa, Irina notou que precisavam de umas coisas para o jantar e propôs uma ida rápida ao Tesco, uns dez minutos ao sul.

— Tudo bem — disse Lawrence. — Então, eu encontro você no apartamento.

— Por que não vem comigo? — perguntou Irina. Mesmo não estando tão trabalhados pela musculação quanto os braços de *Bethany*, os dela eram firmes, de tanto carregar vinte quilos de mantimentos sozinha, rotineiramente.

— Detesto fazer compras. Você sabe disso.

— Também não é a minha ideia de diversão. Mas você acha indigno fazer compras? Acha que isso é trabalho de mulher?

— É uma divisão do trabalho. Mais eficiente.

— Não somos uma empresa, somos um casal. E eu gostaria de companhia.

Fechando a cara, Lawrence a acompanhou, relutante. Assim que chegaram ao Elephant & Castle — enfeitado com um gigantesco elefante de gesso que lembrava uma alucinação de alcoólatra, um shopping com um projeto tão suicidamente deprimente que era de admirar que não fosse preciso a pessoa se desviar de clientes pulando do telhado todos os dias —, ele começou a andar vários passos à frente, como que para se dissociar daquela aventura. Quando Irina o alcançou no Tesco, ele lutava violentamente com um carrinho de compras. Desacostumado a fazer compras nesse país, não sabia que era preciso inserir uma moeda de uma libra na abertura correspondente para liberar o carrinho.

— Do que você gostaria no jantar? — perguntou-lhe, enquanto fazia as honras com a moeda. Para os homens, a incompetência era uma artimanha vantajosa: *Sou péssimo nisso; faça-o você.*

— Tudo que você faz é ótimo, Irina — respondeu ele, com ar cansado. — O que você quiser.

Para Lawrence, a ideia de participação nas refeições era comê-las. *Divisão do trabalho.*

Assim, quando Irina propôs “Que tal um frango *kung pao*?”, ele respondeu “Ótimo”, em tom categórico. A carta branca para mandar no cardápio talvez fosse um tipo de poder idiota. Mas um poder concedido com demasiada presteza parecia sem valor.

Abrindo caminho com agilidade entre os fregueses, Irina foi apanhando pimenta, coxas de frango e um sortimento de legumes, além de leite, queijo, presunto, pão e mostarda Coleman’s. Mas perdia Lawrence de vista constantemente, porque ele disparava com

o carrinho quando o corredor estava desimpedido, ou se deixava ficar para trás, emburrado, recusando-se a pedir licença a qualquer pessoa para passar. Até esse momento, estava sendo mais complicado fazer compras com ele do que sem ele — o que, é claro, era exatamente o objetivo dele.

— Para que isso tudo? — reclamou ele, ao ver o carrinho se encher.

— Seus almoços, entre outras coisas. De onde você pensa que vêm os seus sanduíches: das fadas?

O assunto projetou uma sombra. Irina se perguntou o que estaria acontecendo com todos aqueles sanduíches, se ele andava mesmo almoçando fora com a *Bethany* no Prêt-à-Manger.

A escolha do horário tinha sido inoportuna. O pessoal que saía do trabalho havia chegado ao mercado, e as filas dos caixas se estendiam por quinze metros pelos corredores. Lawrence consultava o relógio com frequência, assumindo uma coloração arroxeadada no rosto. Conforme os dois avançaram milimetricamente, ele se recusou a dar o menor sorriso, mesmo quando Irina leu os sabores comicamente exóticos das batatas fritas oferecidas pelo supermercado — “Filé Grelhado na Brasa com Molho de Pimentado-reino”, “*Pasanda* Cremosa de Frango com Coentro”, “Cordeiro Assado com Hortelã”, “Costeleta de Porco com Molho de Cinco Condimentos” —, o que evocava uma refeição inteira a partir de um punhado de carboidratos e mil e duzentas calorias.

— Que acha de batatas fritas ao “Peru Assado Recheado, com Inhame Caramelado, Couve-de-bruxelas Extracozida e uma Taça de Cabernet Merlot”? — propôs. — Ou, então, batatas fritas ao “Salmão com Rúcula, Torta de Queijo com Café e uma Dose Dupla de Conhaque Hennessy XO, Usando um Smoking Vermelho e preto e Assistindo a Reprises do Programa *Yes Minister*”? Aposto que eles poderiam até acrescentar um vestígio de cinza de um cigarrinho pós-digestão.

Lawrence não estava para brincadeiras.

— Porra! — exclamou, quando finalmente conseguiram sair.

— Prefiro passar fome.

— Você passaria fome se eu não ficasse em filas como aquela duas ou três vezes por semana.

— Não sei como você aguenta. Se dependesse de mim, eu viveria de bolachas com creme de amendoim e cerveja, comprados no minimercado.

— Não enquanto você morar comigo. Mas não se preocupe, nunca mais lhe peço para vir. É óbvio que o Tesco é desprezível demais para o Sr. Especialista em Resolução de Conflitos Complexos.

Assim, na volta para o apartamento, o clima estava meio azedo. No entanto, já há muito cansada de seu experimento e convencida de que o assunto fora arquivado, Irina decidiu que era hora de passar a limpo o boato daquela megera pernicioso.

— E, então — disse, em tom casual, desossando coxas de frango enquanto Lawrence lavava a louça —, ouvi mencionarem um assunto na Blue Sky, algum tempo atrás. Alguma coisa sobre uma viagem à Rússia.

— Ah! — suspirou ele, ensaboando atentamente um copo de água que só precisava de enxágue. — Pensei que eu tivesse dito a você.

Cortar um pedaço de cartilagem exigiu uma concentração similar.

— Você sabe que não.

— Bem... acho que eu estava adiando.

— Acho que sim. Quanto tempo você ficará fora?

— Mais ou menos um mês.

— Um mês! — E a faca de Irina fez uma pausa. — Quando será isso?

— Daqui a umas duas semanas.

— Quando é que você pretendia me contar: ao fazer as malas?

— Na verdade, hoje, se você não tivesse mencionado o assunto.

— Agora é fácil dizer isso.

— Eu não ia desaparecer, pura e simplesmente.

Arrancando a pele de outra coxa, Irina tornou a pensar em como achava difícil apenas dizer a Lawrence o que estava pensando, no momento em que o pensava. Forçou-se a fazer uma pergunta ousada: — Você não cogitou me levar?

— Não — disse ele, descartando a ideia e derramando água ensaboada no chão. — Você ficaria entediada.

— É o meu país. Por que haveria de me entediar?

— Não pode ser *o seu país*, se você nunca esteve lá. E você mesma disse que procura pôr a maior distância possível entre você e sua “herança”.

— Procuro pôr a maior distância possível entre mim e minha mãe — retrucou Irina, picando pimentões. — E nunca engoli o sentimentalismo dela sobre um lugar do qual ela saiu quando tinha dez anos. O que não quer dizer que a Rússia não me interesse.

— Esqueça. Sua ida custaria uma fortuna. Os hotéis em Moscou custam uma fortuna para os estrangeiros... e não pense que você seria considerada outra coisa senão isso.

— Eu ganho meu próprio dinheiro, poderia pagar. Além disso — acrescentou com timidez, tirando um pedaço de gordura do frango —, talvez eu pudesse ganhar alguma coisa como sua tradutora.

— A verba da Carnegie cobre a despesa de um tradutor, que seria alguém mais experiente. E estamos tentando arranjar uma viagem adicional à Tchetchênia. Você nunca seria liberada pela segurança.

— Eu não teria que ir à Tchetchênia. Poderia ficar em Moscou.

— Irina, você não está raciocinando! Você tem trabalho para fazer. É uma grande oportunidade para dar uma arrancada, enquanto eu estiver fora.

— Já estou com meu trabalho da Puffin adiantado, e poderia levar meu material de desenho.

— Você não seria produtiva, enfurnada num hotel! — exclamou Lawrence, amassando creme de amendoim numa bolacha.
— E, se fosse, não teria sentido estar na Rússia, para começo de conversa.

Até ali, a conversa fazia lembrar a balada de Peter, Paul & Mary chamada “Cruel War”, na qual uma garota suplica repetidamente ao namorado soldado que a deixe acompanhá-lo na batalha. A moça expõe uma multiplicidade de argumentos, propondo, por exemplo, prender o cabelo e usar um uniforme, fazendo-se passar por colega dele. O refrão, *Não quer me deixar ir com você?*, é regularmente seguido por um pesaroso *Não, meu amor, não* — embora o pesar estivesse visivelmente ausente do desincentivo de Lawrence. Pelo que Irina recordava, todas as súplicas da moça eram em vão, exceto a última — e buscou atabalhoadamente o verso bem-sucedido. *Lawrence, ó, Lawrence!* (está bem, o nome do soldado da música era Johnny, mas o substituto soava bem) / *Acho que você está sendo cruel!* / *Eu o amo muito mais que toda a humanidade* / *Amo-o muito mais do que as palavras sabem dizer* / *Não quer me deixar ir com você?* E por fim, baixinho e sibilante: *Sim, meu amor, sim.*

— Mas eu amo você — deixou escapar Irina, percebendo, ao fazê-lo, que as canções folclóricas sentimentais não eram uma esplêndida fonte de inspiração para quem tentava seduzir um fodão arrogante como Lawrence Trainer. — Não posso obrigá-lo a me levar com você, e vou entender se não o fizer. Mas vou sentir saudade. Não quero que passemos um mês separados.

Infelizmente, o *Sim, meu amor* não veio.

— Eu também não. Mas nós dois temos que fazer o que é preciso, certo? E ninguém mais viaja a trabalho com a mulher ou a namorada. Seria coisa de garoto.

— Se é *coisa de garoto*, isso significa que a *Bethany* não vai?

— A *Bethany* não é mulher de ninguém. É uma colega pesquisadora.

Irina pegou mais um punhado de pimenta.

— Você está querendo dizer que ela vai.

— Não sei... pode ser.

— Você sabe, sim! E “pode ser” significa sim!

— Qual é o problema? Ela fala russo perfeitamente...

— Eu também!

— Mas você *não é* minha colega na *Blue Sky*, *não está* por dentro da guerra separatista na Tchetchênia e *não é* coberta pela verba da Carnegie!

— Você se esqueceu de mencionar que também não sou uma piranha.

A pilha de pimentas picadas tinha proporções montanhosas, mesmo pelos padrões imoderados de Irina, e reluzia com intenções maléficas.

— Escute, nós vamos entrevistar pessoas o dia inteiro, e você se sentiria sobrando.

— Você só está querendo viver sua experienciazinha especial! — explodiu Irina. Por um instante fugaz, sentiu-se atraída pela ideia de jogar dramaticamente todos os preparativos do jantar no chão, mas eles não eram esse tipo de casal. — Você *sabe* que eu poderia ir, desde que pagasse minha viagem, e disse que eu me saio muito bem segurando as pontas com os seus coleguinhas pesquisadores. Mas não quer que eu vá porque quer ficar com toda a Rússia para si, para que ela seja sua, e não minha!

Encostado na bancada, Lawrence piscou os olhos. Não era hábito deles pôr textos velados na conversa, assim como não era hábito de Lawrence admitir que havia algum. Depois de uma pausa, ele disse: — Se estou querendo viver a *minha experienciazinha especial*, que mal há nisso?

— Nenhum — disse Irina, derrotada, inspecionando os preparativos do frango *kung pao* sem o menor apetite. — Exceto que a alternativa seria fazermos alguma coisa juntos, e viver a Rússia como algo que temos em comum, e não como um lugar que você colonizou para si, por ter chegado lá primeiro.

— Irina — disse ele, com uma solenidade incomum —, é importante nós dois conservarmos nossa independência.

— Acho que o nosso problema não é esse, *conservar a independência*.

— Eu não sabia que tínhamos um problema.

— Não — retrucou ela, em tom pesaroso. — Você não saberia.

Se o objetivo da cozinha muito condimentada era buscar um equilíbrio entre o prazer e a dor, parecia possível descambar inteiramente para a dor, ponto final.

O frango saiu apimentado de uma forma sem precedentes, e nenhum dos dois conseguiu comer mais do que algumas garfadas.



A QUINZENA QUE ANTECEDEU a partida de Lawrence para Moscou foi civilizada, mas contida. Em nenhum momento Irina retirou o que dissera sobre a *experienciazinha especial* nem se abrandou em sua mágoa por não ter sido convidada. Chegado o momento de ele ir para Heathrow, ambos concordaram em que não seria *sensato* Irina acompanhá-lo ao aeroporto. Enquanto vigiava a chegada do táxi por uma janela da sala, Lawrence perguntou, com aparente indiferença:

— E, então, você acha que vai sair com alguém enquanto eu estiver fora?

— É claro, suponho que sim.

— Bem... com quem, por exemplo?

Irina inclinou a cabeça, intrigada.

— Com a Betsy. A Melanie. Os suspeitos de praxe.

— E imagino que você se encontre com a sua editora. E com aquela autora com quem está trabalhando.

— Isso mesmo.

Era um diálogo para encher o tempo, e Irina ficou perplexa, sem saber por que ele o teria iniciado. Lawrence conhecia os amigos dela e, quanto às pessoas com quem ela optaria por conviver na sua ausência, era fatal que ela lhe dissesse isso no surgimento dessas ocasiões, ao conversarem por telefone.

— Mais alguém?

A expressão dele era tão ansiosa que Irina entendeu.

Numa outra vida, ou num outro relacionamento, talvez ela fosse capaz de tranquilizá-lo explicitamente. Mas, pelas mesmas razões por que Lawrence se recusava a confessar o que pensava durante as relações sexuais (fossem quais fossem esses pensamentos), os dois nunca haviam conversado sobre o que estivera no cerne daquela noite em Bournemouth, no outono anterior, muito menos sobre o Getsêmane do quadragésimo sétimo aniversário de Ramsey. Se é que um dia o fariam, não era essa a hora nem o lugar — com o ar carregado entre os dois fazia semanas e com o táxi de Lawrence para chegar a qualquer momento.

Mesmo assim, Irina reteve o olhar dele por mais um instante, e imbuíu sua resposta de uma gravidade que rezou para que ele entendesse.

— Não.

O lampejo de alívio no rosto de Lawrence pareceu indicar que a conversa tinha sido um sucesso, mesmo não havendo como

saber ao certo.



ENQUANTO ELE VIAJAVA pela Rússia, Irina foi muito produtiva. Por estar com raiva do parceiro, não sentiu saudade e em nenhum momento zanzou pelo apartamento com aquela sensação vaga, solta e desconexa que a afligira em alguns momentos, durante a viagem a Sarajevo. Levantava-se prontamente ao ouvir o despertador, limpava os grãos de café tão logo ligava a cafeteira e seguia militantemente para o estúdio com sua xícara. Trabalhou com tanto zelo na prancheta que as ilustrações para *A menina habilidosa* correram o risco de ficar elaboradas demais, e concluiu o projeto muito antes do prazo. Nas longas caminhadas de fim de tarde, marchou mais do que passeou. Arranjou tempo para se encontrar com as amigas duas ou três noites por semana, instilando tamanha vivacidade nessas saídas que Betsy chegou a comentar o quanto ela estava em forma. Irina tomou o cuidado de moderar a ingestão de álcool e comer com sensatez, embora não conseguisse resistir a um ou outro cigarro, como um símbolo de desafio no gênero vá-se-danar-Lawrence.

No cômputo geral, foi uma maquininha eficiente, com seu próprio trabalho e seus próprios amigos, e o fato de ficar *muito bem*, obrigada, durante a ausência de Lawrence, trouxe uma satisfação mesquinha. Apesar disso, havia um toque fino e quebradiço nesse muito bem, como se ela tivesse se transformado numa daquelas secas torradas de centeio escandinavas que nunca têm sal suficiente. Se suas noites com um sanduíche de *bacon* devorado às pressas eram de uma simplicidade revigorante, eram simples demais. Talvez fosse constrangedor para uma mulher emancipada dos anos noventa, mas Irina era dotada de um profundo impulso de fazer coisas para os outros, e quando se tratava meramente de levar seu próprio lixo para fora, ou de satisfazer seu desejo de um pãozinho de farinha de aveia com uma fatia de *cheddar*, em geral ela não dava a mínima.

Quando se masturbava, nas tardes mais inquietas, a gratificação era tecnicamente mais acentuada do que quando ela era forçada a depender dos serviços aflitivamente precários de Lawrence. Mesmo nisso, porém, a simplicidade era um mingau ralo. Talvez parte do que tornava o sexo tão mais interessante com outra pessoa era o que havia de errado nele. O mais estrondoso orgasmo ainda parecia banal, se não era compartilhado, e, ao contrário da languidez saciada que se seguia à relação sexual propriamente dita, na solidão não havia um brilho remanescente. Ela sentia falta do aconchego pós-coito — daquela felicitação mútua e silenciosa por um trabalho bem feito.

Assim, sua competência pragmática na solidão durante todo o mês serviu apenas para demonstrar que, quando se morava sozinha, isso era o melhor que se conseguia, e estava longe de ser bom o bastante. Ao voltar das caminhadas para o apartamento deserto, ela não podia falar com Lawrence sobre a invasão irritante de evangélicos norte-americanos na Speaker's Corner, o local liberado para qualquer orador, no Hyde Park, que abafava a voz dos socialistas brancos trepados em caixotes, os quais, depois de Blair, tinham se tornado anacronismos exóticos, só para turistas, como a clássica cabine telefônica vermelha. Não sendo contadas, as histórias não pareciam propriamente ter acontecido. Assim, como seria inexorável, Irina foi novamente remetida à compreensão de si mesma como uma mulher que, mais do que a glória profissional, a prosperidade material, o respeito dos pares ou a camaradagem dos amigos íntimos, ansiava por *um homem*.

Se isso a tornava medíocre, biologicamente banal, não realizada como indivíduo ou carente de amor-próprio, pois que fosse.

O dito homem, entretanto, não vinha sendo comunicativo, até para os padrões de Lawrence. Ele imputava a escassez de seus telefonemas à agenda tumultuada, mas as poucas conversas dos dois

bocejavam com tantas lacunas de silêncio que em certos momentos Irina chegava a imaginar que a ligação tinha caído. Lawrence, é claro, nunca tinha gostado de falar ao telefone, e se seu discurso era composto por relatos de reuniões ou pela recitação de frases feitas sobre as justificativas históricas da secessão tchetchena, ele sempre se refugiava nos fatos. O casal já se atrapalhava bastante para abordar assuntos delicados cara a cara, de modo que o abismo que Irina cavara entre os dois por causa dessa viagem dificilmente seria fechado em telefonemas curtos e caros de um hotel em Moscou. Pelo menos, Lawrence não se ofendia com as vigorosas reiteraões da mulher sobre como sua vida vinha correndo às mil maravilhas na ausência dele; e bem que ela gostaria que ele se ofendesse. Em tempos idos, ambos haviam enfrentado problemas para conceder a mais difícil das licenças românticas: a permissão para um se divertir sem o outro. De sua parte, Irina precisava procurar soar interessada nas aventuras dele. Por que Lawrence não quisera a sua companhia? Por que o prazer avarento de se apropriar do país *dela* como se fosse seu não tinha sido superado pelos benefícios de ambos se apropriarem de toda aquela tundra?



A MÚSICA NO TRINCO DA PORTA de entrada desafinou. A costureira sinfonia tilintante do chaveiro de Lawrence rompeu com dissonância o ar parado da tarde; o arranhar do metal no espelho da fechadura foi abrasivo. Já acostumada a ter o apartamento só para si, Irina sentiu-se invadida. O apartamento também era de Lawrence, disse a si mesma, e não havia nada de pretensioso em ele entrar sem bater. Esperou que o tradicional chamado de acasalamento — *Irina Galina!* — ressoasse no corredor, mas ouviu apenas um arrastar de pés e uma batida.

Lawrence entrou pesadamente na sala e soltou as mochilas dos ombros. Apesar de cansado, parecia mais moço do que ela se lembrava, e decididamente tinha emagrecido.

— Oi! — fez ele, com uma bicota no rosto de Irina, e não a fitou nos olhos.

Para as pessoas íntimas, até as pequenas separações trazem um alheamento, mas, por um instante, a distância entre os dois pareceu tão grande que aquilo bem poderia ser um primeiro reencontro platônico e sem jeito, depois de um rompimento angustiante.

— Oi — disse ela, tímida, e propôs: — Café? Ou você prefere começar a desfazer as malas?

— Claro, vamos tomar um café primeiro.

Lawrence a seguiu até a cozinha, olhando em volta com a curiosidade nervosa de uma visita que só tivesse estado ali uma vez e não se lembrasse direito onde ficava o banheiro. Sem dúvida, só estava confirmando, com o paternalismo de praxe, que ela passara o aspirador no carpete. Mas, zanzando a esmo enquanto ela moía o café, pareceu realmente distraído, o que fez com que os comentários contínuos de Irina sobre os problemas que ela tivera com a torneira de água quente soassem como uma cansativa tagarelice doméstica. Ainda assim, alguém tinha que dizer alguma coisa. Pelo amor de Deus, um mês passado na Rússia não deveria deixar uma pessoa sem saber o que dizer!

— E então? — perguntou Irina, depois de os dois levarem o café para a sala.

Lawrence olhava para seu copo com ar crítico. Gostava do café com menos leite. — Está tudo bem?

— Sim, ótimo.

— Você parece pálido. E mais magro.

— Tenho dormido pouco. Nas últimas noites. Houve alguns conflitos no grupo, por causa de nossa simpatia ou antipatia pelos tchetchenos. Levou horas para resolvê-los. Quanto a estar mais magro, bem, você sabe como é a comida na Rússia.

— Não, para dizer a verdade, não sei. Nunca estive lá.

— Faz dez minutos que eu cheguei e você já quer uma briga?

— Desculpe. Não tive intenção de ser ríspida. Não quero brigar. Além do mais, sou péssima nisso.

— Você melhorou bastante antes de eu viajar.

Era Lawrence quem parecia querer uma briga. Manteve o olhar fixado uns quarenta e cinco graus à esquerda do rosto de Irina, como se houvesse uma terceira pessoa sentada à mesa de jantar. E não bebeu o café.

— Bem, você ficará contente ao saber que a Betsy está do seu lado. Ela me disse: “Ora, é uma viagem de negócios!” E assinalou que se eu realmente quisesse tanto ir à Rússia, poderia pegar minhas coisas e ir sozinha.

— Ela tem razão.

— Eu sei. Foi chato — concordou, tomando um gole de café.

— Mas duvido que eu vá. *Ya nye khotela syezdit v Rossiyu. Ya khotela syezdit v Rossiyu s toboy.*

— Irina, quer *dar um tempo*, por favor? — exclamou Lawrence.

Ela se retraiu. Havia tentado transmitir a ideia com uma ternura conciliadora.

Mas, no *eu não queria ir à Rússia, queria ir à Rússia com você*, ele só ouvira uma reclamação.

— Desculpe. Desenhar é muito envolvente, de certo modo, mas todo o meu trabalho é feito sentada numa sala, e às vezes o invejo por ir a lugares interessantes e conhecer gente nova.

— Bem, a culpa não é minha. Se você quer uma vida profissional com mais aventura, faça outra coisa.

Era desconcertante; os dois estavam dizendo basicamente a mesma coisa, mas a concomitância assumia a forma segura de uma briga. Mesmo quando Irina baixou a cabeça e disse “Sei que a culpa não é sua. É isso que estou dizendo”, continuou a parecer que eles estavam em lados opostos. Ela desistiu e mudou de assunto.

— A propósito, mamãe já está querendo saber se vamos visitá-la no Natal.

— Ah, que ótimo.

— É claro que, em vez disso, sempre podemos ir a Las Vegas... — ameaçou Irina.

— Tudo, menos Las Vegas. Acho que Brighton Beach nos tira dessa.

— Minha mãe gosta de você.

— Eu poderia ser qualquer um, desde que dissesse que o vestido dela é bonito.

Irina sentiu um desespero crescente, na ânsia de oferecer ao parceiro alguma coisa positiva para a qual voltar. Até então, ele havia retornado para uma mulher que estava amarga por ter sido deixada para trás, cujo trabalho era maçante e cuja família era um fardo. Mas ela só conseguiu pôr as mãos justamente no tipo de elogio besta que Lawrence tinha acabado de ridicularizar.

— Por falar nisso, gostei da sua camisa nova.

O fato de ele ter chegado com uma roupa que Irina não reconhecera tinha acentuado seu distanciamento ao entrar. O suéter preto de gola olímpica, com uma risca vermelha em diagonal e pontinhos brancos aqui e ali, que sugeriam o construtivismo russo, era mais ousado e francamente mais elegante do que as roupas que Lawrence costumava usar.

— Ah, é. Eu a comprei em Moscou, no GUM.

— *Você foi fazer compras?* Sem lhe encostarem um revólver na cabeça?

— Não vejo o que há de tão suspeito nisso. Já comprei coisas na vida.

— Eu não disse que era “suspeito”. Só atípico.

— Bem, eu estava, ahn... estava procurando alguma coisa para você. Na verdade...

Levantou-se para remexer na bagagem e voltou com um saco plástico. Jogou-o nas mãos de Irina. Não havia cartão. O presente não fora embrulhado.

Dar alguma coisa a alguém exige coragem, já que inúmeros presentes são um tiro pela culatra. Um presente que destoe visivelmente das preferências de quem o recebe só faz deixar transparecer que o benfeitor não tem a mais remota ideia de quem seja essa pessoa. Por conseguinte, aparecer à porta com um embrulho pode ser mais arriscado do que chegar de mãos vazias. Não oferecer nada só traz o risco de fazer o sujeito parecer desatencioso ou sovina. Afora a dádiva genérica de uma boa garrafa de bebida — e essa oferenda neutra tem suas próprias armadilhas, podendo parecer impessoal ou cautelosa demais —, qualquer presente implica o risco de expor quem o oferece como um idiota e de fazer a relação parecer uma caricatura.

Mas a gargantilha que ela tirou do saquinho era bem bonita — uma faixa de veludo preto com um delicado trabalho floral esmaltado no centro. O buquê pintado com esmero sobre o fundo creme era característico dos *finifts* de Rostov.

Logo, que havia naquele presente que não funcionava direito? Seria a palavra “gargantilha”? Dado o teor espinhoso da volta de Lawrence para casa, será que “esganá-la” soava perturbador? Isso era um absurdo. Não, era só aquela sensação engraçada de que podia ter sido qualquer coisa. Ora, Lawrence não parecera impaciente para lhe entregar o pacotinho logo ao entrar, nem fizera perguntas ansiosas para saber se ela havia gostado, no instante em que Irina tirara a gargantilha do papel de seda, e, nesse momento, não estava alvoroçado para lhe mostrar como abrir o fecho. Por isso, veio-lhe o palpite de que, talvez comprado às pressas no último dia, para lhe dar “alguma coisa”, o presente não significava muito para seu parceiro, e, nesse caso, não poderia significar muito para ela.

Mesmo que a gargantilha fosse cara, talvez Irina tivesse ficado mais comovida se ele chegasse com um pacotinho de tempero russo para a pipoca dos dois.

Ora, ela estava sendo absurda! Lawrence tinha se ralado de trabalhar, e o fato de ter dado uma corrida para comprar qualquer lembrancinha era muito meigo.

Irina agradeceu profusamente e pôs a gargantilha.

Foi com ele até o quarto, para onde Lawrence levou as malas para desfazê-las, sentindo-se frustrada por serem apenas quatro e meia da tarde, o que impedia qualquer atividade de reencontro, como um drinque ou um jantar num futuro próximo. Ainda assim, Irina levou um susto quando ele lhe anunciou que tinha de levar uma caixa de documentos da viagem para a Blue Sky e que iria ao escritório.

— Você não pode fazer isso amanhã?

— Tenho que pôr os e-mails em dia. Não se preocupe, eu volto para o jantar.

A caixa estava pesada e Lawrence resolveu telefonar e chamar um radiotáxi. Irina desceu com ele para aguardar a chegada do carro junto ao meio-fio. Sabia que Lawrence era muito ocupado e estava atrasado no trabalho. Mesmo assim, havia algo muito, muito esquisito em ele passar um mês inteiro fora e fugir logo em seguida, depois de uma única xícara de café, que, aliás, não tinha tomado. Era tão esquisito, tão perturbador, num nível de abalo tectônico do solo, que, mal começou a pensar nisso, a cabeça de Irina escapuliu, estremeçada, para uma dúvida entre servir o salmão do jantar com molho de baunilha ou com sementes de gergelim e soja.

Quando o táxi parou, os dois se encararam na calçada.

Exibindo a insegurança pedinchona que Lawrence não suportava, Irina perguntou:

— Você está contente por me ver, não é?

Em vez de se mostrar aborrecido, entretanto, Lawrence fitou-lhe o rosto demoradamente, com ar sóbrio, e pela primeira vez a olhou nos olhos, desde a chegada. Abraçou-a e a apertou com força junto ao peito.

— É claro que estou. Muito contente.

Irina sentiu-se tão agradecida por esse momento caloroso que foi como se toda a belicosidade anterior de Lawrence tivesse sido afastada em um só golpe, e levou a mão à gargantilha em seu pescoço, decidida a não considerá-la desprovida de significado, mas a valorizá-la eternamente, porque era linda e porque qualquer coisa vinda de Lawrence significava, necessariamente, o mundo inteiro. Mesmo assim, quando ele entrou depressa no táxi e lhe deu um adeusinho, garantindo que voltaria no máximo às nove horas, ela teve a estranha sensação de estar se despedindo do parceiro num sentido mais profundo que o jeito comum de uma mulher se despedir de um homem que voltará para o jantar dentro de meras quatro horas.

8



PARA RAMSEY, O JOGO ERA TRABALHO . Nos verões, ele trabalhava jogando. Para comemorar seu quadragésimo oitavo aniversário, nesse mês de julho, ele levou Irina à Índia, numa viagem para visitar o Clube Ooty, onde fez uma exibição deslumbrante de tacadas de efeito na primeira mesa de sinuca do mundo. Na volta, Irina sempre tinha alguma coisa melhor para fazer do que se dedicar a um desenho no sótão abafado em que trabalhava — almoços regados a vinho, cinema à tarde, excursões repentinas a Dover. Quando recomeçou a temporada de sinuca, em outubro, ela fizera um progresso desprezível nas ilustrações de *A menina habilidosa*.

Fiel a sua promessa primaveril de batalhar com afinco, abriu mão de Bournemouth, embora com pesar; se o Clube Ooty era “o berço da sinuca”, Bournemouth tinha sido o berço de seu casamento com Ramsey. Mas a sensação de deslocamento que a afligira quando acompanhava Ramsey nas viagens só fez tornar-se mais patente em sua casa grande e vazia. Ela cortava as unhas, amolava lápis, preparava chá. Não é tão simples para um artista — por mais que ela evitasse a palavra — “dedicar-se com afinco”. Irina fazia um traço no papel, via que estava errado, o papel se estragava e ela era obrigada a recomeçar. Habituada a ter companhia de manhã à noite, havia perdido o jeito para lidar com a solidão.

Nem que fosse para se distrair da tarefa irritante de perseguir seu talento peripatético, que parecia ter escapulado como uma criança levada, Irina preencheu as lacunas mobiliárias deixadas pela pilhagem de Jude. Normalmente, ela partia para a loja da Oxfam em

Streatham. Mas, embora tivesse encontrado algumas peças encantadoras por uma pechincha enquanto Ramsey estava em Bournemouth, o MasterCard Platinum dele em sua carteira minou-lhe a satisfação. Na verdade, Irina não fora feita para ser rica e, com dinheiro sem limite disponível, o mundo lhe pareceu curiosamente degradado. Negociar numa cidade cara, respeitando as restrições do orçamento, exigia criatividade e argúcia.

Em tempos idos, arrebatara ervilhas-orelha-de-frade com etiqueta amarela no supermercado, pela metade do preço e em perfeitas condições, fizera-a sentir-se vitoriosa. Agora que a despesa média semanal dos dois em restaurantes, naquele verão, devia ter sido de mil libras esterlinas, como era possível sentir-se astuta por economizar sessenta centavos?

Ramsey ligava pelo celular todas as noites, do bar do Royal Bath, e Irina ouvia a pândega ao fundo — a cantoria, o falatório e o tilintar de copos. Quando ela estivera junto, o deslocamento de hotel em hotel havia lhe parecido cansativo e despersonalizado; de longe, a viagem tornava inevitavelmente a assumir um ar glamoroso. No vácuo da esposa que fica em casa, Irina tornou-se paranoica. Os jogadores de sinuca eram perseguidos por bandos de fãs que os adoravam, nem todos os quais eram rapazes.

Pelo menos, a visão de Ramsey sobre o escândalo Monica Lewinsky, do outro lado do oceano, tinha sido tranquilizadora; o estardalhaço avançava rapidamente para o *impeachment* do presidente Clinton. Ao contrário da maioria dos europeus, Ramsey não rira do público norte-americano por sua falta de sofisticação em matéria dos bônus do poder. E também não havia arrotado a batida afirmação da moda, que devia inquietar as norte-americanas de costa a costa: *Todos os homens mentem sobre o sexo, não é?* Em vez disso, havia declarado que, se o sujeito mentia sobre o sexo, mentiria sobre qualquer coisa, porque o homem que mentia para a própria mulher mentia para qualquer um. Dissera também que um homem

disposto a arriscar uma carreira tão ilustre para “dar uma voltinha” com uma fanzoca era um paspalho.

Mesmo assim, após horas beliscando à toa, acendendo cigarros, apagando e acendendo outra vez, cinco minutos depois, e confrontos maçantes e sem compreensão com folhas de papel em branco, quem poderia censurá-la por fugir dessa vida desoladora e trocá-la pela companhia de um homem encantador que a adorava, no Campeonato do Reino Unido, em Preston, em novembro?

Pouco antes do Natal, ela virou três noites seguidas em claro para cumprir o prazo ampliado de *A menina habilidosa*, desmanchando-se em lágrimas mais de uma vez. Admitiu para si mesma, a caminho da Puffin, para entregar a pasta com os desenhos, que talvez os últimos estivessem meio “precipitados”, mas ao menos ela conseguira fazê-los a tempo. Ainda assim, o cansaço, a insegurança e a sensação aviltante de ter feito o trabalho de casa desleixadamente não eram a melhor preparação para o Natal em Brighton Beach, nem para finalmente apresentar sua mãe não apenas a Ramsey Acton em pessoa, mas ao fato de que ele existia.



DEPOIS DA REPREENSÃO de Lawrence, Irina tinha evitado os telefonemas da mãe para o Borough, ligando com frequência para Brighton Beach, ela mesma. Havia insinuado ter uma “surpresa” ao anunciar que “*nós* iremos aí no Natal”, mas se abstera de identificar os componentes do pronome. Visto que não havia como saber de que maneira sua mãe melodramática reagiria ao fato de ela ter trocado o confiável Lawrence Trainer por um impetuoso jogador de sinuca, Irina resolveu simplesmente aparecer com Ramsey Acton na porta. Era um plano indicativo de uma ousadia recém-amadurecida, ou de um desespero regressivamente infantil de adiar o desagradável pelo maior prazo possível.

No trajeto para Heathrow no Jaguar, no dia 23 de dezembro, Ramsey costurou pelo trânsito com a habitual precisão atrevida, e foi

emocionante ser transportada zunindo impetuosamente para lá e para cá. Na altura de Hammersmith, porém, ela pôs a mão no braço do marido, apreensiva.

— Bem, você sabe que minha mãe é difícil.

— Você já deixou isso mais do que claro.

— E sabe que para mim não é fácil visitá-la, nem mesmo nas melhores circunstâncias. E esta não é a melhor das circunstâncias. Quer dizer, ela não estará esperando você. Ela é obcecada com a ordem, e gente assim não gosta de ser surpreendida. Gosta de saber o que esperar.

— Então, por que você não lhe contou por telefone?

— Como eu lhe disse, há uma força natural na presença física de uma pessoa diante da gente que não admite argumentação, e pode ser que isso a silencie. Mas quero que você me prometa uma coisa.

— Diga.

— Prometa que você não vai provocar uma briga, em nenhuma circunstância.

Pode me espinafrar de todas as maneiras quando voltarmos. Mas, mesmo que eu fique bêbada e dance nua em cima da mesa, você não vai, *não vai* discutir comigo em Brighton Beach.

— Por que você supõe que teremos uma briga? — perguntou ele, magoado.

Cada quebra-pau deles se alojara de forma indelével na parte do cérebro de Irina que guardava outros grandes traumas, como acidentes de carro e a morte de amigos íntimos. Ramsey nunca parecia se lembrar de ter dito uma única palavra ríspida.

— Não estou supondo nada — ela respondeu. — Estou pedindo que você me faça uma promessa. Pedra e cal, jurando com o mindinho. Você ainda não a fez.

— Está certo — disse Ramsey, encolhendo os ombros. — Sem brigas. Eu juro.

Irina apertou-lhe o braço e agradeceu, mas a concordância dele tinha soado de uma displicência agourenta. Tal como os presentes baratos que ela costumava receber de parentes distantes no Natal, uma promessa barata tendia a ser quebrada na primeira oportunidade que se brincava com ela.

*

NA *FREE SHOP*, IRINA foi tão incapaz de impedir que Ramsey corresse para comprar uma garrafa de Hennessy XO quanto fora de desestimulá-lo a comprar passagens na primeira classe. Na verdade, fechar os olhos para as montanhas de dinheiro que Ramsey jogava em qualquer problema ou prazer vinha se tornando a norma. No começo, Irina tinha pagado uma ou outra conta de almoço; ultimamente, nem se dava esse trabalho. Não tinha ideias pretensiosas a respeito de os recursos dele também lhe pertencerem, agora que os dois eram casados.

Mesmo assim, Ramsey era rico e gostava de gastar dinheiro com ela, e era impressionante a rapidez com que uma mulher que antes havia recolhido a sobra do tempero cajun na tigela de pipoca, para usá-lo de novo, era capaz de se adaptar a passagens de avião que custavam... bem, ela preferia nem pensar no assunto. E tudo porque os kits de toalete oferecidos de cortesia eram, segundo Ramsey, “o fino”. Não tinha importância que, pelo preço de uma miniatura de atomizador com uma água-de-colônia fedorenta, protetores de ouvido feitos de borracha e duas colheres de antisséptico bucal, provavelmente fosse possível dar a entrada na compra de uma casa pequena.

No avião, o serviço foi solícito e os dois ficaram bem altos. Entre indagações sobre como ele se saíra do Campeonato do Reino Unido, a comissária de bordo perguntava incessantemente se Ramsey queria outra caixa de chocolates ou um cobertor extra.

Os cobertores extras foram úteis. Irina sempre havia desdenhado daquela bobagem de “clube da transa nas alturas”, pois

não conseguia ver o atrativo de manter relações sexuais em cima do vaso sanitário de plástico de um banheiro apertado de bordo, com a barulheira do circulador de ar e um cheiro enjoativo de desinfetante. No entanto, em algum ponto acima da Islândia, quando os dois se reclinaram sob uma montanha de mantas de xadrez sintéticas, pareceu-lhe um desperdício ignorar que Ramsey estava com uma ereção que poderia fazer as vezes de cassetete policial para rachar a cabeça de manifestantes antiglobalização. Quando Ramsey afrouxou o cinto por baixo da tenda escura, a mão de Irina alisou os contornos do pau mais lindo que ela já havia encontrado.

Era impossível dizer por quê. Ela podia nunca ter sido uma dessas mulheres que consideram meio repulsiva a genitália masculina, mas também nunca fizera grandes distinções estéticas entre uma e outra. Só que esse pau, em particular, era indescritivelmente primoroso — liso, simples e reto, com testículos aninhados bem junto da virilha, de pele esticada e seca como talco. Quando Ramsey se encostara à mesa de exercício em Preston, no mês anterior, bastara Irina evocar a imagem da ereção dele naquela manhã para emitir um gemido, e com tamanho desamparo e urgência que a garçonete da cafeteria do hotel tinha perguntado se havia algum problema com o café. Francamente, ela se tornara escrava desse pau, e às vezes se assustava com os sacrifícios extravagantes que seria capaz de fazer, ou as humilhações que se disporia a suportar, só para poder tocá-lo mais uma vez.

A camisa de Ramsey ficou molhada. Ao enfiar a mão por baixo da saia dela para retribuir a gentileza, ele deu um risinho em seu ouvido: “Ei, eu poderia lavar as mãos aí embaixo!” Quando a mão alcançou o colo do útero, Irina conseguiu não gritar, mas ficou de olhos esbugalhados, e era provável que sua inalação rouca tivesse sido audível. Nenhuma dessas pequenas atividades pareceu demorar muito, e eles tomaram o cuidado de se manter cobertos, mas é possível que as aeromoças soubessem exatamente o que estava

acontecendo. A antiga Irina teria ficado mortificada. A antiga Irina também nunca se divertira muito num avião.



QUANDO A PORTA DA FRENTE se abriu, o traje de Raisa prestativamente anunciou amavelmente que também sua personalidade era artificial e exageradamente premeditada: blusa vermelha flamejante e saia justa preta, com echarpe, cinto e sapatos de cor combinada, do tom exato de amarelo-sol ofuscante. Era uma roupa chamativa, com uma elegância de suplemento de revista de domingo, e era excessiva.

Habitualmente, Raisa imbuía cada uma de suas frases de um entusiasmo artificial, como um agente funerário bombeando líquido embalsamador para dentro de um cadáver. Mas ficou tão perplexa ao deparar com um estranho alto e magro ao lado da filha que não conseguiu exibir a teatralidade que era sua marca registrada. Beijou a filha com desatenção superficial, depois perguntou sem rodeios, num tom de pessoa normal que Irina quase nunca ouvia: — *Eto kto takoi?*

— Mamãe, eu gostaria de lhe apresentar meu marido, Ramsey Acton.

— *Tvoi muzh? Bozhe moi, Irina, ty vyskochila zamuzh!* — E lançou um olhar cético para a braçadeira de tubo de radiador usada por Ramsey, que ele havia proibido Irina de substituir.

— Você me ouviu.

— *Tak!* — exclamou Raisa. — *Eto tvoi suprees!*

— Ramsey, esta é minha mãe, Raisa McGovern.

Obscuramente, Raisa se recusara a abrir mão do sobrenome do ex-marido, para conservá-lo e se vingar dele ao mesmo tempo.

— Muito prazer — disse Ramsey, beijando a sogra nas duas faces, com elegância europeia. Ele era exatamente o tipo de homem que Raisa admiraria: refinado, vestido de tecidos escuros e macios, de corte impecável e caro, mas com um toquezinho de ousadia na

jaqueta de couro. No entanto, sua filha primogênita, desajeitada e propensa a tomar chá de cadeira, não tinha nada que se casar com um homem mais velho tão bem-apanhado. Raisa se sentiria muito mais à vontade com um genro de flanela xadrez desleixada, cuja boa aparência fosse, se tanto, um gosto adquirido, de preferência cinco centímetros mais baixo do que a majestosa estatura dela própria, com seu quase um metro e oitenta, e que tivesse uma má postura crônica. Em suma, Raisa sentia-se muito mais à vontade com *Lawrence*.

— *Akh, izveneete!* — disse. Havendo recuperado parte de sua excruciante vivacidade, Raisa apressou-se a fazê-los entrar. — *Kak grubo s moei storony!*

Pozhaluysta, prokhodite, prokhodite! Dobro pozhalovat!

— Mãe, Ramsey se sentiria muito mais bem-vindo se você falasse *po-angliyski*. Você nem imaginaria, querido, mas minha mãe mora neste país há mais de quarenta anos e realmente fala uma espécie de inglês.

— *Rumsee? Rumsee Achtun, da?*

Era tudo uma encenação, inclusive o R vibrante eslávico no prenome de Ramsey. Quando ela se dignou passar para um inglês escrupulosamente macarrônico, também isso foi um teatro.

— Eu não acredita! Quando vocês dois casar? *Ee gdye Lawrence, Irina? Shto sloochilos s Lawrensom?* — perguntou. Como se Ramsey não pudesse traduzir a palavra *Lawrence*.

— Lawrence e eu nos separamos amigavelmente. E, por favor, não se sinta ofendida por não ter sido convidada para o casamento. Ninguém foi. Foi uma coisa feita no cartório, só nós dois.

— Assim muito do repente, *da?*

— Sim, mãe — mentiu Irina; o primeiro aniversário de casamento tinha sido na semana anterior. — Muito repentino.

Raisa conduziu Ramsey ao segundo andar, para depositar a bagagem no antigo quarto de Irina, depois lhe ofereceu uma ronda

pela casa, que tinha comprado por uma ninharia com a renda espartana obtida no divórcio, quando seu casamento havia finalmente virado fumaça, durante o ano em que Irina cursava a última série do ensino médio. (O fato de a casinha antiquada valer agora uma pequena fortuna era, ao mesmo tempo, algo de que Raisa se orgulhava e sobre o qual mantinha segredo.) Ela havia tomado o rumo direto desse enclave cada vez mais russo, onde podia viver em meio a *sua gente* e, ao mesmo tempo, sentir-se superior aos judeus. Logo, logo, queria exibir seu estúdio a Ramsey, para deixar claro a seu hóspede que não era uma qualquer, mas uma bailarina talentosa e uma professora de dança famosa por seu rigor (Raisa se gabava de que os alunos a temiam), que ainda se exercitava incansavelmente na barra todos os dias. Ela não entraria na noite acolhedora com doçura, e Irina supôs, a despeito de si mesma, que a ferocidade da mãe, aos sessenta e quatro anos, era impressionante.

Exausta no que eram três horas da manhã pelo horário de Londres, depois de um excesso de vinho no avião e sono de menos para cumprir o prazo de *A menina habilidosa*, Irina afundou — tanto quanto era possível *afundar* em móveis tão incômodos — numa das cadeiras de belbutina vermelha da sala de estar.

Abandonar um bom homem por um reles jogador de sinuca era um comportamento suficientemente escandaloso para escalá-la para o papel libertário da ovelha negra. Então, por que ela ainda se sentia obrigada pelas convenções a regressar à casa materna no Natal? Ramsey era o único homem que algum dia a fizera sentir-se bela. Ao contrário, a mãe sempre a fizera sentir-se deselegante, inadequada e retraída. No passeio de tábuas à beira-mar, os homens ainda olhavam para as panturrilhas de Raisa. Embora Irina, de certo modo, se orgulhasse da mãe, não fazia muito sentido apresentar seu marido àquele modelo escultural de músculos — de cintura mais fina, maçãs do rosto mais altas e cabelos negros amarrados e mais lustrosos — só para se exibir.

Quando os dois voltaram, Ramsey deslizou as mãos pelos ombros de Irina e lhe deu um beijo atrás do lóbulo da orelha. Os olhos de Raisa se aguçaram. Ela não aprovava “esfregação” em público. Por mais óbvio que parecesse a Irina que, por trás daquele olhar severo de reprovação, havia inveja, a própria Raisa jamais reconheceria seu senso de decoro como o fruto amargo do descaso sexual. Na verdade, dado que os que não têm consciência de si — o que inclui basicamente todo mundo — são insensíveis às percepções pouco caridosas de suas motivações subjacentes, todo esse discernimento que a gente tem sobre as pessoas e sobre o que as faz serem como são é surpreendentemente inútil.

Registrada a censura, Raisa pediu licença e se retirou com frieza para a cozinha.

Como a cadeira de belbutina vermelha que fazia par com a de Irina estava numa posição absurda, de tal modo que uma das prateleiras que sustentavam as medonhas estatuetas de porcelana de Raisa cutucaria o pescoço da pessoa, caso ela se recostasse, Ramsey puxou-a uns dez centímetros para a frente antes de se sentar. Quando as pernas da cadeira afundaram num novo ponto do tapete azul-real, os olhos de Irina se arregalaram, assustados. Pouco depois, quando Ramsey deu um pulo ao andar de cima para usar o banheiro, ela se levantou de um salto e repôs a cadeira na posição anterior.

Ramsey voltou, tendo apanhado a garrafa de Hennessy XO. Olhou para a cadeira.

— Você não conhece a rotina — Irina sussurrou. — Ela ficará doida se você fizer novas marcas no tapete!

— Não me agrada aprender *a rotina* — disse Ramsey em voz alta. Deu um novo puxão na cadeira, chegando-a uns bons trinta centímetros para a frente, o que deixaria um segundo conjunto de marcas criminosas na textura, e tornou a se deixar escorregar no assento, com as pernas compridas esticadas, como que torcendo para

que alguém tropeçasse nelas. Pegou o maço de Gauloise. Irina fez gestos frenéticos de censura. Revirando os olhos, ele repôs os cigarros no bolso.

Raisa entrou com uma bandeja cuja apresentação, com os copos repousando sobre porta-copos de prata filigranada, era tudo que importava, uma vez que ninguém queria chá algum. Quanto ao prato de biscoitos Pepperidge Farm, ele pretendia ilustrar de maneira rápida e vívida que Raisa não os comeria.

Depositando a bandeja na mesa de centro, ela olhou firme para as pernas da cadeira de Ramsey. Se demorasse um pouco mais, seu olhar atearia fogo às fibras do tapete.

— E então, *R-umsee* — começou ela, depois de servir uma rodada de chá. — Que você faz pra ganhar vida?

— Sou jogador de sinuca.

— *Snucs* — fez Raisa, rolando a palavra na boca. — Isso... jogo?

— É um jogo — respondeu Ramsey com tolerância.

— Jogo de cartas? Como *bridge*?

— O que mais se aproxima da sinuca nos Estados Unidos é o bilhar — interveio Irina. — Sabe qual é, aquele em que a pessoa bate nas bolas com um taco e as joga em caçapas numa mesa verde?

Irina lamentou o fato de sua descrição fazer todas as formas de bilhar parecerem uma tolice, mas não havia limite para o número de palavras em inglês que sua mãe fingiria não conhecer. Por que Raisa imaginava que parecia charmoso viver num país durante décadas e mesmo assim dominar mal a língua era um enigma para quem gostasse de adivinhações. Sinceramente, ela devia circular por aquela casa todos os dias praticando maneiras de desprezar os artigos, apagar qualquer forma do verbo “ser” e transformar todo *Th* surdo em *Z* e todo *W* em *V*: “*Zis... game? Vat you do for living?*” Para uma mulher inteligente, devia ser um trabalho árduo manter esse grau de autenticidade de quem acabou de desembarcar de um navio,

depois de quarenta e tantos anos de missionários das Testemunhas de Jeová, correspondência sobre sorteios do *Reader's Digest*, minisséries do canal PBS e anúncios gritados da cadeia de lojas Crazy Eddie's.

— Você joga isso, *snucs* — dirigiu-se Raisal a Ramsey — por dinheiro?

— *Da* — disse Ramsey. — Eu jogo *snucs* por dinheiro.

— Mas você só ganha dinheiro quando vence?

— Acertou em cheio, mamãe. Só me pagam quando eu ganho.

— O Ramsey ganha muito bem, mamãe.

— Quer dizer você não sabe, até jogar seu... *snucs* — disse Raisal, sem desgrudar os olhos de Ramsey por um instante —, se tem bolso cheio ou no tem nada (*nozzing*).

— Bem sacado — disse Ramsey, em tom neutro; parecia estar gostando daquilo.

— Mamãe, você não está entendendo! O Ramsey é famoso no Reino Unido.

A analogia com o bilhar não ajuda. A sinuca é muito importante na Inglaterra. Os jogadores são superestrelas. Vivem aparecendo na tevê. O Ramsey não consegue andar pela rua sem que cinco pessoas peçam seu autógrafo... — Interrompeu-se.

Estava falando com o vazio.

— Você nunca pensa, *Rumsee*, arranjar emprego de verdade?

— Quando as galinhas criarem dentes, eu acho — disse ele.

Desempenhando à risca seu papel, Ramsey engoliu de um trago o chá gelado, depois apanhou a garrafa de conhaque ao lado da cadeira. Descascou a faixa de metal, tirou a rolha enfeitada e serviu uma dose tripla. — Não me imagino correndo para um escritório ou coisa assim. Sabe, Irina e eu gostamos de passar uma manhãzinha em casa. Em geral, fico tão calibrado à noite — e bebeu um gole

demonstrativo — que preciso da maior parte do dia para acertar a cabeça.

Raisa levantou-se, rígida, para retirar o serviço de chá.

— Já chega, vamos dormir — anunciou Irina, massageando as têmporas.

— Ei, a festa mal começou! — exclamou Ramsey, carregando no sotaque da zona sul de Londres; o *started* saiu como *stah-id*.

— Para você, pode ser — retrucou Irina. — Essa não é a minha ideia de festa.



— POR QUE VOCÊ NÃO ME APOIOU? — sussurrou Irina, quando os dois entraram no antigo quarto dela. — Eu digo que você é famoso e você me deixa na mão!

Provavelmente, ela acha que você me deslumbrou com meia dúzia de bugigangas vistosas e suas roupas chiques, e por isso eu criei a ilusão de ter me casado com uma celebridade, e não com um vigarista ordinário!

Ramsey virou-se na cama e riu.

— Eu só estava zoando com ela. Sua velha fez papel de boba, não é?

— Não, eu é que fiz papel de boba — resmungou Irina, aninhando-se junto dele. — Mas talvez não tenha importância. Acho que você já estragou tudo. Ela espera muitos rapapés, uma paparicação de fato. Para minha mãe, não ser lisonjeada equivale a ser insultada.

— E era para eu dizer o quê?

— Espera-se que todo homem que entra aqui comece a falar imediatamente como ela é deslumbrante, de como está incrivelmente em forma e de como parece impossível ela ter idade suficiente para ter uma filha com quarenta e poucos anos.

— Bom, eu não faria isso, não é? Porque ela parece uma droga de um cadáver!

Irina sentou-se.

— Você não acha que ela está muito bem? Para sessenta e quatro anos?

— Essa dona aparenta cada um dos sessenta e quatro anos que tem, e mais alguma coisa. É tão esquelética que me dá arrepios, e tem uma expressão dura, com aquele sorriso de vampiro que quase não mexe o rosto. Tudo bem, ela tem as partes do corpo nos lugares certos, e elas vêm numa embalagem bonita. Mas a mulher é assexuada, gatinha. Eu preferia transar com uma batata assada fria. Sua mãe não se compara a você, benzinho. Será que ainda não percebeu? Não sacou por que ela está sempre atacando você, como me disse? Ela tem medo porque você é *linda*. E faz um esforço danado para garantir que pelo menos você não saiba disso.

— Bem, você não a conheceu no auge...

— Nem preciso — interrompeu Ramsey. — Você *sempre* foi melhor do que ela. E não se esqueça disso.

Irina sorriu e o beijou, agradecida; mas foi engraçado: não queria que as coisas ditas por Ramsey fossem verdade. Talvez não enxergasse a mãe com muita objetividade. No entanto, quando era pequena, seus colegas de turma ficavam deslumbrados com ela, e não conseguiam imaginar como um patinho feio e dentuço como Irina podia ter saído de um cisne daqueles — impecavelmente arrumada, com o porte majestoso e vestida como Audrey Hepburn. Era essa a imagem de Raisa que ela queria conservar. A visão alternativa, de uma neurótica emaciada e de cara franzida, envelhecendo sozinha, era uma maldição.



— NADA DE CAFÉ DA MANHÃ? — perguntou Ramsey na manhã seguinte, véspera do Natal.

Irina estava encarapitada numa cadeira à mesa da cozinha, debruçada sobre o *New York Times*, com um copo solitário de café, cujo fundo havia secado cuidadosamente antes de colocá-lo,

primeiro, num pires, depois, sobre um descanso de copos. De preferência a explicar que, nessa casa, comer era sinal de fraqueza, ela o descartou com um resmungo sobre não estar com fome.

Naturalmente, Raisa estava de pé desde o alvorecer e já passara horas se exercitando na barra. Ainda usava a meia-calça branca com polainas de lã vermelho-cereja e sapatilhas para combinar, cujas batidas leves e conhecidas no linóleo traziam de volta todo um manancial de sentimentos infantis de insuficiência.

Ramsey não estava disposto a aceitar nada dessa palhaçada de austeridade.

Quando a sogra lhe perguntou se queria torradas de pão preto, ele disse ótimo, ou ovos mexidos, também, e ele disse esplêndido, e fechou satisfeito os olhos para o horror crescente de Raisa ao aceitar ainda salsichas e uma porção de *kasha* para acompanhar.

— *Bozhe* — disse Raisa, atarefando-se com ar altivo pela cozinha, fingindo não se sentir explorada. — Quando só eu aqui, vou lojas na avenida e volto só com um sacolinha! Mas com homem na casa! Sacola inteira acaba num dia. Muito bom, *tak mylo*, ter apetite casa de novo. Como seu pai, Irina, que come feito urso!

— Não se preocupe, mamãe — disse Irina; a única vantagem da sutileza paquidérmica de sua mãe era que nunca se precisava quebrar a cabeça para descobrir aonde ela queria chegar. — Se quiser que nós lhe reembolsemos as compras, tenho certeza de que isso pode ser arranjado.

— *Chepukha*, Irina, eu não quer dizer isso!

— É claro que não.

Ramsey havia mastigado três pedaços de torrada quando notou as mãos de Irina.

— Ei, que história é essa de luvas?

Era complicado virar as páginas do jornal.

— Doença de Raynaud, você sabe. Aqui é gélido. É sempre gélido aqui, por isso eu trouxe vários pares. Pensei em guardar o vermelho para o Natal.

— Você não reparar, *Rumsee* — disse Raisa, melindrada. — Irina usa luvas para mamãe se sentir mal. Grande encenação não útil se gente ignora ela.

— Mas ela acertou em cheio — retrucou Ramsey. — Estou com os colhões congelados. Por que não podemos aumentar o aquecimento?

— Porque você devia ver conta gás! — exclamou Raisa, enxugando febrilmente as bancadas. — *K tomu zhe*, friozinho no ar mantém gente acordada.

Bom para circulação, *da*?

— Não, mamãe — fez Irina, mantendo a voz monocórdia. — Viver num frigorífico é justamente o que *não é* bom para a minha circulação.

— Levantar de manhã e fazer *exercício*, Irina, você fica aquecida dia inteiro!

— Qual é a regulação da porcaria do termostato? — indagou Ramsey, que havia tirado uma das luvas de Irina e friccionava seus dedos enregelados entre as palmas das mãos.

— Ah, qualquer coisa ártica. Ele fica na sala.

Quando ele saiu pelo corredor, Irina o chamou: — Mas, Ramsey...!

Ele voltou.

— Quantos são os seus sessenta em graus Celsius?

— Dezesseis? — arriscou Irina. — Talvez esteja mais para quinze.

— Isso é uma barbaridade, caramba!

Irina disparou atrás dele no corredor e segurou seu braço.

— Não — murmurou. — Eu quis aumentar a temperatura uns dois graus, certa vez, e você nem imagina a briga que deu. Não

vale a pena. Posso usar luvas. Não me incomodo.

— *Eu* me incomodo, e muito, porra!

Ramsey voltou à cozinha e anunciou, enquanto Raisa passava obsessivamente a esponja em volta de seu desjejum parcialmente comido: — Seguinte. Não gosto de ver minha mulher encantadora embrulhada feito um esquimó só para poder ler o jornal. — E pegou a carteira, jogando quatro notas de cinquenta dólares na mesa. — Isso deve cobrir um ou dois dias da sua conta de gás, hein?

— *Nyet*, isso demais, você tem que pegar de volta! — protestou Raisa, sacudindo as notas. — Não dinheiro para gás, você meu convidado!

— Fique com o troco — disse Ramsey, que voltou sem pressa para a sala, e Irina ficou olhando, admirada com a apostasia insolente do marido, enquanto ele girava o termostato para 75.



DEPOIS DO CAFÉ, IRINA deu uma volta com Ramsey para lhe mostrar Brighton Beach, decepcionada ao perceber que nada no lugar lhe despertou a curiosidade.

Seus olhos percorreram sem expressão a fileira de lojas embaixo do viaduto, as letras das marquises em cirílico, as tabuletas de “Precisa-se” nas vitrines, com a especificação “Precisa falar russo!”. Ele foi bastante polido quando Irina o fez entrar em lojas repletas de produtos importados de Israel e dos países bálticos, com seus balcões compridos de peixes defumados e suas prateleiras de pão preto.

Manifestou um breve interesse quando os dois pararam numa loja de caviar, onde comprou cinquenta gramas de beluga para a ceia de Natal, no espírito de generosidade mas como ato de agressão que começava a tipificar sua maneira de lidar com a assombrosa mãe de Irina. Mas o ponto de entrada de Ramsey Acton em qualquer ambiente era terrivelmente específico. Quando seus

olhos percorreram o antigo bairro da mulher, em vão procuraram, compulsivamente, um salão de sinuca.

Irina comprou umas coisinhas, para prevenir (temporariamente) o ressentimento da mãe, e conversou sobre banalidades com os caixas. Fazia mais de um ano que falava pouquíssimo russo, uma língua que permitia as emoções torrenciais que o inglês era rígido demais para expressar. Lawrence entendia o russo mais do que falava, e Irina sentia falta de proferir cadenciadamente uma diatribe eslávica sobre as extorsivas contas de água londrinas e ser mais ou menos compreendida. Ramsey muitas vezes lhe pedia para “falar russo” na cama, só que, para ele, o murmúrio sussurrante era um palavrório ininteligível.

Eles haviam combinado encontrar a mãe de Irina para almoçar num dos cafés ao ar livre no *deck*, que em dezembro eram fechados por toldos de plástico. Ao chegarem, Raisa já estava majestosamente sentada a uma mesa destacada. Seu vestido justo era de um verde-bilhar vivo, como que numa homenagem involuntária à profissão de Ramsey, e se ela não o houvesse complementado com uma profusão de acessórios com toques de um azul-escuro idêntico, talvez o traje passasse por elegante. Aliás, depois de cruzar no passeio com um sem-número de muxibas, embrulhadas em casacos que imitavam pele de leopardo e arrastando cachorrinhos de latido estridente, Irina quase chegou a ver a mãe como um modelo de bom gosto, em termos de comparação.

Irina escolheu uma salada. Raisa arranjou-se com duas pontinhas minúsculas de torrada e uma pitada de caviar de salmão. Ramsey pediu arenque marinado, sopa de cordeiro com arroz, uma segunda cestinha de pães, frango à Kiev e uma cerveja. Muitas vezes, Raisa se comprazia em ver outras pessoas se empanturrarem, mas a injustiça daquele consumo conspícuo era irritante. Ramsey comia feito um porco, e Ramsey não era gordo.

Ele fez perguntas respeitosas sobre a história de Raisa como bailarina, o que permitiu à sogra deixar escapar, *mais uma vez*, que fora a gravidez de Irina que tinha posto fim a sua carreira profissional na dança. Quando Ramsey indagou sobre as aulas de balé, Raisa deu vazão a sua aversão ao fato de, hoje em dia, as crianças norte-americanas não terem disciplina, nenhuma tolerância à dor e nenhuma capacidade de renunciar a uma diversão a serviço da arte.

— Você encontra alguém para jogar *snucs*? — perguntou ela, como se perguntaria a uma criança de cinco anos se tinha encontrado um amiguinho para jogar bola de gude.

— Depois de disputar quatro torneios quase consecutivos — disse Ramsey sem alterar a voz —, vencer um e chegar à final em três, acho que posso tirar uns dias de folga da *snucs*.

Sem resposta.

Depois de enxugar a terceira cerveja e praticamente jogar seu MasterCard Platinum no pobre garçom, Ramsey anunciou que tinha um assunto para resolver.

Como sua reputação de cavalheiro no circuito esportivo não era inteiramente um faz de conta, ele se lembrou de dobrar o guardanapo, pôr o garfo no prato com os dentes virados para baixo e desejar a Raisa uma tarde agradável. Apesar disso, saiu fumegando, no que foi, para Irina, um estado de fúria indisfarçável.

— Seu *marido* — disse Raisa, mal ele se afastou. — Ele sabe se portar à mesa.

Esse elogio chocho, que mais parecia uma censura, foi o único comentário que Raisa se dignou a fazer, durante o resto do dia, sobre a escolha de parceiro de sua filha, embora a ausência de Ramsey durante a tarde oferecesse ampla oportunidade para a expressão de aprovação ou a manifestação de reservas em particular. Raisa podia ter sido obrigada a se aposentar como bailarina aos vinte e um anos, pelo desabrochar ultrajante de sua primeira filha, mas

continuava a ser uma artista até a alma, e os pronunciamentos dramáticos seriam desperdiçados numa plateia de uma única pessoa.



RAMSEY VOLTOU EXIBINDO a determinação serena que Irina reconhecia dos torneios. Levou a mulher e a sogra para jantar num restaurante chiquérrimo (embora cafona) da Avenida. Raisa fez pedidos generosos de vários pratos, o que Irina sabia que não podia ser considerado um bom sinal. O essencial em cada prato foi que sua mãe se recusou — não podia, foi a expressão usada — a terminá-lo.

Raisa brindou Ramsey com histórias da infância artisticamente precoce de sua mulher. Era esperável que uma mãe se gabasse desse jeito com um novo genro, mas o que incomodou Irina foi a técnica agressiva de propaganda. Raisa estava seguindo o protocolo. Parecia menos orgulhosa da filha do que de si mesma por se orgulhar. Além disso, Irina teria ficado infinitamente mais comovida se, em vez disso, a mãe tivesse discorrido sobre suas realizações substanciais como adulta.

Ali pela hora do prato principal — Raisa comeu apenas três garfadas de sua costeleta —, a conversa congelou.

— *Nu, rasskazheetye* — disse ela. — Como vocês se conhecem?

— Trabalhei em parceria com a primeira mulher do Ramsey — disse Irina.

— *Bozhe* — fez Raisa, levantando as sobrancelhas. — Como dizem americanos, *a trama se complica*.

Deus do céu, ela havia usado um artigo! Irina teve vontade de pôr uma medalha no peito da mãe.

— Não, mamãe, a trama não é tão complicada assim. Quando o Ramsey era casado com a Jude, éramos apenas amigos. O Lawrence e eu costumávamos jantar com eles umas duas vezes por ano.

Infelizmente, a introdução daquele nome por Irina deu permissão implícita a Raisa para utilizá-lo também.

— *Tak* — disse ela —, *Rumsee*, você e Lawrence amigos?

— Éramos amigos — respondeu Ramsey com tolerância.

— Mas não mais — disse Raisa.

— Não, agora não se poderia dizer que somos amigos íntimos.

— E Irina — continuou Raisa, correndo os olhos de um para o outro —, Lawrence como vai? Ele triste?

— O Lawrence — disse Irina, inspirando-se naquela angustiante xícara de café no Borough — está *se arranjando*.

Ramsey olhou para a mulher. Já que, pelo que constava, ela não tinha visto Lawrence desde que o deixara, não deveria ter dito que não fazia ideia?

Apanhada entre os dois, Irina irritou-se. Teria respondido de bom grado às perguntas da mãe à tarde, em particular, mas, em particular, elas teriam significado outra coisa.

— Mas isso acontecer como? — bisbilhotou Raisa. — Vocês jantam, dois casais, e depois, sem mais nem menos, você casa com homem de outro lado de mesa?

— Mamãe, escute. Uma noite, o Lawrence estava viajando e o Ramsey tinha se divorciado. Nós nos encontramos como amigos, e foi tudo totalmente inocente. Só que nos apaixonamos. Eu não estava procurando isso, nem ele.

Apasionar-se não é uma coisa que a pessoa decida fazer, assim como não se pode decidir sobre as condições do tempo. É algo que cai sobre nós, como um furacão.

Infelizmente, o discurso ensaiado de Irina foi maculado por um indício de que ela estaria tentando se convencer de alguma coisa. Saber se a pessoa era responsável por seus próprios sentimentos — se as emoções eram bombardeios a que ela ficava sujeita sem apelação, ou tramas com que tinha uma cumplicidade ativa — era

uma pergunta que a torturava diariamente. Seriam elas uma coisa que o sujeito sofria, ou algo feito por ele? Podia-se controlar os próprios atos, mas haveria como controlar os sentimentos? Será que ela havia optado por se apaixonar por Ramsey Acton? E se o desejo tivesse mesmo caído do céu trovejando, feito um “furacão”, considerando-se que o temporal subsequente havia desabado sobre Lawrence com uma injustiça lastimável, será que, naquele universo teórico em que ela dispunha da possibilidade de escolher, Irina teria optado por renunciar a ele?

— Dez anos atrás — continuou Raisa — você diz se apaixonar por Lawrence. Que acontece?

— Não sei o que aconteceu — respondeu Irina. Mesmo com Ramsey a seu lado, sentiu-se murchar. — E eu ainda gosto do Lawrence, de certa maneira...

— Então, quando esse novo amor cai de céu, você vai embora na dia seguinte? Vai casar com *R-umsee*?

— Não, mamãe. Eu sou uma adulta, e é obvio que tivemos que pensar no assunto.

— Quanto tempo você faz esse... *pensar*? — indagou Raisa. Talvez a desaprovação reflexiva entre as gerações estivesse em combate com a admiração apreciativa pelo fato de sua filha, tão sem graça e insegura, ter reunido coragem e atração sexual para praticar o adultério.

— Não muito — respondeu Irina, cruzando os braços. — Mamãe, eu sei que disse que estava apaixonada pelo Lawrence, e estava. Ainda o acho um homem maravilhoso, e não admito que se diga uma palavra contra ele. Apesar disso, o que há entre mim e o Ramsey é diferente.

— Diferente como?

— Nós somos *mais próximos*.

— *Da, ya vidyela* — disse Raisa, em tom seco. *É, foi o que vi.*

— É óbvio, mamãe... — começou Irina, que com um gesto de exasperação derrubou sua taça de vinho. O Châteauneuf-du-Pape, que era a marca registrada de Ramsey, espalhou-se como uma mancha do Rorschach na toalha branca da mesa. Ela sentiu o rosto em fogo, combinando com a cor da mancha. — Ora, não mudou coisa alguma, continuo sendo estabanada!

— Você não é nada disso, gatinha! — interpôs Ramsey, que secou e cobriu o vinho derramado com seu guardanapo, sem maior alvoroço, e tornou a encher a taça de Irina até a borda. Não encontrando ninguém com quem compartilhá-lo, Raisa deixou seu risinho desdenhoso e compassivo flutuando no ar.

— Como eu ia dizendo, mamãe — recuperou-se Irina, com um rápido olhar de gratidão para o marido —, é óbvio que ter me apaixonado pelo Ramsey foi a coisa mais maravilhosa que já me aconteceu. Mas não quero que você fique com a ideia errada. Deixar o Lawrence foi uma coisa incrivelmente dolorosa, não só para ele como para mim. Isto aqui não é um caprichozinho volúvel meu.

Irina não precisaria ter dito nada daquilo e, mal as palavras lhe saíram da boca, sentiu-se humilhada. De alguma forma, sempre que se é obrigado a jurar que um romance não é “um caprichozinho volúvel”, um caprichozinho volúvel é exatamente o que ele parece ser.

— Sim — disse Raisa, baixando sumariamente o garfo; ela guardava o inglês gramatical para as ocasiões especiais: — Tenho certeza de que foi muito desagradável.

Talvez o problema fosse exclusivamente de sua mãe, mas Irina desconfiava que não. Ou seja, é possível que, para qualquer pai ou mãe, a prerrogativa mais difícil de conceder aos filhos adultos não seja o direito de eles serem tratados como profissionais de verdade, com suas próprias casas e o respeito de gente importante, mas o direito de eles terem *sentimentos* adultos. Talvez a pessoa se habitue demais a consolar menininhas chorosas, “apaixonadas” pelo

garoto da primeira fila, na certeza de que, na semana seguinte, elas estarão igualmente gamadas pelo garoto da última. Raisa ainda falava de seu casamento com o pai de Irina como uma tragédia de proporções tolstoianas, embora a história engraçada de como eles se haviam conhecido — sem dinheiro, Raisa estava fazendo uma ponta num filme de segunda, chamado *Pequena Dançarina*, no qual Charles deveria treiná-la a falar com sotaque russo — fosse diretamente saída de Tchekhov. Mas não seria natural admitir numa garotinha dentuça, com um apego exagerado aos cotocos gastos de seus lápis Crayola-64, a capacidade de viver tristezas da mesma escala épica. Assim, provavelmente não haveria nenhuma exibição do triângulo com Ramsey-Lawrence que, para Raisa, não soasse barata, surrada e suspeita.

Quando Irina declarou que deixar Lawrence tinha sido “doloroso”, Raisa só pôde ouvir “Foi meio incômodo e o Lawrence me disse umas coisas mesquinhas”.

Quando ela disse que ter se apaixonado perdidamente por Ramsey tinha sido “a coisa mais maravilhosa que já me aconteceu”, Raisa ouviu apenas “Ele me leva para jantar fora e tem um rosto bonitinho”. E, agora que Irina havia afirmado, na idade adulta, ter se “apaixonado” por mais de um homem, sua mãe revogaria o atestado provisório que lhe dera — aliás, concedido de má vontade, após anos de fidelidade a Lawrence — por ter algum dia “amado” propriamente alguém na vida, do jeito como amam os verdadeiros adultos.

Depois de pagar a conta vultosa, Ramsey estava fumegando, e murmurou no ouvido de Irina, na saída do restaurante: “sua mãe é *grosseira*.” Mais tarde, esclareceu ter se referido ao fato de ela haver pedido aquele número enorme de iguarias só para que a maior parte de cada prato fosse jogada no lixo. Embora ele não se incomodasse com o dinheiro, havia em algum lugar, naqueles melindres afetados, algo de ingratidão: “Como se ela vomitasse na minha cara!” Mas

Irina achou, no primeiro momento, que ele estivesse se referindo ao fato de Raisa ter posto os dois na berlinda daquele jeito, tentando desmascarar uma aventura sórdida e traiçoeira por trás de toda aquela *felicidade*.

Mesmo assim, houvera um toque suficiente de verdade nessa acusação para deixar Irina pensativa na caminhada para casa. Em 1988, quando Lawrence se mudara para a rua 104 Oeste, Irina tinha visitado a mãe em Brighton Beach para lhe dar a notícia de que finalmente havia encontrado “o amor de sua vida”.

Lembrava-se de ter empregado essa expressão batida sem o menor constrangimento, afirmando-a de todo o coração. A cena havia gerado uma rara ternura entre mãe e filha, apesar de Raisa ter levado anos para dar crédito àquela afirmação extravagante e se tomar, ela mesma, de uma afeição relutante (se bem que lamentavelmente tenaz, agora) por Lawrence. Por mais que acreditasse ferrenhamente que o homem com quem tinha aparecido à porta na noite anterior fosse maravilhoso, algo de vergonhoso e encabulado havia contaminado a apresentação e, retroativamente, sujado também aquela antes preciosa lembrança de 1988. Irina disse a si mesma que, nos tempos atuais, era corriqueiro as pessoas se casarem duas ou três vezes, e que ter um segundo grande amor estava longe de ser inacreditável. Mas ela era, no fundo, uma romântica de molde arcaico.

Embora amasse Ramsey, não chegava propriamente a amar a história dos dois.



NESSA NOITE, RAMSEY E IRINA se aconchegaram no antigo quarto dela com a garrafa de Hennessy XO, tentando manter a voz baixa.

— Bem, parece ponto pacífico que vocês não estão se dando às mil maravilhas — comentou Irina, em tom resignado.

— Não ligo a mínima para como sua mãe me trata...

— Bobagem — disse Irina. — É claro que liga.

— Muito bem, acho que sim. Nunca fui tratado como um vagabundo mais ordinário de todos em minha vida. Se essa sujeita disser *snucs* mais uma vez, estou meio inclinado a lhe enfiar um murro para fechar a matraca.

— Bom, Ramsey, a maioria dos norte-americanos, e dos russos nem se fale, não sabe praticamente nada sobre sinuca, e não faz ideia do tipo de status que você tem na Inglaterra. Minha mãe é cheia de pretensões e, em muitos aspectos, é uma fraude completa, mas num ponto eu tenho uma boa dose de certeza de que não está fingindo: ela nunca tinha ouvido falar de sinuca.

— E continua a nunca ter ouvido falar de sinuca.

— Pode ser. Só que, por mais que você regale as pessoas com frases como “nesse outro país as pessoas que ganham a vida com isso são ícones culturais”, nada é absorvido quando não tem ligação com a experiência delas. Eu poderia lhe *contar* como o John F. Kennedy era bonito e reverenciado, mas se você simplesmente nunca tivesse ouvido falar dele, não teria a menor possibilidade de compreender o que significou ele ser assassinado, nem de longe.

— Quem é John F. Kennedy? — perguntou ele. Ultimamente, sua expressão impassível andava impecável.

Irina deu-lhe um tapa.

— Pare com isso.

— Mas não se incomode comigo. O que eu não aguento é ver você correndo pela casa, se apressando a pôr os pés dos móveis nas mossas especiais que eles deixaram no tapete, tirando meu copo d’água antes mesmo de eu terminar de beber, lavando, enxugando e recolocando-o no seu lugar específico no armário.

Penduro meu paletó numa cadeira lá embaixo e, dez minutos depois, eu olho e ele sumiu. Já seria ruim o bastante se fosse ela, mas foi você! Por que fazer as vontades dela? Se você bajula essas pessoas malucas, só faz com que piorem! Se fosse minha mãe, eu espalhava

minha mala cheia de tralhas pela sala toda e sujava todos os pratos que pudesse, só para deixá-los assim sobre a bancada. E preste atenção, gatinha, antes de ir embora, eu não só vou deixar a louça imunda, como vou jogá-la no lixo!

— Pensei que você fosse jogador de *snucs*, e agora você quer jogar *boliches*.

Alternadamente irônica e confiante, a conversa calma foi tão amistosa que Irina baixou a guarda. Mais ou menos na hora em que se inclinava a apresentar a seu antigo quarto a depravação da idade adulta, Ramsey lhe perguntou, com ar *relaxado*, exatamente o que ela tinha querido dizer com “ainda gostar” de Lawrence Trainer, “de certa maneira”.

— De certa maneira — repetiu Irina, cautelosa, sabendo que não convinha acrescentar nenhuma palavra nova, porque, não importa qual fosse, inevitavelmente a faria afundar mais no poço. — Eu quis dizer o que disse.

— Eu me caso com você — disse Ramsey, e o coração de Irina despencou no chão, porque ela conhecia aquela voz, e podia ser que ele tivesse parecido moderado e sensato e, bem, apenas *interessado* num pequeno *esclarecimento*, mas a voz era reveladora, como o som de um motor que pega uma vez e morre, pega de novo e morre, mas há gasolina no tanque, e Ramsey *estava apenas começando*. — A gente sai com sua mãe. Que eu acabei de conhecer na véspera. E você bate papo com ela. Na frente do seu marido. E fala de como *gosta* de outro cara?

— *De certa maneira*, eu disse. Fui muito clara, não é da maneira que amo você.

É óbvio que eu estava falando de um sentimento do qual não me envergonho, e que não traz a menor ameaça a você. Caso contrário, por que eu falaria dele, se você estava sentado bem ali?

Se o lado astuto e objetivo de Irina estivesse pairando acima do quarto, assistindo ao desenrolar dessa cena, esse anjo bom teria

gritado “CALE A BOCA!”. É que o pior que ela podia fazer quando essas brigas começavam era se explicar.

Alimentar as chamas. Acrescentar *mais palavras*. Mas Irina, entre outras coisas, era bem-educada. Eles estavam tendo uma conversa, o que parecia obrigá-la a dizer coisas no diálogo, mesmo sabendo que a cada vez que abria a boca soprava um catalisador nas chamas, e que melhor seria tapá-la com fita isolante.

Ramsey já estava engrenando a marcha.

— Por que você não parou para pensar em como aquilo era *humilhante* para o seu marido? Na frente da sua mãe! Que eu estou encontrando pela maldita da primeira vez!

— Não vejo o que há de errado em eu ter dito aquilo, quando o sentimento de que estou falando é franco, caloroso e seguro. Vivi quase dez anos com o Lawrence. Você não esperaria que eu não sentisse nada por ele, não é? Quer dizer, Deus nos livre de nos separarmos algum dia, mas, na terrível eventualidade de que isso acontecesse, você quereria que eu saísse da relação sem sentir nada por você? Absolutamente nada?

— Pronto, está vendo? Cinco minutos de entrevero e você já está me largando!

— Eu não falei nada sobre deixar você, foi só uma coisa teórica...

— E não só eu tenho que ficar sentado lá, ouvindo minha própria mulher arrulhar o quanto ela *ama* esse outro cara, como tenho de comer outra garfada de *kebab* enquanto ela se extasia, *de novo*, posso acrescentar, com o quanto ele é “um homem maravilhoso”, contra quem ela “não admite que se diga uma palavra”?

Isso continuou assim por *horas*. Enquanto Irina tentava manter a voz num sussurro rouco, o *sotto voce* de Ramsey não durou nem duas frases e, num piscar de olhos, ele ofereceu a Raisa — cujo quarto ficava bem em frente, no corredor — um espetáculo cuja

retumbância crescente estava fadada a despertar a admiração de uma bailarina com uma queda por Tchaikovsky. Se ela continuaria a admirá-lo às duas, três ou quatro horas da manhã, isso era outra história. “Quer falar baixo, por favor?”, implorava Irina, com a garganta doendo de tanto gritar aos sussurros.

“Ela está ouvindo cada palavra que você diz! Como acha que isso me faz parecer? Que nos faz parecer?” Mas as súplicas de Irina só faziam inflamá-lo, e lá vinha ele de volta, a plenos pulmões: “E o que me importa o que pensa essa sujeita ressequida? Por que você se importa? É só nisso que consegue pensar: em manter as aparências? Enquanto eu ponho o coração na reta por você? Dane-se o que sua mãe pensa, eu estou falando numa coisa que, para mim, pelo menos, é uma questão de vida ou morte!”

A luz atrás das cortinas começava a se acinzentar — e a garrafa de Hennessy XO ia sumindo — quando Irina desabou na cama e virou de costas. Talvez o sol estivesse despontando, mas a cabeça dela havia ficado negra, e ela já não se importava se a mãe a ouviria soluçar do outro lado do corredor.

— Você me prometeu — disse, antes de mergulhar num sono desolado. — Você me *prometeu*.



QUANDO IRINA SE ARRASTOU para o térreo, após duas horas de sono, encontrou a mãe esfregando uma esponja em bancadas que já estavam limpas, com um ar de presunção excepcional.

— *Dobroye utro, milaya!* — exclamou alegremente. — *S rozhdyestrom tebya!*

— Sim, Feliz Natal para você também — disse Irina, com a voz pesada.

Nossa, a vivacidade podia ser uma forma de agressão.

— Dormiu bem? — veio a pergunta, num inglês incisivo.

Espiando pelas frestas das pálpebras inchadas, Irina enfrentou por um instante o olhar da mãe.

— Não especialmente.

Foi o máximo que se aproximaram de mencionar o palavrório discordante que devia ter impedido completamente o sono de Raisa; ela já se exercitara na barra, e o tapete azul-real da sala da frente exibia as marcas recentes e febris da passagem do aspirador, talvez para retirar as marcas ofensivas deixadas por Ramsey. Mas a briga da véspera estampava-se em todo o rosto de Irina, inchado e pálido. Ela ainda tinha os olhos vermelhos, e quando baixou a cabeça sobre o café para deixar o vapor se condensar em seu rosto, sentiu a testa contrair-se num latejo surdo. Irina estava de ressaca, mas uma ressaca de um tipo especial. Ramsey havia bebido quase todo o conhaque, porém ela tivera diversas oportunidades para estabelecer, ao longo do ano anterior, que, entre chorar e beber, a angústia era de longe a mais devastadora na manhã seguinte. Seus olhos ardiam, os músculos estavam rígidos, a pele, tensa, a saliva, espessa.

No entanto, Ramsey desceu saltitante, com um ar perfeitamente animado.

Irina não fazia ideia de como era possível ele liquidar meia garrafa de conhaque e não parecer nem um pouco abatido. Talvez a capacidade de metabolizar bebidas com 40 por cento de teor alcoólico fosse um dos muitos talentos que o predispunham para a sinuca.

Em algum momento das duas horas de sono, Ramsey devia ter tirado de leve a colcha que estava embaixo de Irina e despido sua roupa, porque ela havia acordado nua, coberta e abraçada da cabeça aos pés por um homem quente, bonito e afetuoso, cujo contato revelava que, se eles tivessem simplesmente feito isso na véspera, se houvessem se tocado, em vez de falar, teriam pulado toda aquela besteirada e, de quebra, acordado descansados para o Natal. Quando

ele se ajoelhou ao lado da cadeira de Irina para fitá-la com aqueles meigos olhos cinza-azulados e lhe dar um beijo demorado na boca, ela se sentiu inundar por uma onda de gratidão cujo poder não diminuiu apesar de Irina reconhecer que aquilo era perverso. Sentir-se grata a um homem que a tinha feito chorar, só porque ele já não a estava fazendo chorar, reproduzia a síndrome que Lawrence deplorava em relação ao padrinho do IRA, Gerry Adams — enaltecido por seu próprio primeiro-ministro e promovido a candidato ao Prêmio Nobel da Paz por *já não estar* mais bombardeando as ilhas britânicas. Embora Ramsey nunca viesse a espancá-la, Irina temia que fosse exatamente isso que fazia as esposas maltratadas continuarem voltando para apanhar mais: a gratidão viciadora por ter passado o pior, a ternura que se tornava preciosa pelo próprio fato de ter sido suspensa por tanto tempo e, a propósito — coisa que os anúncios de telefones de auxílio divulgados na televisão pelos serviços públicos nunca se lembravam de mencionar —, o sexo. O dessa manhã tinha sido de primeira.

Por conseguinte, quando Ramsey se levantou, Irina continuou segurando a mão dele, usando-a para também se pôr de pé. Raisia podia reprovar o agarramento o quanto quisesse, mas Irina ficou nos braços do marido e encostou o rosto em seu peito, não só por precisar daquele contato como de uma droga, mas também para deixar muito bem estabelecido que, independentemente do que sua mãe tivesse entreouvido, eles haviam feito as pazes. Infelizmente, Raisia já devia ter visto uma ou duas coisinhas em seus sessenta e quatro anos de vida, inclusive mais de uma esposa espancada na vizinhança. Ao dar uma olhadela nos dois, enlaçados num abraço apertado, sua expressão só fez aumentar um pouco mais o ar de presunção entendida, como se toda aquela reviravolta de pombinhos meramente confirmasse o mesmo veredicto devastador a que ela havia chegado de forma conclusiva às duas horas da manhã.

Irina enfrentou o resto do dia com pavor. Depois de um apocalipse, na Victoria Park Road, ela e Ramsey não teriam pedido mais nada um do outro senão o contato físico ininterrupto, com uma perna num colo ou a mão de um no joelho do outro, enquanto bebericassem um café revigorante, entrelaçando os dedos ao se aventurarem num passeio calmo e trêmulo pelo parque, abreviando-o como se encurtariam as caminhadas de aleijados ou convalescentes. Eles teriam trocado pequenos favores ou presentes e Ramsey daria uma fugida para voltar com uma marca não experimentada de molho picante, enquanto Irina poria uma moldura de papelão no cartaz do Aberto da China, para pendurá-lo com os outros no subsolo. Nesse dia, porém, nenhum ritual delicado e mutuamente atencioso para o restabelecimento das afeições normais se apresentaria. Tinha que ser a porra do Natal. A qualquer momento, Tatyana e sua família irromperiam pela casa com toda a parafernália para uma ceia imensa, diante de cuja perspectiva o estômago de Irina se embrulhou de repugnância. Ela não estava preparada para aquilo. Não estava nem um pouco preparada.



COMO IRINA HAVIA EXPLICADO a Ramsey no avião, até chegar mais ou menos aos vinte anos, Tatyana se esforçara para se tornar a reencarnação da mãe. Seis anos mais nova e não concebida com ressentimento, como certa pessoa, ela parecia ter herdado toda a desenvoltura e flexibilidade que tinham sido negadas à irmã, e se tornara uma aluna-modelo de balé. De rosto mais arredondado, traços mais simétricos e dentes da frente retos e regulares, Tatyana era, das duas meninas, a mais convencionalmente bonita. Apesar de não ser tão alta quanto Raisia e de ter herdado do pai uma estrutura óssea mais substancial, ela combatia a biologia com certo êxito, comendo tão pouco que, em comparação, Raisia parecia uma grande glutona. O regime só fizera tornar-se ainda mais punitivo quando os seios começaram a despontar — protuberâncias, na terminologia do

balé, que eram contra a lei. Tatyana fora aceita numa prestigiosa escola de dança em Manhattan, e Irina supunha que se deixasse de lado uma competição encerrada anos antes veria que essa era uma história triste. Sua irmã havia trabalhado com um afinco fantástico. E chegara impressionantemente longe, inclusive a um recital no Lincoln Center. Mas não era alta o suficiente e, mesmo passando fome, nunca pudera livrar-se daquelas odiadas glândulas mamárias a ponto de satisfazer as inúmeras companhias de balé, que jamais ligavam de volta depois das audições.

A decepção esmagadora de Tatyana havia alertado Irina para aquela segunda fila formada pelos também concorrentes, também talentosos, que revestia de tristeza a maioria das artes. Em especial, os campos rarefeitos em que havia poucos lugares no topo fomentavam toda uma tropa de pessoas de talento que trabalhavam com muito, muito empenho, e eram muito, muito competentes, e que mereciam ser premiadas por seu esforço e suas realizações espantosos, mas não o seriam.

Tatyana também tinha sido uma demonstração prática do que acontece com os perfeccionistas que compreendem, em caráter definitivo, que estão batalhando pelo inatingível. É uma mentalidade tudo ou nada e, quase radiante, Tatyana havia optado pelo nada. Ainda fazendo, na época, o trajeto diário entre a casa e o Hunter College, na Universidade Municipal de Nova York, Irina estivera em casa na noite em que a irmã havia anunciado que estava desistindo, e nunca se esqueceria da visão daquela garota miúda preparando um enorme prato de espaguete para comer. A mãe ficara horrorizada, mas Irina tinha achado uma glória ver meio quilo de massa descer fio a fio pela garganta daquele pescoço dolorosamente magro. Tatyana arrancara uma vitória de sua derrota completa, derrubando não apenas a mãe, mas também a si mesma.

Tratara então de renunciar não só à dança e à fome, como também a qualquer tipo de ambição mundana. Quisera um marido e

o havia arranjado em menos de um ano — um russo bem-apessoado de segunda geração, que morava na vizinhança e trabalhava na construção civil. Quisera filhos e também os conseguiu — agora com dez e doze anos. Quisera todos os pãezinhos, bolos de aniversário e borches que se havia negado durante duas décadas, e desde então vinha compensando o tempo perdido. Irina sempre tivera certa pena do marido de Tatyana, Dmitri, um homem tranquilo e de ar perplexo. Sua mulher dera um salto por cima da barreira das espécies — de pássaro a vaca.

Seria de se esperar que a filha caçula, caída em desgraça, alienasse a afeição da mãe. Em vez disso, enquanto antes Tatyana lisonjeava Raisa pela imitação, agora a lisonjeava pelo contraste, e por isso fora inteiramente remendada como a filha mais próxima do coração materno.

Irina supunha que, provavelmente, Tatyana era mais feliz por ter dado as costas à dança, como muitas pessoas provavelmente seriam mais felizes se parassem de se torturar com a obrigação norte-americana de ter um “sonho”. Mas esses tipos perfeccionistas nunca mudam por completo de índole, de modo que Tatyana havia abraçado a domesticidade com o mesmo extremismo com que abraçara o balé. Vivia eternamente fazendo colchas de retalhos, conservas, assados e estofamentos, além de tricotar suéteres de que ninguém precisava. Sua forma invasiva de conduzir a maternidade cheirava àquele moralismo defensivo característico das mães contemporâneas que não trabalham fora. Ela era sufocante, exageradamente preocupada e superprotetora, porque, se os filhos tinham que redimir sua vida, haveriam de redimi-la para valer.

A comemoração desse Natal estava fadada a ser um clássico: Tatyana assumiria inteiramente o controle, afobando-se pela casa com um excesso absurdo de presentes, pratos de acompanhamento, guirlandas de flores e chapeuzinhos idiotas. Teria sido muito mais eficiente se todos simplesmente fossem à casa dela, em vez de fazê-la

trazer todo aquele carregamento de coisas para o jantar, mas nos últimos tempos Tatyana desenvolvera um sentimentalismo piegas a respeito do “Natal em casa” que fazia um estranho contraste com a criação das duas irmãs, feita de interrogatórios torturantes por causa de um copo d’água não lavado e da desintegração prato a prato daquela louça de porcelana azul-cobalto.

Tatyana já devia ter sido informada por telefone — ela e Raisa se falavam todos os dias, infalivelmente —, de modo que, quando avançou pela entradinha, carregada de sacolas, não deu uma olhadela espantada ao deparar com Ramsey fumando na escada. Imediatamente convocado para carregar pratos cobertos por papel laminado e embrulhos feitos com um cuidado ímpar, ele se arrastou em silêncio e sem reclamar, mas sua expressão evidenciou um crescente desânimo, do tipo como-foi-que-eu-vim-parar-aqui.

Irina ajudou a guardar alguns pratos na geladeira, estarrecida ao descobrir que a irmã tinha feito um autêntico *kulebiaka*, decorado com uma floresta de flores de azevinho e frutinhas feitas de massa; o complexo creme de salmão envolto em massa folhada levava quase um dia inteiro para ser preparado. Com muito tato, Irina guardou para si a visão pessoal de que um belo filé de salmão, engenhosamente malpassado e temperado com um molho, não só levaria uma fração desse tempo, como era mais saboroso.

— Irina, fiquei encantada com sua novidade — segredou Tatyana, sob a proteção da porta da geladeira. — Mamãe pode ficar escandalizada, mas acho fantástico você ter finalmente deixado o Lawrence. Eu não podia dizer isso quando vocês estavam juntos, mas, francamente, eu o achava insuportável. Tão condescendente! Ele me tratava com *desdém*, só porque não publico artigos no *Wall Street Journal* e faço uma charlotte russa incrível. Muito metido a sabe-tudo!

Sempre matraqueando sobre um não-sei-quê impenetrável no Afeganistão, quando, na verdade, quem se importa com isso?

— Entendo por que você não compartilharia os interesses dele — disse Irina, cautelosa. — Mas, quando ele falava desse jeito, era por ficar sinceramente empolgado com o assunto.

— Pffff — descartou Tatyana. — Ele era um exibido. E era frio. Você é russa. Precisa estar com alguém que tenha alma.

Irina precisava ter cuidado com o que dizia, depois da noite anterior, e falou entre os dentes: — Não acho que o Lawrence fosse, quer dizer, seja, já que ele não morreu, não acho que ele seja frio. (A bem da verdade, em vez disso Irina disse *Ya nye dumayu shto on kholodny*, para não correr nenhum risco.) — Ora, vamos, você não precisa mais defendê-lo! Ele a tratava feito uma criança. Sempre lhe dizendo o que fazer, nunca deixando você terminar uma frase. E não parecia ter a menor compreensão do que é ser artista.

— Ele nunca me incentivou a ser pretensiosa, se é isso que você quer dizer.

Embora devesse ter sido animador obter apoio para sua guinada temerária, a insuspeitada antipatia da irmã por Lawrence deixou Irina surpreendentemente magoada.

— Ainda não tive chance de conversar com ele, mas o Ramsey parece ser muito boa gente.

— Bem, sim — disse Irina —, é o que muitas pessoas acham ao conhecê-lo.

— Ele é boa gente, não é? Você se casou com ele!

— É claro! — respondeu Irina, recuando, se bem que, se “boa gente”

abrangia manter a mulher acordada até as seis da manhã, com acusações monótonas e inflexíveis, mortificantemente audíveis para a mãe dela, o rótulo não significava grande coisa.

Depois que os *pirozhki* douraram no forno, as duas irmãs, por uma infância de cumplicidade nesses assuntos, lavaram e

enxugaram imediatamente o tabuleiro, limpavam freneticamente as migalhas da bancada e cataram do chão uma ou outra lasquinha de crosta com a ponta do indicador molhado, para garantir que nenhum daqueles restos grudasse no sifão da pia. Quando levaram as tortinhas de carne para a sala numa bandeja, o casal de filhos de Tatyana estava rigidamente empoleirado na beirada de suas cadeiras. Reservadas e superalimentadas, as crianças não se atreviam a arrastar os pés no tapete ou bater com o salto dos sapatos nos pés das cadeiras, na irrequietação da meninada normal. Quando Raisa indagou sobre seus trabalhos escolares, eles receberam cada pergunta com o pavor paralisado e a expressão vazia de quem ouve uma palavra de seis sílabas num concurso de ortografia.

Dmitri já tinha aberto a garrafa de vodca gelada que, por mais exigida que fosse em qualquer festejo russo, Irina não teria escolhido pessoalmente como café da manhã do marido. Além disso, a longa análise de Ramsey e Dmitri sobre os méritos comparativos da Stolichnaya, da Absolut e da Grey Goose contribuía para uma impressão cujas sementes, por molecagem, Ramsey já havia plantado na sogra. Com certeza, ele devia estar morto de vontade de fumar um cigarro, o que o levaria a engolir aquelas doses com uma rapidez irritante.

Depois de empurrar pratos de *pirozhki* para todo mundo, menos Raisa, Tatyana acomodou-se ao lado de Ramsey, que partiu logo para o único assunto que o resto da família se empenhava em evitar.

— Irina me contou que você era bailarina e depois virou as costas para tudo.

— Isso mesmo — disse Tatyana, tensa, remexendo numa crosta de torta.

— Ela também disse que você tinha um talento danado.

— Bem, foi gentileza dela. Mas é óbvio que eu não tinha talento suficiente.

A maioria das pessoas já teria visto um verdadeiro neon a essa altura, piscando ASSUNTO DELICADO! ASSUNTO DELICADO!, e rumado depressa noutra direção. Mas, exceto pelas caçoadas da sinuca, Ramsey tinha pouco interesse em bate-papos vazios e seguiu em frente, com determinação.

— Não tive a impressão de que o problema fosse esse.

Damas, não foi?

— É gíria *cockney* rimada — esclareceu Irina, do outro lado.

— Grandes damas rima com mamas.

— Acho que se eu fosse realmente ambiciosa — disse Tatyana, com ar altivo — poderia tê-las reduzido com uma cirurgia.

— Mas qual é a sensação, agora que você desistiu? Você se critica, por exemplo, como se devesse ter insistido mais?

— Pensando bem, não — disse Tatyana, enfim virando de frente para Ramsey e deixando o *pirozhki* de lado. — Quando desisti do balé, tirei um peso enorme das costas e, de repente, tudo pareceu relaxante e simples. Eu adoro arte, mas se você observar o que as próprias artes celebram, em geral é a doçura da vida corriqueira. Refeições, filhos e pores do sol no passeio à beira-mar. Portanto, é evidente que, se as artes têm algum sentido, a própria vida é a obra de arte mais importante de todas...

Do outro lado da sala, Irina maravilhou-se ao ver como, instigada por Ramsey, Tatyana se estendeu num discurso apaixonado. Puxa, ela costumava tagarelar sobre as reformas do banheiro da suíte. Por fim, deve ter-se contido por medo de parecer indelicada, embora fosse um esforço visível deixar as luzes da ribalta.

— Mas, Ramsey — disse Tatyana —, me fale mais de você. Mamãe me disse que você é um trapaceiro profissional do bilhar, não?

— Pode-se dizer que sim — respondeu ele, saudando esse resumo absurdo com mais um trago.

— Ora, não pode, não — disse Irina, aproximando-se das cadeiras deles. — Pare com isso.

— Eu acho que parece empolgante! — disse Tatyana, ofegando. — Sabe, meio como o submundo... sombrio e tenebroso.

— Se você andou recebendo as dicas da mamãe, não deve querer dizer *sombrio*, mas *escuso*. O que o Ramsey não é. Escute, *meu querido*, eu gostaria que você...

— A patroa aqui quer que eu anuncie logo de uma vez que sou *famoso*. Não parece sacar que uma celebridade que se preza nunca sai bancando o trouxa na sala de visitas de alguém e declara que é *famosa* pra diabo. Irina quer que eu fale como uma azêmola.

— Que é *azêmola*? — perguntou Nadya, a de dez anos, com uma vozinha miúda.

— Um paspalho — explicou Ramsey. — Um babaca. Um perfeito e completo asno.

— Como é que se pode falar feito um *asno*? — insistiu Nadya. — Eles não falam!

— Ah, falam, sim! — exclamou Ramsey, estendendo as mãos para arrebatá-la da cadeira, antes que ela soubesse o que estava acontecendo, e balançando-a acima da cabeça. — Eles dizem assim: “Ei, eu estou entre os dezesseis melhores no ranking da *snucs*, parceiro, então é melhor você me tratar como gente importante!”

Uma onda de choque percorreu a sala — pouco habituada à intromissão de um pouco de *vida* — quando Ramsey girou a menina no alto, o que fez suas pernas se estenderem para fora, chegando perigosamente perto do samovar.

Nadya riu — um som que, vindo da sobrinha, talvez a tia nunca tivesse ouvido.

Irina sorriu; sabia como era ter aqueles dedos compridos envolvendo a caixa torácica e balançar a meio metro do chão. Com certa tristeza, ocorreu-lhe que Ramsey daria um bom pai.

Mas era fatal que aquela turbulência fosse interpretada por sua mãe apenas como prova de que Ramsey estava ficando bêbado. O que, aliás, estava.

— Muito bem, vocês dois — anunciou Ramsey às crianças, tomando conta da situação. — Que tal abriremos uns presentinhos, hein?

Antes que alguém pudesse detê-lo — era uma iniciativa literalmente *fora de ordem*, já que, na tradição dos McGovern, os presentes só eram desembulhados depois da ceia —, Ramsey puxou uma caixa de baixo da árvore e a jogou para o menino. Olhando em volta em busca de permissão, mas sentindo-se na berlinda, Sasha começou a soltar os pedaços de durex um por um.

— Cacete! — exclamou Ramsey. — Sasha, meu garoto, quem foi o panaca rabugento que lhe ensinou a abrir embrulhos desse jeito? Sua irmã queria saber o que é uma *azêmola*, pois então, é assim que uma *azêmola* pega um presente. É para você rasgar a porcaria em pedaços!

Ainda não informado de que essa família sempre alisava e dobrava o papel de presente para reutilizá-lo no ano seguinte, Ramsey partiu para a demonstração, até que Sacha entrou no espírito da coisa e, juntos, os dois estraçalharam o papel brilhante e o jogaram para o alto. Infelizmente, em sua descontração, Sasha derrubou uma das tigelas de creme azedo da mesa de centro e ela aterrissou com o creme virado para baixo no tapete azul-real.

— Não se incomode com isso, parceirinho — disse Ramsey, recolhendo o creme, jogando-o na tigela e lambendo a lateral da mão.

Tatyana já estava disparando para a cozinha, gritando com alegria pouco convincente:

— Eu limpo, mamãe, não se preocupe! Já venho já!

— *Dane-se* o creme azedo, meu bem! — disse Ramsey, tirando do bolso um lenço de seda e encharcando-o de vodca, para

dar uma limpada superficial na mancha. Quando Tatyana voltou, toda diligente, com um monte de esponjas e tira-manchas, Ramsey revirou os olhos, claramente sem se preocupar em saber se Raisa notaria. Ela notou.

O presente desembalhado por Sasha era de Ramsey, um PlayStation da Sony com um videogame chamado “Campeonato Mundial de Sinuca de 1999”, também da Sony. Como o programa incluía o calendário inteiro dos eventos oficiais — começando pelo Grande Prêmio e terminando, é claro, no Mundial —, Ramsey acabara de oferecer à família de Irina um guia em desenho animado sobre toda a sua vida. Embora Sasha e a irmã parecessem encantados com o PlayStation, os dois se juntaram para examinar seu único videogame com uma perplexidade desolada. Franzindo o cenho para a caixa em seu colo, Sasha perguntou, choramingando: — O que é *sinuca*?

E com isso anunciou, sem querer, o tema dominante de toda a visita.

— *Sinuca* — disse Ramsey, ajoelhado em sua cadeira — é o *melhor jogo do mundo*.

— Ninguém na minha escola joga isso — retrucou Sasha, amuado. — Nunca ouvi falar.

— Que inferno — resmungou Ramsey. Depois de se levantar e servir outra dose em seu copo, virou-se para as crianças com o desespero hiperativo de um apresentador de programa infantil de televisão diante de uma plateia incomumente mal-humorada. — Certo, podemos começar por uma música, hein?

Querem aprender uma nova canção, enquanto botamos esse troço para funcionar? *Malucos por sinuca somos nós! / Eu e ele, eles e nós...!*

O fato de as crianças apenas se encolherem encorajou Ramsey a berrar sua canção natalina favorita num volume ainda mais alto.

— *Para a amarela, a verde, a marrom, a azul, a rosa e a preta!*

Enquanto os manuais de instruções e os cabos conectores se espalhavam pelo tapete com a velocidade de uma praga da batata, Tatyana foi enfiando freneticamente tiras de papel de embrulho e celofane num saco plástico trazido da cozinha.

— *Somos todos doidos por sinuca...!*

— Irina.

A convocação de Raisa foi sussurrada. Para Irina, no entanto, teve um timbre característico, capaz de atravessar o rugido de uma multidão, pois recordava os inúmeros copos de leite que ela havia entornado quando menina, os vasos que tinha quebrado.

Levantando-se de sua cadeira com jeito de trono, Raisa continuou: — *Pazhalysta, uymi svoiyevu muzha.*

— Duvido que eu pudesse controlar meu marido, mesmo que quisesse.

— *Malucos por sinuca somos nós...!*

O fato de mãe e filha percorrerem a curta distância até a cozinha foi apenas um exercício formal de privacidade; era fatal que todos na sala ouvissem qualquer coisa acima de um murmúrio. Quanto à discreta passagem de Raisa para o russo, até as crianças eram fluentes, e se ela estava fingindo poupar Ramsey de mágoas, sabia muito bem que ele certamente exigiria uma explicação, e que sua filha mais velha logo ocuparia uma posição fadada ao fracasso: a de ofender o marido ou mentir para ele.

— São só duas horas da tarde — disse Raisa, *po-russki*.

Embora a tradução posteriormente fornecida por Irina ao marido viesse a sofrer alguns cortes expressivos, ela tentaria transmitir a ideia de que, em russo, Raisa era de uma fluência cortante. — E aquele homem já está bêbado.

— É Natal, mamãe — retrucou Irina, também se rendendo ao russo.

— Ele está bebendo sem parar desde que chegou aqui. Acredite, em Brighton Beach a gente aprende a ter um olho para essas coisas. Não se trata de uma incapacidade de suportar o “*stress*” — disse ela, usando a palavra da moda em inglês — por estar conhecendo os novos parentes. Isso não é abrir uma exceção especial por conta das festas. Aquele homem é um beberrão.

As duas estavam de pé, com a mesa da cozinha a separá-las, Raisa com as mãos apoiadas no encosto da cadeira da cabeceira, com seu esmalte vermelho vivo; Irina agarrava a cadeira oposta.

— Ele raramente bebe durante o dia e, em geral, resiste muito bem à bebida...

— Excesso é excesso, e ninguém resiste “bem” a ele. — (*Com um montão de bolas e um taco de sinuuuca!* , veio a voz da sala, varando a cozinha.) — Tentei ficar de boca fechada e respeitar o fato de que, bem, pelo menos você diz ter se casado com ele. Mas não entendo o que deu em você. O Lawrence, ao que eu soubesse, era muito bom para você. Era fiel, parcimonioso e atencioso. Nem sempre compreendi em que ele trabalhava, mas era óbvio para mim que, fosse o que fosse, ele trabalhava muito. Era abstêmio. Nunca sairia engatinhando pelo chão, cantando músicas bobas com uma garrafa de vodca.

— Percebo que o Ramsey talvez não esteja causando a melhor das impressões, mas você não deixa que ele o faça. Não fez uma única tentativa de conhecê-lo...

— *Eu não preciso* — anunciou Raisa. — Conheço esse tipo. Reconheci o que ele era no momento em que ele entrou pela porta.

— Ah, sim? — perguntou Irina, com ar atrevido. — E que tipo é esse?

— Ele é um aproveitador — respondeu Raisa, de bate-pronto. — Vai tirar tudo o que você deixar, e mais um pouco. Por dentro, ele é todo feito de comodismo, desejos infantis e maus hábitos. O fato de

todo esse egoísmo, essa ganância e esse vício virem revestidos de charme torna tudo ainda mais perigoso.

Homens assim não duram, e homens assim levam você para o buraco com eles.

— Fico admirada por você ter acumulado um discernimento tão grande sobre o meu marido, considerando-se que mal falou com ele.

— Eu poderia lhe dizer muitas coisas — retrucou Raisa, levantando os ombros na atitude imperiosa que era sua marca registrada. — Não que eu espere que você queira ouvir. Você imagina que um homem assim seja fiel? Ah, tipos assim sabem jogar com a sedução como quem abre uma torneira... ou aumenta um *termostato*. Sabem parecer muito *interessados*, muito *atenciosos*. Você viu o que ele fez com Tatyana. Viu como a coitada se iluminou. A pobrezinha se desgraça pela família e ninguém nunca lhe dá esse tipo de atenção...

— Que tipo de atenção?

— Você sabe exatamente que tipo de atenção. É claro que ela se derreteu.

Fiquei enojada de olhar. Você acha que ele não joga essa mesma conversa de *ah, você é tão fascinante e linda* para cima das outras mulheres, pelas suas costas?

— Não, não acho.

Irina teve muita vontade, mas não se atreveu, de acusar Raisa de parecer indignada, sobretudo por Ramsey ter se recusado a dedicar aquele “tipo de atenção” à sogra.

— Francamente, Irina, onde você estava com a cabeça? — indagou Raisa, soltando a cadeira e começando a andar de um lado para outro, com o mesmo jeito de quem *só estava começando* que tinha deixado Irina de estômago embrulhado na noite anterior. — Será que você pensou? Ou será que se deixou levar pelo que tem embaixo da saia? Ora, eu admito que ele não é um homem feio. Mas você

acha que até mesmo aquele rosto vai durar, presumindo-se que não se canse dele primeiro? Ele é desregrado, e é velho demais para você. Mesmo quando ficam por perto, homens assim morrem primeiro, e deixam a mulher envelhecer sozinha e sem dinheiro.

— Ele só é cinco anos mais velho que eu!

— Quando ele começar a desmoronar, que é que vai sobrar para você? Um bêbado na sua cama e credores na porta!

— Eu *já lhe disse*. O Ramsey tem muito dinheiro!

— *Por enquanto*. Eu vi como ele o esbanja. Igualzinho ao seu pai! Eles têm o bolso furado, e durante alguns dias é tudo uma grande festa! E, aí, um belo dia você acorda e eles precisam pedir um dólar emprestado para comprar o jornal.

— Sabe, essa sua *recusa* em entender o quanto ele é respeitado na Inglaterra é pura obstinação! Ramsey Acton é *um jogador de sinuca de fama mundial!*

— Jogador de *snucs!* — exclamou Raisa, praticamente cuspiendo. — E aquela voz dele. O jeito de falar. Muito baixo nível. Não sei como você aguenta.

— Eu adoro o jeito dele falar. Tem sabor!

— Meu inglês pode não ser muito bom, mas até eu percebo que ele fala a língua da sarjeta! — retrucou Raisa. Tinha começado a agitar as mãos, como se regesse seu amado Tchaikovsky. — Eu não devia ter que lhe dizer essas coisas, na sua idade. O casamento é uma coisa prática. Não é só romance. Foi assim que eu mesma cometi um erro terrível, e não suporto ver você repeti-lo! Lawrence não era rico, mas tinha um salário regular...

— Deixando de lado o fato de que o Ramsey é rico, por que será que tudo para você tem a ver com o dinheiro?

— Não estou falando só de dinheiro! O casamento é uma aliança. Não estou dizendo que seja como formar uma empresa. Não sou tão cética quanto você pensa. É mais como uma aliança entre

países, o que significa que deve trazer benefícios mútuos! Os dois juntam seus recursos...

— Viu? Mais *dinheiro*!

— *Não é* mais dinheiro. Os recursos mais importantes que as pessoas reúnem são a força do caráter de cada uma. Mas se você insiste em ver tudo o que estou dizendo como tendo a ver com uma visão fria e comercial do casamento, muito b e m : *o caráter é uma mercadoria*. O Lawrence era firme. Tinha princípios, determinação e disciplina! O Lawrence cuidaria de você pelo resto da vida. Era responsável, e esse homem com quem você fugiu é um patife!

Ou seja, Irina havia trocado investimentos em ouro por carne de porco no mercado de futuros.

— Você não sabe nada dele! — exclamou, tentando ferozmente não chorar.

— Irina, eu sei do que estou falando! Seu pai era sedutor. Era bonito. Era divertido, com todas aquelas vozes diferentes. No começo, ele me ofereceu a vida da alta sociedade. Mas Charles era um homem fraco, um homem indulgente, que nunca planejava o futuro. Só o que importava era ele se divertir, hoje.

— É, aliás, o Ramsey e eu nos divertimos maravilhosamente juntos, *hoje*, não que você entenda o que isso significa...

— Ah, eu já vi essa sua *diversão maravilhosa*. Lá no chão da sala, bêbado na frente das crianças, lá está sua *diversão maravilhosa*...

— E, sim, eu o acho atraente, mais atraente do que qualquer homem que já conheci. Mas ele é também muito generoso e muito gentil...

— *Gentil*? Foi isso que eu ouvi ontem à noite? Aquilo era gentileza?

Irina baixou a cabeça.

— Está bem. Nosso relacionamento é... volátil. Mas é assim porque tem muito ardor...

— Ele lhe passou uma descompostura! Posso não ter entendido todas as palavras... ele usa tantas palavras de som horróroso que nem quero aprendê-las... mas reconheci aquele tom de voz. Estou lhe dizendo, eu nunca permiti que seu pai falasse comigo daquele jeito. Você sabe que ele e eu tínhamos nossas diferenças, mas havia um limite que ele sabia que nunca podia ultrapassar.

— Ele ultrapassou muitos limites, inclusive tendo casos com todas as continuístas e figurantes deslumbradas em que conseguia pôr as mãos, assim que escapava desta casa. Mas isso não é culpa de Ramsey! Papai não tem nada a ver com Ramsey!

— Você está mudando de assunto por se sentir mal com este, não é? Quer me lembrar aquelas piranhas porque não quer falar de ontem à noite! — insistiu Raisa, elevando-se altaneira atrás da filha, que lhe dera as costas. — Ele é insultuoso! Você não tem orgulho? O que eu ouvi do outro lado do corredor foi como em quase todas as casas desta rua. Mais um marido bêbado e gritão, sem classe, sem amor-próprio e, acima de tudo, sem nenhum respeito pela mulher.

— Escute — disse Irina, virando-se para ela. Muitas vezes havia sonhado enfrentar a mãe, e já era mais do que hora de fazê-lo, aos quarenta e três anos, mas, na fantasia, ela nunca se via tremendo. — O que você quer dizer? Que eu devo me divorciar? E isso porque você o conhece melhor, depois de ele ter cruzado a soleira da sua porta uma vez, do que eu, que o conheço há sete anos?

— Se você tivesse um pingó de juízo na cabeça, voltaria correndo para Lawrence e pediria perdão. Diria a ele que você teve um desses... como é que dizem os americanos? Um desses ataques da meia-idade. Que sabe que foi tola, mas gostaria de voltar para ele, por favor!

Irina fitou a mãe, com uma sensação deprimida de separação. Se havia alguém que tinha orgulho para dar e vender, era Raisa, e isso significava que nunca revogaria seu julgamento, por mais

numerosos que fossem os anos de dedicação monogâmica e equilibrada que viesse a testemunhar em *Rumsee Achtun*.

Embora ela e a mãe tivessem brigado por um caminhão de banalidades — no ano anterior, tinha sido por Irina secar a boca com o guardanapo de linho na hora do borsche, por *pensar* que era para isso que servia aquela droga —, os confrontos passados tinham sido rusguinhas. Isso não era uma rusga. Era uma ruptura. Em inglês, as palavras tinham o som parecido, mas as consequências não poderiam ser mais contrastantes.

Irina levantou as mãos.

— Sinto muito que você não goste dele.

Virou-se, enquanto a mãe gritava às suas costas: — Não posso ver uma tragédia se desenrolar diante dos meus olhos e ficar calada!

Aparentemente, não compartilhava a visão da filha de que não havia mais nada a dizer.



FINALMENTE ENCERRADO o simulacro de julgamento na cozinha, Tatyana passou correndo por Irina no corredor, sussurrando: — O *kulebiaka*!

Ai, meu Deus, era disso que vinha aquele cheiro.

Na sala, as expressões de culpa do grupo confirmaram que a descompostura passada na cozinha obtivera com sucesso a audiência exigida por Raisa. Só Ramsey parecia indiferente, tão fascinado pelo “Campeonato Mundial de Sinuca de 1999” quanto as crianças se mostravam entediadas com o jogo. Mas o tom agressivo e acusatório da sogra devia ter se traduzido, em russo ou não, e a frequência com que “Lawrence” pontuara o sermão dela e “Ramsey” surgira nas réplicas defensivas de sua mulher deviam ter tornado o assunto tudo, menos obscuro.

Quando Irina se abaixou para passar o braço em volta dos ombros dele, Ramsey manteve os olhos fixos na televisão.

— Ei, esse treco é bem sofisticado, gatinha. Toque na tacadeira abaixo do centro, toque desviado do centro... E os efeitos sonoros são o fino! Eles têm até as interrupções por causa de um ou outro celular.

Na televisão, Irina reconheceu a figura animada que ia limpando a mesa como uma encarnação de seu marido em forma de desenho da Looney Tunes.

Com seu colete pérola, o Ramsey Cibernético era severo e sisudo, em contraste com o personagem pateta e hiperativo que se debruçava feito um fanático sobre os controles. Os desenhistas tinham enfatizado as rugas longas do rosto dele e pintado seu cabelo de grisalho; que pena, a garotada mais nova do jogo o percebia como um velhote encarquilhado.

E o pior de tudo, para as segundas intenções de Ramsey, era que sua cópia simplesmente não era bem-feita. Assim, Raisa voltou altivamente para a sala e lançou uma olhadela desdenhosa para a tela. Seu genro dera um brinquedo às crianças no Natal só para monopolizá-lo, ele mesmo, e tudo que ela viu deslizando de lado em volta de uma grande mesa verde foi um desenho anônimo.

— Ei — comentou Ramsey —, uma das coisas geniais numa visita à casa da família no Natal é a oportunidade de um bom *papo* entre mãe e filha.

No que ele disse *papo*, soou a batida de uma bola no jogo, enquanto uma gravação de Dennis Taylor se deslumbrava: “Ora, está aí uma longa tacada de efeito de Ramsey Acton!” Mas Raisa não deu qualquer indicação de haver discernido o nome dele no comentário e lhe exibiu um sorriso frio.

— Só vejo Irina uma vez ano, agora ela morar Inglaterra. E muitas mudanças este ano, *da*? Muita coisa para conversar.

Ramsey pôs-se de pé junto com Irina e passou um braço pela cintura dela.

— Que bom saber. Bom vocês terem resolvido isso. Porque — e bebeu um trago com a mão livre — nós temos outros lugares para ir, entende o que eu quero dizer? Irina, gatinha, você pode dar um pulinho lá em cima e fazer nossas malas? Fiz uma reserva para nós no Plaza e o registro da chegada é até as seis da tarde, senão podemos perder o quarto.

Quando seus olhos encontraram os de Ramsey, Irina leu com clareza: *É ela ou eu*. A escolha não chegava a ser difícil, aos quarenta e três anos, de modo que ela subiu correndo para juntar a bagagem, num curioso estado de júbilo. A ideia sediciosa de que havia outros lugares para ficar em Nova York, além dessa casa duplex escura e opressiva em Brighton Beach, nunca lhe passara pela cabeça.

Quando ela desceu, arrastando as malas, Tatyana foi a seu encontro na base da escada.

— Irina — murmurou —, não vá embora! Fique pelo menos para a ceia de Natal. Temos *zakuski* na sala de jantar, inclusive aquele caviar magnífico que o Ramsey comprou, que vai combinar às mil maravilhas com o *blini*. Consegui raspar os pedacinhos queimados do *kulebiaka* e ainda temos um leitão assado inteiro para o evento principal!

— Desculpe, mas não podemos — disse Irina. — Você deve ter ouvido parte daquilo, ou tudo. Não posso pedir ao Ramsey para ficar onde não é bem-vindo.

— Pelo menos, tente ajeitar um pouco as coisas, senão, quem sabe quanto tempo esse impasse pode durar! Você sabe como mamãe é teimosa.

— Ela não é a única teimosa. E não fui eu quem começou. Desculpe, Tatyana, sei que você teve uma trabalhadeira terrível para fazer um jantar lindo.

Espero que isso não o tenha estragado. Procure oferecer às crianças um Natal agradável.

— Só quero que você saiba que eu não concordo — disse Tatyana, pondo a mão no braço da irmã. — Eu o acho maravilhoso. Arrojado, exuberante, divertido. Estou apaixonada pelo sotaque. Ele fala igualzinho ao Michael Caine!

E é óbvio que adora você. É muita sorte sua. Vocês têm algo incrivelmente especial, e espero que sejam felizes juntos. Sinto muito, mas é que ele parece tirar mamãe do sério por causa de papai.

Quando Irina voltou à sala, Ramsey e Raisa estavam cara a cara, ele com sua jaqueta de couro, ela com seu vestido justo de lã vermelha, cujas ombreiras lhe ampliavam os ombros até a largura dos do adversário. Altos, rijos e de porte inflexível, os dois eram catastróficamente parecidos. E como se não fosse apenas isso, ambos eram prima-donas.

— Está pronta, gatinha? — perguntou Ramsey, enfiando as mãos sob os braços de Irina, levantando-a do chão e depois deslizando o corpo dela pelo seu, num movimento vagaroso de volta ao tapete; a levantada e a descida controladas foram quase um balé com endereço certo. O riso de Irina foi solto. Desistir de qualquer desejo de agradar era tão relaxante que ela se perguntou por que não abandonava esse projeto inútil com mais frequência.

— Sinto muito vocês terem que ir — disse Raisa a Ramsey.

— Bem, não tenho muito tempo de folga nessa temporada e, sem querer parecer ingrato pela sua *hospitalidade*, mamãe, não vou passar as férias inteiras preocupado em saber se minha cadeira está naquelas marcas especiais no tapete.

Obrigadinho!

Tirando de trás da orelha um Gauloise já preparado, Ramsey virou-se, balançando o cigarro apagado na boca, enquanto Irina dizia baixinho “Tchau, mamãe” e lhe dava um beijo rápido no rosto. Quando ia pegando a mala, Ramsey exclamou “Ora essa, quase me esqueci!”, no tom de quem não tinha feito nada disso. Raisa não era

a única nessa casa com senso dramático. Ele vasculhou o bolso da jaqueta e jogou um molho de chaves para a sogra.

— Feliz Natal! Está naquele edifício-garagem lá da esquina. Comprei um carro para você.

Enquanto ele punha um bilhete de estacionamento no bolso do vestido da sogra, o rosto dela ficou não menos abalado do que se Ramsey lhe tivesse *enfiado um murro para fechar a matraca*. Quando os dois se retiraram, a cabeça de Irina girava com várias certezas: a de que, qualquer que fosse o modelo que esperava sua mãe naquela garagem, seria agressivamente, belicosamente classudo; a de que, como Raisa não dissera uma palavra sobre querer um carro, esse gesto, afora o gasto boçal, não pretendia significar absolutamente nada; a de que sua mãe jamais, jamais agradeceria a Ramsey por um presente tão extravagante; e a de que nunca o devolveria.



DEPOIS QUE ELES DESEMBARCARAM do táxi na rua 59, seguiu-se o Natal mais delicioso da vida de Irina. Depois de Ramsey ter jogado as roupas em cima dos móveis do quarto suntuoso, porque podia fazê-lo, e zanzado de um lado para outro, aumentando a regulagem do termostato e tirando as cadeiras feito um pateta de suas depressões deixadas no carpete, os dois se deitaram com uma garrafa de champanhe para assistir a *A Felicidade não se Compra*, nus embaixo da colcha. Depois disso, superbem-vestidos, foram ao Oak Bar para um pouco mais de champanhe com ostras servidas na casca. Em vez de optarem pela ceia natalina convencional do hotel, celebraram sua libertação de pratos pesados, como *pirozhki* e salmão envolto numa massa meio queimada, com camarões Gulf graúdos, rábano silvestre e miniabobrinhas crocantes. Irina regalou Ramsey com uma tradução causticamente cômica da cena vivida com a mãe na cozinha, complementada por uma longa reflexão sobre seu pai. Como um daqueles raros presentes de Natal que a gente realmente

adora, durante a noite inteira Ramsey não mencionou a *sinuca* nem uma única vez.

De volta ao quarto, à uma da manhã, Ramsey pegou seu Discman e convidou Irina para dançar.

— Ah, não posso — disse ela. — Verdade, sou desajeitada, não tenho o menor senso rítmico e provavelmente quebraria um abajur. Pergunte a mamãe.

— Acho que não perguntarei mais droga nenhuma a sua mãe em toda a minha vida. Traga esse seu traseiro para cá.

— Não, Ramsey! Eu bebi demais e só faria papel de boba.

Sem desanimar, Ramsey pôs para tocar “Giant Steps”, de John Coltrane, e a puxou para um *jig* em compasso ternário. Embora, a princípio, ela não conseguisse parar de rir, aos poucos deixou o exercício resvalar da farsa para a celebração. Durante a vida inteira tinha evitado os bailes informais da escola e fugido para a cozinha quando os anfitriões das festas abriam um espaço perto do estéreo. Ao longo dos anos oitenta, quanto até o granito de Manhattan estremecia com as boates com plataformas giratórias, Irina tinha preferido encontros sossegados em bistrôs. Nos casamentos, costumava prender um convidado próximo numa conversa séria, como se lhe cravasse a mão na mesa com uma faca de carne, no desespero de não ser puxada para a pista de dança. Não podia dançar, detestava dançar, não sabia dançar.

No entanto, no quarto de hotel no Plaza, não havia ninguém olhando senão Ramsey, que, à parte a noite anterior, realmente *era* gentil e nunca ridicularizaria seus hesitantes esforços iniciais. Ele próprio era desinibido, e dava guinadas com uma inconseqüência amalucada que permitia a sua parceira, em contrapartida, experimentar qualquer movimento ridículo. Girou os indicadores em círculos engraçados, como um coral da Motown, projetou o joelho para cima com um quadril que parecia deslocado, desenrolou Irina de junto do corpo e tornou a puxá-la de volta, como um pedaço

de papel enroscado, e, acima de tudo, em momento algum a soltou. Adotando um ecletismo que estarreceria gente como Raisa e Tatyana, eles misturaram vibrações jazzísticas com rodopios de discoteca, volteios impetuosos de tango, balanços de rock-and-roll e até, num reconhecimento do pesadelo de que tinham se livrado à tarde, um ou outro *arabesque*. Na condição de DJ, Ramsey prosseguiu com Duke Ellington e Sonny Rollins, passou para Glenn Miller, incluiu uma pitada de *rhythm and blues* com Captain Beefheart e arrematou tudo com uma canção lasciva do Sly and The Family Stone, num volume tão alto que Irina deu graças pelo fato de as paredes do Plaza terem a espessura das de um cofre de banco. Algo do ritmo comum que eles já tinham descoberto na cama traduziu-se no chão ao lado dela, e quando Ramsey pôs sua última seleção no Discman — um toque final de modernidade com Ice-T —, Irina começava a se perguntar se, como norma básica, não seria menos importante casar com o parceiro perfeito de cama do que com o perfeito parceiro de dança — embora não houvesse nenhum prejuízo em casar com os dois.



NESSE ANO, FOI IRINA QUEM LEMBROU a Lawrence o aniversário de Ramsey, e foi Lawrence quem remanchou. Andava terrivelmente ocupado. Será que, por causa de uma antiga coincidência, eles teriam que se reunir com Ramsey Acton todo dia 6 de julho, até o fim dos tempos?

— Você está dizendo que quer *dispensá-lo*? — perguntou Irina, incrédula.

— Não seria nada tão grave assim. É só não procurá-lo de novo.

— Não procurá-lo de novo *é* a maneira como você dispensa as pessoas.

— Mas às vezes ele é meio cansativo, não é? A única coisa de que sabe falar é sinuca.

— Você adorava conversar com ele sobre sinuca!

Lawrence deu de ombros.

— Talvez eu já tenha dito tudo o que tinha para dizer. — E fingiu retomar a leitura. Irina ficou parada diante do sofá até ele erguer os olhos da página, impaciente. — Por que você está com esse ar horrorizado?

— Nós o conhecemos há anos. É assim que vai ser comigo? De repente, acabou-se, *do svidanya*, porque você já disse tudo o que tinha a dizer?

Irina tinha uma percepção angustiada de que era exatamente isso que acontecia com alguns casais, e de que a experiência de simplesmente ficar sem roteiro podia desabar em cima da gente sem aviso prévio.

— Estou falando do aniversário de Ramsey, e de repente você começa a gritar sobre eu deixá-la, ou sei lá o quê. Maneire um pouco.

— Nós temos uma amizade. O Ramsey tem toda razão de acreditar que nos importamos com ele. E é um bom sujeito.

— Ah, e quem não é *bom sujeito*?

— Você não está sendo, neste momento.

— Meu Deus, no ano passado tive que lhe encostar um revólver na cabeça só para você telefonar para o cara!

Era verdade, no ano anterior ela se encontrara com Ramsey no lugar de Lawrence, para manter o romance do parceiro com uma celebridade da sinuca, mas a noite se transformara numa longa história de cortejar por procuração e ser confrontada por isso. Passados alguns meses desse cabo de guerra, Lawrence havia perdido a posse de Ramsey Acton, e a perdera de forma decisiva em Bournemouth. Quer se tratasse de Ramsey ou da Rússia, Lawrence exigia a posse majoritária, se não exclusiva, ou então não estava interessado. Portanto, seu veto a outro jantar de aniversário tinha esta tradução: *Se eu não posso ficar com Ramsey, você também não pode.*

Mas Irina não estava disposta a abrir mão do homem por completo, já que ele se transformara em algo parecido com aqueles dois ou três cigarros semanais fumados às escondidas — perfeitamente inofensivo, se racionado em quantidades cautelosas.

— Tem razão — concordou —, e *você* disse que, se eu não telefonasse, ele ficaria magoado.

— E aí, passando por cima do seu cadáver, você finalmente marcou um encontro, e depois me contou que os dois farream a noite inteira e ficaram completamente chapados.

Irina tinha esperança de que ele tivesse esquecido.

— Não foi isso que eu disse.

— E agora, quando eu sugiro deixarmos para lá essa história de aniversário este ano, você fica toda nervosa.

— Não estou toda nervosa. Estou dizendo que devemos ter consideração. Só nos custaria uma noite. Eu cuidaria de toda a comida...

— E eu compro a caixa inteira de vinho que o sujeito vai beber em *uma noite*.

Ou madrugada, para ser mais exato.

— Eu poderia dizer que você tem que acordar cedo para trabalhar.

— Não se dê esse trabalho. Para o Ramsey, acordar de manhã, ou simplesmente acordar, que dirá trabalhar, é um conceito desconhecido. Ele ficaria por aqui até as quatro da manhã, como de hábito.

— Antigamente você gostava dele.

— É, bem, às vezes eu me desinteresso das pessoas, só isso.

— Eu sei — disse ela, com uma tristeza na voz que Lawrence não notou.

Depois disso tudo, porém, quando Irina efetivamente ligou para Ramsey, ele já tinha outros planos. Será que se lembrava de ele ter-lhe falado do Clube Ooty, na Índia? Ramsey referiu-se à noite

que os três haviam passado em Bournemouth como se tivesse sido uma ocasião distante. *É claro*, disse ela. Pois bem, ele ia fazer um *hadj*. Irina ficou surpresa por ele conhecer essa palavra. *Uma peregrinação*, disse-lhe. *Sim*, ele respondeu. Ficaria fora a maior parte de julho. Uma visita a uma única mesa de sinuca não levaria um mês inteiro, e Irina se perguntou se Ramsey se sentiria atraído pelo subcontinente, como tantos ocidentais, de uma forma mística, buscando alguma coisa. Bem, faça uma ótima viagem, disse-lhe. O telefonema foi tão curto, sua voz, tão distante, que Irina desligou perplexa por ter se sentido tão próxima dele no ano anterior. Mas lhe passou pela cabeça que talvez ele tivesse arranjado um jeito de passar o aniversário no exterior de propósito.

Sentiu-se enlutada o resto do dia. Abandonar a tradição era como quebrar uma espécie de encanto, e Ramsey devia saber disso. Lawrence ficaria radiante.

Agora não haveria obrigação de marcar um encontro com ele no mês de julho seguinte, nem nos muitos outros julhos posteriores.



FOI UMA DIFERENÇA de opinião corriqueira, porém, mais tarde, a lembrança daquele outono viria à tona. Antes de eles se prepararem para dormir, Lawrence inflamou-se com o processo de *impeachment* que transitava no Congresso dos Estados Unidos.

— Pensei que você detestasse o Clinton — disse Irina.

— Ele é um hipócrita. Um megalomaníaco sem outro princípio senão a eterna elevação de William Jefferson Clinton. *Mas*. É esperto.

— Santo Deus, você nunca diz isso de ninguém, e agora, quando diz, é sobre alguém que cometeu uma estupidez incrível.

— Dar umas voltinhas com aquela vaca foi *imprudente*, mas politicamente insignificante.

— Mentir não é politicamente insignificante.

— É, quando se trata de sexo.

— Ah, você não vai me dizer aquilo, vai? Não vai dizer que *todos os homens mentem sobre sexo*.

— Bom, eles mentem!

— *Você mente?*

Lawrence recuou.

— É claro que não!

— E por que os homens seriam os únicos a mentir sobre sexo? Se é um assunto tão intrinsecamente insincero, por que todas as mulheres não mentem também?

— É provável que mintam!

— Então, você acha que *eu* minto sobre sexo?

— Não de fato.

— Não de fato?

— De jeito algum!

— E o que é que nos torna tão especiais, você e eu?

— Irina, estamos falando de generalidades inócuas.

— Eu não. Você está. Por isso eu lhe pergunto: o que nos torna tão especiais?

— É que nos temos... um senso de decência, eu acho. Um bom relacionamento. Mas isso não quer dizer que não daríamos certa folga um ao outro.

— Que tipo de folga?

— Sei lá, se eu olhasse para uma mulher de pernas bonitas andando na rua, não esperaria que você soltasse os cachorros.

— Mas não estamos falando de dar uma olhada nas pernas de uma mulher.

Estamos falando de apalpar a mulher e gozar ejaculando em cima dela, e depois afirmar repetidas vezes, com ar de santinho, que não fez isso!

— Está bem! Eu não esperaria que você me desse tanta folga assim.

— Por que aplicar a nós mesmos um padrão de conduta mais elevado do que aplicamos ao presidente?

— Por que você está sendo tão pudica, de uma hora para outra? Quem é que liga se o Clinton goza no vestido de uma estagiária, desde que não aperte acidentalmente O Botão, enquanto dá uma esporrada?

— Não sou pudica, porque o assunto não era sexo. O assunto era mentir.

— *Sobre sexo.*

— Sobre qualquer coisa. Em fevereiro, o Clinton encarou a câmara, olhou direto para mim, que votei nele, olho no olho. E disse, sem pestanejar: “Não tive relações sexuais com... essa mulher... a Srta. Lewinsky.” *Bozhe moi*, aquelas pausinhas, como se ele não conseguisse nem mesmo lembrar o nome dela! Eu me senti pessoalmente insultada.

— Pois então, ele não lidou bem com isso. O que não deveria ser um delito passível de *impeachment*. Essa campanha que os republicanos estão fazendo é puro oportunismo, e é um desrespeito à Constituição.

— Você realmente não acha importante, não é? Ele ter tergiversado sobre essa história durante quase um ano?

— Não, não acho. Acho importante ele ter ordenado ataques de mísseis ao Sudão e ao Afeganistão, e acho importante ele, infelizmente, ter deixado escapar o Osama bin Laden.

Irina não reconheceu o nome, mas não estava com clima para bajular a perícia de Lawrence.

— Só o que importa é o grande e digno trabalho que os homens fazem — disse. — Se eles mentem descaradamente, e o modo como tratam suas mulheres, isso são coisas banais.

— Não foi isso que eu disse, mas estávamos falando de política, não do que pensamos do Clinton como pessoa. Como pessoa, tudo bem, ele é um salafatório.

Mas não merece ser chutado do cargo por ter metido o charuto na caixinha da Monica. Foi um desperdício de um bom charuto, na minha opinião, o que talvez devesse ser motivo para um *impeachment*.

Junto com a maioria dos machos norte-americanos da época, Lawrence achava que o delito mais flagrante de Clinton tinha sido o mau gosto. Monica era gorda, sem graça e burra, e o presidente dos Estados Unidos poderia ter arranjado coisa melhor.

Irina afundou na poltrona.

— É, acho que eu também não o destituiria com o *impeachment*. Mas gostaria de vê-lo divorciado. E isso não vai acontecer. Hillary é pior do que ele. Toda aquela palhaçada de *vasta conspiração da direita*, quando era óbvio que eles tinham andado tramando por dias. Depois, ela fingirá que está muito chocada e magoada, se algum dia ele confessar, e se aterá a sua história para sempre. Eles não são pessoas que se amam, são um conluio; os Clinton são uma conspiração. Fazem negociatas por baixo do pano, pequenos pactos e trocas de favores, para autopromoção recíproca. Acho que é uma forma de fazer as coisas, mas, para um casamento, é de uma insensibilidade terrível.

Nesse ponto, Irina parou. Sua descrição soou como um eco inquietante.



DE MODO GERAL, Lawrence andava irritadiço desde o retorno da Rússia, em junho, e a perspectiva de um Natal em Brighton Beach não melhorou seu humor.

— Sei que seu relacionamento com sua mãe é difícil — disse ele, quando o metrô para Heathrow estava mais uma vez parado entre duas estações. — Mas quero que você me prometa uma coisa.

— Diga — disse Irina.

— Prometa que não vai arrumar uma briga com ela.

— É ela que procura as brigas!

— Então, não caia na armadilha. Esta viagem já é suficientemente desgastante sem mais uma briga de gatos. Aquela história do guardanapo no ano passado foi ridícula.

— De que adianta *ter* um guardanapo se não se pode usá-lo para limpar a boca?

— Ela estava com a razão, suco de beterraba mancha. Não que eu dê a mínima para essa merda, mas era um linho caro. Mas não vamos bater nessa mesma tecla de novo. Já foi chato o bastante da primeira vez — disse Lawrence.

Ele sempre fora implicante, mas nos últimos tempos suas alfinetadas não eram engraçadas.

É claro, todo casal passa por fases em que fica mais próximo, depois mais afastado, certo? Obviamente, Lawrence andava pressionado no trabalho, e ela não deveria tê-lo feito desperdiçar as férias curtas com sua família. Depois de mofar por uma hora na fila do check-in da British Airways, qualquer um ficaria rabugento. Foi um milagre eles ainda conseguirem brincar, na área do *free shop*, sobre comprar um Toblerone de um quilo para Raisa, antes de se decidirem por uma garrafa fina de xerez seco — em oferta.

Depois do embarque, Lawrence inicializou imediatamente seu laptop, mesmo precisando desligá-lo antes da decolagem. Sem disposição para ler, Irina refletiu melancolicamente sobre os tempos em que pegar um avião era mais uma aventura do que um suplício — embora ainda conseguisse experimentar aquele sentimento absurdo de expectativa a respeito de uma refeição em geral intragável.

Teve vontade de pedir a Lawrence para conversar com ela, mas isso significaria arranjar alguma coisa para falar. *Havia* algo de que falar, mas Irina não sabia propriamente o quê, e debater-se em tentativas de descobri-lo estava fadado a piorar ainda mais o humor dele.

Assim, concentrou-se no que pedir do carrinho de bebidas. Bem que gostaria de uma taça de vinho tinto, mas eram apenas quatro e meia da tarde, e Lawrence não aprovaria bebidas nesse horário. Na verdade, enquanto o avião avançava pouco a pouco pela fila para a decolagem, a quantidade de energia que ela esbanjou no conflito vinho *versus* um suquinho bem-comportado foi absurda.

Graças a Deus ninguém podia enxergar dentro de sua cabeça, ver aquela aparente obsessão de artista plástica com uma miniatura de Beaujolais. Imagine se as outras pessoas pudessem ouvir o que a gente pensa, e as avaliações drasticamente diferentes que umas fariam das outras, nesse caso. Será que descobrir que todos os outros passageiros do avião estavam preocupados com o tipo de birita grátis que pediriam se revelaria consolador ou deprimente?

Quando o carrinho chacoalhou até seus assentos, os pensamentos de Irina questionavam por que ela sentia tanto medo de desagradar Lawrence. Não era sua culpa que a mãe dele fosse alcoólatra, rótulo que em si já era um enigma; nas visitas a Las Vegas, sua sogra não oficial tinha tomado dois ou três drinques, nada que causasse preocupação. Será que a mãe era menos bêbada do que o filho era um desmancha-prazer?

Lawrence pediu uma água mineral com gás. Irina, suco de tomate.

Depois da refeição, um casal apaixonado, nos assentos opostos do meio, iniciou uma transa por baixo do disfarce mínimo de um cobertor da companhia aérea. Os grunhidos e gemidos baixos eram pontuados por risinhos abafados. O cobertor se contorcia, e durante alguns períodos uma cabeça desaparecia embaixo dele. Esse mesmo casal não partilhava o horror de Lawrence a bebidas durante a tarde e, desde a decolagem, vinha pedindo a quota de miniaturas de vodca permitida pelo valor de sua passagem.

— Jesus Cristo! Vão procurar um quarto! — resmungou Lawrence, em voz bastante alta para ser ouvido.

Irina não gostou dessa expressão — eficiente no timbre, puritana na intenção.

Por que ele se incomodava se um casal de garotos não conseguia tirar as mãos um do outro? Ele não era muçulmano nem nada. Ela entendia que uma pessoa pudesse achar aquilo divertido, ficar fascinada ou meio entediada, por já o ter visto antes, ou até encantada, mas, na ausência de objeções religiosas, não entendia que ficasse ofendida.

No entanto, a repulsa de Lawrence não conhecia limites.

— É melhor apertar o botão e chamar a aeromoça, Irina. Veja se ela tem uma camisinha. E, enquanto isso, peça para me trazer um saco para vomitar.

— Lawrence! — murmurou Irina. — Eles não estão fazendo mal a ninguém, e podem ouvir você!

— Ou, quem sabe, peça um lote de garrafinhas de vodca Finlândia — prosseguiu ele, aumentando o volume. — Com mais umas duas rodadas, ele não vai saber distinguir o pau do cotovelo. E aí, *talvez* possamos assistir ao filme.

— Você é tão estúpido!

— Não sou estúpido — corrigiu ele. — Sou um *babaca*.

Chamar um babaca credenciado de reles *estúpido* é como se esquecer de chamar um membro do Parlamento de *sir*.

— *Sir* Babaca, então. Cale a boca!

Quando eles se acomodaram para assistir a *Ou Tudo ou Nada*, a esfregação nos assentos do meio acabou, no exato momento em que Irina identificou o sentimento que a exibição do casal tinha lhe provocado. Ela não a achara propriamente divertida nem ficara fascinada, certamente não entediada, e decididamente não ofendida. Certo, talvez tivesse ficado um pouquinho encantada. Mas, acima de tudo, sentira inveja.



QUANDO A PORTA SE ABRIU , Raisa fez uma breve pausa teatral — para eles poderem admirar sua roupa fantástica — antes de escancarar os braços e partir para os habituais beijos estalados e agarrões pelos ombros, que Irina não engolia nem por um minuto. No abraço da mãe, enrijeceu o corpo.

— *Dobro pozhalovat!* — exclamou ela, efusiva. — *Ya tak rada vas vidyet!*

Pozhaluysta prokhoditye, prokhoditye!

— Caramba! — fez Lawrence. — Esse vestido está um arraso, Raisa! Depois do guarda-roupa do ano passado, vivo esperando para ver se você vai se superar!

Irina revirou os olhos discretamente. A fala foi típica. Na gíria britânica, a mesma expressão usada para o “superar-se” significava suicidar-se. Com Raisa, Lawrence gostava de bancar o bom moço e aproveitar para fazer gozação.

Carregaram a bagagem para cima, guardaram a roupa nas gavetas e fizeram as malas sumir de vista. O simples fato de se tratar do quarto deles não significava que Raisa não se irritasse com um pé de meia deixado no chão. Lawrence desceu com o xerez, mas declinou de um gole quando Raisa se ofereceu para abri-lo; ela fez um ar satisfeito, como se ele tivesse passado num teste. Em seguida, Lawrence tratou de elogiar o penteado dela, elogiar a forma física, elogiar a árvore de Natal. A mãe de Irina não tinha absolutamente a menor ideia do tipo de homem irreverente e sarcástico com quem a filha vivia; na verdade, era quase como se nunca o tivesse conhecido. Se Irina fosse sua mãe, estaria perguntado a si mesma que diabo a filha tinha visto naquele baba-ovo compenetrado.

Raisa retirou-se para buscar o chá. Lawrence encarapitou-se na cadeira de belbutina verde; era desconfortável evitar que aquela prateleira lhe acertasse o pescoço, mas ele sabia que não convinha mudar a cadeira de lugar. Na volta de Raisa, deu um pulo para pegar a bandeja.

— Esse seu aparelho de chá é o máximo — comentou. —
Deve valer uma nota.

Raisa deu um sorriso radiante. Irina abanou a cabeça. Dada a transparência da coisa, sempre ficava admirada ao ver a bajulação funcionar. E não era só sua mãe que era crédula a esse ponto. Funcionava com *todo mundo*.

— *Da* — fez Raisa. — Uma pena. Leiteira e açucareiro duas de poucas peças que sobrar de porcelana mamãe carregou de União Soviética em um baú. Herança de família, de mãe dela. Durante anos, nossa família ser inveja de outros russos em Paris, que não têm nada de antiga pátria! Azul-cobalto muito incomum, nunca vi nenhum outro lugar. Como cor de janela de vitral!

Lawrence já ouvira falar da porcelana azul-cobalto UM MILHÃO DE VEZES. Por fim, interpôs em tom solidário: — É uma lástima. Ouvi dizer que Charles a atirou em você, um prato de cada vez.

Comentário editado! Irina tinha dito que eles atiravam os pratos *um no outro*.

Bem treinado, Lawrence serviu uma rodada de chá, enquanto Irina observava o samovar que coroava o aparador, também sobrevivente da guerra no mítico baú de sua avó. Embora fosse uma chaleira glorificada, além de trabalhosa demais para se usar, a grande urna bulbosa de latão era bonita, e ela sempre a havia cobiçado um pouco; a peça exibia o mesmo porte altivo de sua dona e parecia constituir o trono do poder naquela casa. A probabilidade de Irina herdá-la era ínfima. O samovar já trazia o nome de Tatyana escrito por toda parte.

— *Tak*, Lawrence. Em que você trabalhando agora?

— Bem, você deve estar lembrada de que passei um mês na Rússia nessa primavera. Nem imagina como está Moscou ultimamente. Restaurantes, hotéis, butikues... A elite semicriminosa tem dinheiro para torrar, mas o proletariado vai mal. A mendicância

e a embriaguez populares são terríveis. Você sabia que na Rússia a cerveja é classificada como refrigerante?

Enquanto eles eram brindados com uma miniconferência sobre a situação do ex-Império do Mal, Raisa cruzou as mãos, em extasiada fascinação. Lawrence adorava ser a autoridade — pois que fosse. Num mundo justo, entretanto, o casal estaria contando à mãe de Irina as novidades sobre o país que ela deixara para trás, em vez de aqueles dois unirem seus corações, enquanto Irina brincava com seu infusor de chá.

*

— *SEU VESTIDO É UM ARRASO!* — murmurou Irina em seu antigo quarto. — *Palavra, você está em ótima forma!* Lawrence Lawrensovich, você é um descarado.

— Descarado é ela engolir isso — respondeu ele, em voz baixa. — Já perguntei umas doze vezes onde ela arranjou aquele samovar. Ela nunca se lembra de ter me contado.

— Por que se lembraria? Ela fala feito uma matraca sobre aquele samovar com todo mundo.

— O resto pode ser papo-furado, mas ela está mesmo em muito boa forma, para sessenta e quatro anos.

Irina ainda não tinha se recuperado do acesso de voracidade que a havia acometido no verão, e a ida para a casa materna já estava surtindo o efeito psíquico previsível.

— Eu sabia — disse, olhando criticamente para sua imagem no espelho. — Minha mãe sempre faz com que eu me sinta gorda.

Lawrence retrucou, em tom descontraído: — Você não engordou tanto assim.

Era a primeira vez que admitia que tivera um aumento de peso.



ENQUANTO IRINA SE ENCOLHIA, debruçada sobre a xícara de café na manhã seguinte, Lawrence entrou na cozinha com

uma malha de ginástica suada, exsudando o ruidoso moralismo peculiar às pessoas que se atiram barbaramente no frio com suas roupas de ginástica, ao saírem de um sono profundo.

— Bem, devem ter sido quase dez quilômetros! — exclamou, ainda com a respiração arfante.

Irina franziu o cenho. Detestando os fanáticos por exercícios, valorizava a moderação de Lawrence.

— Você não costuma correr mais do que seis.

— Hmm. Não faz mal forçar um pouquinho de vez em quando.

— Lawrence, você quer café? — perguntou Raisa, ainda usando sua malha de balé. — Ovos? Pão preto?

— Não. Só café, obrigado.

O calor da xícara de café segurada com as duas mãos não penetrava nas luvas, de modo que Irina bateu palmas para manter o sangue circulando.

— Você já deixar ideia clara, Irina, pode parar teatro com mãos — disse sua mãe, em inglês macarrônico, em homenagem a Lawrence. Ele a convencera de que não se lembrava de nada do russo que havia estudado na universidade, para melhor bisbilhotar seus apartes. Como resultado, sabia exatamente o que Raisa pensava do seu senso estético para se vestir.

— Não estou sendo dramática, estou tentando aquecer as mãos. Você sempre acha que estou de implicância, mas eu tenho mesmo uma insuficiência...

— Todo americano ter *insuficiência*. Grande competição, quem tem mais *insuficiências*. Nenhum americano diz “minhas mãos frias”. Tem que ter nome complicado.

— É, você devia participar de um grupo — disse Lawrence.

— Com sessões confessionais e uma página na Web.

— Você está me dizendo — indagou Irina, acusando o parceiro — que a doença de Raynaud está toda na minha cabeça?

— Você levantar de manhã e fazer *exercício*, Irina, fica quente dia inteiro!

— Ela tem razão — concordou Lawrence. — Se você começasse o dia com um pouco de ginástica, provavelmente estimularia sua circulação.

— Se eu começasse o dia *aumentando o termostato*, eu a estimularia muito mais.

— Irina, você devia ver conta gás!

— Mas é a droga da *véspera de Natal*!

Lawrence lançou um olhar de advertência para a cabeça baixa de Irina: *you promised*.

— Na verdade — disse ele —, o preço do gás natural tem tido uma escalada bem acentuada. As novas explorações não deram muito resultado, e até as reservas do mar do Norte estão secando.

— Uma vez na vida — retrucou Irina — seria bom não abordar toda a situação mundial, como se todos estivéssemos no *60 Minutes* e sim numa casa de tamanho modesto, numa única manhã, que é a da *véspera do Natal*, e a mulher que você ama está com frio.

— Está certo, uma casa pequena — admitiu Lawrence. — Faz mais sentido conservar o calor do corpo com um suéter do que aquecer o ambiente inteiro.

— Friozinho no ar manter pessoa desperta, faz continuar em movimento! — disse Raisa. Como que para demonstrar, correu pela cozinha, criando um vaivém notável para guardar uma simples colher limpa.

— Tem toda razão — concordou Lawrence, em tom feroz. — As casas superaquecidas me deixam com sono.



QUANDO ANDAVAM PELA Avenida sob o elevado, à procura de café, Lawrence deu-lhe uma sacudida aduladora no ombro.

— Ei! Por que você está tão rabugenta?

— Você nunca fica do meu lado. Tenho sempre a sensação de ser atacada em bando, e a mãe é *minha*.

— Só estou tentando manter a paz.

— Que há de tão esplêndido na paz?

— Na verdade, às vezes esta pergunta vem à tona nos estudos sobre conflitos. A paz é meio maçante. Sempre impõe aquela questão existencial, você sabe, do para quê, do que se está tentando conseguir, não só como indivíduo, mas como país.

— E como é que as pessoas dos *estudos sobre conflitos* resolvem esse problema de a paz ser um saco?

— Do mesmo modo que qualquer homem sensato em visita à sogra: é melhor do que a alternativa.

Lawrence adorava Brighton Beach, porque era naturalmente estimulado pelos ambientes ao ar livre — o que não era mau, na verdade, já que especular sobre a dinâmica da família era claustrofóbico, ao passo que o mundo externo estendido diante deles era tão vasto quanto o apetite que lhes despertava. Afinal, o próprio trabalho de Irina implicava a desconstrução meticulosa da exuberante oscilação de cores de uma simples folha, ou o discernimento da complexidade de suas linhas, quando vistas pendendo para trás numa tomada lateral. Havia simplesmente tanta coisa para *ver*, na paisagem mais corriqueira, que gastar qualquer tempo alvoroçando-se por causa de termostatos ou guardanapos parecia um desperdício. Irina sempre valorizara o modo como Lawrence ajudava a puxá-la para o próprio mundo que ela pretendia desenhar.

Assim, ela se desfez do mau humor e bisbilhotou as lojas com Lawrence, contente com o fato de a visita a Moscou tê-lo deixado com mais coragem de conversar com os balconistas em russo. Os dois pensaram em comprar um pouco de caviar, como um regalo natalino, mas o preço era exorbitante. Assim, compartilharam os prazeres gratuitamente oferecidos, como o espetáculo dos ex-

soviéticos que circulavam pelo passeio à beira-mar. Homens corpulentos, na casa dos setenta anos, desnudavam os peitos caídos para um céu nublado de dezembro e entravam estoicamente na água gelada e rasa. Mocinhas adolescentes desfilavam casacos de pele brancos e felpudos, que pareciam ter sido feitos de *poodles*. Um sujeito desgrenhado revirava as latas de lixo, em busca de garrafas que pudesse virar para sugar as últimas gotas de cerveja, vodca ou vinho.

Quando se encontraram com Raisa no Café Volna, Lawrence a cumprimentou com o habitual “Esse vestido está *um arraso!*”. Só quis pedir uma salada, embora Irina fizesse troça, dizendo que ele “come feito uma menina”. Espicaçada pelo comentário materno de que estava parecendo “saudável”, Irina pediu, com ar desafiador, arenque marinado, sopa de cordeiro com arroz, frango à Kiev e uma *cerveja*.

Quando Raisa perguntou zelosamente pelas ilustrações da filha, Irina admitiu estar se sentindo sem inspiração. Precisando “dar duro por seis pessoas”, talvez ela aceitasse o conselho de Lawrence e investigasse a computação gráfica. Mas a qualidade da atenção que a mãe lhe dava era meramente paciente.

— *Skazhitye*, Lawrence. Você acha você ficar Londres muito mais?

— A Blue Sky é um bom lugar para mim neste momento. Posso me imaginar passando mais uns bons anos por lá.

— Desde quando? — perguntou Irina. — Pensei que você estivesse ansioso por conseguir um cargo no Conselho de Relações Exteriores em Nova York.

— Mudei de ideia. Em Londres, posso tirar proveito da relação especial.

— Que *relação especial*? Com quem?

— Entre a Inglaterra e os Estados Unidos, sua idiota. É uma expressão-padrão.

— Não me chame de idiota.

— Irina, eu chamo todo mundo de idiota.

— Menos eu. Nunca.

— Está bem! Desculpe! Jesus Cristo! Eu só quis dizer que, permanecendo na Inglaterra, fico numa posição ideal para ter acesso à política tanto dos Estados Unidos quanto da Europa.

— Que diabo, quando é que você pretendia me dizer?

— Acabei de lhe dizer.

Olhando a neve, Raisa submeteu um aparte a Lawrence.

— Sabe, mais tempo ela fica Inglaterra, mais Irina muda maneira de falar, *da*?

Usa expressões que não escuto Nova York. E até jeito de dizer palavras. Todo ano, mais diferenças.

— É, eu sei — resmungou Lawrence. — No avião, ela pediu um suco de *tomato*.

Considerando-se que ela pedira o suco de *tomato* para satisfazer a paranoia dele sobre a mãe, que na verdade nem *tinha* problemas com a bebida, era ridículo receber críticas por isso.

— Quando se cresce bilíngue, a língua parece menos fixa. Além disso, acho o sotaque britânico uma gracinha — disse Irina, procurando forçar a pronúncia inglesa quase sem nenhuma consoante.

Lawrence cruzou os braços.

— Ao contrário, crescer como russo-americana de segunda geração deixou-a com um problema de identidade. Para piorar as coisas, você foi socialmente rejeitada quando garota por ser dentuça, de modo que, como adulta, faz das tripas coração para ser aceita.

As bochechas de Irina arderam.

— Há quanto tempo você acha isso?

— Mais ou menos desde sempre. Mas esse falso linguajar britânico é uma obstinação equivocada. Você procura agradar, e o tiro sai pela culatra. Provoca desdém. Os ingleses querem ouvi-la

falar como americana, porque é isso que você é. Quando você pede suco de *tomato*, dá a impressão de ser uma puxa-saco sem amor-próprio. Eu gostaria que enfiasse isso na cabeça, porque outros americanos acham pretensiosa essa porcaria de *tomato*. Você soa como uma idiota pomposa.

— Desculpe — disse Irina —, mas é justamente *você* que vem me criticar por “procurar agradar”? Depois de ter acabado de dizer a minha mãe, três vezes, como gosta do vestido dela?

A expressão de Lawrence fechou-se.

— Eu gosto mesmo do vestido da sua mãe, e não vejo nada de errado em dizer isso — rebateu. Consultou o relógio e deixou uma nota de vinte na mesa.

— Tenho uns assuntos para resolver na cidade. Vejo vocês no jantar.

E saiu assim, de repente.

— Lawrence está sob muita pressão no trabalho — desculpou-se Irina, a explicação batida tinha dado voltas circulando em sua cabeça como uma mosca.

Raisa passou para o russo: — O Lawrence é um bom homem. É econômico e atencioso. Tem um salário regular. Trabalha duro. É disciplinado no que diz respeito ao álcool. Não é como os homens daqui, todos uns bêbados preguiçosos que não conseguem ter um centavo no bolso. Nunca o vi levantar a mão para você. Talvez você deva tomar cuidado.

— *Eu* devo tomar cuidado? Ele me passou uma descompostura!

— Às vezes, a mulher deve fingir que não vê certas coisas. Não discordar de cada coisinha. E ele é homem. Tem o seu orgulho. Aquilo que você disse sobre ele elogiar o meu vestido. Você o embaraçou.

— Mas ele embaraçou *a mim!* Aquela tirada sobre os meus dentes...

— É disso que estou falando — disse Raisa, apertando o braço da filha. — Finja que não vê. Fique acima disso. Não é fraqueza. É maturidade. Todos os homens são umas criancinhas. Por isso, as mulheres não podem se dar o luxo de também serem meio infantis, senão a casa vira um jardim de infância.

— O Lawrence não anda no seu estado normal ultimamente. Quando ele foi à Rússia, fiquei enciumada. Eu também queria ir. Não fui muito compreensiva a esse respeito. Talvez ele ainda esteja zangado comigo.

— Estou certa de que você tem razão. Vai passar. Mas siga o meu conselho, ao menos uma vez, sim? Finja que não vê, mantenha-se acima das coisas insignificantes. E assim, se um dia surgir uma coisa séria, você já saberá como agir e já estará habituada.



LAWRENCE VOLTOU NO FIM DA TARDE, resmungando alguma coisa sobre as compras de Natal, embora não carregasse nenhum embrulho. Convidou a todos para jantar fora, no espalhafatoso restaurante russo de costume, que ficava na Avenida. Quando os dois subiram para se aprontar, Irina o deteve no corredor.

— Sinto muito pelo que eu disse no Café Volna. Não tive intenção de causar constrangimento por ser condescendente com minha mãe. Ou tive, mas não deveria. É que você me magoou. Eu não fazia ideia de que o meu modo de falar lhe dava nos nervos. Não acho que seja tudo uma questão de *ser aceita*. Uso algumas expressões britânicas porque gosto delas.

— Ah, deixe para lá. Não foi nada — disse Lawrence. Ele detestava esse tipo de conversa.

— Parece que ando irritando você muito, ultimamente.

— Não, não anda.

Bem. Estava encerrado o assunto.

— Pode me dar um beijo?

Lawrence olhou-a com uma expressão perplexa, como se ela tivesse pedido que plantasse bananeira. Encolheu os ombros.

— Está bem.

Um beijo, rápido e com os lábios contraídos.

— Não, um beijo de verdade.

O beijo para valer foi estranho, mas por isso mesmo excitante, como se ela estivesse tendo um encontro com um amante ilícito, e trouxe um imenso alívio.

Para uma mulher, excetuado um outro ponto de entrada que Irina achava impalatável, aventurar-se pela caverna úmida e vulnerável da boca de um homem era a única maneira de *penetrar* nele. Quando ela abriu os olhos, deparou com o olhar da mãe no fim do corredor, reluzindo de aprovação.



NO JANTAR, ATENTA AO FATO de que Lawrence estava pagando, Raisa pediu apenas o prato principal. Perguntou o que os dois faziam para se divertir em Londres, e Lawrence lhe contou que havia levado Irina a seu primeiro torneio de sinuca no ano anterior. Quando Raisa não reconheceu a palavra, ele lhe deu uma descrição detalhada, falando de como a mesa era enorme e do número de tacadas que era preciso planejar de antemão. Raisa se fez de encantada, formulando montes de perguntas, com o entusiasmo exagerado de sempre. Lawrence explicou que eles conheciam um dos jogadores, considerado o perfeito cavalheiro do esporte; contou que esse amigo era uma verdadeira celebridade na Inglaterra, que, por conseguinte, era riquíssimo, e que os convidava para jantares suntuosos umas duas vezes por ano. Talvez tenha sido a menção do dinheiro, porque, quebrando a monotonia, Raisa pareceu sinceramente impressionada.

— O ethos é cortês, civilizado, e sobretudo elegante —
contribuiu Irina.

— Seu amigo Ethos, ele se veste chique?

Irina sorriu.

— Não, o nome dele é Ramsey. *Ethos* significa a atmosfera geral e o conjunto de valores. Agora, quanto a cortês, civilizado, elegante? Ele tem um sotaque meio classe baixa, mas, na verdade, isso o descreve bastante bem.

— Esse *Rumsee*, ele homem bonito, *da*?

— Acho que sim — disse Irina, como se nunca tivesse considerado o assunto. — E talvez você pudesse chamá-lo de chique. De bom gosto, pelo menos. Ele é muito elegante e conta histórias maravilhosas — acrescentou.

Tinha falado mais do que pretendia, mas, por alguma razão, toda vez que o assunto Ramsey vinha à tona, não queria largá-lo. Disse ainda, enfática: E ele *realmente* gosta de Lawrence. Não posso deixar de achá-lo meio chato, já que não sou uma fã tão grande assim da sinuca. Mas esses dois são grandes parceiros... digo, grandes amigos. Passam *horas* trocando histórias sobre sinuca. Mal consigo dizer uma palavra.

— Você certamente conseguiu, da última vez — resmungou Lawrence.

— Ele parecer tipo perfeito para mim. Talvez eu visitar vocês Inglaterra, e vocês me apresentam esse jogador famoso e rico de *sinuca, da*? Arranjam encontro para velha mamãe?

Talvez tenha sido a imagem de Ramsey e sua mãe passeando de mãos dadas pela cidade que fez Irina pegar a bebida, mas sua mão errou a taça e derramou em toda a toalha branca 120 ml do tinto mais barato que havia na carta de vinhos.

— Ora, nada mudou! — ela exclamou, nervosa. — Continuo sendo estabanada!

— Pode apostar. Caramba, Irina, que bagunça! — disse Lawrence. Secando o vinho com seu guardanapo, ele fez a limpeza parecer uma trabalhadeira enorme, deslocando o sal e a pimenta, a vela e o vaso de flores. — Ela sempre foi assim, não é?

— *Pravda* — concordou Raisa, com um suspiro cúmplice.

— Em Londres, eu sirvo o *cabernet* dela em copos
antivazamento para bebês.

Fazia anos que Irina não derrubava uma taça. Eles estavam dividindo apenas uma garrafa; humilhada, ela lamentou ter desperdiçado uma porção de vinho de que agora precisava desesperadamente.

— Quando você vai Rússia — perguntou Raisa durante o café —, você vai com quem?

— Ah, era um grupo — respondeu Lawrence. — Da Blue Sky.

— Esses todos homens? Sem esposas? Parece solitário, durante mês inteiro.

Que pena Irina não pôde ir com você.

Por que é que ela contava *alguma coisa* à mãe?

— Foi uma viagem de negócios, mamãe. E eu tinha meu trabalho para fazer — interpôs Irina.

— Não foram só homens. Um dos colegas era mulher. Bem, isso parece incongruente... eu me refiro a uma colega pesquisadora — disse Lawrence, e acrescentou, de maneira gratuita: — Ela é meio aborrecida, aliás.

— Irina me diz você trabalhar muito ultimamente.

— Receio que sim. O Departamento de Estado norte-americano encomendou uma pesquisa sobre o terrorismo no mundo inteiro, e é um projeto enorme.

— Que hora você chegar casa?

— Ah, tem sido mais ou menos às nove da noite.

— Isso faz dia muito comprido. E não muito tempo para passar com Irina, *da*?

— Ela está acostumada.

— *Nu... mozhets byt*, ela deve não acostumar com isso.

— Eu não me incomodo — interpôs Irina. — O Lawrence é ambicioso. Não vou ajudá-lo se ficar reclamando.

Raisa trocou o inglês pelo russo, e o que disse poderia traduzir-se em linhas gerais por:

— Hoje à tarde, quando eu lhe disse que você deve deixar de lado as pequenas coisas, não quis dizer que deva deixar passar tudo, certo?

Bem, se Lawrence não entendeu isso, Irina também não.



— CARA! — DISSE ELE, baixinho, desabando na cama do casal naquela noite. — Que tal lhe pareceu o nosso amigo *Ethos*? Não venha me dizer que ela não erra essas merdas de propósito. Na verdade, a autodepreciação é uma estratégia.

Comecei a desenvolver a teoria de que, em segredo, o inglês da sua mãe se equipara ao do H. L. Mencken. Ela só quer jogar verde para nos levar a dizer coisas que a gente pensa que ela não entende e nos fazer entregar o ouro.

— Isso é o que você faz com ela com o russo — disse Irina, tirando a blusa.

— Era de se esperar que aquele saco de ossos comesse mais, já que só pediu um prato. Que idiota! Juro que ela desce de fininho para encher a cara daqueles biscoitos Pepperidge Farm quando não há ninguém olhando. Caso contrário, estaria morta.

— Não, a dieta de subsistência faz o metabolismo se arrastar, de tão lento.

— Então, é isso que você está fazendo: mantendo o seu *metabolismo* acelerado? Nunca a vi comer tanto num dia só.

Irina apertou a blusa contra o peito.

— Detesto ser intimidada, mesmo tacitamente, e talvez hoje minha rebeldia tenha ido um pouquinho longe. Mas você prefere passar fome para impressioná-la. Todas as outras vezes que viemos a Brighton Beach, você perdeu um quilo e meio.

— Isso é para me atormentar mais por causa do “procurar agradar”? Porque aquela história de “que vestido lindo, Sra. Perfeição” é uma *piada*. Uma piada para você, de modo que era para você entender.

— É claro que eu sei que é gozação sua. Só que, depois, você é de uma mesquinhez incrível pelas costas dela, e eu gostaria que parasse com isso.

— Quer *falar baixo*? — Lawrence murmurou. — Hoje de manhã eu tomava o partido dela demais. Agora sou muito mesquinho com a fulana. Qual é das duas coisas?

— É da combinação que eu não gosto. É hipócrita.

— Sabe, estou começando a me perguntar se, no metrô, eu devia ter feito você prometer não provocar briga.

— Não estou tentando provocar briga...

— Então, *não provoque*. Sua mãe está logo ali, do outro lado do corredor, e se continuarmos até altas horas brigando aos gritos, não ficará bem para nós. Agora, vá escovar os dentes.

Talvez por ele vir trabalhando tantas horas a frequência com que os dois mantinham relações sexuais havia caído nos últimos seis meses — nada vertiginoso, talvez uma noite a menos por semana, ainda saciando razoavelmente o apetite erótico de Irina. Mas satisfazer a necessidade de gozar é apenas uma das muitas finalidades atendidas por essa atividade, uma finalidade surpreendentemente pequena. Sobretudo nos relacionamentos estáveis, sua função mais vital é tranquilizar. Por isso, quando eles se deitaram e Irina estendeu a mão, fazendo uma carícia suplicante no quadril de Lawrence, e ele apenas resmungou qualquer coisa sobre o fuso horário e pegou no sono, ela ficou mais do que decepcionada. Ficou nervosa.



VISTO QUE, NA NOITE ANTERIOR, não haviam discutido nem transado, Lawrence e Irina começaram o dia de Natal bem

descansados.

— *Dobroye utro milye!* — exclamou Raisa, alegre. — *S Rozhdestvom vas!*

Na volta de outra corrida mais do que estafante Lawrence enxugou a base do copo de café e o colocou num pires. Nos primeiros tempos, Irina ficara agradecida pelo modo como ele se alinhara com a lunática mania de ordem de sua mãe. Mas não havia nada como o imprimátur parental para acabar com a atração sentida por um homem, e, nessa manhã, o corre-corre de Lawrence para lavar, enxugar e guardar o copo de café, antes mesmo de ele esfriar, foi irritante.

— Irina — disse Raisa, fingindo um tom leve —, eu menciona isso antes, *da?*

Quando tomar banho, você lava e enxuga saboneteira. Você deixa sabão na poça, ele vira gelatina. Lawrence muito correto nisso. Você às vezes esquece.

Irina tornou a subir, de má vontade, para lavar a porcaria da saboneteira, e depois se juntou a Lawrence no quarto para embrulhar os presentes.

Pouco antes da partida para Nova York, Lawrence se dera conta de que, em Moscou, havia esquecido de comprar alguma coisa para Raisa. “Ah, meu Deus!”, inquietara-se Irina. “E você esteve na *pátria*. Tenho medo de que ela fique ofendida.” Hesitante, ela havia sugerido que talvez o mais diplomático fosse dar a Raisa a gargantilha Rostov.

É engraçado como a gente pode fazer um oferecimento com toda a sinceridade e, mesmo assim, ficar arrasada quando ele é aceito. Logo depois da proposta, Irina torcera freneticamente para Lawrence insistir em que ela conservasse o presente recebido, e que se danassem os melindres de Raisa. Em vez disso, ele a elogiara pela rapidez de raciocínio e prometera arranjar-lhe um substituto no devido tempo.

Irina não queria substitutos. Sua própria ingratidão ao receber o presente, num primeiro momento, havia garantido que sua mudança de atitude diante daquele táxi na Trinity Street fosse completa, e agora seu apego à joia era de uma impetuosidade feroz. Assim, quando eles espalharam os presentes na cama, ao lado de uma pilha de papéis de presente reaproveitados do ano anterior, Irina abriu a encantadora caixinha de chá Twinings que tinha arranjado para o colar e fitou possessivamente seu interior.

— Você ainda quer que eu dê a gargantilha a ela?

— Não fui eu que quis dá-la, foi você. Mas, sim, por que não?

— Eu só pensei... Bem, você disse que foi fazer compras ontem. Achei que talvez tivesse encontrado outra coisa para dar a ela.

— Não, não encontrei. Não achei muita coisa. Era véspera de Natal e estava uma zona completa. Se você esperava que eu comprasse uma coisa diferente, devia ter falado.

— Ah, está tudo bem — respondeu Irina, sem graça, e ela mesma embrulhou a latinha.

Quando ouviu Tatyana chegar *en famille*, desceu correndo para recebê-los no vestíbulo. Tatyana largou as sacolas no chão e abriu os braços amplos para envolver sua única irmã.

— Bem-vinda à casa! Estou tão contente por vê-la! Faz semanas que espero por isso! — exclamou Tatyana. Ela deu um abraço igualmente caloroso em Lawrence. Por sorte, não fazia ideia de que ele a achava uma idiota.

Enquanto as duas descarregavam a comida na cozinha, Tatyana elogiou: — Pelo que eu soube, Lawrence anda fazendo um sucesso *sensacional* em Londres! No mês passado, uma vizinha me levou um exemplar do *Wall Street Journal*, e ora se não era uma matéria assinada por ele junto à página dos editoriais, desse tamanho! Fiquei superimpressionada! E eu lá, circulando à toa pela

cozinha, às voltas com outra charlotte russa. Deve ser superestimulante viver com uma pessoa tão *culta*.

— Estimulante é uma das maneiras de chamá-lo — disse Irina em voz baixa, guardando o *blini*.

— Bom, você não está estourando de orgulho?

— O Lawrence pode ser... meio metido a sabichão. Um pouquinho exibido, em termos intelectuais — respondeu entre os dentes. Na sala, Lawrence já fazia um discurso para Dmitri sobre as complicações do Afeganistão. — Esse trabalho num centro de estudos estratégicos talvez não tenha sido muito bom para o caráter dele. Tornou-o cronicamente condescendente.

— *Chepukha* — descartou Tatyana. — Ele sempre trata você com respeito. E fala sobre política com tanto sentimento! Acho esse tipo de paixão num homem tremendamente atraente.

Irina desistiu. Não havia nada mais frustrante do que fazer críticas a alguém que se devia estimar e não ser minimamente compreendida. A pessoa ficava esperando de boca aberta e parecendo uma cretina.

Assim, elas recuaram para um território supostamente seguro, embora a culinária também fosse um campo minado. As duas irmãs cozinhavam, mas eram de tipos radicalmente contrastantes. Irina era chegada a fazer experiências; Tatyana seguia receitas ao pé da letra. Irina levava os sabores ao limite extremo, nunca acrescentando apenas um dente de alho, e sim a cabeça inteira; Tatyana era especialista em invenções rebuscadas com toques de creme e manteiga, que eram de uma engenhosidade clássica, mas às quais faltava um contraponto. Irina achava a culinária russa um lixo; Tatyana reproduzia entusiasticamente a herança culinária de ambas, com insossa autenticidade. Enquanto Irina era sábia e objetiva (Tatyana diria desleixada), montando pratos com punhados disto e daquilo e confiando em que, no final, daria tudo certo — e *dava* —, Tatyana nivelava as metades exatas de uma colher de canela com a

facas. No que dizia respeito a Irina, ela gostava de aprontar os pratos rapidamente, no estilo da pintura de Kandinsky, enquanto sua irmã mais velha agia como quem preenchesse aqueles quadros que já trazem a numeração das tintas correspondentes no estojo. Como as duas tinham tido brigas terríveis no passado — Irina punha tantas pitadas de limão na cobertura do rocambole de Natal que ele foi “estragado” —, ela optou pela matéria mais neutra em que conseguiu pensar.

— Não entendo essa onda dos moedores de sal — disse, pegando os saleiros para a mesa do *zakuski*. — Com a pimenta, o moedor faz uma diferença enorme.

Mas sal moído na hora?

— É, você tem razão, o sabor é idêntico! — concordou Tatyana, ardorosamente. — Mas, em termos de textura, a gente pode tirar alguma coisa das variações no tamanho dos grãos, não acha? Por exemplo, gosto muito daquele jeito cristalizado do sal Maldon.

— E que tal a flor de sal! — Replicou Irina. — Tem aquele maravilhoso sabor mineral.

Embora, nesses assuntos, os sentimentos mutuamente persuasivos permitissem uma *camaradagem* bastante necessária, Irina sentiu-se meio adolescente quando elas tiraram os *pirozhki* do forno e Lawrence caminhou para uma conclusão sobre os trinta anos de brutal guerra sectária em Ulster.

Apesar de seu professado apetite de discursos doutos, Tatyana cortou a Irlanda do Norte pela raiz. Num piscar de olhos, passou a regalar o grupo com a história das tribulações da reforma de seu banheiro *en suite*, desesperando-se com o fato de os operários deixarem marcas de gesso por toda parte. Quando Lawrence lhe perguntou em tom sério qual era a estampa do papel de parede que ela havia escolhido, e depois indagou sobre os azulejos, o vaso sanitário e as torneiras, Tatyana respondeu com detalhes autênticos, benditamente alheia ao fato de que os comentários de incentivo dele

eram maldosos: — Cornetinhas ou barquinhos! Puxa, isso deve ser mesmo difícil de decidir!

... Nem posso imaginar o transtorno! Como é que você consegue?... É, esse é o dilema dos dias atuais: aquelas válvulas silenciosas são civilizadas, mas simplesmente não cumprem sua função!

Cansado desse joguinho com Tatyana, ele tentou ensinar aos dois filhos da cunhada aquele truque de bar em que se põe um descanso de chope na beirada da mesa, com metade para o lado de fora, para girá-lo e agarrá-lo no ar num mesmo movimento; eles acharam fascinante a impecável repetição feita por Lawrence, ainda que nenhum dos dois conseguisse pegar o jeito da coisa. A paciência dele com adultos era escassa; com crianças, era ilimitada. Ocorreu a Irina, de forma melancólica, que Lawrence daria um bom pai.

Infelizmente, justo quando começava a pegar o jeito, Sacha derrubou uma tigela de creme azedo no tapete. Lawrence correu à cozinha e voltou com uma braçada de esponjas e tira-manchas, eliminando de modo febril a mancha que fora produzida. E advertiu as crianças: — Talvez seja melhor não tentarmos fazer o truque da bolacha perto de todas as coisas bonitas da sua avó.

E com isso voltou-se à conversa adulta. Irina perguntou a Dmitri por sua empresa de construção sem dar a mínima para o assunto, Tatyana perguntou a Irina por suas ilustrações sem dar a mínima para o assunto, Raisa perguntou às crianças sobre seus deveres escolares sem dar a mínima para o assunto, e Lawrence, imprensado num canto com Tatyana, acabou reduzido a fazer mais perguntas sobre o banheiro, sem o espírito de paródia zombeteira que tornara o primeiro questionário marginalmente divertido. Todos elogiaram os *pirozhki*, enquanto Irina achou que nem de longe eles tinham o toque suficiente de cebola, ou de qualquer outra coisa, e basicamente tinham gosto de hambúrguer desidratado.

Então, isso era a *paz* — a qual, segundo o especialista residente em estudos de conflitos, “era melhor do que a alternativa”. Ninguém entrou em discussões.

Ninguém disse nada ofensivo. Ninguém começou a cantar como um arruaceiro nem elevou a voz. Apesar de eles terem recebido guardanapinhos de bordas rendadas com os aperitivos, Irina pediu licença para limpar as mãos engorduradas numa toalha de papel, por via das dúvidas.

Quando voltou, porém, sua frustração crescia em proporções inflamáveis.

Aquilo a fez lembrar-se de como, quando menina, depois da igreja, ela costumava ser enfiada com um vestido cor-de-rosa todo chique e escarpins de verniz e tinha que perambular pela casa por um tempo infindável, à espera de que um peso de carne cozinhasse demais, e de quebra sempre levava um pito, porque, obrigada a passar o almoço domingueiro com aquele vestido que dava comichão, não podia desenhar, já que havia o risco de sujar a roupa com os lápis de cera. De que adiantava crescer, se não se ganhava o direito de escapar à Síndrome do Almoço de Domingo? Podia ser 25 de dezembro, mas Irina não era cristã praticante, e deveria estar *em seu poder*, como diria Lawrence, rebaixar a festa para qualquer outro dia da semana, se ela assim quisesse. *Por que* devia se oferecer inexoravelmente para carregar pratos de um lado para outro, para um arranjo extravagante de *zakuski* que nem ao menos queria? *Por que* era obrigada a conversar polidamente sobre o trabalho de Tatyana na Associação de Pais e Professores, quando não estava nem de longe interessada? Durante anos havia murmurado juramentos sinistros sobre como, quando *ela* fosse adulta, não estragaria metade de todos os fins de semana tentando tirar manchas de roupas incômodas e falando da velha e chatíssima APP. E ali estava ela, depois de enfim abrir caminho com unhas e dentes para a maturidade, agrilhoando-se mais uma vez, de forma voluntária, à

ideia irremediavelmente vagabunda que os outros faziam de diversão. Por que ela e Lawrence não podiam hospedar-se num hotel, pedir ostras com champanhe e trepar feito dois coelhos? Ela estava com quarenta e três anos — *por que não podia brincar de colorir?*

Ela foi se chegando para Dmitri, apesar de ele sempre ter parecido meio mudo, porque, de toda a patota, era o que levava jeito de ser o mais amistosamente tristonho. Além disso, para enfrentar de maneira mais fácil a ocasião e a pretexto das boas maneiras étnicas, ele tinha aberto a garrafa gelada de vodca que pusera disfarçadamente na geladeira portátil de Tatyana. Ele não estava enchendo a cara como um cossaco, mas já havia feito umas incursões.

— Você se importa se eu tomar um pouco?

— *Da, konyeshno*, Irina, me deixe pegar um copo para você.

Pronto, o olhar sinistro de Lawrence foi pavloviano. Eram *duas horas da tarde*.

Mas, em vez de fazer uma objeção repentina, dizendo que afinal preferia suco de *tomato*, ela deu um sorriso encorajador enquanto Dmitri enchia seu copo até a borda, e ergueu animadamente um brinde a Lawrence: — *Za tvoye zdorovye!*

Em seguida, enxugou tudo numa única e gloriosa golada, como *uma verdadeira russa*.

Se os *pirozhki* eram só o aperitivo do grandioso *zakuski* que viria, Irina já estava farta. Na véspera, ao ser intimidada para se matar de fome, havia comido demais; ser intimidada para se empanturrar surtiu o efeito correspondente de desinteressá-la da ceia. Sim, ela ajudou Tatyana a dispor as travessas do *zakuski* na sala de jantar — arenque e pão preto, *blinis* com salmão defumado, beterrabas em conserva, um “caviar de pobre”, feito de beringela, ovos cozidos, salada de pepino, e o enorme *kulebiaka* (que, com sua massa decorativa delicadamente dourada, realmente parecia esplêndido) —, mas remexeu os pratos como um disfarce para não

comê-los. A partir de certa quantidade, a comida tornava-se repulsiva, e tudo que Irina via ao contemplar aquela mesa que chegava a ranger era uma coleção opressiva de sobras. A aversão ao bufê deu a sua segunda e terceira doses de vodca uma eficácia diabólica.

Uma vez servida a refeição principal — o leitão inteiro assado sobre uma camada de *kasha*, repolho-roxo refogado, pudim de batata gratinado e vagem com molho de nozes —, Irina apenas beliscou uns torresmos do porco para acompanhar o vinho.

Numa abundância dessa ordem, uma refeição é menos um banquete do que um assalto. O grupo cambaleou de volta para a sala de estar como se tivesse levado uma cacetada na cabeça. Até Tatyana concordou que eles podiam fazer um intervalo antes da sobremesa e abrir os presentes.

A vodca fora ágil e meticulosamente retirada da sala antes do jantar, mas a garrafa foi fácil de localizar na geladeira, e agora estava sedutoramente gelada. Ao retornar à sala com sua bebida, Irina tinha o rosto iluminado pela coloração intensa da animação natalina. Uma vez iniciada a educada abertura dos presentes, um de cada vez, a dose extra ajudou a afogar sua mágoa por entregar o presente do casal à mãe. Raisa pôs a gargantilha e Irina resmungou sobre quão bem ela lhe caía; fez-se um grande alarde do fato de Lawrence ter-lhe trazido o presente de Moscou. Para variar, a efusividade de Raisa evidenciou um toque de sinceridade.

Mas ver a gargantilha sair de sua vida em definitivo varou Irina com uma tristeza totalmente desproporcional à escala da perda — um luto monumental que ela mesma não entendeu muito bem, nem no momento em que se formou um nó em sua garganta, no lugar exato em que antes estivera a peça esmaltada. Como um triste consolo, era presumível que ela a herdasse na morte de Raisa.

A abundância dos outros presentes, por mais bem-intencionados que fossem, gerou aquela deflação do Natal norte-

americano médio: toda essa trabalhadeira e dinheiro para quê? O grande embrulho de Tatyana para Irina continha um conjunto de enormes velas feitas em casa, que as crianças tinham ajudado a moldar; a residência de Irina no exterior era uma abstração para sua irmã, e jamais lhe ocorreria que agora ela teria que arrastar os cinco quilos de parafina enfeitada de volta para a Inglaterra, na bagagem espremida pelos zíperes.

Lawrence ganhou duas gravatas, quando raramente usava alguma; Raisa, um xale sintético, um suéter volumoso e umas bijuterias baratas das crianças, todos eles acessórios destinados a uma gaveta inferior. Já que é comum comprar-se compulsivamente para as pessoas a última coisa de que elas precisam, Tatyana ganhou sobretudo coisas de comer. Quase *todos* deram uma loção pós-barba a Dmitri; as caixas com os vidros, acumuladas a seus pés, duas delas da mesma marca, foram um constrangimento. Do mesmo modo, Raisa insistia em comprar para os netos presentes destinados a crianças menores — a etiqueta da boneca entregue a Nadya, de dez anos, especificava “Para crianças de 4-7 anos” —, e as crianças nunca interpretam esses lapsos como ignorância, mas como um insulto deliberado.

Já no final, Irina entregou timidamente um envelope a Lawrence, do qual ele retirou um desenho do tamanho de um cartão-postal. A princípio, franziu o cenho, e foi doloroso ver que não parecia reconhecê-lo, porque ela fizera certo esforço para reproduzir a ilustração em miniatura.

— É a chegada do Viajante Escarlata — explicou —, aquela primeira versão feita para *Rubro de raiva*. Eu lhe disse que ele não se encaixava nos demais e, no fim, não pude usá-lo e tive que redesenhar o painel. Emoldurei o original para você. Não fazia sentido trazer todo aquele vidro para Nova York... por isso eu lhe fiz esta pequena reprodução. Você tinha gostado muito da pintura, lembra-se?

Disse que o estilo era... *amalucado*.

— Ah, sim... — fez ele, com ar vago.

— Achei que gostaria de pendurá-lo no escritório.

— Claro, é uma ótima ideia! — disse Lawrence, beijando-a no rosto. Mas seu entusiasmo pareceu exagerado, como o de Raisa, e Irina ainda não estava convencida de que ele tivesse a menor lembrança da ilustração. Além disso, talvez seu presente tivesse sido um pouquinho perverso. A sensação rebelde que se apossara dela ao rabiscar aquele painel alarmante derivara de um lugar que Lawrence não tinha nenhum interesse em que ela resolvesse visitar.

Por sua vez, ele apanhou seu próprio presente embaixo da árvore, e o coração de Irina deu um salto ante a visão do embrulho pequeno. Foi *por isso* que ele saiu para fazer compras ontem! Mesmo dando a gargantilha a Raisa, Lawrence estava decidido a compensar a perda de Irina com um colar igualmente encantador, no mesmo dia. Era tão gentil!

Dentro do embrulho havia um molho de chaves.

— Feliz Natal! Comprei um carro para você.

Enquanto Irina fitava as chaves, num silêncio perplexo, ele prosseguiu: — Bem, um carro para nós, mas pretendo continuar a ir a pé para o trabalho, e por isso você pode ficar com ele durante o dia. Assim poderá fazer compras na loja maior da Tesco, na Old Kent Road, sem ter que carregar as sacolas da Elephant and Castle. Não é nada chamativo, é um Ford Capri usado, mas o modelo 1995 recebeu altos elogios na *Consumer Reports*...

Não seria político sugerir que ela realmente não se importava em carregar sacolas desde a Elephant and Castle. Mesmo um carro usado era uma grande empreitada financeira, considerando o seguro, a gasolina e as despesas de estacionamento, e o presente cheirava a uma decisão executiva. Era bom ser surpreendida, mas talvez ela preferisse ter sido consultada. Depois de dar um beijo de agradecimento no parceiro — e de ele resmungar “Opa, não risque

um fósforo perto da sua boca!” —, Irina ficou ainda mais perturbada, por nunca ter dito uma única palavra sobre querer um carro. Por isso, mais ainda do que a arrogância, o presente cheirava a uma despesa bruta como substituto de algo mais precioso, mesmo que não fosse no sentido fiscal.

Afora a gargantilha, entregue com pesar, será que não haveria nesse Natal nenhum presente que não parecesse chocho? Irina havia esperado que pelo menos o Discman que eles tinham comprado para as crianças fizesse sucesso ao ser recebido. Mas Tatyana havia murmurado na cozinha que elas tinham passado meses fazendo campanha por um PlayStation da Sony, só que era caro demais; quando Sasha desembulhou o Discman, a manta colocada sob os presentes embaixo da árvore ficou visível, tornando-se terrivelmente claro que ninguém tinha ficado satisfeito. Intuindo a decepção do sobrinho, Irina pegou o CD de Alanis Morissette que acompanhava o presente, *Jagged Little Pill*, e o ajudou a colocá-lo no toca-CDs portátil, enquanto Tatyana dispunha a sobremesa na sala de jantar — para o caso de ainda restar alguém na família que não estivesse com ânsia de vômito.

Ah, provavelmente Alanis Morissette fazia mais o gênero de Irina que o de Sasha, que, aos doze anos, talvez não se entusiasmasse com músicas interpretadas por mulheres. Mas o estilo de Morissette — “dane-se tudo, meta a cara sozinho” — combinava com o estado de espírito de Irina nesse momento.

Com os papéis de embrulho já guardados para o ano seguinte e os presentes empilhados junto a cada cadeira, o tapete ficou desobstruído. Num desvio extravagante de seu passado de quem tomava chá de cadeira — nem que fosse para desfazer a decepção penetrante de que a sala estava saturada, e para buscar uma sensação de leveza, depois de ter sido cercada por toda aquela comida —, Irina começou a dançar.

Não conseguiu seduzir Sasha a acompanhá-la — o menino estava numa idade difícil e era tímido —, muito menos tentar o desmancha-prazer do Lawrence a se tornar seu *par*, no sentido que a geração anterior teria dado a esse termo. Mas eles que ficassem para lá. Que desperdício, em todos aqueles anos, ter cedido esse passatempo revigorante à mãe e à irmã, quando, para ambas, ele era, sobretudo, uma fonte de sofrimento! É verdade que Irina estava um *pouquinho* instável sobre os pés. Destreinada e sem ter nem mesmo a memória muscular latente de uma juventude agitada, saltitou pela sala num estilo eclético, pegando uns passos de discoteca, de *jitterbug* e de *boogie*. Cantou acompanhando a letra, bem alto para abafar o resmungo de Lawrence na lateral (“Irina, você está fazendo papel de boba”). Por travessura, para pontuar um refrão choroso, ela esticou uma perna para trás num *arabesque*.

E derrubou o samovar.

— Lawrence — disse Raisa, com aquela voz de leite derramado sobre o qual, desafiando o axioma-padrão, Irina havia chorado muito quando menina —, *pozhaluysta*. Você pode controlar minha filha?

Ele podia. E controlou.

9



SE, NO ANO ANTERIOR, IRINA havia derrubado gloriosamente a tirania de sua natureza econômica e determinada, no ano seguinte tentou com afincos restabelecer a mesma mulher rigorosa e diligente de quem um dia se ressentira.

Como na maioria das revoluções, criar o caos é moleza, mas restabelecer a ordem depois dele é uma empreitada fatigante e monumental. No entanto, por mais opressivo que se possa tornar o temperamento de uma pessoa, após um tempo suficiente sendo alguém diferente, ela começa a sentir falta desse temperamento.

Irina havia instigado uma revolução semelhante na penúltima série do curso médio. No verão anterior, seu aparelho fora retirado. Quando ela sorria, os dentes da frente já não se acavalavam grotescamente sobre o lábio inferior, e as pessoas de aparência mais agradável lhe retribuía o sorriso. Pouco a pouco, ela aprendera a andar de cabeça erguida, a gingar os quadris e a enfrentar os olhares dos alunos das últimas séries com a insolência de uma vampe em flor. Mas era inevitável que essa revelação se desdobrasse em câmera lenta, porque só no momento em que ela se debruçara sobre Ramsey Acton no dia 6 de julho, e em que esse homem bonito e desejável retribuía seu beijo, é que se havia consumado o processo de perceber que ela já não era completamente feia ao olhar dos outros.

Já que é comum os párias infantis buscarem a aprovação compensatória dos adultos, Irina sempre fora uma aluna nota dez. Só que, retirado o aparelho, a garotada maneira, de jeans de cintura baixa, cabelo comprido e blusas vaporosas de algodão indiano,

desbotado na lavagem, tinha começado a atraí-la para as escadas de seus porões, onde lhe oferecia baseados tão compactos, finos e afilados na ponta quanto o taco de Ramsey. Por travessura, ela havia experimentado matar aulas. E tirando proveito de sua honrosa reputação, com um resmungo embaraçado para os professores sobre ter ficado menstruada, também conseguia sair impune.

Mas tinha chegado o momento de pagar a conta. Mais ou menos no fim do ano letivo, quando a professora de arte organizava uma excursão ao Museu de Arte Moderna, a habilitação a participar desse privilégio exigia que se atingisse um aproveitamento acadêmico mínimo. Com a voz carregada de decepção, a Sra. Bennington havia anunciado para toda a turma que as notas de Irina McGovern eram baixas demais para que ela se classificasse. Em conjunto, os colegas tinham se voltado, perplexos, para aquela que até então fora uma santinha, e qualquer fiapo de credibilidade popular que sua média escolar recém-desacreditada pudesse ter lhe granjeado foi incapaz de compensar o vexame. O que fizera ela?

Quem era aquela porra-louca rebelde, onde antes houvera uma estudante laureada? Irina havia trocado sua dignidade pelo divertimento.

Por isso, sua experiência no mês de janeiro teve uma sensação incomodamente familiar. Já fora mortificante o suficiente para a aluna nota dez pedir um adiamento à editora Puffin. E apesar de, em termos formais, haver cumprido o prazo, no fundo, no fundo, ela sabia que aqueles desenhos não tinham sido “apressados”. Eram péssimos.

Em todas as áreas de atividade, muitos profissionais consagrados fazem passar por bom o trabalho da pior qualidade que se possa imaginar, e às vezes são enaltecidos por ele. Afinal, a maior parte do mundo não sabe a diferença entre a rara chama do verdadeiro gênio e a fabricação originária da moçada absolutamente medíocre. Mas, para azar de Irina, justamente sua editora de A

menina habilidosa tinha que ter integridade, e esta, a despeito de sua reputação nobre, é uma qualidade terrível, quando se está do lado de quem fica sujeito a ela. Na volta de Brighton Beach, Irina soube que estava encrocada quando não recebeu um telefonema nem um e-mail, e sim uma carta. Em duas frases assustadoramente curtas, a editora lhe informou que o projeto tinha sido entregue a outro ilustrador. Os desenhos eram “inaceitáveis”. Foi como se ela ouvisse essa palavra na voz da Sra. Bennington.

Aliás, embora a editora em si tivesse sido concisa, a Sra. Bennington da cabeça de Irina estendeu-se bem mais. *Admita, repreendeu ela. Num dia comum, você não se levanta da cama antes do meio-dia; consome meio maço de cigarros e nunca menos de uma garrafa inteira de vinho. Lê o jornal uma vez por semana, se tanto. Mesmo durante os ocasionais intervalos na vida erótica, passa um número desproporcional de suas horas de lazer —presumindo-se que tenha algum outro tipo de horas — pensando em sexo. Os únicos rabiscos da sua agenda dizem “Preston, RA v Ebdon, melhor de 13” — indicações da ocupação de outra pessoa. Você teve seis meses extras para concluir um projeto, e fez uma porcaria. É ainda mais dissoluta do que seu marido, que, pelo menos — será que não notou?*

—, ainda cumpre as obrigações dele.

A rejeição, como todo mundo parecia dizer incessantemente na época, foi “um alerta”. Naquela mesma noite, Irina ditou as regras. Não, ela não iria com Ramsey ao Masters da Benson & Hedges. Não, não iria com ele ao Real Torneio Aberto da Escócia. Ficaria em casa para trabalhar. A contragosto, Ramsey concordou. Ambos sabiam que uma era havia chegado ao fim. Irina sentiria saudade.

Depois disso, como a maioria das esposas desse círculo, ela havia aceitado seu destino de viúva da sinuca. Ramsey voltava quando podia, entre os torneios, mas durante semanas a fio Irina

tinha o compromisso de vagar sozinha pelos quatro andares da Victoria Park Road.

As sondagens desanimadas que enviou a alguns escritores de nada adiantaram, e a Puffin era um prato em que ela havia cuspidido. Durante anos, Irina tinha contado com Lawrence para exercer o lado de sua ocupação que ela detestava: implorar mais trabalho. Também havia sempre dependido da estrutura e da intenção narrativa de outra pessoa para se inspirar; nesse sentido, não era realmente uma pintora, mas uma ilustradora natural. Portanto, talvez a resposta não estivesse em achar outro escritor, cujas tramas não raro eram muito previsíveis e moralistas, mas tornar-se escritora ela mesma. Muitos ilustradores também redigiam o texto e, pelo menos, apostar em escrever sua própria história evitaria outros daqueles e-mails humilhantes.

Na meninice, uma das bonecas favoritas de Irina usava uma saia comprida e rodada. Posta de pé num sentido, seu cabelo era uma massa desordenada de fios castanhos e o vestido era um estampado floral escuro. Virada ao contrário, a saia cobria a cabeça da morena e revelava um *alter ego* louro, com um vestido xadrez azul-claro.

Irina imaginou um livro de histórias que virasse como essa boneca. Na frente ficaria a capa de uma história e, no verso, de cabeça para baixo, a de uma segunda. A primeira história se desenrolaria pelas páginas da direita, com as legendas embaixo, e nas da esquerda ficaria a segunda, com o sentido invertido.

As duas histórias envolveriam o mesmo herói. Ambas começariam numa mesma encruzilhada na infância dele. Mas evoluiriam de maneiras diferentes, dependendo de como o protagonista resolvesse seu dilema inicial. Quanto ao tema, quando Irina o definiu, só lhe restou dar risadas.

Durante dezoito meses, ela vira luminosas esferas refratárias deslizarem sobre um exuberante fundo verde, emoldurado por

barras de mogno. Essas imagens lhe apareciam em sonhos e, muitas vezes, ela via orbes de cores primárias ao fechar os olhos. As imagens tinham sido *internalizadas*. Irina havia pretendido escapar disso, mas, no fim, fez um inexorável sentido que a trama de seu primeiro livro de histórias como ilustradora-escritora tivesse tudo a ver com a *sinuca*.

Martin tinha sido um prodígio na sinuca desde o instante em que atingira altura suficiente para enxergar acima da mesa. Mas seus pais achavam que os salões de sinuca eram antros de iniquidade (ou como quer que se conseguisse transmitir o conceito de depravação a crianças pequenas, que supostamente não deveriam saber o que era isso, mas decididamente sabiam). Eles faziam questão de que o filho não descuidasse dos estudos, pois queriam que frequentasse a universidade, como fizera o pai. Proibiram-no de chegar perto de uma mesa de sinuca. Só que Martin já era mais talentoso na sinuca do que muitos adultos de sua região. E adorava jogar, mais do que qualquer outra coisa. O que havia de fazer?

Numa das histórias, Martin desafiava os pais. Matava aulas para jogar sinuca.

Foi ficando cada vez melhor e, às vezes, deixava os adultos muito zangados, porque eles não gostavam de ser derrotados por um garotinho metido a besta.

Como ele parecia inteligente, os pais não entendiam por que suas notas na escola eram tão baixas. Por fim, quando um vizinho os cumprimentou pela vitória do filho num torneio de juniores, eles compreenderam que o menino tinha desafiado frontalmente os seus desejos. Informaram-lhe que se não desse as costas à sinuca, teria que sair de casa. Martin achou que não tinha alternativa e que já era bom o bastante para ganhar dinheiro com o jogo. Mesmo assim, sentia falta dos pais, e a dor por eles não mais lhe dirigirem a palavra parecia nunca deixá-lo.

Tornou-se um jogador famoso. Assim, ganhou pilhas de dinheiro. Teve muitas aventuras. Fez inúmeros amigos, apesar de os jogadores de sinuca nem sempre serem muito inteligentes e, vez por outra, serem meio chatos. Aliás, às vezes o próprio Martin era meio maçante, porque, na verdade, não entendia muito de coisa alguma além de sinuca. Negligenciou o trabalho escolar e nunca entrou na universidade. Sua vida teve coisas boas e ruins. Podia ser solitária, ainda que os estranhos frequentemente o cumprimentassem na rua. Vez por outra, Martin ficava meio cansado da sinuca. Mas ela continuava a ser um jogo maravilhoso, e há um limite para o cansaço que o indivíduo pode sentir com uma coisa em que se sai muito bem. Havia muitos momentos de clímax. Como nem mesmo as pessoas muito, muito competentes são sempre as melhores entre as melhores, Martin nunca chegou propriamente a vencer o Campeonato Mundial, mas não tinha importância. (Esse toque de realismo foi influenciado, provavelmente, pela *Corrida frustrada* de Casper.) Ele lamentava não ter permanecido próximo dos pais, que nunca o perdoaram por desafiar sua autoridade. Mas quando rememorava sua vida, percebia ter passado o tempo fazendo algo que amava, e isso, pelo menos para ele, era lindo.

Virando o livro de cabeça para baixo, entretanto, a história seguia um curso muito diferente — ou assim parecia, a princípio. Na encruzilhada, Martin decidia obedecer aos pais. Eles eram mais velhos e deviam ser mais sábios. O menino lamentou abandonar a sinuca e, no começo, sentiu muita falta dela, mas se dedicou aos estudos, sempre fazendo seus trabalhos de casa e levando para os pais boletins com ótimas notas. As coisas que aprendeu eram muito interessantes.

O mesmo talento que ele havia exibido na mesa de sinuca o fez destacar-se em algumas disciplinas escolares. Era habilidoso na geometria. Era brilhante no cálculo de ângulos e na compreensão das relações matemáticas entre objetos. Ao ingressar na universidade,

estudou astronomia. Agora, em vez de contemplar pequenas esferas vermelhas sobre um campo verde, estudava planetas flamejantes contra um campo negro, mas, vez por outra, quando chegavam fotografias das missões exploratórias em Marte ou Vênus, as imagens não diferiam muito das que eram vistas quando se alinhava uma bola vermelha com a caçapa do canto.

Martin tornou-se astronauta. (Se essa era uma trajetória crível de carreira, Irina não se importou em saber; num livro infantil, tem-se certa margem de manobra.) Havia coisas boas e ruins em sua vida. Os pais se orgulhavam dele, mas não raro Martin passava anos seguidos no espaço e se sentia solitário. Às vezes, embora outras pessoas achassem que ser astronauta parecia empolgante, era um pouco entediante ficar verificando instrumentos, dia após dia. Volta e meia, ao contemplar as estrelas, Martin se perguntava como teria sido se fosse jogador de sinuca. Mas sabia que, de vez em quando, as pessoas faziam escolhas e tinham de viver com as consequências delas, as boas e as não tão agradáveis.

Ele tinha sorte de viver muitos momentos de clímax. Adorava decolar num foguete e pousar espadanando água salgada. Esteve até perto de ganhar o Prêmio Nobel, e embora tivessem acabado por conferi-lo a outra pessoa, ele não se importava. É que, ao lembrar sua vida, Martin percebia que havia passado o tempo fazendo uma coisa que amava, e isso, pelo menos para ele, era lindo.

Quando começou as ilustrações, Irina esqueceu tudo sobre invejar Ramsey por suas noitadas longas nos bares, regadas a bebida, e parou de se preocupar com as outras mulheres. Com espírito fatalista, presumiu que se ele a amasse manteria o zíper das calças fechado; além do mais, no fundo sabia que, nesse aspecto, sua mãe estava errada. Embora ainda faltassem mais alguns móveis para mobiliar direito a casa, Irina contentou-se em viver sem eles. Era frequente trabalhar até altas horas, e o simples preparo de um

sanduíche era irritante. Ela passou a beber menos. E diminuiu os cigarros.

Quase todos os seus trabalhos anteriores tinham se especializado numa coloração mesclada e cuidadosamente graduada, bem como em exuberantes oscilações de matizes no estilo de Rembrandt, o que exigia um tempo e cuidado enormes, e fora uma das razões de aqueles desenhos “apressados” terem ficado tão visivelmente aquém do desejável. As novas ilustrações foram tudo, menos descuidadas. Só que, com essas novas imagens, ela descobriu a linha definida e o contraste ousado. As formas não se fundiam com o fundo, mas se afirmavam com veemência — brilhantes bolas vermelhas pairando sobre um fundo verde pulsante. Como a trama se concentrava no que Martin fazia profissionalmente, e não em dramas interpessoais, Irina desenhou todos os painéis sem figuras humanas; os pais de Martin ficaram fora da página, lançando sombras sobre o tapete verde, como tacos sobre o feltro vivamente iluminado. Essa ausência de figuras humanas e os objetos sólidos marcantes — as bolas, o taco, as tabelas, a taqueira — significaram que ela pôde utilizar os recursos do construtivismo russo, do cubismo e do expressionismo abstrato, e para implicar a colisão de objetos no espaço, acrescentou também uns toques de futurismo. Quanto ao meio, este deixou de ser a mensagem, e Irina lançou mão de qualquer giz, lápis de cor, carvão ou tubo de tinta acrílica que produzisse o efeito desejado, e em alguns momentos, para conseguir uma linha perfeitamente cheia ou o brilho atrevido de uma cor singular, colou pedaços de papel brilhante recortados com gilete de anúncios da revista *Snooker Scene*.

Na história do astronauta, o estilo foi idêntico. Os planetas pareciam bolas de sinuca, as estrelas, constelações de vermelhas junto à tabela. Até os deveres de casa de Martin, em geometria, assemelharam-se aos diagramas de jogadas complexas com quatro tabelas publicados na *Snooker Scene*. Embora Irina não tivesse

comparecido a um único torneio de Ramsey durante o resto da temporada — nem mesmo ao Mundial —, sentiu-se mais íntima que nunca da ocupação do marido. Sempre fora assim: ao desenhar alguma coisa, ela passava a possuí-la.

Guardou segredo sobre seu projeto. Quando Ramsey voltava entre um torneio e outro, era proibido de entrar no estúdio dela, no último andar, e Irina se irritava com suas batidinhas constantes à porta. Na verdade, ele começou a lhe dar nos nervos.

Para começar, o marido era um festival de queixas intestinais. Esse é o tipo de coisa que nunca se aprende sobre um homem até morar com ele, mas Ramsey tendia a passar até uma hora no banheiro, com a porta fechada, e isso podia chegar a três ou quatro idas por dia; dos mistérios que ele ocultava lá dentro, Irina supunha que fosse melhor ser poupada. E o vago incômodo no cólon foi só o começo. Ramsey dizia estar ficando com tendinite no braço esquerdo. A região lombar doía. E ele sentia uma dor estranha no rim — ou seria na vesícula? — que, pensando com seus botões, Irina descartou como causada por gases.

Para seu desespero, justo quando as novas ilustrações começavam a fluir, Ramsey cancelou a viagem de março à Ásia, por causa de um resfriado com congestão nasal. Era como se o pobre homem tivesse contraído peste bubônica.

De cama, bebericando seus grogues, ele afirmava que aquilo não era uma gripe “comum”; talvez fosse pneumonia, ou a doença dos legionários. Como seus sintomas se resumiam à coriza e a uma tosse seca, que parecia forçada, Irina sugeriu que talvez ele estivesse sofrendo os efeitos de um excesso de cigarros Gauloise.

Em geral, ela era uma enfermeira solícita, que levava grogues e chá, lenços e torradas para o marido. Mas Ramsey era um paciente exigente, e sua propensão a exagerar o sofrimento fazia com que a solidariedade da mulher surgisse com menos facilidade do que ocorreria se ele evidenciasse um mínimo de estoicismo.

Por isso, quando também pegou o resfriado, Irina o enfrentou com bravura, cuidando ativamente de sua vida, na esperança de demonstrar uma abordagem mais vigorosa da doença. Infelizmente, isso só fez convencer Ramsey de que ele estava com uma dose muito mais letal daquilo que os fizera adoecer, ao passo que Irina devia ter “combatido o cretino” muito bem.

Por sorte, embora o resto do corpo de Ramsey definhasse, à beira da morte, parte de sua anatomia continuou saudável como sempre. As separações acumulavam um apetite sexual explosivo, poupando-os da saciedade ou do tédio que sempre ameaçam surgir quando se tem um excesso de uma coisa boa. O fogo que corria nas veias de Irina, na cama com Ramsey, acendeu um fósforo nas páginas do andar de cima, e as bolas e os planetas de suas ilustrações pulsaram com uma energia que, se alguém compreendesse sua origem, poderia levar a autora a ser presa por exploração de pornografia infantil.

Tendo sobrevivido milagrosamente ao resfriado e já de volta ao circuito dos torneios, Ramsey continuou a ligar para casa todas as noites, mas os telefonemas, muitas vezes, eram esquisitos. Irina convenceu-se de que ele estava primordialmente enciumado de uma pilha de papéis. Mas, para sua grande surpresa, todas essas ligações briguentas se referiam a Lawrence. No passado, Irina levava meses dando escapulidas para se encontrar com Ramsey, não é?

Havia mentido para Lawrence, certo? Sua perda de credibilidade moral parecia ser permanente. É que o marido tinha inequívoca certeza de que ela andava se encontrando com Lawrence em surdina durante sua ausência.

E andava.

Mas não se encontrava com o ex em nenhum sentido sórdido. Os dois se viam para tomar inocentes xícaras de café. Para ambos, resgatar uma afeição pós-apocalíptica era redimir seu investimento de uma década, como algo que não fora desperdiçado em ações de

alto risco. Ocorre que eles se gostavam, mesmo depois de passado o pior. Ora, havia tardes em que Irina ia tomar um *cappuccino* com Lawrence perto da Blue Sky e, por alguns momentos, chegava a se esquecer de que os dois estavam separados. Ele continuava a falar de Kosovo, como teria feito nos velhos tempos. O único encontro ressentido foi um em que Lawrence salientou que não devia ter ficado sabendo do casamento dela por Clive Everton, pela televisão.

A gratidão de Irina pelo que lhe parecia ser um perdão hesitante — atestado pela própria disposição de Lawrence de se encontrar com ela — não tinha limites.

Ela fizera a pior coisa que se poderia fazer com uma pessoa, na sua opinião, e mesmo assim o homem sentava-se à sua frente, indagava sobre seu trabalho, chegava até a perguntar pelo próprio patife por quem ela o havia abandonado.

Em sua ferrenha lealdade à mulher pródiga, Lawrence era como os pais deveriam ser, mas nunca eram.

Tal como fizera na primeira vez em que os dois haviam se encontrado na condição de ex, Lawrence ainda desviava os olhos uns quarenta e cinco graus do rosto de Irina, permitindo que ela o estudasse, deslumbrada, sem ser observada em sua contemplação. Nesses momentos, vinha-lhe a constatação de que ele era um bom homem. De que tivera sorte em conhecê-lo, mais sorte ainda por ter conhecido seu amor, e de que talvez tivesse sido tola por arriscar tudo com que uma mulher podia sonhar em nome de tudo e mais um pouco.

Durante esse período, Irina desenvolveu um outro hábito que não revelou ao marido, e que não envolvia Lawrence, propriamente. Num ou noutro dia da semana, quando era certo que o ex estaria trabalhando, ela dava uma longa caminhada em direção ao sul. Discretamente, como ainda tinha as chaves (talvez Lawrence tivesse deixado Irina conservá-las apenas para se poupar o constrangimento de pedi-las de volta), entrava de mansinho no

prédio da Trinity Street e em seu antigo apartamento. Embora não pudesse deixar de notar qualquer coisa modificada ou espalhada, dizia a si mesma que não estava bisbilhotando, porque não era essa sua intenção. Não esquadrinhava a correspondência de Lawrence nem abria seu laptop. Às vezes, simplesmente parava por alguns minutos no meio da sala, ou percorria o corredor, dando uma espiada nas longas fileiras de temperos que envelheciam na cozinha, e tocava nas gravuras de Miró e Rothko, admirada com o fato de aquele cenário de sua vida anterior permanecer tão intacto que ela podia andar fisicamente no passado. Em outras ocasiões, sentava-se em sua velha poltrona cor de ferrugem, contemplando as cortinas que tinha feito, ou folheando o *Daily Telegraph* deixado de manhã na mesa de centro de mármore verde — mas tomando o cuidado de se lembrar das dobras e da posição do jornal, para repô-lo exatamente como o havia encontrado.

Alisava as marcas na poltrona antes de ir embora, e como Lawrence nunca tinha dito nada, supunha estar conseguindo fazer com que sua presença não fosse sentida.

Era um passatempo curioso. Mas, na Victoria Park Road, Irina vivia cercada por cartazes de sinuca e troféus de sinuca e revistas de sinuca. Nessas idas sub-reptícias ao Borough, não era realmente Lawrence quem ela visitava, mas a si mesma.

Enquanto isso, ela e a mãe não tinham voltado a se falar, e agora o impasse estava tão arraigado que lhe era impossível imaginar que evento seria capaz de desfazê-lo. Embora, tecnicamente, o silêncio não ocupasse tempo algum, Irina se surpreendia ao descobrir como era desgastante no dia a dia. As duas estavam empenhadas em não se falar, o que exigia uma energia enorme, e ela perdeu mais de uma noite de sono rolando na cama, sem saber se a próxima vez em que veria a mãe seria dentro de um caixão. Porém a única maneira de fazer as pazes com ela seria render-se à visão cruel que Raisa tinha de Ramsey. Pelo menos,

conseguia ter notícias da família através de Tatyana, que parecia gostar do papel de interlocutora secreta. Irina lhe contava as últimas sobre as lucrativas vitórias de Ramsey e sobre a fidelidade inflexível do marido, mas a irmã gostava de fazer um jogo ambíguo, de modo que ela nunca sabia ao certo se seus bilhetes nas garrafas desaguavam nas praias do Brooklyn. Irina tentava de todo jeito simplesmente riscar a mãe do mapa, no entanto Raisa se reescrevia de imediato, como essas pichações que a limpeza pública retira com jatos de areia e que ressurgem no dia seguinte. Assim, ela foi confrontada com a tenacidade exasperante dos laços consanguíneos. Ora, as pessoas não tinham que se amar; na verdade, podiam agredir umas às outras. Mas, aparentemente, a única coisa que ficava fora das possibilidades era rebaixar um membro da família à condição de *sem importância*.

Em sua solidão, foi um choque para Irina reconhecer que vinha negligenciando os amigos por completo. Agora que finalmente se lembrara deles, como daquela última coisa da lista de compras que a gente volta correndo para buscar, enquanto alguém guarda nosso lugar na fila do caixa, não poderia culpar nenhum por reclamar: “Ah, o maridinho está num torneio, e *agora* você quer sair para jantar comigo, quando antes eu era dispensável? Não, obrigado!”

Felizmente, a maioria de seus amigos já havia circulado pela seara romântica, e via as férias tiradas da amizade, durante as quais o sujeito recompunha ou estragava sua vida, como uma coisa costumeira.

Mas esses *revivals* das amizades eram complicados. No verão anterior, Irina e Ramsey haviam jantado na casa de Betsy e Leo. Embora, à primeira vista, a ocasião tivesse sido um sucesso — cortês e solícita, com os anfitriões se esmerando na comida —, percebia-se, considerando o passado, que fora um desastre. Betsy gostava de Lawrence. Sentia falta de Lawrence. E, provavelmente, culpava Irina,

nem que fosse um pouquinho, pelo fato de agora, quando convidava a amiga para jantar, não ganhar dois pelo preço de um só.

Talvez também tivesse ficado magoada com o fato de Irina não ter seguido seu conselho de não “torrar as economias” num “artefato chique e brilhante” que não duraria, e claramente achava que ela perdera o juízo. Leo tinha feito um discurso sobre a situação da indústria musical, mas nem ele nem Betsy nutriam sequer um interesse passageiro pela sinuca. O discurso com que Ramsey havia retribuído, sobre o aumento do jogo de ataque em relação ao jogo estratégico, fora recebido com uma atenção compenetrada, que destoava completamente da descontraída crueldade social de Betsy, quando ela era ela mesma. Na despedida, os dois casais tinham prometido repetir o encontro em breve, não tinham falado sério e não haviam tornado a se reunir.

Por isso, todo dia Irina resolvia telefonar para Betsy *amanhã*. Receava a reprovação, a incompreensão e, especialmente, a diplomacia, que, vinda de Betsy, soaria muito artificial. Aliás, um grupo inteiro de amigos claramente considerava sua fuga com um jogador de sinuca um acesso de paixonite míope, que acabaria em lágrimas. Todo esse contingente pró-Lawrence era fadado a ser descartado. Melanie, ao contrário, pertencia a uma constelação oposta de amigos, que finalmente deixaram escapar que nunca haviam suportado Lawrence, e que enalteceram a partida de Irina como o gesto mais corajoso e afirmativo que ela já tinha feito. Por algum motivo, a companhia deste último grupo mostrou-se a mais agradável de conservar.

Nesse ano, Irina de fato ficou triste quando, mais uma vez, Ramsey não venceu o Mundial. Pior, nesse ano ele foi eliminado logo na primeira rodada, o que (infelizmente) o levou para casa mais cedo que de hábito. Nos meses de maio e junho, quando ele estava livre e desimpedido, à sua disposição, de modo combativo Irina o

ignorou completamente durante o dia. Estava fechando o manuscrito concluído.

Trabalhando a todo vapor, ela cumpriu seu prazo pessoal com apenas um ou dois dias de antecedência. No quadragésimo nono aniversário de Ramsey, em julho, conduziu-o ao andar de cima e o introduziu na sala da qual ele estivera banido desde janeiro.

Ramsey folheou lentamente os desenhos; ainda não reduzida, cada folha media uns sessenta centímetros por noventa. No começo, o silêncio deixou-a nervosa, e Irina receou que o marido não gostasse de seu trabalho, ou que se ressentisse da incursão dela em seu território. Seus temores foram aliviados pela expressão perplexa no rosto de Ramsey. Ele se calara por medo de dizer alguma bobagem. Por fim, deve ter se resignado ao fato de que só sabia falar como falava. Virando o último painel da história do astronauta, disse, em tom solene: — Cacete, isso tá genial.

Já estava ótimo.

À noite, os dois comemoraram com um jantar simples no Best of India.

Depois de cumular os desenhos de mais elogios, Ramsey arriscou: — Detesto parecer burro feito um poste, porque sei que a história é pra gurizada. Mas o que ela significa?

— A ideia é que a gente não tem apenas um destino. As crianças, cada vez mais novas, são pressionadas a decidir o que querem fazer na vida, como se tudo dependesse de uma única decisão. Mas, seja qual for a direção tomada, haverá altos e baixos. A gente lida com uma série de compensações, e não com um rumo perfeito, comparados ao qual todos os outros seriam uma porcaria. A ideia é eliminar a pressão. Martin expressa muitos dos mesmos talentos nas duas histórias, mas de formas diferentes. Há vantagens e desvantagens variáveis em cada um desses dois futuros que rivalizam entre si. Mas eu não queria um futuro ruim e um bom. Em ambos, tudo dá certo, na verdade. Está tudo certo.

Ramsey perguntou, em tom queixoso: — Na história da sinuca... por que ele não podia vencer o Mundial?

Irina riu.

— Porque isso estragaria minha tese. A sinuca não é o único destino dele, mesmo que funcione muito bem em vários aspectos. E não é preciso vencer o Mundial para ser um grande jogador de sinuca, certo?

— Conversa! — disse ele com um sorriso, e fez tintim na taça da mulher.



APESAR DA LIÇÃO DA HISTÓRIA EM SI, só ficou “tudo certo” para Irina depois de longas tribulações. Durante meses ela enviou imagens JPEG por e-mail para uma editora após outra. Mais de um editor na Inglaterra admirou o trabalho, mas mencionou que seu custo de produção seria muito alto. Além disso, ela não tinha a menor esperança de seduzir editores norte-americanos para essa ideia, já que seria preciso explicar de cara, como ela tivera que fazer com sua mãe, que, não, *sinuca* não era um jogo de cartas. Começou a parecer que o fruto de seus esforços febris nunca veria a luz do dia.

Como desgraça nunca vem sozinha — se é que se podia contar como desgraça essa guinada da sorte —, durante esse período outonal de penúria Irina engravidou. É verdade que, seguindo a vaga ideia de dar um descanso ao corpo, ela havia suspenso a pílula enquanto Ramsey se ausentara por três semanas para disputar a Copa LG. Eliminado na segunda rodada, ele voltara inesperadamente para casa e os dois tinham usado camisinhas. Bem, exceto numa noite... Desde o dia em que perdera a virgindade com Chris, Irina sempre achara repulsivo transar com o pênis num saquinho. Mas, pelo amor de Deus, estava com quarenta e quatro anos! Não era nem de longe uma deusa da fertilidade, e eles só haviam se descuidado aquela única vez! Por outro lado, havia uma

certa inevitabilidade genética no fato de um filho brotar de todas aquelas trepadas.

Afinal, a ideia era fazer filhos.

Primeiro ela desconfiou que um dos girinos que andara batalhando para nadar pelo canal havia enfim mergulhado em casa, dois dias depois de Ramsey viajar para o Campeonato do Reino Unido. Quando ela trotava para cima e para baixo pelas escadas, seus seios doíam. Ao ficarem ainda mais inchados e sensíveis, fez um teste de gravidez em casa. Antes mesmo que tivesse a chance, conforme as instruções, de equilibrar em pé na bancada a tira branca de plástico, uma linha compacta na janelinha formou a marca inequívoca de uma placa de “Entrada proibida”. O fato de Ramsey não estar a seu lado, justo naquele momento, mostrou vividamente o tipo de maternidade que a esperava.

A menos que ele abandonasse o circuito para sempre, Irina seria mãe solteira, na prática, durante dois terços do ano. Levantaria sozinha para as amamentações noturnas. Ficaria deitada na cama, com o bebê no seio, assistindo a programas ordinários de televisão na madrugada. Sairia sozinha para comprar roupas e alimentos para o bebê, lutando para fazer o carrinho caber no Jaguar. Ramsey telefonaria de vez em quando e pediria para ela pôr o fone no ouvido do filho, e o jogaria alegremente para o alto em suas visitinhas, mas durante a maior parte do tempo ela poderia esperar pouca ou nenhuma ajuda de um pai em *Bangcoc*. Talvez ele gostasse da paternidade como diversão. Mas Ramsey não era responsável.

Seria o tipo de pai que apareceria com brinquedos vistosos, mas nunca chegaria em casa trazendo creme para assaduras. Todas as facetas das funções parentais que eram uma chatice cairiam na cabeça dela. A criança se ressentiria da Mamãe Implicante e Disciplinadora e idolatraria o Papai Indulgente que Quase Nunca Está em Casa, o astro internacionalmente famoso da sinuca —

porque Irina sabia, por experiência própria com o pai, que era certo os filhos preferirem o genitor menos disponível.

Por tudo isso, ficou comovida, admirada e deslumbrada; mas também era realista. Mesmo assim, a perspectiva de jogar o filho do homem amado na lata de lixo, como as côdeas que sobravam na mesa, era insuportável.

Enquanto lutava para se situar, Irina detestou a ideia de dar a notícia a Ramsey por telefone, e foi adiando — embora, como resultado, os telefonemas entre os dois ficassem hesitantes e falsos. Teve medo de que o marido se aborrecesse. Ramsey nunca havia falado em formar uma família, e não lamentava não ter tido filhos com Jude. Talvez encarasse a gravidez como um inconveniente, ou coisa pior, e Irina temeu que deixasse de sentir atração por ela à medida que seu peso aumentasse.

Foi sorte ela ter adiado. Ali pelo final do Campeonato do Reino Unido começou a perder sangue. Debilitada, internou-se num hospital para uma curetagem. Só contou a Ramsey depois que tudo acabou.

Claro, sabia o que ele ia dizer — que lamentava profundamente não ter estado com ela numa hora tão aflitiva de provação —, e prometeria voltar logo para casa. Mas a natureza era sábia, com certeza. Irina estava meio velha para ser mãe pela primeira vez. Mesmo tomando o cuidado de não ferir seu orgulho, Ramsey assinalaria delicadamente que ela daria à luz aos quarenta e cinco anos.

Levar uma gravidez a termo talvez fosse demais para ela, e seu corpo havia reconhecido isso. Será que a probabilidade de defeitos congênitos não seria terrivelmente alta? Ora, muitas vezes, quando a mulher tinha um aborto espontâneo, era por ocorrer algum problema com o bebê, e era por isso que o corpo materno o rejeitava. E, àquela altura da vida, eles não estavam realmente preparados para criar um filho, estavam? Um filho que seria um adolescente

com pais idosos. É claro, se tivessem casado vinte anos antes... Mas não tinham, tinham? Então, talvez tivessem sido poupados de uma escolha angustiante.

Podia ser que tudo isso fosse verdade, mas Irina não estava disposta a ouvi-lo. Retraiu-se ante a perspectiva do alívio não verbalizado mas palpável do marido.

Ramsey a surpreendeu. Não disse nada disso, nem mesmo a parte sobre lamentar não ter estado com ela e sobre estar a caminho de casa, embora, tempos depois, viesse a se criticar duramente por não o ter feito. Na hora, porém, só conseguiu chorar.



BUSCANDO A CLÁSSICA COMPENSAÇÃO das mulheres de carreira que não têm filhos, Irina finalmente localizou uma pequena empresa de Londres chamada Snake's Head, que se encantou tanto com o livro sobre a sinuca que se dispôs a assumir os custos da produção, embora o adiantamento que ofereceu fosse risivelmente pequeno.

Partida e jogo foi publicado em setembro de 2000 sem muito estardalhaço. A empresa tentou capitalizar no fato de a autora ser casada com Ramsey Acton, mas não dispunha de um orçamento de publicidade que pudesse bancar essa vantagem. As críticas foram apreciativas, mas pouco numerosas. A tiragem foi pequena, o preço de capa, alto, e a inspeção feita por Irina nas livrarias Waterstone's e WHSmith confirmou que apenas um punhado de exemplares havia chegado às grandes cadeias de lojas. Mesmo assim, de algum modo, *estava tudo certo*. Ela recebeu seus dez exemplares de autora, os quais ofereceu com discernimento, a Betsy, a Tatyana e — com relutância — a sua mãe, pelo correio, numa espécie de gesto de paz. Irina não ficou famosa nem nadando em *royalties*; não *conquistou o mundo*. Mas havia passado o tempo fazendo uma coisa que amava, e isso, pelo menos para ela, era lindo.



A INCÔMODA SENSAÇÃO DE algo errado ou diferente, que tinha atormentado Irina desde que Lawrence voltara da Rússia, foi cedendo aos poucos. Se Lawrence tinha sido duro com ela por ter tomado um pileque no Natal e feito uma moosa no samovar da mãe, também possuía um vigoroso senso de decoro, e sua bronca nessas circunstâncias era perfeitamente previsível — assim como sua insistência em que eles levassem pessoalmente aquela tralha a um ferreiro local e pagassem o conserto. Se de fato alguma coisa havia se alterado, a mente é misericordiosa nessas questões e, muitas vezes, não consegue recordar aquilo que lhe falta. Esse período de perturbação sutil tinha sido peculiar, como se Irina detectasse repetidamente um lampejo na periferia do campo visual, mas, ao se virar para olhar de frente o ponto em que julgava ter visto alguma coisa se mexer, a paisagem ficasse imóvel. Depois disso, a própria lembrança de ter intuído que havia um problema também desapareceu, abençoadamente, e a versão dos acontecimentos adotada por ela passou a ser que tudo estava bem, tudo sempre estivera bem, e ela nunca havia pensado de outra maneira.

No cinema, era-se perpetuamente submetido a histórias de “amor obsessivo”: aquele tipo de romance em que a pessoa se perde no outro, transborda suas próprias fronteiras e se mistura de maneira indistinguível com as ondas que vêm da praia oposta. Irina não entendia como essas pessoas conseguiam fazer alguma coisa — ganhar seu sustento, pagar as contas e providenciar as compras para o jantar; na verdade, nunca eram vistas fazendo nada dessa natureza nos filmes.

Além disso, a “paixão que consome” era sempre retratada como mutuamente destrutiva, como algo que avança inexoravelmente para um apocalipse particular.

Como quer que fosse, Irina e Lawrence tinham abraçado um modelo romântico alternativo, que talvez não resultasse em filmes fascinantes, mas criava uma vida fecunda. Vidas. Separadas. Vidas

fecundas. Sem nenhum interesse em “se perder” nela, ou em se perder em qualquer sentido, Lawrence encarava o projeto em que os dois estavam engajados — e era um projeto — como algo que consistia em ambos se ajudarem a se tornar separadamente os melhores indivíduos que fosse possível.

Ele a convocava a assumir seu eu responsável, competente, profissional. Em junho do ano anterior, Irina havia entregado a pasta com os desenhos de *A menina habilidosa* bem antes do prazo; cada painel fora minuciosamente trabalhado. Apesar de não ter delirado de empolgação, sua editora ficara satisfeita de fato e manifestara sua admiração. Conhecida como confiável e meticulosa, Irina havia permanecido nas boas graças de mais uma empresa, que se alegrara em lhe oferecer mais um contrato para um livrinho já em andamento com outro autor — graças à instigação produtiva de Lawrence para que ela sempre ficasse de olho no projeto seguinte.

Como não tinha uma formação que pudesse ser útil a Lawrence em suas pesquisas sobre os Tigres Tâmeis, Irina o ajudava, em contrapartida, assumindo de bom grado o fardo cotidiano das compras e da cozinha. Na verdade, quando ele a chamara à parte em janeiro, depois da volta de Brighton Beach, confidenciando que preferiria almoçar perto da Blue Sky e poupando-a de mandá-lo para o escritório com um sanduíche, sentira-se estranhamente magoada. Desde então, o setor de carnes pré-preparadas do supermercado lhe provocava uma pontada esquisita.

Justiça seja feita, o impulso dado ao perfil profissional de Lawrence desde o Acordo da Sexta-feira, no ano anterior, instigara-o a reforçar a proeminência de Irina em igual medida. Ele não queria uma companheira humilde e subserviente, que apenas se certificasse de os dois nunca ficarem sem leite. O tempo que dedicou a atualizá-la na computação gráfica foi prodigioso. Como um presente atrasado de Natal que Irina realmente queria, deu-lhe um novo computador

Apple, melhor para o trabalho gráfico do que o PC, e todos os programas necessários.

Enquanto isso, fazia meses que Irina vinha conversando com Betsy sobre outro assunto. (Ela e Betsy tinham se tornado íntimas — em contraste com Melanie, uma atriz animada, mas tensa, cuja vivacidade podia tornar-se sarcástica de um minuto para outro, e em cuja presença ela sempre tinha de se lembrar de tomar certo cuidado. Uma piada rude de Melanie sobre o quanto Irina se tornara caseira sob a influência de Lawrence havia esfriado a amizade para sempre.) Afinal, ela era ilustradora de livros *infantis*. Na opinião de Betsy, a única fórmula segura para se “ir adiante” como casal era ter um filho. Agora, aos quarenta e quatro anos, não havia garantias. Mas Irina não estava disposta a se deixar manipular mais uma vez pela relação desdenhosa que Lawrence mantinha com todas as coisas que realmente importavam na vida. Com a aquiescência passiva dele, jogou as pílulas anticoncepcionais no armário de remédios, como quem lançasse os dados, e em seguida procurou tirar o assunto da cabeça. Continuar a fazer seu trabalho, tomaria suplementos de ácido fólico e veria o que ia acontecer.



FOI IDEIA DE LAWRENCE QUE, depois de dominar os novos programas de computador, ela pensasse em escrever um livro seu. Ele depreciava o material ordinário que Irina era forçada a ilustrar; se não soubesse fazer coisa melhor, ela não se sairia pior. Reforçada pela confiança do companheiro, ela meteu a cara.

Quando menina, um de seus brinquedos favoritos tinha sido uma espécie de lousa mágica chamada Etch A Sketch. Pelo que ela recordava, quando a pessoa era suficientemente minuciosa, e quando não aparecia uma irmã para sacudir o desenho, virando-o de cabeça para baixo por pura implicância, era possível aperfeiçoar os contornos toscos e decorar ou até enegrecer sólidos inteiros. Uma ida à Woolworth's confirmou que o brinquedo clássico ainda era

produzido, de modo que a alusão a ele não escaparia às crianças modernas.

Foram necessárias muitas horas e telefonemas para fanáticos por programação recomendados por amigos, mas Irina acabou fazendo com que seu programa se aproximasse da qualidade do traçado de um Etch A Sketch, com espantosa exatidão. Depois de aperfeiçoar a técnica no teclado, ela tratou de redigir um roteiro para acompanhá-la: Um garotinho chamado Ivan tinha em outro menino, Spencer, seu melhor amigo. Os dois faziam tudo juntos — construía casas na árvore, andavam de skate, tentavam superar um ao outro nas corridas de saco. Na escola, eram tão sabidamente inseparáveis que os professores insistiam em sentá-los a fileiras de distância, para impedir que ficassem de cochichos durante as aulas. Mas a mãe de Ivan sempre servia dois copos de leite depois do horário das aulas e fatiava duas maçãs (que os pais de classe alta que compravam esse tipo de livro preferiam a biscoitos), porque era certo Spencer aparecer para brincar todas as tardes.

Spencer era inteligente e, muitas vezes, ajudava Ivan nos deveres de casa. Um dia, depois de terminado o trabalho, eles tinham aprendido a fazer pipoca sozinhos — embora, na primeira tentativa, tivessem esquecido de tampar a panela e os grãos tivessem voado por toda a cozinha. Mais tarde, a história da pipoca saltando pelo cômodo e aterrissando no cabelo dos dois, ou boiando feito barquinhos brancos na água da pia, tornara-se um caso que, quando chovia, eles adoravam contar dentro da barraca nas excursões para acampar.

Um dia, porém, quando Spencer ficou doente em casa e Ivan estava pesadamente solitário na escola, este conheceu outro menino na hora do recreio. O novo menino, Aaron, era alto, espirituoso e inteligente, além de talentoso no jogo de *kickball*. Pareceu gostar especialmente de Ivan. Em pouco tempo, Ivan se divertia tanto com o novo amigo que se esqueceu por completo da

falta que sentia de Spencer, e perguntou se Aaron gostaria de ir a sua casa depois da aula.

A mãe de Ivan ficou surpresa ao ver um menino diferente aparecer com seu filho, mas não havia como entender as amizades infantis, de modo que ela lhes serviu leite e frutas sem fazer perguntas. Aaron e Ivan foram andar de skate, ocasião em que se constatou que Aaron sabia toda sorte de truques e movimentos que Ivan nunca havia aprendido. A verdade é que ele se divertiu ainda mais com Aaron do que jamais fizera com Spencer, propriamente.

Subitamente, Ivan olhou para cima e viu Spencer fitando-os com ar tristonho no portão aberto do quintal, onde Aaron lhe ensinava a fazer piruetas com o skate no ar. Spencer devia ter melhorado e sua mãe o deixara sair para brincar.

Ivan jamais se esqueceria da expressão no rosto do menino, antes de ele virar de costas e sair correndo.

Naquela noite, Ivan sentiu-se péssimo. Não quis jantar. Não conseguiu dormir e ficou rolando na cama até o amanhecer. Reviu mentalmente a expressão desolada no rosto de Spencer e se lembrou de todas as brincadeiras que os dois tinham feito juntos, e de todos os deveres de casa que nunca teria conseguido fazer direito não fosse a ajuda do amigo. Lembrou-se, então, daquela tarde da panela de pipoca sem tampa e desatou a chorar.

No dia seguinte, na hora do recreio, chamou Aaron à parte. Confessou-lhe que realmente gostava dele e que o achava o maior skatista que já tinha conhecido. Mas já tinha seu melhor amigo. Esse antigo melhor amigo podia não ser tão bom skatista, e talvez eles ficassem meio entediados um com o outro em certas tardes, mas as coisas eram assim mesmo, quando se conhecia uma pessoa muito bem. Ivan disse que Aaron teria de encontrar outra pessoa com quem brincar, porque nunca mais queria sentir-se tão mal quanto na noite anterior.

Mas esse não foi o fim da história. Semanas depois, Aaron *de fato* encontrou outro menino com quem brincar e, em uma tarde, os dois se tornaram grandes amigos — os melhores. Na verdade, também se tornaram inseparáveis. E o nome do novo melhor amigo de Aaron era Spencer.

Nessa noite, Ivan sentiu-se péssimo.



QUANDO IRINA MOSTROU A história a Lawrence, ele mostrou-se compreensivo, mas teve problemas com o final.

— Por que você não para nesse ponto? — perguntou, apontando para onde Ivan dizia a Aaron para procurar outro amiguinho com quem brincar. — Se você cortar o resto, terá uma história sólida, simples e integrada sobre a lealdade, cujo sentido qualquer criança poderá captar.

— Mas não quero que ela seja simples demais — objetou Irina.

— É um livro infantil!

— O maior erro que os autores de livros infantis cometem é escrever para seu público olhando-o de cima para baixo. As crianças são pequenas. Mas isso não significa que sejam burras.

— Mas esse final estraga tudo!

— Estragado me parece realista.

— Escute, até esse penúltimo ponto, basicamente você diz para as pessoas se apegarem aos laços antigos, e vamos deixar de lado por um segundo o fato de que é possível ter mais de um amigo.

— Só se pode ter um *melhor* amigo, como qualquer criança sabe. Uma imensa proporção dos dramas da infância tem a ver com quem preenche esse espaço e quem é chutado para fora dele.

— Mas, do jeito que está, a moral da história é que o protagonista foi um panaca, que deveria ter ficado com o novo garoto quando teve chance. Uma coisa do tipo danem-se os velhos laços, o mundo é darwinista, é cada um por si.

— É uma interpretação possível — disse Irina, em tom frio.
— Outra visão que se poderia ter é que Ivan se sente péssimo nas duas situações, e em momento algum a autora diz em qual delas se sente pior. Na verdade, a sugestão, já que as palavras são idênticas, é que, entre trair e ser traído, a angústia pode ter probabilidades iguais.

— Não há jeito de nenhuma criança entender isso — insistiu Lawrence.

— Não há jeito de nenhuma criança *não* entender isso — retrucou Irina.

Lawrence ofendeu-se por ela resistir a sua orientação editorial, mas Irina fincou pé quanto ao final e passou às ilustrações. Tinha de admitir que desenhar com o *mouse* introduzia uma sensação de afastamento, mas o computador, a seu modo, não era menos cativante do que a tinta ou os lápis. Ela gostou particularmente de desenhar frágeis tufos de pipoca, aos quais as linhas tremidas transmitiram uma ideia de explosão. Embora sentisse falta da cor, o formato preto e branco lhe permitiu concentrar-se na expressividade das figuras — na graça atlética e esguia de Aaron, no close do rosto abalado, perplexo e deprimido de Spencer, ao acreditar que fora substituído num único dia. Uma vez que, para refletir com precisão a natureza de um desenho feito no Etch A Sketch, a linha nunca podia se interromper, era um desafio técnico retratar elementos isolados, como olhos e botões de camisa. Quando se dava por satisfeita com uma imagem, Irina cercava a ilustração com a moldura vermelha do brinquedo e acrescentava dois botões brancos na base.

O trabalho já ia bem adiantado quando, numa noite de março, Lawrence chegou em casa assustadoramente pálido. Admitiu ter se sentido “meio esquisito” o dia inteiro, mas havia aguentado até o anoitecer na Blue Sky. Irina percebeu que algo estava seriamente errado quando ele não conseguiu nem beliscar a pipoca.

Não muito depois, retirou-se e fechou a porta do banheiro, mas o som de vômitos violentos escapou pelas frestas. No dia seguinte, um sábado, Lawrence ajeitou-se diante do computador para trabalhar num artigo sobre a guerrilha no Nepal. A intervalos regulares, dava uma corrida ao banheiro, escovava os dentes sem fazer barulho e voltava para o teclado.

Foi um paciente exasperante. Durante duas semanas inteiras levantou-se da cama se arrastando, às sete da manhã, vestiu-se para trabalhar e ficou olhando para uma xícara de café que claramente lhe embrulhava o estômago. Depois disso, cabia a Irina retirar o café, preparar uma xícara de chá fraco e uma torrada sem manteiga e recolocá-lo na cama. Embora estivesse perdendo uma quantidade alarmante de peso, ele perpetuamente insistia em que ela voltasse para seu projeto e pedia desculpas pela perturbação causada por sua “virosezinha idiota”.

No entanto, quando, mais ou menos no fim de sua convalescença, Irina também contraiu alguma coisa — apenas uma leve dor de garganta e o nariz escorrendo —, Lawrence, ainda enfraquecido e pálido, foi buscar travesseiros, lenços de papel e bebidas quentes com limão, e chegou até a enfrentar o pavoroso Elephant & Castle para lhe comprar romances e balinhas para a garganta. Caramba, era o único homem que ela conhecia com quem seria capaz de insistir em que tivesse um pouco *mais* de autocomiseração!



O FATO DE IRINA TER TERMINADO o projeto no dia do aniversário de Ramsey — o quadragésimo nono, ela calculou — não foi uma completa coincidência. Ah, ela não propusera a Lawrence que os dois tentassem retomar a antiga tradição; puxa, não tinham visto Ramsey desde Bournemouth, já se iam quase dois anos, e chegava um momento em que a pessoa adiava entrar em contato

com outra pelo puro constrangimento de ter adiado entrar em contato com ela por tempo demais.

Além disso, no ano anterior, o próprio Ramsey os tinha dispensado desse fardo.

Mas, como o dia 6 de julho continuava a ser um marco importante na cabeça de Irina, tornou-se um prazo pessoal adequado e de cuja significação Lawrence não tinha conhecimento — o que era muito agradável — quando ela lhe mostrou as ilustrações nessa noite.

— Cacete, isso está genial! — anunciou ele, ao terminar de folhear as ilustrações impressas. Infelizmente, não pôde resistir a acrescentar: — Ainda acho que esse final está errado. Mas você só dará ouvidos a um editor, que vai lhe dizer a mesma coisa.

A despeito de suas reservas, Lawrence dedicou-se a fazer com que *Ivan e os terríveis* fosse celebrado no mundo do comércio, com uma determinação que deixou no chinelo as idas de Irina ao Tesco a título de apoio. Declarou que era mais do que hora de ela substituir sua agente tímida e insignificante por uma representação de peso, e fez buscas exaustivas na internet sobre agentes britânicos influentes, com vendas lucrativas nos Estados Unidos. “Ajudou-a” a conceber — isto é, preparou pessoalmente — um pacote muito profissional para fins de avaliação, incluindo um CD das ilustrações de *Ivan*, fotos digitais de trabalhos anteriores, um currículo bem elaborado e uma confiante carta de apresentação. O estúdio de Irina encheu-se de pilhas de envelopes pardos idênticos, todos cuidadosamente endereçados, com etiquetas impressas e selos apropriados. É possível que ela tenha ficado um pouquinho inquieta por Lawrence assumir o controle tão completamente, mas, ao mesmo tempo, os esforços do parceiro em seu benefício a comoveram mais do que ela saberia dizer.

Entrementes, já fazia seis meses que Irina parara de passar na clínica de Bermondsey para buscar novas caixas de pílulas

anticoncepcionais, e sua menstruação continuava a fazê-la sentir-se pesada e inchada, em perfeito ciclo com a lua. Assim, no outono, ela convenceu Lawrence a consultar um clínico geral e foi fazer seu próprio checkup. Os exames de sangue confirmaram que, para uma mulher da sua idade, seus níveis hormonais eram esplêndidos. No entanto, quando o clínico do parceiro telefonou, este grunhiu durante toda a ligação, com uma rispidez que pareceu grosseira até para os padrões de Lawrence.

— Bem, então é isso — disse ele, ao desligar. — Baixa contagem de espermatozoides.

Afundou no sofá e não ligou a televisão, embora estivesse na hora do noticiário.

Irina sentou-se a seu lado e lhe prendeu uma mecha do cabelo atrás da orelha.

— Não há mesmo esperança?

— É o que parece! Sabe, andei lendo que a potência masculina no Ocidente talvez esteja despencando por causa do uso disseminado de anticoncepcionais orais. Vocês, mulheres, vivem engolindo essas pílulas todas, depois as urinam, e o estrogênio entra no sistema de abastecimento de água.

Irina sorriu.

— Você está dizendo que isso é culpa *minha*?

— Bem, não é *culpa* de ninguém, é? — retrucou ele, ferozmente.

— Parece que isso o incomoda mesmo, não é? Apesar de eu ter sentido que, nessa história de filhos, você estava em cima do muro.

Lawrence levantou-se.

— Bem, é provável que seja melhor assim, não acha? Você tem quarenta e quatro anos. A gravidez seria difícil e, na sua idade, a probabilidade de defeitos congênitos aumenta vertiginosamente. Talvez, se tivéssemos cuidado disso há muito tempo... Mas,

caramba, quando essa criança entrasse na faculdade, estaríamos recebendo pensão da previdência social. Além disso, comigo na Blue Sky durante a semana, você ficaria com a maior parte do trabalho, e isso não seria justo. Sua carreira seria prejudicada.

Mesmo solidarizando-se com o sentimento de emasculação de Lawrence, Irina estava lutando com sua própria decepção, e as uvas verdes não eram de grande ajuda.

— Não, eu conheço você. Entre os fins de semana e as noites, você daria um jeito de fazer sua parte, e mais até. Veja como cuida de mim quando eu não passo bem, ou como vem me ajudando com o *Ivan*. Você é cronicamente responsável.

Ficaria acordado até as quatro da manhã, cantarolando, ninando e amamentando o bebê com mamadeiras de leite materno guardadas na geladeira, para que eu pudesse dormir um pouco.

Lawrence enfiou as mãos nos bolsos e olhou para o chão.

— É, provavelmente — disse. Levantando os olhos, pareceu lembrar-se dela.

— Você estava fazendo questão disso?

— Ora, nós deixamos para tão tarde que não era uma coisa com que eu pudesse contar. Apenas tive a sensação de que era preciso *acontecer* mais alguma coisa. Nós só fazemos ir levando a vida e... — interrompeu-se, encolhendo os ombros.

— Muitas outras coisas podem acontecer — disse Lawrence, embora a promessa soasse como um mau agouro. — Mesmo assim, sinto muito.

— Sabe — disse Irina, hesitante —, nós poderíamos pensar em alternativas.

— Adoção?

— Isso é mais do que tenho condição de arriscar. Eu quis dizer... talvez uma fecundação *in vitro*.

— Se a minha ejaculação anda disparando tiros de festim, também não vai acertar na mosca numa placa de Petri.

— Não, é óbvio que teria de ser de outra pessoa —
concordou Irina, evitando a palavra *esperma*.

— Um banco? — perguntou Lawrence, também não se dispondo a usar a palavra. — Isso também é meio arriscado. Quem vai saber se o doador não é um assassino em série?

— Eu estava pensando é que talvez pudéssemos pedir a... a algum conhecido.

— Como *quem*?

Irina desviou os olhos.

— Não me ocorre ninguém, assim, de repente...

Lawrence pôs o rosto na linha de visão dela.

— *Algum conhecido*, e não seria preciso que fosse *in vitro*, não é?

— Lawrence! Eu não faria uma coisa dessas!

— *Como quer que* o sêmen de outro cara entrasse aí, você está mesmo propondo que eu tope constantemente com *um conhecido* e que ele e eu saibamos que ele é o verdadeiro pai do meu filho? Use a cabeça! Como você se sentiria se tivesse de criar um filho que fosse, sei lá, meu e da Betsy?

Ela sorriu.

— Poderia ser pior.

— Esqueça. Esqueça toda essa merda. Se não for uma coisa completa, não estou interessado.

Se não for meu, não estou interessado — um tema corrente.

Irina esqueceu. Lawrence tinha convicções violentas sobre o que um homem devia e não devia fazer. É claro que pegar uma xícara de açúcar emprestada do vizinho nunca funcionaria, ao menos em termos afetivos. Mas, fugindo à regra, Irina afligiu-se com a rigidez do parceiro, com suas ideias escrupulosas de virilidade, as quais agora cerceavam também sua vida. Por que fisicamente?

Talvez a mulher entendesse essas coisas. Talvez a mulher soubesse. Irina tinha a intuição de que o primeiro doador potencial

que lhe surgisse na cabeça seria um par perfeito. Funcionaria. *In vitro* ou de outro modo, funcionaria — na primeira tentativa.



E , ASSIM, OS DOIS BUSCARAM a compensação de praxe para uma profissional de carreira sem filhos, e eis que, em pouco tempo, três agentes de prestígio se dispuseram a trabalhar com Irina. O critério que fundamentou sua escolha do agente vencedor surpreendeu-a; foi atípico.

Ela fora frugal a vida inteira. Sua mãe era obcecada por dinheiro, e quando pequena Irina havia usado seus lápis de cor até virarem cotocos. Era verdade que agora Lawrence tinha um salário digno, mas ela nunca havia achado que o dinheiro dele fosse propriamente seu, e se constrangia com o fato de seus magros adiantamentos sobre as ilustrações não lhe permitirem cobrir por completo sua metade do aluguel. Fazer compras em brechós e adquirir móveis na Oxfam eram um modo de contribuir para as finanças da família.

Mas havia uma certa mesquinhez nessa visão, uma relutância em gastar a moeda da própria vida. A economia inflexível de trocados impedia surtos de impetuosidade do tipo “só se vive uma vez”, assim como a emoção do “dane-se” das compras dispendiosas e inconsequentes. Irina se constrangia ao perceber a que ponto deixava a parcimônia controlar suas decisões, tanto em larga quanto em pequena escala. Ao se oferecer para pagar sua própria viagem à Rússia, teria realmente falado sério ou só fizera esse gesto por saber perfeitamente que Lawrence não queria sua companhia? Aliás, eles moravam a um pulo da Europa continental, mas ela nunca insistira com o parceiro em que tirassem férias em Roma ou Veneza, porque era *caro demais*. Quando tinha sido a última vez que comprara um vestido novo? Não um novo vestido velho, mas um novo vestido novo? Não conseguia lembrar-se. Agora eles tinham o Ford Capri, mas ela continuava a fazer a maioria das compras a pé, para

economizar gasolina. No Tesco, sempre comprava as ervilhas em vagem com etiqueta amarela, apesar de ansiar pelos *petit-pois* franceses — que eram *caros demais*. Se descobrir pechinchas proporcionava um prazerzinho furtivo, acaso também não havia prazeres na extravagância — em torrar duzentas libras com displicência numa única saída noturna?

O primeiro agente foi agradável. O segundo pareceu ter uma sintonia insólita com sua sensibilidade artística. O terceiro prometeu que *Ivan* seria vendido por montes de dinheiro.

Pronto.

Anunciando simultaneamente na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos, o novo agente ofereceu o livro em leilão e, entre um mercado e o outro, o projeto feito com o Etch A Sketch rendeu 125 mil dólares a Irina. Ela levou Lawrence para jantar no Club Gascon, e embora os dois não conseguissem propriamente desperdiçar duzentas libras em cinco pratos, com vinhos para combinar, chegaram bem perto.

Assim, entraram ambos num clima festivo para um novo Natal em Brighton Beach. Dessa vez não houve brigas sobre o aquecimento, os guardanapos ou as saboneteiras, muito menos exhibições embriagadas de impetuosidade que derrubassem o samovar — e quando as reuniões familiares transcorrem com serenidade e simpatia inequívocas, também podem parecer profundamente inúteis. No avião para casa, Irina fantasiou sobre o tipo de briga culminante que pudesse provocar com a mãe e que fosse capaz de gerar uma abençoada era de rompimento em que elas não se falassem. Um impasse inventado pouparia inúmeros incômodos, inclusive aquelas ligações internacionais de troca de notícias que eram feitas com zelosa regularidade, todos os meses. Apesar disso, a visita tivera seu lado gratificante. Tatyana se desmanchava em abraços e apertos de mão e declarações extemporâneas de que “simplesmente adorava sua irmã”, de quem

se sentia “incrivelmente orgulhosa”, o que significava que, por dentro, estava se roendo de inveja.

Ivan e os terríveis foi publicado em setembro de 2000, com verdadeiro estardalhaço, dos dois lados do Atlântico. O orçamento de publicidade foi generoso, e se as críticas não chegaram a tanto, os grandes anúncios no *Times* de Nova York e no de Londres mais do que compensaram as minúcias dos críticos.

A tiragem foi enorme, o preço de capa teve um grande desconto e a inspeção feita por Irina na Waterstone’s e na WHSmith confirmou que pilhas de exemplares haviam chegado às grandes cadeias de lojas. Por mais que se condene o “vender os próprios princípios”, havia um tipo de venda — a de exemplares — cujo estigma Irina se dispunha alegremente a assumir. Ninguém iria dizer-lhe que aquelas pilhas de livros lustrosos e bem encadernados nas bancadas da frente da Waterstone’s, com sua moldura vermelha brilhante, não eram *bonitas*.

10



IRINA DISSE A SI MESMA QUE O EXERCÍCIO lhe faria bem, mas o som de seus passos pela Grove Road teve a mesma intenção de autoengodo das fugidas vespertinas para o quarto, a pretexto de guardar um par de meias, quando sua verdadeira intenção era se masturbar. Se ela fizesse todo o trajeto a pé até o Borough, havia uma alta probabilidade de que se entregasse a seu vício secreto.

O tempo estava nublado na manhã amena de final de abril, mas ela se sentiu estranhamente perseguida por uma sombra, uma escuridão às suas costas.

Reservara bastante tempo para essa aventura — a ida de metrô para casa, depois um trem no final da tarde para Sheffield, saindo de King's Cross. Quanto ao vício, embora fosse sábado, ela fora assegurada por e-mail de que era certo Lawrence estar numa conferência em Dubai. Portanto, o que lhe abatia o espírito devia ser a final iminente do Mundial no dia seguinte. Mais uma vez, Ramsey deixara crescer suas esperanças e, se fosse derrotado nessa, já seriam oito finais do campeonato a que teria chegado e que teria perdido. Completara cinquenta anos no verão anterior, e se não vencesse em 2001, talvez nunca mais tivesse a oportunidade de disputar o título.

Em termos mais francos, talvez seu pavor fosse o de ter que comparecer a mais um torneio de *sinuca*, ponto final. De sorrir feito uma idiota ao lado de Ramsey, como a esposinha que estava ali para apoiá-lo. Seria incrível se um dia Ramsey fosse obrigado a bancar o maridinho que dá apoio. Mas, afora o lançamento de seu livro na

Foyle's, em setembro do ano anterior, para uma plateia escassa — e para o qual Ramsey tinha comprado o vinho, já que a Snake's Head andava com a grana curta —, ele tivera pouca experiência do que era sentir-se invisível.

O comparecimento de Irina aos torneios era agora um motivo constante de discórdia. Naquela primeira temporada em que a arrastara em sua companhia, Ramsey tinha conquistado mais títulos do que nos dez anos anteriores, culminando na chegada à sétima final no Crucible. Nas duas turnês seguintes, porém, quando a presença dela fora no máximo esporádica, a classificação dele no ranking havia despencado. A diminuição do status de Ramsey no Match-Makers se traduzira na perda de alguns privilégios, como o serviço de limusine, e embora ele talvez não se importasse muito com as limusines em si, importava-se com o que elas significavam. Pior ainda, a queda do grupo dos dezesseis melhores havia exigido que esse gigante entre os homens disputasse eliminatórias para entrar em torneios cujos troféus decoravam seu salão de sinuca subterrâneo, o que, em suas palavras, era como ter que tocar a campanha da própria casa.

Por isso, Ramsey havia concluído que a presença de Irina fazia toda a diferença, e a pressionava sistematicamente para que o acompanhasse. Ela insistia em que era uma mulher com sua própria carreira, não um talismã do marido. Nunca mais queria entediá-la com a sinuca (essa era a formulação política), o que significava só ir vê-lo jogar quando tivesse vontade (o que era, basicamente, nunca). Ora, a expectativa de Ramsey de que ela comparecesse à final do dia seguinte era mais do que razoável, e fora pouco generoso de sua parte assistir à semifinal da véspera em casa, pela televisão — e “assistir” apenas num sentido lato, já que, na verdade, o jogo ficara apenas como pano de fundo, enquanto ela trocava e-mails com Lawrence sobre Dubai.

Atravessar a London Bridge em direção à Borough High Street foi uma experiência agri-doce, e passar pelo Borough Market, um lembrete contundente do pouco que ela vinha cozinhando nos últimos tempos. Mas, afinal, talvez todas aquelas tortas tivessem sido uma perda de tempo. Irina não saberia dizer.

No instante em que enfiou sua antiga chave na fechadura e entrou no apartamento, ela teve a sensação de que algo havia mudado. O ar tinha um perfume mais fragrante. Uma elegante boina preta adornava o cabideiro.

A sala parecia inalterada, à primeira vista, até Irina bater os olhos, indignada, num Lissitzky marrom fosco que havia substituído o Miró. Lawrence comprando novas reproduções de quadros? Na mesa via-se o *Independent*, um jornal que ele ridicularizava pelas críticas excessivamente afiadas. Onde estava o *Telegraph*, por favor?

Caminhando pé ante pé pelo corredor, inquieta, Irina enfiou a cabeça em seu antigo estúdio, convertido, fazia tempo, em escritório de Lawrence. Agora, no lugar onde antes ficara sua prancheta, havia uma segunda escrivaninha, e não do estilo Oxfam preferido por Irina, mas nova em folha. A continuação do processo de reconhecimento revelou um amontoado de produtos de maquiagem em sua cômoda — batons vulgares que ela evitava — e, no banheiro, xampu de manga e mirtilo.

Lawrence usava Head & Shoulders.

Foi na cozinha que Irina começou a franzir o cenho. Para sua consternação, suas longas fileiras de potes de temperos tinham se reduzido a um punhado de toscos lugares-comuns, como tempero pronto italiano e salsa desidratada. Uns vinte tipos de temperos para pipoca, vários deles, como o Old Bay e o Stubb's sabor churrasco, trazidos de Nova York, tinham sumido por completo. A despensa também fora alterada, sua pasta de gergelim, a água de rosas e o xarope de romã substituídos por misturas prontas para sopas, molhos solúveis instantâneos e molho à bolonhesa engarrafado.

Alguém havia retirado o lacre do enorme vidro de anchovas espanholas em azeite de oliva que Irina guardava para os dias de aperto; ela não devia trair sua presença ali, mas foi estupendo o autocontrole exigido para que não pusesse severamente aquele lindo vidro na geladeira.

Seu pulso se acelerou. Estava claro que a qualquer momento a porta poderia abrir-se, mesmo com Lawrence em Dubai. Seria sensato cair fora, mas ela fizera todo o trajeto desde o East End para se banhar àquela luz de sua antiga vida que entrava pelas janelas de dois metros e meio. Em vez de sair, portanto, inventou um alibi plausível: “Sinto muitíssimo tê-la assustado; sou a ex do Lawrence, Irina, e só passei para buscar... um par de sapatos!” — e se acomodou na poltrona cor de ferrugem para contemplar aquela situação sediciosa.

O ciúme, nessas circunstâncias, seria ridículo. Irina é que tinha ido embora, e se Lawrence havia encontrado alguém para lhe segurar a mão, passados três anos e meio, isso era não apenas seu direito, mas algo que lhe era devido. Presumível que esse rumo dos acontecimentos retirasse o fardo de culpa que ela ainda carregava, ao imaginar a vida solitária do ex. Irina continuava a se sentir responsável por Lawrence; era sempre difícil entrar ali sorratamente e não deixar brócolis na geladeira. Mas não era egoísta a ponto de mantê-lo eternamente à sua disposição para xícaras de café ocasionais. Mesmo ficando um pouco magoada por ele não ter julgado conveniente informá-la de uma nova mulher em sua vida, tecnicamente, aquilo não era da sua conta. Ainda assim, ao bisbilhotar o apartamento, ela se sentiu exatamente como o ursinho que exclama: “Quem dormiu na minha cama?” E: “Quem comeu o meu mingau?”

Após uma hora de devaneios, Irina mexeu-se e vestiu o casaco. Talvez ficasse curada daquele passatempo perverso agora que Cachinhos Dourados poderia irromper porta adentro a qualquer

instante, sem se fazer anunciar. Tomando o cuidado de manter seu álibi até chegar à calçada, ela remexeu no antigo armário em busca de um par de escares — enfiado atrás de uma fileira de sapatos altíssimos e meio obscenos.

Desceu a escada correndo e fechou a porta de entrada. Mas no exato momento em que deveria poder soltar um suspiro de alívio, sentiu o coração parar.

Junto ao meio-fio, Ramsey estava encostado em seu Jaguar XKE verde-metálico, fumando um cigarro. O instantâneo era uma reprodução inequívoca do aparecimento dele à porta de Irina no aniversário de quarenta e sete anos: mais uma vez, Ramsey estava encostado, mas perfeitamente ereto, como um taco de bilhar apoiado no carro — só que, na ocasião em que ele a buscara para um *sushi* naquele verão, essas inspirações tinham sido fascinantes, ao passo que, agora, o mesmo quadro a deixou com vontade de vomitar.

— O que está fazendo aqui? — perguntou, com a voz estrangulada.

— Que engraçado. Eu ia lhe perguntar a mesma coisa — disse ele. Não houve uma indicação elegante de Irina para se acomodar no banco do carona, mas um rápido aceno da cabeça em direção à porta. — Entre.

Irina relutou.

— Sei o que isto parece. Mas ele não está lá em cima. Posso lhe mostrar.

— Longe da mesa, não sou chegado a jogar. Seu homem está escondido no armário ou escapulindo pelos fundos?

— Ramsey, por favor! Suba comigo! Deixe-me mostrar-lhe que não há ninguém em casa!

— Você já me humilhou o bastante por hoje, *amoreco*, e não estou disposto a ter um bate-boca numa via pública. *Entre aí*.

Jogou o cigarro na sarjeta, onde ele se juntou a várias outras guimbas recentes, deu a volta para entrar no assento do motorista e

abriu a porta do passageiro. Emburrada, Irina obedeceu.

O Jaguar afastou-se do meio-fio, Ramsey olhando duro e fixo para a frente.

Estava torturantemente atraente — os pulsos finos saindo da jaqueta de couro para segurar o volante, as maçãs do rosto ainda mais cinzeladas, por se cristalizarem numa fúria rígida. Era sempre assim: quando o marido se isolava, Irina ansiava por ele, ansiava fisicamente por ele, e teve de se conter para não deslizar a mão pela concavidade rija e quente da parte interna de sua coxa. Com olhadelas nervosas para o assento do motorista, pensou, num desamparo surdo: *Sempre terei este desejo de transar com ele.*

Nesse instante, aliás, foi tomada pela fantasia desconcertante de ter se divorciado, talvez justamente pelo tipo de terrível mal-entendido que ocorria no carro naquele exato momento, e de deparar por acaso com o ex-marido num bar.

Tinha plena certeza de que, mesmo depois de decorridos anos de um impasse hostil, mal ela pusesse os olhos nesse jogador de sinuca esguio e bem-proporcionado — que se faria de distante, sem dúvida, fingiria indiferença à chegada dela, puxaria um Gauloise e daria risadas cúmplices com seus companheiros —, quereria transar com ele. Tristonhamente encolhida em seu assento separado, lembrou-se de uma de suas mais antigas fantasias sexuais, se bem que esta ficasse longe de ser o tipo de material de Germaine Greer: ajoelhar-se diante daqueles jeans pretos longos, impecáveis, e implorar, implorar que, por favor, ele a deixasse chupá-lo. É claro que as fantasias de autodegradação, apesar de corriqueiras, eram *doentias*, mas era isso que ela fazia no tal bar. Irina podia ver-se, talvez sem ter cruzado o caminho de Ramsey por uma década, durante a qual não tivesse havido cartões, e-mails nem telefonemas, caindo no chão e implorando que ele, por favor, pusesse o pau para fora, deixasse vê-lo mais uma vez, deixasse tocá-lo e chupá-lo e fazê-lo ficar duro. Durante todos aqueles anos ela se angustiara com a

antiga advertência de Betsy de que a paixão sexual nunca durava, mas ninguém a havia alertado para a alternativa igualmente infeliz de, houvesse o que houvesse, ela não conseguiria livrar-se dessa fixação, grudada em seus dedos feito piche.

— Para onde estamos indo? — perguntou Irina, passados vários minutos incômodos de silêncio.

— Sheffield — respondeu Ramsey. — Caso você tenha esquecido, o que parece ter ocorrido, vou disputar a final do campeonato amanhã.

— Mas eu não fiz a mala — disse ela. Olhou para a sacola de plástico em seu colo, pensando em como explicaria os sapatos.

— Pior é na guerra — retrucou Ramsey, acidamente.

— Se bem me lembro, eu levei uma bronca há alguns anos por não ter feito a mala.

— Bournemouth, amoreco, foi uma simples divergência de opiniões. Vou mostrar a você o que é levar uma bronca.

Irina fechou os olhos.

— Como você soube que eu estava lá?

— Eu a segui, não é?

Ela se voltou para o marido, incrédula.

— Era para você estar em Sheffield. Você se despencou de lá até aqui para espreitar sua própria porta e seguir sua mulher em Londres, onde quer que ela fosse? E se eu tivesse ido ao Safeway? Ora, se isso não levantaria um monte de sujeira: que escândalo, ela continua a comprar legumes em oferta! Santo Deus!

Você desconfia tanto assim de mim?

— Parece que não desconfio o bastante.

— Não é fácil seguir um pedestre de carro. Será que você é preguiçoso a esse ponto, ou gostou do desafio?

— Escute, eu voltei para lhe dar uma carona para Sheffield, para você não ter que pegar o trem. Era para ser uma surpresa. Só

que, quando ia chegando, vi você sair de casa. E aí fiquei... meio curioso.

— Você não ficou curioso. Ficou paranoico.

— Paranoia, querida, é o medo daquilo que não se justifica.

Não parece ser esse o caso.

— Ramsey, *não estou tendo um caso com o Lawrence* — disse Irina. A afirmação ficou no ar, inútil como os sapatos em seu colo, que nem sequer combinavam com sua roupa.

— Repetir a mesma coisa uma porção de vezes não faz com que seja verdade.

— Eu só a disse uma vez. E também só vou dizê-la uma vez.

Mas teve a sensação aflitiva de que, certamente, iria se repetir muitas vezes até que aquilo chegasse ao fim.

— Muito bem. Então, o que estava fazendo no apartamento dele? Tomando chá?

Irina lançou um olhar derrotado para os sapatos; nunca tapearia Ramsey com a desculpa implausível que tinha inventado para Cachinhos Dourados. Além disso, talvez — apenas talvez — essa fosse uma oportunidade para que o marido a compreendesse melhor.

— Eu vou lá... uma vez ou outra. Quando o Lawrence não está. Gosto de... andar pelo apartamento. Sento na minha antiga poltrona. Às vezes, leio o jornal. Só isso.

Como ferramenta argumentativa, a verdade era supervalorizada. Ramsey resmungou um *a-hã* enojado, como se ela pudesse ter feito um esforço maior.

— E por que você faz isso?

Irina olhou pela janela.

— Eu amo você, mas... às vezes, sinto uma atração. Pela minha vida antiga.

Quase como se ela continuasse a se desenrolar em paralelo a esta. Não se trata exatamente de eu lamentar ter abandonado o

Lawrence, mas não consigo deixar de me perguntar como seria se tivesse ficado com ele. Você e eu levamos uma vida maravilhosa. Mas é cheia de brigas, você tem que admitir... Você passa semanas fora e quando está em casa tem horários esquisitos e bebe demais... Por isso, há coisas de que sinto falta na vida com o Lawrence. A ordem. A simplicidade. A paz. Gosto de visitar o apartamento. Isso me liga ao meu passado e faz com que eu me sinta mais eu.

— A pica dele na sua xoxota também deve fazê-la *sentir-se você mesma*.

Irina apertou a testa com dois dedos.

— Quanto a outras coisas de que sinto falta, o Lawrence nunca me disse grosserias como essa, nunca.

— Mas devia, não é? Você não andava pulando a cerca comigo?

— Quer dizer que agora sou apenas escória. Por ter me apaixonado por você.

— Não se trata *exatamente* de você lamentar ter abandonado o Homem-anoraque. Está aí uma garantia a que um sujeito pode mesmo se agarrar.

Enquanto Ramsey descontava a ira nos outros motoristas, Irina, quebrando a rotina, não se sentiu relaxada pela confiança em que as habilidades dele na sinuca se transfeririam para o trânsito. De repente, as bolinhas coloridas não se pareceram nem um pouco com veículos de duas toneladas.

— Escute — disse ela. — Sei que minha explicação pareceu estranha. Mas você estará na final amanhã. Em nome da sua própria concentração, precisa deixar isso de lado...

— Quanta consideração! Pelo *meu* bem, devo varrer para baixo do tapete o fato de você estar dormindo com outro cara.

— Eu *estou* tendo consideração, seu idiota! Por acaso não é para vencer o Mundial que você trabalha desde os sete anos? Você

não precisa de todo esse aborrecimento! Precisa de uma *boa refeição* e de *uma noite agradável com sua mulher*, e de *dormir bem*.

Infelizmente, o cenário de harmonia não poderia ter soado mais fantasioso.



— O SEU HOMEM — VEIO O cochicho no ouvido de Irina, depois de ela se acomodar às pressas no setor de convidados do Crucible — já teve uma aparência melhor.

Por cima do ombro, Irina lançou um olhar duro para Jack Lance.

— Ele está aqui, não está?

— Por um triz. Ora, ninguém imaginaria que um sujeito em trigésimo segundo lugar no ranking agisse com tanto descaso numa final de campeonato.

Deixou todo mundo aqui com o coração na mão, se deixou. Com um ar de prima-dona, entrando todo saltitante, trinta segundos antes da hora. E, imagine, sem nem se dar o trabalho de pentear o cabelo.

— O Ramsey se atrasou um pouco nas *abluções* — disse Irina em tom seco, tornando a olhar para a frente.

— Você mesma andou tendo uma noite complicada, meu bem, a julgar pela sua aparência.

O hálito de Jack era quente na nuca de Irina.

— Obrigada por seu interesse — fez ela. Detestava Jack Lance. Não se tratava apenas de ele ser pegajoso e também a detestar. Quando Ramsey descera do grupo dos dezesseis melhores, todas as pequenas gentilezas, sob a forma de flores, champanhe e *sushi* servidos no quarto, tinham sido suspensas com a mesma brusquidão com que o sorriso desaparecera do rosto do empresário. Agora que, desafiando todas as expectativas, Ramsey Acton tinha voltado à final, Jack estava novamente cumulando-o de bajulação, como se não o tivesse escorraçado durante dois anos inteiros.

Embora o empresário tivesse razão — a cada vinte minutos de atraso os jogadores eram punidos com a perda de uma partida —, tinha sido apenas graças às sacudidas, puxões e telefonemas de Irina, *Jack*, que o corpo inerte de Ramsey não continuara atravessado em diagonal sobre o colchão no hotel.

Luzes esmaecidas. Diante da aclamação crescente, o mestre de cerimônias apresentou Ronnie O’Sullivan, o herdeiro presuntivo, o bicho-papão. Embora a exigência da gravata-borboleta já tivesse sido afrouxada, O’Sullivan pusera a sua, respeitosamente, junto com a tradicional camisa branca e o colete preto; tinha trocado o rabo de cavalo dos tempos de jovem rebelde por um corte conservador curto. Depois de se internar em luxuosos resorts de tratamento no verão, fazia dois anos que nem sequer nocauteava nenhum funcionário da rádio WSBA.

Dirigindo-se à cadeira com seus vetustos vinte e cinco anos, Ronnie exsudava uma nova seriedade, e seu sorriso modesto para a plateia exibiu a página virada de um Homem Reabilitado.

Quando o mestre de cerimônias apresentou o adversário de Ronnie, Ramsey Acton também pareceu um homem mudado, mas do único modo como poderia transformar-se um jogador com uma reputação permanente de civilidade, espírito esportivo e porte majestoso: para pior. Tinha a gravata entortada no ângulo típico de uma pessoa mareada, e, infelizmente, uma camisa branca muito engomada exibe não apenas as superfícies lisas, mas também os vincos. Os fios da barba por fazer cintilavam sob as luzes do palco. Antes de localizar sua cadeira, Ramsey parou, levemente trôpego, piscando e apertando os olhos para o público, como quem se espantasse ao se descobrir num torneio de sinuca, quando supunha estar a caminho da lavanderia.

Irina levou uma das mãos à cabeça. Na noite anterior, o marido havia pedido uma garrafa de Remy ao serviço de copa e, ignorando seus protestos, ligara para encomendar outra, mais ou

menos ao amanhecer. Ela ficara apavorada com a hipótese de ele chegar à final de ressaca, mas não lhe ocorrera preocupar-se com uma eventualidade muito mais terrível: a de Ramsey ainda estar bêbado.

A sinuca era impregnada pelo mito da embriaguez, mas era de um mito que se tratava. Nem mesmo Alex Higgins, famoso por já ter se apresentado num pileque de cair, jamais chegara propriamente a se beneficiar de não conseguir enxergar a tacadeira. E mais, por agigantados que se afigurassem os relatos dos cambaleios ébrios do lendário Furacão em volta da mesa, essas sessões, na época, deviam ter provocado na plateia apenas um retraimento constrangido. O próprio Ramsey nunca havia engolido a balela de que a bebida trazia inspiração, e dizia que Higgins ficara abaixo de seu rendimento durante toda a carreira justamente por jogar de cara cheia.

Irina não entendeu por que ele ficou apalpando o corpo nem por que, em vez de iniciar a partida, deslocou-se arrastando os pés para falar com o árbitro. Muito menos compreendeu quando o árbitro anunciou: “Partida, Ronnie O’Sullivan”, se nenhum dos jogadores dera uma única tacada.

Jack se retirou de fininho e voltou cochichando, enfurecido:
— Seu homem esqueceu o giz.

— E daí? — retrucou ela num cochicho. — Ninguém podia lhe emprestar um pedaço?

— Não é essa a questão. Há uma penalidade. Uma partida. Uma porcaria de uma partida inteira.

Já perdendo por um a zero, sem que O’Sullivan tivesse encaçapado uma mísera vermelha sequer, Ramsey deu sua primeira saída. Apoiou-se na beira da mesa para se equilibrar, e a tacada irrefletida (“Falta e retorno!”) nem sequer entrou em contato com a tacadeira. Antes num murmúrio, a plateia alvoroçou-se de perplexidade, provocando um severo: “Silêncio, por favor!” do árbitro.

Será que o estado desonroso de Ramsey era todo culpa de sua mulher? Desde a chegada a Sheffield, Irina havia tentado enfiar na cabeça dura do marido a ideia de que ter um romance com o próprio homem a quem havia deixado por ele não faria o menor sentido. Após um triatlo de choro, gritos e barricadas no banheiro, pontuado por reprimendas da gerência do hotel, sob a forma de batidas à porta, e por socos na parede por parte dos hóspedes do quarto ao lado, *finalmente* Ramsey parecera acreditar nela, mas, a essa altura, já havia amanhecido. Apesar de ele ter se vestido para a final com tempo de sobra, o ciclo que ia do desentendimento às pazes ainda não estava completo, e os dois tinham ido para a cama — donde o desalinho do traje de Ramsey. Irina havia esperado que a transa o fizesse sentir-se melhor, mas, agora que os resultados eram exibidos diante de milhões de espectadores da BBC, parecia que a desesperada agarrção matinal o havia esgotado ainda mais. Além disso, existia todo um grande universo que estava acima do erro, e no qual a culpa deste ou daquele não tinha a menor importância — só o que importava era o que acontecia.

E o que aconteceu foi terrível.

Da parte de O'Sullivan, o cheiro forte de bebida com 40% de teor alcoólico no adversário talvez tenha materializado os momentos menos memoráveis de sua própria carreira. Do mesmo modo, as jogadas fáceis perdidas por Ramsey, que o pobre coitado teria encaçapado na primeira vez que segurou um taco, aos sete anos de idade, talvez tenham feito Ronnie lembrar-se de partidas que ele mesmo havia desperdiçado em acessos de derrotismo petulante. É possível que ele tenha se horrorizado ao ver um espelho erguido diante de seu eu mais jovem, ou ao ver o homem falido e desgrenhado em que ele mesmo poderia transformar-se ao chegar aos cinquenta. Seja como for, quanto maior foi o descuido de Swish, atirando bolas para todo lado, exceto para as caçapas, mais meticulosamente o Foguete foi limpando a bagunça deixada por

Ramsey. Na verdade, tratou-se de um espetáculo gastronômico, como ver um freguês de restaurante emporcalhar a mesa com cascas de pão e um garçom ágil aproximar-se entre um prato e outro, com uma daquelas minifeiticeiras espertas, e retirar cortesmente da mesa todas as migalhas.

Conhecidos de torneios anteriores, os nove fãs cujas camisetas pretas diziam V-A-I-R-A-M-S-E-Y tinham se postado ardorosamente numa fila do meio, no começo do jogo. Depois do intervalo, várias letras não voltaram mais. O V-A-I-A que restou teceu um comentário sobre o massacre.

Encerrada a sessão da tarde, com Ramsey tomando uma lavagem de oito a zero, Irina levantou-se da cadeira, mas foi advertida por Jack: — Você já fez estrago suficiente por hoje, benzinho. Deixe-me falar com ele primeiro.

Irina fumegou de raiva, mas apenas por tempo suficiente para Jack voltar, dizendo que “sua alteza real” se recusava a abrir a porta do camarim. E, com efeito, quando a própria Irina implorou e tentou persuadi-lo, a porta continuou trancada, e o único som atrás dela foi o tilintar de um copo. Desolada, ela se recolheu ao quarto de hotel.

Quando tornou a se encolher em seu assento para a sessão da tarde, Jack não lhe dirigiu a palavra, o que ela supôs ser uma bênção. Embora o Crucible vibrasse, eletrizado, o público não exibia propriamente a excitação gerada por uma grande disputa iminente entre dois ases do jogo, mas os olhares maliciosos e as cutucadas zombeteiras que antecedem um striptease.

E Ramsey realmente deu um show. Como passara horas entrincheirado no camarim, o fato de seu cabelo continuar desgrenhado, de a barba continuar por fazer e de a roupa estar tão amassada que era como se tivesse sido usada para limpar o chão deixou transparecer a mesma atitude voluntariosa de vá-se-danar com que Alex Higgins tinha ganhado fama, vinte anos antes.

Aliás, Irina havia assistido aos vídeos dele, e as macaquices apresentadas nesse momento no palco reproduziram deliberadamente as mais notórias exhibições de desdém de beberrão antes feitas por Alex. Ao se sentar para aguardar sua vez, Ramsey arriava na cadeira, com as pernas abertas e os pés esparramados, estampando no rosto ondas de enfado ou irritação. Junto à mesa, entregou-se às tacadas espalhafatosas que havia exibido no Ooty Club. Muitos desses lances espetaculares, com quatro ou cinco toques nas tabelas, realmente encaçaparam a bola visada, mas Ramsey deixou de levar em conta a posição que restaria depois deles, e a ostentação lhe rendeu, como se poderia esperar, apenas um ponto. Em vez de disfarçar seu estado, ele o estampou, transpondo o espaço entre a mesa e a cadeira com um cambalear exagerado, e tragando o líquido da garrafa de Highland Spring com um prazer sôfrego, como se ela contivesse algo muito mais revigorante do que água mineral.

Embora a sessão vespertina tivesse sido árdua — fundamentalmente, Ramsey não conseguira jogar —, a da noite foi mortificante. Irina já tinha visto o jogo do marido sair dos trilhos, mas *nunca vira Ramsey ser grosseiro*. No entanto, quando O’Sullivan fechou dez partidas a zero, ele resmungou algo parecido com “Babaca metido a besta!”. O que quer que tenha dito, recebeu a advertência de qualquer outra “conduta descortês” poderia ser punida com a expulsão do jogo. Quando O’Sullivan atingiu a admirável marca de 133 pontos, Ramsey não bateu de leve na borda da mesa — o equivalente, na sinuca, a tirar o chapéu —, mas revirou os olhos. Como O’Sullivan reagiu com uma etiqueta que teria impressionado Amy Vanderbilt, sempre deixando gentilmente a última bola preta no pano depois de limpar a mesa, os dois adversários fizeram uma completa inversão dos papéis, como se Ramsey tivesse entregado não apenas a final, mas também a alma.

Higgins havia desafiado as convenções cavalheirescas do esporte por arrogância; Ramsey só era capaz de desafiá-las por autodepreciação.

Do pessoal das camisetas, só o V e um dos As reapareceram. Depois do intervalo, eles seguiram seu próprio conselho e foram embora.

Encerrado o carnaval, Irina bateu de leve na porta do camarim. Dessa vez, Ramsey a abriu. Ainda estava desalinhado, mas seu rosto, pálido e vincado, tinha um ar sombrio. A despeito de toda a pantomima com a garrafa de Highland Spring, ela certamente não contivera mais do que água.

Ramsey não disse palavra. Deixou-a envolvê-lo com os braços sobre o colete amarrotado e pendurou os seus, sem vida, nas costas da mulher. Irina afagou-lhe o rosto e garantiu voltar num instante; informou aos repórteres do lado de fora que o Sr. Acton estava *indisposto* e que não haveria entrevistas. Quando voltou, Ramsey continuava de pé no camarim, imóvel. Ela apanhou o paletó no divã e o segurou; o marido enfiou os braços nas mangas, entorpecido. Houve algo de sinistro no fato de, a caminho da limusine, enquanto ela afastava os microfones estendidos, Ramsey não ter feito nem mesmo um protesto *pro forma* de que até sua mulher estava proibida de pôr as mãos em sua querida Denise. Se a própria Irina não tivesse se lembrado de apanhar o taco, ele o teria largado no chão.

Infelizmente, a pantomima ainda não havia acabado. A final do Campeonato Mundial é a melhor de trinta e cinco partidas, uma maratona tradicionalmente jogada em quatro sessões e dois dias. Nessa noite de domingo, Ramsey deixou-se alimentar no quarto, levando o garfo à boca com ar inexpressivo, como se fosse uma pá de coveiro. Não tomou nenhuma bebida alcoólica e ingeriu muita água.

Continuou sem dizer palavra. Dormiu durante dez horas, agarrado a Irina como se ela fosse um travesseiro, depois tomou

banho, fez a barba e tomou um café da manhã reforçado, o qual não pareceu apreciar. Metodicamente, vestiu as calças pretas, a camisa branca e o colete cor de pérola, todos recém-lavados e passados pelo hotel. A gravata-borboleta ficou numa horizontal perfeita.

Quando ele entrou no palco para a sessão vespertina, não restava nenhum vestígio de sua personificação de Alex Higgins na noite anterior. O porte era digno, a conduta, polida. A verdade é que ele jogou extremamente bem, fazendo mais do que apenas resistir e chegando ao intervalo com um placar de três a um.

Na véspera, entretanto, Ronnie O'Sullivan tinha feito história no Crucible, ao vencer as primeiras dezesseis partidas *de enfiada*. Só precisava de duas das dezenove seguintes para abocanhar o título. É claro que ainda era matematicamente possível Ramsey vencer o campeonato. Antes do intervalo, porém, perdeu a única partida que poderia se permitir não ganhar, o que significava que agora teria que vencer quinze seguidas para levar a palma. Nem mesmo na mais célebre vitória inesperada na sinuca, a lendária final do Mundial de 1985, o *terrier* Dennis Taylor tinha ficado mais de oito partidas atrás de Steve Davis, supostamente imbatível.

Quando os jogadores apareceram para a segunda metade da sessão, Irina pôde imaginar o comentário que devia ter sido feito na BBC: um elogio a contragosto por parte de Clive Everton, que estaria profundamente chocado com o péssimo espírito esportivo de Ramsey Acton na véspera, admitindo que, nesta tarde, o Swish estava “mostrando muita garra”. Ramsey não caiu sem lutar. Seu estilo foi requintado, suas sequências, substanciais. Não houve episódios autodestrutivos de bravata que sacrificassem uma posição. Suas tacadas defensivas foram bem dosadas, suas sinucas, diabólicas. Ele venceu mais três partidas sucessivas. Daria àquela boa gente que gastara dinheiro para vê-lo um excelente espetáculo.

Mas Ramsey tinha cinquenta anos. Já não era propriamente o jogador que tinha sido, e nunca fora sobre-humano. Na última

partida dessa sessão, perdeu por um triz uma bola amarela impressionantemente difícil, e cedeu a vez a Ronnie. O'Sullivan limpou a mesa. O firme aperto de mão com que Ramsey reconheceu a derrota e a maneira que os dois se encaravam quando ele até conseguiu sorrir, deram a Ronnie O'Sullivan, por seu primeiro título no Campeonato Mundial, parabéns que pareceram tão sinceros quanto se poderia esperar. Ramsey era profissional demais para cair no choro diante das câmeras, mas sua mulher estava bem perto para perceber que seus olhos ficaram marejados.

Embora Ramsey Acton tivesse defendido sua honra com um escore final de dezoito a seis, que não chegava a ser humilhante, não haveria uma quarta sessão; as pessoas que tinham comprado ingressos para a apresentação noturna poderiam solicitar passes gratuitos no ano seguinte. O resultado era tão inexorável que na sessão de segunda-feira à tarde Jack Lance nem sequer se deu o trabalho de comparecer.



POR ISSO, A ESPLÊNDIDA NOTÍCIA que Irina recebeu, quinze dias depois de eles voltarem para a Victoria Park Road, poderia ter escolhido um momento mais oportuno. Para seu assombro, um telefonema exultante da Snake's Head informou-a de que *Partida e jogo* acabara de ser selecionado para a prestigiosa Medalha Lewis Carroll, um prêmio internacional conferido à literatura infantil, famoso por promover as vendas dos exemplares que trouxessem na capa seu inconfundível selo dourado em relevo. Irina não fazia a menor ideia de como seu livrinho obscuro havia chamado a atenção dos jurados, porque metade da modesta tiragem de dois mil volumes já tinha sido devolvida em janeiro. A simples imprevisibilidade de sua sorte a teria deixado ainda mais animada, em circunstâncias normais.

Mas as circunstâncias não eram normais. Ramsey mal se dispunha a comer.

Dormia horas a fio e tirava cochilos à tarde. Ainda se enfurnava em biografias da sinuca e lia a *Snooker Scene* de ponta a ponta, mas, ao fazê-lo, carregava o sobrolho. Enfurnava-se por horas junto à mesa de sinuca do subsolo, com a porta firmemente fechada, e causava uma inquietação semelhante à mulher, do tipo *O que ele está fazendo lá dentro?*, quando passava séculos trancado no banheiro. Na única ocasião em que Irina penetrou na fortaleza, para chamá-lo ao telefone, encontrou-o esparramado no chão, cercado por tabelas de mesa e parafusos, com uma expressão maníaca no rosto.

— Jack marcou um jogo de exibição, se você estiver interessado — disse-lhe, e ele brincou, sem levantar os olhos: — Já fiz uma exibição e tanto, não foi?

Em resposta ao espanto de Irina por ver uma das extremidades da mesa desmontada, resmungou algo como: — Rebote demais. Está impossível jogar nessa mesa.

Foi mais ou menos como deparar com Jack Nicholson datilografando milhares de vezes: “Só trabalho, nenhuma diversão”, em *O Iluminado*, e Irina o deixou com suas coisas.

Assim, ao receber a notícia, em vez de descer a escada correndo e socar vigorosamente a porta do porão, exigindo ser admitida, Irina pôs o fone no gancho e voltou para a série de naturezas-mortas em preto e branco que vinha traçando com canetas Rapidograph. O sorrisinho para sua agenda foi tudo o que se permitiu em matéria de comemoração.

Depois de guardar a notícia por uma semana — nunca parecia chegar o momento certo —, ela teve de admitir que estava com medo de dá-la, e que se ressentia desse medo. Ramsey conduzia toda a sua vida profissional sob a luz dos holofotes. Mesmo como segundo colocado no Crucible, tinha recebido quase 150 mil libras; talvez tivesse achado o fato lamentável, mas sua apresentação fora transmitida pela televisão. E agora que tinha uma única luz em sua vida, Irina sentia-se obrigada a escondê-la por timidez.

Mas os organizadores da premiação estavam ansiosos por marcar, para o jantar de entrega da medalha, uma data em que todos os candidatos finalistas pudessem estar presentes, e vinham propondo uma de várias noites em setembro, antes da qual ela e o marido seriam levados de avião para Nova York e instalados num hotel. Irina tinha que lhes dar uma resposta, informando inclusive se Ramsey gostaria de comparecer. E assim, durante um jantar fortuito, e até então chocho, no Best of India, no fim de maio (o regime do arroz integral com legumes era a garantia de eles jantarem fora praticamente todas as noites), Irina revelou sua dádiva caída do céu.

Fingir que a notícia havia chegado justo naquele dia maculou seu espanto animado com um toque de falsidade. Às pressas, ela também acrescentou que é claro que não esperava vencer — e não esperava mesmo, supunha —, mas que ficar entre os finalistas poderia vender “alguns” exemplares a mais. Afinal, disse, o âmbito da Medalha Lewis Carroll podia ser “internacional”, mas ela provinha de Manhattan; a probabilidade de que fosse concedida a um livro sobre um esporte que os norte-americanos não sabiam diferenciar do ludo era desprezível.

Ramsey beijou-a por cima da mesa, deu um pulo à loja de bebidas ao lado, para comprar uma garrafa de champanhe barato, e voltou propondo que os dois marcassem um jantar fabulosamente caro numa noite dessas, para comemorar.

Mas quando ela lhe explicou por que *Partida e jogo* nunca venceria, ele concordou — e acabou se inflamando em mais uma tirada contundente sobre a estarrecedora ignorância com que havia deparado a respeito da sinuca em Brighton Beach.

Garantiu-lhe que é claro que a acompanharia à cerimônia, em setembro — desde que não interferisse no Real Aberto da Escócia. Passados uns poucos minutos, a conversa sobre a sorte de Irina deu lugar a uma discussão sobre os torneios em que Ramsey se inscreveria na temporada seguinte.

À medida que as semanas foram correndo, fundindo-se umas com as outras, eles de fato saíram para jantar várias vezes, mas nunca para reconhecer oficialmente a inclusão de Irina entre os finalistas, e por algum motivo a comemoração prometida nunca chegou a se materializar.



EMBORA IRINA ESTIVESSE compreensivelmente nervosa ao se vestir para a recepção no Hotel Pierre, na Quinta Avenida, o nível de sua ansiedade parecia desproporcional. Ela havia recitado repetidamente para si mesma que ter sido indicada já era o bastante, e no fundo sabia que *Partida e jogo* nunca abocanharia a Medalha Lewis Carroll. Bater palmas, sorrir e exibir uma alegria implausível, por causa de outra pessoa, estava fadado a ser um suplício, mas seria um suplício curto, ao qual ela poderia sobreviver. Portanto, a origem de sua inquietação, enquanto lutava com o cabelo rebelde, pouco tinha a ver com a preparação para a derrota.

Por uma coincidência feliz ou infeliz, dependendo do ponto de vista, justamente nessa semana estava prevista uma ida de Lawrence Trainer a Nova York — para uma conferência enfadonha, chamada “O Crescimento da Sociedade Civil Global”. Durante muito tempo ele tinha sido a pessoa que mais havia apoiado Irina, e os quatro anos decorridos desde a separação certamente o tinham feito passar de amante rejeitado a camarada. Ele parecera radiante por Irina ao receber por e-mail a notícia da Medalha Lewis Carroll, no mês de maio (a presença constante de Ramsey em casa havia impedido as xícaras de café regadas a confidências, perto da Blue Sky, durante todo o verão). Ademais, essa festa era dela, e Irina tinha esse direito. Por isso, havia convidado Lawrence a comparecer nessa noite, e ele aceitara o convite.

Talvez ela pudesse ter sustentado sua decisão sem arrependimento, se tivesse informado a Ramsey com bastante antecedência que Lawrence iria ao jantar de premiação, e se não

houvesse admitido discussões nem dado ao marido a ilusão de que o consultaria sobre o assunto antes de mandar o convite. Mas não. Em agosto, em todas as noites em que havia pensado em levantar a questão do comparecimento de seu “camarada” com Ramsey, Irina sentira o estômago embrulhado — embora não tanto quanto agora, com a recepção marcada para começar dali a meia hora e Ramsey prestes a ter uma grande surpresa.

Para piorar as coisas, um dos outros autores do rol de finalistas era a ex-mulher dele.

— Esse vestidinho é reduzido como poucos, fofura — disse Ramsey atrás dela, enquanto Irina mexia no espelho da penteadeira. — A bainha não fica nem cinco centímetros abaixo da sua perereca.

— Se você me chatear muito, eu o amarro na cintura.

Ramsey deslizou o dedo pelo decote do vestido.

— Está pretendendo usar algum tipo de casaco?

— Até parece — fez Irina. Seu traço do delineador ficou tão trêmulo que ela estava a cara do Boris Karloff. — Gastei duzentos paus nesse treco, e é claro que vou cobri-lo com um saco de aniagem bem grande.

— Não, e vai desfilas seminua nessa festa lá embaixo, para tudo quanto é babaca no salão querer trepar com você.

— Você costumava gostar quando eu ficava sexy.

Caramba, será que nada mudava, nunca? Ele a fazia lembrar de *Lawrence*.

— Adoro você sexy... trancada num armário com um cadeado.

Irina deu as costas para o espelho no momento em Ramsey vestia o paletó.

Tinha se acostumado a vê-lo com seu traje de sinuca, mas raras vezes o via de *smoking* completo.

— Uau! Você é que devia ficar trancado no armário!

Seria preciso fazer muito mais elogios do que esse para aplacar o marido.

Apesar de todos os quartos de hotel que já tinham compartilhado, essa fora a primeira vez que haviam se registrado sob o nome de Irina. Ramsey se irritara ao ser chamado de “Sr. McGovern” pelo carregador do hotel, e seu anonimato repentino na chegada ao JFK, na véspera, deixara-o de mau humor. Ao abrir o passaporte de *Ramsey Acton*, o funcionário da imigração não levantara as sobancelhas, e seu “Bem-vindo aos Estados Unidos” tinha sido o mesmo cumprimento entediado que ele dirigia a todos os outros turistas da fila.

— Se você não parar de andar de um lado para outro desse jeito vamos ser multados por deixar sulcos no carpete. Está nervoso porque vai rever a Jude?

— Não muito. Mas, com você embonecada desse jeito, imagino que ela vá ficar com ciúme.

— Por quê? Ela se divorciou de você.

— Mulher não gosta quando alguém se amarra no que ela joga fora. Como quando a gente remexe o lixo de alguém e acha uma bugiganga perfeitamente aproveitável. De repente, o cara começa a pensar: *Ei, devolva isso aqui! É uma bugiganga perfeitamente aproveitável!*

— Tenho medo de que a Jude ache que estávamos tendo um caso quando você ainda era casado com ela.

— E daí? Que ache — retrucou Ramsey, deslizando as palmas das mãos pelos quadris de Irina.



ELA FICARA TÃO PERTURBADA COM a chegada iminente de Lawrence Trainer que pouco havia pensado em Jude Hartford, cujo caminho não cruzava desde aquela briga, cinco anos antes. A descida com Ramsey no elevador dourado significou que o encontro com Jude era iminente. A maioria das pessoas lidaria com esse tipo de reencontro incômodo elevando-se acima dele — dando parabéns

contidos pela inclusão no rol de finalistas, não fazendo alusões a aborrecimentos anteriores nem ao fato incongruente de Jude e Ramsey terem sido casados, e exibindo uma fachada unida de perfeita satisfação conjugal. Mas, como o constrangimento em sociedade sempre provocava em Irina aquela bizarra incontinência confessional, havia uma probabilidade de que em questão de minutos ela deixasse escapar que Ramsey era de um ciúme irracional, que andava bebendo demais e que procurava brigas à menor provocação — tudo isso para uma mulher que com certeza usaria qualquer informação pouco lisonjeira para caluniá-la pelas costas.

Apertando a mão de Ramsey, Irina entrou no salão de eventos e detectou a presença de Jude do lado oposto, junto à mesa de bebidas — embora, com aquele cáftan longo, cor de marfim, ela pudesse facilmente ser confundida com uma barraca de refrigerantes. Quando Jude se virou com um rodopio em direção à entrada, sua expressão exagerada de alegria perplexa levou uma fração de segundo para se compor. Qual Lawrence da Arábia liderando o ataque a Ácaba, ela veio agitando-se pelo salão, com os braços escancarados, e, enquanto o dervixe avançava, Irina temeu que a expressão de seu próprio rosto fosse de horror.

— Querida! — exclamou Jude, sufocando a ex-amiga num cintilar de tecido sintético de boa qualidade. — Ora, se você não está *divina!*

O “Você também” de Irina foi débil. As ondas de tecido não conseguiam disfarçar o fato de que Jude tinha engordado. Mas ela continuava a emanar aquela histeria característica — um desespero por uma excelência de vida que, tal como um mosquito, só fazia escapar-lhe com mais certeza, quanto mais freneticamente ela tentava capturá-la.

— Ramsey, meu querido! — continuou Jude, encostando os lábios na testa dele como quem conferisse uma bênção.

— *Jude* — reagiu Ramsey. O que já dizia tudo.

Um tipo alto e meio quadrado veio andando atrás dela, a passos lentos.

Exsudava aquele ar lânguido de não-estou-nem-aí-paraser- agradável que costuma associar-se à riqueza. Quando Jude o apresentou pomposamente como Duncan Winderwood, “o detentor dos meus afetos”, ele disse a Irina, com ênfase afetada: “É um *imenso* prazer conhecê-la”, empregando aquela elegância aristocrática *pro forma* que menos pretende fazer a pessoa sentir-se querida do que lhe enfiar goela abaixo o quanto o sujeito é civilizado. Irina antipatizou instintivamente com o indivíduo e percebeu que ele não se importava. Sendo inglês, Duncan era o único homem no salão que certamente reconheceria Ramsey Acton, mas sua interação com o marido dela foi curta e insípida.

— Bem, não é uma coincidência? — propôs Irina, meio sem propósito. — A Medalha Lewis Carroll.

— Ora, mas que bobagem! Para ser franca, não é coincidência *alguma!* — exclamou Jude, rindo frase afora. — Talento aparece, não acha? *Talento aparece!*

Parecia ter se esquecido por completo de haver rejeitado o trabalho de Irina como “chocho” e “sem vida”.

— Não há a menor chance de meu livro ganhar. O assunto é obscuro demais — disse Irina. Quando Ramsey se remexeu a seu lado, acrescentou depressa: — Para os norte-americanos, quero dizer.

— Para ser franca, *realmente* achei que você ilustrar um livro sobre sinuca era uma boa piada — disse Jude. — Não era você que achava a sinuca uma grande chatice?

— Eu fiquei... muito mais interessada — veio a resposta débil.

— Imagino que não tenha tido muita alternativa!

— Você optou, se bem me lembro — interrompeu Ramsey, com brutalidade —, por esculhambar minha profissão em qualquer oportunidade.

— Acho que o que Ramsey está querendo dizer — interveio Irina — é que todos precisamos de uma bebida.

Revigorada por uma taça de vinho tinto que era como abusar da sorte, com todo aquele velame branco, Jude exclamou: — Fiquei simplesmente perplexa quando soube que vocês tinham se casado!

— Certamente foi uma surpresa para *nós* — disse Irina, em tom enfático. — Espero que você não se importe.

— Me importar! Para ser franca, talvez, nos velhos tempos, devêssemos ter trocado de lugar à mesa de jantar e nos poupado de um monte de aborrecimentos!

O cacoete interativo de Jude estava começando a incomodar, embora o *para ser franco* se houvesse espalhado feito herpes genital pela burguesia britânica. Do mesmo modo que a praga correspondente entre os jovens — *Entende o que eu quero dizer?* — transmitia uma insegurança persistente, e muitas vezes justificável, quanto à capacidade de falar inglês, a inserção reiterada do *para ser franco* parecia implicar que, salvo avaliação diferente, podia se presumir com segurança que o orador estava mentindo.

— Ramsey, seu safado! — prosseguiu Jude. — Fiquei com medo de ter deixado escapar alguma coisa nas páginas sociais do *Guardian* sobre uma grande festa. Não que você pareça ter um ano além dos quarenta e nove, benzinho, mas não fez cinquenta no ano passado? Imaginei que fosse alugar o Savoy para receber as altas rodas.

— Não queríamos muito estardalhaço — disse ele, mas o tom foi de desânimo. Em seu quinquagésimo aniversário, no verão anterior, Irina se deixara enganar pelas aparências, acreditando nas advertências do marido de que “não gostava de muito estardalhaço”, e tinha repetido as travessas do *sushi* feito em casa

que tanto o haviam encantado em 1995. Os olhos dele tinham fugido continuamente para além da luz das velas, como se uma centena de convidados fosse saltar das sombras a qualquer momento. Ficou claro que ela não interpretara corretamente os sinais de Ramsey — ao que parece, *não só* significava *não* nos casos de estupro.

O salão foi ficando cheio e os organizadores do evento puxaram os dois casais para apresentá-los a diretores da fundação, a jornalistas e jurados. Apesar de Irina ler um pedido de desculpas nos olhos destes (sentimos muito, mas não votamos em você), todos cumularam *Partida e jogo* de elogios, falando das cores vibrantes, da originalidade do material... Ávida de aprovação séria durante quase toda a sua carreira, ela ficou intrigantemente surda aos tributos. Os elogios eram calorias ocas, como pipoca.

Explicou ao grupo que o vermelho-batom, o amarelo-limão e o verde cremoso apenas reproduziam as bolas de sinuca, com toda a fidelidade de que ela era capaz.

— Aliás — acrescentou —, a sinuca fez sucesso pela primeira vez no Reino Unido, como um esporte para espectadores, por causa do advento da televisão a cores. A BBC precisava de uma programação que fosse literalmente colorida. E assim nasceu o programa *Pot Black*, os jogadores tornaram-se celebridades nacionais e o que havia começado como um jogo informal, quase sempre amador, organizou-se em *rankings*, torneios e grandes bolsas de apostas.

Jude fez uma expressão penalizada: *Ah, coitadinha de você, meu bem, encheram mesmo os seus ouvidos.*

— O Ramsey — continuou Irina, puxando o marido para a frente — vive aparecendo no *Pot Black*!

Infelizmente, isso só fez colocá-lo na berlinda. O grupo não soube levar a conversa adiante com algo melhor do que “Então, você é jogador de sinuca!”, e Ramsey não soube responder nada melhor do que “É”. Silêncio.

Em meio a esse abismo na conversa, Lawrence entrou em cena.

Obviamente, foi o mesmo que Irina tivesse convidado um terrorista suicida da Faixa de Gaza, ou a Máscara da Morte Vermelha. Mas, no instante em que deparou com os olhos castanhos e profundos de Lawrence do outro lado do salão, eles brilhavam com um calor que lhe tirou da cabeça, ainda que apenas temporariamente, o tamanho de seu erro. Os olhos cinza-azulados de Ramsey podiam ondular como o oceano, disponíveis como o mar aberto, mas algo em sua própria cor também lhes dava uma capacidade assustadora de se tornarem frios.

No entanto, apesar do sarcasmo comumente proferido pela boca de Lawrence, era da natureza daquele tom particular de castanho permitir que seus olhos expressassem um conjunto limitado de emoções: ternura, gratidão, mágoa e carência. No tempo em que os dois viviam juntos, muitas vezes Irina se irritara com o ar surrado da roupa do companheiro; nesse momento, porém, as conhecidas calças Dockers escuras e a camisa branca puída, sem gravata, fizeram-na sorrir. Ela adorava a humildade fundamental de Lawrence, que destoava muito de seu arrogante discurso intelectual de O Especialista. Adorava sua postura recurvada e despretensiosa. Adorava o fato de, numa ocasião como essa, sempre se poder contar com ele para aguentar o rojão; podia se jogar Lawrence em qualquer piscina social que ele saía nadando. Adorava sua rigidez e disciplina, que eram mero disfarce para o violento pavor da voracidade, da intemperança e da preguiça que com certeza surgiriam se ele saísse da linha estreita e reta. Adorava o fato de Lawrence Trainer ser realmente capaz de “ficar feliz” com a sorte de outra pessoa, e sua expressão, ao se aproximar, resplandecia com a felicidade atual pela dela. Por fim, embora fizesse muito tempo que Irina perdera o desejo de tirar a roupa do ex-parceiro, ainda amava seu rosto. Amava aquele belo rosto cinzelado e atormentado.

Podia-se decidir no cara ou coroa se Ramsey acharia mais imperdoável o convite de sua mulher a Lawrence ou a expressão dela quando o homem entrou.

De um modo ou de outro, quando ela espiou de relance o marido, os olhos de Ramsey usaram prontamente sua capacidade de ficar gélidos.

Lawrence deu dois beijinhos tímidos em Irina, dizendo: — Parabéns!

— Obrigada — disse ela. Ramsey pôs o braço esquerdo em seu ombro e a puxou para si, apertando-lhe o braço. — Sabe, Ramsey, por acaso Lawrence estava na cidade, então eu o convidei a vir.

— *Por acaso* estava na cidade. Mas que sorte!

— Olá, Ramsey! — disse o ex, dando-lhe um aperto caloroso na mão livre.

— Sem ressentimentos. De verdade, é um prazer vê-lo.

— Homem-anoraque — veio a resposta. Com Irina, esse epíteto havia se transformado num resmungo cáustico, num símbolo da recusa dele a dignificar o ex-parceiro da mulher com um nome próprio; cara a cara com Lawrence, era inevitável que o apelido retomasse um pouco da afeição com que fora inicialmente cunhado. Mas Ramsey não *queria* sentir nada de sua antiga amizade pelo outro. Muito menos queria confrontar a terrível verdade de que Lawrence Trainer era um bom sujeito.

— Ei, parabéns por ter chegado à final em Sheffield, este ano! — cumprimentou Lawrence. — Isso dá quantas, oito?

— Você deve saber — retrucou Ramsey, que mal conseguia falar, de tão furioso que se sentia por estar tendo essa conversa. — O pesquisador é você.

Aquela história da mão esquerda de Ramsey a lhe amassar o braço tornara-se efetivamente desagradável, e Irina disse, soltando-se de forma discreta da mão do marido:

— Lawrence, deixe-me buscar a sua *única* taça de vinho.

Na ficção científica, quando há uma colisão entre universos paralelos, é comum a integridade molecular do mundo inteiro ficar ameaçada, e agora ela sabia por quê.

— Escute — comentou Lawrence baixinho, junto ao serviço de bar. Com seis metros separando os dois homens, as partículas atômicas do salão haviam se reacomodado. — Dei uma espiada na sua concorrência na Barnes and Noble.

Cara, você está com esse prêmio no papo! Os outros finalistas são uma porcaria completa! Quer dizer, dê só uma sacada naquela merda que a Jude escreveu — e, agora que dei uma olhada nela, *sacada* é a palavra certa. Quando vi o título, quase estourei de rir!

E m *Crianças de peso*, uma menina gorducha se apaixona por um garoto da escola, e para cair em suas graças entra em toda sorte de dietas. Sempre com fome, a protagonista, antes alegre, torna-se mal-humorada. O *detentor de seus afetos* acaba se queixando de que também tinha sido apaixonado por ela, antes dela se tornar tão desagradável. É que ele gostava de um corpo cheinho. E, assim, a menina aprendeu a comer de maneira sensata e a amar o próprio corpo, ainda que nunca viesse a ser magra — final feliz.

— Sabe, o Ramsey não ficou lá muito contente por eu ter aparecido — disse Lawrence. — Posso tomar só uma bebida rápida e ir embora. Não quero estragar sua noite. É a sua noite.

— *Davay gavoreet po-russki, ladno?* — pediu Irina, e continuou em russo, baixinho: — Sim, é a minha noite. O que significa que devo ter o direito de recebê-lo aqui, se quiser. E o seu lugar é aqui. Você me fez levar as ilustrações adiante durante anos muito difíceis. Por favor, não vá embora. Por favor, sim?

— Eu fico, se você quiser — ele a tranquilizou. — Mas por que ele ainda se melindra tanto, depois de todo esse tempo? — indagou. Sua fluência em russo foi surpreendente.

— *Mozhet byt potomy shto on vidit shto yavsyo yeshcho tebya lyublu.*

Sem graça, Lawrence voltou para o inglês.

— Você só me ama em um sentido. Talvez deva dizer a ele que vou me casar. Pode ser que isso o faça sentir-se melhor.

Irina inclinou a cabeça.

— E isso seria invenção minha?

— *Nyet* — respondeu Lawrence, baixinho.

Irina olhou para os sapatos antes de tornar a levantar a cabeça.

— Parabéns. Acho que é uma boa notícia — disse. Não deveria ter acrescentado o *acho*, mas não conseguiu se censurar.

— *Da, na samom dele* — confirmou Lawrence, ardoroso. — É uma ótima notícia. Espero que você não se sinta mal por você e eu, por nós nunca... Bem, não nos casamos, mas talvez devêssemos ter casado, e dessa vez vou fazer as coisas direito.

— Lawrence Trainer! — exclamou a barraca de refrigerantes. — Mas olhem só esse par, como nos velhos tempos! Ora, nosso quarteto está de volta! Só um pouquinho misturado, só isso.

— Olá, Jude — falou Lawrence, entediado. Nunca suportara Jude Hartford.

Jude apresentou Duncan, e o dândi entrou em sua cantilena sonambulística sobre como era absolutamente, inexprimivelmente encantador conhecer mais outro convidado para quem não dava a mínima. De bate-pronto, Lawrence respondeu:

— De fato, também é incrivelmente, incrivelmente encantador conhecê-lo, meu caro. — E reproduziu à perfeição o sotaque do sujeito. Pela primeira vez na recepção alguma coisa se mexeu naqueles olhos baços e Duncan pareceu acordar.

— Ora, estamos sendo irônicos, não é? — disse Duncan.

— Acertou — retrucou Lawrence sem rodeios, e virou as costas.

— Adoro você — sussurrou Irina.

— Você adorava — disse Lawrence, descontraído. — E por que não? Eu sou adorável.

Alguma coisa havia relaxado nele, já não era difícil para Lawrence encontrá-la, e Irina percebeu que o ex finalmente a deixara para trás.



NO JANTAR À FRANCESA NO salão anexo os concorrentes à Medalha Lewis Carroll e seus acompanhantes foram acomodados numa grande mesa redonda, bem na frente. Para seu azar, o cartão com o nome de Irina fora colocado entre Ramsey e *Duncan*.

Lawrence estava sentado a uma mesa próxima e Irina o observou, pensativa, pelo canto do olho, vendo a facilidade com que ele entabulava com os convidados de ambos os lados uma conversa animada. Política, sem dúvida — Nepal, Tchetchênia, quem saberia dizer? Engraçado, houve época em que ela ficava irritada com a desenvoltura social de Lawrence; agora, sentia-se inteiramente encantada.

Quando indagou sobre a natureza do trabalho de Duncan, o homem lhe respondeu que “mexia com uns investimentos”, ou seja, ele e a rainha tinham dividido entre si a maior parte da Inglaterra.

— Não posso dizer que algum dia tenha me interessado muito pelas finanças — comentou ela, ao que Duncan respondeu: — É o que faz o mundo girar, minha cara.

— Não o meu — rebateu Irina.

Não há nada tão gélido quanto duas pessoas tentando ser condescendentes uma com a outra, e Irina, que em geral zelava com afinco pela boa conversa, concluiu abruptamente que a vida era curta demais.

Mas Ramsey não ofereceu muita coisa em matéria de salvação. Adotou uma postura pétrea. Sua taça de vinho foi enxugada, e Irina desejou que os garçons não fossem tão atenciosos

na hora de enchê-la de novo. Casara-se com um homem que detestava conversa fiada e nunca se sentia à vontade fora do mundo rarefeito da sinuca, mas o desempenho dele nessa noite, como um peixe fora d'água, era extremado até pelos padrões sociais mínimos que ela aprendera a lhe atribuir. Muito antes de o Grande Pecado de Irina revelar-se, com a chegada de certa pessoa, Ramsey mal havia falado com alguém e, até esse momento, aquilo era como atravessar um jantar formal na companhia de uma samambaia.

— Detesto quando preparam esse tipo de entrada com esse monte de *maionese* — disse ele, fitando-a com um ar sombrio de incredulidade.

— A terrina de salmão não está ruim, se você raspar a maionese — ponderou Irina, desamparada.

Um garçom retirou rapidamente a entrada intacta de Ramsey. Quando ele começou a ignorar também o prato principal, alguns olhares se cruzaram, intrigados.

— Não tocar no seu jantar é um pouco embaraçoso — cochichou Irina.

— *Eu* estou embaraçando *você*? — resmungou ele, asperamente.

Para estragar sua noite, Irina teve de perguntar: — Está bem. Qual é o problema?

— Você me humilhou.

Já que o restante da mesa havia descartado o casal, considerando-o meio distante ou tímido, com sorte ela conseguiria abafar a briga sob a conversa dos outros.

— Pensei que o fato de sua mulher ser indicada para um prêmio de prestígio o deixasse orgulhoso. O erro foi meu.

— É, você cometeu um erro mesmo. Pode apostar.

Com uma sobrancelha erguida, um garçom retirou o prato intocado de Ramsey, enquanto outro enchia sua taça de vinho.

— Posso arriscar o palpite de que essa greve de fome tem algo a ver com eu ter convidado Lawrence?

— O que *você* acha?

Enquanto os garçons tiravam o resto da mesa, Irina cruzou acidentalmente o olhar com o de Jude. Em qualquer fantasia sobre um encontro inesperado como o dessa noite, havia imaginado uma exibição delicada do quanto ela e Ramsey eram perfeitos um para o outro, do quanto se amavam perdidamente. Era assim que as coisas funcionavam, gostaria de deixar implícito, quando Ramsey Acton encontrava a mulher certa: ele ficava descontraído, radiante, era às vezes divertidíssimo, e fisicamente esplêndido. Nesse sentido, mas apenas nesse sentido, Irina teria gostado de deixar Jude Hartford com ciúme. Agora, no entanto, os olhos de Jude a esfaqueavam com uma piedade desdenhosa. Aquele não era um Ramsey revolucionário, um homem equilibrado, confiante e comemorativo, que realmente tivesse aprendido, ainda que tardiamente, a *curtir a vida ao máximo*; aquele era o Ramsey que Jude conhecia muito bem. Aliás, o rosto dela iluminou-se com o alívio presunçoso de quem descartou o mico-preto num jogo de cartas.

Iniciou-se a cerimônia no tablado, e o diretor da Fundação Lewis Carroll apresentou cada finalista com uma biografia sucinta dos autores e ilustradores.

Enquanto o livro de Irina era apresentado, Ramsey continuou a resmungar furiosamente que já era “ruim o bastante” ela ter convidado o Homem-anoraque para um jantar em público, mas era especialmente ofensivo para ele ver “o estado esfrangalhado de seu casamento” exibido diante da ex-mulher. Quando Ramsey se inclinou para o ouvido dela, sua cabeça bloqueou-lhe a visão das projeções de *Partida e jogo*.

— Lawrence incentivou muito a minha carreira — Irina murmurou; era cada vez mais impossível disfarçar que os dois estavam tendo uma briga. — É apropriado que ele esteja aqui.

— *Apropriado* — resmungou Ramsey — é você aparecer numa festa com seu marido, ponto final. E que tal o seu homem me criticando pela final do Mundial?

— Ele não o estava *criticando*, estava cumprimentando você por ter chegado tão longe!

Quando o diretor da fundação pediu o envelope, o cochicho ríspido de Ramsey estava tão perto da orelha de Irina que chegava a machucar.

— Ele estava me gozando por causa daquelas duas primeiras sessões, todo cheio de piscadelas, *eu vi você cair de bunda, vi você se ferrar...*

— Pare, por favor!

Fazia meia hora que ela vinha se segurando, como quem vedasse uma barragem com o dedo, mas agora a água da inundação tinha subido demais e, a despeito de si mesma, Irina começou a chorar.

— Eu vi sua cara hoje — continuou Ramsey, sem se deixar abater. — Toda meiguinha e trêmula. A conversinha secreta em russo. Você ainda ama esse cara!

Ainda está apaixonada por ele, e o nosso casamento é uma piada!

A plateia irrompeu em aplausos e, em seguida, levantou-se para ovacionar de pé. Enxugando os olhos depressa, Irina lutou para se soltar da cadeira e puxou Ramsey consigo, embora tivesse perdido completamente o anúncio do vencedor.

Foi meio indigno, mas ela rezou para que a vencedora não tivesse sido Jude, e sentiu um alívio culpado ao vê-la aplaudindo com todos os demais. Suas próprias palmas foram desanimadas. Embora ela tivesse temido ser obrigada a fingir alegria por outro concorrente, agora estava realmente feliz — feliz por aquela ocasião cataclísmica estar chegando ao fim. Mas a ovação pareceu continuar por um tempo odiosamente longo, e ao relancear os olhos pela mesa

Irina viu que os outros candidatos também estavam aplaudindo, e lhe murmuravam coisas que ela não conseguia entender. Por fim, os aplausos cessaram e, embora alguns convidados mais velhos retomassem seus assentos, todos os demais permaneceram de pé. Bem, pois que permanecessem, mas ela estava exausta e tratou de tomar a iniciativa, despencando na cadeira.

— Sra. McGovern — disse o diretor, e a plateia soltou um risinho constrangido —, ao que nós sabemos, ninguém mais foi indicado para receber a medalha em seu lugar.

Irina sentiu o rosto pegar fogo e o corpo pinicar da cabeça aos pés. Em pânico, olhou para as pessoas da mesa, para se certificar de não ter entendido mal, e todos lhe fizeram acenos de incentivo com a cabeça e sorriram. Levantou-se meio trôpega e subiu os degraus do estrado com ar submisso. O encarregado da cerimônia pendurou-lhe no pescoço um disco dourado do tamanho de um enorme pirulito.

— Ob... obrigada — gaguejou ela, perto demais do microfone, que soltou um guincho. Fez-se um branco em sua cabeça, ou quase. Quer dizer, só havia uma pessoa a quem ela queria agradecer. Apenas uma única pessoa lhe dera apoio durante todos os anos difíceis, sem prêmio algum. Uma pessoa que sempre a incentivara a confiar em seu talento, que mesmo no final de dias cansativos no estúdio se deslumbrava com os desenhos dela no estúdio. E, de todos os que ali se reuniam, só havia uma única pessoa a quem seria melhor Irina *não* agradecer, se soubesse o que era bom para ela. Tudo bem, mas também não agradeceria, de jeito nenhum agradeceria ao homem que acabara de destruir sozinho essa ocasião; por isso, parou no “Obrigada”, ponto final, e se afastou aos tropeços.



NO ALVOROÇO DE APERTOS DE MÃO que se seguiu, Lawrence deixou-se ficar humildemente para trás. Quando enfim

entrou na fila de cumprimentos, a princípio tentou apenas apertar a mão de Irina, como os outros, mas ela nem quis pensar nisso e lhe deu um abraço apertado. Mesmo torcendo para que seus olhos vermelhos e inchados fossem confundidos com lágrimas de alegria, ao se soltar de Lawrence viu-o fitar seu rosto com atenção; o ex-parceiro não tinha vivido quase uma década com ela à toa. Aproximando-se de Ramsey, que se postava ao lado da mulher com toda a animação de um cabide de guarda-chuvas, Lawrence pode não tê-lo agarrado pela lapela, mas sua postura agressiva pareceu indicar que a ideia havia lhe ocorrido.

— Se você não a tratar direito — murmurou entre os dentes —, eu juro por Deus que arrebento sua cara.

E com um leve afago na têmpora de Irina retirou-se.

Um toque comovente de cavalheirismo, mas que custaria caro a ela.



— VOCÊ ESTÁ BÊBADO — disse Irina no elevador. — Não vamos falar disso agora.

— É mesmo? E quando é que minha princesa se dignará retomar nossa conversa?

— Se temos que dar continuidade a este diálogo desagradável, só o faremos ao voltar para Londres. Até lá, diga você o que disser, não vou participar.

E cumpriu sua palavra. Manteve-se estoicamente surda às múltiplas tentativas de Ramsey de fazê-la exasperar-se, e os únicos sons que emitiu no quarto do hotel foram o *poc* do fio dental e o raspar da escova de dentes. Tirou o vestido, enrolou a meia-calça e se enfiou na cama. Quando estendeu a mão para apagar a luz, Ramsey perguntou, em tom choroso: — Não vai nem dizer boa-noite, gatinha?

O clique seco do interruptor respondeu por ela. Dormir sempre estivera fora de cogitação quando as coisas iam

minimamente mal entre os dois, mas, nessa noite, Irina pegou no sono como quem mergulhasse de um prédio alto na calçada.

No dia seguinte, segunda-feira, ela havia combinado um encontro para um café com a irmã, e ao sair do quarto Ramsey ainda dormia, para eliminar as sabe-se lá quantas garrafas de vinho com que havia substituído o rosbife do jantar. O *tête-à-tête* rápido pretendia compensar o fato de que não apenas a mãe dela, mas a própria Tatyana havia faltado ao jantar da Medalha Lewis Carroll, explicando que Raisa consideraria seu comparecimento uma traição, como se ela tivesse tomado o partido da irmã. Quando as duas se encontraram na Starbucks da Broadway, Irina só sentia gratidão pela ausência de Tatyana na noite anterior. Sua irmã não era uma aliada confiável, e se comprazeria em relatar à mãe o destempero embriagado de Ramsey, já que isso parecia confirmar tudo o que Raisa havia intuído no instante em que o conhecera.

— Sua cara não está muito boa — disse Tatyana, depois do habitual abraço de urso —, considerando-se que li no *Times* de hoje que você ganhou a medalha.

— Bem, como dizem, vencer não é tudo — retrucou Irina. Teria que refrear seu impulso de fazer confidências; a fofoca certamente chegaria a Brighton Beach. — É meio decepcionante, é só isso que eu quero dizer. Conseguir o que a gente sempre quis.

— Não seria mais decepcionante perder?

— Ah, é provável. Traga um *cappuccino* para mim, sim? E um *muffin*. Estou morrendo de fome.

Enquanto Tatyana foi buscar os comes e bebes, Irina considerou que a pessoa a quem realmente gostaria de fazer confidências era Lawrence; o fato de ele estar circulando por esta mesma cidade, neste exato momento, a torturava.

Enfim, que importância tinha isso? Agora ela teria que viver indefinidamente sem a orientação dele.

— Tenho uma fofquinha — disse à irmã, animada. — O Lawrence vai se casar.

— Não me diga! Com quem?

Irina franziu o cenho.

— Puxa, esqueci de perguntar.

— É uma fofoca bem mixuruca, mana. Como você se sente com isso?

Irina respirou fundo.

— Fico feliz por ele. *Muito* feliz.

— Tem certeza? Não está parecendo tão feliz assim.

— Hmm... acho que isso tem qualquer coisa de triste — admitiu com cautela, enquanto o eufemismo gritante transformava a conversa franca numa farsa. — É muito definitivo. O fim absoluto de uma era. Seja ela quem for, tem muita sorte.

— Como você descobriu?

— O Lawrence foi à festa ontem. Eu o convidei, já que ele estaria mesmo em Nova York.

— E não foi um constrangimento terrível?

— Não, de jeito nenhum! — veio a resposta enfática. — O Ramsey tem muita desenvoltura social, e somos todos adultos. Na verdade, ele pareceu contente por ver o Lawrence, e grato, por minha causa, por ele ter comparecido.

Eles sempre se gostaram. Num piscar de olhos, já estavam batendo papo sobre sinuca, como nos velhos tempos.

— E como vão as coisas com você e o Ramsey?

— Ótimas — respondeu Irina, categórica. E então decidiu, já que estava mentindo, partir para a bravata. — Ontem ele ficou nas nuvens quando ganhei a medalha. Não conseguia parar de me entoar louvores ao falar com as outras pessoas. Cheguei a ficar sem jeito. Tentei lembrar-lhe que não era de bom-tom gabar-se da própria mulher, mas ele estava tão orgulhoso que não quis me ouvir.

Jurou pintar e bordar quando voltarmos para casa.

Ora, se não pintaria, em certo sentido.

Quando iam se despedindo, depois de colocar em dia as notícias sobre Dmitri, Raisa e as crianças, Tatyana inclinou a cabeça.

— Continuo sem entender. Você está apaixonada, ganhou um prêmio importante mas parece estar à beira da morte. Com uma expressão aflita.

— É só a maquiagem. Ontem usei delineador e dormi com ele. Isso deixa meus olhos horrorosos.

— Então, arranje um creme de limpeza!

— Vou arranjar — resmungou Irina, mesmo sabendo com razoável certeza que as sombras que a irmã havia detectado não desapareceriam facilmente.



QUANDO VOLTOU AO PIERRE, no fim da tarde, Ramsey tinha tomado banho e feito as malas. Parecia ter aceitado a combinação e não falou mais do que ela — ou seja, nada. Nos momentos em que seus olhos se cruzaram, os dele faiscaram com a mesma raiva de antes. Irina recusou-se categoricamente a sentir atração pelo marido. Quando se refugiou na logística zelosa de fechar a conta do hotel, seus dentes trincados lhe deram dor de cabeça. No táxi para o JFK, no salão de embarque do Terminal 4 e na cabine do 747, os dois continuaram a cumprir o protocolo de só falar o necessário, primeiro com o motorista, depois com os comissários de bordo, sem trocar uma palavra um com o outro. Quando se acomodaram no Jaguar no estacionamento do Heathrow, às dez da manhã do dia seguinte, hora de Londres, o mutismo se tornara um hábito, e era quase relaxante.

O sinal de Irina para que parassem no caminho de casa, para comprar leite, foi uma sorte. Depois que ela fechasse a porta da Victoria Park Road, esta não tornaria a se abrir por dois dias inteiros.



— AINDA ESTOU ESPERANDO seu pedido de desculpas — anunciou ela no vestibulo, de costas para a porta.

Ramsey deixou cair a maleta de uma altura maior do que parecia necessário.

— Pode esperar até as galinhas criarem dentes. E quando é que eu recebo o meu?

— Quando o inferno virar gelo — rebateu Irina, passando por ele em direção à cozinha, para pôr o leite na geladeira — e quando os porcos voarem.

Considerando o passado, talvez a briga tivesse se transformado em toda aquela maratona por ter se desviado da norma ortodoxa. De hábito, Ramsey fazia uma acusação; Irina se defendia; Ramsey repetia a acusação. A simples monotonia assegurava que até ele próprio acabava se entediando. Dessa vez, porém, Irina tomou a iniciativa, e ela mesma disparou a saraivada inicial.

— *Quem você pensa que é?* — disse. Com as mãos nas cadeiras, havia localizado o registro mais grave de uma voz que era sempre rouca. Quando Ramsey se empertigou na plenitude de seu metro e noventa na entrada da cozinha, com o queixo numa inclinação belicosa, Irina ficou contente pelos cinco centímetros de ajuda dados por seus saltos altos. — *Passei horas e horas e mais horas* escutando você se angustiar com a pouca apreciação que lhe dão, com o fato de ninguém reconhecer seu mérito por ter criado a “jogada de ataque” que agora virou norma entre os jogadores mais jovens. Com a terrível injustiça de quão pouco dinheiro você ganhou nos primeiros tempos, quando as bolsas de apostas eram minúsculas, enquanto agora esses novatos levam cem mil paus só por chegarem à semifinal. Com o absurdo terrível de a *Snooker Scene* não ter feito uma única matéria a seu respeito em dez anos. Fui a um torneio atrás do outro, e você só consegue se lembrar dos jogos a que eu falei. Mas será que *alguma vez* nos sentamos para jantar e

conversamos sobre as minhas decepções? Não! Eu me matei de trabalhar no *Partida e jogo*. Recebi uma ninharia por isso, e a tiragem e a distribuição foram uma miséria. Mas você me ouviu lamentar todas as noites por ser tão pouco apreciada? Teve que me escutar choramingando sem parar, por ter batalhado a vida inteira em relativa obscuridade? Não! E aí, *finalmente*, pela *primeira vez na vida*, acontece uma coisa boa comigo, eu recebo um pouquinho de crédito, tenho um lugar ao sol por um dia. Peço para você comemorar comigo uma coisa que eu conquistei, e você sabota a cerimônia inteira! Cochichando aquele veneno todo nos meus ouvidos e se recusando a comer o que quer que fosse, enquanto bebia feito uma esponja! Matraqueando até durante o anúncio do nome do vencedor, a ponto de eu nem conseguir ouvi-lo! E, justo no momento em que eu devia me sentir nas nuvens, me fazendo sentir uma idiota? Isso foi um ato de vandalismo! E também foi o mais velho jogo de poder que existe: *Não fique toda cheia de si, sua vaca, porque, por mais que você fique famosa, eu continuo podendo transformar sua vida num inferno*. Você não se importou com o fato de eu ter ficado entre os finalistas, e não se importou com a minha vitória! A *única* coisa com que se importou foi o fato de eu ter convidado o Lawrence, que tinha todo o direito de estar lá, e que eu tinha todo o direito de convidar! E, se isso o ofendeu, francamente, meu caro, *eu estou me lixando*. A noite de domingo não teve *nada a ver com você*. Essa é uma ideia que lhe é obviamente estranha. Tudo tem que dizer respeito a você, seu cretino vaidoso e narcisista! Bem, a noite de domingo tinha que dizer respeito *a mim*.

No linguajar da sinuca, foi uma limpada espetacular da mesa, mas, infelizmente, essa ocasião se revelaria a final do Mundial pessoal dos dois, e Irina só tinha vencido uma partida. Tal como o de Sheffield, esse jogo estava programado para dois dias e duas noites, e Irina não tinha a energia para continuar a encaçapar repetidamente as mesmas bolas vermelhas enfurecidas.

Não havia como contornar o fato de que Ramsey era o verdadeiro profissional nesse jogo, e estava muito mais acostumado a manter a compostura, enquanto seu adversário fazia toda sorte de tacadas esplêndidas, confiando em que um deslize ou um rearranjo das bolas o recolocaria na partida. Enquanto Irina recobrava o fôlego junto à geladeira, ele pegou a deixa para sua entrada.

— *Fair play* — disse. — Mas por que é que seu *dia de ter um lugar ao sol* tem que ser o meu dia de ficar na sombra? Você me ignorou completamente! Nos torneios a que a minha mulher *se digna* comparecer, eu apresento você às pessoas, busco sua bebida, fico com o braço na sua cintura, não é? Nunca me esquivo do seu abraço, tipo *não me toque, seu animal!*, na frente de todo mundo...

— Você estava *machucando* meu braço! E eu tinha outras pessoas com quem falar. Por uma única noite, você não era o centro do universo, e foi isso que não consegui suportar!

— E muito menos algum dia convidei outra garota de quem eu tivesse gostado, e por quem, para ser sincero, ainda fosse maluco, para ficar encostado num canto, como você fez, falando a sua língua particular, dando risadas do inútil que eu sou!

Mais tarde, as lembranças de Irina começariam a se fragmentar nesse ponto. Retalhos, pedaços: aparentemente, Lawrence sempre havia espreitado nos bastidores como o verdadeiro *detentor das afeições dela*. Ramsey recusou-se a acreditar que ele estivesse na cidade “por acaso”, e mostrou ter certeza de que o predador pegara um avião em Londres só para impressioná-la. Na versão dele, fazia anos que o Homem-anoraque vinha esperando, pronto para dar o bote na hora em que o relacionamento dela com o marido desse sinais de desgaste. E que história era aquela de “esperar que a Jude não se incomodasse” por eles dois terem se casado? Por acaso o casamento deles era alguma coisa pela qual pedir desculpas, alguma coisa de que deveriam se envergonhar? O abraço que Irina dera em Lawrence depois da cerimônia de

premiação converteu-se num “atirar-se nos braços dele”. O “arrocho” que Lawrence dera nele depois da cerimônia evoluiu, no decorrer de um dia, para “fazer aquela ameaça de morte”. Ramsey pensara ter encontrado um amor duradouro, e agora se descobria participando da mesma “droga infiel de segunda classe” com que todo mundo se acomodava, e em comparação com a qual preferia ficar sozinho. Quanto a convencê-lo de que, quando ele a flagrara do lado de fora do apartamento do Borough, Lawrence estava mesmo em Dubai, Irina foi resolutamente devolvida à estaca zero, e repassar toda a discussão desde Sheffield deve ter consumido pelo menos três ou quatro horas da noite de terça-feira. Ao longo desses dois dias, Ramsey montou uma verdadeira retrospectiva das transgressões dela no mundo pós-aniversário: arranjar “encontros na televisão” para devorar Lawrence com os olhos no noticiário, “declarar seu amor pelo Homem-anoraque” na frente da mãe, “depreciar” o marido diante dos outros jogadores em Preston — tudo, até aquele dia do: *Você devia ter feito uma mala.*

Ao longo desse processo, Irina se recusou a jogar seu trunfo: a informação de que, a despeito das fantasias enlouquecidas de Ramsey, Lawrence ia se casar. A notícia ainda doía, e era particular. Ela não violaria o que lhe era pessoalmente sagrado, atirando-o como se fosse um rolo de pastel.

Enquanto isso, foi como se a casa da Victoria Park Road tivesse sido levada pelos ares, como a de Dorothy em *O Mágico de Oz*, e nada do resto do mundo chegou sequer a passar pelas janelas. Irina não teve disposição de se lançar numa aventura em busca do *Daily Telegraph*, e ligar a televisão, naquelas circunstâncias, seria um ato inflamatório de hostilidade que o processo dificilmente poderia suportar. Do mesmo modo, verificar seus e-mails estava fora de cogitação, embora Irina ansiasse por clicar na profusão de cumprimentos que com certeza pairavam no ciberespaço. O telefone tocou por volta das quinze horas na terça-feira, e por algum motivo

continuou a tocar a intervalos regulares pelo resto da tarde, e em mais de um momento, quando a campainha recomeçou, Irina, em lágrimas, não teve condições de atender. No começo da noite, ela tirou o fone do gancho, para silenciar aquela porcaria.

Como é dos começos e fins da maioria dos grandes eventos esportivos que as pessoas costumam lembrar-se, Irina guardaria da última partida, tempos depois, sua lembrança mais coerente.

Começava a alvorecer na manhã de quinta-feira, e se há sempre alguma coisa enjoativa nessa hora indefinida do dia, como café diluído em leite desnatado, o cinza opaco que se filtrou pelas frestas das cortinas foi particularmente nauseante, ao assinalar o fim da segunda noite insone, subsequente à anterior, na qual Irina só havia cochilado no avião. Dizer que ela estava tendo alucinações de exaustão seria um exagero, mas, com certeza, estava perdendo de vista o objetivo a que pretendia servir todo aquele desperdício verbal.

Ramsey tinha mergulhado numa de suas fases sentimentaloides. Dera tudo a Irina, todo o seu ser, sem guardar nada para si. Sacrificara até a coisa mais importante do mundo para ele, a final do campeonato...

— O que você quer dizer? — perguntou ela, levantando a cabeça esgotada da mesa da cozinha. — Como foi que imaginou isso?

— Se eu flagro você transando com o Homem-anoraque na véspera, não vou jogar sinuca direito, vou? É de admirar que eu tenha sabido para onde apontar o taco.

— É, é de admirar, já que você estava num porre de cair!

Irina já tinha repetido tantas vezes sua explicação sobre ter apenas “visitado a si mesma” naquele sábado no Borough que ela passara a soar absurda a seus próprios ouvidos, e isso a fizera aprender a evitá-la.

— Fiquei cego de tristeza, fofura. Naquelas duas primeiras sessões, tudo que eu conseguia enxergar era você com o Homem-anoraque, se agarrando naquela cama lá em cima...

— Depois de uma garrafa e meia de Remy, você não conseguia enxergar nem sua mão diante do rosto! Será que podemos esclarecer isso? Você está me responsabilizando *a sério* por aquele fiasco em Sheffield?

Ramsey enfureceu-se, com uma incredulidade similar.

— O que ou quem me levou a beber? Você realmente não *se* considera responsável pelo maior vexame público da minha vida? Amoreco, você tem uma sorte danada pelo fato de o seu Ramsey Acton ser um homem dado a perdoar!

Era admirável que depois de tanto tempo Irina ainda conseguisse juntar forças para se sentir ultrajada, mas adrenalina não se produz à toa. Além disso, Ramsey acabara de suspender o embargo sobre tudo o que ela não havia falado em maio.

— Você se desonrou! E, mais, desonrou a mim! Acha que foi fácil eu ver meu marido cambalear em volta da mesa, incapaz de matar uma bola a cinquenta centímetros da caçapa? O tempo todo como um molambo — com a roupa amarrotada, o cabelo parecendo um esfregão? E todos aqueles comentários grosseiros que você fez para O’Sullivan... tive vontade de me enfiar num buraco e morrer! Perdão!?! Eu tenho esbanjado potes de perdão com você!

— No universo encantado em que eu tivesse uma esposa fiel, que não houvesse transado com outro cara na véspera, eu teria limpado o chão com aquele imbecil do O’Sullivan, pode ter certeza!

— Num *universo encantado* em que você confiasse na palavra da sua própria mulher, talvez tivesse vencido a final. Mas eu me recuso a assumir a responsabilidade pela sua desconfiança!

— Eu lhe entreguei o meu troféu de bandeja. E pode crer, amoreco, você não teria ganhado aquela porcaria de medalha em Nova York se não fosse por mim.

Irina ficou boquiaberta.

— Eu não só o fiz perder seu troféu, como você ganhou a minha medalha para mim. Como é que é isso?

— Eu lhe dei a sinuca. Sem a sinuca, não haveria *Partida e jogo*, nem medalhinha esnobe tampouco. *Nunquinha*.

— Você *me deu* a sinuca? Bom, será que eu posso *devolvê-la*, por favor? Porque eu estou *farta* de sinuca, estou *cheia* da sinuca *até aqui*, estou cheia da própria palavra *sinuca*, e se eu nunca mais assistir a uma partida de sinuca pelo resto da vida, sou capaz de me virar para o Oriente e beijar o chão!

Ramsey empalideceu. Levantou-se e se virou, seguindo para a porta do subsolo. A princípio, Irina presumiu que tivesse fugido para sua toca para escapar de seus próprios impulsos violentos. Mas a violência vem em tantos sabores quanto sorvete e no minuto seguinte ele apareceu carregando Denise. Com uma lentidão nauseante, apoiou um pé numa cadeira da cozinha e partiu ao meio no encosto seu taco de trinta e três anos.



O ASSASSINATO DA RIVAL DE Irina teve o mérito singular de eliminar toda a tensão do cômodo. O próprio ar pareceu afrouxar-se, e o tique-taque do relógio acima do fogão Aga ficou mais preguiçoso. O sol havia despontado e as réstias que penetravam por entre as cortinas eram zombeteiramente luminosas.

Arrastando-se, Irina levantou da cadeira para fazer café, e estremeceu quando o moedor soltou seu gemido de carpideira, como que enlutado pela perda de outro objeto inanimado. Ela descobriu que não havia leite.

— Não posso tomar café expresso puro de estômago vazio — disse, com a voz pesada. — Vou sair para fazer umas compras. Quer alguma coisa?

Segurando as duas metades do taco partido, Ramsey abanou a cabeça. Foi uma felicidade não ter feito nenhum movimento para ir

também.

Ao sair no ar frio da manhã, Irina levou um susto por *existir* um lado de fora.

Mas não foi a vastidão ar livre que produziu aquela sensação de alívio, e sim o afastar-se de Ramsey.

Quando ela pagou a conta no Safeway, a conhecida funcionária da caixa não a encarou. Era uma coisa normal, no rumo das relações comerciais da época — e por isso foi ainda mais estranho, depois de se recompor, a caixa *fitar* Irina nos olhos, com ar totalmente comovido. Pôs o troco na mão da freguesa com solenidade, como quem pusesse uma moeda na mão úmida e estendida de uma criança, no tempo em que as crianças ainda se impressionavam com moedas de vinte e cinco centavos.

— Puxa! — fez a moça. — Eu sinto muito, sinto mesmo. Acho que não sei mais o que dizer.

Perplexa, Irina também não soube o que dizer. Talvez o troco estivesse errado, mas ela já o tinha jogado na porção dentro do bolso. Em quanto teria sido tapeada, se só dera uma libra à moça? Encolheu os ombros, e um resmungo de “Não faz mal” lhe pareceu resolver a questão. Ou deveria ter resolvido, só que o olhar peculiar que a moça lhe lançou foi penetrante.

A feira ao ar livre na Roman Road já estava em andamento e Irina não tinha a menor pressa de voltar para a cozinha, onde Ramsey ainda estaria segurando uma metade de sua vida em cada mão. Assim, dirigiu-se a seu vendedor habitual de legumes e escolheu uns feijões-da-espanha. Ao sorrir para o comerciante, teve a sensação de que seu rosto ia rachar-se; fazia dias que não curvava os lábios para cima.

Nas primeiras vezes em que Irina andara pela Roman Road de braço dado com Ramsey, as pessoas do lugar tinham se mostrado frias; os moradores do East End ressentiam-se de ceder o tesouro nacional do bairro a uma norte-americana.

Mas ela não tinha tirado proveito de seu status e, aos poucos, eles haviam se mostrado mais calorosos. Mesmo assim, quando entregou a cesta de legumes ao homem grandalhão do outro lado da barraca, também ele lhe lançou um olhar frontal e inquisitivo, de uma intensidade exasperante.

— Caramba — disse. — Que coisa terrível, não é?

Talvez tivesse havido um acidente ou um incêndio nas imediações, mas, francamente, Irina estava tão arrasada, tão maldormida e cada vez mais atormentada pelas implicações daquele taco de freixo quebrado na cozinha, que não teve forças para se importar com a desgraça de algum estranho. Não era bonito, mas, em dias como esse, o mundo inteiro poderia ir para o inferno que ela não se incomodaria. *Não faz mal* não serviria nesse momento, de modo que ela se limitou a um *hmmm*.

— Tome, leve isso — disse o feirante, escolhendo três enormes laranjas-baía e colocando-as na sacola de Irina.

— Ora, você não precisa...

O homem acrescentou um abacate. Ela agradeceu e, apesar da satisfação consigo mesma por ter sido aceita na vizinhança, constatou não ter percebido que seu progresso fora tão considerável a ponto de lhe render frutas de graça.

Comovida, já tinha refeito lentamente metade do caminho quando, pensando melhor, entrou numa banca de jornais para comprar o *Telegraph*.

Parada diante da fileira de manchetes, já pálida, empalideceu ainda mais. É possível que tenha começado a trocar as pernas; com certeza, sentiu-se desfalecer, mas não por falta de sono.

Catatônico à mesa da cozinha, Ramsey continuava agarrado ao taco partido.

Em silêncio, Irina pôs a pilha de jornais na mesa, tirando da frente o cinzeiro atulhado de pontas de cigarro. Na fotografia da parte superior da primeira página, as vigas cinzentas entortadas

pareciam um *close* das guimbas sujas de cinza. Irina baixou a cabeça. As lágrimas — as únicas dignas de derramar, em meio à fossa séptica das águas imundas, que tinham sido vertidas naqueles dois dias — mancharam a fotografia.

— Eu nunca... — sua voz se embargou. — Eu nunca... — tentou de novo.

— Nunca senti *tanta vergonha*.



FOI POR INSISTÊNCIA DE IRINA que ela e seu companheiro assistiram pela televisão à final do campeonato de 2001, entre Ramsey e Ronnie O’Sullivan, porque o romance de Lawrence com a sinuca parecia ter fenecido em caráter permanente.

Certo, fazia três anos e meio que o casal não via Ramsey, e era provável que ele não se classificasse como mais do que um ex-conhecido. Enquanto assistiam à primeira sessão, Irina se perguntou se ele já teria encontrado outra mulher, e não conseguiu desfazer-se da esperança absurda e impiedosa de que não. O homem se tornara uma curiosa dependência mental, como se uma outra vida corresse paralelamente a essa, talvez nem melhor nem pior, mas, com certeza, diferente, e ela gostava de estender a mão e tocá-la de vez em quando, como quem numa canoa a mergulhasse na água.

Ramsey, como sempre, estava impecavelmente vestido — a barba escanhada, nem um fio de cabelo fora do lugar, a roupa bem passada, a gravata-borboleta em perfeito paralelo com o chão. O’Sullivan, com seus traços meio rudes, podia ser alardeado como um Homem Reabilitado, mas nem mesmo num traje sombriamente tradicional conseguia deixar de parecer bronco. Os movimentos de Ramsey na mesa eram seguros, suaves e firmes, e embora os dois jogassem com rapidez, Ramsey parecia ágil, O’Sullivan, impaciente. Ramsey matou bolas esplêndidas, mas sem nunca sacrificar uma posição, ao passo que Ronnie não conseguiu resistir às tacadas espetaculares, feitas para impressionar, e que só lhe rendiam um

ponto. Embora O'Sullivan nunca fosse exageradamente grosseiro, a conduta refinada do jogador mais velho — Ramsey sempre dava tapinhas aprovadores na tabela quando o adversário limpava lindamente a mesa — pareceu empurrar o mais jovem para uma rudeza contrastante. Em sua cadeira, o Foguete ficava arriado, deixando sua expressão cobrir-se de irritação ou tédio. Durante uma das sequências mais elegantes de Ramsey, ficou com uma toalha jogada no rosto — supostamente para manter a concentração, mas era muito mais provável que fosse para não ter que olhar. Embora Clive Everton observasse que a posição de Ramsey no ranking se deteriorara progressivamente nos três anos anteriores, Irina teve a intuição de que seu velho amigo finalmente chegara ao dia de ter seu lugar ao sol.

— Acho que ele vai ganhar — previu no fim da primeira noite, quando Ramsey tinha um escore de dez partidas a seis. Para ela, o sucesso comercial de *Ivan e os terríveis* havia introduzido uma era suntuosa de bons votos e otimismo em relação aos outros.

— De jeito nenhum — disse Lawrence, cuja breve fama por ocasião do Acordo da Sexta-feira Santa não tinha produzido uma transformação similar. — O pobre infeliz é amaldiçoado. E que idade ele tem agora? Deve ter passado dos cinquenta. Acabou-se.

Os corretores de apostas concordavam com Lawrence e, antes da final, tinham calculado que a probabilidade da vitória de Ramsey era de um para oito.

Mas ele continuou à frente na tarde seguinte e entrou na quarta sessão com quatorze partidas contra dez.

Irina convenceu Lawrence a assistir com ela à última sessão, na noite seguinte. Fugindo à regra, O'Sullivan não se portou como um bebê e, como disse Everton, “foi fundo”; antes do intervalo, havia reduzido a vantagem de Ramsey para quinze a treze. Não tendo um fascínio convencional por nenhum tipo de esporte, Irina agora estava tão empolgada que não conseguia ficar parada, e

pulava da poltrona para andar de um lado para outro pelo tapete, com uma inquietação leonina. Quando o placar se reduziu a dezesseis a quinze, e depois marcou um empate em dezesseis, ela se agitou tanto que o jogo se tornou quase doloroso demais para ver.

— Que há com você? — perguntou Lawrence do sofá. — É só um jogo de sinuca.

— Houve época em que você nunca diria só um jogo de sinuca, *milyi*. Além do mais, isso é excitante como drama pessoal. O Ramsey deve jogar sinuca há mais de trinta anos. É o sonho da vida dele vencer esse torneio. Agora está a menos de duas partidas... uma partida! Está dezessete a dezesseis! Dá para acreditar?

Irina estava literalmente aos pulos, e a plateia vista na televisão fazia o mesmo. Os fãs de Ramsey podiam ter se reduzido ao longo dos anos, mas todo fã de sinuca conhecia a história de Ramsey, o Vice-campeão. Tal como Lawrence, a maioria aceitava o mito de que ele jamais conseguiria conquistar esse título, de que vivia sob o efeito de uma maldição. A perspectiva de que Swish quebrasse esse encanto, como a Bela Adormecida descobrindo o despertador, produziu uma onda de excitação até entre os espectadores da plateia que usavam camisetas com os dizeres “Rotherham está com o Foguete!”.

Junto com o público, Irina gemeu e cobriu o rosto com as mãos quando Ramsey perdeu uma vermelha fácil e deixou O’Sullivan entrar no jogo. Foi exatamente o tipo de lapso repentino e inexplicável, sob pressão, que o fizera perder seis finais antes dessa. Quando O’Sullivan limpou a mesa e tornou a empatar o jogo, Lawrence disse, com ar reprovador: — É o que eu lhe digo, o Ramsey não consegue. Deve haver alguma coisa dentro dele que não quer. Ele tem toda a identidade embrulhada nessa questão do quase. Se um dia vencesse o campeonato, acordaria na manhã seguinte sem ter ideia de quem era. Assista só. Ele vai meter os pés pelas mãos.

— Quer apostar? — disse Irina. — Mil dólares.

— Nem vem.

— *Mil paus.*

Aquele adiantamento enorme sobre *Ivan e os terríveis*, com outro contrato de seis algarismos já encaminhado, vinha lhe ensinando as estonteantes alegrias do desperdício.

— Tá legal! — exclamou Lawrence. — Mas você vai se arrepender.

Irina já estava não arrependida. Mesmo que Ramsey estragasse tudo na partida decisiva, investir toda essa confiança ardorosa no velho amigo trazia uma sensação esplêndida, e parecia melhorar as chances cármicas que ele tinha.

— Ora, isso é que é *infelicidade!* — comentou Clive Everton. O'Sullivan também estava sentindo a pressão, e sua saída com a mão pesada deixou uma vermelha disponível na caçapa do canto. Ele se arrastou para a cadeira, onde melhor foi capaz de acomodar-se confortavelmente, porque Ramsey não só matou essa vermelha como passou a tirar do grupo todas as amiguinhas dela, como quem acabasse com um cacho de uvas numa tarde de verão.

Para o espectador, existem dois tipos de desportistas: os que merecem e os que não merecem confiança. É provável que essa divisão se correlacione com o fato de o desportista confiar ou não nele mesmo, mas, seja como for, assistir a um jogador em quem não se confia plenamente gera ansiedade. Ver o tipo que tem o que é preciso, seja isso o que for, e sabe que o tem, é relaxante. Aliás, alguns sujeitos geram tão sistematicamente uma confiança inabalável no público que toda a tensão desaparece do jogo e eles adquirem a fama de ser chatos. Dada a história de Ramsey Acton, Irina o classificaria, nessa situação, como o tipo de jogador que deixa o espectador nervoso.

Mas, com mil dólares apostados no desempenho dele, à medida que a sequência foi chegando a 40, 41, 48, Irina retomou uma postura relaxada na poltrona. Quando ele se aproximou do número

mágico a partir do qual O'Sullivan precisaria de sinucas, a apreensão dela deveria estar aumentando de forma insuportável, mas, aos 64, 65 e 72, Irina só fez sentir-se mais languidamente à vontade. Aos 73, Ramsey só precisava de mais uma bola colorida para garantir a vitória, e matou-a. Simples assim. Do jeito que ela soubera que seria. Foram os mil dólares mais fáceis que embolsou.

A plateia aplaudiu loucamente. Irina deu a Lawrence um sorriso sereno. O árbitro fez o público silenciar. O resultado podia ser conclusivo, mas a partida não havia terminado.

— Olhe só — disse Clive Everton —, talvez o Ramsey Acton tenha a chance de fechar um 147!

O Santo Graal da sinuca, incomum nas mesas convencionais e sumamente raro em condições de campeonato — o 147 ou *break máximo* —, é a pontuação mais alta que se pode alcançar numa única sequência. Até ali, na verdade, Ramsey deixara de lado a preta durante todo o percurso, e as vermelhas restantes se arreganhavam feito pernas de prostituta. Assim, Ramsey Acton girou em volta da mesa com a sensualidade de quem já venceu e, quando ultrapassou os 100 pontos, a plateia foi ao delírio. Os fãs de O'Sullivan já tinham renegado completamente seu ídolo; a multidão, predominantemente proletária, havia abandonado o pedantismo sussurrado e aristocrático do esporte e retomado suas características típicas. O árbitro pareceu resignar-se ao fato de que exortar aquela massa desregrada ao silêncio seria como tentar enfiar um vestido num *pit bull*.

Ora, uma sequência de 147 era só o glacê do bolo; não era necessária. Mas, afinal, a sinuca também não o era.

Quando a última preta foi encaçapada, completando a pontuação máxima, a multidão explodiu e os vivas e assobios duraram dois ou três minutos. Fazia meses que os noticiários eram dominados por terríveis churrascos públicos para erradicar a febre aftosa, com rebanhos inteiros assando nas encostas dos morros,

enquanto valentes fazendeiros de Yorkshire choravam feito bebês e o número de suicídios na zona rural aumentava; como era raro, nos últimos tempos, ver alguma coisa bonita na televisão!

— Fico pensando se não é meio decepcionante — matutou Irina. — Conseguir exatamente o que sempre se quis.

— Perder seria mais decepcionante — contrapôs Lawrence. — Pergunte a mim. Acabo de perder mil paus.

— Doe esse dinheiro a sua instituição de caridade preferida. Deve haver um fundo para jogadores de sinuca aposentados que estejam em má situação... Olhe só para ele! É comovente mesmo. Não está se debulhando em lágrimas e vai conseguindo contê-las muito bem, mas juro que está com os olhos marejados.

Em tese, Irina reconhecia como seria importante para Ramsey ter uma mulher com quem compartilhar a conquista que coroava sua carreira. Mas quando, no tumulto que se seguiu à entrega dos troféus, nenhuma figurinha graciosa e radiante atirou os braços em volta daquele pescoço esguio de cavalo de corrida, ela sentiu um prazer particular.



A REALIZAÇÃO DO SONHO DE UMA vida inteira sem dúvida era eivada de um vazio insidioso, uma sensação tão desagradável de “E agora?” que era capaz de induzir a uma saudade atrasada da época em que ainda se era tentado por aquilo que se supunha querer. Mas Ramsey certamente preferia lidar com o fato de o vaso de prata que havia abocanhado no Crucible nessa noite ser só um pedaço frio e inútil de metal a lidar com a alternativa, na qual aquele pedaço inútil de metal pertenceria a outra pessoa. Do mesmo modo, ainda que, naquele momento, a honraria não fosse mais recompensadora do que o “anel lunar” na base das caixas de cereal Cap’n Crunch, a própria Irina sempre havia ansiado por receber um prêmio. Parecia um anseio infantil. Era infantil. Na verdade, era justamente a natureza pueril desse anseio — como o desejo de

Spacer de ganhar a fita azul na corrida de sacos — que o tornava tão persistente.

Por isso, quando veio o telefonema de seu editor na Transworld, numa tarde do fim de maio, informando que *Ivan e os terríveis* fora incluído entre os finalistas na disputa pela Medalha Lewis Carroll, Irina reagiu como uma menina de dez anos. Saiu rodopiando pelo estúdio. Gritou: “Uh-ru, uh, ru!” e não se importou se os vizinhos estavam ouvindo. Mas nenhuma dessas diversões adiantou; a experiência ainda não estava propriamente *acontecendo*. A notícia só chegaria, num sentido profundo, depois que ela a desse a Lawrence.

O telefone lhe pareceu perda de tempo. Irina pegou o casaco e saiu voando porta a fora. No trajeto para a Blue Sky, suas passadas ficaram tão longas e tão leves que em alguns trechos curtos ela chegou a correr. No saguão da Churchill House, pediu à recepcionista que não avisasse seu “marido” de sua chegada — ali, todos achavam que os dois eram casados —, porque queria fazer-lhe uma surpresa.

E fez. A porta do escritório de Lawrence estava fechada, mas nenhuma esposa de verdade deveria ter que bater.

Havia alguma coisa errada. Com certeza, era para aqueles dois estarem sentados em lados opostos da escrivaninha dele, ou contemplando sua tela do computador. Mesmo que discutissem algum assunto no sofá, não deveria haver papéis? E não era que a dupla estivesse muito juntinha; quando Irina conseguiu abrir a porta pesada, ela lhe pareceu sentada a uma distância bizarra.

— Que está fazendo aqui? — perguntou Lawrence, com a voz estrangulada.

— Engraçado — retrucou Irina, em tom leve. — Eu ia perguntar a mesma coisa sobre a *Bethany*.

— Ah, era só uma consulta sobre assuntos de trabalho — disse Bethany, animada, levantando-se e alisando a saia minúscula.

— Você ficaria entediada.

Tchauzinho, *Yasha!*

E com um sorriso luminoso para Irina a vagabundinha zuniu porta afora.

Irina tinha chegado com uma notícia maravilhosa. Na ânsia de que sua transmissão *fosse* maravilhosa, riscou da cabeça os sessenta segundos anteriores com uma tarja preta de Magic Marker, como num daqueles manuscritos editados de documentos confidenciais liberados do sigilo, para atender às exigências da lei de Liberdade de Informação. Chegou até a apagar o fato de *Bethany* ter usado um nome especial para Lawrence — um diminutivo russo de um segundo nome com o qual não tinha nenhuma razão para estar familiarizada. Bethany e Lawrence eram colegas. Com certeza, aquela gente vivia entrando e saindo dos escritórios uns dos outros.

Dada a natureza alegre de sua missão, Irina conseguiu até tirar da cabeça seu ressentimento permanente pelo fato de a ilustração de *Rubro de raiva* que mandara emoldurar em vidro, como presente de Natal para Lawrence, já fazia dois anos e meio, ainda estar encostada na parede — embora ela mesma a tivesse carregado para lá. A Blue Sky implicava com buracos no reboco, e Lawrence nunca havia conseguido pedir ao pessoal da manutenção para puxar um arame da sanca.

E, assim, Irina deu-lhe a notícia. Ele a abraçou e propôs um jantar fabulosamente caro para comemorar, nessa mesma noite. Declarou sua profunda confiança em que ela seria a vencedora. Só nos braços de Lawrence é que a honraria fez sentido.



EMBORA IRINA ESTIVESSE compreensivelmente nervosa ao se vestir para a recepção no Hotel Pierre, na Quinta Avenida, o nível de sua ansiedade parecia desproporcional. Por mais que tentasse proteger-se de exagerar suas esperanças, no fundo ela sabia que *Ivan e os terríveis* abocanharia o prêmio. Portanto, a origem de

sua inquietação, enquanto ela lutava com o cabelo rebelde, pouco tinha a ver com uma preparação para a derrota.

Por uma infeliz coincidência, Jude Hartford também fora incluída entre os finalistas da Medalha Lewis Carroll. Desde que vira o nome dela no artigo do *Telegraph* sobre a premiação, Irina vinha tentando conceber uma postura com que pudesse enfrentar a mulher. Curiosamente, não conseguia citar um único rompimento amoroso em relação ao qual ainda alimentasse qualquer tipo de sentimento intenso — quer tivesse sido do tipo “Já vai tarde” ou do tipo “Seja feliz”. Ao contrário, aquela rara amizade que havia explodido em seu rosto deixara uma cicatriz irregular, na qual, anos depois, ela ainda podia passar a língua, como se fosse um dente quebrado. Não se espera que as amizades assumam a estrutura apocalíptica do romance; como velhos soldados, elas podem desaparecer aos poucos, mas nunca morrem. Um rompimento como o que Irina vivera com Jude, repleto das palavras ríspidas e das renúncias totais de uma briga de amantes, desrespeitavam a ordem natural das coisas. Há nos choques mortais entre amigos uma gratuidade selvagem; as separações românticas, em retrospectiva, têm o toque tranquilizador do inevitável. Por isso, o ressentimento de Irina, mesmo passados cinco anos, ainda parecia inalterado.

— Ei, isso é que é vestido sensual! — comentou Lawrence.

Irina mordeu o lábio.

— Você não acha curto demais?

— De jeito nenhum. Faltam cinco centímetros inteiros para a bainha encostar nos fundilhos.

— É mais decotado do que eu tinha percebido na loja. Talvez eu deva usar aquele casaquinho preto.

— Não. Você está sexy.

Irina surpreendeu-se; em geral, ele dizia *bonitinha*.

— Pensei que você se encabulasse quando eu fico sexy.

— Isso é um monte de besteiras. De onde você tirou essa ideia?

— Você não gosta quando eu me arrumo toda.

— Não gosto é quando *eu* tenho que me arrumar.

— Por falar nisso... — fez Irina, com uma olhadela depreciativa para as calças Dockers escuras e a camisa branca puída, sem gravata. Ele seria um homem tão bonito se pelo menos empertigasse o corpo e se esforçasse um pouco!

— Detesto lhe dar esta notícia, mas acho que a maioria dos homens estará de *smoking*.

— Bem, nesse caso, com certeza lamentarei por eles. Você está nervosa por reencontrar Jude?

— Um pouco — ela admitiu. — Não faço ideia do que dizer a ela.

— Diga-lhe para se danar. Diga que você é mais talentosa do que ela, mais inteligente do que ela, e que sente um alívio incrível por não ter mais que ouvir aqueles batidos clichês liberais dela no jantar. Diga-lhe que é você que vai ganhar o prêmio hoje, e que *A dieta do amor* é a porcaria mais ridícula que você já viu alguém fazer num PC. Só porque ela não consegue tirar as mãos das bombinhas de creme isso não quer dizer que toda criança do país parecida com um saco de banha deva se *a-do-rar*, e que é legal ser gordo.

— Na verdade, o livro é praticamente uma dieta de Atkins para crianças de oito anos. Mas obrigada pelos seus conselhos diplomáticos.

Lawrence tinha um jeito tão extremado de tomar o partido de Irina que a fazia sair em defesa de seus próprios adversários.

Aliás, ele não tinha lido com cuidado o trabalho da concorrência. O livrinho de Jude era sobre uma menina gorducha que ficava tão apaixonada por um garoto da escola que não conseguia comer. O garotinho, que nunca fora um objeto digno da afeição dela, era sistematicamente frio e intratável. Mas, nesse meio-

tempo, a protagonista emagrecia tanto, em seu estado de desamor, que todos os outros meninos da sala se apaixonavam por ela — final feliz.



SEGUINDO ATRÁS DE LAWRENCE, apreensiva, Irina entrou no salão de eventos e constatou a presença de Jude do outro lado, perto da mesa de bebidas — com um vestido longo justo e parecendo espantosamente esbelta. Mas não foi a visão de Jude que a atingiu no estômago como um soco de direita.

A sensação a fez recordar sua própria versão do livrinho de histórias de Jude na vida real. Ali pela oitava, nona série, antes de tirar o aparelho dos dentes, era comum Irina entrar na lanchonete e avistar o lindo presidente do grêmio estudantil, por quem havia alimentado uma paixão torturante durante três anos a fio. Ela se sentava por perto, mas nunca à mesma mesa, esforçando-se para ouvir a conversa do garoto, ao mesmo tempo que se sentia tão constrangida com a conversa dela que mal conseguia perguntar à amiga o que ela estava achando do sanduíche quente de atum. Naquele tempo, era racional sentir medo — medo de chamar a atenção para si, de não chamar a atenção para si. Mas, aos quarenta e seis anos, Irina não conseguia entender por que aquela aparição inesperada no Hotel Pierre lhe atingia o estômago do mesmo jeito, a ponto de lhe provocar náusea. Fosse como fosse, aquele cavalheiro alto de *smoking* ao lado de Jude Hartford não era ninguém menos do que Ramsey Acton.

Enquanto ela e Lawrence se aproximavam, nenhum dos velhos amigos pareceu notá-los, tão absortos estavam na conversa um com o outro, em tom sussurrado e urgente. A mão de Ramsey no braço de Jude confirmou que os dois haviam reatado o relacionamento. Irina sentiu uma depressãozinha estranha.

Jude levantou os olhos, com uma expressão perturbada e aflita.

— Ah, olá! — exclamou, no tom exaltado de sempre, mas com o olhar vago.

O grupo cumpriu todo o ritual dos beijinhos; ao dar o seu em Ramsey, Irina se demorou para aspirar o perfume.

— Como nos velhos tempos! — comentou, numa alegria nervosa. — Nosso velho quarteto está de volta.

— Sim, é muita coincidência — disse Jude, meio ao acaso.

— Bem, talvez não seja — retrucou Irina, esforçando-se para ser generosa.

— Talvez seja só o talento, já que nós duas somos talentosas... Você sabe, a nata subindo.

Detestou-se por agir como se toda aquela acrimônia nunca houvesse acontecido. Mas o trejeito no rosto de Jude implicou que ela, por certo muito mais absorta em algum infortúnio do presente, realmente não conseguia se lembrar da hostilidade do último encontro das duas.

— Podem me chamar de parcial — disse Lawrence —, mas acho que *Ivan e os Terríveis* é fantástico — e passou o braço pela cintura de Irina.

Por sua vez, Ramsey envolveu com o seu os ombros de Jude, um dos quais começou a massagear com a mão esquerda como quem sovasse uma porção seca e resistente de massa. Jude nunca havia parecido muito sensual — era tensa demais, nervosa demais — e não deu mostras de gostar de toda essa atenção.

Ramsey tinha mãos bonitas. *Que desperdício*, pensou Irina.

— E, então, quer dizer que vocês — e acenou com a cabeça para o casal — estão fazendo outra tentativa?

Jude conseguiu dar um sorriso débil: — Os escritores tendem a criar continuações.

— Não é uma analogia promissora, gatinha — repreendeu-a Ramsey. — Em média, as continuações nunca são tão boas quanto o original.

— Para ser franca — retrucou Jude, com aquele risinho vagamente histérico, mudando de postura para afastar o braço de Ramsey —, ter dificuldade de superar o próprio sucesso só costuma ser problema quando já se teve um sucesso, para começo de conversa.

Irina não soube ao certo no que ela e Lawrence haviam se metido, e tentou passar para um assunto neutro.

— Sinto saudade dos nossos jantares de aniversário — disse a Ramsey.

— Eu também — retrucou ele, em tom sincero. — E você não sabe a festança que perdeu no último verão.

— Não medi esforços nos cinquenta anos do Ramsey — explicou Jude. — Aluguei um salão no Savoy. Convidei toda a turma da sinuca e um bocado de gente *do grand monde*. Para ser muito franca, foi terrivelmente caro! Mas todos, todas *as outras* pessoas, disseram que foi o acontecimento do ano.

— Não gosto de muito estardalhaço — resmungou Ramsey.

— Sim, benzinho — disse Jude, com um sorriso forçado. — Vários milhares de libras depois entendi essa mensagem em alto e bom som.

— Ei, Ramsey — interpôs Lawrence, dando-lhe um tapinha no ombro —, parabéns por ter vencido o campeonato!

— Valeu, parceiro — disse Ramsey, descontraído.

— O Lawrence e eu assistimos à final pela BBC — disse Irina, omitindo o fato de que Lawrence havia insistido em ver *CSI*. — Foi maravilhoso. E terminar com um 147!

— Não acontece todo dia — admitiu Ramsey. — Foi pena nossa amiga Jude aqui ter precisado lavar a cabeça.

— Eu tinha *compromissos anteriores*! — retrucou Jude, exasperada.

— Você *não foi*? — perguntou Irina, atônita.

— Eu teria estado lá, se pudesse. Mas, para ser franca, a sinuca nunca fez o meu gênero.

— Ah, pois eu só fiz ficar mais interessada! — exclamou Irina, em tom apaixonado.

— É um pouco diferente quando não se tem muita alternativa.

Mesmo não sendo uma fã autêntica, Irina achou difícil entender como Jude podia se unir a um profissional da sinuca e se mostrar tão cansada do esporte. Se *ela* estivesse com Ramsey Acton, iria a todos os jogos! Mas tinha resolvido ser gentil.

— A propósito, Jude, parabéns para você também!

— Como? — disse ela, parecendo esquecida do que a levava a estar ali.

— Por estar entre os finalistas da Medalha Lewis Carroll, é claro.

— Ah, isso! — disse a outra, distraída. — Bem, o meu não tem chance de ganhar.

— Por quê?

— É só um pressentimento — ela respondeu, com ar extenuado. As manchas redondas de ruje destacavam-se em sua pele como fichas do jogo da pulga; por baixo, com certeza, as bochechas estavam tensas. — Já o seu, não. Ele tem chance de verdade. As ilustrações são muito inteligentes.

Inteligentes ficava a léguas de *boas*, com conotações frias e vazias, e o conflito de cinco anos antes voltou a todo vapor.

— Vi que você passou para a computação gráfica — acrescentou Jude.

— Isso mesmo — confirmou Irina, em tom frio. — O livro teve uma vendagem surpreendentemente boa.

— É — fez Jude, retribuindo a frieza. — Era de se esperar.

— Acho que todos precisamos de uma bebida — disse Irina.

Quando se encaminhavam para os vinhos, ela acertou o passo com o de Ramsey e o puxou à parte.

— Depois de tudo que você me disse no Omen — comentou, baixinho —, estou surpresa por ter reatado com a Jude.

— Na minha idade, estou cansado demais para cometer um erro novo. É mais fácil cometer o mesmo.

— Mas as coisas vão bem com vocês? — insistiu ela. Como em Bournemouth, quatro anos antes, os dois entraram prontamente em conluio. — Ela me parece... agitada.

— Você quer dizer que ela está se portando como uma perfeita vaca. Esse lance de sorte... bem, o sucesso nem sempre tem um efeito aprimorador nas pessoas.

— Você é quem sabe. Deve estar muito satisfeito. Por finalmente ter ganhado o título.

— Lembra-se do que mais eu lhe disse naquela noite? — perguntou Ramsey, virando o vinho de um só gole. — *Nunca estou satisfeito*. Quando a gente consegue uma coisa que quer, o caminho se abre para mostrar as outras que nos faltam.

Irina o fitou nos olhos.

— E o que seria isso?

Ramsey retribuiu o olhar, mas não respondeu.

— Sabe, algo me diz que você vai ganhar essa medalha esta noite.

Ele realmente não deveria dizer uma coisa dessas a uma concorrente de Jude.

— Aposto que você disse a mesma coisa a todas as outras finalistas, seu safado!

Ramsey não sorriu.

— Não sou mulherengo. Você já devia saber.

O olhar fixo tinha se tornado incômodo, mas se rompesse o contato visual nesse momento, ela pareceria covarde.

— Você leu o *Ivan*?

— Li.

— Entendeu o livro?

— Entendi. — E como que para demonstrá-lo, não proferiu a frase seguinte como se fosse desvinculada do assunto. — Irina, eu e a Jude estamos planejando casar de novo.

Irina olhou para os pés antes de tornar a levantar a cabeça.

— Acho que é uma ótima notícia.

Não devia ter acrescentado o *acho*, mas não pôde evitar.

— Pelo menos, talvez eu recupere a casa na Espanha — ele disse, mas o esforço para aliviar o clima com uma piada não funcionou. — E, de qualquer maneira, você é casada, mais ou menos. O que o sujeito pode fazer? Acho que você é gulosa, gatinha. Gosta de comer a carne mas não quer largar o osso.

Foi o máximo que os dois se aproximaram de reconhecer aquela tentação do quadragésimo sétimo aniversário, e foi um momento tão sem graça que Irina sentiu-se grata pela intromissão às suas costas.

— Irina Galina!

Só havia uma pessoa no mundo capaz de pronunciar essa combinação ambígua sem ironia, e Irina se virou para abraçar a mãe com grande festa.

— *Pozdravlyayu tebya!* — exclamou Raisa. Mesmo ao dar os parabéns à filha, seu longo vermelho e decotado indicava certa confusão a respeito de qual membro da família era a estrela do momento. — *A eto shtoza krasavets?*

— Esse *homem bonito* é Ramsey Acton, um velho amigo meu. Você se lembra, Lawrence e eu o mencionamos há algum tempo. O jogador de sinuca.

Irina foi puxada para longe, para conhecer os jurados e a imprensa, e deixou a mãe em plena encenação do Ato da Russa Passional com Ramsey, fazendo gestos tão largos que poderia facilmente virar uma das bandejas passantes de canapés de camarão.

Com amplas mostras de fascínio pela sinuca, Raisa carregou sem dó no sotaque eslavo. No instante em que um pavoroso futuro alternativo passou diante de seus olhos, Irina sentiu-se subitamente grata por Ramsey estar comprometido.

Depois disso, viu-se ao lado de um homem aristocrático cuja aura de peixe fora d'água lhe inspirou compaixão. Perguntou-lhe o que o levara à recepção.

— Por acaso eu estava em Nova York para uma reunião de diretoria e Jude Hartford me convidou a comparecer — respondeu ele, num sotaque britânico afetado. — Mas a moça mal trocou duas palavras comigo. E aquele sujeito da sinuca com quem ela está... é um grosseirão!

— O Ramsey, grosseiro? — retrucou Irina, incrédula. — O senhor deve ter entendido mal.

— Receio ter entendido bem demais, senhora. Boa-noite, minha cara. E boa sorte.

Era um tipo agradável, mas sua história não fazia sentido; Ramsey era o homem mais educado e atencioso do mundo. Como que para confirmá-lo, tornou a se aproximar de Irina e lhe disse ao pé do ouvido: — Conheci sua irmã. A franguinha matraqueou...

— Ora, como é que uma franga pode *matraquear*?

— Você é metida mesmo — disse ele, em tom afetado. — A franguinha *repisou*, está melhor assim? (As pessoas se acostumavam com as sínopes glóticas em Londres, mas, nos Estados Unidos, aquele *be-ah* de Ramsey, em lugar de *better*, era encantador.) — ... ficou repisando que era “apenas dona de casa e mãe”, diferente da irmã, que é famosa e coisa e tal. Nunca ouvi uma fulana tão humilde, por um lado, e ao mesmo tempo tão frustrada. Pois é, e aí, sem mais nem menos, danou a falar que você nunca levou jeito para ser mãe. Que só se interessa pelo trabalho e por ficar zanzando por países estrangeiros, e que, se tivesse um bebê, ia deixá-lo pendurado de cabeça para baixo, cheio de bolas de gude no nariz, na hora que

tivesse de pintar outra margarida. Uma encheção danada no meu ouvido.

— E o que você disse?

— O que você imagina? Que você é carinhosa, honrada e inteligente, e que eu achava que daria uma mãe genial. Isso a fez fechar a matraca.

Irina riu e, sem pensar, disse um: “Adoro você!”, quando todos foram chamados para suas mesas.



À GRANDE MESA REDONDA da frente Irina e Lawrence sentaram-se juntos, mas os cartões que marcavam os lugares de Ramsey e Jude tinham sido colocados do lado oposto. Irina não fazia ideia de como Lawrence conseguia aquilo; uma pessoa normal daria o pontapé inicial na conversa com alguma coisa anódina, do tipo: “Detesto quando preparam esse tipo de entrada com essa porção de *maionese*.” Num piscar de olhos, porém, ele envolveu quase toda a mesa numa discussão acalorada sobre o novo governo de Bush. Ramsey não se importava com política, ponto final, de modo que Irina não achou peculiar que assumisse uma postura rígida feito pedra. Mas pareceu-lhe notável que Jude Hartford, assinante do *Guardian* e fanática pelo Velho Trabalhismo, não dissesse nada.

Para uma refeição de hotel, o rosbife estava admiravelmente malpassado e delicioso. Por isso, foi uma pena Ramsey não parecer sentir-se bem; não tocou no jantar.

Embora a recusa do casal defronte a conversar com o resto da mesa lhe desse um ar esnobe, Ramsey tinha uma desculpa. Era um jogador de sinuca numa reunião literária, um peixe fora d’água, e, portanto, naturalmente meio tímido.

Mas Jude estava em seu meio e deveria agir como interlocutora. Que mulher difícil! Pobre Ramsey. Irina torceu para que ele soubesse o que estava fazendo ao reatar com a ex-mulher.

Depois que os garçons tiraram a mesa e o diretor da fundação apresentou cada um dos concorrentes com *slides*, Jude começou a cochichar no ouvido de Ramsey. Ora, francamente! A mulher havia passado o jantar inteiro sem dizer palavra e finalmente começava a falar justo na hora de calar a boca. Era de se presumir que Ramsey não tivesse alternativa senão responder, embora se mostrasse constrangido por conversar durante o discurso do diretor. Se aquilo fosse um jogo de sinuca, o árbitro teria expulsado Jude do salão.

Quando os *slides* de *Ivan e os Terríveis* brilharam na tela, Irina enfureceu-se.

Havia passado meses ansiando por aquela ocasião, e a discussão de Jude perturbava tudo. Ao serem projetadas as composições feitas com o Etch A Sketch, com suas molduras vermelhas, Irina e Lawrence se entreolharam, abanando a cabeça. Era espantoso que Jude escolhesse justo aquela ocasião para puxar uma briga. Ramsey devia estar mortificado! Respondia aos sussurros, provavelmente implorando-lhe que, por favor, deixasse as reclamações para depois — mas não houve advertência que adiantasse. E, o que foi ainda mais espantoso, quando os desenhos do ilustrador de Jude para *A dieta do amor* foram exibidos, ela nem sequer olhou para a tela, muito menos se deu o trabalho de ouvir um resumo elogioso de seu livro.

O diretor pediu o envelope. Lawrence segurou a mão de Irina, apertando-a com a força e a umidade da mão de uma criança no dentista. A ansiedade em seu rosto era tão cativante — aquele belo rosto entalhado e atormentado — que Irina passou o momento que ambos rezavam para ser o de sua vitória olhando não para o pódio, mas para os olhos de Lawrence.

Estava tão convencida de levar a melhor nesse concurso que seus ouvidos lhe pregaram uma peça e, no começo, ela seria capaz de jurar que tinha escutado seu nome, com um estalido de estática,

pelo sistema de alto-falantes. Mas a identidade do vencedor estampou-se de maneira inconfundível no rosto de Lawrence, que ficou subitamente exangue e prostrado como se fizesse parte de uma pilha de toalhas molhadas.

Aconteceu o que podia haver de mais estranho. Apesar de ter cometido a tolice de inflar suas próprias esperanças e, com isso, arriscar-se a cair do cavalo, Irina sentiu-se ótima. Seu sorriso para Lawrence foi beatífico. Como Jesus recebendo os pecados do mundo, ele parecia ter-se encarregado de todo o peso da decepção da mulher. A preocupação mais imediata de Irina foi consolá-lo, e por isso lhe deu um rápido beijo na mão antes de soltá-la, para que os dois pudessem aplaudir o vencedor. Vencedor? Independentemente do que dissessem os jornais do dia seguinte, Irina McGovern tinha vencido nessa noite. Isso porque, ao se levantar para participar da ovação do público de pé, não conseguiu imaginar nenhum prêmio superior ao que havia recebido treze anos antes, na rua 104 Oeste.

Jude se levantara, atrapalhada, e batia palmas débeis junto com todos os demais. Com certeza, devia entender que não tinha cabimento uma pessoa aplaudir a si mesma, não é? Tinha um ar confuso e, por fim, parou de bater com as mãos como se fossem duas nadadeiras moles, mas o fez só para arriar na cadeira.

Movimentando os lábios para proferir as palavras: *Parabéns!* e *Vá logo!*, Irina encarou a velha amiga e ficou surpresa ao ver seus olhos inchados e vermelhos. Era estranho sentir pena da única pessoa da mesa que tinha acabado de embolsar cinquenta mil dólares, além da receita da venda de talvez uns cem mil exemplares extras de seu último livro.

Instigada pelo diretor, Jude enfim se apresentou para cumprir seu papel, como se seguisse cabisbaixa para o gabinete do diretor da escola. Seu discurso de aceitação do prêmio beirou a incompetência. Embora tenha se lembrado de agradecer a Ramsey, com quem já nem era casada, e de fazê-lo com uma profusão

sumamente falsa, ela se esqueceu de elogiar seu ilustrador ou de agradecer aos jurados. Exibia uma expressão abestalhada e sem foco, como que surpresa por se descobrir numa cerimônia de premiação, quando havia suposto estar indo à lavanderia. Habitualmente muito espalhafatosa e irritável, engrolou timidamente as palavras no tablado, como se torcesse para que a cerimônia acabasse e todos fossem embora. Se aquilo pretendia ser um dos melhores dias da sua vida, Irina detestaria os execráveis.

Encerrados os salamaleques formais, Lawrence deu um abraço em Irina, murmurando em seu ouvido: — Sinto muito, de verdade. Seu livro era anos-luz melhor, e devia ter ganhado.

Ao se desprender do abraço, ao contrário da vencedora, Irina tinha os olhos secos e uma expressão alegre.

— Obrigada. Sei que você pensa assim e, para mim, isso já é medalha suficiente.

Ele a estudou, desconcertado.

— Você não parece mesmo muito perturbada.

— Não estou. Foi empolgante ser indicada para o prêmio, e amo você.

Que coisa rara: por uma vez na vida, situar bem suas prioridades!

— Ah, coitadinha! — exclamou Tatyana, apertando a irmã com tanta força que ela não pôde respirar. — Você deve estar simplesmente arrasada!

— Eu tem certeza que jurados já arrependidos de escolha — comentou Raisa, com ar majestoso. — Aquele discurso sua amiga fazer, *ochen plokho*. Você vencia, você fazia melhor.

Um dos jurados aproximou-se dela na multidão. O jeito meigo e preocupado da sóbria mulher de meia-idade a fez lembrar-se da Sra. Bennington, sua professora de arte na décima série.

— A Fundação não confere medalhas de prata — disse ela, com uma das mãos no braço de Irina. — Mas você precisa saber,

querida, que ficou em segundo lugar. A votação foi muito apertada.

— Fico grata por isso. Mas receio que talvez eu devesse ter aceitado o conselho do meu companheiro — disse Irina, com um olhar de relance e um sorriso para ele. — Lawrence tinha a firme convicção de que eu devia manter o fim mais simples. Só aquela história de ser fiel aos velhos amigos, sem a virada adicional. Fui extremamente obstinada. Mas sou inexperiente como autora; na verdade, sou ilustradora.

— Não, não! — discordou a jurada. — Achei o fim do seu livro maravilhosamente enigmático e muito verdadeiro. Nosso problema foi com as ilustrações, eu acho.

— Ah! O negócio do Etch A Sketch...?

— O conceito foi encantador. E sua execução técnica foi competente. Mas não ficamos satisfeitos com as imagens geradas por computador. Elas ficaram um pouco sem emoção, como a diferença entre um LP e um CD. Se você tivesse reproduzido os desenhos num Etch A Sketch de verdade, querida, é possível que tivesse vencido.

— A culpa é toda minha — disse Lawrence, desolado, quando a mulher se afastou. — Fui eu que a pressionei a experimentar o computador.

— Não seja bobo. Devia ter me ocorrido, mas nunca me ocorreu usar um Etch A Sketch de verdade. Aliás, isso é hilário. Eu era um gênio no Etch A Sketch aos oito anos de idade.

Entraram na fila para cumprimentar Jude, que continuava a exibir menos a expressão de quem tivesse acabado de receber um prêmio prestigioso do que a de quem houvesse tirado a Dama Preta no jogo de copas. De volta ao quarto, praticaram o Sexo de Consolação, o qual, embora ela ainda ficasse de frente para a parede, não foi de todo mau, e Irina até conseguiu convencer o parceiro a deixar a luz acesa. Para quem tinha sido uma das derrotadas da noite, ela estava numa alegria absurda, e despencou

vertiginosamente no sono, como quem mergulhasse de um prédio alto na calçada.



NO DIA SEGUINTE, ENQUANTO Lawrence transferia a bagagem do casal para um hotel mais barato no Upper West Side, oferecido pelos patrocinadores de sua conferência vindoura sobre a “Sociedade Civil Global”, Irina encontrou-se com Tatyana numa cafeteria Starbucks na Broadway.

— Você está com um ar bem jovial, considerando-se que perdeu — disse Tatyana, com outro solidário abraço de urso.

— Bem, como dizem, vencer não é tudo! — disse Irina, vivamente.

Enquanto Tatyana buscava os cafés, Irina experimentou um curioso desejo de conversar com Lawrence, embora eles só tivessem se separado há uma hora.

No passado, esse anseio pela companhia do parceiro no meio do dia, quando ele estava trabalhando, costumava ser um tormento, e Irina sentia falta disso. Nos últimos anos, o fato de ficarem separados tornara-se fácil demais. Sua onda de gratidão na noite anterior tinha reavivado os sentimentos mais intensos de uma era pregressa, na qual o som da chave dele na fechadura da porta a deixava com o coração aos pulos.

— Tenho uma fofquinha — disse, quando Tatyana voltou. — Uma novidade que você pode dividir com mamãe, para ela tomar cuidado. Sabe aquele cara alto e magro por quem ela ficou toda interessada ontem? Ele vai se casar.

— Oooh! Ela vai ficar aborrecidíssima! — riu-se Tatyana. — Ela flerta que é um horror, é claro, com tudo quanto é homem. Mas fazia séculos que eu não a via tão extasiada. No trem para casa, ouvi toda aquela conversa sobre como ele é *elegante* e *charmoso*, e sobre o quanto mamãe adorou o sotaque dele. Se você quer bem saber, e pode ser que ele fizesse sotaques britânicos antigamente, acho que

alguma coisa naquele cara fez mamãe se lembrar de papai. E ela não conseguia parar de falar na... como é mesmo?... *sinuca*...?

— Sinuca. Mas avise-a de que ele já está comprometido — disse Irina, em tom categórico. Com toda a franqueza, a perspectiva de Raisa cortejando Ramsey Acton, e mais ainda o inverso, dava-lhe ânsias de vômito.

Depois de pôr a irmã em dia com as novidades da família, Tatyana voltou a falar da cerimônia da véspera: — Você deve estar *muito* desapontada. Fazer toda essa viagem a Nova York para ter que aplaudir outra pessoa. E ela é sua amiga, não é? Ou foi? Fico pensando se isso não piora as coisas.

Irina deu de ombros.

— A Jude pode ficar com o prêmio, que, aliás, não me pareceu deixá-la muito feliz. E o Lawrence ficou tão arrasado por não ter sido eu, que... quase tive a sensação de ter vencido. Até na recepção, ele não conseguiu parar de me elogiar com as outras pessoas. Tentei lembrar-lhe que era deselegante ficar se gabando da própria parceira, mas ele estava tão orgulhoso que se recusou a ouvir. Ontem me bateu a ideia de que eu já tenho exatamente o que sempre quis: um homem inteligente, divertido, fiel e bonito.

Quando as duas se despediram, Tatyana inclinou a cabeça: — Continuo sem entender. Você acabou de perder um prêmio enorme mas está *radiante*! — E pareceu aborrecida com isso.



A REVELADORA GRATIDÃO DE Irina por seu bem mais precioso foi de duração tristemente curta. Isso porque, se em geral ela contava com a arquitetura de sua vida pessoal como certa, considerava mais certa ainda a arquitetura literal de sua cidade de origem. É claro, a história se presta à conclusão de que o repouso é raro, de que toda trégua está fadada a ser tão clemente quanto breve, de que a própria natureza da vida é instável e de que, portanto, é melhor estarmos preparados para praticamente qualquer catástrofe

que espregueite na esquina, numa manhã arbitrária qualquer. Por isso, a única verdadeira surpresa deveriam ser aquelas manhãs singulares e ensolaradas em que não há surpresa alguma. No entanto, desafiando tudo o que sabemos em tese, continua a ser uma prática psíquica comum presumir que as questões mundiais continuarão avançando aos trancos e barrancos como vinham fazendo, do mesmo jeito que, dia após dia, o próprio Galileu devia persistentemente conceber como imóvel o globo giratório em que nos precipitamos.

Por isso, o que Irina depois recordaria dessa manhã de terça-feira de café fraco no serviço de quarto do Hotel Esplanade seria sua regularidade. O *antes*, por natureza, nunca é vivido como anterior. Fazia quarenta e cinco minutos que Irina se levantara da cama, quando o 11 de setembro de 2001 ainda era apenas mais uma data no calendário, e não tinha como saber o quanto esses minutos eram preciosos.

Assim, desperdiçou-os na irritação com Lawrence por sua insistência em levantar tão cedo, quando ela teria gostado de dormir até mais tarde. A inesperada exultação da noite de domingo havia diminuído, e ela começava a se dar conta de que havia perdido a Medalha Lewis Carroll. Não haveria uma corrida precipitada à Barnes & Noble para comprar seu livro, nem a afixação febril de medalhões em relevo no estoque remanescente, nem a inclusão de “Vencedora da Medalha Lewis Carroll” nas futuras biografias incluídas nas orelhas dos exemplares. Era improvável que ela tivesse outra chance de obter esse imprimátur e, de repente, pareceu haver poucas coisas por que ansiar. Não admirava que Ramsey ficasse tão frustrado com sua condição de perpétuo segundo colocado. Os americanos, em particular, estabeleciam uma distinção tão clara entre ganhar e perder, a despeito de quão perto se chegasse — aquela jurada não dissera que ela havia perdido por um triz? —, que ser o segundo colocado ou ninguém era uma coisa só.

O desespero de Lawrence por causa dela havia chegado ao clímax, e já não era tão comovente. No jantar da véspera no Fiorello, Irina se deleitara com a recapitulação dele sobre a porcaria do livro de Jude (o qual, depois de rapidamente folheado, ele agora denegria como a Bíblia dos anoréxicos) e com seus comentários incisivos sobre como a mulher era intragável, como seu discurso de agradecimento tinha sido aterrador (a imitação feita por Lawrence fora hilariante) e como Ramsey devia ser maluco para querer uma segunda dose.

Nessa manhã, porém, Lawrence tinha voltado a afundar a cara no laptop; estava claro que seu pensamento tinha se voltado para a apresentação que ele faria no dia seguinte sobre a Tchetchênia. Pouco ansiosa por rever a mãe nessa noite, Irina temia que Raisa tomasse a notícia do noivado de Ramsey como um mero desafio, e ficava zozona ao pensar no pesadelo que seria vê-la baixar no Borough com uma montanha de bagagem, insistindo em que eles convidassem aquele adorável jogador de sinuca para jantar. Seu próprio contato passageiro com Ramsey no Pierre vibrava em sua cabeça como o dedilhar de uma corda de guitarra. Apesar daquela epifania quanto a ter em Lawrence tudo o que desejava, era doloroso saber que o homem com quem tinha fantasias em seu universo paralelo, O Sujeito Que Ela Quase Havia Beijado, ia se casar de novo. O Esplanade era mais ordinário do que o Pierre, não tinha nenhuma daquelas esponjas de engraxar sapatos nem a superfluidade dos cremes de limpeza facial aromaterápicos que ela jamais usaria, mas que enfiaria compulsivamente na bagagem de mão, e isso a fazia se sentir uma idiota por pagar cinco dólares por uma garrafinha de água mineral.

— Há! — rosnou Lawrence diante da tela, enquanto Irina contemplava a West End Avenue, lá fora, sentindo pena de si mesma. — A AOL diz aqui que um avião bateu no World Trade Center.

— Ora, isso está com jeito de negligência — retrucou Irina, irritada. — Sei que, às vezes, esses pilotos de aviões particulares saem da rota, mas, pombas, o Trade Center é maiorzinho do que uma cesta de pão. Seria de se esperar que eles virassem a direção antes de se espatifar nele. E o céu está límpido como um cristal!

Desconhecendo as objeções de Irina — que detestava a choramingação da televisão de manhã, porque isso a fazia sentir-se sórdida —, o Sr. Caçador de Notícias teve que ver por si. Resmungou qualquer coisa sobre achar uma estação local, mas o edifício apareceu fumegando na CNN.

— Meu Deus do céu, aquilo é um buraco enorme! — exclamou Irina, consternada, afastando o café e se aproximando da tela. — Lawrence, isso pode levar *anos* para ser consertado. Que aporrinhação! É o tipo de conserto que vai deixar a Wall Street coberta por aqueles andaimes deprimentes nas calçadas pelo resto da vida...

— Parece grande demais para ser um avião particular. Será que foi um avião comercial...? É difícil acreditar. Que piloto seria tão estúpido?

— Esse incêndio parece terrível. Se já havia gente trabalhando...!

— Pshhh! Quero ouvir isso.

Mas no exato momento em que Lawrence mandou-a calar a boca, o comentarista parou de falar. A câmera desviou para a outra torre e, embora esse mesmo filme viesse a ser repetido o dia inteiro, e a semana inteira, e, esporadicamente, por todos os anos futuros em que ainda houvesse tecnologia de vídeo, houve uma primeira vez, e ela foi diferente.

— Lawrence, o que está acontecendo? — gritou Irina. — Dois acidentes esquisitos na mesma manhã, isso é uma coincidência impossível!

— Não é coincidência — disse ele, sem alterar a voz. — Isso é terrorismo.

Os “terroristas” mais próximos de Londres eram aqueles bandidos do IRA que corriam de um lado para o outro com máscaras de esqui, atrapalhados, e que, francamente, pareciam ridículos. Embora ela nunca o tivesse dito tão sem rodeios, já que manifestar esse sentimento poderia melindrá-lo, a especialidade profissional de Lawrence sempre tivera para Irina, até então, um toque quase cômico de puerilidade.

— Mas quem faria uma coisa dessas? — esganiçou-se. — Isso é loucura! Com que propósito?

Os comentaristas e “especialistas” da CNN, procurados às pressas por toda parte, não tardariam a tecer uma vasta rede para falar da identidade dos culpados, desde os teóricos da supremacia racial dos brancos até Saddam Hussein. Mas Lawrence não hesitou: — É o Osama bin Laden.

— Sei, e quem é *esse*? — rebateu Irina. Estava furiosa.

— Ele esteve ligado ao primeiro bombardeio do World Trade Center, ao do USS *Cole* e aos da Embaixada no leste da África. Você não anda prestando atenção.

Em circunstâncias comuns, Irina poderia ter se ofendido. Mas não se ofendeu. Lawrence estava certo. Ela não vinha prestando atenção.

Nem se incomodou quando ele a mandou calar a boca. Calou-se. Ele aumentou o volume. Veio a notícia de que outros dois aviões tinham sido sequestrados. Um deles espatifou-se contra o Pentágono. O quarto caiu na Pensilvânia. Pela primeira vez na história todos os aviões dos Estados Unidos receberam ordem de pousar. Irina e Lawrence permaneceram de pé. Todas as interjeições dela foram óbvias: *Isso é pavoroso!* Já se evidenciava que durante algum tempo qualquer coisa que se dissesse soaria estúpida. Mas os eventos daquela manhã já haviam se tornado tão ofuscantes, e, em

comparação, eles dois e aquilo que diziam e pensavam eram coisas tão pequenas, que era quase como se não existissem. Assim, Irina nem teve oportunidade de se lamentar por ter desperdiçado um momento de angústia que fosse com uma quinquilharia chamada Medalha Lewis Carroll, porque, à medida que os corpos começaram a despencar dos andares mais altos, o prêmio, toda a sua carreira de ilustradora, suas frustrações com a mãe sexualmente competitiva e sua atração sediciosa por Ramsey Acton, tudo murchou tão depressa, que essas questões, antes monumentais, nem sequer tiveram chance de parecer insignificantes. Simplesmente sumiram.

Por mais que valha a pena lembrar que, durante anos inteiros da Segunda Guerra Mundial, ninguém soube se Hitler poderia vencer, logo caberia aos norte-americanos lembrar que, durante algumas horas daquele 11 de setembro, ninguém soube dizer se haveria mais aviões lá fora, se a Casa Branca ou o edifício Empire State seriam os próximos, se o próprio governo estava prestes a ser derrubado, ou se a ilha de Manhattan seria lançada ao mar. Agora que o globo giratório em que nos precipitamos obviamente não estava parado, tudo podia acontecer, e tudo aconteceu.

Quando a torre despencou do céu como um acordeão poeirento em que alguém tivesse pisado, Irina soube pela primeira vez na vida o verdadeiro significado da palavra *horror*. Em poucos e densos segundos um arranha-céu na extremidade de Manhattan, que servira de proa desde sua adolescência, e ao qual ela nunca dera grande importância, deixou de existir. Menos pareceu ruir do que evaporar. Na verdade, as grandes ondas vazias e móveis de pó desafiaram as leis da física, segundo as quais nada se cria e nada se perde. Erguer aquela torre de cento e sete andares havia exigido uma enorme quantidade de energia, e toda essa energia fora destruída.

É comum os gêmeos idênticos terem a mesma ligação dos casais unidos por muitos anos, e é comum uma metade do par

definhar quando a outra morre. Em menos de uma hora, talvez por tristeza, a segunda torre também se foi, desabando com insólita graça ao lado da irmã, como quem desistisse. Tal como, à notícia da morte de Diana num túnel parisiense, Irina se arrependera de ter disparado adjetivos impiedosos como *insípida* e *sentimentaloide* contra a pobre mulher, enquanto ainda estava viva, desejou, com frenética superstição, retirar qualquer insulto que algum dia houvesse proferido contra o World Trade Center — seu desdém pelos saguões espalhafatosos e cafonas, suas comparações daquelas dimensões comerciais pouco imaginativas com uma gigantesca oferta de leve-duas-pague-uma nas caixas de creme dental Colgate. Era como se alguém tivesse escutado, e não, não, ela não quisera dizer que gostaria que elas desaparecessem. Talvez fosse menos importante gostar de uma coisa do que estar acostumado com ela.

Lawrence passou o braço em torno dos ombros de Irina enquanto ela chorava. Foram lágrimas de outra ordem, diferentes das que ela já havia derramado — por sua inépcia no balé quando pequena, pelos gritos zombeteiros de “cara de cavalo” no ginásio, pelo desentendimento com Jude, por sua solidão quando Lawrence se ausentava. Olhando para trás, foi estarrecedor ter chorado por essas desprezíveis ocasiões de aflição, enquanto, durante todo o tempo, a tragédia em escala plena — a história maligna e repugnante da raça humana — se desdobrava logo adiante de sua porta. Na CNN, um comentarista após outro já dizia que nada jamais voltaria a ser o mesmo. Mas voltaria. Já tinham acontecido inúmeras coisas depois das quais nada deveria ter sido o mesmo. Não era a primeira vez que as pessoas faziam uma coisa hedionda, e não seria a última.

Justamente nesse dia deveria ter sido possível chorar o dia todo, mas não foi.

O fato de Irina haver soluçado por noites inteiras pela perda de um namorado, mas agora achar muito desgastante chorar mais de

dois ou três minutos pela perda de multidões, era apenas uma das tristes realidades sobre si mesma com que teria de conviver.

Depois de assoar o nariz, ela ligou para a mãe. Ninguém atendeu.

— O mundo está acabando — desesperou-se ao telefone —, e quanto você quer apostar que mamãe está *fazendo exercícios*?

Parecia uma loucura continuar a assistir pela televisão a fatos que estavam acontecendo a treze quilômetros ao sul dali.

— Tenho que ver com meus próprios olhos, Lawrence. Para que isso se torne real.

— Não há nenhuma linha de trem funcionando. E eles devem ter isolado o centro da cidade. Você não chegará nem perto de lá.

— Por favor — disse ela, pegando-o pela mão. — Você pode ir andando comigo?

Assim, fizeram uma peregrinação, um *hadj* — costurando pelo Parque Riverside, onde, na passarela à margem do Hudson, a curvatura da ilha obscurecia o que fumegava em sua ponta. Só ao chegarem lentamente ao fim do píer da rua 72 foi que puderam ver a nuvem branca erguendo-se, um jato suave de fumaça àquela distância, mas bastante real. Irina costumava associar o desastre ao estrépito, mas nenhum som era emitido pelo parque senão os de um silêncio extraterreno, de pássaros indiferentes e de um arrastar de pés ocasional, à medida que outros nova-iorquinos juntaram-se a eles aos poucos, fazendo a mesma caminhada aturdida. Pouca gente falava, e mesmo assim, só aos sussurros.

Todos se mostravam educados e ordeiros, mesmo na pista de ciclismo do West Side, um cenário comum de disputas mesquinhas entre ciclistas, patinadores e carrinhos de bebê. Desafiando as convenções urbanas, estranhos se entreolhavam. Pela primeira vez na memória de Irina aquela lhe pareceu uma cidade unida, um lugar

só, no qual, embora se fizesse muita referência a suas *comunidades*, a experiência de sentir-se parte de uma delas era rara.

— Acho que lhe devo um pedido de desculpas — disse ela baixinho na rua 50 Oeste. Afora a correria ocasional dos veículos de emergência, a autoestrada West Side, à esquerda deles, comumente engarrafada no centro da cidade, estava deserta, no estilo das cenas de *Mad Max*. — O seu trabalho... talvez eu não o achasse muito importante.

— Tudo bem — fez ele, sem lhe soltar a mão por um segundo. — Às vezes eu mesmo esqueço que ele é importante.

Ninguém os deteve até chegarem à rua Houston Oeste, onde a polícia havia montado um cordão de isolamento. Ali se reunira uma multidão respeitosa, em silêncio. O ar fazia os olhos arderem, com um cheiro acre de borracha queimada e níquel, e na balaustrada da pista de ciclismo acumulava-se uma cinza fina, batismal. Com as mãos caídas junto ao corpo, todos fitavam a pira fúnebre que se erguia ao longe, rendiam suas homenagens por uns cinco minutos e se afastavam em silêncio. Irina e Lawrence deram seu testemunho de cinco minutos, depois cederam o lugar a outros.

Na volta para o lado oposto da cidade, andaram pelas ruas internas. Mesmo quando o metrô voltou a funcionar, ali pelas cinco da tarde, nenhum dos dois tentou embarcar. Não se fazem peregrinações por roletas. Na Times Square, onde não havia trânsito, caminharam lentamente pelo meio da Sétima Avenida. No alto, o letreiro digital corria, dizendo ATAQUE AOS ESTADOS UNIDOS ... JATOS SEQUESTRADOS DESTROEM TORRES GÊMEAS E ATINGEM O PENTÁGONO... Pedacos de destroços carregados pelo vento rodopiavam pela rua vazia, como as sobras de uma frenética celebração de Ano-novo, depois que a bola desce e a cidade inteira fica de ressaca. Alguns restaurantes haviam aberto as portas, embora todos os estabelecimentos de aparência ligada ao Oriente Médio tivessem suas persianas firmemente cerradas.

— Detesto parecer banal — disse Irina no Columbus Circle —, mas, se tinha que acontecer... fico contente por estarmos em Nova York. Se estivéssemos na Inglaterra, eu me sentiria excluída.

— É, acho que isso é meio banal — admitiu Lawrence —, mas o que não é banal agora?

— Eu lhe digo o que não é banal — retrucou ela, parando para virá-lo em sua direção. Os dois estavam bloqueando a entrada do Central Park, mas os pedestres à sua volta foram deferentes e lhes deram espaço. Irina pôs as mãos nos dois lados do rosto de Lawrence e o beijou. Por suas faces tornaram a escorrer lágrimas puramente particulares, mas não houve vergonha nelas.

11



DEPOIS DE ELA E RAMSEY TEREM discutido furiosamente, alheios ao evento histórico mais catastrófico de toda a existência deles, a revolta de Irina produziu um efeito colateral positivo: sua promessa de que os dois nunca mais voltariam a brigar. Até Ramsey, para quem o jornal só começava propriamente nas páginas esportivas, ficou intimamente tão circunspecto, e a promessa que ela lhe arrancou de se emendar pareceu sincera.

Para Irina, o castigo imposto por esse senso grosseiro de desproporção foi a exclusão. Com telefonemas frequentes de Tatyana, ela inferiu que já se instalara em Nova York uma insidiosa competição pela posse: quem tinha perdido entes queridos, quem havia escapado do Trade Center na hora exata, quem estivera no centro da cidade naquela manhã, quem tinha visto ao vivo o desmoronamento das torres, em vez de meramente acompanhá-lo pela televisão, quem vinha tendo crises de asma por ter respirado o ar nocivo da rua 19, em vez de respirar com facilidade o ar seguro e não afetado do Upper West Side. Instalada na lonjura de Brighton Beach e tendo perdido por completo até mesmo o primeiro desabamento televisionado das torres, enquanto fazia umas comprinhas na Avenida, Tatyana tinha uma posição local pouco mais privilegiada do que se houvesse estado em Idaho. Assim, pareceu contentar-se em regalar a irmã com histórias das linhas de metrô fechadas, descrevendo o clima anômalo de ocupação de Manhattan, com policiais e soldados da Guarda Nacional em cada esquina, como uma república africana depois de um golpe militar. Só na

comparação com uma expatriada, a um oceano de distância do 11 de setembro, é que ela podia enfatizar sua situação de participante privilegiada dos acontecimentos.

É que o ataque nunca pertenceria a Irina. Nem um cisquinho. Seu direito a opinar sobre o tipo de estrutura que se poderia erigir no lugar do World Trade Center, ou sobre a invasão retaliatória do Afeganistão, foi rescindido, e, toda vez que um desses assuntos surgia na conversa, ela era reprimida. O próprio cataclismo transfigurou-se numa reprimenda pessoal, numa desgraça concebida para lembrar a Irina Galina McGovern, em particular, o quanto o mundo externo podia sair pavorosamente dos trilhos quando se dava as costas a ele. Com certeza, tratava-se de um lembrete de que existia um mundo externo, um lembrete eternamente ligado, na cabeça dela, a uma desgraça pessoal. Irina chegou até a combater a superstição lunática de que, se não tivesse ficado trocando farpas a portas fechadas, se tivesse lido os jornais, concentrando-se no que importava, sua atenção teria mantido aquelas torres presas no céu.

Naquela manhã, ela havia acusado Ramsey de “sabotagem” no Hotel Pierre; na verdade, ambos eram culpados de ter colocado bombas sob seu próprio carro. Humildemente, concordaram em que estragar os vinte, talvez no máximo trinta anos que lhes restavam como casal, tentando esganar um ao outro, seria um extremo desperdício, e a partir de 13 de setembro de 2001 nem um nem outro poderia ter sido mais gentil, terno ou delicado.

Ramsey levou Denise para um homem instalado no centro financeiro de Londres, que diziam ser milagroso com tacos de sinuca. Mas, depois de um conserto de 2.500 libras, declarou que teria dado na mesma se partisse para o quintal e arrancasse um galho de árvore. Ele procurou por toda parte e gastou vários milhares de libras numa multiplicidade de substitutos vistosos. Mas, como num romance, ele não precisava de cinco “quases”, e sim de um único verdadeiro amor; era tão impossível substituir Denise

quanto a própria Irina. Retirou-se da Copa LG, depois saiu do Campeonato do Reino Unido, e pela primeira vez começou a considerar a ideia de se aposentar.

Irina ficou dividida. Não se comprazia em correr atrás dele pelas turnês nem em aguardá-lo no East End durante outras temporadas de nove meses, como viúva da sinuca. Mas detestava a ideia de ele sair de cena depois daquela nota triste, daquela final vulgar e embriagada no Crucible. Com meros quarenta e seis anos e prestes a ganhar a Medalha Lewis Carroll, ela mesma não tinha intenção de se aposentar, e ficava nervosa com a ideia de que o ócio de Ramsey, sem nada que lhe estruturasse o dia, viesse a levá-los à discórdia. Ele já andava interrompendo-a o tempo todo — “Onde está meu blusão preto?” — enquanto ela desenhava febrilmente para cumprir um prazo. Sem a sinuca, Irina temia que o marido ficasse perdido e que algo vital em seu próprio coração também viesse a morrer. Tinha se apaixonado por Ramsey Acton, o astro mundialmente famoso da sinuca. Ramsey Acton, ex-astro da sinuca, não tinha o mesmo apelo.

Passaram muitas noites desanimadas cogitando os rumos que Ramsey poderia tomar depois de encostar o taco: ser comentarista da BBC, fazer comerciais para um patrocinador, criar uma academia de sinuca para os desfavorecidos, escrever suas memórias. Mas no fundo ela sabia que o marido jamais criaria uma academia de sinuca nem qualquer outra coisa. Aposentado, folhearia a *Snooker Scene* com insatisfação, assistiria de cara fechada e também insatisfeito aos torneios televisionados e, afora isso, se jogaria na poltrona, de olhos vidrados, diante do programa *How Clean Is Your House?*

Apesar disso, haveria vantagens. Tirando da cabeça a Regra do Ooty Club — ou seja, o interesse exclusivo de Ramsey em viajar para lugares que tivessem alguma coisa a ver com a sinuca —, Irina supôs que eles poderiam gastar com proveito as somas polpudas

que o marido ganhara para conhecer o mundo. Se Ramsey não passasse a maior parte do ano em turnês, o casal finalmente poderia desfrutar a vida doméstica — dos simples prazeres de um café com a leitura do *Daily Telegraph*, de janelas limpas e dos narcisos amarelos, de um *cabernet* e do *Newsnight*.

Pelo inverno adentro, contemplar as opções tornou-se, por si só, uma ocupação de horário integral. Gastar o presente em futuros fantasiados era um passatempo de adolescentes, impróprio para um homem de cinquenta e um anos.

Ramsey sabia perfeitamente bem que não compraria uma fazenda de produtos orgânicos nem se mudaria para a América do Sul.

Enquanto isso, como a neurose é um gás que se expande e preenche qualquer espaço que lhe seja oferecido, Ramsey, o nômade independente, tornou-se um hipocondríaco ainda mais desenfreado. Nos últimos tempos, sua queixa havia migrado de um vago mal-estar intestinal para o fato de que fazer xixi demorava demais. Ele começou a se levantar da cama duas ou três vezes por noite para esvaziar a bexiga, e vivia reclamando de dor na parte inferior das costas ou rigidez no alto das coxas. Não passava um dia sem que se declarasse inespecificamente “fora de forma”, embora fazê-lo descrever com precisão o que queria dizer com isso, onde era a dor ou se estava constipado, fosse como interrogar uma criança de três anos.

Bem, todo mundo tinha suas manias, e Irina podia aguentar as de Ramsey. Há anos sabia que ele tinha uma relação nervosa e indagativa com o corpo — sempre havia uma sinistra doença terminal espreitando na esquina — e, com toda franqueza, para ela era difícil levar a sério as inquietações do marido com a saúde, enquanto ele continuava a fumar. À medida que Ramsey variava doenças imaginárias, ela variava a reação. Às vezes, era indulgente

com cada uma das pontadas e gemidos; nos últimos tempos, andava mais inclinada a ignorá-los.

Tudo tinha jeito. Trabalhando num novo projeto de ilustração, Irina podia arcar com as interrupções no andar de cima; ansioso por uma atividade, Ramsey fazia quase todas as tarefas de rua. Preencher o tempo com praticamente nada era um talento, e ele parecia ter bossa para a coisa. Foi como se uma serena paisagem de companheirismo se descortinasse diante do casal, exceto por um senão.

Depois do 11 de setembro e daquele arranca-rabo pavoroso, os dois tinham ficado arrasados, e era natural que sua vida sexual tivesse diminuído. Mais ou menos em outubro, porém, a agenda regular de intimidades certamente já poderia ter recomeçado. Afinal, mesmo no auge da irascibilidade, algo em que eles sempre tinham sido bons era trepar.

Ultimamente, no entanto, raras vezes Ramsey parecia inclinar-se a ir além de se enroscar no corpo de Irina por trás. O encaixe, como sempre, era delicioso, mas havia configurações alternativas que também se encaixavam muito bem, e, nessas, Ramsey demonstrava um interesse decrescente. Uma noite, em novembro, os dois partiram para os finais, mas, como se tivesse achado tudo escuro e assustador lá dentro, o pinto dele encolheu-se timidamente e recuou exausto para a superfície. Noutra ocasião, devem ter tentado por uma meia hora, mas a inserção reiterada do pênis esponjoso fez Irina lembrar-se da primeira vez em que tentara introduzir um Tampax na vagina, quando adolescente, e não se dera conta de que era preciso manter o algodão macio dentro do envoltório de cartolina. Depois disso, algumas noites, ela insistiu tacitamente no assunto, deslizando os dedos pela barriga lisa e plana de Ramsey, mas só fez descobrir... bem, era como enfiar a mão num pote aberto de pickles que não tivesse sido refrigerado. “Não está

funcionando, gatinha”, ele resmungava nessas horas, e, depois de um abraço tranquilizador, Irina o deixava em paz.

Era possível que, como dois gravetos esfregados um no outro, eles tivessem se tornado dependentes demais do atrito para entrar em ignição, e a tranquilidade forçada não conseguisse acender seu fogo. Sentir saudade das disputas de gritaria parecia bobagem, mas Irina não tinha pretendido jogar fora a fabricação de bebês junto com a água suja do banho. Por outro lado, apesar das declarações animadas de que fechar as portas da sinuca para sempre seria “um alívio”, podia ser que Ramsey estivesse deprimido com a perspectiva da aposentadoria, quem sabe com uma depressão clínica. A impotência — palavra que Irina temia — era um sintoma clássico.

Ela preferia qualquer dessas teorias à terceira: a de que Betsy tivesse razão.

De que não fosse possível “sustentar a coisa”. De que o fato de haver durado mais de quatro anos aquele desespero contínuo de pôr as mãos um no outro fazia deles um casal de sorte, mas todas as relações acabavam percorrendo o mesmo trajeto: o sexo se acomodava numa coisa boa e simples, conhecida e, em muitas noites, de um jeito meio sonso, trabalhosa demais. A decepção de Irina foi arrasadora. De que adiantava deixar Lawrence e causar toda aquela confusão, só para acabar onde havia começado?

Mas, nesse caso, ela e Ramsey estavam fatalmente fora de sincronia. Irina continuava a desejá-lo, com uma intensidade que se vinha tornando obsessiva.

Quando o marido ia ao Safeway, ela adquirira o mau hábito de se masturbar às pressas e freneticamente no estúdio, durante essas ausências. Suas fantasias eram vívidas, verbais e variadas, mas tinham uma coisa em comum: eram sempre, infalivelmente, relativas ao marido.



PORTANTO, ERA CAFONA, mas, antes de embarcá-lo por levantar o assunto na hora do jantar, ou de buscar uma diminuição terapêutica do problema, Irina decidiu reduzir a roupa, ponto. No Dia dos Namorados, com certeza, não faria mal experimentar a jogada da roupa íntima sensual. Uma coisa visualmente nova poderia estimulá-lo, ou, pelo menos, talvez eles dessem risada da nova indumentária.

Junto com metade dos homens de Londres, aparentemente, Irina aventurou-se pela Agent Provocateur, e descobriu que a lingerie se distanciara muito da renda vermelha e das ligas que davam coceira, exibidas nas *sex shops* da rua Christopher na sua juventude. Alguns corpetes eram de bom gosto, os sutiãs eram atraentes, mas não desconfortáveis, e ela acabou se divertindo bastante. Na saída, sua compra atingiu a soma estarrecedora de 312,16 libras. Mas, que diabo, Ramsey era rico.

— Sinto muito, madame, mas seu cartão foi recusado.

Meio enrubescida, Irina refreou o impulso de anunciar que não era nenhuma pobretona, muito obrigada, que seu marido era um desportista de fama internacional, que ganhara milhões... sabendo que a vendedora não acreditaria e não daria a mínima.

— Ah! Talvez meu marido tenha se esquecido de... ou pode ter havido um erro do computador. Use este, por favor.

Para sua mortificação, o Visa e o Switch também foram rejeitados, e a fila às suas costas, na correria do Dia dos Namorados, dava voltas pelo corredor. O único outro dinheiro de plástico à sua disposição era o MasterCard de Lawrence, ainda emitido no nome dos dois e que só expiraria no mês seguinte. Mas pôr uma despesa feita na Agent Provocateur na conta de Lawrence ultrapassaria todos os limites.

— Se você puder deixar isso reservado para mim, eu volto com o dinheiro — murmurou.

Com ar afetado, a vendedora enfiou sob o balcão a pilha de caixas enfeitadas com fitas, deixando transparecer na expressão *blasé* o ceticismo ante a possibilidade de que aquela caloteira voltasse em algum momento para buscá-las.

Tinha razão.

Sem nenhum presente com que exhibir seus dotes, Irina voltou para a Victoria Park Road em estado de alerta. Devia haver uma explicação, alguma confusão financeira temporária. Encontrou Ramsey na cozinha, prendendo uma ponteira num dos tacos novos, cada um dos quais tivera um custo na faixa das 1.000 libras. Nesse exato momento, desejou que ele declarasse sua aposentadoria com firmeza, em vez de simplesmente se retirar dos torneios, um a um — caso em que não haveria o menor propósito em colar tão meticulosamente aquela rodinha de feltro na ponta de uma vara que serviria para pouco mais do que improvisar um mastro de bandeira.

— Onde você foi, querida?

— Fazer compras.

— Não estou vendo nenhum embrulho.

— Não.

Ramsey saiu para fazer xixi e, na volta, propôs: — Dia dos Namorados, não é? Acho que está na hora de irmos àquele lugar em Smithfield de que você vive falando e resgatá-lo do Homem-anoraque.

— O Club Gascon pode nos custar umas trezentas libras, conhecendo seu gosto em matéria de vinhos — sugeriu ela, sem alterar a voz. — Acho que devemos jantar em casa.

— Ei, só se vive uma vez!

— Em termos de jantares caros, já vivemos várias vezes.

Mesmo ansiando pela certeza de que simplesmente nunca houvesse uma pilha de cheques chegando pelo correio, Irina estava inquieta.

— Ramsey... você sabe de alguma razão para os seus cartões de crédito serem recusados?

Ramsey aparou atentamente os lados da ponta de feltro com uma gilete.

— Pode ser que eles estejam, digamos, com o limite um pouquinho estourado.

— E por que estariam? — perguntou ela, calmamente, embora haja variações de calma que beiram a loucura; tinha começado a tremer. — Você está precisando de uma transferência de fundos?

— Pode-se dizer que sim. Tipo, de um outro panaca para mim.

Ela teve que se sentar.

— O que você está me dizendo?

Ramsey examinou a ponteira com ar crítico; havia tirado uma lasca do metal.

— O panorama geral não está muito claro para mim... esse negócio de grana me enche o saco, para ser franco, mas parece que estou meio duro.

— Você está *quebrado*?

— Isso seria uma expressão mais americana.

Era uma experiência estranha começar a sofrer de hiperventilação enquanto estava apenas sentada numa cadeira.

— Acho que este não é o momento de examinarmos as minúcias da linguagem coloquial. Ramsey, quer parar de mexer nesse taco e falar comigo!

Ramsey baixou o taco e a fitou, e Irina percebeu que o *panorama geral* lhe era mais claro do que ele havia admitido.

— De acordo com sua página na Web, você ganhou ao longo da vida mais de quatro milhões de libras. *Onde elas estão?*

Ramsey deu de ombros.

— A Jude me tirou uma bolada e tanto. E você faz alguma ideia, amoreco, de como é moleza torrar alguns milhões de libras?

— Não me venha com *amoreco*! Você prometeu. Não estamos mais nessa de amoreco, ponto final.

Ficaram sentados um em frente ao outro, respirando.

— Você recebeu cento e cinquenta mil pela final em Sheffield — disse Irina.

Não iam brigar, ela não queria brigar, mas estava com a garganta apertada e com dor nos pulmões. — Você comprou esses tacos e mandou consertar a Denise, ou embalsamá-la, já que aquilo só permitiu que ela tivesse um enterro decente.

Sáimos para comer fora. Mas não é possível que tenhamos acabado com 150 mil libras nos últimos nove meses.

— Fiz uma fezinha nos resultados da final.

— Da sua final? Isso é legal?

— Desde que você não aposte no outro cara, não há nenhuma regra que o impeça. Apostei em mim. Achei que isso demonstrava confiança. E, com uma cotação de oito para um, eu ganharia uma baba.

— Por quê? Quanto você apostou?

— Cem.

Ao assimilar a ideia de que ele não se referia a cem libras, mas a cem mil, o rosto de Irina esquentou tanto que, se enfiado no forno Easy-Bake de sua infância, teria assado um bolo.

— Você nunca me disse que tinha problemas com o jogo.

— Eu nunca disse que era um problema.

— Agora é.

— Besteira. É só o que o Clive Everton chamaria de uma *infelicidade*.

— Quando o Everton diz *infelicidade*, em geral quer dizer *idiotice* — rebateu Irina. Não só a observação fora tirada de Lawrence, sem o menor tato, como certamente se qualificava como

um insulto violento, e ela o retirou. — Desculpe, foi só uma coisa que saiu. Não quero ter uma briga — disse. A adrenalina atingira um pico em sua corrente sanguínea e a deixara fraca. — Por que você não me contou que estava passando por dificuldades financeiras?

— Não queria que você se preocupasse, não é? *Adoro* gastar dinheiro com você, gatinha.

Era hora de assumir o controle como adulta. O que Irina não tinha feito até então. Não sabia nada sobre as finanças do marido porque nunca havia perguntado. Andara bancando a menininha. Tal como o próprio Ramsey, entrara de armas e bagagem na ilusão clássica do novo-rico: a de que muito dinheiro é igual a uma quantidade infinita de dinheiro.

— Então, não é uma hora estranha para pensar em aposentadoria? Você não jogou em nenhum torneio nesta temporada.

— Uma das razões por que ando ficando fora dos torneios é a grana, gatinha — disse ele, em voz baixa. — Comida, transporte, hotel... o circuito não é grátis.

Nenhum desses tacos novos bate melhor do que um varejão de balsa. Se eu não chegar pelo menos às quartas, essas primeiras rodadas nos deixam num buraco ainda mais fundo.

— Eu gostaria que você tivesse me *contado!*... Mesmo assim, não há motivo para pânico. Esta casa vale uma fortuna no mercado atual. Podemos hipotecá-la.

Ramsey franziu o cenho.

— A gente pode fazer três hipotecas?

— Pensei que você fosse o dono deste lugar, sem nenhum ônus! — Mais respiração. — Está certo. — E mais respiração. — Mas isso quer dizer que você não está só quebrado — conseguiu falar. — E também com os cartões de crédito estourados... Você está encalacrado.

— Seria um modo de expressar a ideia.

- Você tem outro modo para expressar essa ideia?
- Não exatamente.
- Aonde você vai?
- Tirar água do joelho.
- Você acabou de ir há poucos minutos.
- Chá — disse ele, embora Irina duvidasse muito; o

conhaque estava na bancada.

Ao voltar, Ramsey veio andando como se tivesse noventa anos, com a mão nas costas.

- Fora de forma — resmungou.

Quando se fecha uma válvula de escape num sistema sob pressão, ele tende a criar um vazamento em outro lugar; a exasperação completa finalmente impregnou a voz de Irina.

— Você quer *fazer o favor* de consultar um médico? Trate de cuidar seja do que for que o está deixando doente, ou então cale a boca!

Ramsey levantou as mãos.

- Tudo bem!
- Suponho que pelo menos você tenha seguro de saúde, não

é?

— Hmm. Acho que aquela apólice pessoal foi uma das primeiras coisas a dançar.

— Pelo amor de Deus! Bom, ainda resta o Serviço Nacional de Saúde. Você tem um clínico geral?

- Não registrado.
- Você é hipocondríaco e nem sequer tem um médico?

Irina nunca lhe dissera essa palavra na cara.

A expressão de Ramsey tornou-se sombria.

— É o meu sistema hidráulico que anda ruim, não a minha cabeça. E não gosto de médicos.

- Quando foi a última vez que você fez um checkup?

— Eu não saberia dizer — respondeu ele, com ar desconfiado.

— Você passou dos cinquenta. Deveria fazer uma colonoscopia e sei lá mais o quê. Vou lhe arranjar um clínico amanhã. Providenciaremos seu registro e marcaremos uma consulta para um exame completo. Você deve ter pagado uma fortuna em impostos. Bem que pode tirar algum benefício disso.

E assim, oficiosamente, Irina assumiu o controle, e seria muita sorte se um dia conseguisse devolvê-lo.



ENCONTROU-SE COM O CONTADOR de Ramsey — com isso fazendo mais uma despesa com que eles não pareciam poder arcar — e obteve o triste resumo dos fatos. Ramsey tinha algumas aplicações cujo prazo de resgate ainda não vencera, mas provavelmente valeria a pena sacrificar parte do rendimento para reduzir aquela dívida com os cartões de crédito, que era um verdadeiro confisco.

Enquanto isso, para manter os pagamentos da hipoteca e bancar as despesas diárias, os dois teriam que viver com a renda de Irina, se é que ela merecia esse nome.

Sua poupança era generosa para um pé-de-meia, mas mínima para a sobrevivência. As obrigações pendentes de Ramsey eram tão esmagadoras que, de repente, os cinquenta mil dólares recebidos pela Medalha Lewis Carroll pareceram um trocado. Quanto aos excepcionais cheques a receber pelos *royalties*, que supostamente eram certos, sua nova editora nos Estados Unidos havia constatado que as vendas de *Partida e jogo* tinham sido decepcionantes. Ao que parece, nem mesmo o selo dourado gravado na capa conseguia coagir os norte-americanos a comprarem um livro sobre *sinuca*. Irina só receberia a primeira metade do próximo adiantamento quando entregasse o material. Ramsey passara quase cinco anos regalando-a com uma privilegiada vida de luxos, e não

era defensável ela se ressentir de bancar as despesas da casa por algum tempo.

Mesmo assim, gostaria que alguém a tivesse avisado, na época, que as contas de todo aquele champanhe e *sushi* acabariam caindo no seu colo. Tanto dinheiro desperdiçado!

Entre a falta de poder profissional e a inexistência de poder de compra, de uma hora para outra, Ramsey devia estar se sentindo emasculado. Não suportava ver a mulher pagar tudo, mas não tinha alternativa, e assim, rendeu-se a uma dependência infantil em todos os planos. Ciente de que, em muitos aspectos, havia se portado como uma princesinha, Irina passou a fazer de tudo. Dispensou a empregada e deu uma geral na casa, ela mesma, de cima a baixo. Quando anunciou que eles não fariam refeições fora, fim de papo, e mais, que a história do arroz integral com legumes já era, Ramsey não opôs resistência. Mas o novo regime exigia que ela preparasse todas as refeições e, por ser exigente com os ingredientes, fizesse a maioria das compras. Tudo isso a fez atrasar-se nas novas ilustrações, a única perspectiva imediata de renda do casal. Ramsey andava tão desamparado que não quis ir sozinho nem mesmo à consulta com o novo clínico, embora fosse apenas um checkup de rotina. O clínico fatalmente atestaria que ele estava em perfeitas condições de saúde, mas o veredicto oficial de que não havia nada errado ao menos o obrigaria a parar com a dor de barriga, já que ambos tinham problemas maiores nesse momento do que seus distúrbios imaginários.

Sentada na despojada sala de espera da clínica local do East End, Irina examinou os outros pacientes — bangladeshianos de um lado, brancos do outro, estes esqueléticos ou obesos. A turma do East End retribuiu seu olhar; os acenos de cabeça e as cutucadas nos vizinhos indicaram o reconhecimento do astro local da sinuca. Irina detestava ser esnobe, mas era difícil não compartilhar a consternação dos moradores do bairro ante o fato de o homem que enfeitava suas

telas de televisão, várias vezes por ano, receber atendimento médico do velho e desprezível sistema do Serviço Nacional de Saúde, junto com todo mundo.

O nome dele foi chamado e Irina lhe incentivou a ter coragem, já soando como sua mãe. Ramsey detestava tirar sangue; ora, quem não detestava? Com um adeusinho, desapareceu pelo corredor verde-ervilha, e por alguns minutos ela teve o curioso pressentimento momentâneo de estar dando adeus não ao marido, mas à presumida certeza de algo lindamente inconsciente e simples, que talvez nunca mais voltasse para a sala de espera. Olhando para o painel digital que recomendava aos pacientes não deixarem de informar a seus médicos quando os tratamentos de fato funcionavam, para “manter o moral elevado”, Irina se maldisse por não ter levado um livro.

Ramsey demorou muito. Quando finalmente voltou, com os punhos da camisa desabotoados e a jaqueta de couro na mão, arrastando no chão uma das mangas, exibia uma expressão cujo matiz particular de seriedade Irina nunca tinha visto. Num ou noutro momento, ela havia criado caso com o marido por ser tão resmungão. Mas, nesse instante, a expressão de seu rosto a fez lembrar aquele grafito banal dos anos sessenta que dizia que ATÉ OS PARANOICOS TÊM INIMIGOS DE VERDADE. O corolário evidente era que até os hipocondríacos adoecem.



— EU TINHA PENSADO QUE VOCÊ já não sentia atração por mim — comentou ela.

Os dois tinham descido instintivamente para o salão de sinuca do subsolo, o lugar onde Ramsey mais se sentia à vontade. Mas se aninharam no sofá de couro com um jeito desconexo de refugiados, como quem buscasse asilo na própria casa. Sob o cone de luz que incidia sobre a mesa de sinuca, o pano reluziu mais uma vez como um pasto verdejante de piquenique, porém com um jeito

maior de que a grama do vizinho era mais verde. O campo estava fisicamente diante deles, mas a serenidade a que dava vida era coisa do passado.

— Mas é que você não pode, não é? Por que não me contou?

Durante todo aquele tempo, era com a coisa de que Ramsey não se queixava que ela deveria ter se preocupado.

— Achei que podia melhorar, sei lá. E estava com medo.

— Negação não resolve? — disse Irina. Piadinhas não teriam graça; brincar já estava sendo difícil. Até o *É minha prostração* dito por Ramsey — ele não era tão analfabeto assim, sabia a diferença de próstata — tinha caído no vazio.

— É muito injusto — ela continuou. — Por que não podia ser uma manchinha suspeita na sua escápula? É como se alguém lá em cima estivesse nos caçando. Literalmente desferindo *um golpe baixo*.

— Eu não diria já ter acreditado que a gente sempre mata aquilo que ama, mas, com certeza, tem algum sacana que vai fazer isso.

— Mas não é definitivo. Você precisa de outros exames.

— É — fez ele, desanimado. — Mas quando aquele paquista meteu o dedo no meu rabo, ficou com uma cara esquisita. Não pareceu satisfeito.

— Você não devia chamá-lo de paquista — disse Irina em tom murcho.

Não era *atraente*, mas o grande número de médicos do Terceiro Mundo que agora enchiam o SNS despertava uma desconfiança universal, pela suposição, provavelmente infundada, de que não tinham formação suficiente. — Quando vão chegar os resultados do laboratório?

— Não sei.

— Até lá, como é que nós vamos fazer alguma coisa? Não consigo me imaginar preparando o jantar, e não é só hoje, mas em qualquer dia. Acabaremos morrendo de fome. E nem pensar em

fazer desenhinhos idiotas. Como é que as pessoas agem nessas situações? Como é que a gente não tropeça, todos os dias, em centenas de pessoas que simplesmente desabaram na calçada? É isso o seu *câncer de próstata*.

De repente, abriu-se uma porta para a angústia que havia cercado todos os lados daquela casa encantada durante anos, e Irina se deu conta de que, até aquele momento, sua vida tinha sido excepcionalmente prazerosa. Teria sido bom reparar.



ELA RECUPEROU SUAS HABILIDADES culinárias — na verdade, andava tão ansiosa por cozinhar para Ramsey que ele chegou a reclamar que ela ia deixá-lo gordo — e, afora isso, ocupou grande parte dos muitos dias seguintes lendo páginas de medicina na internet. O lado bom dessa pesquisa era dar-lhe algo que fazer; o ruim era que a deixava com o estômago embrulhado.

Em todos esses sites, a afirmação de que praticamente todos os homens teriam alguma forma de câncer de próstata, mais cedo ou mais tarde, era tranquilizadora, mas o simples fato de a doença ser comum não a tornava obrigatoriamente mais palatável. Todas as terapias descritas, e havia uma legião delas, anunciavam índices de sucesso animadores, mas também uma lista de possíveis efeitos colaterais. Embora estes variassem quanto aos detalhes e à gravidade, um padrão começou a emergir: dor pélvica, leve premência urinária, edema no escroto, *impotência*. Infecção em torno da incisão, sangramento pós-operatório, incontinência, *impotência*. Sangue na urina, sensação de ardência na parte inferior do escroto, dificuldade para urinar, *impotência*. Diarreia, irritação do reto, náusea, *impotência*.

Não adiantava sentir pena de si mesma, embora ela torcesse para não ser repreensível sentir pena do casal Ramsey e Irina. Nos dias em que se angustiara para decidir se devia ou não se separar de Lawrence, ela havia pensado muito no sexo, em saber se ele era

importante. Ao escolher Ramsey, havia concluído claramente que o sexo era *importantíssimo*. Agora, estava na hora de reexaminar essa questão e, pelo bem do marido, dela mesma e da felicidade futura do casal, tentar concluir, ao contrário, que os dois poderiam viver sem ele.

Bem, é claro que poderiam viver sem ele. Apesar do grande estardalhaço cultural a seu respeito, o sexo não durava muito, não é? Não ocupava grande parte do dia. A gratificação que trazia era fugaz. Tratava-se de um mero exercício de pôr uma coisa dentro de outra, e a mulher era capaz de experimentar mais ou menos a mesma sensação por outros meios. Quanto à privação afetiva, talvez ela se angustiasse mais se alguma coisa nos moldes do câncer de laringe de Alex Higgins os impedisse de se beijarem. Ainda poderia cair sobre a boca do marido como quem desse um salto nas trevas; os dois continuariam capazes de se entrelaçar num imperscrutável quebra-cabeça de mesinha de centro ao amanhecer. Ainda poderiam jantar juntos (mesmo que não fosse mais num restaurante...) e ir de mãos dadas ao cinema. Ramsey não deixara de ser bonito, e ela continuaria a se derreter inesperadamente ao olhá-lo por cima da borda da xícara de café. Ora, na verdade, todo o banquete da vida continuava exposto diante deles, e ficar fixada na retirada de um único prato saboroso da mesa parecia de uma mesquinhez extrema.

Como quer que fosse... se transar não demorava muito, alguma coisa nessa diversão beneficiava o resto do dia. Embora dispusesse de recursos suficientes para falsificar aquela sensação, Irina não a queria de outra maneira. Aliás, nas ocasiões em que Ramsey tentara dar-lhe prazer nessas últimas noites, ela dissuadira gentilmente sua mão, porque a perspectiva de gozar enquanto ele ficava inerte era tão pouco atraente quanto a ideia de passar férias sozinha numa ilha romântica e enviar cartões-postais. Desde o checkup, até os beijos tinham sofrido uma transformação sutil. Ah, num sem-número de tardes ela se habituara a buscar os lábios do

marido e não ir adiante. Mas, agora, beijar era um lembrete das restrições — não do que eles poderiam fazer, mas do que não poderiam.

Mesmo em sua privacidade, Irina instituiu uma moratória. De repente, as travessuras no estúdio quando Ramsey dava um pulo ao Safeway, no estilo o rato faz a festa quando o gato está fora, pareceram uma traição, como comer barras de chocolate às escondidas quando o cônjuge está de dieta. Se Ramsey estava se abstendo, ela também se absteria. No cômputo geral, era um sacrifício pequeno — não era? Deveria ser. Realmente deveria ser. Infelizmente, o fato de dever ser não significava que fosse.

Mas, embora fosse natural qualquer esposa ponderar sobre esse assunto, a intensidade com que Irina remoía a perspectiva do celibato permanente era suspeita. Talvez estivesse se agarrando à incapacidade do marido na cama para desviar a atenção do que poderia revelar-se outra impotência iminente, de natureza mais derradeira.



— É CLARO, É NATURAL QUE A imaginação corra solta — disse Irina, na caminhada para a clínica a que Ramsey finalmente fora chamado. — Mas quase tudo que eu li naquelas páginas da internet foi reconfortante. Mesmo que você tenha a doença, desde que esteja num estágio razoavelmente inicial, as probabilidades de recuperação completa são grandes. Eles progrediram muito nesse negócio e há uma gama enorme de tratamentos diferentes. Admito que quase todos vêm acompanhados de um pequeno... incômodo... mas a maior parte dele é temporária.

— *A maior parte* — repetiu Ramsey, que não quisera chegar nem perto do computador. — Qual parte não é temporária?

O, digamos, *padrão* detectado por Irina nos conjuntos de efeitos colaterais, esse ela havia guardado para si.

— Na verdade, não faz sentido falarmos nisso enquanto não tivermos certeza de que há alguma coisa errada.

— Mas você estava falando, agora mesmo.

— Estou nervosa. Falando no automático. Isso não ajuda, desculpe.

Com as cerejeiras em flor, o Victoria Park estava incrivelmente bonito.

Preso na mão de Irina, a mão de Ramsey, em geral muito seca, por causa do giz dos tacos, transpirava.

— Irina — disse ele, baixinho —, eles vão praticamente cortar fora o meu pau. Não é isso?

— Pssiu.

Ao se sentarem novamente na sala de espera, Irina intrigou-se com o porquê de algum dia ter ficado ansiosa por qualquer outra coisa. Admirou-se de ter podido preocupar-se em saber se Ramsey venceria uma mera partida de sinuca ou de ter perdido sequer dez minutos de sono por uma quinquilharia barata como a Medalha Lewis Carroll. Era inconcebível que houvesse se inquietado repetidas vezes com a reação de um editor a um punhado de desenhos inconsequentes, e o fato de ter dedicado um mínimo de preocupação a saber se uma mancha sairia na lavagem pareceu-lhe absurdo, até profano. Mas, afinal, talvez nada daquilo jamais houvesse se qualificado como *angústia*. Talvez, no fim das contas, escolher o tom errado de azul para servir de fundo, perder cheques no correio e deixar cair num bueiro um botão insubstituível da blusa favorita fossem apenas formas de entretenimento.

Uma vez sentados diante da escrivaninha do asiático — que afinal não era paquistanês, mas indiano —, Irina não gostou do fato de o Dr. Saleh passar um bom tempo olhando para o prontuário de Ramsey antes de levantar a cabeça.

Não gostou nem um pouquinho.

— Sr. Acton — começou o homenzinho moreno. — Vou encaminhá-lo a um oncologista no hospital Guy's and St. Thomas's.

— Com licença — disse Irina, enrubescida de fúria. — É essa sua ideia de como dizer ao meu marido que ele está com câncer? Dizer que vai “encaminhá-lo a um *oncologista*”?

— É uma das maneiras — disse o Dr. Saleh, com ar circunspecto.

— O Ramsey é jogador de sinuca. Duvido que sequer conheça essa palavra!

— Sra. Acton, não sou o inimigo — retrucou o médico, em voz baixa.

— Desculpe-me — fez ela. Mas queria continuar zangada. No instante em que abriu mão da ira, desatou a chorar.

Mantendo-se estoico, Ramsey afagou-lhe o cabelo. A falência podia ter-lhe inspirado infantilidade, mas a probabilidade de uma doença grave surtira o efeito inverso. Desde o checkup, ele se mostrara sombrio, sério e adulto.

— Mas o senhor pode nos dizer alguma coisa? — pediu, dirigindo-se ao médico. Até a pronúncia errada dele doía em Irina.

— Não vai nos mandar pra outro sujeito e ficar na moita.

— Seu exame do PSA indicou um nível elevado de proteína prostática no sangue. O oncologista lhe pedirá outros exames para determinar até onde vai esse aumento, mas seu exame de urina não revelou uma explicação alternativa para esse resultado. Por isso, é muito provável que a malignidade tenha sofrido metástase... Essa palavra é familiar ao senhor?

— O senhor quer dizer que provavelmente ela chegou aos nódulos linfáticos — interveio Irina, com a voz carregada. — Ou até mesmo aos ossos. Quer dizer que talvez esse seja o estágio três. Ou até quatro. Já.

— Não devemos tirar conclusões precipitadas sem outros exames. Mas existe essa possibilidade, sim. Sinto muito — lembrou-

se de acrescentar o médico.

— E quanto à biópsia? — perguntou Irina. Assumir o comando tornara-se um hábito. — Qual é o grau na escala de Gleason?

O Dr. Saleh inclinou a cabeça.

— A senhora andou lendo sobre esse assunto?

Irina encolheu os ombros e murmurou apenas “internet...”. Não fazia ideia se os médicos ficavam exasperados com esses especialistas criados on-line da noite para o dia, que irrompiam por seus consultórios confiando saber mais do que eles, ou se ficavam agradecidos por não terem que explicar tudo do zero.

Como quer que seja, é comum os profissionais se refugiarem em fatos claros, e a resposta do médico veio sem adornos.

— O grau na escala Gleason é cinco.

Irina arriou na cadeira, esmurrada no estômago.

— O que foi, gatinha?

Enfureceu-se consigo mesma por não ter deixado Ramsey inteiramente a par dessas questões antes da consulta. Mas não quisera assustá-lo. E não quisera que nada disso fosse verdade.

— Isso quer dizer — explicou, alisando a pele fina no canto do olho de Ramsey — que o câncer é muito agressivo.

— Bem, a escala vai de um a dez, não é? Cinco não pode ser tão ruim.

— Não, benzinho — disse ela, com um sorriso hesitante. — A escala vai de um a cinco.

— Portanto, o senhor percebe por que é muito importante aceitar este encaminhamento imediato — acrescentou o Dr. Saleh.

— Sei que isso não é função sua — disse Irina, que no espaço de cinco minutos passara de beligerante a súplice —, mas o senhor poderia nos dar uma ideia do tipo de terapia que o oncologista deverá recomendar?

— Crioterapia...

— Já tentamos isso — rebateu ela, em tom seco. — Não está funcionando.

Um branco. Estrangeiro. Não sacou.

— A crioterapia e a braquiterapia só constituirão alternativas se o câncer não se tiver espalhado muito além da próstata. Se a biópsia de um nódulo linfático for positiva, a prostatectomia também não será recomendada.

Irina sentiu a fisgada de um alívio estúpido e egoísta. As probabilidades de impotência permanente após uma prostatectomia radical eram de oitenta por cento.

— Terapia hormonal, radiação, quimioterapia, talvez uma combinação delas. O médico decidirá.

Alguém tinha que fazer a pergunta, e Irina admirou o marido por se atrever a trazer o assunto à baila.

— Enquanto isso, como fica a transa?

— O senhor não se prejudicará, se achar que é capaz — retrucou o Dr.

Saleh, cauteloso.

— Agora vejo que não tem importância — disse Irina —, mas existe alguma razão para isso? Alguma coisa errada que ele tenha feito? O Ramsey ainda é relativamente jovem, não é? Em termos estatísticos?

Conteve-se tarde demais; se estava jogando verde para detectar o fumo como catalisador, isso era um impulso de culpar Ramsey, o que não era muito gentil.

— As estatísticas são apenas um guia geral. Na medicina, acontece de tudo sob o sol. Ou, neste caso — e Saleh fez sua única tentativa de brincar —, talvez não sob o sol. Não há uma comprovação segura, mas parece haver uma ligação entre o aumento dos índices de câncer de próstata e a falta de vitamina D.

Forçando um sorriso, Irina afagou o rosto de Ramsey, ainda com um tom leitoso graças a uma vida passada em recintos

fechados.

— Então, foi sinuca demais?

— Isso não existe, gatinha.

E se levantaram para sair.



NO PLANO FILOSÓFICO, IRINA confiava no Serviço Nacional de Saúde da Grã-Bretanha. Era uma bela ideia todos os cuidados médicos serem oferecidos gratuitamente no local de atendimento, embora os críticos — surpreendentemente poucos, considerando-se o tamanho da dedução para a Previdência no salário médio — se apressassem a destacar que o serviço era tudo, menos gratuito. Entretanto, por mais esplêndido que fosse na teoria, na prática, o SNS sofria de uma escassez crônica de verbas. Suas listas de espera para tratamento eram de uma extensão infame, às vezes fatal. Chegavam às manchetes casos escandalosos de pacientes com câncer dos quais se havia retirado a mama errada, o rim errado, a perna errada. Os hospitais públicos conviviam com uma “superbactéria” chamada MRSA, que em 2002 já matava mil e duzentos pacientes por ano. Um terço do orçamento do SNS era destinado ao pagamento de indenizações judiciais por imperícia médica. Talvez soasse abominável, mas, depois de Ramsey e Irina saírem cabisbaixos do consultório do Dr. Saleh, ela já não se incomodava em dizer coisas abomináveis ou em ser abominável: o SNS era ótimo para *os outros*.

Por isso, para a realização dos exames que estabeleceriam a linha basal da doença de Ramsey, ela insistiu em serviços particulares. Pelo menos, eles não teriam que esperar. Irina levou o marido para fazer um segundo exame de PSA e uma biópsia da próstata, com o intuito de averiguar a possibilidade de que os laboratórios do SNS houvessem confundido as amostras de sangue dele com as de algum outro infeliz que estivesse realmente doente, e

de que a história toda fosse mais um daqueles erros que não chegavam às primeiras páginas dos jornais.

Depois que um laboratório independente, de forma obstinada e maliciosa, produziu os mesmos resultados, um oncologista particular pediu uma tomografia computadorizada, uma varredura óssea por radionuclídeos, uma biópsia de linfonodo e uma ressonância magnética. Mas, ao ceder ao impulso norte-americano de comprar *o melhor*, Irina foi dominada pela motivação mais profunda que levava muitos de seus compatriotas a esgotarem seus recursos em busca do mesmo fim. Ela não queria comprar os melhores exames. Queria comprar os melhores resultados.

Nesse caso, seu dinheiro foi desperdiçado — e olhe que foi muito dinheiro.

Depois de acabar com a maior parte da poupança, Irina teve de admitir que eles teriam de voltar com o rabo entre as pernas para o SNS. Já que muitos médicos do Serviço complementavam sua renda com pacientes particulares, o sistema os despachou de volta, coincidentemente, depois de uma demora de arrancar os cabelos, para o mesmíssimo oncologista que eles haviam consultado em particular e que — ai, meu Deus, alguma coisa nas doenças mortais expunha a pessoa terrível que cada um era, e aparentemente sempre fora — pelo menos era branco.

— Pois é — disse ele em tom irônico, ao vê-los regressar —, de volta aos proletas.

E foi como previra o Dr. Saleh. Esse Dr. Dimbleby receitou uma terapia hormonal combinada com radiação, e mais a quimioterapia, se e quando — em geral, era quando — a terapia hormonal se tornasse ineficaz. Opressivamente informada dos efeitos colaterais desses tratamentos assustadores, Irina reprimiu seu pavor no consultório de Dimbleby, recitando as resoluções do gênero vamos-lutar-contra-isso e sei-que-você-não-é-de-desistir que devia ter aprendido numa multidão de filmes feitos para televisão,

filmes que pareciam confundir uma doença que ameaçava a vida com uma campanha eleitoral vencida de virada pela oposição conservadora. Mas Ramsey, por sua vez, perguntou baixinho se não seria uma opção, quem sabe, ele simplesmente ir para casa e deixar a natureza seguir seu curso, uma vez que, se a doença não o matasse, o tratamento por certo o mataria. Não parecia ter qualquer ilusão de que houvesse a menor semelhança entre a terapia hormonal e o valente desafio dos tóris, no ano anterior, à arraigada maioria trabalhista. Além disso, parecia ter uma estranha resistência à ideia de que — além de ser cutucado, sondado e espetado, de perder a capacidade de ser um homem de verdade com sua mulher, de se sentir cada vez mais *fora de forma* e de enfrentar a perspectiva de ficar ainda pior no futuro — alguém esperasse vê-lo juntar a pouca energia que lhe restava e jogar para a galera, subindo num banquinho e berrando lemas animadores para os fiéis, como quem liderasse uma campanha para aumentar o número de votos numa eleição.

Quando Irina se mostrou frustrada por Ramsey não entrar em seu refrão do *vamos lutar contra isso*, o oncologista, que tinha um lado maldoso, interveio: — Ao contrário das percepções comuns, alguns estudos extensos compararam pacientes resolutos e otimistas com outros que, entre aspas, *desistem*.

Surpreendentemente, a postura não gera nenhuma diferença estatística significativa nos índices de sobrevivência ou recuperação.

Portanto, brandir uma espada contra os céus ou atirá-la no Tâmis não passava de uma questão de capricho.



DEPOIS DAS BATERIAS DE EXAMES e de retomar humildemente seu lugar no fim da fila do SNS, só foi programado para Ramsey iniciar os tratamentos quase em seu quinquagésimo segundo aniversário. Assegurada de que alguns dias não fariam a menor diferença, Irina apelou a Dimbleby em particular para que ele

adiasse a primeira rodada de drogas antiandrogênicas e da implacável radioterapia para depois do dia 6 de julho.

Por mais esfarrapadas que andassem suas finanças, uma noite no Omen ou outra suntuosa mesa de *sushi* feito em casa não quebraria a banca. Mas Irina não gostava de se repetir.

Na noite do aniversário, acendeu duas velas na grande mesa de madeira da cozinha, que, afora isso, estava nua. Em julho, ficava claro até tarde, então ela esperou até as onze horas da noite, quando, à luz dourada das velas, depositou com um floreio uma grande bandeja de prata diante de Ramsey. Bem no meio da bandeja estava um único comprimido azul vivo.

Ramsey levantou os olhos dessa entrada minimalista, que parecia uma refeição do desenho *Os Jetsons*, e fitou a mulher: — Isso é o que eu estou pensando?

— Dimbleby disse que não faria mal e que talvez valesse a tentativa.

Também disse que, depois de começar esses tratamentos... é provável que você queira se “concentrar em melhorar”.

— Quer dizer, vou me sentir um lixo — traduziu Ramsey.

— Bem, você conhece os médicos.

— São uns mentirosos.

— São *eufemísticos*. Você topa?

— Moça, se isso significar o uso de pauzinhos de picolé como talas, eu topo.

Irina serviu-lhe uma taça de seu *sauvignon blanc* favorito — trinta libras por garrafa, e era a última da prateleira. Ramsey fez o brinde — Aos olhos injetados!

...ou alguma coisa um pouquinho mais imprópria — e engoliu o comprimido.

Ficaram bebericando e esperando. Recordando uma história, Irina falou de quando havia arranjado um lote de cogumelos mágicos, nos tempos do secundário, por meio de uma fonte

duvidosa. Ela e sua amiga Terri tinham se sentado à mesa da cozinha da amiga, numa noite em que os pais dela haviam saído.

Derramaram água fervendo nas tiras marrons, murchas e retorcidas e, passados alguns minutos, cada uma bebeu uma xícara do chá amargo e morno.

Depois, ficaram sentadas, exatamente como nesse momento, olhando para as paredes amarelas, de olhos fixos na tinta e esperando que a cor mudasse, ou que as letras em crochê do BENDITO SEJA ESTE LAR FELIZ dançassem, ou que a geladeira cantarolasse músicas de shows. Tarde demais para recuar de uma historinha cujo desfecho, nesse momento, Irina percebeu ter um presságio analogamente ruim, ela contou que, bem, não tinha acontecido nada. No entanto, acrescentou, no intervalo expectante entre as duas beberem aquela infusão horrorosa e se resignarem ao fato de que ela não havia comprado nada mais alterador dos estados de consciência do que os cogumelos *shiitake* de Chinatown, eis que a cor das paredes tinha vibrado sozinha, e a tinta amarela pulsara com exuberância à luz serena do lampião. O chavão em crochê já era dançante, e o zumbir da geladeira, aquela garantia grave e pulsante de que estava tudo bem, constituía uma espécie de música de show. Os cogumelos eram um embuste, mas a cozinha de Terri tinha sido uma revelação e, a partir desse dia, cada visita àquele cômodo tinha enchido Irina de uma felicidade narcotizante.

Enquanto isso, deu-se o mesmo com o rosto de Ramsey: uma revelação, com ou sem os cogumelos mágicos da meia-idade. Irina o beijou e disse: — Não faz mal se não funcionar.

— Eu sei — disse ele, e terminaram o vinho. — Mas acho que está funcionando.

Desceram para o salão de sinuca. Ramsey acendeu a luz acima da mesa; nessa noite, o pano verde tornou a convidá-los para um piquenique. As bolas escarlate, amarelo-canário e verde-berilo, já naturalmente psicodélicas, assim como o triângulo, tudo reluziu com

o segredo da cozinha de Terri: o de que o mundo visual flui com psilocibina por vontade própria. Promovendo torneios passados na Malásia, em Hong Kong ou em Bingen am Rhein, os cartazes de sinuca envidraçados emolduravam o fato de que Ramsey levava uma bela vida.

Era uma novidade indesejada começar a pensar em suas realizações como finitas e acabadas, e mais valia ele se deslumbrar com um trabalho bem-feito do que cair de novo na armadilha de se obcecar, como faziam seus fãs, com o único torneio que nunca tinha vencido. Enquanto Ramsey lhe desabotoava lentamente a blusa, Irina tentou lidar com uma ideia: *Então, é só isso? Estes míseros últimos cinco anos, é só isso?* Engraçado como a gente está sempre esperando que a vida comece, como ao fitar aquelas paredes da cozinha de Terri e esperar que parecessem lindas, quando elas já o eram. Pode-se passar um tempo terrivelmente longo esperando a chegada daquilo que se teve desde sempre, como quem tamborila os dedos à espera de uma entrega do FedEx, enquanto o embrulho aguarda pacientemente fechado do lado de fora da porta.

Despiram-se um ao outro com vagar. O abdômen lindamente musculoso de Ramsey ondulava como um cardume de peixinhos, e seu pênis estava com o que Irina um dia pensara ser seu tamanho normal.

— Sabe, costumávamos passar meses — comentou, deslizando o dedo pelo velho amigo — sem que eu jamais o visse menor. Eu imaginava que você andava pela rua com esse... taco de beisebol.

— E andava. Naquelas semanas em que ficávamos separados, nos hotéis durante os torneios... eu fazia *coisas terríveis* com você, na minha cabeça.

— ... Está se sentindo bem?

— Estou melhor do que *bem* — disse ele, encostando-se em seu corpo.

Sem querer cansá-lo, Irina começou a rolar para cima do marido, mas Ramsey nem quis pensar no assunto.

— Não, gatinha. Hoje eu vou trepar com você feito homem, não se iluda.

Isso a deixou contente. Gostava que ele avultasse por cima; gostava da paisagem. Já fazia muito que uma amnésia protetora tinha aparecido, porque não se tem saudade daquilo que não se pode recordar; quando Ramsey a penetrou pela primeira vez, até chegar àquele ponto dolorido no alto, Irina arregalou os olhos.

— Irina?

Era muito raro ele usar seu nome, como se esse nome pertencesse à antiga vida com Lawrence, ou talvez ao próprio Lawrence.

— Sinto muito pelas...

— *Pssssiu* — silenciou-o, mas ele insistiu:

— Sinto muito pelas brigas. Eu amo você demais, mas nem sempre soube... *Ahh*.

— ... o que fazer com isso.

— Na grande maior parte das vezes — murmurou ela —, especialmente *maior*, você se saiu muito bem mesmo.

Se lhe ocorreu pensar que o sexo com Ramsey sempre deveria ter sido assim, a ideia foi rebatida pela de que tinha sido assim.

— Você é boa gente pra cacete, gatinha. Mas eu fui um sacana danado, fui mesmo. Só espero que um dia, sei lá quando, você consiga me perdoar.

Não convinha dizê-lo de cara, mas ambos sabiam que essa era a última vez. Mas, afinal, era presumível que chegasse para todos um momento em que se fazia tudo pela última vez. Amarrar os sapatos. Consultar o relógio.



RAMSEY PODIA TER SIDO UM BEBÊ com os resfriados ou a constipação, mas aceitou o sofrimento real com um estoicismo viril — como se, durante anos, houvesse tirado de si todos os choramingos, numa preparação para enfrentar a verdadeira desgraça sem se queixar. Os tratamentos com radiação, cinco dias por semana, durante dois meses inteiros, deixaram-lhe uma erupção dolorosa no períneo, provocaram surtos de diarreia e o debilitaram a tal ponto que, na volta do hospital, ele caía na cama. Com a náusea mais ou menos constante, as refeições que Irina lhe servia no quarto — e cujo tempero delicado não conseguia com facilidade — ficavam quase sempre intocadas. Ele estaria emagrecendo não fosse o tratamento de bloqueio androgênico, que o deixava inchado. Aparentemente, a testosterona alimentava o câncer, mas tinha lá sua serventia, não é? Sob a influência das drogas destinadas a bloquear o suprimento de hormônio, Ramsey já não deslizava a mão pelas coxas da mulher. Seu corpo amoleceu. Os peixinhos dos músculos abdominais nadaram para longe. As ondulações sutis do peito transformaram-se em pequenos seios. As linhas firmes e bem definidas do corpo começaram a se embotar, do mesmo jeito que as feições nítidas e bem recortadas das forminhas dos biscoitos natalinos em formato de homem se afrouxam e se espalham quando a massa crua é posta no forno.

Uma vantagem perversa das longas horas em que Ramsey definhava lá em cima, semiadormecido, era que agora Irina podia marcar encontros com Lawrence, se quisesse, sem ser detectada. Era uma liberdade da qual abdicaria alegremente, mas a ânsia de conversar com ele era intensa. O próprio fato de os dois ainda se falarem, milagrosamente, depois de tudo que haviam passado, parecia prometer uma recuperação capaz de superar os piores traumas, se não de acenar com a possibilidade da vida eterna.

Encontraram-se no fim de agosto numa cafeteria Starbucks na Strand, perto do escritório dele. Ramsey havia terminado um de

seus últimos tratamentos de radioterapia e ficaria inconsciente por horas. Irina e Lawrence trocaram e-mails ao longo dos meses, mas fazia quase um ano desde que haviam se encontrado no Hotel Pierre. Ela se assustou ao se dar conta de que tinha se esquecido da aparência do ex-parceiro.

O susto de Lawrence talvez tenha sido maior, e ele não fez nenhum esforço para disfarçá-lo.

— *Irina Galina!* — exclamou, em tom nostálgico. — Você está com uma cara horrorosa.

Irina olhou para as mãos, as unhas encardidas e lascadas, a pele recém-estriada por finas linhas paralelas.

— A aparência do Ramsey está pior.

— Você tem comido alguma coisa?

Irina havia notado com apatia, na última vez que tomara banho, que estava com o esterno saltado e que a pele da barriga ficara mais frouxa; agora, tinha envelhecido tanto que a pele começara a rachar.

— Belisco os jantares que preparo para Ramsey e que ele fica enjoado demais para comer, mas você há de entender por que não tenho apetite para rapar o prato.

— Você está muito abatida! Não pode cuidar dele se não cuidar de si.

Homilias.

— Garanto que não é de mim que você deve sentir pena.

— Como anda a disposição dele? Porque, quando a pessoa resolve enfrentar mesmo a barra, a postura psíquica pode fazer uma enorme...

— O oncologista dele diz o contrário. Ao que parece, o sujeito pode ser tão desolado e fatalista quanto quiser que a negatividade não surte o menor efeito no resultado.

Lawrence franziu o cenho. Confiava muito no poder da força de vontade, já que a sua era prodigiosa.

— Não sei disso, não. Eu não levaria as opiniões do médico...

— O simples fato de você não gostar da ideia não faz dela uma mentira — tornou a interromper Irina. — E se você pensar bem, esperar que uma pessoa que está em agonia pegue os pompons e saia puxando a torcida do time é meio absurdo. Afora isso, ele mantém a cabeça erguida. Quer dizer, não está completamente arriada no peito. Ele dorme muito.

— Qual é o prognóstico?

Irina deu de ombros.

— Não se consegue obter uma resposta direta. E o que eles nos dizem não vem ao caso; o que importa é o que acontece. É provável que ele entre na quimioterapia no inverno.

— Perda do cabelo... mais enjoos... tudo isso?

— *Tudo isso.*

— Imagino que ele não venha jogando muita sinuca.

— O engraçado é que, quando a energia aumenta, ele joga.

Diz que isso o relaxa. E pela primeira vez desde que era garoto pode jogar para se divertir... pelo simples prazer de ver as bolas entrarem na caçapa, pela ressonância estalada e vítrea de quando elas se tocam. E como já não há nada que dependa do seu jogo, ele não se tortura quando está *fora de forma*.

A doença de Ramsey era um sorvedouro tamanho que Irina tinha de tomar cuidado para não falar apenas suas preocupações.

— Mas você precisa me contar: como vai o casamento? — perguntou.

Num e-mail, tinha se desculpado pela gafe cometida ao não perguntar o nome da mulher de Lawrence em Nova York.

— É diferente. De você e de mim. É mais... tempestuoso, se entende o que eu quero dizer.

Irina sorriu.

— Acho que *entendo* o que você quer dizer. Você prefere assim? Ou gostaria de voltar àquela coisa serena e permanente que

tínhamos? Sossegada.

Acolhedora. O dia funcionando como um relógio. A paixão mantida em fogo brando e silenciada. Não era tão terrível, sabe? Longe disso.

— Pera ou maçã.

— É verdade, mas há momentos na vida em que a gente precisa decidir se vai comer uma pera ou uma maçã.

Lawrence remexeu-se, constrangido.

— Acho que não sou chegado a olhar para trás.

— Eu sou. Volto a certas situações, não me canso de pensar no que poderia ter sido.

— Perda de tempo.

— Provavelmente — concordou Irina, em tom animado.

— Sabe, mesmo se... se acontecer o pior, pelo menos você estará bem amparada.

A situação financeira era algo que ela havia editado habilmente na correspondência.

— Não exatamente. Ramsey está quebrado.

— Isso é impossível!

— Todas aquelas contas de restaurante que ele pagava quando nós quatro saíamos para jantar, lembra-se? É só multiplicar aquela incosequência por várias milhares de vezes.

— Como vocês estão se arranjando?

— Não muito bem. Usei quase todas as minhas economias no atendimento médico particular. E nos últimos seis meses tive que deixar as ilustrações de lado.

Lawrence não suportava ouvir falar de infortúnios que não conseguisse aliviar em termos práticos — era um *realizador* — e, antes que Irina pudesse detê-lo, seus olhos se iluminaram.

— Bem, deixe-me ajudá-la! Posso arranjar dez mil sem nenhum problema, provavelmente até vinte! Nem precisa ser um empréstimo. Pode ficar para você.

Irina pôs a mão em seu braço.

— Não, eu não poderia. Isso é incrivelmente gentil, mas o Ramsey não aceitaria nem ouvir falar no assunto, e tampouco eu. Não se preocupe. Tenho outros recursos.

Ao se despedirem, Irina disse: — Talvez eu não devesse, mas, às vezes, sinto saudade de você. Da sua firmeza, da sua solidez. Não é traição demais, é?

— Naaaão — disse Lawrence, e acrescentou, um pouco descontraído demais: — Ei, às vezes também sinto saudade de você! Torta de creme de ruibarbo e um montão de pimenta.

— Você sente falta da minha *comida*?

— É melhor do que ficar contente por me livrar dela. E eu não quis dizer que é só disso que sinto saudade. Mas, sim... sinto falta da sua comida. Se você não se importa. Você é uma daquelas mulheres que cuidam das pessoas. Só me dei conta disso recentemente, mas nem todas as mulheres são assim.

Irina foi andando lentamente pela Strand, perplexa. Durante todos aqueles anos tinha pensado que Lawrence é que cuidava dela.



QUANTO AOS OUTROS RECURSOS , ela vinha adiando o telefonema, porém havia outro pagamento da hipoteca chegando. Digitou os números tão devagar — 7... 1... — que o sistema cortou a ligação, e foi preciso recomeçar.

— Mamãe? — começou, com a voz estrídula. — É Irina... Escute, sei que tivemos nossas diferenças, mas o Ramsey está muito doente. ... É, imaginei que ela tivesse lhe contado. Mas o que ela não sabe é que temos tido uns... problemas financeiros. ... Mamãe, *por favor*, não me venha com eu-bem-que-avisei, este não é o momento!... Sim, ainda temos a casa, e por mim, eu abriria mão dela, mas Ramsey... ele está muito doente, e adora este lugar... não posso fazer isso com ele neste momento. Por isso, andei pensando...

você ainda está com o carro?... Lamento ter que lhe pedir isso, mas gostaria que você o vendesse.



EM FEVEREIRO, TUDO DE QUE AS outras pessoas conseguiram falar era da guerra iminente com o Iraque, mas Irina vinha enfrentando uma outra invasão, e com armas de destruição em massa que, até aquele momento, tinham se revelado muito mais manifestas que as de Saddam Hussein. Quando Ramsey ficara confinado ao leito, depois das sessões de quimioterapia, tornara-se uma arte e uma disciplina continuar a discernir sob o inchaço as linhas marcantes e os contornos estreitos do rosto pelo qual ela havia se apaixonado. Nele já não crescia a barba que arranhara o queixo dela nos bons tempos e que traíra sua inconstância diante de Lawrence; a pele havia assumido a tonalidade castanho-amarelada dos pergaminhos antigos, e até nos braços e nas pernas era lisa e sem pelos como a de um bebê. No entanto, pelos tênues fiapos brancos que restavam no couro cabeludo, Irina conseguia inferir uma cabeleira farta e revolta, do mesmo modo que, com o traçado elegante de uma linha, era capaz de deixar implícita uma massa, com meia dúzia de riscos do lápis. No correr dos meses, esse projeto se tornara paleontológico — restavam apenas, numa grande laje delicada, algumas impressões parciais com que reconstruir um pterodáctilo nascente. Quando Ramsey ficara fraco demais para se levantar, ela aprendera a manusear a comadre sem constrangimento, lembrando a si mesma que todos somos frascos vazantes de sangue, fezes e urina, mesmo que consigamos disfarçá-lo pelo máximo de tempo possível atrás da porta fechada do banheiro.

Talvez o mais difícil de aceitar tivesse sido uma perda insignificante, ou que assim parecia: o aroma de *crème brûlée* que antes emanara de forma tão sedutora da base do pescoço de Ramsey, aquela nuvem vigorosa e saudável do creme assando. Como se a mistura tivesse sido deixada no forno com fogo alto, o creme havia

talhado e o açúcar, queimado. Os remédios saíam pelos poros de Ramsey exalando um cheiro acre, e embora o sabor ainda fosse doce quando ela o beijava, era uma doçura enjoativa.

Com a mente enevoada pelos analgésicos, ele nunca parecia esquecer quem era sua mulher, mas ficava confuso com outros detalhes. Um dia, na semana anterior, levantara-se da cama agitando os braços, convencido de que tinha apenas meia hora para chegar a Wembley e jogar no Masters, ou seria desqualificado. (Para um delirante, ele era sagaz; naquela semana, o Masters estava realmente sendo disputado no norte de Londres, o que levou Irina a concluir que a sinuca estava profundamente arraigada no cérebro do marido.) Foi por isso que essa tarde se destacou. Seus olhos cinza-azulados perderam os salpicos esbranquiçados e se acalmaram em lagos cristalinos e penetráveis.

Ramsey estava fraco, mas lúcido, e os minutos contínuos em que Irina podia realmente conversar com o controle central tinham se tornado preciosos.

— Amor — disse ele, segurando-lhe a mão quando ela se sentou na beirada da cama. Seu metacarpo tinha a textura do papel e manchas hepáticas prematuras. — Preciso lhe dizer uma coisa, antes que não consiga dizer mais nada.

Irina adorava aquele jeito de falar em que a pronúncia das vogais fica anasalada.

— Está bem, mas não se esforce.

Desafiando a advertência, ele fez força para se sentar e Irina o ajudou a ajeitar os travesseiros.

— Eu lhe devo um pedido de desculpas, gatinha.

— Se é por causa das brigas...

— Não são as brigas. Fui muito egoísta. Quando a levei pela primeira vez ao Omen, no meu aniversário, eu devia ter pagado a conta e deixado você em casa.

— E não me beijado junto à mesa de sinuca? Mas essa é uma das lembranças mais maravilhosas da minha vida!

— Sei que fiquei com ciúme do Homem-anoraque. Mas não foi por você ser ordinária. Você foi uma boa esposa. No fundo, acho que eu sempre soube que nunca se deitou com o cara depois de nos casarmos. Mesmo assim, eu tinha tanto ciúme que chegava a sentir o gosto dele na boca, feito metal, como se estivesse chupando uma moeda.

— Mas eu deixei Lawrence por você. Por que isso nunca foi suficiente?

— Porque não devia tê-lo deixado. Porque sei que você cometeu um erro.

Estaria melhor com o Homem-anoraque, não há dúvida quanto a isso.

— Ora, que besteira! Os analgésicos lhe subiram à cabeça.

— Não me contradiga, mulher. Não pude dizer isso antes porque me deixa meio aporrinhado. Mas há um ponto positivo neste falatório de despedida...

Irina tentou protestar, mas ele ergueu a mão. Era provável que sua força não durasse, e provável que ela devesse deixá-lo falar.

— Eu sei dizer a verdade. Sou um perdulário, gatinha. Praticamente, tudo que pude lhe oferecer foi o meu pau, do qual você parecia gostar por razões que nunca entendi direito, e que agora é tão sensual quanto uma salsicha mole em cima de um purê frio. E o pior é que torrei a grana toda, e você vai ficar sem nada além de contas e uma casa no prego. Não posso nem lhe deixar o troféu do Campeonato Mundial, porque você tinha razão: eu a envergonhei no Crucible.

Foi tudo culpa minha... aquilo que você disse ali pelo 11 de setembro, e você acertou na mosca. Mas o problema não foi só a bebida, gatinha. Não foi só o Remy. Foi que eu amo você demais, demais para suportar. Tanto que fiz uma coisa terrível, gatinha.

— Tirar você do Homem-anoraque — prosseguiu ele, com esforço — foi o maior pecado que eu cometi em toda a porcaria da minha vida. Eu sabia que vocês viviam bem juntos. E ele era legal pra cacete. Ajudava você no seu trabalho, essas coisas, enquanto eu não sei distinguir um editor de livro infantil de uma torta de carne de porco. Ele teria cuidado de você, gatinha, e é inteligente, muito mais inteligente do que eu. Faz aquelas piadas políticas que eu nunca entendo. Nem chega a ser feio, pra quem se importa com isso. Sempre me tratou direito, também, elogiando meu jogo e ficando em dia com todas aquelas estatísticas, como as minhas sequências de mais de cem pontos e coisa e tal. E, para agradecer, roubei a garota dele, a garota que ele amava mais do que tudo no mundo, mesmo que nem sempre fosse brilhante para demonstrar. Mas eu tinha que ter você pra mim, porque sou um panaca egoísta. Se existe um São Sei-lá-quem sentado lá no portão do paraíso, essa é a primeira coisa que vai sair da boca do cara: *Por que você pegou a Irina? Por que tirou a Irina do Homem-anoraque, seu sacana? Como pôde arruinar a vida daquela garota linda?*

Esgotado pelo solilóquio, Ramsey afundou nos travesseiros. Irina enxugou-lhe o suor da testa com uma toalhinha e lhe deu um gole de água.

— Ora, você não acha que essa decisão cabia a mim?

— Não — retrucou Ramsey em tom firme. — Nunca conheci uma garota que soubesse o que era bom para ela.

— Ah, é? Mesmo assim, agora é minha vez, certo? E, enquanto isso, você fica *de bico calado*. Está bem?

Ele grunhiu.

— Antes de mais nada, dane-se essa besteira de *portão do paraíso* enquanto você ainda está aqui. Mas talvez você tenha razão em achar que há coisas que agora podemos dizer e que antes seriam mais difíceis. Uma coisa eu admito: Lawrence é “legal pra cacete”. Nunca tentei esconder que ele sempre me tratou maravilhosamente

bem, e sei que isso foi um fardo para você. Teria sido muito mais fácil se ele me batesse, ou enchesse a cara, ou fosse mulherengo, porque aí eu ficaria simplesmente grata por escapar. Confesso que não fiquei simplesmente grata. Você disse que seu pior pecado foi me tirar do Lawrence. Bem, o pior pecado da minha vida foi deixá-lo e, para dizer a verdade, nunca fui exatamente a mesma desde então. Nunca mais pensei em mim em termos tão enaltecidos.

Eu amava o Lawrence; sei que não é fácil para você ouvir isso, mas continuo a amá-lo, embora de um jeito que realmente não deveria deixar você com ciúme.

— E por outro lado? — continuou. — Se eu não o tivesse beijado naquela mesa de sinuca, nunca teria conhecido os pontos altos da minha vida. E não foi só aquele beijo, foram todos os beijos. Houve momentos únicos de beijar você, e de transar com você... E, caso você pense que é só por causa desse seu pau inexplicavelmente atraente, houve outros momentos únicos, como vê-lo vir andando devagar em direção a mim naquele palco do Purbeck Hall, com a jaqueta preta de couro pendurada no ombro... Vê-lo encaçapar uma vermelha distante com a branca bem grudada na tabela, quando Clive Everton tinha acabado de anunciar que era uma tacada impossível... Ouvir seu dueto com Ken Doherty em todas as cinco estrofes de "Malucos por Sinuca"... Ver a expressão no rosto da minha mãe quando você lhe jogou as chaves do carro em Brighton Beach... Dançar com você no Plaza ao som de Charlie Parker... Bem, essas coisas valem, como você diria, *o pacote todo*. As brigas, as noites solitárias quando você estava em Bangcoc, o fato de, de repente, ficarmos sem um tostão. Não sei ao certo se tenho o direito de dizer que valeu a pena magoar Lawrence tão terrivelmente por isso, mas é algo que só me fez abrir os olhos e pensar em mim de uma forma menos lisonjeira: como uma mulher normal, falha e incoerente, em vez de uma santa. Aqueles momentos, eles valeram até... isto. Ainda tenho esperança de que você possa se curar, meu amor, e de que

todos esses tratamentos pavorosos sejam a pior parte. Mas, mesmo que não se cure... mesmo assim eu o beijaria no seu aniversário de quarenta e sete anos. Sabendo o que sei agora, eu ainda cairia em seus braços e o beijaria naquela mesa de sinuca, e aceitaria de bom grado as consequências, as boas e as ruins.

Em algum ponto do monólogo de Irina, cedo demais, Ramsey havia adormecido.



NA PENUMBRA DO 11 DE SETEMBRO tudo pareceu idiotice. Jantar pareceu idiotice e comprar mais toalhas de papel pareceu idiotice. Passar o aspirador de pó pareceu idiotice. As ilustrações pareceram idiotice. Lembrar que às segundas-feiras *ER* passava às dez horas da noite pareceu idiotice, embora eles continuassem a se lembrar. Por isso, uma pesada sensação de esforço acompanhava as iniciativas mais banais; na verdade, quanto mais insignificante a tarefa, mais onerosa era sua execução.

Só uma coisa não murchou a ponto de se transformar numa daquelas migalhas mumificadas que ficavam embaixo do fogão, tão irrelevantes que até os camundongos as ignoravam: o trabalho de Lawrence. Talvez antes ele tivesse parecido um pouquinho idiota para Irina, porém não mais. Lawrence ficou meio perplexo ao comprovar sua afirmação casual no restaurante *Tas*, uns anos antes, de que “alguém bem que poderia tirar proveito” das calamidades já ocorridas.

Fazia anos que ele jogava a mesma combinação na loteria, e sua aposta finalmente fora sorteada. O terrorismo deixou de ser um passatempo cansativo. A especialidade de Lawrence foi alçada ao topo do interesse internacional, no mesmo número de segundos que aquelas duas torres tinham levado para ruir.

A participação deles no 11 de setembro fora modesta, e compartilhada por milhões de nova-iorquinos. Por acaso tinham estado na cidade na ocasião, e do lado residencial, ainda por cima;

nenhum dos dois havia perdido familiares ou amigos. Aos poucos, porém, Lawrence foi afirmando seu domínio. Dera um duro danado nessa questão, enquanto a maioria de seus colegas descartava o terrorismo como uma velha chateação, e havia conquistado seu quinhão do que eram, por mais assombroso que parecesse, recompensas profissionais substanciais.

Da noite para o dia, passou a ser muito requisitado. Foi puxado para o mesmo circuito de noticiários que havia solicitado seus pareceres de especialista depois do Acordo da Sexta-feira Santa, só que, dessa vez, esbanjou eloquência sobre um assunto de interesse mundial, e não sobre um mero acordo de paz num buraco de fim de mundo. O *Wall Street Journal* e o *New York Times* encomendaram artigos. A editora Simon & Schuster o contratou para escrever um livro sobre o “novo” e o “velho” terrorismos, o que lhe rendeu um adiantamento de seis dígitos. A Blue Sky lhe deu um aumento, subitamente preocupada com a possibilidade de perdê-lo.

Com isso, no começo de 2003, Lawrence e Irina estavam plenamente amparados, e o apartamento alugado de dois quartos começou a parecer pequeno.

Apesar do desequilíbrio do mercado imobiliário — em cinco anos, o valor dos imóveis em Londres havia dobrado —, Irina propôs que comprassem uma casa.

Assinalou que ainda era possível fechar negócios decentes na região de Ramsey, em Hackney e Mile End.

A resposta evasiva de Lawrence fez eco à reação que ele tivera à proposta de casamento, seis anos antes. O fato de haver recorrido às mesmíssimas expressões — *acho que sim, se você quiser, não ligo muito, de um jeito ou de outro* — não pareceu coincidência. Nessa época, qualquer um podia optar por cair fora de uma velha e frágil certidão de casamento, ao passo que uma cabana de pescador de seis metros quadrados em Suffolk, com um toailete sem banheira, saía por 250 mil libras — ou seja, quatrocentos mil dólares. Por isso,

na vida urbana contemporânea, o investimento mútuo num imóvel *era* um casamento — o casamento real, do tipo assustador e complicado de caráter obrigatório, que impedia a fuga fácil. Não era de admirar que Lawrence se afliesse. Mas, que diabo, fazia quase quinze anos que estavam juntos. Ele bem que poderia parar de se precaver.



VEIO A MANHÃ DO DIA DOS NAMORADOS, data que eles haviam adquirido o hábito de registrar sem nada além de um: “Feliz Dia dos Namorados!” e uma bicota. Era um mau hábito e, nesse ano, Irina resolvera de antemão fazer algo melhor.

Pegando o sobretudo, Lawrence precipitou-se para a porta e ela o deteve.

— Não use esse paletó esporte. Você se esqueceu de que ele está com aquela mancha de gordura na lapela.

Quando o parceiro protestou que não se importava, ela insistiu: — Se eu o levar para a lavanderia hoje, posso pegá-lo a tempo para sua entrevista no *Dispatches*, e ele é seu favorito para usar na televisão. Além disso, agora você é o figurão da Blue Sky e não tem nada que andar parecendo um desleixado.

— Não! — retrucou ele, com uma ferocidade que a assustou. — Estou com pressa, esqueça isso! Eu uso alguma outra coisa no *Dispatches*.

— Lawrence! — exclamou Irina, aturdida, com as mãos nas cadeiras. — Estou me oferecendo para levar seu paletó para a lavanderia, o que é um *favor*, lembra-se? E essa mancha é muito óbvia. É só trocá-lo pelo azul, que ficará ótimo com essa camisa.

Parado no corredor, ele pareceu imprensado na parede, embora Irina não entendesse por que sua oferta de lavar o paletó o faria sentir-se perseguido.

Lawrence tirou a peça ofensiva com os movimentos lentos e fúnebres com que a estenderia sobre o rosto de olhos vidrados de

um pedestre que tivesse sofrido um atropelamento fatal. Mesmo quando ela o pegou, continuou agarrado ao paletó por mais algum tempo, e os dois quase desfizeram uma costura.

Por um capricho reconhecidamente banal, Irina foi fazer compras na Ann Summers nessa manhã. Na verdade, a ideia era mais uma brincadeira (embora, como se viu, uma brincadeira cara) do que uma tentativa séria de apimentar a vida sexual, cuja rotina já andava tão ritualizada, àquela altura, que a introdução de qualquer elemento novo seria tão revolucionária quanto o Segundo Concílio Ecumênico do Vaticano. Tipos brancos como Lawrence descartavam a roupa íntima sugestiva como uma frescura de *Rocky Horror Picture Show*. Mesmo assim, ela alimentou uma ínfima esperança de que o corpete de cetim preto pudesse excitá-lo. Até esse dia, não fazia ideia do que *de fato* o excitava. Uma coisa era certa: se ele se embalava com *lingerie* sensual, nunca havia lhe contado.

Enquanto ponderava se devia deixar o corpete embrulhado na caixa ou surpreender o parceiro, usando-o na hora de dormir, Irina foi examinando o paletó esporte, à procura de dinheiro trocado ou cartões de visita esquecidos, e já ia saindo para a lavanderia quando deu com um volume no bolso interno.

Um telefone celular.

Seria uma descoberta bastante comum, exceto pelo fato de que, ao que ela soubesse, Lawrence não tinha celular. Com certeza, nunca lhe dera o número. E eles haviam discutido o assunto. Embora os dois pudessem pagar, Irina considerava gastar dinheiro com isso algo semelhante a ser obrigada a votar, e se ressentia dos preços exorbitantes dos planos telefônicos ingleses; as crianças britânicas vinham esbanjando uma parcela tão grande de seus magros recursos em celulares que as vendas de chocolate haviam despencado. Como o casal era fácil de localizar pelo telefone fixo, Lawrence tinha parecido concordar com a ideia, tanto assim que, no primeiro momento, Irina presumiu que ele tivesse guardado o celular de

outra pessoa, esquecido em alguma reunião, com a intenção de devolvê-lo.

Para confirmá-lo, ligou o aparelho e apertou o botão da AGENDA.

Bethany.

Sem o sobrenome, podia-se presumir que esse fosse o primeiro registro da lista por começar por *B*. Mas, ao pressionar a tecla DESCER, Irina só encontrou outros seis números gravados na memória permanente: Club Gascon, Irina, National Liberal Club, Omen, Ritz e Hotel Royal Horseguards.

Com o coração disparado, voltou para a anotação na letra *B* e apertou a tecla DISCAR.

— *Yasha!* Ora, por que você...?

DESLIGAR.

Passou o resto da tarde em estado de choque. Devia haver uma explicação, uma exigência profissional temporária que demandava aquele telefone, talvez fornecido pela Blue Sky. Distraiu-se matutando sobre a inclusão do Omen na lista gravada, a coincidência estranha e a incoerência: Lawrence detestava comida japonesa. Sua mente vagou pela teoria de que, nos últimos tempos, a culinária do Japão se tornara muito popular por ser leve e, por isso, adorada pelas mulheres na hora do almoço.

Ao chegar em casa, mais cedo que de hábito, Lawrence estava agitado.

— Ei, desculpe eu ter me esquecido hoje de manhã: feliz Dia dos Namorados!

O beijo estalado que ele lhe deu nos lábios quicou como uma bola de basquete. O inibido pai de Irina costumava cumprimentar a filha com um pavor saltitante similar, como se, a qualquer momento, os tiras fossem sair correndo de trás das moitas e prendê-lo por incesto.

— Pensei em ligarmos para o Club Gascon para saber se eles tiveram alguma reserva cancelada.

Quando Irina assinalou que, sendo assim, ele não tinha planejado nada para a ocasião, Lawrence admitiu que a ideia de fazer uma reserva lhe havia escapado.

— Uma noite no Club Gascon pode nos custar umas cento e cinquenta libras — disse ela, sem entusiasmo.

— Ei, só se vive uma vez! E pensei que essa sua mão fechada estivesse um pouco mais aberta.

Estava. A objeção financeira era falsa. Desde que havia encontrado o número do Club Gascon gravado no celular, do qual emanava um entorpecimento alienígena de kriptonita no bolso de seu cardigã, Irina ficara com a sensação de que seu restaurante favorito das ocasiões especiais já não lhes pertencia.

— Já descongelei o frango.

Ele não insistiu. De qualquer maneira, a ideia de haver cancelamentos no Club Gascon no Dia dos Namorados era fantasiosa, a menos que alguma outra mulher da cidade também tivesse achado um misterioso telefone celular no paletó esporte do parceiro. Lawrence atarefou-se jogando fora a correspondência inútil, estudando a programação da tevê e tirando o pó da mesa de jantar, embora isso fosse tarefa de Irina. Comumente, chegava em casa exausto, calado e de mau humor. Ao lavar a louça, porém, lançou-se num rápido monólogo ininterrupto sobre como o governo Bush vinha afastando estupidamente possíveis futuros aliados da ONU no Iraque, cuja invasão ele deplorava, mas pela qual, ao mesmo tempo, parecia ansiar. Depois, com ar distraído, perguntou:

— Levou meu paletó?

Irina disse que sim.

— Obrigado! Não precisa buscá-lo. Eu mesmo vou.

— Não será necessário — retrucou ela, que o flagrou num longo olhar furtivo para seu rosto, enquanto a água corria. Mas foi

só na hora em que perguntou: “Você se importa se esquecermos a pipoca por hoje? Não estou com disposição” que os olhos de Lawrence faiscaram de alarme. *Eles sempre comiam pipoca*. O tempero, talvez — Tailandês 7 Especiarias ou Churrasco Americano —, mas a tigela em si, diante do noticiário, nunca tinha sido uma questão de disposição.

Mantendo-se reservada durante todo o jantar, Irina percebeu que devia ter falado logo de uma vez e indagado sobre o telefone; quanto mais adia a pergunta, mais ela parecia tornar-se pernicioso. Mas o medo é um desincentivo potente e, depois de arrumar a cozinha, ela até deixou Lawrence ligar a televisão no torneio Masters.

Embora houvesse se transformado numa fã ardorosa da sinuca, na última temporada, Ramsey Acton andara misteriosamente ausente do circuito, e o fascínio dela pelo jogo tinha diminuído. Não estava familiarizada com os jogadores dessa partida, nem se interessava por quem ganhasse. Não fazia ideia de por que os dois estavam assistindo àquilo. Ou melhor, fazia.

Nessa noite, porém, Lawrence ficou grudado na tela. Quando Irina o interrompeu com um comentário sobre o corte efeminado do cabelo de Paul Hunter, ele a descartou: — Quer fazer *o favor*?

— O favor *de quê*?

— É só... só falar baixo, para eu poder acompanhar isso!

— Você disse, uns anos atrás, que já estava farto desse jogo.

Desde quando voltou a ficar tão interessado em partidas de sinuca?

— Os americanos dizem *sinuca*! — exclamou ele, rimando a palavra com outra em que o *u* soava como *â*. — Estou de saco cheio desse arremedo pretensioso de pronúncia britânica! Você é ianque feito eu, e americano não assiste a partidas de *sinuuuuuuuuuuuuuca*!

Os *UUUs* ecoaram pela sala. Irina oscilou entre a mágoa, a raiva e a perplexidade. Com ar grave, levantou-se da poltrona e desligou a televisão.

— Olhe, desculpe eu ter usado esse tom de voz — recuou Lawrence. — Tive um dia difícil, só isso.

Irina deu-lhe as costas, com as mãos apoiadas nos dois cantos do televisor.

— Também tive um dia difícil — disse, baixinho.

— Ora, vamos! — gritou ele do sofá, apelando para o estardalhaço com que havia irrompido pelo apartamento. — Ligue-a de novo, e prometo não ser mais tão idiota.

Irina virou-se, bloqueando o aparelho negro e obrigando Lawrence, como talvez devesse ter feito anos antes, a olhar para sua mulher por uma noite que fosse, em vez daquela tela.

— Lawrence, por que você nunca me disse que tinha um telefone celular e não me deu o número?

O rosto do homem estremeceu. Foi nesse ponto, antes de dizer uma palavra, que ele lhe destroçou o coração. A contorção daqueles músculos foi um desfile da *decisão* sobre dizer ou não dizer a verdade. Quando ele finalmente falou, sua opção pelo caminho da honestidade nem de longe compensou o fato de que a franqueza tinha sido uma escolha. Se uma direção alternativa o havia atraído, provavelmente era por ser muito familiar.

— Acho que precisamos conversar — disse ele, franzindo o cenho.

Irina afundou na poltrona e se amaldiçoou. Se tivesse ficado calada, poderia ter conseguido mais um ou dois preciosos dias de vida normal. É claro que a vida normal não andava tão normal assim, nem o estivera já fazia algum tempo, mas, se mentir para o parceiro era um anátema, mentir para si mesma era uma bênção.

— Você quer dizer — retrucou Irina, e realmente não era justo ter que ser ela a dizê-lo — falar sobre a *Bethany*.

— É — grunhiu ele.

Sempre fora uma piada. Pôr o nome da mulher no grifo, pronunciá-lo com aquele toque divertido de sarcasmo. O ciúme

tinha sido uma brincadeira. Ela se enciumara por diversão, porque aquilo fazia Lawrence parecer mais atraente; não tinha sido *a sério*. É que Bethany — bem, *Bethany* —, a megerinha, era ÓBVIA demais, não era? Mas, por outro lado, se um iconoclasta islâmico quisesse entrar em guerra com o Ocidente, não ia explodir uma sede do Rotary Club em Nebraska, ia? Iria derrubar o World Trade Center. Um monomaniaco africano não realizaria eleições livres e imparciais; manipularia os votos e se declararia presidente vitalício. Era isso que tornava o mundo tão chato, na verdade — a cansativa previsibilidade de tudo, o fato de as aparências, infelizmente, raras vezes enganarem; e por isso, já que seu parceiro trabalhava com uma mulher atraente, que usava saias escandalosamente curtas e flertava descaradamente com ele, era com essa que ele teria uma aventura, *imbecil*, pois você ignoraria *o óbvio* por sua própria conta e risco.

O cansativo nessas cenas não era apenas a banalidade, mas a obrigação de pedir todas as informações que realmente não se desejava.

— Há quanto tempo isso está acontecendo?

De novo, os músculos do rosto se contorceram com aquela terrível *tomada de decisão*. Ele poderia ter dito “Faz só algumas semanas” e se safado, mas parecia ter compreendido que abrir o jogo sobre *o principal*, e depois enrolar nos detalhes, tornaria essa conversa completamente inútil.

— É difícil dizer... — respondeu, ganhando tempo.

— Entendo que seja difícil *dizer*, mas duvido que seja difícil de *calcular*.

Ele continuou a olhar fixo num ângulo reto em relação à poltrona.

— Cinco anos. Ou pouco menos.

Irina o fitou, confusa. Não fazia ideia de quem era aquele homem.

Os momentos que se seguiram foram enganosamente silenciosos, porque, nesse intervalo, um ribombar grave nas entranhas dela avolumou-se naquele famoso rugido de trem chegando que os transeuntes em fuga haviam descrito durante a queda das torres gêmeas. Irina envergonhou-se dessa analogia, que por certo era uma apropriação indébita e fútil de uma tragédia nacional, mas a sensação de implosão continuou parecida. Afinal, ao assistir à CNN naquela manhã de setembro ela ficara devidamente admirada ao ver com que facilidade, em poucos segundos, um grande feito da engenharia, obra de muitos anos, um tributo à dedicação incansável e até ao amor, tinha sido destruído. Do mesmo modo, a aliança existente nessa sala tinha levado ainda mais tempo para ser construída, e era também uma obra de amor, mas foi aniquilada com a mesma presteza. Se a vida de cada um era uma cidade autônoma, Lawrence era a torre na ponta da ilha de Irina. Ao ser derrubado — ou quando ruiu o mito de Lawrence, tal como ela o havia compreendido até poucos momentos antes —, a silhueta de sua cidade foi subitamente nivelada e ficou mais plana. Com certeza, a sensação experimentada naquela poltrona, em meio aos escombros de seu apocalipse pessoal, lembrou aquele *é-tudo-uma-idiotice* posterior ao 11 de setembro, exceto pelo fato de que, no 11 de setembro, houvera uma coisa, uma coisa solitária, que não parecera idiota. E, agora, também essa se tornara uma banalidade.

— Por quê?

Era outra obrigação, mas, como a pergunta tinha a ver com o funcionamento interno de um perfeito estranho, ela não tinha certeza de se importar.

— Bem, eu *podia dizer...*

Irina o deteve:

— A distinção entre menção e uso.

Lawrence ficou com o rosto crispado.

— Não sei.

— Você deve ter pensado nisso.

Ela estava calma, só que era uma calma estagnada, com as velas murchas.

— Algumas vezes. Noutras, nem um pouco. Eu mantenho as coisas separadas. Você sabe, eu...

— Ah, meu Deus, você não vai dizer *compartimentalizadas*, vai?

— Hmm... não vou mais — respondeu ele. Irina não sorriu.

— Acho que eu não gostava da sensação de ser uma espécie de cê-dê-efe de banco de ideias e, você sabe como é, sólido, firme... um baseadinho inofensivo, um soldado bem-comportado... eu tinha uma ânsia de ser... rebelde.

— Seria mais fácil para mim se você apenas fumasse escondido uns dois cigarros — rebateu Irina em tom seco. Olhando para trás, seu segredinho obscuro parecia de uma pequenez amarga e hilariante.

Lawrence ergueu uma sobrancelha.

— Eu estava ciente disso, você sabe. O seu hálito...

— Você sabe que eu fumo em segredo dois cigarros por semana e eu não noto que você tem um caso há cinco anos. O que isso faz de mim, senão uma *imbecil* ?

— Não, faz de mim um homem cuidadoso. Eu não andava dando dicas, torcendo para ser flagrado. Tinha pavor de magoar você. Fiz um grande esforço para não feri-la.

— E isso é para eu me sentir lisonjeada? Pelo fato de você ter sido *eficiente* na traição? Fazer um *grande esforço* para não me magoar seria não trepar com nenhuma outra mulher.

Irina reivindicara para si a lendária *altivez moral* , mas lá em cima o ar era rarefeito, a paisagem, lúgubre, e a companhia, inexistente. A tal *altivez moral* era uma estepe solitária. Ela teria preferido uma planície desagradável, chafurdando na lama com todo mundo.

— Bem, isso é óbvio — disse Lawrence, olhando para as mãos.

Não havia por que tentar fazê-lo sentir-se mais envergonhado. Irina lamentou o comentário sobre o *grande esforço* como se ela e o parceiro o estivessem agredindo ao mesmo tempo.

— É só isso? Você se cansou de ser o menino bem-comportado? — perguntou em tom gentil.

— Eu me senti... confinado. Isolado das outras pessoas, de mim mesmo. Até de você. Sei que essa história toda não é do meu feitio. E tenho quebrado a cabeça com isso. Mas cheguei à conclusão de que fazer uma coisa que não era do meu feitio foi parte do que me levou a fazê-la. Eu queria fazer alguma coisa extravagante.

— Mas o que você fez, ou está fazendo, não é extravagante. É trivial.

— Não deu a impressão de ser trivial.

A afirmação veio acompanhada de imagens, e Irina estremeceu.

— Acho que eu queria alguma coisa que fosse minha — ele acrescentou.

A Rússia inteira não tinha bastado?

— Eu era sua.

— Uma coisa particular.

— Você quer dizer secreta.

— Está bem. Secreta. Mesmo assim, não entendo isso inteiramente — intrigou-se Lawrence. — Eu amo você.

— E quanto a Bethany?

A mulher tinha conseguido sair do grifo.

— Não sei.

— Você *diz* a ela que a ama?

— Às vezes — veio a resposta cautelosa. — Mas só em... certas circunstâncias.

— Nessas... *certas circunstâncias*. Comigo. Era tão ruim assim?

— Não, era bom!

— É um adjetivo bem chocho para as trepadas com o amor da sua vida.

— Olhe, não quero esfregar isso na sua cara. E você é uma mulher linda, além de ser uma cozinheira fantástica e uma artista incrivelmente talentosa...

— Pare. Não sei por que, mas, quanto mais você se estende, mais isso me parece um insulto.

— A questão é que com... ahn... Bem, é diferente.

— É mais sensual.

— Seria um modo de expressar a ideia.

— Você tem outro modo de expressar essa ideia?

— Não exatamente — respondeu ele, cabisbaixo.

Irina não soube ao certo se o impulso de fazer a pergunta seguinte foi o desejo de compreender ou de se magoar. Também não soube ao certo por que queria magoar-se, ou o que teria feito que merecesse castigo.

— Você a beija? — murmurou.

— Que tipo de pergunta é esse?

— O tipo que gostaria de uma resposta.

Confuso, ele respondeu: — Bem, o que você acha?

— É que você não me beija.

— Ora, beijo, sim! — objetou ele.

— Beijinhos não contam. Faz anos que você não me beija de verdade. Beija Bethany, ao contrário. Acho que isso me magoa mais. Talvez eu pudesse perdoá-lo por trepar mil vezes com ela. Não sei direito se posso perdoá-lo por beijá-la uma vez sequer.

Irina poderia ter continuado a olhar para outro lado, reposto o celular no paletó, quietinha, ao buscá-lo na lavanderia. Agora, era presumível que eles tivessem que fazer alguma coisa. O que parecia

um desperdício. Tudo aquilo tinha a ver com sexo, não é? No cômputo geral, era uma pequena transgressão, certo? Devia ser. Realmente deveria ser. Infelizmente, o fato de dever ser não significava que fosse.

— Eu gostaria de poder alertá-lo para o fiasco que ela é — prosseguiu, desanimada. Nada do que estava prestes a dizer convinha a seus interesses. — Para o quanto ela é incapaz, mal-educada ou burra. Para o fato de vocês não terem nada em comum. De você estar habituado a conviver com pessoas que se importam com o mundo e realmente leem os jornais, de modo que ficará entediado com uma piranha frívola, de deltoídes esticados na musculação.

Gostaria de dizer que isso é claramente uma paixonite inconsequente, que não vai durar nem cinco minutos... quando já durou cinco anos. Mas nada disso é verdade, não é? Ela é inteligente. Fala seis línguas. Fez doutorado. Como surfa na mesma onda do terrorismo que você, presumo que a carreira dela esteja indo de vento em popa. Vocês têm tudo em comum... mais do que nós dois, suponho.

Fico agradecida quando você procura me explicar suas pesquisas e você faz uma encenação crível de se importar com o que eu penso. Mas não podemos ir realmente fundo na coisa, em todo aquele duelo intelectual e no encontro das mentes. Eu sou ilustradora. E, para coroar tudo, você sente tesão por ela. Vocês se ajustam perfeitamente.

Enquanto isso, Lawrence ficara cabisbaixo e derramara duas lágrimas discretas: uma por ela, uma por ele.

— Sinto muito. Eu tinha o que mais queria no mundo, mais do que qualquer outra coisa, e estraguei tudo.

Irina o examinou. Quando Lawrence voltara daquela conferência em Sarajevo e, na véspera, ela havia declinado de uma vida totalmente diferente, da qual seu parceiro parecia vir se

servindo generosamente nos últimos cinco anos, Irina havia conjecturado que a viagem para a verdadeira intimidade era uma desconstrução — uma descoberta progressiva do Outro como não-eu, do qual pouco se compreendia o parceiro: um *des* conhecer. No entanto, por mais que houvesse questionado o tipo de generalizações restritivas que, como ele afirmava agora, haviam-no *confinado* e *isolado* — as de que ele era “bom”, “confiante” ou “certinho” —, a única pedra angular de seu caráter que ela nunca havia tentado desenterrar era que Lawrence James Trainer era fiel. Em tese, portanto, agora eles estavam mais próximos do que nunca, porque o processo de desconhecimento ficara completo.



TALVEZ PARECESSE ESTRANHO para as pessoas de fora, mas eles dormiram juntos nessa noite. Usar roupas tornaria uma situação esquisita ainda mais esquisita, e por isso eles haviam se despido — ainda que, por algum motivo, o corpete surpresa de cetim preto já não parecesse *apropriado*. Irina puxou Lawrence, o Perfeito Estranho, para seu peito, e lhe afagou o cabelo. De acordo com o roteiro de praxe, deveria estar fervilhando de ódio. Mas não conseguiu encontrar a raiva, e a procurou por tempo suficiente para concluir que ela não estava lá. Sentiu pena dele. Foi uma opção peculiar, mas, em última instância, afortunada. Só que, como se constatou, sentir pena de Lawrence viria a se revelar um privilégio fugaz, e Irina teria todo o tempo do mundo para sentir pena de si mesma.

De manhã, ao acordar, ela se perguntou se a raiva estaria à sua espera em algum canto, e se ela ia se levantar num rompante e dar uma espinhafração em Lawrence, acovardado entre os lençóis, berrando feito uma megera possessa. Mas a fúria não veio. Irina não o acusou das muitas mentiras que ele lhe contara, nem esquadrinhou de forma masoquista seus métodos de subterfúgio. Saiu pisando de mansinho para fazer o café. Sentia-se diminuída, assustada e

derrotada. De uma forma obscura, toda aquela história lamentável parecia cada vez mais ser sua culpa. Como Lawrence achava que a culpa era dele, ambos arrastaram os pés pelo apartamento num pedido mútuo de desculpas — deferentes, solícitos. Ele não quis torradas.

Num impulso, Irina o acompanhou na descida quando ele saiu para trabalhar e foi até a calçada. Abraçaram-se. Ao observá-lo afastar-se de ombros caídos em direção à Borough High Street, ela se deu conta de que, desde a bandeira vermelha levantada pelo telefone celular, ainda não tinha chorado. Mas quando Lawrence chegou ao sinal luminoso e se virou para lhe dar outro adeusinho de cachorro escorraçado, veio-lhe à lembrança aquela sequência simples de anos antes, quando correria atrás dele de meias, na chuva, para lhe entregar a capa e o sanduíche de presunto — uma lembrança doce pela própria banalidade, uma rara fatia de *vida normal* que ela havia saboreado como uma torta. Por isso, ao levantar a mão para retribuir o aceno, Irina só conseguiu fazê-la chegar até a cintura, faltando-lhe a força necessária para elevá-la à altura do peito. Os dedos se mexeram, débeis, enquanto suas feições escorriam como tinta sob a chuva. Não estava chovendo nessa manhã, mas deveria ter estado. Porque Lawrence não voltou mais.



IRINA ENTROU NO TREM E, milagrosamente, encontrou um lugar vago. Eram apenas seis e meia, e para um encontro às oito da noite ela estava adiantada demais. Se bem que sempre havia a Linha Norte, que tinha um jeito de tirar a gordura dos horários das pessoas como uma lipoaspiração. E, pronto, eis que entre a London Bridge e o Monumento ao Grande Incêndio o trem rateou até parar, o que não surpreendeu seus serenos passageiros mais do que o fato de o sol ter se posto em mais um anoitecer.

Talvez a natureza de sua saída pudesse ser considerada precipitada, se bem que quem não tem nada a perder talvez tenha

perdido, junto com todo o resto, a capacidade de se precipitar. É verdade que ela poderia ter esperado por uma noite de sono adequada, mas não havia como saber quando viria outra noite dessas, e a própria irracionalidade de sua urgência ajudou a impulsioná-la.

Na noite anterior, seguira os passos habituais, por não saber o que mais fazer consigo mesma. Havia preparado o jantar. Viera e passara a hora em que Lawrence tradicionalmente chegava do trabalho. Às nove da noite, ela devolvera à geladeira os peitos de frango recheados de ricota e *pancetta* de javali. Verificara a secretária eletrônica, para o caso de ele ter ligado durante sua saída para levar o lixo para fora. Por fim, tivera a ideia de verificar o e-mail, e a mensagem enviada do escritório de Lawrence era sucinta: “Não sei como dizer quanto lamento de um modo que faça alguma diferença. Você tem todo o direito de estar zangada.

Acho que não voltarei para casa. Talvez nós dois precisemos de um tempo para pensar.” Considerando-se para o apartamento de quem ele sem dúvida tinha voltado, Irina não imaginou que fosse dedicar-se a muitas reflexões.

Ficara sentada em sua poltrona cor de ferrugem. Não tinha bebido. Não tinha comido. Não havia ouvido Shawn Colvin. Ficara sentada.

Passara a noite inteira caçando febrilmente sua fúria. Fazia *cinco anos* que Lawrence trepava até cair com sua colega assanhada e sabichona, pelas costas dela, e Irina tinha mesmo “todo o direito de estar zangada”. A raiva é protetora; mantém afastadas as emoções mais tenebrosas. Mas era fatal que o abatimento e o desespero penetrassem em qualquer frágil matagal de ira, como intrusos de botas abrutalhadas pisoteando um estreito anel de arbustos de amora-preta em volta de uma casa sem tranca.

Num fino pavio solitário bruxuleara uma chama de fúria, que Irina havia contemplado como se estivesse hipnotizada por uma

vela acesa num bolo.

O quadragésimo sétimo aniversário de Ramsey. Aquele Getsêmane junto à mesa de sinuca. Ela dissera não, certo? Tinha desviado o rosto e corrido para o banheiro, onde se encarara no espelho. Então, por que Lawrence não havia feito o mesmo? Por que não podia ter deparado com a mesma bifurcação na estrada, visto o perigo que espreitava à esquerda e escolhido resolutamente a direita? E, agora, vejam só. Ela lesara a si mesma em nome da retidão de uma tola. A eletricidade que sentira com Ramsey naquela noite, e que revisitara em pequenos sobressaltos espasmódicos em Bournemouth e no Hotel Pierre, tinha sido como enfiar dois dedos numa tomada. Mas ela se abstera. E em nome de quê?

Devia ter dormido umas duas horas, por volta do amanhecer. Acordou na poltrona, assustada; não parecia haver tempo a perder. Será que aqueles dois teriam esperado, dado tempo a si próprios para refletir? Além disso, Jude era do tipo que faria uma grande produção, mesmo na segunda vez, e isso levava muitos meses para ser planejado. Talvez não fosse tarde demais. Desencavando o número do telefone, Irina moveu-se com a pressa brusca de Dustin Hoffman no fim de *A Primeira Noite de um Homem*. Só depois de discar é que se deu conta de que ele talvez estivesse disputando o Masters, no norte de Londres, e precisasse de suas horas de sono.

— É Irina — disse, e seu esclarecedor “Irina McGovern” simbolizou o fato de que os dois mal se conheciam. Percebeu que corria o risco de parecer idiota, mas, dentre as muitas coisas com que não se importava mais, estava o fato de dar a impressão de ser idiota. — Você se casou?

Uma pausa aturdida; ela o havia acordado.

— Ei, agora que você perguntou, acho que ainda não cheguei lá.

Sentindo uma onda de alívio, ela teve que se sentar.

— Eu gostaria de vê-lo.

Depois de ouvir o *tudo bem, deixe-me pegar minha agenda*, interrompeu-o: — Que tal hoje à noite?

Quando Ramsey deu o nome de um local que lhe seria conveniente — o Best of India, na Roman Road —, Irina ficou desapontada. Qualquer restaurante que “finalmente” houvesse obtido a licença para vender bebidas alcoólicas, como ele tinha assinalado, seria uma espelunca. Ela havia esperado por uma reprise do Omen, para poder retornar a sua própria bifurcação na estrada e virar à esquerda.

Sentiu um desalento similar quando ele sugeriu que se encontrassem no restaurante; já não era digna de ser buscada de Jaguar.

— Eu lhe daria uma carona — acrescentou —, mas torrei o carango.

Irina ficou consternada. Ramsey *vendera* aquele clássico de 1965? Visto que o XKE fazia parte da paisagem particular dela, bem que o homem podia tê-la consultado — do mesmo jeito que, quando uma árvore se espalha para os dois lados do muro entre duas propriedades, a gente pede permissão ao vizinho antes de derrubá-la.

Bem, não se dispusera a ir no Ford Capri, que pouco mais era do que um problema de estacionamento de quatro anos de idade, além de um gesto retroativo que tivera a intenção de suborná-la. E por isso, ali estava, sentada na Linha Norte, embaixo do rio, com a mesma saia azul-marinho que tinha usado na ida ao Omen, maldizendo-se por ter jogado fora a blusa branca com o rasguinho na gola.

Era fevereiro, não o verão, e ao emergir da Linha Central na estação de Mile End o vento a açoitou, cortante. Naquele voluptuoso julho de 1997, o céu continuara com uma claridade suave até depois das dez; agora, quase oito da noite, fazia três horas que estava preto como piche. Naquele aniversário mágico — a Oxo Tower à esquerda,

a Tower Bridge à direita, a cúpula da catedral de Saint Paul captando a luz, mais adiante —, a vista do Tâmisia pela janela aberta do Jaguar havia descortinado uma imagem de cartão-postal, para lhe recordar sua sorte de morar numa das cidades mais teatrais do mundo. Já a área ao redor da estação Mile End estava acabada, cheia de espeluncas que vendiam frango frito e tinham um cheiro rançoso, era mal iluminada e vagamente ameaçadora. O trânsito era pesado e os semáforos rápidos demais; motoristas agressivos avançavam pela faixa de pedestres, passando a centímetros de seus sapatos.

Depois de uns dois quarteirões pela Grove Road, as mãos de Irina estavam cadavericamente geladas.

O restaurante era cheio de correntes de ar, e velhas sobras de enfeites de Natal ainda ornamentavam a sanca. Embora ela estivesse alguns minutos atrasada, Ramsey, geralmente tão pontual, ainda não tinha aparecido. Irina sentou-se, batendo as mãos uma na outra, e pediu uma taça de vinho tinto da casa, o qual, com tão poucas horas de sono, com certeza lhe subiria direto à cabeça. E era exatamente o que tinha acontecido, depois de ela quase secar a taça, quando a porta tilintou e Ramsey entrou timidamente, às oito e meia.

A impressão imediata foi de que ele parecia pálido, quase amarelo, e pouco restava de seu cabelo. Alguns homens perdiam tudo de uma vez só, supôs Irina, embora ficasse espantada por ele ter engordado. Ah, não estava barrigudo, mas tinha o rosto estufado e os traços indistintos. A menos que fosse um efeito da luz nas dobras da camisa, tinha desenvolvido aqueles peitinhos dos que se entregam a excessos. Bebida demais? Antes famoso pela graça ágil e fluida com que construía suas sequências na sinuca, Ramsey agora andava com um vago ranger geriátrico; ainda preservava a elegância, mas era de uma lentidão dolorosa.

— Desculpe o atraso — disse, beijando-a no rosto; os lábios estavam rachados, o hálito, incomodamente doce. — Tive um compromisso que me reteve.

O vinho facilitou ir direto ao ponto.

— Você me disse ao telefone que não tinha se casado. Ou ainda não, pelo menos. O casório continua firme?

— Não. A Jude pensou muito no assunto. No que teria que se dispor a fazer.

Admiro o mérito dela por reconhecer seus limites. E, para mim, foi preferível ela pular fora quando pulou a ir até a metade do caminho e depois decidir que não podia aguentar.

— Isso faz o casamento com você parecer uma grande provação — sorriu Irina, troçando. — É mesmo tão ruim assim?

— Ei, pode apostar no que eu digo — respondeu ele. Sua gozação veio em tom mais grave.

— Bem, lamento que não tenha funcionado — disse ela, despachando as últimas gotas do vinho acre. — Na verdade, retiro isso. Não lamento nem um pouco. — E bateu com a taça na mesa com ar desafiador, olhando-o no olho. As íris cinza-azuladas tinham um ar nublado, o olhar era distante. Em seu alheamento, Ramsey aparentava um ar muito sábio, mas de um jeito que fazia a sabedoria não parecer totalmente agradável. Por exemplo, uma pessoa sábia não acha que tenha de aceitar qualquer desafio, pelo simples fato de alguém o ter posto à prova, e ele se calou. Desconcertada, Irina examinou a magra carta de vinhos. Ramsey a deixou tomar a iniciativa e ela pediu um *merlot*.

— E, então, como vai o Homem-anoraque?

— Não tenho como saber. Lawrence saiu para trabalhar ontem de manhã e não voltou mais.

— Isso não parece coisa dele!

A energia da exclamação pareceu desgastá-lo, e ele murchou.

— É, bem. Ultimamente, ele parece ter dado para fazer coisas que não são do seu feitio.

— Você está preocupada, gatinha? Ligou para a polícia?

— Não faria sentido ligar para o serviço de pessoas desaparecidas. Tenho uma clara noção de onde ele está.

O vinho foi aberto com um floreio ridículo, para uma garrafa que provavelmente era vendida por três libras nas lojas populares, e Irina perdeu a vontade de ser evasiva.

— Duas noites atrás ele confessou que tem um caso com uma colega de trabalho há quase cinco anos. Sumiu porque está envergonhado. Talvez por estar mais apaixonado por ela do que quer admitir. Ou com mais tesão, e, olhando de perto, acho que é difícil saber a diferença.

— Sinto muito, querida — disse Ramsey, e, ao contrário de Irina ao lamentar por ele, com aquele pesar prontamente retirado, soou entristecido, de uma forma verdadeira e profunda. — Deve estar sendo muito difícil para você.

Era difícil. Apesar de ela ter tratado de marcar esse encontro com uma determinação furiosa, histérica, a imagem de Lawrence na esquina da Borough High Street, acenando um adeus talvez pela última vez, começava a se intrometer de forma angustiante nesse interlúdio. Por baixo do rosto inchado de Ramsey, Irina ainda pôde discernir as linhas definidas e os contornos estreitos que um dia morrera de vontade de beijar. No entanto, a camisa amarfanhada de algodão estava com os botões nas casas erradas, e ele se esquecera de pôr o cinto. Em vez de chegar com aquela encantadora jaqueta de couro preto, embrulhara-se justamente num anoraque azul desbotado. Sem conseguir propriamente ligar-se na alta voltagem que tinha vibrado entre os dois no Omen, Irina sofreu uma incômoda sensação de estar tateando no escuro, como se batesse às cegas com as grossas barras metálicas de uma tomada britânica de três pinos no espelho da tomada da parede.

Não tinha muita vontade de comer, mas ficou grata pelo ritual da escolha dos pratos. Intuitivamente, pediu um *vindaloo*, e Ramsey, um frango *tikka*. Sem estar propriamente no auge da

diplomacia, Irina resmungou alguma coisa sobre o fato de aquilo não ser realmente um prato indiano, mas uma invenção britânica, e das mais insossas.

— É a única comida daqui que eu aguento. Não sou chegado a me torturar.

— Você não gosta de *pimenta*? — disse ela, admirada, e soltou sem pensar: — Como casal, você e eu seríamos de uma incompatibilidade irremediável.

— Você acha? — perguntou ele, com uma leveza que voltou a enchê-la de esperança.

A comida chegou, com toda sua irrelevância. Ramsey mal havia tocado no vinho; talvez tivesse percebido que estava na hora de reduzir o consumo.

Enquanto isso, com a entrada e saída de fregueses, o sistema de aquecimento do restaurante não dava conta do frio, e Irina retorcia as mãos com gestos que deviam fazê-la parecer ainda mais ansiosa do que estava. Os dois se entreolharam por cima da comida fumegante e pareceram entender ao mesmo tempo: pela primeira vez, desde que haviam se conhecido, ambos estavam livres.

— As suas mãos...? — perguntou ele.

O resmungo de Irina sobre ter “um problema” foi incoerente, mas ela conseguiu transmitir a ideia de que suas mãos estavam frias. Ramsey afastou os pratos e estendeu os braços, deslizando devagar os dedos longos, secos e afilados desde a ponta dos dedos de Irina até as palmas de suas mãos, depois envolvendo-os sob a concha formada com o polegar. Foi nessa hora que aconteceu: os três pinos pararam de bater no espelho de plástico, deslizaram perfeitamente para dentro da tomada e se ligaram à corrente central.

— Você só está reagindo ao choque, gatinha — murmurou ele. Em momento algum suas mãos pararam de massagear, alisar, apertar, deslizando os dedos sobre a parte interna e vulnerável dos pulsos de Irina. Se a coreografia espontânea e criativa das mãos de

ambos podia servir de indicação, eles dariam parceiros encantadores numa pista de dança. — Ou, depois de apenas um dia, eu diria mais que está ricocheteando.

— Não tem nem um dia — disse ela, já com as mãos mais quentes, escorregando por vales ou deslizando sobre cristas como um par de esquis que ondulasse no oceano. — Lembra-se de quando fomos ao Omen no seu aniversário e depois voltamos para sua casa? Houve um momento, na sua mesa de sinuca, em que você estava me ensinando a segurar o taco. Eu nunca soube ao certo se você percebeu. Morri de vontade de beijá-lo. Mas eu queria agir direito.

Não queria magoar Lawrence nem estragar minha vida. Assim, não o beijei, e corri para o banheiro. Agora, quando olho para trás, para aquele momento, acho que cometi um erro.

Os dedos de Ramsey pararam de contornar os nós dos dedos dela e ficaram imóveis, empedrados. Quando Irina tentou deslizar as mãos sobre aqueles metacarpos venosos, ele as fixou na mesa: os esquis ficaram presos numa armadilha para lagostas. Era mais do que hora de Ramsey dizer alguma coisa.

— Se tudo estiver mesmo terminado com Jude — prosseguiu ela no silêncio, como o Coiote se projetando de um penhasco atrás do Papa-Léguas; em geral, os personagens dos desenhos animados só caem quando olham para baixo, e por isso Irina não olhou —, eu gostaria de ir para sua casa com você.

Com um último aperto leve, as mãos de Ramsey se afastaram.

Irina achou que ia gritar. A corrente entre os dois foi interrompida de forma tão abrupta que era para as luzes do restaurante fajuto terem diminuído. A queda de energia desencadeou em seu estômago uma implosão igual a que sentira à confissão de Lawrence na noite da antevéspera, e ela não podia suportar dois ataques terroristas, um seguido ao outro.

— Eu não teria nenhuma serventia para você — disse Ramsey, em tom carregado. — Você é uma garota linda. Pode arranjar coisa melhor.

— Ora, você não acha que é a mim que cabe determinar isso?

— Não — retrucou ele, com firmeza. — Nunca conheci uma garota que soubesse o que era bom para ela.

Irina olhou para o *vindaloo*, sobre o qual se formava uma camada de gordura congelada.

— Foi tudo na minha cabeça, não é? Achei que tivesse sido mútuo. Pensei que você também quisesse me beijar.

Para lhe resgatar o orgulho, Ramsey deveria ter discordado, mesmo que tivesse de mentir. Em vez disso, retrucou: — Na minha mesa de sinuca, anos atrás? Você não cometeu erro nenhum.

Mas eu, sim, não foi? Deveria ter pagado a conta no Omen e levado você para casa.

— Ao contrário. Aquela noite foi um dos pontos altos da minha vida.

— Escute, gatinha — começou ele, com ar sofrido. A essa altura Irina lamentava muito ter interpretado tão mal a situação, tê-lo constrangido daquela maneira. O sono de menos e a angústia em excesso haviam embotado seu discernimento. — Você está melhor com o Homem-anoraque, quanto a isso não há a menor dúvida.

— Isso é muito bonito — disse ela, derrotada —, só que o *Homem-anoraque* não parece achar que está melhor comigo.

— Meu conselho, se é que ele vale alguma coisa, é vocês se entenderem. Faz uma carrada de anos que eu vejo vocês se darem bem. Acho que o que você acabou de descobrir é difícil de resolver, porque, quando eu estava por perto, o cara sempre foi firme pra cacete. Mas ele sabe ajudá-la no seu trabalho, essas coisas, enquanto eu não sei distinguir um editor de livro infantil de uma torta de carne de porco. Ele tem cuidado de você, gatinha, e é inteligente, muito mais inteligente do que eu. Faz aquelas piadas políticas

inteligentes que eu nunca entendo. E nem chega a ser feio. Além disso, sempre me tratou direito, ficando em dia com todas aquelas estatísticas, como as minhas sequências de mais de cem pontos e coisa e tal. Pelo que pude perceber, ele a ama mais do que qualquer coisa no mundo, mesmo que nem sempre seja brilhante para demonstrá-lo.

— Não, ele não parece ter sido brilhante nessa demonstração nos últimos cinco anos — disse Irina, cansada. — Portanto, é muito gentil você me empurrar de volta para Lawrence, num nobre ato de abnegação. Mas eu gostaria muito mais que simplesmente aceitasse o elogio.

Visto que já havia se humilhado, tanto fazia ela ir até o fim.

— Acho que eu poderia me apaixonar por você. Acho que quase me apaixonei, no seu aniversário. Mesmo que você não esteja interessado, isso é bom, não é? Eu gostaria que ao menos se sentisse lisonjeado.

Ramsey agiu sem pressa, batendo de leve um cigarro e acendendo-o.

— É muito bom — disse, num tom pálido como sua tez. — Fico lisonjeado, pode crer. Mas eu sou um perdulário, gatinha. E tão sensual quanto uma salsicha mole em cima de um purê frio.

— Disso eu não estou sabendo.

— Sou, sim — retrucou ele, baixinho, soprando a fumaça. — Eu sei disso.

— Você parece ter Lawrence em alta conta — comentou ela, tentando controlar o tremor na voz. Tinha posto Ramsey numa situação tão insustentavelmente constrangedora que de nada adiantaria chorar. — E pode ser que eu só o conheça até certo ponto. Mas uma coisa eu sei: você nunca me trairia, como Lawrence. Nunca me abandonaria.

— Você acha? — perguntou ele, em tom cético, batendo a cinza no frango *tikka*. — Aposto que diria a mesma coisa sobre o

Homem-anoraque três dias atrás.

— Talvez — ela admitiu a contragosto.

— Além disso, minha flor — acrescentou Ramsey em voz baixa, afagando-lhe a testa —, existem tipos diferentes de traição. E toda sorte de abandonos, meu amor.

O garçom perguntou se havia algum problema com a comida, ao que eles retrucaram que simplesmente estavam sem fome; o homem tirou a mesa e trouxe a conta. Embora, comumente, Ramsey a pegasse no mesmo instante, a nota permaneceu intocada na mesa.

— Deixe comigo — disse Irina, apanhando-a. — Você me levou para jantar fora inúmeras vezes.

— Eu bem que poderia aceitar — disse ele, sem jeito.

A tensão havia desaparecido. Se Irina tinha feito papel de boba, pois que fosse; agora eles poderiam beber o vinho e pôr a conversa em dia, como os velhos amigos que aparentemente continuariam a ser. Ela filou um Gauloise.

— Hoje de manhã me ocorreu, depois de telefonar, que talvez você estivesse disputando o Masters esta semana. Mas não o vi nem uma vez na BBC nesta temporada. Será que deixei escapar alguma coisa?

— Deixou escapar o fato de que eu me aposentei. Foi ideia da Jude, mas vi que tinha mérito. Sair por cima, partir serenamente para o pôr do sol com aquele troféu do Crucible. Ela tem umas ideias sobre eu virar comentarista, ou anunciar algum produto na tevê. Não posso dizer que tenha tido energia para isso, ultimamente... Mas, com certeza, a grana me faria bem, sabe como é. A verdade é que estou meio a nenhum.

— *Você?* Sem dinheiro?

Ramsey deu um suspiro.

— Não *administrei bem os meus recursos*, como dizem. Você sabe, a Jude é gastadora pra cacete e, de algum modo, aqueles

cinquenta mil que ela ganhou em Nova York nunca deram as caras. Assim, com todas as viagens em grande estilo para a Espanha e coisa e tal, o dinheiro que ganhei no Crucible foi queimado com as folhas de outono no fim do ano.

— Mas é estranho — prosseguiu, pensativo. — Sabe o jeito como a cabeça da gente fica voltando a determinado momento decisivo, como aquele seu momento na minha mesa de sinuca? Todo mundo sabe que sempre fui de fazer uma ou outra aposta nas minhas partidas, não é? E cheguei *pertinho assim* — e levantou o indicador e o polegar a meio centímetro um do outro — de usar meus últimos cem paus numa fezinha naquela final de 2001. Mas eu e Jude já tínhamos reatado, e aquela mulher... bom, você sabe o que ela acha da sinuca. Desconfio que ela deu um nó na minha cabeça. Não consegui confiar de verdade em que eu ia vencer. Cheguei até a pegar o fone, mas o repus no gancho. Caramba! A oito para um, eu teria ganhado uma bolada. Hoje estaria levando você ao restaurante mais chique da cidade, depois de embolsar oitocentos mil.

Andaram juntos em silêncio até o fim da Roman Road, onde Irina viraria à esquerda, em direção ao metrô. Era deprimente, com a noite ainda começando e sem ela ter que se preocupar em pegar o último trem.

Com uma das mãos em cada ombro de Irina, Ramsey a virou para a luz alaranjada do poste de rua.

— Irina, naquela noite do meu aniversário, não estava tudo na sua cabeça.

Mas o momento é tudo.



ERA TARDE. PASSAVA DAS oito da noite, ou até nove. Sem necessidade de saudar o retorno de seu guerreiro nem a obrigação noturna de fornecer pipoca fresquinha, escalopes de porco rosados e brócolis com molho de laranja, ela não precisava reduzir suas caminhadas de exercício

sem destino. Nos dois meses anteriores, essas andanças lunáticas tinham ido ainda mais longe — passando pelos parques Green, St. James e Hyde e chegando até o Regent's, ou seguindo, como nesse dia, até Hampstead Heath. Ela havia perambulado sem parar durante cinco horas e chegaria exausta ao Borough. A ideia era se esgotar. Além disso, nessas primeiras semanas, vagar pela cidade num estupor abstêmio tinha tido a ver simplesmente com ficar longe do armário de bebidas, do vinho e do maço de cigarros que ela já não precisava esconder.

Estava usando a blusa azul desbotada de gola alta. Um esmaecido fantasma dourado ainda assombrava o seio esquerdo. Irina se recusava a jogar a blusa no saco de roupas velhas.

Lawrence havia passado dez minutos na pia esfregando a mancha de curry com tira-manchas pré-lavagem. E quem poderia se aborrecer com um parceiro, ex ou não, por ter batalhado para salvar uma roupa em frangalhos por gostar dela, ou gostar dela por amar sua dona? Ter amado. Quanto à bonita echarpe vermelha em seu pescoço, essa fora um presente da Indonésia, trazido por ele ao voltar de uma conferência em Jacarta. Embora Lawrence certamente estivesse na companhia da amante, Irina não podia rasgar o presente num acesso de raiva. Ao contrário, o reservatório desse e de todos os outros presentes que povoavam o apartamento, recém-transformado numa coisa finita, tinha se tornado mais precioso.

Quando Irina se arrastou pelo último trecho que faltava para chegar em casa, ao longo do Tâmis, as luzes de South Bank, do outro lado do rio, cintilaram com as peças de Shakespeare e Pinter a que Lawrence nunca havia arranjado tempo para assistir. Não mais estorvada por um viciado em trabalho, agora ela poderia ir a todas as peças teatrais que quisesse. Não gostava da ideia. Ao subir o aclive da Blackfriars Bridge sentiu o peso de Hampstead Heath nos joelhos. Ora, tinha andado vinte e quatro quilômetros nesse dia, se não quarenta e oito.

Perda de tempo. Devia estar começando a fazer as novas ilustrações. O sucesso comercial de Ivan tinha aumentado a pressão para que ela produzisse — e não era esse o caminho?

Não fazia muito tempo, ninguém dava a mínima para o próximo livro infantil de Irina McGovern, e ela seria capaz de dar o braço direito para se ver na situação em que estava nesse momento. No entanto, agora que contava com o público, gostaria que ele sumisse. Se o “Obrigado, mas não, obrigado” de Ramsey, quando ela se atirara em cima do pobre coitado em fevereiro, podia servir de referência, devia haver alguma regra no universo que dizia: “Certo, você pode ter o que quer, mas não enquanto ainda o quiser.” Numa situação inversa, Lawrence se refugiaria no trabalho — em sua aridez, sua frieza, até sua chatice. Mas Irina não conseguia enterrar-se às cegas num desenho com o mesmo espírito. O mais sombrio, o mais mórbido trabalho artístico ainda requeria uma vitalidade que ela não conseguia despertar.

Já perto do apartamento, examinou o opressivo bairro pós-industrial, com seus remanescentes vitorianos de tijolos vermelhos. Buscou seu antigo sentimento de posse contentada por haver se apropriado de um admirável mundo novo longe de Brighton Beach, onde a mãe a fazia sentir-se canhestra e feia. Em vez disso, tornou a se sentir estrangeira e se perguntou o que estava fazendo ali. O emprego de Lawrence na Blue Sky é que os tinha levado para a Inglaterra. Agora, em vez de apreciar as saborosas expressões locais — “um ligeiro arranca-rabo”, “tirar de letra a concorrência na jogada” —, ela via a Grã-Bretanha como outro lugar qualquer, um lugar de que não fazia parte. Afinal, a cidade estava inundada de norte-americanos e, nos últimos tempos, de novos-ricos russos que compravam pacotes de viagem e falavam uma gíria pós-soviética para iniciados, que ela não conseguia decifrar. Irina não se sentia especial. Pior, sentia-se abandonada, como se tivesse descido do avião numa escala breve e o voo tivesse partido sem ela. Talvez o retorno para os Estados Unidos afastasse a sensação confusa que ela experimentava quase toda noite: uma vontade absurda de ir para “casa”, quando já estava nela.

À porta do apartamento, atrapalhou-se com as chaves. A luz da minuteria na escada havia queimado. Irina não vinha cuidando bem das coisas nos últimos tempos; nunca se lembrava de ligar para a

administradora durante o horário comercial. O apartamento também estava escuro. Ultimamente, ela deixava as cortinas fechadas durante o dia. Tateou à procura do interruptor. Fazia um silêncio mortal. Ironicamente, ela se unira aos vizinhos numa campanha de dez anos para que a Trinity Street ganhasse um portão no meio e pudesse bloquear o fluxo de trânsito. Como atalho para uma grande via que seguia para o sul, a rua histórica e estreita costumava ficar completamente engarrafada na hora do rush. Durante anos ela reclamara pelas janelas com os motoristas, que eram barulhentos e grosseiros. Dias depois da partida de Lawrence, o Conselho Administrativo de Southwark havia atendido à solicitação. Agora que ela conseguira o que havia desejado, a quietude lá era opressiva. Dava saudade do giro dos motores e do barulho irritante das buzinas, que poderiam proporcionar uma sensação animadora de movimento humano nas imediações.

Para surpresa de seu eu anterior, ela ligou a televisão. Depois de passar anos batalhando com Lawrence por causa da overdose de teôx, agora também a deixava tagarelando a noite inteira. Bem, a televisão era um substituto fidedigno do trânsito pesado, e Irina não estava disposta a jogar mexe-mexe sozinha.

A BBC2 anunciou a transmissão subsequente do Campeonato Mundial de sinuca em Sheffield. Ela se apressou a mudar de canal. Não queria se torturar. E não era apenas por Ramsey ter se aposentado.

Ele havia telefonado, não muito tempo depois da proposta atrapalhada que ela fizera ao pobre sujeito no Best of India, para se certificar de que estava tudo bem. Sem jeito, Irina havia sugerido que talvez os dois pudessem ser amigos. Os adultos não ofereciam sua amizade de maneira tão descarada, e ela havia soado um pouco como o pequeno Ivan de seu livro não premiado. Ramsey hesitara, mas, por fim, devia ter ficado com medo de magoá-la e tinha aberto o jogo.

Irina se desculpara por não ter notado no restaurante, tão absorta que estivera em sua própria devastação. Agora que já passara em Hackney várias vezes, achava que a doença de Ramsey lhes proporcionava um tipo comum de convalescença — se é que se podia acreditar na suposição de que

ele estava melhorando. Algumas tardes, ela cruzava com astros da sinuca em visita. Stephen Hendry e, o que era ainda mais admirável, Ronnie O'Sullivan eram particularmente atenciosos, e Irina se envergonhava de um dia ter descartado Hendry como chato ou O'Sullivan como grosseiro. Pessoalmente, Hendry tinha um senso de humor matreiro e O'Sullivan, bom coração. Vez ou outra, Irina levava uma torta de carne com purê ou um arroz-doce, os quais duvidava que Ramsey comesse. Os dois não eram bastante íntimos — ainda não, pelo menos — para que ela o ajudasse naquilo de que o homem realmente precisava: banhos de esponja ou ajuda com a comadre. É claro, ele tinha uma enfermeira do SNS durante o dia, uma irlandesa de meia-idade, terrivelmente possessiva e óbvia fã de sinuca, que vivia tentando fazer as visitas abreviarem sua permanência. Lá em cima, Irina mexia com Ramsey, dizendo que a enfermeira era louca por ele. Frágil e anormalmente envelhecido, ele achava, muito mais graça na piada do que era intenção dela. Apesar da tristeza daquilo tudo, Irina sentia-se aliviada por ter encontrado alguém de quem cuidar.

Quando Ramsey insistia em que fosse cuidar da sua vida, ela lhe garantia que era ele quem lhe estava fazendo um favor, e falava sério.

Por sorte, a eletricidade nunca mais voltara; os pinos já nem batiam no espelho da tomada. O momento é tudo.

Por conta própria, Irina resolvera comer refeições decentes com legumes. Até esse momento, porém, depois de engolir umas bolachas com queijo, não conseguia encontrar disposição para cozinhar os brócolis no vapor. (Depois daquelas caminhadas insanas, andava perdendo peso.

Mas, para ser franca, compensava boa parte das calorias perdidas com álcool.) Parada diante da tábua de fatiar, para recolher as migalhas, corria os olhos pelas fileiras de temperos acima do fogão: bagas de zimbro, tomilho, cominho-preto. Agora que não tinha ninguém para quem cozinhar, os temperos se estragariam. O azeite dos condimentos exóticos ficaria rançoso — beringela em conserva, satay tailandês.

Talvez não tardasse a chegar o momento em que ela teria de examinar toda aquela porcaria, porque o apartamento era grande e caro

demais para um só morador. Pelo segundo mês consecutivo, no dia 1º de abril, o aluguel fora silenciosamente deduzido da conta corrente de Lawrence. Irina não podia deixá-lo continuar a pagar as despesas, se não estava morando ali. Ele deveria ter cancelado todos os débitos automáticos semanas antes — a licença para uso da televisão, a taxa do Conselho Administrativo. Irina tomou a débil decisão de ressarcí-lo. Mas uma das angústias corrosivas de sua abrupta vida de solteira era o dinheiro. Talvez fosse coisa de mulher. Ela possuía uma reserva pessoal de mais de cem mil. Mas não havia pé-de-meia que a deixasse tão segura quanto se sentira durante quinze anos, quase todos com pouco dinheiro no banco, mas tendo um homem forte, competente e desenvolto como seu protetor.

Havia aprendido da maneira mais difícil que segurança não existia. Nunca havia segurança alguma. Portanto, era da ilusão de segurança que sentia falta, mais nada.

Pesarosa, evocou a lembrança do que por muito tempo fora sua pedra de toque, a apoteose do refúgio — aquela barraca que resistira à natureza no Talbot Park, quando ela estava com quatorze anos. No fim, fora tudo um símbolo de falsa segurança, na verdade, dos perigos de alguém imaginar, fosse quando fosse, que ficaria bem. Porque ela deveria ter vedado as costuras. Às três horas da manhã, as gotículas ao longo dos pontos haviam se juntado em riachos. Uma linha escura de inundação rastejara predatoriamente dos pés dos sacos de dormir até a altura do pescoço, e as meninas haviam ficado enregeladas. Trêmulas e encharcadas, tinham atravessado encolhidas o terreno lamacento para chegar a um telefone público, do lado de fora do escritório do parque, que estava fechado. Agora, porém, não havia ninguém a quem telefonar, como a mãe de Sarah, para levá-la para casa.

Abriu uma garrafa de Montepulciano, a qual beberia em pequenas porções para enganar a si mesma. Graças a Deus a vodca havia acabado. Irina não se permitira substituí-la.

Afundou na poltrona cor de ferrugem. Passados mais de dois meses, ainda não conseguira esparramar-se no sofá verde de Lawrence. Acendeu

um cigarro, o terceiro do dia, um dos dúbios privilégios da solidão. Estava livre para se matar aos poucos, sem ser atormentada.

Mas sentia falta das críticas do parceiro. A voz em sua própria cabeça era mais fraca, e só fazia sussurrar que ela largaria inteiramente o hábito “logo”, ou “no mês que vem”. Durante as primeiras semanas, havia chegado a um maço por dia. Não se importava. Com esforço, tinha reduzido esse número à metade. Mesmo assim, o tapete havia começado a exalar o cheiro revelador das tocas dos fumantes. Uma fumante de verdade.

As tragadas foram contemplativas. Era agradável aquele lugar. Mas ela se afligiu por ter tomado sozinha todas as decisões sobre a decoração, o que a deixara cercada apenas por suas próprias compras, seus gostos pessoais. Seu parceiro vivera ali de uma forma muito tênue. Ao contrário de sentir-se atormentada por numerosos lembretes, Irina gostaria que ele tivesse deixado um número maior de pertences. O copo de café usado por Lawrence — até isso ela havia comprado. As roupas dele estavam guardadas; ela precisava abrir gavetas e armários para ir em busca de sua própria tristeza. Houvera algumas peças sujas, mas estas tinham sido lavadas e carinhosamente dobradas semanas antes, e agora, quando Irina encostava as camisas de flanela no rosto, elas recendiam apenas a sabão em pó Persil.

Havia deparado com a máquina de cortar cabelo na semana anterior, lembrando a única vez que tinha aparado o cabelo de Lawrence. Havia algo de sensual em cortar o cabelo de um homem, algo íntimo, animalesco, como um chimpanzé catando carrapichos no pelo do parceiro. Irina tinha exultado tanto com essa tarefa que havia se impacientado. O corte ficara curto demais na frente e Lawrence tinha anunciado com ar peremptório que da próxima vez voltaria ao barbeiro argelino da Long Lane. A máquina, portanto, era o emblema de um experimento fracassado e de uma tarde em que ele não fora gentil. Por isso, não tinha feito muito sentido ligar o aparelho e segurar sua coluna vibrante, que a sacudira como um consolo sexual; mas, aparentemente, podia-se ter saudade de lembranças ruins. Também não fizera muito sentido ela deitar a cabeça na pequena

escrivaninha de carvalho de Lawrence — naquela manhã que ele tinha levado o computador; sabia que não ia voltar. Com a cabeça apoiada na madeira, como fazem os muçulmanos ao tocarem o chão em suas preces, Irina havia afagado a escrivaninha como se fosse um cachorro. Mas, enfim, era muito tarde, e isso tinha sido depois de a vodca terminar.

Se, por um lado, ela sabia que devia estar zangada, a indignação só faria desgastá-la ainda mais. Além disso, nem por um instante acreditava que Lawrence houvesse se comprazido com seus subterfúgios. Era bem possível que tivesse sentido repulsa, mas, com isso, também ficara interessado — em si mesmo —, e era muito mais provável que o fascínio, e não o deleite, tivesse, acarretado sua queda. Em Irina, além disso, a sensação de cumplicidade com sua própria sorte só fizera agravar-se. Em algumas noites, é certo, ela fizera um esforço para modificar a programação na cama. Fizera uma ou duas tentativas de levar Lawrence a fazer amor olhando-a nos olhos. Tinha lhe perguntado sobre suas fantasias.

Mas não havia insistido muito. Ficara com medo, embora não soubesse de quê. Tinha sido preguiçosa. Por isso, não podia bufar de ódio por causa daquela vadia da Blue Sky. Se não fosse Bethany Anders, teria sido alguma piranha secretarial menos inteligente. É que, como havia se constatado, Lawrence gostava tão pouco quanto Irina de transar virado para a parede. Como havia deixado transparecer, também sentia falta dos beijos. Ter ido atrás de Bethany o fizera parecer menos virtuoso, porém mais ambicioso.

Sumir daquela maneira, sem mais nem menos, tinha sido brutal, e ela também deveria estar zangada por isso. Mas Lawrence havia telefonado pouco depois para se desculpar. E Irina compreendera. Ele podia ter brincado com a ideia de ser “rebelde”, mas, no fundo, era uma pessoa de moral rigorosa. Logo, a única coisa que não podia suportar era agir mal.

Talvez conseguisse enfrentar Irina, mas não conseguia enfrentar a si mesmo. Era sua única forma de covardia.

Irina pensou muito no que sentia. Ali pela terceira taça e pelo quinto cigarro, as convenções mais práticas de Lawrence já pareciam

louváveis. Logo, logo ela teria que cortar esse sentimento pela raiz e começar a decidir o que fazer.

Outra fatia de queijo Port Salut. É claro que a solução mais sensata para a vontade de beliscar, àquela hora da noite, seria a pipoca. Mesmo para quem só estava ligeiramente alta, o petisco de muitas fibras e baixas calorias levou cinco minutos para ser preparado. Dezenas de temperos acenaram da prateleira de condimentos. Mas Irina tentou seguir o roteiro de praxe uma vez. Desabrochada feito um buquê de noiva, a tigela repleta e intacta a fez chorar. Restavam quatro pacotes fechados de milho no armário e em algum momento ela teria que jogá-los no lixo.

Meio trôpega, desligou a televisão, trancou a porta e baixou o termostato. Esses pequenos rituais e até a escovação dos dentes eram algo com que ela já não podia contar como certo.

Ainda recentemente, ao acordar, havia deparado com copos longos de bebida por lavar e facas sujas na pia, sentindo os dentes pegajosos e todo o apartamento num calor censurável, porque o aquecimento havia funcionado a noite inteira. O autocontrole exigido para se deitar e, depois de deitada, levantar-se de novo, fora algo que ela tivera de reconstruir do zero, como uma vítima de derrame reaprendendo as palavras clima e balde.

Embaixo do edredom, já então quente demais, Irina pensou em se masturbar, mas desistiu. Não sabia mais o que fantasiar. E talvez fosse loucura, mas a sensação insondável e meio dolorosa da excitação sexual tinha passado a parecer vagamente maléfica.

Folheou algumas páginas de *Reparação*, de Ian McEwan, e não entendeu nada. Era típico, e constituiu o fecho daquele escore perfeito de zero realizações no dia, de manhã à noite.

A árdua caminhada até Hampstead Heath tinha sido não apenas inútil, mas também visualmente torturante: Irina confundira repetidas vezes as folhas marrons e enroscadas com excrementos, as flores brancas de uma campina com lixo. Depois de uma tarde tão improdutiva, deveria estar desgostosa consigo mesma. Porém não estava. Sentia-se bastante satisfeita. Bem ou mal, mais um dia havia acabado.

12



— ACABEI DE ENCONTRAR OS PAIS DO RAMSEY pela primeira vez — disse Irina, girando a haste da taça de vinho. — Foram agradáveis... muito britânicos e civilizados. Mas vou-lhe dizer o que foi hilariante: eles não falam nem de longe como o Ramsey. Nada daquele sotaque do sul de Londres, trocando *th* por *f* e alterando a abertura de todas as vogais. Perfeitamente BBC. O pai dele é professor de história no Goldsmiths College, e praticamente poderia substituir o Paxman no *Newsnight*.

— Então, o sotaque do Ramsey era falso?

— Acho que não, não era falso. Apenas aprendido, só isso.

— É — disse Lawrence. — Aposto que não ajuda muito, com *a rapaziada* da sinuca, falar como Jeremy Paxman.

— Mesmo assim, sabe o que é de cortar o coração? Aposto que teria significado muito mais para Ramsey que eles faltassem ao enterro e tivessem comparecido a pelo menos uma final do Campeonato Mundial.

Com seu lendário restaurante tão atraentemente próximo da igreja, Irina e Lawrence tinham dado uma fugida depois da cerimônia para tomar um drinque rápido no Club Gascon. Não fosse por isso, Lawrence teria desaparecido, já que algumas coisas não mudam; ele continuava a detestar qualquer tipo de ocasião social, razão por que Irina não conseguira convencê-lo a assistir ao grande ofício fúnebre marcado para o fim da tarde.

— Tem certeza? — ela havia insistido. — Stephen Hendry, Ronnie O’Sullivan, John Parrot, todos os astros da sinuca estarão lá.

— Não. Não sou familiar nem amigo íntimo; não me sentiria à vontade.

Mas tinha sido gentileza dele ir ao enterro. Ramsey ficaria comovido.

— O que você acha que está por trás disso tudo? — indagou Lawrence. — Desse distanciamento dos pais.

— Ah, acho que eles o preveniram de que se abandonasse a escola e seguisse essa aventura absurda na sinuca arruinaria sua vida. E aí ele acabou aparecendo na televisão durante trinta anos. Algumas pessoas simplesmente não suportam estar erradas. Você deveria saber. Não é muito diferente deles.

— Ei, você reparou em Jude?

Irina riu. A sensação trouxe tanto alívio que também serviu de lembrete de que fazia um bom tempo que ela não ria.

— Eu sei! Nossa, que grande atriz dramática! Todos aqueles soluços e aquele ar desabado! Quem a visse pensaria que era a viúva, e não uma ex-mulher de quem ele se divorciou oito anos atrás.

— Ela é um purgante — disse Lawrence, com a ferocidade que antes costumava incomodar Irina enormemente, mas que, nesse momento, pareceu-lhe de estranha meiguice. — Usar a morte de alguém para despertar atenção para si é o cúmulo da baixaria.

Escute, você quer comer alguma coisa?

— Com o serviço fúnebre... Não temos tempo, mas obrigada.

Ele estreitou os olhos.

— Você está magra demais.

— Bem, você pode imaginar, com tudo isso... Sabe, nestes últimos meses... fazer tortas de creme de ruibarbo não esteve entre as prioridades da minha agenda.

— Imagino que você tenha passado por maus bocados.

— É. Passei.

Nessa semana, é claro, ela estivera em frangalhos. Para os vivos, a morte é um roubo, e Irina sofrera a indignação dos proprietários, exatamente como se alguém tivesse invadido sua casa e roubado seu estéreo. Mas houvera instantes de alívio. No momento, ela se sentia tranquila, pensativa. Havia alguma coisa nessa questão de moral. Fazia a vida parecer muito importante, triste e estranha.

Era engraçado como a realidade mais óbvia, estampada bem diante do nosso nariz desde o berço, tendia a nos escapar. Durante quase toda a vida ela tivera de arrastar à força para a contemplação, como uma forma de disciplina, o fato de todos sermos mortais. Por isso, os funerais eram uma espécie de oportunidade que nos fazia sentar no banco da igreja e encarar a dura realidade. Além disso, ela estava muito contente por rever Lawrence. Fazia muito tempo que não se encontravam. O sentimento entre eles tinha uma serenidade inesperada, um bem-estar improvável.

— O Ramsey sempre foi legal — comentou Lawrence.

— O Ramsey era o que eu chamaria de *um homem encantador*.
Você é o que eu chamaria de *um bom homem*.

— Ah, não sei se sou tão bom assim — retrucou ele,
desviando os olhos.

— É sim — insistiu Irina, em tom firme. — Um *bom homem*. É uma distinção interessante, não acha?

— É o que as mulheres preferem: que seus homens sejam *bons* ou *encantadooores*?

— Ah, não importa com qual deles fique, a mulher se pergunta se não estaria melhor com o outro.

— Acho que, ao longo do tempo, eu falei umas coisas sobre o Ramsey com que agora me sinto mal.

— Você teve suas razões — disse Irina, com um afago leve na mão do ex-parceiro. — Não se preocupe com isso.

Tocá-lo, ainda que por um breve instante, trouxe uma sensação estranha; no entanto, ali estava um homem com quem ela mantivera relações sexuais durante anos. Mas, quando há uma separação, a intimidade entra em marcha à ré. Ela o vira urinar milhares de vezes, mas agora, se ele fosse ao banheiro e apenas os dois estivessem presentes, podia apostar que ele fecharia a porta.

— Não sei se algum dia admiti isso para você com franqueza. Sempre quis que você me achasse ambiciosa... sabe, uma profissional séria e tudo mais. E eu gosto... ou gostava, e suponho que voltarei a gostar do que faço, e de tentar fazê-lo bem feito. Mas a verdade é que só existe uma coisa que eu realmente sempre quis, mais do que qualquer outra, e não é o sucesso profissional. Eu poderia viver sem ele. A única coisa sem a qual não posso viver é um homem. Isto deve parecer pavoroso, dito assim, às claras! Mas, correndo o risco de parecer idiota, eu queria um amor verdadeiro e duradouro. Acho que até envelhecer seria interessante, desde que eu pudesse fazê-lo ao lado de outra pessoa. Eu queria um companheiro. Talvez não até o último suspiro; alguém sempre tem que ir na frente. Mas pelo menos até os setenta e tantos anos, sabe? A questão é que... eu achava que essa era uma ambição modesta. Achava que, almejando tão pouco, eu teria uma chance de conseguir o que queria. E agora, mesmo com um objetivo tão mísero, fracasei. Eu suporto ficar sozinha, não me entenda mal. Fica *tudo bem*. Mas não achei que estivesse pedindo tanto, Lawrence, especialmente considerando que eu me dispunha a fazer um pacto com o universo, sacrificando tudo em nome disso: dinheiro, fama, prestígio, a salvação do mundo, a descoberta da cura do câncer. Por isso, eu me sinto lesada. Tudo que eu pedia era para caminhar de mãos dadas rumo ao pôr do sol, e até isso me foi negado.

Lawrence havia passado por sua própria prova de fogo, e a versão enrijecida na têmpera foi mais reflexiva. Ele coçou o queixo:

— Talvez *não seja* uma ambição modesta. Talvez você estivesse desejando o impossível.

Irina sorriu. Gostava dele.

— Além disso — acrescentou Lawrence —, o simples fato de uma relação não durar para sempre, não chegar com você até a casa dos setenta, ou até você bater as botas, não a torna insignificante. Se fosse assim, nada significaria nada.

O que é que dura para sempre? Nada, nem ninguém. Olhe para nós. Acho que vivemos um período muito bom juntos. Isso é mais “companheirismo” do que a maioria das pessoas consegue ter.

Irina bebeu um gole ínfimo do vinho branco. Era o meio da tarde, a homenagem fúnebre tenderia a ser regada a álcool, e ela vinha tentando reduzir a bebida.

— Sabe, nestes últimos dias isso andou me atormentando. Em média, as mulheres vivem seis ou sete anos mais do que os homens, não é? Claro, esta é a última coisa em que a gente pensa quando se apaixona. Mas, para a mulher... uma das coisas mais importantes, ao escolher um parceiro, é *quem ela ajudará a morrer*.

— Não vou precisar de ajuda — disse ele, com um sorriso.

— Ah, vai, sim. E espero que a tenha — acrescentou.

Combateu a vontade de acender um cigarro. Submeter-se à carranca desaprovadora de Lawrence podia ser nostálgico, mas ela também vinha tentando reduzir os cigarros. — Isso que eu acabei de lhe dizer... Sobre querer um parceiro, mais do que qualquer outra coisa. Isso é coisa de mulher?

— *Nããã*... — retrucou Lawrence, descartando a ideia com um aceno da mão. — Os homens só não querem admitir.

— Obrigada. Sempre me senti meio mal com isso. Fraca.

— É uma boa fraqueza — disse ele, em tom caloroso. Para conceber algum tipo de fraqueza como “bom” Lawrence devia realmente ter mudado. — É a melhor coisa em você.

Na verdade, fazia um bom tempo que Irina também se sentia mal por ter fracassado em suas ideias românticas extravagantes. Durante anos, amara Lawrence Trainer e Ramsey Acton ao mesmo tempo. Isso parecera lançar uma suspeita sobre a integridade das duas afeições, diluindo ambas. Mas talvez, ao contrário, ela tivesse sido duplamente abençoada e sua paixão não houvesse se dividido em duas, mas sido multiplicada por dois. Afinal, aquilo sempre fora frustrante: se a pessoa somasse os dois — a disciplina, o intelecto e o autocontrole de Lawrence, o erotismo, a espontaneidade e a entrega de Ramsey —, teria o homem perfeito.

— Algumas vezes, perguntei a mim mesma se realmente é tão importante a pessoa com quem a gente escolhe viver, ou se casar — refletiu. — Afinal, todo mundo tem algum defeito, não é? Em última instância, todos nos *acomodamos*.

— Ah, *é importante*, sim — grunhiu ele prontamente.

— Eu já devia ter lhe perguntado. Como vão as coisas com *Bethany*? — indagou Irina, usando o grifo em nome dos velhos tempos.

Ele levantou as sobrancelhas, depois as deixou cair, derrotado.

— Não muito boas.

— Sinto muito — disse Irina, surpresa com a sinceridade de seu pesar.

— Ela, de certa maneira... se mudou.

— *De certa maneira*.

— Acha que eu sou *chato*.

— Você é chato. O que é adorável. Será um velho rabugento, irascível.

— Já sou rabugento e irascível.

— Então, está sendo precoce.

Com relutância, Irina fez sinal para o garçom e pediu a conta; tinha que ir embora. A cerimônia fúnebre seria do outro lado da

cidade, em Clapham, no Rackers, o antigo salão de sinuca de Ramsey. Na lenta caminhada para a porta, ela perguntou:

— Como vai o negócio do terrorismo?

— Você lê jornal. Prosperando. E você? Algum projeto na agenda?

— Ah, ando pensando em voltar para os Estados Unidos. Deixar os fantasmas para trás.

— Nem sempre funciona — disse ele, em tom leve. — Às vezes, os fantasmas nos acompanham. Também tenho pensado em voltar para os Estados Unidos.

Do lado de fora, no ar estival da praça Smithfield, Irina deu uma boa olhada em Lawrence — durante todo o encontro, por um embaraço residual, nenhum dos dois havia propriamente olhado direto para o outro — e avaliou seus sentimentos pessoais. Amava-o, mas isso não era bom o bastante. Exigia-se que a palavra *amar* cobrisse uma gama tão variada de emoções que ela não significava quase nada. Visto que o amor destilado por cada pessoa querida conformava-se a uma receita muito específica e rarefeita, com pitadas variáveis de ressentimento, pena ou lascívia, e, às vezes, até toques de antipatia, realmente eram necessárias tantas palavras diferentes para esse sentimento quantas eram as pessoas com quem a gente se importava na vida.

Esse amor era incomumente completo. Irina amava tudo em Lawrence, tal como ele era — inclusive sua rispidez com as outras pessoas, sua má postura, sua dependência da televisão, um vazio pernicioso que ela jamais conseguira preencher em todos aqueles anos de vida em comum. Ao mesmo tempo, sentia um relaxamento. O amor romântico é uma corda esticada e, em certos aspectos, uma luta, pois sempre nos debatemos, se não contra a pessoa amada em si, contra nossa própria escravização indigna a outro ser humano. Era possível que houvesse um tipo de amor diferente, uma vez empatado o cabo-de-guerra — um amor solto, generoso e seguro,

um amor relaxante, tranquilo e descontraído, como quem se reclina com um copo de vodca-tônica e põe os pés para cima na balaustrada da varanda, depois de uma exaustiva tarde de esportes. Mas era igualmente possível que, enfim acolhendo Lawrence em sua totalidade, não mais batalhando contra as muitas deficiências que gostaria de corrigir, não mais se enfurecendo com os numerosos aspectos em que ele frustrava o ideal, Irina houvesse desistido dele.

— Não sei por que sinto uma vontade de lhe contar isso, já que foi há muito tempo — disse, finalmente. O silêncio deixara Lawrence nervoso, e se Irina não o mandasse embora, com certeza ele começaria a matraquear sobre a al-Qaeda —, mas, você se lembra de quando estive naquela conferência em Sarajevo?

Você insistiu em que eu jantasse com o Ramsey no aniversário dele, e eu não queria ir.

— Sim, tenho uma vaga lembrança. E daí?

— Houve um momento naquela noite. Fui tomada pelo desejo de beijá-lo.

Talvez isso pareça uma pequena tentação, mas não foi. Eu não era dada a beijar outros homens, ou mesmo a querer beijá-los. Na verdade, tive a convicção inabalável, naquele momento, de estar estranhamente colocada diante da maior decisão da minha vida. Isso lhe parece loucura? Tem me obcecado desde então.

— Bem. Você fez a escolha certa?

— Sim — determinou ela, franzindo de leve o cenho. — Acho que fiz.

FIM

Sobre a autora



Lionel Shriver

Lionel Shriver é autora de *O mundo pós-aniversário*, *Dupla falta* e *Precisamos falar sobre o Kevin*. Este último, vencedor do Prêmio Orange de 2005, foi eleito o melhor dos livros já contemplados com essa premiação e alçou a autora ao status de fenômeno literário. Nascida em 1957 na Carolina do Norte, Estados Unidos, e batizada como Margaret Ann Shriver, Lionel mudou de nome aos 15 anos.

Formada e pós-graduada pela Universidade de Columbia, viveu em Nairóbi, Bangcoc e Belfast antes de se mudar para Londres, onde é colunista do jornal *The Guardian*. Entre seus livros ainda não publicados no Brasil incluem-se *So Much for That*, *The Female of the Species*, *Checker and the Derailleurs*, *Ordinary Decent Criminals*, *Game Control*, *A Perfectly Good Family* e *The New Republic*.